

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE HISTÓRIA SOCIAL

RAFAEL APARECIDO MONPEAN

Cidades e sentidos na Antiguidade Tardia: transformações das topografias urbanas e dos campos sensoriais na África do Norte entre os séculos IV e VII

Versão Corrigida

São Paulo
2023

RAFAEL APARECIDO MONPEAN

Cidades e sentidos na Antiguidade Tardia: transformações das topografias urbanas e dos campos sensoriais na África do Norte entre os séculos IV e VII

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Magalhães de Oliveira

Versão Corrigida

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M734c Monpean, Rafael Aparecido
Cidades e sentidos na África do Norte durante a Antiguidade Tardia: transformações das topografias urbanas e dos campos sensoriais, séc. IV-VII / Rafael Aparecido Monpean; orientador Julio Cesar Magalhães de Oliveira - São Paulo, 2023.
395 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Antiguidade Tardia. 2. África do Norte. 3. História dos Sentidos. 4. História Urbana. 5. Subalternidade. I. Magalhães de Oliveira, Julio Cesar, orient. II. Título.

MONPEAN, Rafael Aparecido. **Cidades e sentidos na Antiguidade Tardia**: transformações das topografias urbanas e dos campos sensoriais na África do Norte entre os séculos IV e VII. Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título Doutor em História.

Aprovado em: 29 de junho de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Julio Cesar Magalhães de Oliveira Assinatura _____
Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos
Universidade de São Paulo (USP)
Julgamento _____ Assinatura _____

Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. Carlos Augusto Ribeiro Machado
University of Saint Andrews
Julgamento _____ Assinatura _____



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Rafael Aparecido Monpean

Data da defesa: 29/06/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Julio Cesar Magalhães de Oliveira

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 31/10/2023

(Assinatura do (a) orientador (a))

Sumário

Introdução.....	18
1 Das ruas às paisagens sensoriais: condições das vias e dos espaços públicos entre os séculos IV e V	28
1.1 Como extrair sentido das ruas?.....	29
1.2 Impressões sobre uma rua: o <i>vicus argentariorum</i> e as memórias de uma rua marcante.....	37
1.3 Em busca do plano urbano de Cartago: pesquisas e composições de uma rede viária no período romano.....	45
1.4 As condições das ruas de Cartago entre os séculos IV e V: estabelecimentos de uma mudança em larga escala	56
1.5 Em busca do plano urbano de Sabratha: pesquisas e composições de outra rede viária no período romano.....	72
1.6 Os avanços dos edifícios sobre as ruas em Sabratha: dificuldades documentais, possibilidades factuais e comparações possíveis com outras cidades	81
1.7 Rupturas da experiência sensorial urbana.....	105
2 Relações sensoriais e atores sociais em movimento: os sentidos e as dinâmicas urbanas entre os séculos IV e V	110
2.1 As ruas, os pórticos e os avanços sobre os espaços públicos: entre estética, legalidade e relações sensoriais.....	111
2.1.1 Leis, normas e afetos	118
2.1.2 As formas da verticalidade	132
2.1.3 Agostinho e sacadas/terraços: olhares e movimentos.....	139
2.1.4 Implicações.....	149
2.2 Das intrusões às circulações: caracterização dos bairros e relações sensoriais dos avanços dos <i>maeniana</i> sobre as ruas	153
2.2.1 Cartago: os ritmos de uma metrópole portuária entre os séculos IV e V	158
2.2.2 Sabratha, fluxos e mudanças em fins do século IV: a emergência de novas relações sensoriais?.....	171
3 Resíduos e sentidos: lixo e relações sensoriais nos espaços urbanos entre os séculos IV e V	187
3.1 Lixos, sujeira, sentidos: arqueologia e historiografia modernas, práticas e sensibilidades antigas	189
3.1.1 “Obsessão cloacal”: esgotos, latrinas e higiene nas investigações sobre os resíduos urbanos no mundo romano antigo.....	190
3.1.2 “Universo cloacal”: máculas no urbanismo romano e perspectivas não tão novas sobre moralidade, sentido e limpeza.....	195

3.2	Organizações dos sistemas de gestão de resíduos nas cidades romanas: abordagens gerais e condições particulares	203
3.2.1	Conceitos, legislações e organizações	204
3.2.2	Gestão de resíduos e variações locais: Libânio e as relações de forças envolvidas na coleta de resíduos.....	208
3.3	Modos de descarte urbanos: compreender as composições dos acúmulos residuais nas vias e demais espaços construídos nas cidades	211
3.3.1	As ruas e os edifícios	212
3.3.2	Dos edifícios para as ruas	214
3.3.3	Dimensionar a produção de resíduos urbanos: cálculos, comparações e cuidados para compreender a formação dos acúmulos de lixo.....	221
3.4	Condições das gestões de resíduos sólidos urbanos em Cartago, Leptiminus e Meninx: faces de uma transição no século V?	226
3.5	Reciclar e reutilizar: esquemas, possibilidades para compreensão e a busca de um trabalhador particular.....	237
3.5.1	Espaços, materiais e formas das práticas de reciclagem e reutilização	237
3.5.2	Os coletores de recicláveis: o que é possível saber sobre eles?.....	241
3.5.3	Um caso particular para o norte da África: o reaproveitamento dos <i>stercora</i> e o ponto liminar entre gestão e reutilização de resíduos.....	247
3.6	As cidades antigas eram fétidas?	251
4	Sentir as cidades de formas diferentes: formação do <i>habitus</i> sensorial dos grupos subalternos e as mudanças urbanas entre os séculos IV-VII.....	253
4.1	Grupos subalternos e <i>habitus</i> sensorial: definições, teoria e metodologia para reinscrever os sentidos soterrados de outrora	255
4.1.1	Subalternos/subalternidade/subalternização/subalternizado:	255
4.1.2	Grupos subalternos e história dos sentidos.....	276
4.1.3	<i>Habitus</i> e <i>habitus</i> sensorial.....	280
4.1.4	Para procurar o <i>habitus</i> sensorial dos grupos subalternos: documentações e cuidados de método	282
4.2	Habitar, trabalhar, sentir nos séculos IV e V: estruturações do <i>habitus</i> sensorial dos trabalhadores urbanos	286
4.3	Habitar, trabalhar, sentir nos séculos V e VII: estruturações do <i>habitus</i> sensorial dos trabalhadores urbanos em novas configurações das cidades	309
4.3.1	Mudanças das topografias urbanas: dois momentos de ruptura na história urbana	310
4.4	Não se sentem mais as cidades como antes?	323
5	Considerações finais	326
6	Bibliografia.....	340

6.1	Abreviações	340
6.2	Fontes	342
6.2.1	Obras literárias.....	343
6.2.2	Relatórios de escavação e recursos de documentação material.....	346
6.3	Bibliografia moderna específica	357
6.4	Obras de referência	394
6.5	Portais de consulta somente <i>online</i>	394

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Basílica judiciária em Byrsa. Corte Leste-Oeste sobre o cardo IV Leste, com detalhe para as salas de sustentação que se abrem para o mesmo cardo. Hipótese de P. Gros e desenho de G. Robine. Extraída de <i>Byrsa III</i> (p. 100, fig. 128). _____	41
Figura 2: Representação axonométrica da "abside Beulé" central do cardo IV leste. Projeção de P. Poncet, extraída de <i>Byrsa III</i> (p. 29, fig. 24). _____	43
Figura 3: "Plano do terreno das ruínas de Cartago", Christian Tuxen Falbe, 1833. _____	47
Figura 4: « Esquisse de la restauration de la ville de Carthage : d'après la topographie de Carthage de Mr. Dureau de la Malle, la carte de Mr Falbe et des dessins inédits des 16e, 17e et 18e siècles », de Pierre-Anne Dedreux, 1837. _____	49
Figura 5: Plano de Cartago, com o traçado teórico da cidade e suas divisões em cardines e decumani, feito por Charles Saumagne. Reparar nas indicações com traçados mais grossos inscritas sobre as vias, nas quais aponta os locais de onde extraiu evidências da existência das ruas. Plano extraído de Charles Saumagne (1930-1931, p. 150). _____	51
Figura 6: Plano da cidade de Cartago, depois de H. Hurst. Extraído de <i>Excavations at Carthage</i> . II, 1 (p. 4, fig. 1.1). _____	56
Figura 7: A. Plano das estruturas encontradas na insula ao norte do porto circular por volta do século II de nossa era. Após H. Hurst e extraído de <i>Excavations at Carthage</i> . II, 1 (p. 21, fig. 2.4). B. Plano do edifício ao norte do porto circular no período de sua unificação e instalação de seu pórtico, durante os séculos III-V. Após H. Hurst e extraído de <i>Excavations at Carthage</i> . II, 1 (p. 23, fig. 2.5). _____	59
Figura 8: Representação axonométrica das insulae e unidades do denominado Quartier Magón, com a projeção do decumanus maximus entre o cardo XVI leste e o mar. Após G. Stranzl. _____	62
Figura 9: Avanços registrados no decumanus I Norte, após H. Broise (2012, p. 357, fig. 395). _____	63
Figura 10: Plano com o posicionamento das colunas instaladas no cardo XIII Leste, extraído de <i>Karthago II</i> (p. 9, fig. 6, b). _____	65
Figura 11: Plano com a representação da diminuição do cardo VIII Leste devido aos avanços das colonatas instaladas nas chamadas Maison de Bassilica e Maison de la volière. Após H. Broise (2012, p. 354, fig. 392). _____	66
Figura 12: Plano de Sabratha com indicação dos principais sítios escavados na cidade e o cadastramento geral das Regiones e insulae, extraído de P. Kenrick (1982, p. 52, fig. 1). _____	75
Figura 13: Plano geral do denominado Bairro do Teatro, após P. Kenrick. Extraído de <i>Excavations at Sabratha 1948-1951</i> (n.p., fig. 124). _____	82
Figura 14: Plano das insulae 1-4, Regio IV, após Ballance e Kenrick, extraído de <i>Excavations at Sabratha 1948-1952</i> (p. 240, fig. 106). _____	87
Figura 15: Plano das insulae 3 e 4 da Regio V, após Ballance e Kenrick, extraído de <i>Excavations at Sabratha 1948-1952</i> (p. 239, fig. 105). _____	88
Figura 16: Plano da insula 1 da Regio III, após Ballance e Kenrick, extraído de <i>Excavations at Sabratha 1948-1952</i> (p. 239, fig. 105). _____	91
Figura 17: Plano da insula 11, Regio VI. Após B. Conticello (2009, p. 120, fig. 1). _____	93
Figura 18: Plano geral da Regio VI. Após de A. Wilkins, extraído de A. Wilson (1999, p. 31, fig. 2). _____	96

Figura 19: Plano da Regio II, com enfoque no templo de Antonino e nas insulae ao seu redor. Notar os avanços das colunas sobre a rua a partir de edifícios da insula 10, diante das tabernae na parte inferior do templo. Extraído de *Excavations at Sabratha 1948-1951* (p. 170, fig. 81).

97

Figura 20: Planimetria geral de Lepcis Magna, com ênfase para a grande avenida com pórticos de Severo. Após, A. Di Vita; G. Di Vita-Evrard; Bacchielli (1999, p. 51).

114

Figura 21: Mosaicos com representações de pórticos (sem escala). a) detalhe do mosaico com paisagem marítima de Cartago; b) mosaico de dominus Julius; c) detalhe do mosaico com cena marítima de Hipona; d) mosaico da Ecclesia Mater de Thabraca.

116

Figura 22: Plano do forum de Iol Caesarea em sua fase datada por volta de 430. Após N. Benseddik, T. Potter (1993, vol. I, n.p., fig. 10).

122

Figura 23: Imagens dos buracos e sulcos das bancas de madeira no forum de Iol Caesarea. As duas superiores são dos traços referentes à banca 2, as duas inferiores são da banca 4. Fotografias extraídas de N. Benseddik, T. Potter (1993, vol. II, n.p., pls. VI, XV, XXII), e Potter (1995, p. 37, fig. 16).

123

Figura 24: Projeção axonométrica do edifício ao norte do porto circular para o período entre o século III-V. Realizada por Sheila Gibson e extraída de *Excavations at Carthage II*, 1 (p. 59, fig. 5.5).

136

Figura 25: Seção esquemática de reconstrução das fachadas das denominadas Casa a graticcio e Casa dell'alcova em Herculano, elaborada por Domenico Camardo e Mario Notomista. A primeira da esquerda para direita reconstitui a hipótese adotada nas escavações de Maiuri e que é encontrada no sítio arqueológico nos dias atuais. A segunda representa a hipótese elaborada por Monteix. Imagem extraída de D. Camardo e M. Notomista (2017, p. 32, fig. 22)

138

Figura 26: Plano com as estruturas encontradas e escavadas nas cercanias do decumanus maximus e da faixa litorânea. Plano elaborado por L. Wallace após Yorke e Little, e extraído de Hurst (2010, p. 59, fig. 12).

161

Figura 27: Projeção das unidades do extenso complexo portuário cartaginês tal como a hipótese de Hurst, que percorreria o trajeto do quadrilátero Falbe até as termas de Antonino. Plano extraído de H. Hurst (2010, p. 65, fig. 15).

163

Figura 28: Plano geral de Cartago com a localização hipotética da platea maritima. Após J. Whitehouse e S. Harize (2020, p. 366).

170

Figura 29: Plano do templo de Hércules. Após S. Aiosa (2012a, p. 315, fig. 2).

175

Figura 30: Plano do teatro de Sabratha com indicações das inserções tardias, realizado por Diego Vincifori, publicado no ano de 1930. Seguindo a legenda: em negro, as “estruturas romanas”. Em tracejado: reconstituições de partes não encontradas. Em amarelo-claro: “estrutura tardia a ser demolida”. Plano extraído de G. Guidi (1930, n.p., tav. 1).

177

Figura 31: Mosaico com a representação de um canteiro de obras, encontrado em uma igreja das proximidades de Ziqua. Imagem extraída de A. Ben Abed Ben Khader (2006, p. 106, fig. 5.18)

181

Figura 32: Fotografia realizada por Antonino Di Vita da rua entre as insulae 11 e 12, na Regio VI de Sabratha. Fotografia extraída de Di Vita (2007, p. 312, fig. 18).

184

Figura 33: Indicações das estruturas de Leptiminus a partir dos resultados das prospecções de superfície e geofísicas. Após Mattingly, Stone, Stirling e Ben Lazreg. Plano extraído de Magalhães de Oliveira (p. 71, fig. 9).

232

- Figura 34: Plano de Meninx com as principais estruturas encontradas datadas do século V. Após, Elizabeth Fentress e Michael Frachetti. Plano extraído de E. Fentress et al. (2009, p. 134, fig. 10.3). _____ 234
- Figura 35: Plano esquemático de Meninx com a distribuição de depósitos de resíduos e centros de produção. Depois de Elizabeth Fentress e Michael Frachetti. Plano extraído de E. Fentress et al. (2009, p. 171, fig. 10.48) _____ 236
- Figura 36: Plano esquemático de Meninx com a densidade de ocupação projetada para os anos 350-500. Depois de Elizabeth Fentress e Michael Frachetti. Plano extraído de E. Fentress et al. (2009, p. 172, fig. 10.49). _____ 236
- Figura 37: Plano da denominada Maison du cryptoportique, com ênfase na localização da estrutura acima do criptopórtico, após Pierce, Raynaud, Broise (2012, p. 228, fig. 271).__ 289
- Figura 38: Corte seccional leste-oeste do criptopórtico e das unidades voltadas para o cardo IX Leste, após Balmelle et al. (2012, p. 248, fig. 300). _____ 291
- Figura 39: Fotografia do cardo IX Leste com indicações da estrutura de canalização e das possíveis tabernae. Fotografia extraída de Balmelle et al. (2012, p. 251, fig. 303). _____ 291
- Figura 40: Plano da denominada Maison de la volière, após A. Ennabli (1983, p. 142) e A. Mosca (2019, p. 623). _____ 293
- Figura 41: Acima, fotografia da denominada Maison de la volière a partir decumanus V Norte, com enquadramento das estruturas da lateral do cardo IX Leste. Abaixo, fotografia da mesma domus, outra vez a partir do decumanus, agora com destaque para as estruturas que se abrem para esta rua. Ambas as fotos extraídas de A. Ennabli (1983, Pl. XXXII, fig. 1-2)._ 295
- Figura 42: Plano do edifício ao norte do porto circular, com a designação dos cômodos, das entradas e dos meios de circulação, durante os séculos III e V de nossa era, após H. Hurst (1994, p. 23, fig. 2.5) e J.C. Magalhães de Oliveira (2012, p. 92, fig. 15). _____ 299
- Figura 43: Plano do cômodo 15 e de seu contexto vizinho no edifício, após H. Hurst. Imagem original extraída de Excavations at Carthage. II, 1 (p. 191, fig. 12.60). _____ 302
- Figura 44: Moldes em argila utilizados para produção de objetos em ferro/cobre. A-B, fotografias de moldes quando encontrados em sítio, extraída de Excavations at Carthage. II, 1 (Pl. 3.b-c); C, representação de detalhes dos moldes encontrados em sítio, extraída de Excavations at Carthage. II, 1 (p. 104, fig. 9.1). _____ 304
- Figura 45: Detalhe do Bloco Ada denominada insula 11, Regio VI, em Sabratha, com demarcações das aberturas para entrada das unidades. Após B. Conticello (2009, p. 120, fig. 1). _____ 306
- Figura 46: Prospecto da fachada leste da insula, face do pórtico voltado para a praça, com indicações dos cômodos representados. Após B. Conticello (2009, p. 129, fig. 12.b). ____ 307
- Figura 47: Prospecto da fachada sul da insula, com detalhe apenas do denominado Bloco A, com indicações dos cômodos e espaços representados. Após B. Conticello (2009, p. 129, fig. 12.a). _____ 308
- Figura 48: Corte longitudinal sobre o cardo maximus com representação das estruturas do pórtico: escada, pilastras, muros tardios. Após F. Villedieu (1979, p. 163, fig. 24) _____ 317
- Figura 49: Fotografia da pavimentação do decumanus maximus com indicação das estruturas posteriores que avançaram sobre seu espaço e sobre o pórtico adjacente. Imagem extraída de L. Ladjimi-Sebai (1996, p. 33, fig. 3). _____ 318
- Figura 50: Insula 5, Regio II em Sabratha, com destaque para as estruturas para a produção de pães. Depois de P. Kenrick (1986, fig. 54) e A. Wilson (1999, p. 49, fig. 24). _____ 320
- Figura 51: Plano hipotético das termas de Leptiminus. Após J. DeLaine, extraído de Leptiminus 2 (p. 21, fig. 1.6). _____ 321

Figura 52: Plano das termas de Antonino com detalhes das estruturas tardias do subsolo. Em que: A. contraforte; B.D. muros do século VI; C. compartimentos do subsolo; E. forno de cerâmica; F. abóboda reparada. Imagem extraída de Alexandre Lézine (1968, p. 68, fig. 39).

AGRADECIMENTOS

Apesar das horas em isolamento, uma tese não se escreve sozinha. Mãos, vozes, olhares e suportes de diversas pessoas e instituições se encontram em seu produto final. Este é o espaço em que esses outros atores que auxiliaram na realização da pesquisa emergem desse silêncio.

Em primeiro lugar, agradeço aos apoios institucionais públicos que obtive para esta pesquisa. Agradeço, de início, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e, em seguida, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo: 2017/19476-6) pelas bolsas concedidas, sem as quais nada poderia ter sido realizado. À FAPESP reforço o agradecimento pela concessão da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (FAPESP BEPE, Processo: 2019/22320-3). Outra instituição que agradeço é a antiga Secretaria de Assistência Social (SAS) da USP, atual Pró-Reitoria de Integração e Permanência (PRIP). Sem os auxílios à moradia (no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo-CRUSP) que me forneceram não teria como viver em São Paulo e, além de realizar as disciplinas obrigatórias, aproveitar o convívio universitário e as condições de pesquisa que as bibliotecas da USP oferecem.

Em segundo lugar, agradeço ao meu orientador, professor Julio Cesar Magalhães de Oliveira, pelas excelentes orientações e, sobretudo, críticas ao longo dessa trajetória. Nossas conversas sempre me recobram o ânimo e a vontade de investigar. Destaco que sem elas, em especial as iniciais, o projeto e a pesquisa que deram origem a este texto final não seriam possíveis. Seu exemplo de orientação e de estímulos à pesquisa e ao debate franco merecem todo o meu reconhecimento e, na medida do possível, emulação.

Agradeço aos professores Carlos Augusto Ribeiro Machado, Maria Cristina Nicolau Kormikiari e Renata Senna Garraffoni pela disposição em compor a banca de avaliação. Agradeço também por suas leituras atentas, pelos comentários críticos e pelas sugestões indicadas no momento da defesa. Para Carlos Machado e Cristina Kormikiari reitero os agradecimentos pelas presenças também na banca de qualificação. Muitas dessas críticas e sugestões realizadas pela banca foram incorporadas nessa versão. Não deixo de agradecer também Thais Rocha da Silva, Vagner Carvalheiro Porto e Juliana Marques Morais por se prontificarem como suplentes.

Muitas das ideias que tentei aqui desenvolver foram discutidas no ambiente do Grupo de Pesquisa Subalternos e Populares na Antiguidade. Agradeço a todos participantes e membros do grupo por estimularem sempre um espaço de produção e crítica do conhecimento sobre historiografia antiga. Como poderão constatar, diversos temas que procurei desenvolver foram debatidos em vários de nossos encontros. Acrescento que foi no contexto das reuniões incipientes do grupo que o projeto desta pesquisa, de fato, ganhou forma. Por aquelas ocasiões, agradeço aos professores Glaydson José da Silva e Fabio Morales pelos diálogos, críticas e dicas. Ainda sobre os membros, agradeço de modo particular Jessica Brustolim, Juliana Morais, Luiz Giacomo e Márcio Monteneri, pelas intensas conversas mantidas durante várias etapas do doutorado, que auxiliaram para muito além dos textos.

Aos amigos de curta e longa data também devo meus agradecimentos, sobretudo os que me suportaram (em todos os sentidos) nesses últimos meses. Foram muitos os que me

sustentaram até aqui. Dentre eles, para não ser de todo injusto, mas já o sendo, agradeço nominalmente apenas alguns. Começo agradecendo Sérgio Sanches, Rodolfo Braga, Alessandro Andrade, Lucas Mariano, não apenas pela longuíssima amizade, mas, sobretudo, pelas maneiras com que, mesmo na distância, continuam presenças constantes em minha vida; daqueles amigos raros que tanto instigam, provocam e demonstram que é possível experimentar o mundo de maneiras muito diferentes, quanto são, cada um a seu modo, parceiros de escuta durante os percalços enfrentados. Os primeiros passos desta empreitada foram realizados graças ao apoio, estímulo e provocações de Fernando Siqueira, e contou também com a amizade de Hugo Abreu e Laura Alberti. Também sobre os momentos iniciais, recordo com todo carinho e gratidão da atenção de Fernanda Rosa, Bárbara Marini e Christopher Marini. À Lorena Balbino agradeço pela companhia crítica e perspicaz durante todo o processo, em momentos felizes e outros nem tanto, sem contar o fato de ter sido uma fornecedora de cópias de artigos e livros do outro lado do oceano. Por essa prática também agradeço à Hyllana Medeiros, outra amiga que se tornou posto avançado de acesso às bibliotecas cujos acessos ainda são barrados financeiramente aos pesquisadores do “sul global”. E mais: Hyllana faz parte de um grupo de amigos que me auxiliou e animou na capital paulista, os quais não posso deixar de agradecer. São eles: Hyanna Medeiros, Thiago Alexandre, Milton Bortolotto, Hélio Guerra, Karine Julião, Jean Ramos, Julia. Não posso deixar de mencionar, por toda a força, amizade e carinho construídos na capital paulista, as presenças de Michelle Borges e daqueles que chamo com toda afeição de “os Meningue” (Juliana, João Paulo e Maria Luiza). Ao Haruan Straioto, à Stefanny Batista e, uma vez mais, à Michelle Borges agradeço não só pela companhia cotidiana, que tornou suportável todas as dificuldades de uma vida no CRUSP, como também pela amizade que criamos. O peso da reta final da escrita foi amenizado graças à leveza de Gabriela Melo em meu dia-a-dia. Agradeço por sua companhia, parceria e, não menos, críticas, que, mesmo em situações adversas, demonstraram as possibilidades abertas para a criação de novas expectativas de futuro, para a construção de novos propósitos, para elaboração de novas histórias.

Agradeço também à *École Française de Rome* pelo acolhimento institucional para realização do estágio de pesquisa e, também, pelos suportes necessários para estadia em Roma num momento mais crítico da pandemia. Portanto, agradeço aos funcionários que ficaram em confinamento comigo durante aqueles pouco mais de dois meses de *lockdown*. Não deixo de agradecer ao professor Nicola Laubry pela gentileza, prestatividade e indicações de estudo durante a estadia. Pelas sugestões, indicações e, não menos, solicitude agradeço à Elizabeth Fentress. Recordo com carinho da companhia e amizade de Fatma Touj em Roma.

De igual modo agradeço ao *Centre Jean Bérard*, sediado em Nápoles, pelo qual tive a ótima oportunidade em escavar num sítio arqueológico mediterrâneo, em Cuma. Ao professor Jean-Pierre Brun e à diretora Priscilla Munzi agradeço pela solicitude, didática e prestatividade em ensinar modos de reconhecimento de edifícios, cerâmicas e camadas estratigráficas, além de todo o acolhimento tanto em campo quanto em Nápoles. Nessa experiência de campo não posso deixar de mencionar aqueles que praticamente me ensinaram a decodificar os relatórios arqueológicos e estratigráficos: Bastien Lemaire, Marcella Leone, Elisa Conca, Marina Cavolan e os amigos Bruno Resella e Antony Gillot.

Por fim, agradeço à minha família por todo suporte que tem me oferecido em momentos críticos e pelos sorrisos compartilhados nos momentos bons. Infelizmente os primeiros têm se sobressaído. Mas isso não os impediu de me ajudar e me apoiar ao longo de toda essa

trajetória, muitas vezes com esforços que ultrapassaram as nossas condições. Nada seria possível sem vocês. Obrigado Tuca, Doni, Sebastiana, Paty, Pri, Dorival e Fernando (*in memoriam*).

Registro aqui minha gratidão e expesso meu mais sincero “muito obrigado” para todos. As ideias que manifestei têm, com certeza, muito de vocês. A responsabilidade por elas, no entanto, continua sendo toda minha.

RESUMO

Esta tese investiga as experiências sensoriais de trabalhadores urbanos na África do norte durante os séculos IV e VII. Faz isto por meio da análise de mudanças das formas urbanas de determinadas cidades ao longo desse período delimitado, com foco em Cartago, Sabratha, Leptiminus e Meninx. Num primeiro momento, procura compreender a composição sensorial da paisagem urbana investigada em uma série mudanças ocorridas entre os séculos IV e V. Para tanto, salienta as relações sensoriais como movimentos, visões, presenças, sonoridades e odores. Num segundo momento, passa a explorar os modos pelos quais os grupos subalternos poderiam experimentar os sentidos urbanos de modo distinto. Demonstra, nesse sentido, como o conceito de *habitus* sensorial pode ser útil para compreensão da formação das percepções sensoriais dos grupos subalternos. Ao fim, passa a investigar os espaços de trabalho e habitação dos grupos subalternos urbanos, uma vez que definidos como principais formadores de seus *habitus* sensoriais, durante os séculos IV e VII. Com a cronologia ampla nesta parte final, busca-se, para além de compreender a formação dessas disposições sensoriais dos trabalhadores urbanos, analisar como suas formas de experimentar os espaços urbanos poderiam tanto se transformarem, quanto transformar os espaços nos quais foram geradas.

ABSTRACT

This thesis investigates the sensory experiences of urban workers in North Africa during the 4th and 7th centuries. It does so by analyzing changes in the urban forms of certain cities during this period, with a focus on Carthage, Sabratha, Leptiminus, and Meninx. Initially, it seeks to understand the sensory composition of the urban landscape investigated through a series of changes that occurred between the 4th and 5th centuries. To do so, it highlights sensory relationships such as movements, sights, presences, sounds, and smells. Secondly, it explores the ways in which subaltern groups could experience urban senses differently. In this sense, it demonstrates how the concept of sensorial *habitus* can be useful for understanding the formation of sensory perceptions of subaltern groups. Finally, it investigates the work and housing spaces of urban subaltern groups, as defined as the main formers of their sensory *habitus* during the 4th and 7th centuries. With a broad chronology in this final part, it seeks not only to understand the formation of these sensory dispositions of urban workers but also to analyze how their ways of experiencing urban spaces could both transform and be transformed by the spaces in which they were generated.

INTRODUÇÃO

Todos sabemos o quanto Max Weber conhecia a cultura antiga, demonstrado em especial na sua tese de habilitação de 1891, *A História agrária romana e sua significação para o direito público e privado*¹. Em uma conferência proferida em Freiburg em 1896 sobre “As causas sociais do declínio da cultura antiga” (*Die sozialen Gründe des Untergangs der antiken Kultur*), Weber fez o seguinte apontamento sobre o modo como a cultura antiga teria se tornado “camponesa”:

Ao desaparecer o comércio desapareceu também a magnificência marmórea da cidade antiga e com ela os tesouros espirituais que jaziam em seus muros: a Arte, a Literatura, a Ciência, as refinadas formas do antigo Direito mercantil (...) Certamente teria parecido estranho aos viajantes clássicos o mundo ao seu redor, se um dentre eles tivesse despertado de seus pergaminhos na época carolíngia e contemplado o mundo de uma janela do convento: o odor de esterco o teria atingido (...) Mas os velhos clássicos dormiam, então, como a cultura, o sono hibernar no seio de uma vida econômica que havia se tornado camponesa. E também não os despertava o canto dos menestréis ou o alarido dos torneios medievais.²

O cheiro do esterco do campo predomina e assusta o viajante do tempo de Weber, embora ele nem acorde com os sons de novas manifestações culturais medievais. Esse mundo sensorial lhe era outro. Apesar do uso das experiências sensoriais como metáfora de sua argumentação e meio para demonstrar seus objetivos, o problema investigativo de Weber não estava em odores e sons do mundo antigo. Sua preocupação, dito de modo breve, voltava-se ao direito e às explicações de por que o capitalismo não ter emergido na antiguidade mediterrânea³. Somado a isso, outros dois temas tateados com essa passagem de Weber têm sido centrais e cada vez mais movem pesquisas nos debates historiográficos recentes. Falo das transformações urbanas e suas conexões com os recortes temporais adotados pelos pesquisadores.

¹ Para uma introdução sobre Weber e a Antiguidade ver: JOLY, Fabio. Capitalismo e burocracia: economia e política nas *Relações Agrárias na Antiguidade*, de Max Weber. **Revista de História**, vol. 140, p. 9-22, 1999. esp. p. 11-15.

² WEBER, Max. As causas sociais do declínio da cultura antiga. In: COHN, G. (Ed.) **Weber**. Trad. Amélia Cohn. São Paulo: Ática, 2003. p. 37-57. p. 56-57. Sobre o contexto dessa fala, ver: WHISTER, Sam. **Weber**: introdução. José A.D. Guerzoni. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 38-42.

³ Sobre esta questão, ver: LOVE, John. **Antiquity and capitalism**: Max Weber and the sociological foundations of Roman civilization. Londres, Routledge, 1991. p. 156-181; JOLY, Fabio. Capitalismo e burocracia. 15-20.

É no interstício desses três pontos que esta tese se insere. Este é um estudo sobre as experiências sensoriais urbanas nas cidades norte-africanas durante a Antiguidade Tardia. Experiências conjugadas sempre no plural. Experiências, de igual modo, sempre posicionadas nas relações sociais, no tempo, no espaço. Portanto, faz-se necessário complementar: este é um estudo sobre as experiências sensoriais dos grupos e atores sociais subalternos urbanos, com episódios que vão da segunda metade do século IV até inícios do século VII. O objetivo com esta tese é demonstrar como as percepções sensoriais dos grupos subalternos urbanos, sobretudo os trabalhadores, possuíam elementos estruturantes que as tornavam distintas das dos demais grupos sociais, contrastando-se em especial com os esquemas perceptivos das elites urbanas. Um segundo objetivo se desdobra desse: tentar compreender como tais disposições sensoriais distintivas dos grupos subalternos não apenas poderiam constituir suas percepções de uma determinada maneira, mas também se elas poderiam alterar a materialidade de suas vidas.

Para cumprir esses objetivos, analiso as transformações sensoriais da paisagem urbana em quatro cidades do norte da África durante os séculos IV e VII de nossa era, dando ênfase às experiências distintas entre grupos sociais distintos (em especial os grupos subalternos), a partir, sobretudo, do estudo das materialidades das formas urbanas. As cidades escolhidas como focos principais deste estudo são: Cartago, Leptiminus, Meninx e Sabratha. A escolha desses sítios deve-se a alguns fatores. Primeiro, essas cidades apresentam uma característica portuária comum e, ao mesmo tempo, apresentam uma singularidade em sua posição geográfica e política nas regiões do Império Romano Tardio: Cartago era a capital da África Proconsular e a maior cidade africana; Leptiminus era um importante porto da Bizacena, e Sabratha, uma das três grandes cidades de origem fenícia que dão o nome à província da Tripolitânia. Quanto a Meninx, apesar de também estar situada na Tripolitânia, retira sua especificidade geográfica do fato de sua localização insular, na ilha de Jerba. Segundo, foram selecionadas cidades que apresentasse no mínimo três das quatro características seguintes: 1. mudanças na topografia da produção artesanal; 2. mudanças na topografia habitacional; 3. mudanças nas vias e espaços públicos; 4. indícios de reutilização de materiais de construção provenientes de antigos edifícios e espaços públicos. Tal recurso permitiu elaborar estudos comparativos, aproximações e distanciamentos entre as histórias variadas dessas cidades e conectá-las às transformações sensoriais e topográficas em diferentes partes da África romana e as formas como elas se integravam ou não às transformações mediterrânicas de um modo mais geral. Isso também possibilitou não negligenciar dados fornecidos por outros sítios que

não se adequavam por completo aos critérios de seleção utilizados, mas que apresentavam evidências valiosas para apenas um tipo particular das mudanças analisadas.

Além dos vestígios materiais das cidades africanas, foram utilizadas fontes provenientes da tradição textual. Foram selecionadas duas categorias dessas fontes que permitissem atribuir uma maior dinâmica às proposições concernentes ao campo sensorial: a primeira são os diálogos travados entre os clérigos e suas audiências em sermões e homilias; a segunda são descrições de cidades realizadas por autores que não estavam conectados diretamente com a organização/instituição eclesiástica. Por meio da análise de sermões é possível traçar perspectivas não só distintas, mas também conflitivas a respeito dos sentidos que os bispos buscavam estimular ou inibir, produzir e afetar nos contextos de pregação, persuasão e comemoração. Os sermões são, nesse sentido, fontes privilegiadas para compreender este tipo de diálogo e para pluralizar as formas de experiências sensoriais. Por meio deles é possível captar e amplificar as outras vozes que estão abrigadas em seus enunciados, às vezes de forma literal. Além do mais, mediante a análise dos sermões e cartas são expressas preocupações quotidianas de atores e grupos sociais distintos que chegavam aos bispos. Já o segundo conjunto de textos é composto tanto poemas laudatórios e panegíricos de personagens que viveram em Cartago ocupada pelos vândalos, como poetas presentes na *Anthologia Latina*, quanto relatos como os de Procópio de Cesareia sobre as guerras vândalas empreendidas pelo Império, a ocupação das cidades e as construções realizadas no projeto de reconquista da África por Justiniano. Tais obras auxiliam na ampliação da dinâmica perceptiva das paisagens urbanas das cidades norte-africanas. É imprescindível não esquecer que tais relatos e poemas contêm informações relativas à sensorialidade a partir de posições peculiares, com interesses particulares, imbuídos de um discurso normativo direcionado às cidades e aos grupos sociais com que se depararam e aqueles com quem dialogavam. As percepções sensoriais que essas fontes literárias apresentam foram colocadas num quadro interpretativo mais amplo, de modo a confrontá-las com produções semelhantes de outros autores provenientes de outras regiões imperiais. Esse recurso comparativo permite apontar singularidades e similitudes da paisagem urbana em distintos sítios urbanos e, ao mesmo tempo, das formas de evocação da experiência sensorial.

Para tanto, parto de uma reinterpretação do método proposto por Luke Lavan⁴, por meio dos seguintes passos: a. investigar a materialidade a partir da categoria de espaços ativos/de atividade (compostos por edifícios ou por espaços abertos sem edifícios), constituídos pelas funções espaciais que neles se exercem e pela disposição material que envolve (englobando dos corpos até qualquer estrutura edilícia); b. correlacionar os espaços ativos/de atividade com as demais documentações que seus respectivos sítios proporcionarem, como inscrições ou demais objetos, com intuito de observar os jogos de identificação e percepção que o espaço ou edifício pode ter com a paisagem urbana de modo geral; c. combinar com o quadro urbano dos espaços ativos/de atividade as interpretações fornecidas pelas fontes literárias e, se for o caso, estudos etnográficos.

É importante esclarecer que para utilização dos recursos material e textual combinados são necessárias algumas precauções que foram bem desenvolvidas por autores advindos do campo da Arqueologia Histórica. A primeira delas concerne ao reconhecimento da “independência” de cada uma das fontes. Ambas devem ser compreendidas em seus próprios contextos de produção, a partir de suas condições de possibilidade particulares. Isto significa que uma determinada fonte não deve ser tomada como fundamental para a formulação de um quadro interpretativo a ser utilizado para investigar outra, que passaria, com esse movimento, a ser puro reflexo ou demonstração da interpretação desenvolvida previamente. A tradição da soberania da fonte textual para a criação desse quadro interpretativo em muito foi contestada, e o fruto dessa crítica reivindicado para Arqueologia do período Clássico e da Antiguidade Tardia.⁵ Atentar para as condições de emergência das documentações material e textual e para suas formas independentes de elaboração não impede de demonstrar as maneiras pelas quais elas podem interagir. Cotejá-las, portanto, não deve ser uma prática metodológica para fechar lacunas informativas sobre um determinado problema a ser solucionado. A utilização em conjunto de ambas auxilia a demonstrar como uma determinada fonte pode conter particularidades que escapam a outra, ou mesmo podem ser conflitivas e contestatórias entre

⁴ LAVAN, Luke. Late antique urban topography: from architecture to human space. In: LAVAN, L.; BOWDEN, W. (eds.). **Theory and practice in Late Antique Archaeology**. Leiden, Boston: Brill, 2003. p. 171-195, aqui p. 184.

⁵ Sigo aqui, em grande medida: LAVAN, Luke. Late antique urban topography; SMALL, D.B. The tyranny of the text: lost social strategies in current historical period archaeology in the classical Mediterranean. In: FUNARI, P.P.A.; HALL, M.; JONES, S. (eds.). **Historical Archaeology: back from the edge**. London, New York: Routledge, 1999. p. 122-136.

si, por apresentarem e serem constituídas por perspectivas (social, cultural, de gênero, étnica) distintas⁶.

Além desses cuidados metodológicos, é importante lembrar que a investigação dos saberes modernos sobre os sentidos não é nova. Nem mesmo a historiografia sensorial tão recente⁷. Foi por volta da segunda metade do século XX que os debates em torno das teorias sensoriais aumentaram seus volumes de produção e se proliferaram entre diversos campos do saber, sobretudo na Antropologia, na Filosofia fenomenológica e na Neurolinguística⁸. As premissas básicas que tais debates colocaram em circulação são as de que o corpo e os sentidos “mediam as relações entre si (*self*) e sociedade, mente e corpo, ideia e objeto”⁹. Ou seja, os sentidos são os meios pelos quais apreendemos e atribuímos significados às subjetividades, às comunidades e ao mundo: “*Os sentidos estão em todos os lugares*”¹⁰. Tão importante quanto esta afirmação é a de que as formas de sentir não são as mesmas no tempo e no espaço. Enquanto constructos sociais, todo o aparato sensorial que constitui as formas de sentir, aquilo que Walter Ong¹¹ denominou *sensorium*, é localizado no interior de uma dada cultura, num determinado momento histórico e apreendido de forma coletiva. Tal como Marilyn Strathern afirmou para os melanésios, os constructos perceptivos “começam com as relações. Pode-se dizer, na verdade, que as relações são o que faz as pessoas ‘verem’, o que quer que elas vejam”¹².

⁶ FUNARI, P.P.A.; JONES, S.; HALL, M. Introduction: archaeology in history. In: FUNARI, P.P.A.; JONES, S.; HALL, M. (eds.). **Historical Archaeology**: back from the edge. London, New York: Routledge, 1999, p. 1-20.

⁷ SMITH, Mark M. **A Sensory History manifesto**. University Park, PA: Penn State Press, 2021. p. 1-6.

⁸ Dentre a vasta bibliografia sobre o desenvolvimento da abordagem sensorial, sobretudo a partir dos anos 1980, apenas indico algumas contribuições, em especial o manual organizado por: HOWES, David (ed.). **Empire of the senses: the sensual culture reader**. Oxford, New York: Berg, 2004. No campo da neurolinguística, ver, dentre muitos, alguns dos capítulos contidos em: KELLER, Eric. GOPNIK, Myrna. (Eds.). **Motor and sensory processes of language**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1987; para uma abordagem neurológica mais recente: CARR, Richard. Sensory processes and responses. In: HASS-COHEN, N.; CARR, R. (Eds.). **Art therapy and clinical neuroscience**. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2008. p. 43-61. Para um vislumbre da variedade e interseccionalidade de campos nos estudos sensoriais, ver os números da revista **The Senses and Society**, lançada em 2006. A revista está disponível em: <<https://www.tandfonline.com/toc/rfss20/current>>. Para esse levantamento no campo historiográfico, com enfoque no mundo anglófono, ver: SMITH, Mark M. **A Sensory History manifesto**. p. 35-62.

⁹ BULL, Michael; GILROY, Paul; HOWES, David; KAHN, Douglas. Introducing Sensory Studies. **The Senses and Society**. vol. 1, n. 1, p. 5-7, 2006. p. 5: *The senses mediate the relationship between self and society, mind and body, idea and object*.

¹⁰ BULL, Michael; GILROY, Paul; HOWES, David; KAHN, Douglas. Introducing Sensory Studies. p. 5: *The senses are everywhere* (ênfase no original).

¹¹ ONG, Walter J. The shifting *sensorium*. In: HOWES, D. (Ed.). **The varieties of sensory experience: a sourcebook in the Anthropology of the Senses**. Toronto: University of Toronto Press, 1991. p. 25-30, esp. p. 28.

¹² STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. Trad. Luisa Valentini. In: _____. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 345-405. p. 405.

Tais modos de compreender a sensorialidade provocaram uma verdadeira, para usar as palavras de David Howes¹³, “revolução sensorial” no campo historiográfico a partir do início do século XXI. O problema não era uma ausência de estudos produzidos no campo da história sobre os sentidos e de seus entrelaçamentos com afetos e emoções, pois basta lembrar os trabalhos de alguns autores da tradição francesa que se tornaram clássicos destas abordagens, tais como Georges Lefebvre¹⁴, Jean Delumeau¹⁵, Alain Corbin¹⁶ ou Georges Vigarello¹⁷. Contudo, essas foram produções singulares e esparsas que, apesar do fascínio que geraram, não estabeleceram um campo de estudos sólido. O *boom* de pesquisas e produções na virada deste século XXI constituiu, ao contrário, não apenas vasta produção bibliográfica, como laboratórios de pesquisas interdisciplinares, sediados em múltiplos países e com enfoque em diversos períodos históricos¹⁸.

As pesquisas sobre a Antiguidade mediterrânea não ficaram fora dessa que pode ser denominada, sem nenhum receio, de “guinada sensorial”. De início, eram trabalhos avulsos, pioneiros, como o de Diane Favro¹⁹ sobre a motricidade nas ruas romanas e suas implicações nas experiências e ideias de cidade, ou os estudos de Béatrice Caseau²⁰ e, mais tarde, de Susan Ashbrook-Harvey²¹, ambos sobre os odores no cristianismo antigo durante a Antiguidade tardia mediterrânea, e mesmo o trabalho de Mark Bradley²² sobre os significados das cores no mundo imperial romano, para ficar com alguns dos mais conhecidos. Após o surgimento dessas monografias, o interesse e o campo de estudos foram gradualmente ampliados, com a formação, inclusive, de grandes laboratórios de pesquisas, como o *Sensory Studies in*

¹³ HOWES, David. Charting the Sensorial Revolution. **The Senses and Society**, vol. 1. n. 1, p. 113-128, 2006. p. 113.

¹⁴ LEFEBVRE, Georges. **O grande medo de 1789**: seguido de as multidões revolucionárias. Trad. Eduardo H. Aubert. Rio de Janeiro: Vozes, 2020 (1932).

¹⁵ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800**: uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (1978).

¹⁶ CORBIN, A. **Le miasme et la jonquille**: L'odorat et l'imaginaire social, XVIIe-XIXe siècles. Flammarion, 2016 (1982).

¹⁷ VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**: uma história da higiene corporal. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (1985).

¹⁸ Para citar apenas um caso, o laboratório de estudos do *Sensory Studies* é um ótimo exemplo não apenas da amplitude e consolidação desta área de estudos, como também da colaboração entre historiadores e demais pesquisadores no campo dos sentidos. Ele pode ser conferido em: <<http://www.sensorystudies.org/>>; acessado em: 05 de setembro de 2022. Prospecção, avaliação e balanço dessas produções recentes, sobretudo em língua inglesa, podem ser encontrados em: SMITH, Mark M. **A Sensory History manifesto**. p. 35-62.

¹⁹ FAVRO, Diane. **The urban image of Augustan Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

²⁰ CASEAU, Beatrice. **ΕΥΩΔΙΑ. Euodia. The use and meaning of fragrances the Ancient World and their Christianization (100-900 AD)**. Chicago, DMI, 1994.

²¹ HARVEY, Susan A. **Scenting salvation**: Ancient Christianity and the olfactory imagination. Berkeley: University of California Press, 2006.

²² BRADLEY, Mark. **Colour and meaning in Ancient Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

*Antiquity (Estudos Sensoriais na Antiguidade)*²³. Com a proliferação das pesquisas, algumas coletâneas foram produzidas com intuito de sintetizar e divulgar os interesses renovados sobre os sentidos, como a *The Senses in Antiquity (Os sentidos na Antiguidade)*, lançada em seis volumes pela editora Routledge²⁴ ou o volume sobre Antiguidade da série *Cultural History of the Senses (História Cultural do Sentidos)* da editora Bloomsbury, organizado por Jerry Toner²⁵. Sem contar outras coletâneas que se esforçaram em inserir uma maior abordagem das materialidades para o estudo dos sentidos: como os capítulos reunidos por Eleanor Betts em *Senses of the Empire (Sentidos do Império)*²⁶ e aqueles referentes à Antiguidade presentes no recente manual de arqueologia sensorial organizado por Robin Skeats e Jo Day²⁷ (2019).

Nesse esforço de realocar os sentidos na historiografia da Antiguidade, muitos desses trabalhos se depararam com dois problemas indissociáveis: primeiro, as questões metodológicas para abordar os sentidos diante das especificidades documentais dadas²⁸. Questões que englobam as particularidades das fontes antigas, tanto materiais quanto literárias, e os modos pelos quais as podemos interpretar e, por conseguinte, empregá-las na construção de histórias sensoriais. O segundo problema envolve a sensorialidade em suas dinâmicas sociais (ou mesmo de representatividade). A dificuldade que emerge é como introduzir a experiência sensorial na historiografia sem a reduzir a uma percepção individualizada, intimista, solipsista, ou, ao contrário, transformá-la em mero epifenômeno de estruturas totalizantes e normativas.

Com estes dois problemas no horizonte, grande parte das abordagens traçou seus caminhos por vias que privilegiaram desde questões pontuais sobre as percepções de determinados autores antigos até a opulência nos modos de demonstrar como seria

²³ Fundado em 2013 e atualmente coordenado por Eleanor Betts e Jeffrey D. Veitch. Suas atividades podem ser conferidas em: < <https://sensorstudiesinantiquity.com/>>; acessado em: 05 de setembro de 2022.

²⁴ Cf. BUTLER, S.; PURVES, A. (Ed.). **Synaesthesia and the Ancient senses**. London: Routledge, 2014; BRADLEY, Mark (Ed.). **Smell and the Ancient senses**. London: Routledge, 2014; SQUIRE, M, (Ed.). **Sight and the Ancient senses**. London: Routledge, 2015; PURVES, A. (Ed.). **Touch and the Ancient senses**. London: Routledge, 2017; RUDOLPH, K.C. (ed.). **Taste and the Ancient senses**. London: Routledge, 2017; BUTLER, S.; NOOTER, S. (Ed.) **Sound and the Ancient senses**. London: Routledge, 2018.

²⁵ TONER, Jerry (Ed.). **A cultural history of the senses in Antiquity, 500 BCE-500 CE**. London: Bloomsbury, 2014.

²⁶ BETTS, Eleanor (Ed.). **Senses of the Empire: multisensory approaches to Roman culture**. London: Routledge, 2017.

²⁷ SKE, Robin; Day, Jo (eds.). **The Routledge Handbook of Sensory Archaeology**. London: Routledge, 2019.

²⁸ Nesse sentido, BETTS, Eleanor. Introduction: senses of empire. In: BETTS, Eleanor (Ed.). **Senses of the Empire**. p. 1-12; esp. p. 7-12. Dialogando de forma mais ampla com a arqueologia sensorial, críticas e comentários das metodologias apresentadas no livro organizado por Betts são realizadas por HUNTER-CRAWLEY, Heather. Sensory archaeology and the Roman world: a shifting paradigm. **JRA**, v. 23, p. 690-697, 2018.

predominante o luxo e o gosto por uma certa “exacerbação sensorial” das elites²⁹. Por conseguinte, somadas as dificuldades em extrapolar os limites documentais com as perspectivas teóricas de cunho normativo que muitos autores partem, as relações sensoriais acabam como que delimitadas em práticas reflexivas sobre os sentidos na Antiguidade, ou localizadas em eventos e espaços que congregavam e, portanto, unificariam as experiências de atores sociais distintos (como celebrações festivas, religiosas³⁰, procissões³¹ e rituais mortuários³²), ou, ainda, como elemento legitimador de *status* das elites³³. Evidente que inquirir sobre tais temas é importante. Contudo, quando se indaga sobre as relações de poder e dominação e seus entrelaçamentos com o campo sensorial, essas perspectivas acabam por colocar em segundo plano a possibilidade de existência e de compreensão sobre campos sensoriais socialmente distintos, como os dos grupos subalternos, isto quando não os obliteram por completo.

Quais seriam, então, os modos de explorar as experiências sensoriais dos grupos subalternos? Para responder essa questão é preciso construir alguns pressupostos teóricos que pautam as formas como o mundo sensorial pode ser apreendido. Começo por afirmar algo que Maurice Merleau-Ponty, um dos precursores das pesquisas sobre a sensorialidade, pontuou: a experiência sensorial é, antes de mais nada, sempre sinestésica e cinestésica³⁴. Ou seja, ela

²⁹ Sintomático dessa preponderância em observar apenas o luxo é o capítulo de Andrew Wallace-Hadrill (2014) que tem como proposta abordar os sentidos nos mercados (*The senses in the marketplace*) durante o Império, presente na coletânea editada por Toner: WALLACE-HADRILL, Andrew. *The senses in the marketplace: the luxury market and Easter trade in Imperial Rome*. TONER, Jerry (Ed.). **A Cultural History of the Senses in Antiquity, 500 BCE-500 CE**. p. 69-89. Cabe contrastar essa abordagem de Wallace-Hadrill com a realizada por Martha Carlin sobre tema idêntico, presente no volume dedicado ao Medievo da mesma coleção *Cultural History of the senses*, em que explora, para além dos produtos, as próprias relações sensoriais nos mercados: CARLIN, Martha. *The senses in the marketplace: markets, shops, and shopping in Medieval towns*. In: NEWHOUSER, R.G. (Ed.). **A Cultural History of the Senses in the Middle Ages, 500-1450**. London: Bloomsbury, 2014. p. 67-87; do mesmo modo que é possível contrastar a forma como Kathryn Reyerson explora as sensações urbanas por meio das experiências dos mercadores: REYERSON, Kathryn. *Urban sensations: the Medieval city imagined*. In: NEWHOUSER, R.G. (Ed.). **A Cultural History of the Senses in the Middle Ages, 500-1450**. p. 45-65.

³⁰ Cf. WEDDLE, Candace. *Blood, fire and feasting: The role of touch and taste in Graeco-Roman animal sacrifice*. In: BETTS, E. (Ed.). **Senses of the Empire**. London: Routledge, 2017. p. 104-119.

³¹ Este, talvez, seja um dos campos com maior número de trabalhos. As questões das vias e dos movimentos nas cidades, com discussão bibliográfica, é abordada no capítulo 2. Desse modo, apenas cito uma coletânea que contempla os principais temas de investigação e métodos de análise: ÖSTENBERG, I.; MALMBERG, S.; BJORNEBYE, J. (Eds.). **The moving city: processions, passages and promenades in Ancient Rome**. London: Bloomsbury, 2015.

³² Neste campo, ver os trabalhos de: HOPE, Valerie. *A sense of grief: the role of the senses in the performance of Roman mourning*. In: BETTS, Eleanor (ed.). **Senses of the Empire**. 86-103; *Id.* *Vocal expression in Roman mourning*. In: BUTLER, S.; NOOTER, S. (Ed.). **Sound and the Ancient senses**. p. 61-76.

³³ POTTER, David S. *Odor and power in the Roman Empire*. In: PORTER, J.I. (Ed.). **Constructions of the Classical Body**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999. p. 169-189; WALLACE-HADRILL, Andrew. *The senses in the marketplace*. p. 87-88.

³⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos A.R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994 (1945). p. 304.

sempre envolve uma correlação de órgãos sensoriais e movimentos, em que ambos são inerentes aos modos como o próprio mundo é apreendido. Acrescentemos a essas condições da apreensão sensorial o próprio espaço e a fisicalidade/materialidade do mundo em que a percepção é realizada³⁵. Compreender a experiência sensorial dessa forma possibilita a realização de dois deslocamentos: saímos de uma análise intimista, centrada no indivíduo e num pressuposto caráter inexpressível atribuído às experiências sensoriais, para passarmos a uma tentativa de apreender as formas sociais/relacionais que constituem e reelaboram a sensorialidade³⁶. O segundo deslocamento é o reconhecimento da participação ativa da materialidade na constituição da percepção sensorial³⁷. Abarca-se, assim, a ação da materialidade dos espaços, dos corpos e dos objetos que compõem o que Yannis Hamilakis denominou de “campo sensorial”: o campo constituinte dos e constituído pelos sentidos³⁸. Por fim, o objetivo último dessa compreensão do campo sensorial é colocar-se fora do jogo interno, isolado e individualizado da sensorialidade. O campo sensorial é, portanto, o campo de existência e de possibilidades da experiência sensorial: o terreno que é ao mesmo tempo formado pelos sentidos e de formação dos sentidos. Passa-se, desse modo, da ênfase na mecânica da percepção às condições de possibilidade do mundo sensorial³⁹.

Se compreender a formação do campo sensorial é um meio imprescindível para investigar as experiências sensoriais dos grupos subalternos, nada mais direto que começar tal estudo por meio das materialidades constituintes do campo sensorial urbano. Esse é o tema do primeiro capítulo. Para realizar essa compreensão, inicio interpelando a materialidade urbana de duas cidades particulares, Cartago e Sabratha, que, cada uma a seu modo, permitem investigar dois fenômenos extensivos de suas malhas urbanas: os avanços dos edifícios sobre as vias e o consecutivo estreitamento destas últimas. Procuo mapear essas transformações entre os séculos IV e V, sempre apontando para possíveis implicações dessas mudanças para

³⁵ HAMILAKIS, Yannis. **Archaeology and the Senses: human experience, memory, and affect**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 113-114.

³⁶ Sobre esses temas, ver as observações feitas por: HOWES, David. The social life of the senses. *Ars Vivendi Journal*, n. 3, p. 4-23, 2013.

³⁷ Sobre os debates a respeito da materialidade na construção da percepção, campo de estudos que só tem aumentado nos últimos anos, indico apenas: TILLEY, Christopher. **Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments**. Oxford: Berg, 1994; *Id.* **The Materiality of Stone: Explorations in Landscape Phenomenology 1**. Oxford: Berg, 2004; MESKELL, Lynn. Introduction: object orientations. In: MESKELL, L. (ed.) **Archaeologies of Materiality**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2005. p. 1-17. esp. p. 2-3; DAY, Jo. Introduction: making senses of the past. In: DAY, Jo (ed.). **Making senses of the past: toward a Sensory Archaeology**. Carbondale: Southern Illinois University, 2013. p. 1-31. p. 6-9.

³⁸ HAMILAKIS, Yannis. **Archaeology and the Senses**. p. 12.

³⁹ HAMILAKIS, Yannis. **Archaeology and the Senses**. p. 67.

os grupos subalternos e as possíveis motivações sensoriais que impulsionaram suas construções.

No segundo capítulo sigo pelas ruas cartaginesas e sabrathenses. O objetivo é compreender como as experiências viárias foram afetadas pelos avanços dos edifícios delineados no capítulo anterior. Os sentidos priorizados foram os de movimento e locomoção, visão e formas de percepção dos transeuntes. Mobilizo fontes literárias e materiais para demonstrar os afetos que essas novas mudanças também puderam causar. Nesse processo, procurei demonstrar os modos com que atores sociais se tornaram perceptíveis por meio da invasão de vias e dos espaços públicos pelos edifícios que habitavam e ou trabalhavam.

O terceiro capítulo continua no ambiente das ruas, mas volto a análise para os sentidos envolvidos na produção de descarte de resíduos sólidos e líquidos, além de indagar as formas de coleta existentes (ou não) tanto nas cidades romanas antigas de modo geral, quanto em casos particulares de cidades norte-africanas. O objetivo desse enfoque nas relações com o lixo é apontar para os limites presentes nas formas de compreensão moderna dos sentidos, em especial os odores, na antiguidade. Ao passar pelos modos possíveis de descarte e de coleta, termino por questionar como podemos compreender as proximidades e as distâncias dessas relações com resíduos numa chave sensorial.

A resposta para essa pergunta é a que embasa toda a construção do quarto e último capítulo. É nele que abordo, enfim, as experiências sensoriais dos trabalhadores urbanos. Para compreender essas experiências sensoriais, sua historicidade e suas clivagens sociais aponto que é preciso compreender as formações dos *habitus* sensoriais distintos. Para isto, começo com uma discussão teórico-conceitual, definindo os conceitos e as aplicações de grupos subalternos e *habitus*. Após apontamentos metodológicos para investigar um *habitus* sensorial subalterno, passo para alguns estudos de caso ao longo dos séculos IV e VII. Com esta temporalidade mais ampla, procurei demonstrar que não apenas os *habitus* sensoriais dos trabalhadores urbanos foram socialmente constituídos, como também suas experiências sensoriais, no interior de contextos sociais particulares, atuaram nas próprias formas como redesignaram e se reposicionaram na topografia urbana.

1 DAS RUAS ÀS PAISAGENS SENSORIAIS: CONDIÇÕES DAS VIAS E DOS ESPAÇOS PÚBLICOS ENTRE OS SÉCULOS IV E V

Estar em uma cidade mediterrânea durante a Antiguidade Tardia envolvia experimentar suas ruas em suas formas mais plurais. Essa pluralidade resultava tanto das composições materiais e formais dos espaços construídos das ruas quanto da diversidade de seus transeuntes. Aquilo que Jeremy Hartnett afirmou a respeito de Pompeia, Herculano e Roma no início do Principado também é válido para Antiguidade Tardia e, em especial, para nosso contexto norte-africano: as ruas eram os espaços por excelência de justaposição econômica, social, cultural e, portanto, sensorial das cidades⁴⁰. Apesar de conectar edifícios e espaços construídos da cidade, as ruas não eram apenas um local de passagem, mas também um ambiente de sociabilidade, de congregação, de trabalho, de manifestação religiosa, de exposição de poder político e, para os membros mais marginalizados, era utilizada como moradia⁴¹. Trafegar pelas ruas era, como ainda o é, um experimento que combinava e confundia tais funcionalidades elencadas. Práticas diversas, sensações conflitantes, pessoas dos mais variados grupos sociais se imiscuem, embaralham, chocam-se no espaço construído das ruas. Assim, ao mesmo tempo em que conectavam, que tornavam “múltiplos segmentos da vida parte da mesma coisa”⁴², as ruas colocavam em confronto diversas perspectivas sobre como agir, sentir, viver nas cidades. Proximidade e distância, identidade e diferença, essas são estas algumas das relações que atravessam as ruas, que as constituem e conformam os modos de percepção suscitados e ativados em seus espaços. Nesse sentido, para compreender os modos de constituição da paisagem sensorial urbana em seu âmbito mais geral, creio que o melhor caminho é começar nossa investigação pelas ruas.

Tentarei demonstrar neste capítulo como estavam articuladas as experiências urbanas com as materialidades das ruas a partir de um fenômeno bem específico e característico: o avanço de estruturas (em sua grande maioria, privadas) sobre o espaço das ruas. Para a realização dessa análise parto dos casos encontrados nas cidades de Sabratha e Cartago, em um período que vai da segunda metade do século IV (ou, talvez, a partir da primeira metade século III para Sabratha) até, mais ou menos, às vésperas da ocupação vândala na África do

⁴⁰ HARTNETT, Jeremy. **The Roman Street**: urban life and society in Pompeii, Herculaneum, and Rome. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

⁴¹ Características estas que também perduraram na Antiguidade Tardia: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas Populi*. p. 131-136.

⁴² HARTNETT, Jeremy. **The Roman Street**. p. 75: [...] *made multiple segments of life part of the same scene*.

Norte. A escolha dessas duas cidades específicas foi feita devido à materialidade das transformações que apresentam e a possibilidade de interpretá-las no interior de um conjunto viário mais amplo. Informações de múltiplos sítios cartagineses e a guinada qualitativa dos estudos na cidade a partir das campanhas de salvaguarda da UNESCO dos anos 1970 propiciaram não apenas informações pormenorizadas do desenvolvimento ao longo do tempo de localidades das mais distintas, como também forneceram saberes a respeito de uma globalidade da implantação e transformação do plano urbano da cidade. Sabratha, por sua vez, como será visto, apesar da forma indiscriminada de seu desenterramento realizado no início do século XX, fornece uma dimensão significativa de suas vias, que, quando entrecruzadas com escavações estratigráficas pontuais realizadas a partir da segunda metade do século XX, auxiliam a inquirir sobre as mudanças sofreram. Ademais, em alguns momentos farei alusões a fenômenos similares ocorridos em outras cidades do Império Romano, com ênfase em casos norte-africanos. O que se verá neste e no capítulo seguinte é, por um lado, como as experiências sensoriais relacionadas à locomoção, visão e formas de percepção dos transeuntes podem ser compreendidas a partir do estudo da materialidade das ruas, e, por outro, como determinados grupos e atores sociais se tornaram cada vez mais perceptíveis por meio da invasão das vias e dos espaços públicos, dado os avanços dos edifícios que habitavam ou trabalhavam. Antes, contudo, faço um sucinto delineamento das discussões historiográficas sobre as ruas na Antiguidade Mediterrânea, sobretudo no período romano, de modo a ressaltar as potencialidades da questão sensorial nestas análises e delimitar alguns cuidados e procedimentos teóricos e metodológicos que foram adotados na argumentação.

1.1 Como extrair sentido das ruas?

Apesar da relativa proeminência das ruas na construção de noções e imagens que possuímos das cidades antigas, os estudos urbanos antigos demoraram a compreendê-las como algo para além de um vazio *entre* edifícios. Talvez tenha sido apenas com os trabalhos de William MacDonald que as ruas passaram a ser estudadas como objetos privilegiados para compreender a organização da cidade romana. No segundo volume de seu *A Arquitetura do Império Romano*, de 1986, MacDonald lançou mão das abordagens fenomenológicas de Kevin Lynch e, em particular, da noção de “armação urbana” (*urban armature*)⁴³ para compreender a organização de diversos elementos presentes na paisagem das cidades: ruas principais, praças, pontos nodais que amarram e disponibilizam passagens por toda cidade e

⁴³ LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. M.C. Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 2014. p. 11.

garantem a conexão e o acesso aos edifícios públicos, caminhos que eram marcados por segmentos rítmicos, marcos na paisagem, como fontes e arcos triunfais, ao longo de seus trajetos⁴⁴. Na esteira de MacDonald, as ruas continuaram como foco de análise de outras pesquisas advindos, principalmente, da história da arquitetura. Nos anos 1990, estudos como os de Fikret Yegül⁴⁵, para Éfeso, e de Diane Favro⁴⁶, para a Roma de Augusto, buscaram compreender, por meio da construção de caminhadas imaginárias pelos sítios estudados, os impactos dos edifícios públicos tanto na paisagem urbana quanto nos modos de percepção e movimentação pelas cidades, de modo a construir e delimitar quais as imagens urbanas possíveis naqueles contextos viários.

Tais trabalhos renderam frutos, como a criação de projetos de pesquisas voltados para melhor estruturar essas “caminhadas imaginárias” em Roma e algumas outras cidades do Império, assim como obras coletivas e monografias que se inspiraram em e dialogaram diretamente com tais propostas⁴⁷. Contudo, tais abordagens não foram imunes às críticas. Dentre elas, duas merecem maior ênfase. A primeira está relacionada com o subjetivismo empregado. Essas tentativas de compreender os impactos dos monumentos e edifícios sobre as ruas e na circulação de pessoas, tiveram suas metodologias criticadas devido ao que seria

⁴⁴ MACDONALD, William L. **The Architecture of the Roman Empire II: An Urban Appraisal**. New Heaven, London: Yale University Press, 1986. p. 2-3, 5, 22.

⁴⁵ YEGÜL, Fikret K. Ephesus: the street experience of Ancient Ephesus. In: ÇELIK, Z.; FAVRO, D.; INGERSOLL, R. **Streets: Critical Perspectives on Public Space**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1994. p. 95-110.

⁴⁶ FAVRO, Diane. **The urban image of Augustan Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

⁴⁷ Dentre a grande quantidade de produções e os projetos que seguiram estas publicações, ressalto apenas alguns, de modo a não ser exaustivo. O primeiro é o projeto já finalizado sobre os usos multiseculares da *Via Tiburtina*, realizado pelo Instituto Sueco de Roma (*Svenska Institutet I Rom*), que rendeu a publicação coletiva de 2005, organizada por: BJUR, H.; SANTILLO FRIZELL, B. (Eds.). **Via Tiburtina. Space, movement and artefacts in the urban landscape**. Rome: The Swedish Institute in Rome, 2005. Do enorme volume dos trabalhos produzidos, com grandes variações temáticas, que estudaram desde bairros tidos como periféricos até procissões imperiais, com abordagens sincrônicas ou diacrônicas, destaco, primeiro, o balanço desta produção realizado por: ÖSTENBERG, I.; MALMBERG, S.; BJØRNEBYE, J. Introduction. In: ÖSTENBERG, I.; MALMBERG, S.; BJØRNEBYE, J. (Eds.). **The moving city: processions, passages and promenades in Ancient Rome**. London: Bloomsbury, 2015. p. 1-9. Do mesmo modo, elenco apenas alguns destes estudos que exemplificam a continuidade e variedade destas abordagens, como: FAVRO, Diane. The festive experience: Roman processions in the urban context. In: BONNEMAISON, S; MACY, C. (Eds.). **Festival Architecture**. London: Routledge, 2007. p. 10-42; MALMBERG, Simon. Finding your way in the Subura. In: DRIESSEN, M. *et al.* (Eds.). **TRAC 2008: Proceedings of the Eighteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference**. Oxford: Oxbow Books, 2009. p. 39-51; ÖSTENBERG, Ida. **Staging the world: spoils, captives, and representations in the Roman triumphal procession**. Oxford: Oxford University Press, 2008. esp. p. 1-18, 189-292; MULRYAN, Michael. The establishment of urban movement networks: devotional pathways in Late Antique and Early Medieval Rome. In: DUGGAN, M. *et al.* (Eds.). **TRAC 2011: Proceedings of the Twenty First Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Newcastle 2011**. Oxford: Oxbow Books, 2012. p. 123-134. BERTRAND, Audrey. Parcourir la ville. Le marcheur et les temples à l'époque romaine, quelques pistes de réflexion. **CLARA**, Vol. 1, p. 45-60, 201; HAUG, Annette. Emotion and the city: the example of Pompeii. In: FLOHR, Miko (Ed.). **Urban space and urban history in the Roman World**. London, New York: Routledge, 2021. p. 39-65.

um embasamento fraco na documentação e a uma observação direta feita *in loco*, com demandas e critérios atribuídos, em maior parte, por aquilo que o pesquisador julgasse marcante e monumental aos “seus olhos”⁴⁸. A segunda crítica diz respeito à centralidade dada à visão na experiência sensorial. Apesar do reconhecimento de que o conceito de “imagem urbana” não se limita ao campo visual e de que a cinética também compõe aquilo que é visto, essa abordagem por caminhadas imaginárias pelas ruas ressaltou apenas os elementos atribuídos como marcantes por meio da visão⁴⁹. A experiência urbana a partir das ruas acabou resumida ao engajamento do olhar. Em tempos mais recentes, a própria Favro apontou justamente para esta questão: “É hora de acabar com a tirania da visão e explorar todos os aspectos da experiência das cidades do passado”⁵⁰. Foi o que a autora procurou realizar em outro trabalho, no qual tentou demonstrar como a construção do arco de Septímio Severo impactava o tráfego de pessoas e animais em Roma⁵¹. Assim, Favro alegou que, não apenas o monumento finalizado, mas o próprio processo construtivo, com movimentação de pessoas, veículos e materiais de construção teriam os mesmos efeitos políticos e propagandísticos que estudou por meio de suas caminhadas imaginárias.

Em resposta a essas críticas, uma outra forma de abordar os usos das ruas na Antiguidade, com ênfase nos modos de circulação nas cidades, emergiu e se difundiu após os anos 2000. Por meio de ferramentas metodológicas como a “sintaxe espacial” (*space syntax*), autores como Alan Kaiser⁵², Ray Laurence⁵³ e Hanna Stöger⁵⁴ enfocaram as relações

⁴⁸ O subjetivismo excessivo destas análises foi alegado em diversos lugares. Muitas vezes de modo até injusto, sobretudo por tentar sair de interpretações estanques e transpor barreiras de campos disciplinares e imaginativas. Creio que esse é o caso da crítica de: JAEGER, Mary. *Urban Image of Augustan Rome*. Review of Diane G. Favro, *The urban image of Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. **BMCR**. 1997. Críticas mais assertivas, mas que levam em conta a importância dessas produções e os modos de emprego dos conceitos de Lynch na história urbana antiga, são encontradas em: KAISER, Alan. **Roman urban street networks**. London: Routledge, 2011. p. 3-5; Além da contundente crítica feita à falta de pessoas nas abordagens de, sobretudo, William MacDonald, realizadas por: FRAKES, James F.D. **Framing public life: the portico in Roman Gaul**. Wien: Phoibos Verlag, 2009. p. 8, n. 28.

⁴⁹ Ver as críticas sobre a primazia visual em: BETTS, Eleanor. Towards a multisensory experience of movement in the City of Rome. In: LAURENCE, Ray; NEWSOME, David J. (Eds.). **Rome, Ostia and Pompeii: movement and space**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 118-132. p. 118-119, 131. No que diz respeito a importância da cinética, ver: KEMP, Joanna. Movement, the Senses and Representations of the Roman World: Experiencing the Sebasteion in Aphrodisias. **Exchanges: The Interdisciplinary Research Journal**, vol. 3, n. 2, p. 157-184, 2016. p. 158-159.

⁵⁰ FAVRO, Diane. Construction traffic in Imperial Rome: building the Arch of Septimius Severus. In: LAURENCE, Ray; NEWSOME, David J. **Rome, Ostia and Pompeii: movement and space**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 332-360. Para estas representações digitais do impacto no movimento nas ruas e nos espaços públicos, ver p. 350, Fig. 14.8; p. 356, Fig. 14.14.

⁵¹ FAVRO, Diane. Construction traffic in Imperial Rome. p. 359-360.

⁵² KAISER, Alan. **Roman urban street**.

⁵³ LAURENCE, Ray. **Roman Pompeii: Space and Society**. 2nd ed. London: Routledge, 2007. esp. p. 88-102.

⁵⁴ STÖGER, Hanna. **Rethinking Ostia: a spatial enquiry into the urban society of Rome's Imperial port-town**. Leiden: Leiden University Press, 2011.

estabelecidas entre os espaços construídos e as significações sociais atribuídas às vias, por meio do exame integrado dos edifícios arquitetônicos, que vai da análise do cômodo ao edifício e deste até ao nível da cidade. Para utilizar a expressão de Laurence ao revisar os trabalhos dos últimos anos neste campo, os estudos passaram “do movimento à mobilidade”⁵⁵. Assim, cálculos estatísticos integraram a composição dos parâmetros e das perspectivas de interação que guiariam as escolhas dos usos de determinadas ruas para circulação, do mesmo modo que para habitação, trabalho e atividades lúdicas e políticas. Apesar do grande esforço metodológico e da análise refinada dos dados materiais, algumas desvantagens dessa abordagem foram ressaltadas. Uma primeira reside no reduzido (quando não nulo) espaço para as ações dos atores sociais enquanto circulavam pelos ambientes construídos. A ênfase nas estruturas, com intuito de evitar um subjetivismo que seria presente nas “caminhadas imaginárias”, acabou por desaguar em abordagens quase deterministas sobre fluxo e uso das ruas. Outra crítica bem próxima a essa primeira recai sobre a uma tendência desse tipo de análise em adequar os vestígios materiais encontrados a um tipo de racionalidade e ordenação urbanas nem sempre condizentes com a ou empregadas na realidade passada⁵⁶.

Apesar de oferecerem referenciais importantíssimos para o estudo das estruturas urbanas *a partir* das ruas, tanto a perspectiva fenomenológica, quanto os estudos que se fundam na sintaxe espacial deixam de lado uma questão fundamental: quais grupos e atores sociais projetavam, utilizavam, manipulavam ou transformavam as ruas? Dito de outro modo, ambas as correntes interpretativas ocultam as diferenças sociais e os diversos impactos que as materialidades das ruas provocam na constituição sensorial de grupos e atores distintos. É essa lacuna que a abordagem proposta a seguir pretende suprir. Ao estudar o avanço de estruturas edilícias sobre as ruas, vamos, primeiro, compreender as formações sensoriais nesse processo para, em seguida, investigar como eram realizadas as táticas não apenas dos transeuntes, mas daqueles grupos sociais que projetaram seus edifícios em direção às ruas, de maneira a saber quem eram, de quais modos realizaram essas mudanças, e quais os objetivos que possuíam com estas ações, além dos efeitos que ultrapassavam suas vontades primeiras.

⁵⁵ LAURENCE, Ray. Endpiece. From movement to mobility: future directions. In: LAURENCE, R.; NEWSOME, D. (Eds.). **Rome, Ostia, Pompeii: movement and space**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 386-401.

⁵⁶ Estas críticas estão bem expressas em: HARTNETT, Jeremy. **The Roman Street**. p. 13-14. *One draw-back, however, is that access analysis can feel remarkably abstract and deterministic, leaving little space to consider the agency of individuals as they navigated the built environment. An additional undercurrent in many studies that peer down on the city from on high is their presumption of an inherent order in urban form. They tend to imagine the material remains as a puzzle whose pieces will, if properly and rationally disposed, neatly and sensibly fit together. There is no doubt that Roman cities were systems of sorts, with one action or construction affecting another. But believing that they were efficient and optimized is, as we shall see, problematic.*

Adiantos que não foram apenas atores sociais pertencentes às elites que tiveram seus edifícios reformados e projetados sobre as ruas. Tentarei sempre que possível ressaltar a participação dos atores sociais subalternos no processo de construção dessas paisagens e sensorialidades urbanas mais amplas, de modo a responder a perguntas que são básicas e complexas a um só tempo: *quem* eram os que mais estavam implicados em avanços sobre os espaços públicos, *como* os realizavam, com *quais* intuítos e por meio de *quais* formas?

Duas notas de advertência são necessárias antes de explorar a documentação material. A primeira é que, embora tenha delimitado as modulações sensoriais para análise de alguns sentidos experimentados nas ruas, este é um recorte apenas de caráter analítico. A experiência sensorial das ruas é inerentemente multissensorial. Estar atento a esse aspecto é importante não apenas para não esgotar as possibilidades sensoriais que proporcionavam, mas também para demonstrar os limites (tanto os aplicados nos estudos modernos quanto aqueles que foram impostos pela documentação) ao realizar uma pesquisa sobre a experiência sensorial. Deste modo, não se pode deixar de recordar que discussões no *forum*, acompanhadas pelo som da água corrente nas fontes, ou pelos ruídos dos burburinhos das conversas nas ruas ou em outros espaços de aglomeração, como em frente aos principais edifícios, sejam basílicas civis, *tabernae*, igrejas, templos e termas, combinam-se sempre com aquilo que é visto, pisado, manipulado; experiências que também eram atravessadas pelos cheiros das comidas, das fumaças de fornalhas, dos óleos queimados das lâmpadas, dos incensos de rituais religiosos, dos corpos dos demais transeuntes, para ficarmos com poucos exemplos do que poderia compor a multissensorialidade no ambiente das ruas e de espaços abertos em uma determinada ocasião. A combinação simultânea desses aspectos cria a identificação sensorial e as associações mnemônicas de uma *localidade*⁵⁷. Assim, é preciso estar atento ao fato de que, mesmo quando não mencionados e analisados em seus pormenores, outros estímulos e percepções sensoriais estavam presentes nas constituições das paisagens urbanas, integrados nas circulações, visualizações e presenças nas vias.

De igual modo, é preciso ressaltar a temporalidade das percepções sensoriais a partir das ruas. As formas com que essas percepções eram experimentadas variavam de acordo com as estruturações temporais de seus usos⁵⁸. Isto diz respeito a duas instâncias indissociáveis de

⁵⁷ BETTS, Eleanor. Towards a multisensory experience. p. 123-124.

⁵⁸ VINCENT, Alexandre. La sensibilité d'une ville : Rome, entre histoire urbaine et histoire des sens. In : COURRIER, C. ; GUILHEMBET, J.-P. ; LAUBRY, N. ; PALOMBI, D. (Eds.). **Rome, archéologie et histoire urbaine**: trente ans après l'*Urbs* (1987). Rome : Publications de l'École française de Rome, 2022. p. 389-404. p. 393 : [...] *la ville des sens est soumise au rythme des saisons, des jours voire des heures*. (... a cidade dos sentidos está sujeita aos ritmos das estações, dos dias e mesmo das horas).

como o tempo das ruas estava dividido. A primeira, de âmbito mais geral, está relacionada com as formas de estruturação temporal na Antiguidade e com a divisão cronológica do tempo em sua dimensão sazonal. No mundo romano, o dia era dividido em duas partes: uma marcada pela claridade da luz do dia e a outra pela escuridão da noite e cada parte era igualmente dividida em 12 horas, sendo que a primeira hora era marcada com o nascer do sol. Segundo esse princípio de divisão, a dimensão das horas variava de acordo com as estações. No verão, com maior tempo de claridade, as horas eram mais longas (chegando até a 75 minutos). No inverno, com menor claridade, as horas eram mais curtas (chegando até a 45 minutos). Contudo, em diferentes estações, a sétima hora sempre correspondia ao mesmo horário, às 12 horas em nossa divisão moderna⁵⁹. Essa organização do tempo fornece indícios de práticas realizadas nas ruas em determinados momentos ao longo do dia⁶⁰. Os usos das ruas das cidades já poderiam estar em plena funcionalidade desde a primeira ou segunda hora do dia para atividades religiosas e laborais⁶¹. Fontes literárias mais recuadas apontam que, por sua vez, as termas eram utilizadas a partir da sexta hora, e que sua frequência poderia se estender até a décima primeira⁶². Mas em qual horário se iniciavam as atividades dos trabalhadores das termas para que tudo estivesse aquecido e pronto para funcionamento por volta da sexta hora? Para quais atores sociais era possível o uso das termas e de outros espaços urbanos nesse período? Seriam todos os habitantes urbanos que paravam suas atividades laborais na décima segunda hora? Tais questões demonstram a segunda instância das distinções temporais das ruas: as múltiplas temporalidades de grupos e atores sociais que seus espaços colocavam em relação. As experiências e as expectativas, moduladas a partir das práticas (laborais) rotineiras, conformam relações temporais distintas entre atores sociais e seus espaços de trabalho, de lazer, de habitação, e de uso dos espaços públicos e de

⁵⁹ LAURENCE, Ray. **Roman Pompeii**. p. 104-105. Para Antiguidade Tardia e continuidade dessa divisão, ver: LANÇON, Bertrand. **Rome in Late Antiquity: everyday life and urban change, AD 312-609**. Transl. Antonia Nevill. New York: Routledge, 2000. p. 132-133; SESSA, Kristina. **Daily Life in Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 228.

⁶⁰ Sobre as experiências e práticas realizadas durante o período noturno na Antiguidade romana, ver: NISSIN, Laura. **Roman sleep: sleeping areas and sleeping arrangements in the Roman house**. Helsinki: 2016. esp. p. 47-51; em que retoma posições antes expressas em: *Id.* **Sleeping Culture in Roman Literary Sources**. **Arctos**, vol. 49 p. 95-133, 2015. Um quadro ensaístico e impressionista da vida multifacetada noturna no Império Romano, que deve ser lido com cuidado a determinadas tendências normativas adotadas, foi feito por: STOREY, Glenn R. **All Rome is at my bedside: nightlife in the Roman Empire**. In: GONLIN, N.; NOWELL, A. **Archaeology of the night: life after dark in the ancient world**. Boulder: University of Colorado press, 2017. p. 307-331. A questão noturna na Antiguidade Tardia foi recentemente abordada em: DOSSEY, Leslie. **Night in the Big City: Temporal Patterns in Antioch and Constantinople as Revealed by Chrysostom's Sermons**. In: de WET, C.; MAYER, W. (Eds.). **Revisoning John Chrysostom**. Leiden, Boston: Brill, 2019. p. 698-732.

⁶¹ LAURENCE, Ray. **Roman Pompeii**. p. 106-107. Ver também a anedota sobre o vendedor que já expunha suas mercadorias pela manhã contada por: Agostinho. **Conf.** III.7.13.

⁶² LAURENCE, Ray. **Roman Pompeii**. p. 106. Para Antiguidade Tardia e usos mais tardios, ao menos no contexto de Antioquia, ver: DOSSEY, Leslie. **Night in the Big City**. p. 712.

circulação⁶³. A temporalidade da experiência urbana a partir das ruas é constituída por essas múltiplas percepções temporais. O espaço das ruas acaba por ser, portanto, o espaço de sincronicidade dessas temporalidades distintas⁶⁴. A dimensão temporal, desse modo, acrescenta mais uma disputa entre essas percepções em diferentes âmbitos da vida social, como, por exemplo, nos usos temporais religiosos das ruas ou nas atividades dos trabalhadores⁶⁵.

Não adentrarei de modo minucioso em todas essas questões, pois elas ultrapassam os objetivos almejados⁶⁶. O mais importante é alertar para o fato de que as ruas eram frequentadas por atores diversos e de modos distintos ao longo de um dia e, portanto, produziam experiências sensoriais variáveis no transcorrer destas circunstâncias. Cabe dizer que grande parte das indagações e análises propostas neste capítulo e no seguinte dizem respeito aos usos da materialidade das cidades durante as 12 horas demarcadas pela claridade solar, mais do que no período noturno.

A segunda nota de advertência tem um caráter metodológico e explica a forma de construção deste capítulo. A questão sensorial deve ser levada em consideração no próprio processo de constituição de *uma* antiguidade por meio dos saberes modernos⁶⁷. Isto se torna ainda mais manifesto quando se adentra o âmbito da materialidade e do conhecimento arqueológico, que é atravessado por processos sensoriais em seu procedimento de criação de evidências⁶⁸. De modo semelhante, é preciso sempre reiterar o cuidado com os processos multisseculares com que as fontes literárias e as documentações materiais chegaram até os

⁶³ A principal referência a tais questões relacionadas entre temporalidade e *praxis* laboral advém de: THOMPSON, Edward P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 267-304. Sobre as relações entre experiências e expectativas e consecutiva conformação das temporalidades, ver: KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo. In: KOSELLECK, R. **Estratos do tempo**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2014. p. 19-25.

⁶⁴ A noção da rua enquanto um espaço de sincronicidade foi formulada a partir da concepção das “práticas de sincronicidade” elaborada por: JORDHEIM, Helge. Camadas do tempo: precondições históricas e semânticas para uma estratigrafia do tempo e da história. In: SALOMON, M. (Org.). **Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos**. Trad. C.H. Guazzelli e Souza. Goiânia: Edições Ricochete, 2018. p. 291-310.

⁶⁵ Como bem demonstrado por: DOSSEY, Leslie. Night in the Big City. Sobre as questões religiosas e os conflitos relacionados às demarcações temporais das ruas, ver também: KAABIA, Ridha. La fête publique de la *lauatio* de Magna Mater à Carthage d'après Augustin (*De Civitate Dei*, II, 4). In : CORBIER, M. ; MEHDI, J. (Eds.). **Le cérémonial dans les sphères politiques et religieuses à travers les âges: actes du colloque international organisé à la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Sousse les 19-21 novembre 2015**. Tunis : Majma' al-Aṭraṣh lil-Nashr wa-Tawzī' al-Kitāb al-Mukhtaṣṣ, 2017. p. 105-123.

⁶⁶ Embora os ritmos do trabalho sejam cruciais na elaboração do *habitus* sensorial dos trabalhadores, como demonstrado no capítulo 4.

⁶⁷ HAMILAKIS, Y. **Archaeology and the senses: human experience, memory, and affect**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 119.

⁶⁸ HURCOMBE, Linda. A sense of materials and sensory perception in concepts of materiality, **World Archaeology**, 39:4, 532-541, 2007. esp. p. 532-533; HAMILAKIS, Y. **Archaeology and the senses**. p. 48-55.

nossos dias. Assim, deve-se estar alerta às *imagens de cidade* mobilizadas tanto por grupos sociais antigos quanto por escavadores e historiadores modernos em suas formas de engajamento com as materialidades urbanas. Em outras palavras, é preciso estar atento, a um só tempo, tanto aos processos históricos de seleção referentes aos próprios grupos e atores sociais do passado, aos critérios que empregavam em situações de manutenção, reutilização, destruição ou abandono dos edifícios e ruas, quanto às tradições de saberes historiográficos e arqueológicos que, durante muito tempo com enfoque em grandes monumentos, fizeram emergir muito dos materiais que conhecemos da Antiguidade.

Devido a essas questões, optei por tornar evidente, num primeiro momento, como as preocupações dos estudos modernos com as ruas e com os planos urbanos das cidades em questão estavam embasados em perspectivas do que seria a rua antiga, suas composições materiais e seu enquadramento no plano maior e na definição da cidade antiga. Demonstrar o processo de como essas noções estão materializadas nos sítios arqueológicos como os conhecemos hoje daquelas cidades de outrora é de fundamental importância. Isso por alguns motivos: primeiro, porque apresenta a sensorialidade e as ideias de ruas e cidade romanas antigas dos pesquisadores em ação *in situ*; segundo, porque sublinha os limites e as potencialidades do nosso conhecimento a respeito das materialidades que foram escavadas/desenterradas; terceiro, porque reforça a importância da análise sensorial para reinvestigar as materialidades já produzidas nos trabalhos arqueológicos; e, por fim, mas não menos importante, porque permite ressaltar materiais e fenômenos que foram excluídos ou incluídos como intrusões na organização urbana pelos escavadores. Ter isto em mente é se equipar com um conjunto de ferramentas que auxiliam num uso crítico e não ingênuo de documentações produzidas em contextos dos mais diversos, sobretudo aquelas que resultaram das escavações levadas a cabo em contextos coloniais do século XIX e inícios do XX. Trata-se, em outras palavras, de construir meios de não descartar os materiais produzidos naqueles contextos, o que David Stone recentemente chamou de “dados legados” (*legacy data*), e ampliar a potencialidade de temas de pesquisas que essa documentação ainda pode proporcionar, apesar de todas as suas limitações⁶⁹.

Creio que, antes de passar à análise de fato das mudanças materiais urbanas de Cartago e Sabratha, o caso de uma rua em particular permitirá observar tudo o que foi dito até aqui: a identificação dos sentidos em uma determinada *localidade*, a multiplicidade das

⁶⁹ STONE, David L. Archaeology. In: HITCHNER, R. Bruce. **A companion to North Africa in Antiquity**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2022. p. 9-23. p. 12-13.

relações sensoriais e temporais distintas experimentadas num mesmo espaço, suas ações nas imaginações antigas e modernas, além das práticas de escavação e da produção de conhecimento realizadas desde o século XIX.

1.2 Impressões sobre uma rua: o *vicus argentariorum* e as memórias de uma rua marcante

O traçado urbano de Cartago, em suas variadas formas ao longo da história da cidade, provocou e continua provocando a imaginação de muitos. Relatos antigos e modernos demonstram a curiosidade e o encanto causados pela cidade que foi “quatro vezes metrópole”⁷⁰, ou seja, quatro vezes centro econômico, cultural e de poder. Esse é o caso de um texto datado de por volta da metade do século IV, escrito por um autor anônimo que buscava dissertar sobre os lugares e as *gentes* encontrados ao redor de todo mundo conhecido em sua época. Trata-se da *Expositio totius mundi et gentium*⁷¹. No momento de sua exposição sobre a África, em meio às numerosas cidades da região, o anônimo coloca Cartago em um lugar preeminente e admirável (*praecipua et admirabile*), pois:

“Seu plano é merecedor de todos os elogios: efetivamente, a regularidade de suas ruas é igual à das plantações. Ela é realmente bela por todos os seus lugares. Possui um odeão e um porto extraordinário a ser visto, que oferece um mar sereno e sem temor aos navios, graças à segurança plena que tem. Encontrará ainda uma obra pública distinta: a rua dos ourives. No que diz respeito às atividades prazerosas, os habitantes são aficionados em um só espetáculo: os jogos do anfiteatro”⁷².

As palavras são de pura exaltação. Nada fora do comum com outras exposições de grandes cidades que aparecem na obra⁷³. Não é de se espantar que, nesse sentido, o odeão e o porto da cidade tenham sido elencados. Afinal, um demarcaria um elemento cultural importante e o

⁷⁰ Esta expressão faz referência aos quanto momentos históricos em que a cidade assumiu enorme proeminência no Mediterrâneo, como cidade fundadora de uma talassocracia no período púnico, com sua refundação e estabelecimento como capital de província romana, sede do reino vândalo e, outra vez, capital provincial com a dominação bizantina. A expressão se encontra em: DOCTER, Roald. The topography of Archaic Carthage. Preliminary results of recent excavations and some prospects. *Talanta*, vol. XXXIV-XXXV, p. 113-133. 2002-2003. p. 113-115.

⁷¹ Para a datação do texto, ver a discussão bibliográfica em realizada por ROUGÉ, Jean. Introduction. In: **Expositio Totius Mundi et Gentium**. Paris: Éditions du Cerf, 1966. p. 7-137. esp. p. 9-26.

⁷² **Expositio LXI**, 9-17. *Quae dispositione valde gloriosissima constat, <etenim ordinem arborum habet in vicis aequales; formositatem vero locum pro loco possidens, habet odeum> et portum super omne novum visum habens, Neptunum sine timore navium serenum praestare videtur, securitatis enim plenus est. Et iterum praecipuum invenies opus publicum in ea, vicum argentariorum. In delectabilibus vero unum solum spectaculum valde contentiose expectant habitantes: munerum.* Sobre a forma final deste parágrafo, sobretudo nas correções da cópia da edição manuscrita, ver os argumentos de: ROUGÉ, Jean.

⁷³ Para um exemplo, ver: DIAS, Paula B. Uma cidade fascinante, mas violenta. A descrição de Alexandria na *Expositio totius mundi et gentium*. **Boletim de Estudos Clássicos**, n. 63, p. 47-71, 2018.

outro um ponto, além de monumental, marcante para a conexão da cidade com o Mediterrâneo, fonte de seu poder em diversos momentos⁷⁴. Nem mesmo a paixão pelos *munera* destoa do esperado a essas caracterizações, pois envolve espetáculos e o próprio edifício de sua realização. O atributo mais significativo da cidade e dissonante de suas comparações com as demais descrições no interior da obra se encontra na atenção voltada para as ruas. Dentre tudo que poderia ser elencado, é a disposição do traçado urbano, *dispositione*, a rigidez do planejamento de suas ruas e suas formas rigorosas que ganham o primeiro plano. Na verdade, dentre a rede urbana, uma “obra pública” notável não é nada menos do que uma rua específica, o *vicus argentariorum*. Alguém poderia se perguntar se o autor esteve ou não em Cartago para saber se essas características do traçado seriam verdadeiras, uma vez que a referência à cidade estava permeada pela narrativa de Virgílio, como seu mito fundacional e de seu recurso à etimologia de Byrsa⁷⁵. Mas isso não importa tanto. Aliás, o contrário é ainda mais surpreendente. Não conhecer a cidade *in loco* torna a seleção de “obras públicas” ainda mais excepcional, pois demonstra que os destaques gravados na memória coletiva e em um *topos* linguístico difusos no mundo ao qual pertencia esse anônimo foram os que, dentre outras possibilidades, elevaram o planejamento urbano cartaginês, suas ruas, e a posição de destaque de uma dessas. Em outras palavras, a disposição urbana de Cartago no século IV chamava a atenção e povoava a imaginação pelo Império afora.

A impressão sobre as ruas cartaginesas desse autor anônimo se torna uma resposta similar à dada por Jane Jacobs, em seu famoso livro sobre as cidades, para a pergunta: “Pense em uma cidade e o que vem à mente? Suas ruas”. São elas que, ainda segundo Jacobs, formam os órgãos vitais de uma cidade⁷⁶. No entanto, por que Cartago em particular mereceu essa exaltação de suas ruas e plano por aquele anônimo, enquanto outras cidades ilustres citadas em sua obra não? Uma explicação pode ser encontrada na forma e disposição do plano cartaginês e, claro, na composição desse *vicus argentariorum*.

Começemos por este último. Devido a seu nome, esse *vicus* poderia reunir dois tipos de profissionais. Como Pierre Gros apontou, *argentarius* significava tanto alguém que

⁷⁴ Sobre o interesse particular sobre os portos e a demonstração de um maior conhecimento de Cartago na parte ocidental do Império pelo autor da *Expositio*, ver ROUGÉ, Jean. Introduction. p. 37-38. Sobre o papel da conexão com o mar e a formação de Cartago, ver: DECRET, François. **Carthage ou l'empire de la mer**. Paris : Seuil, 1977.

⁷⁵ **Expositio.**, LXI, 6-9. A referência é da passagem que se encontra em: Virgílio. **Aen.** I, 365-368.

⁷⁶ JACOBS, Jane. **The death and life of great American cities**. New York: Vintage Books, Random House, 1961. p. 29: *Streets and their sidewalks, the main public places of a city, are its most vital organs. Think of a city and what comes to mind? Its streets.*

trabalhava no câmbio e com funções bancárias, quanto o artesão que fabricava e manipulava objetos em ouro e prata, o ourives⁷⁷. A partir do século IV, o termo era empregado cada vez mais para designar os artesãos. Um personagem que, por certo, esteve em Cartago e mencionou este mesmo *vicus* com alusão aos dois significados possíveis de *argentarius* foi Agostinho. Num caso, quando pregava na própria metrópole, no último trimestre de 412, empregou-o para recomendar, de forma irônica, que um avarento guardasse seu dinheiro na segurança do *vicus argentarius*:

“Aqui na terra, se queres conservar riquezas, procuras um armazém, talvez não confies em tua casa por causa de teus empregados domésticos. Recomendas ir à rua dos ourives/banqueiros (*vicum argentarium*), ali é difícil ter uma perda. O ladrão não tem fácil acesso e tudo é bem guardado. Por que pensas nisto, senão porque não tem lugar melhor para manter a salvo suas riquezas?”⁷⁸.

Nesta passagem a referência é, por certo, aos banqueiros, que possuíam seus locais de atendimento na famosa rua da cidade⁷⁹. Na ironia de Agostinho, aquele que quisesse guardar seu dinheiro, encontraria no *vicus argentariorum* o melhor local para realizar essa finalidade. Seu grau de segurança, posição e a dificuldade de acesso pelos ladrões tanto à rua quanto às lojas dos banqueiros formam os destaques de sua confiabilidade.

Tais questões de segurança e características topográficas surgem em outra passagem em que faz referência ao *vicus*, agora em suas *Confissões*, ao narrar uma aventura pelo centro de Cartago protagonizada por Alípio, seu amigo e, então, aluno. Neste episódio, no qual o distraído Alípio foi preso no *forum*, Agostinho conta que:

“[Alípio] Caminhava sozinho diante o tribunal, com as tabuinhas e o estilo, quando eis que um jovem estudante, o verdadeiro ladrão, carregava uma machadinha escondida, ingressou sem que Alípio o percebesse e foi junto às grades de chumbo que estavam acima da rua dos ourives/banqueiros, e começou a golpear o chumbo. Mas, ao ouvir o som da machadinha, os ourives, que estavam embaixo [i.e., na rua], cochicharam e mandaram procurar e

⁷⁷ GROS, Pierre. Le forum de la haute ville dans la Carthage romaine d'après les textes et l'archéologie. *CRAI*, 126^e année, N. 3, p. 636-658, 1982. p. 652. Gros segue os estudos de H. von Petrikovits, citado à p. 652, n. 63.

⁷⁸ Agost. *En. in Psalm.* 38,12: *Hic in terra si velles servare divitias, quaereres horreum: forte non crederes domui tuae propter domesticos tuos: commendas ad vicum argentarium: difficilis est enim ibi casus, fur non facile accedit, bene omnia servantur. Quare ista cogitas, nisi quia non habes melius ubi serves?*

⁷⁹ A rua que acabou se tornando sinônimo de instituição bancária, ao menos para alguns observadores/tradutores modernos. Um exemplo disto é observar as traduções italiana, espanhola e portuguesa e o modo como traduzem *vicus argentarius*: na edição em italiano: “*le daresti in custodia al banco*”; a espanhola da BAC: “*las depositas en un banco*”; a em português, da editora Paulus: “Entregas, então, a um banco”. O caráter de rua é apagado e é interpretado apenas como metonímia da atividade referida.

prender quem estivesse ali. Ao ouvir as vozes, o jovem fugiu e abandonou a ferramenta, com medo de ser pego com ela. Porém, Alípio, que não o havia visto entrar, percebeu sua saída e o viu partir correndo. Curioso para conhecer o motivo, entrou no lugar e, ao encontrar a machadinha, ficou a examiná-la, admirado. Eis que aqueles que foram enviados o encontraram sozinho segurando a machadinha de ferro, por cujo barulho haviam se aproximado. Eles o prendem e o arrastam, vangloriam-se perante os frequentadores do *forum* ali reunidos por terem capturado o ladrão em flagrante, e de lá o conduzem aos juízes”⁸⁰.

Algumas características elencadas nessa narrativa são marcantes e imprescindíveis para compor a configuração da rua, ao menos neste trecho. Em primeiro lugar, ela ficava vizinha ao *forum*, ou melhor, *abaixo* do *forum*. Nesse desnível, a rua podia ser vista pela abertura de um terraço equipado com grades – alvo da ação do jovem ladrão. O terraço, por sua vez, era acessível após o ingresso em um edifício, a basílica judiciária, que Agostinho chamou de *tribunal*⁸¹. Havia também, a partir da rua, possibilidades de contato visual e sonoro com o terraço desse edifício situado no *forum*. Ao que tudo indica, um contato sonoro

⁸⁰ Agost. Conf. VI.9.14: *Quippe ante tribunal deambulabat solus cum tabulis ac stilo, cum ecce adulescens quidam ex numero scholasticorum, fur verus, securim clanculo apportans illo non sentiente ingressus est ad cancellos plumbeos, qui vico argentario desuper praeminet, et praecidere plumbum coepit. Sono autem securis audito submurmuraverunt argentarii, qui subter erant, et miserunt qui apprehenderent quem forte invenissent. Quorum vocibus auditis relicto instrumento ille discessit timens, ne cum eo teneretur. Alypius autem, qui non viderat intrans, exeuntem sensit et celeriter vidit abeuntem et causam scire cupiens ingressus est locum et inventam securim stans atque admirans considerabat, cum ecce illi, qui missi erant, reperiunt eum solum ferentem ferrum, cuius sonitu exciti venerant; tenent, attrahunt, congregatis inquilinis fori tamquam furem manifestum se comprehendisse gloriuntur, et inde offerendus iudiciis ducebatur.*

⁸¹ Para a composição desse sentido metonímico ao tribunal como noção de basílica judiciária, sigo: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas Populi*. p. 47.

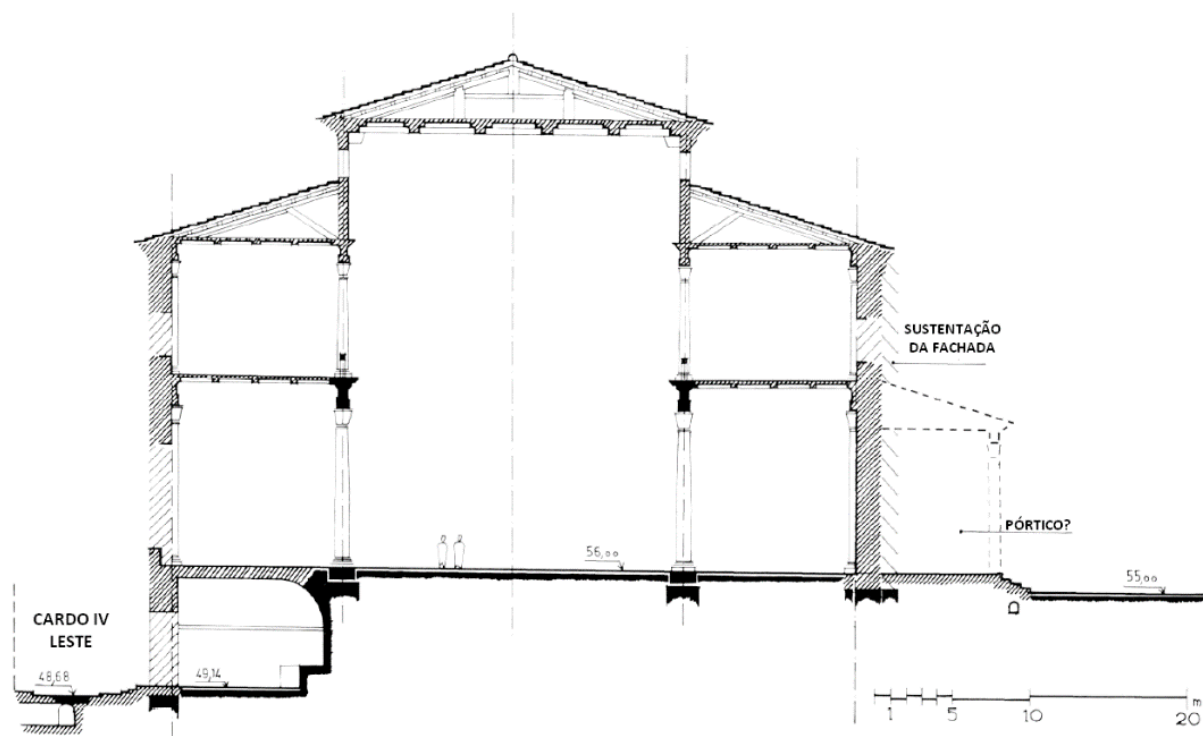


Figura 1: Basílica judiciária em Byrsa. Corte Leste-Oeste sobre o *cardo* IV Leste, com detalhe para as salas de sustentação que se abrem para o mesmo *cardo*. Hipótese de P. Gros e desenho de G. Robine. Extraída de *Byrsa III* (p. 100, fig. 128).

maior, o suficiente para que as pancadas desferidas na cancela despertassem a atenção dos *argentarii* e, em retorno, para que o jovem notasse os murmurinhos e a movimentação desses profissionais e saísse às pressas do local sem ser, portanto, identificado⁸².

Por meio das descrições de Agostinho, a topografia do *vicus argentariorum* fazia com que a rua ganhasse destaque no interior da malha viária e nos espaços de frequência e importância política da cidade. Essas características associadas com o conhecimento das estruturas do sítio permitiram localizar o *vicus* no plano da cidade nos estudos arqueológicos modernos. Assim, a posição abaixo do *forum* e vizinho a uma basílica judicial, com lojas que poderiam ser de banqueiros e ourives, fez com que a rua fosse identificada como um teórico *cardo*, situado à margem do platô artificial de Byrsa, local em que estava o centro administrativo da cidade. Outro elemento importante para essa correspondência entre texto e materialidade é, justamente, a existência de estruturas abaixo do nível da basílica que abrigavam os *argentarii*. Conhecidas pelo nome de “absides de Beulé”, eram ao todo nove salas encravadas na colina e que se abriam para o *cardo*. A julgar pelas suas dimensões *in situ*, as salas possuíam imponência tamanha que Charles Ernest Beulé, o descobridor dessas

⁸² As relações sonoras entre ambos os espaços nesse episódio foram exploradas por: GROS, Pierre. *Le forum de la haute ville*. p. 649. Gros ainda defende que, devido ao movimento no *forum* e à acústica da basílica, apenas os transeuntes na rua logo abaixo poderiam ouvir as pancadas desferidas pelo ladrão, por isso logo se alertaram.

estruturas nos anos 1860 e de quem ganham o nome, acreditou tratar-se de verdadeiras absides de um edifício de maior magnitude. Beulé identificou sete salas, das quais em duas realizou incursões de desenterramento que lhe forneceram maiores detalhes sobre suas configurações. Ao encontrar a sala mais centralizada e uma vizinha a norte, de amplas dimensões e com rica decoração, uso de reboco colorido e disposto com possíveis formas geométricas, além de uma variedade de mármore nos pisos e mesmo em parte das paredes, Beulé não hesitou em identificá-las como pertencentes ao palácio do governador provincial, que, em seguida, teria sido utilizado pelos reis vândalos e governadores bizantinos⁸³.

Os estudos da equipe francesa realizados em Byrsa no fim dos anos 1970 demonstraram que a monumentalidade do complexo era ainda maior (**Figura 1**). A partir da análise particular das salas ainda visíveis e suas correlações com a basílica no platô acima, puderam realizar projeções das dimensões para ambos complexos, comprovar suas interdependências e estipular os impactos para os observadores. Isto se iniciou com a análise pormenorizada das salas que Beulé havia descoberto e de outras três mais ao sul que foram escavadas por Alfred Delattre (**Figura 2**)⁸⁴. Todas as nove salas alinhadas no *cardo* IV Leste possuíam uma largura de mais ou menos 6,20 m cada, o que dá uma aproximação mínima de 55,60 m de fachada total, com altura de no mínimo 8 m. Duas salas localizadas no ângulo setentrional, voltadas para o *decumanus*, apesar de possuírem uma parede lateral de 9,80 m de comprimento, tinham uma largura menor de suas fachadas, com 4,85 m cada. Com enfoque minucioso na sala centralizada do *cardo*, melhor conservada e que, de modo surpreendente, ainda continha partes não escavadas, pode-se estabelecer alguns parâmetros estruturais para construção de hipóteses para o conjunto⁸⁵. Nessa nova parte escavada foi descoberto o ângulo que demarcava o limite sudoeste da sala. Com isto, estipulou-se a medida de seu comprimento: do fundo do semi-domo até a demarcação da entrada, possuía um total de 9,65 m de área coberta. Ainda neste mesmo ângulo, especificamente em seu bloco mais espesso que avançava sobre a rua para completar o limite e iniciar a junção como batente de entrada

⁸³ BEULÉ, Charles E. **Fouilles à Carthage** : auy frais et sous la direction de M. Beulé. Paris : Imprimerie Impériale, 1861. p. 66-74, para descrição e interpretação específica das salas: p. 69-74. A respeito do palácio proconsular e da identificação de sua estrutura, com vestígios que indicam sua construção no século IV, na colina de Byrsa, ver: LÉZINE, Alexandre. **Carthage-Utique. Études d'architecture et d'urbanisme**. Paris : Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1968. p. 177-180 ; DUVAL, Noël. Études d'architecture chrétienne nord-africaine. **MEFRA**, vol. 84, n. 2, p. 1071-1172, 1972. p. 1122 ; BEN ABED, Aïcha ; DUVAL, Noël. Carthage, la capitale du royaume et les villes de Tunisie à l'époque Vandale. In: RIPOLL, G.; GURT, J.M. **Sedes regiae** (ann. 400-800). Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres, 2000. p. 163-218. p. 189-191.

⁸⁴ Cf. DELLATRE, Alfred L. Inscriptions de Carthage 1875-1884. **Bull. Epigr.**, année V, n. 1, p. 83-92, 1885.

⁸⁵ **Byrsa III**. p. 27-44.

para a sala (*ante*), foram encontrados dois entalhos um tanto profundos: um quadrangular de 0,48 m de profundidade e 0,35 m de profundidade e outro circular, de 0,44 m de diâmetro e 0,25 m de profundidade. Essas cavidades, segundo os escavadores, seriam para ancoragem de colunas ou pilastras produzidas em outro material, entre os quais o mais provável seria o mármore, dispostas para sustentarem pórticos⁸⁶.

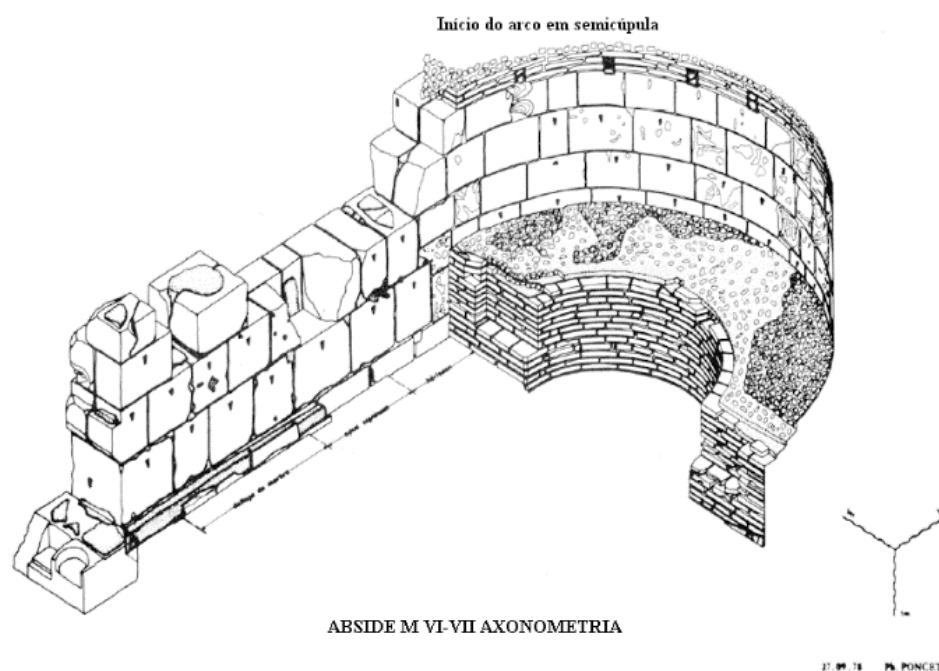


Figura 2: Representação axonométrica da "abside Beulé" central do cardo IV leste. Projeção de P. Poncet, extraída de *Byrsa III* (p. 29, fig. 24).

Todas as nove salas estavam instaladas abaixo e ao longo do comprimento de toda a nave lateral leste da basílica, de modo que, para o observador, elas formavam um só edifício, uma “unidade arquitetônica”⁸⁷. A basílica construída na colina tinha proporções enormes: uma dimensão interna de 83,28 m por 43,36 m, o que resulta numa área total de 3.611 m²⁸⁸. T tamanha amplitude também se manifestava em sua verticalidade. Com análise do plano e dos materiais arqueológicos encontrados, além da comparação com outras estruturas basilicais e a utilização das fontes textuais conhecidas sobre técnicas construtivas, pode-se estipular um valor para elevação do edifício⁸⁹. O principal elemento foram as colunas entre as naves. As

⁸⁶ *Byrsa III*. p. 33.

⁸⁷ *Byrsa III*. p. 105. *La cohérence du projet devait effectivement se traduire par une unité architectonique, sensible sur toute la hauteur de cette façade orientale.*

⁸⁸ *Byrsa III*. p. 63-64. Dimensões que a tornam a maior construída na África romana da qual se tem conhecimento.

⁸⁹ *Byrsa III*. p. 68-105.

três naves da basílica eram separadas por dois alinhamentos de 18 colunas cada, realizadas com duas ordens superpostas. Foi projetada uma altura de 18,60 m na soma entre as duas séries de colunas, capitéis e arquivoltas⁹⁰. Contudo, o arquiteto G. Robine sublinhou ainda a necessidade de elevação para construção não apenas de uma estrutura para abrigar o telhado, como também de janelas para auxiliar na iluminação. Com isto, a basílica poderia ter uma altura aproximada de 24 m⁹¹. Quando somadas a verticalidade da basílica com a altura das salas, toda essa unidade arquitetônica chegava a ter 34 m⁹². Para compreender a dimensão dos impactos visuais desse conjunto é preciso ainda agregar a sua localização no interior do relevo da cidade. Toda a unidade arquitetônica insurgia-se no alto da principal colina cartaginesa, a 55 m do nível do mar.

É essa marca na paisagem urbana que afetou as experiências e o imaginário de viajantes longínquos, de residentes regionais e de habitantes locais. Na virada do século IV para o V, a basílica e as *tabernae* que se abriam para o *vicus argentariorum* estavam em plena atividade e com suas formas das restaurações do período antonino mantidas, ainda que com toda a dificuldade de manutenção de um edifício tão vasto, haja visto a própria depredação narrada por Agostinho⁹³.

Ainda que estimulante, é preciso reconhecer que esse é um caso excepcional para as cidades norte-africanas em que é possível realizar um cruzamento de fontes literárias e materiais a respeito de uma rua singular e de seus impactos nas memórias e nos sentidos dos transeuntes. De igual modo, o exemplo do *vicus argentariorum* demonstra, apesar de toda dificuldade, o nível da compreensão que hoje é possível ter do traçado urbano de Cartago. Tal conhecimento não envolve apenas o *vicus*, a colina, o *forum*. Na verdade, como Edith Mary Wightman afirmava já em 1989, os pesquisadores estariam (e hoje estão ainda mais) familiarizados com a forma urbana da Cartago romana, com suas *insulae* alongadas, seu padrão quase uniforme, suas ruas bem definidas, de modo que esquecemos os estudos

⁹⁰ **Byrsa III**. p. 99, fig. 127.

⁹¹ **Byrsa III**. p. 100.

⁹² Para detalhes do fragmento da cancela, ainda que não seja uma fonte plenamente substantiva, dado o ínfimo número encontrado, ver: **Byrsa III**. p. 95, fig. 121, para as janelas: p. 101, 105. Somados, portanto, a partir do nível do *cardo IV* leste, toda a unidade arquitetônica alcançaria uma altura de 34 m. Robine ainda supõe a existência de vastas janelas voltadas para a face oriental da colina, defronte ao mar, ou seja, para o mesmo *cardo* das salas, uma vez que na outra face da basílica estariam suas entradas. Esta suposição é possível tanto pela narrativa de Agostinho, quanto pelo fato de terem encontrado fragmento de uma cancela no sítio, sem contar a necessidade de luminosidade e ventilação no interior da basílica

⁹³ Sobre as condições destas estruturas entre os séculos IV e VI, ver: **Byrsa III**. p. 113-126.

realizados para defini-las⁹⁴. Da afirmação de Wightman aos dias atuais, muito foi produzido e, como consequência direta, consolidou-se uma determinada forma do traçado da cidade, de suas ruas, de seus edifícios privados e os principais públicos⁹⁵. A história da procura por esta precisão da localização do plano de suas ruas se confunde e faz parte da própria história do que podemos saber a respeito da cidade, de seus edifícios, das condições de vida de seus habitantes, em suma, de sua própria história durante a Antiguidade. Portanto, um panorama breve por alguns dos principais marcos de conhecimento sobre a malha viária de Cartago nos auxilia a compreender a própria história de implantação do traçado romano na cidade e seus desenvolvimentos até períodos mais tardios, admirável aos olhos de seus expectadores contemporâneos, próximos ou distantes⁹⁶.

1.3 Em busca do plano urbano de Cartago: pesquisas e composições de uma rede viária no período romano

Ao longo do século XIX, grande parte dos “desbravadores” das ruínas cartaginesas produziram seus planos com a localização de vários de seus edifícios e possibilidades interpretativas de suas funções. Charles Beulé, como visto, foi um destes. Contudo, anos antes dele outro mapa importante foi produzido, e que ainda é utilizado nos dias atuais para identificação e interpretação de espaços que não são mais visíveis *in loco*. Trata-se do trabalho realizado por Christian Tuxen Falbe⁹⁷. Falbe era capitão e cônsul dinamarquês na Tunísia à época em que se pôs a numerar e mapear os vestígios antigos que eram visíveis no sítio de Cartago (**Figura 3** **Erro! Fonte de referência não encontrada.**)⁹⁸. Em *Recherches sur l'emplacement de Carthage*, sua preocupação era clara: apesar das descrições esparsas

⁹⁴ WIGHTMAN, Edith M. The plan of Roman Carthage: practicalities and politics. In: PEDLEY, John G. (ed.). **New light on Ancient Carthage**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1980. p. 29-46. p. 29.

⁹⁵ A configuração da forma urbana de Cartago no período romano estabelecida para os dias atuais é a encontrada em: **Excavations at Carthage. II, 1**. p. 31, 63; para as sequências estratigráficas que propiciaram esta datação: p. 4, fig. 1.1 (**Figura 6**). Ver também discussão no próximo subitem.

⁹⁶ A pretensão não é um levantamento exaustivo dos trabalhos existentes sobre o plano geral do sítio. Para um trabalho nesse sentido, com enfoque, sobretudo, nos estudos da passagem do período púnico para o início do período romano da cidade, ver: FUMADÓ ORTEGA, Iván. **Cartago: historia de la investigación**. Madrid: CSIC, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, 2009. esp. cap. 3-7. Quanto à admiração despertada pela grandiosidade da cidade e seu plano urbano, ver, para além da *Expositio Totius Mundi et Gentis*, o levantamento bibliográfico em HURST, Henry. Cartagine, la nuova Alessandria. In: CARANDINI, A. CRACCO RUGGINI, L., GIARDINA, A. (Eds). **Storia di Roma, 3. L'età tardoantica, II, I luoghi e le culture**. Roma: Einaudi, 1993. p. 327-337. esp. p. 327-328.

⁹⁷ Cf. FUMADÓ ORTEGA, Iván. **Cartago**. p. 66-68.

⁹⁸ Falbe não apenas realizou mapas sobre as “antiguidades” norte-africanas, como fez mapas atualizados de cidades como Túnis no período em que serviu como cônsul. Para uma apreciação e contextualização de sua atividade e habilidades cartográficas, ver: BAÏR, Houda. La première carte moderne de Tunis (1831-1832). Le travail de Falbe en contexte. **Cybergeo** : European Journal of Geography (en ligne), Politique, Culture, Représentations, document 474, soumis en ligne le 13 octobre 2009.

sobre Cartago, havia uma tentativa de reconstrução de localização dos “fatos materiais” (*faits matériels*), que poderiam servir como terreno de discussões a respeito da cidade⁹⁹. Nesse seu esforço, mesmo sem realizar nenhuma escavação¹⁰⁰, Falbe enumerou 117 pontos no sítio de Cartago e no seu entorno¹⁰¹. Como ele mesmo indicou, os pontos elencados não correspondiam a um só período temporal. Há em seu mapa indicação de vestígios do período púnico até o bizantino. Apesar desta sobreposição temporal, a divisão em centúrias que ele identificou no terreno proporcionou-lhe elementos para debater e auferir datações dos primeiros assentamentos romanos na cidade, conforme as tradições literárias¹⁰². Assim, embora não tivesse a preocupação central de delinear as ruas, ao colocar a materialidade cartaginesa e os contornos das centúrias rurais do período romano em relação espacial e cartográfica, Falbe abriu, de certa forma, um caminho de possibilidades para imaginar a amplitude do plano urbano da cidade.

⁹⁹ FALBE, Christian T. **Recherches sur l'emplacement de Carthage** : suivies de renseignements sur plusieurs inscriptions puniques inédites de notices historiques, géographiques, etc. Paris: L'Imprimerie Royale, 1833. esp. p. 2-3.

¹⁰⁰As primeiras escavações de Falbe em Cartago foram realizadas poucos anos depois da elaboração de seu mapa, em 1837. As três incursões que fez nunca foram publicadas e foram reacessadas quase 150 anos depois de suas realizações. Sobre a história dos trabalhos topográficos e arqueológicos de Falbe em Cartago, ver: LUND, John. The archaeological activities of Christian Tuxen Falbe in Carthage in 1838. **CEA**, n. XVIII, p. 8-24, 1986.

¹⁰¹ FALBE, Christian T. **Recherches**. p. 8-11.

¹⁰² FALBE, Christian T. **Recherches**. p. 54-57.

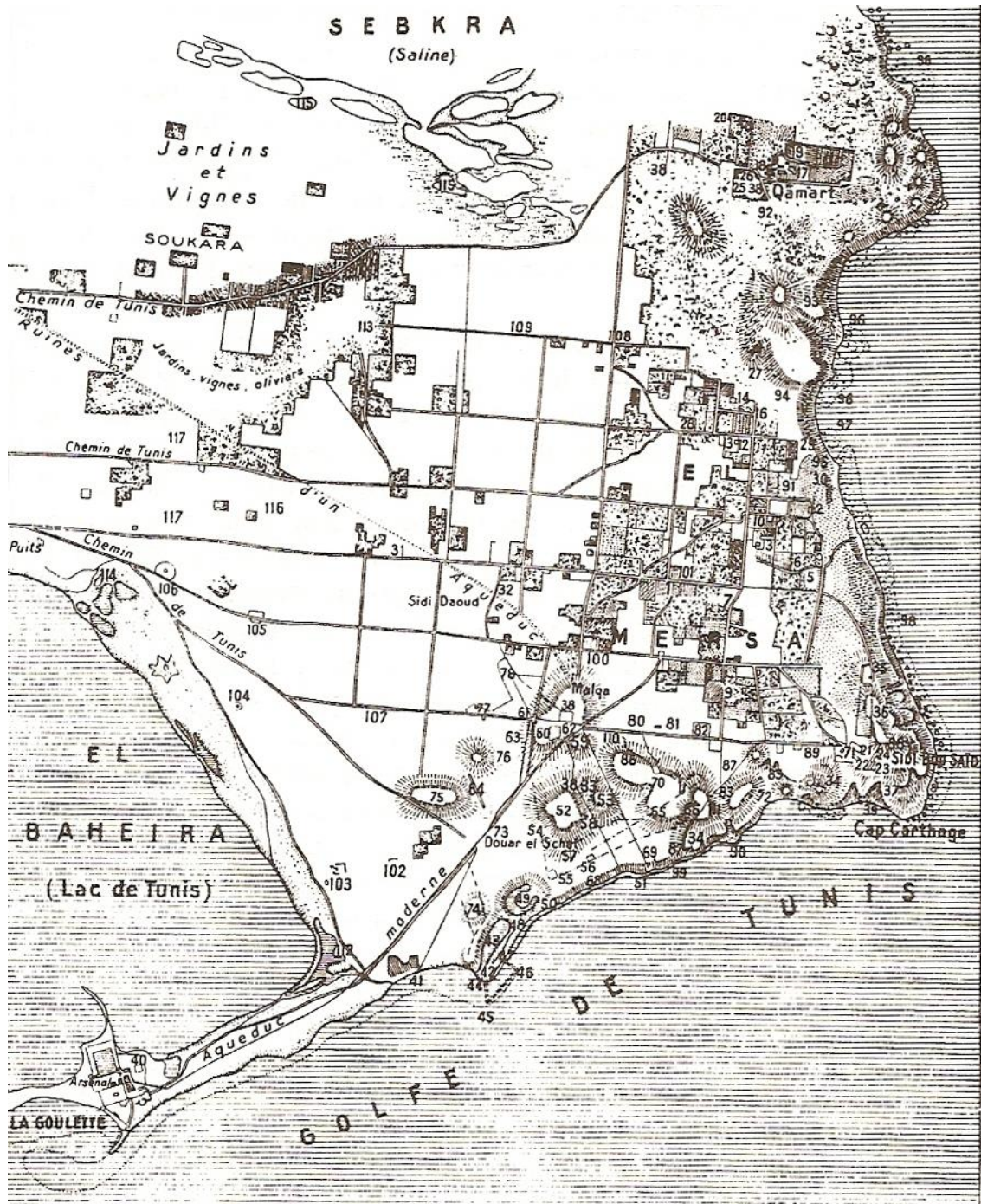


Figura 3: "Plano do terreno das ruínas de Cartago", Christian Tuxen Falbe, 1833.

Várias pesquisas subsequentes dialogaram em grande parte tanto com o mapa de Falbe quanto com o tema da implantação arquitetônica e mensurações romanas na cidade. Um bom exemplo de construção cartográfica que procurou definir as ruas da Cartago romana baseado no plano de Falbe e também na, então, recém lançada obra histórica sobre a cidade de

Adolphe Dureau de la Malle¹⁰³, que tratava do período púnico ao vândalo, é o de Pierre-Anne Dedreux (**Figura 4**)¹⁰⁴. Arquiteto de formação, inclusive ganhador do *grand prix* de arquitetura francês em 1815 e com um período de participação no quadro dos *pensionnaires* da *Académie de France à Rome* entre os anos de 1816-1820¹⁰⁵, o mundo antigo não lhe era alheio. Seu conhecimento das cidades antigas se expandia em boa parte por conta de suas viagens ao mundo grego e do oriente próximo, como nas viagens que realizou com outro arquiteto, Jean Nicolas Huyot¹⁰⁶. Dedreux, portanto, tinha uma boa ideia de como o plano das ruas das cidades romanas antigas poderia ser. Dessa forma, seguiu de modo quase estrito as linhas das principais vias no interior urbano traçado por Falbe. O alinhamento da cidade, com isto, possuía várias direções, e não seguia simplesmente à borda marítima. As *insulae* que projetou não apresentavam um enquadramento regular, de modo que se adequavam aos traçados do que identificou em Falbe como as principais linhas das centúrias. Claro, os dois famosos portos cartagineses foram representados, cercados com uma grande quantidade de galpões e lojas. Nas proximidades, pouco mais ao norte, entre o porto “quase circular”, identificado como *Cothôn* (o porto militar púnico), e o *circus*, localizou a *platea nova* ao lado das termas de *Gargilius*¹⁰⁷. Esta região tornava-se ainda mais importante em seu mapa, pois era atravessada pelo *decumanus maximus* (do porto ao anfiteatro, tangenciando a colina de Byrsa) e do *cardo maximus* (que em um de seus pontos cruzava o espaço que se abria entre a *platea nova* e o *circus*, e corria até uma praça nos limites da cidade).

Outra característica marcante de seu mapa está no fato de que a região entre a colina de Byrsa e a costa marítima é representada por áreas com grandes espaços abertos e edifícios públicos: o *forum*, a cúria, o templo de Apolo, e um teatro à beira-mar. Ou seja, nesse quadrilátero que vai das docas até o porto, de Byrsa até a costa, Dedreux demarcou o centro político e monumental da cidade. Esta interpretação sobre a série de edifícios dispostas a leste e ao norte do porto circular estava baseada sobretudo nas identificações feitas, outra vez, por Dureau de la Malle, que, por sua vez, apoiou-se na tradição literária, como Apiano e Tito

¹⁰³ DUREAU DE LA MALLE, Alfred. **Recherches sur la topographie de Carthage**. Paris : Typographie de Firmin Didot Frères, Imprimeurs de l’Institut, 1835.

¹⁰⁴ DEDREUX, Pierre-Anne. *Esquisse de la restauration de la ville de Carthage : d’après la topographie de Carthage de Mr. Dureau de la Malle, la carte de Mr Falbe et des dessins inédits des 16e, 17e et 18e siècles*. 1837. Disponível online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53036621r.r=pierre-anne%20dedreux?rk=21459;2>>.

¹⁰⁵ LANCE, Adolphe. **Dictionnaire des Architectes Français**. Paris : Vve. Morel et cie, 1872. p. 194.

¹⁰⁶ Sobre essas viagens: PINON, Pierre. *L’Orient de Jean Nicolas Huyot : le voyage en Asie-Mineure, en Egypte et en Grèce (1817-1821)*. **Revue du monde musulman et de la Méditerranée**, n. 73-74, p. 35-55, 1994.

¹⁰⁷ Os respectivos pontos número 49, 64 e 73 de Falbe. Nessa representação, Dedreux segue em muito as interpretações da proximidade entre esses edifícios indicadas em DUREAU DE LA MALLE, Adolphe. **Recherches**. p. 207-211.

Lívio, além das próprias demarcações de terreno realizadas por Falbe¹⁰⁸. Ao fazer tais proposições, Dureau de la Malle acreditava que a Cartago púnica não havia sido destruída por completo, o que extraiu também das palavras de Dion Cássio. Nesse sentido, a cidade romana foi interpretada como construída sobre os escombros daquela púnica e, em muitos casos, reocupando antigos espaços e edifícios¹⁰⁹.



Figura 4: « *Esquisse de la restauration de la ville de Carthage : d'après la topographie de Carthage de Mr. Dureau de la Malle, la carte de Mr Falbe et des dessins inédits des 16e, 17e et 18e siècles* », de Pierre-Anne Dedreux, 1837.

Este foi um tema que predominou nas discussões sobre a forma urbana de Cartago: como teria sido implantada a colônia/cidade romana, em qual lugar e com qual disposição? O que aqui importa deste debate é como ele auxiliou na construção de teorias que permitiram a identificação do traçado do plano urbano e, por conseguinte, de suas ruas. Ainda durante o século XIX, o conhecimento sobre o sítio foi aumentando à medida em que grandes zonas eram desenterradas por estudiosos e entusiastas ingleses, alemães e, sobretudo, franceses. Novos espaços, edifícios e quarteirões inteiros emergiram da terra, muitas vezes de forma

¹⁰⁸ DUREAU DE LA MALLE, Adolphe. **Recherches**. p. 18-22.

¹⁰⁹ DUREAU DE LA MALLE, Adolphe. **Recherches**. p. 125-128, 218. Um panorama geral das narrativas literárias sobre a refundação de Cartago enquanto colônia romana é encontrado em: MILES, Richard. *Rivalling Rome: Carthage*. In: EDWARDS, C.; WOOLF, G. (Ed.). **Rome the Cosmopolis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 123-146, esp. p. 126-135.

indiscriminada. As preocupações recaíam sobre os grandes monumentos que representassem os períodos clássicos púnico ou romano e, num período posterior, cristão. Em relação aos objetos, o interesse era debruçado em peças consideradas de grande valor artístico. O resultado, infelizmente, já sabemos¹¹⁰. De todo modo, os embates sobre a forma urbana continuaram e contaram cada vez com mais dados para sustentar as hipóteses propostas, com métodos de escavação que evoluíam pouco a pouco¹¹¹.

¹¹⁰ Não entrarei aqui de modo aprofundado nos objetivos, nas ideologias e nos danos causados pelas práticas arqueológicas desse período (elas ficarão mais evidentes à medida em que as fontes materiais forem abordadas ao longo do texto). Tais temas ultrapassam meu escopo nesse momento. Essas questões foram trabalhadas de modo excelente por outros autores. Para as formas de apropriação e destruição dos monumentos antigos na África do norte de colonização francesa, mas com enfoque no território argelino, ver: GREENHALGH, Michael. **The military and colonial destruction of the Roman landscape of North Africa, 1830-1900**. Leiden, Boston: Brill, 2014. Sobre as práticas arqueológicas francesas empreendidas na Tunísia, ver os estudos reunidos em: CABANEL, Patrick, ALEXANDROPOULOS, Jacques (Dir.). **La Tunisie mosaïque**. Toulouse: Press Universitaires du Midi, 2000. Dentre eles, dou ênfase aos de: MAHJOUBI, Ammar. À propos de l'histoire du Maghreb : idéologies et dépassements. p. 187-197 ; ARNAUD, Annie. L'exploration archéologique de la Tunisie. p. 541-548; GRAN-AYMERICH, Eve. La Tunisie et la politique archéologique française. p. 549-563. Sobre as ideologias empregadas nas escavações de Cartago, em especial do mundo francófono, ver: FUMADÓ ORTEGA, Iván. **Cartago**. cap. 1-2. Uma excelente porta de entrada nos debates gerais sobre história, arqueologia e usos do passado em português é sem dúvida: SILVA, Glaydson J. **História Antiga e usos do passado**: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944). São Paulo: Annablume, 2007.

¹¹¹ Uma história destes embates no período da segunda metade do século XIX até inícios do século XX pode ser encontrada em: FUMADÓ ORTEGA, Iván. **Cartago**. p. 70-112.

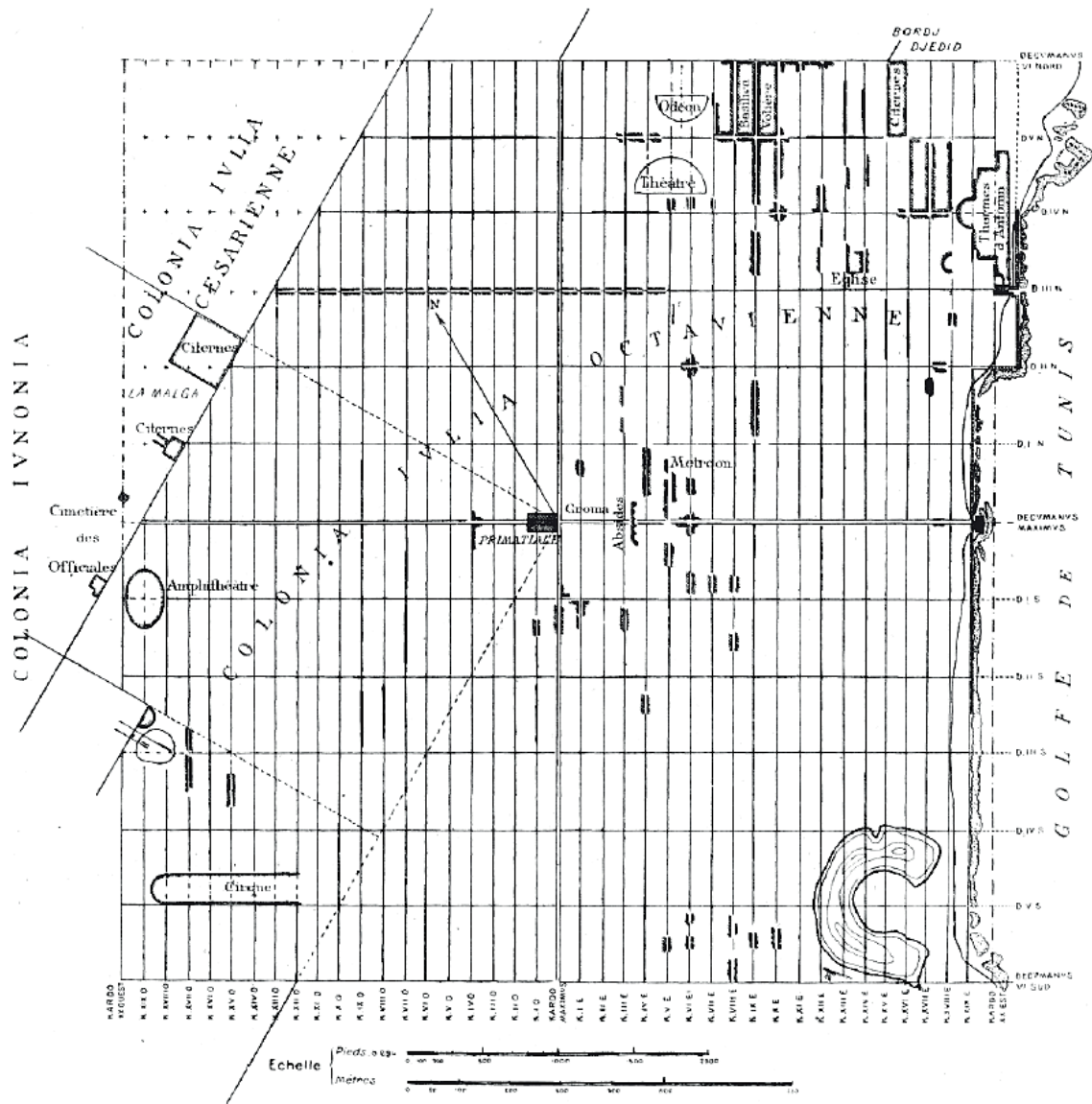


Figura 5: Plano de Cartago, com o traçado teórico da cidade e suas divisões em *cardines* e *decumani*, feito por Charles Saumagne. Reparar nas indicações com traçados mais grossos inscritas sobre as vias, nas quais aponta os locais de onde extraiu evidências da existência das ruas. Plano extraído de Charles Saumagne (1930-1931, p. 150).

Dentre os diversos trabalhos que foram surgindo, faço um sobressalto para os de Charles Saumagne sobre a topografia cartaginesa, realizados no início do século XX. Jurista de formação, Saumagne soube combinar seus conhecimentos dos textos normativos dos *gromatici*, funcionários responsáveis pelo cadastramento e divisão dos espaços rurais e urbanos nas novas colônias, com os novos dados arqueológicos que surgiam. Com isto, pôde projetar o desenvolvimento do plano da colônia romana fundada no período de Augusto sobre o antigo assentamento púnico (Figura 5)¹¹². Embasado nos trabalhos de Falbe, nas

¹¹² SAUMAGNE, Charles. *Colonia Iulia Karthago*. BTCH, p. 131-140, 1924; para a sobreposição das cidades romanas e púnicas, ainda que de forma parcial (no que cria ser o “quartelão de Byrsa”), ver: p. 137.

escavações recentes da colina do odeão e das termas de Antonino, Saumagne constatou certo paralelismo e alinhamento nesses espaços¹¹³. Esboçou, a partir disso, um sistema de cadastramento das áreas rurais, que estava consolidado desde regiões mais ao norte do entorno da cidade que, em certa altura, contornava outras quatro *centuriae* que comporiam a parte urbana. Estas últimas tinham, no entanto, um alinhamento distinto: seguiam axialmente a orientação da costa. Além disso, as quatro *centuriae* urbanas estavam divididas em partes iguais por duas vias perpendiculares, o *cardo* e o *decumanus maximi*. O ponto de cruzamento entre esses dois eixos, isto é, o ponto central da cidade, sua *groma*, estaria no local exato onde se encontra a moderna basílica de São Luís, na colina de Byrsa. Para além das vias axiais, Saumagne delineou a existência de outros 40 *cardines* e 12 *decumani* secundários. Um número atingido após os cálculos da quantidade de *insulae* em cada *centuria* urbana. Pois, como as *insulae* teriam formas *strigatae*, alongadas, com 120 por 480 pés, as centúrias abrigariam 120 *insulae* cada¹¹⁴. Para corroborar suas hipóteses, Saumagne realizou cinco sondagens no sítio, nas quais reconheceu os vestígios de 30 dos 41 *cardines* totais que havia estipulado, assim como de 6 dos 11 *decumani*¹¹⁵.

Outro ponto importante de seu trabalho foi a constatação de duas “anomalias” na projeção do plano da cidade. A primeira estaria na parte rente à borda marítima, pois o traçado limítrofe se adequaria às irregularidades que a costa impunha. E uma segunda que demonstraria o encontro e a superposição dessas duas formas de organização do território urbano e rural. Superposição que ocorreria na altura da *centuria* urbana denominada A, em que há um deslocamento do eixo do assentamento, demarcado pela posição das cisternas de la Malga. As cisternas seguiam de modo retilíneo o traçado teórico do cadastramento rural, que avançava obliquamente sobre a *centuria* urbana¹¹⁶. Mas, Saumagne percebeu que as cisternas também possuíam um alinhamento em conformidade com o eixo central na colina de Byrsa. Ao medir a distância que separava os dois pontos, constatou que era o número exato de um lado de uma *centuria quadrata*, 2400 pés, tal como as aplicadas no cadastramento rural¹¹⁷. Esses distanciamentos, aproximações e superposições dos cadastramentos fizeram com que Saumagne propusesse a identificação de fases sucessivas de implantação da colônia romana.

¹¹³ SAUMAGNE, Charles. *Colonia Iulia Karthago*. p. 131-132. Para as escavações nas quais se embasou: GAUCKLER, Paul. Le quartier des Thermes d'Antonin et le Couvent de Saint-Étienne à Carthage. **BTCH**, p. 410-420, 1903. Boa parte das descobertas deste período nesta região foram elencadas e colocadas em plano cartográfico em: MERLIN, Alfred. Plan de Carthage. **CRAI**, 64 anée, n. 2, p. 116-122, 1920.

¹¹⁴ SAUMAGNE, Charles. *Colonia Iulia Karthago*. p. 132.

¹¹⁵ SAUMAGNE, Charles. *Colonia Iulia Karthago*. p. 134-135. Todos as sondagens e indícios dos traços materiais das ruas foram apontadas em seu plano do ano 1931, que é reproduzido aqui (**Figura 5**).

¹¹⁶ SAUMAGNE, Charles. *Colonia Iulia Karthago*. p. 135-136.

¹¹⁷ SAUMAGNE, Charles. *Colonia Iulia Karthago*. p. 135.

Uma primeira fase, com a redistribuição de terras impetrada por Caio Graco e a criação da *Colonia Iunonia*, que teria sido responsável pelo que ainda era visível de cadastramento rural. Esta seria seguida pela tentativa de assentamento realizada por Júlio César, demonstrada no alinhamento da cisterna com a groma centralizada em Byrsa. Por fim, a fundação feita por Augusto da *Colonia Iulia Karthago* como responsável pela execução do plano final da organização das *centuriae* da parte urbana. Nesta história de assentamento e cadastramento, a persistência de orientações, como no caso do trecho superposto na *centuria A*, foi interpretada como uma evidência de que, apesar das transformações sucessivas, os *agrimensores* foram obrigados a respeitar uma ocupação preexistente bem sólida, que tornava impraticável, ou bem onerosa, uma medida de expropriação¹¹⁸.

Conforme Saumagne gostaria, seu plano serviu como base para diversas discussões sobre a forma urbana de Cartago, e seus impactos foram quase imediatos. Paul Davin foi um dos que se engajaram nos debates iniciais para aprimorar e descartar certas hipóteses e medidas estipuladas¹¹⁹. Para isso, lançou mão de sua “análise matemática”, com conversões das unidades de medidas e comparações de mensurações teóricas com aquelas que seriam constatáveis *in situ*. Assim, em um diálogo profícuo com Saumagne¹²⁰, Davin corrigiu, em especial, a proposta da dimensão das ruas, com a identificação de uma largura de um número entre 39-40 pés para os *cardo* e *decumanus maximi*, e de 24 pés para as demais vias da cidade – ao contrário dos números de Saumagne, para quem as ruas teriam 20 pés. Em seus cálculos e conversões, Davin adotou uma unidade de 0,294 m. por pé romano, ao invés dos 0,296 m utilizado por seu precursor¹²¹. As dimensões resultantes foram, com isto, de 11,76 m para os eixos principais e, para as demais vias, 7,06 m. Não demorou e, na própria reavaliação das pesquisas sobre a topografia cartaginesa, o próprio Saumagne adotou as retificações feitas por Davin¹²².

Nesse sentido, embora buscassem a generalidade do plano da cidade em sua escala macro e total, os trabalhos de Saumagne e Davin representam uma guinada no que tange os

¹¹⁸ SAUMAGNE, Charles. *Colonia Iulia Karthago*. p. 136-137. Retomadas em: SAUMAGNE, Chales. Les recherches récentes sur la topographie de Carthage. **Journal des savants**, n. 4, p. 145-157, 1931. p. 151, 155-156.

¹¹⁹ DAVIN, Paul. Etude sur la cadastration de la *Colonia Julia Carthago*. **Revue Tunisienne**, n. 2, p. 73-85, 1930.

¹²⁰ Davin contou com publicações dos dados inéditos das sondagens de Saumagne nesse primeiro momento. Além disso, os dois trabalharam juntos na identificação e mensuração de outros cadastramentos romanos na África, como, por exemplo, da antiga *Thysdrus*. Cf. SAUMAGNE, Charles. Les vestiges d'une centuriation romaine à l'est d'El-Djem. **CRAI**, 73^e année, N. 4, p. 307-313, 1929.

¹²¹ Para os seus estudos de caso e medidas aplicadas, ver: DAVIN, Paul. Etude sur la cadastration. p. 78-81.

¹²² SAUMAGNE, Chales. Les recherches récentes. p. 151-152.

estudos relacionados às ruas, às atenções dada aos esgotos, suas direções, comprimentos, modos de alinhamentos. Ao menos nesses momentos de análise, mesmo quando grandes edifícios públicos e privados entram em cena, tais como anfiteatro, odeão, portos, termas e casas luxuosas, o interesse maior é dado à sua relação com as ruas¹²³. Isto incluía a interação entre a fachada e a via, entre os edifícios e os esgotos, ou os modos como as construções novas respeitavam ou não a dimensão inicial projetada para as ruas no período do cadastramento romano¹²⁴.

Preocupações como essas ampliaram-se no decorrer do século passado e tornaram-se a base de novas escavações que produziram cada vez mais dados sobre a cidade, tanto quantitativos, quanto qualitativos, em especial aquelas realizadas no quadro da campanha internacional da UNESCO para a salvaguarda do sítio de Cartago a partir dos anos 1970. Com estas novas pesquisas, como era de se esperar, vieram novas reformulações (**Figura 6**). Assim, se por um lado o trabalho de Saumagne foi tão profícuo e embasou a localização das novas missões arqueológicas realizadas na cidade, por outro, algumas de suas propostas foram revistas no desenrolar dessas mesmas escavações. Uma dessas reconsiderações diz respeito à regularidade do plano. Ao contrário do que Saumagne estipulou, sobretudo nos limites norte e sul, descobriu-se que não há uma uniformidade nos traçados teóricos das *centuriae*. Com esses trabalhos arqueológicos contínuos, verificou-se que as vias em suas extremidades não se encerravam no interior das projeções iniciais. Deste modo, os *cardines* iam além ou aquém do que o idealizado por Saumagne e mesmo os *decumani* podem ser mais numerosos em ambas direções do que o proposto, justamente por não seguir esse regime estrito com o traçado teórico¹²⁵.

Outra importante ponderação foi sobre a correlação entre a datação e o modo de implantação do plano. Saumagne estabeleceu que a construção desta forma urbana teria sido um empreendimento de Augusto e estipulou que o plano teria sido ocupado em sua plenitude no mesmo período do início de seu estabelecimento. Conforme os trabalhos posteriores

¹²³ Outro ótimo exemplo desse tipo de abordagem na prática é encontrado em: SAUMAGNE, Charles. Notes de topographie carthaginoise : I, Colline de Junon; II, Sondage aux abords des anciens ports. **BCTH**, p. 641-659, 1930-1931.

¹²⁴ Como pode ser visto em: DAVIN, Paul. Etude sur la cadastration. p. 81-83.

¹²⁵ Isto pode ser comprovado sobretudo nas escavações italianas e canadenses durante as missões da UNESCO. Um resumo dessas constatações, que coloca em relação os períodos de ocupação, pode ser visto em: WIGHTMAN, Edith M. The plan of Roman Carthage. *passim*. ANSELMINO, Lucilla. Le secteur nord-ouest de la ville. In : ENNABLI, A. (dir.) **Pour sauver Carthage**. Tunis : exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 125-129; WELLS, Colin. Le mur de Théodose et le secteur nord-est de la ville romaine. In: ENNABLI, A. (dir.) **Pour sauver Carthage**. p. 115-123.

comprovaram, o programa de construção da colônia nos moldes como Saumagne projetou ocorreu, de fato, durante o período de Augusto, que estabeleceu a forma das linhas guias do plano¹²⁶. Porém, sua instituição, o caráter monumental dos edifícios que abrigava e dos traçados de suas ruas não foram realizados na totalidade do que fora proposto e nem de modo simultâneo. Como Friedrich Rakob demonstrou, os projetos de construção da monumental *Colonia Iulia Karthago* iniciados por Augusto focaram-se, sobretudo, nas áreas centrais da cidade, além dos espaços entre a costa e a colina. Entre essas obras, talvez a de maior destaque e de demonstração da força política e construtiva romana tenha sido a reconstrução da colina de Byrsa. Tudo que se encontrava no topo da colina pertencente ao período púnico foi removido para dar lugar a uma plataforma de 30.000 m², que passou a abrigar o novo centro cívico da cidade. “Essas preparações em si constituem a maior intrusão na geomorfologia da área construída da cidade”¹²⁷. As ruas e as *insulae* da colônia romana, nascentes sobre os escombros da cidade anterior, modificaram os ângulos de orientação anteriores¹²⁸, enterraram e atravessaram antigas construções¹²⁹. Nesse processo, outro fenômeno que diz respeito diretamente às ruas foi o reemprego de cisternas de casas púnicas para servir como sumidouros, evacuadores de água nos novos projetos de ruas que surgiam¹³⁰. Com esta dinâmica de implantação realizada de modo “brutal” sobre o traçado antigo, foi possível a construção de um plano teórico que, mesmo com o crescimento posterior da cidade em seus pontos limítrofes, continuou, de certa forma, a ser respeitado em sua concepção até períodos mais tardios¹³¹.

¹²⁶ RAKOB, Friedrich. The making of Augustan Carthage. In: FENTRESS, E. (Ed.). **Romanization and the City: Creation, Transformations, and Failures: Proceedings of a Conference Held at the American Academy in Rome to Celebrate the 50 th Anniversary of the Excavations at Cosa, 14–16 May 1998**. Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 2000. p. 72–82, p. 82.

¹²⁷ RAKOB, Friedrich. The making of Augustan Carthage. p. 78: *These preparations themselves constitute the greatest intrusion into the geomorphology of the city building area.*

¹²⁸ Há que se levar em conta que, apesar de regulares, nem todas as estruturas púnicas apresentavam a mesma orientação, quer no espaço ou no tempo. Ao contrário, ao longo de sua história, as angulações dos edifícios encontrados em bairros distintos de Cartago sugerem algumas mudanças mais ou menos sensíveis. Uma discussão sobre essas transformações da cidade pode ser vista, com discussão bibliográfica, em FUMADÓ ORTEGA, Iván. ¿Quién parte y reparte? Análisis de la disposición urbana en la Cartago fenicia. **Archivo Español de Arqueología**, 86, p. 7-21, 2016. para as angulações: esp. p. 8-9.

¹²⁹ Sobre esse processo de sobreposição no período de implantação da cidade romana, ver: RAKOB, Friedrich. Cartago. La topografía de la ciudad Púnica: nuevas investigaciones. **Cuadernos de arqueología mediterránea**, n. 4, 15-46, 1998; NIEMEYER, Hans G., DOCTER, Roald F. Excavación bajo el Decumano máximo de Cartago durante los años 1986-1995: informe preliminar. **Cuadernos de arqueología mediterránea**, n. 4, p. 47-110, 1998.

¹³⁰ Como ocorre no *cardo XIII Leste*, na altura próxima de seu cruzamento com o *decumanus maximus*. FLÜGEL, Christof ; DOLENZ, Heimo. Carthage, rue Ibn Chabâat (« quartier Didon ») : le développement urbanistique de la période punique ancienne à la période punique tardive. Rapport préliminaire des fouilles menées par le DAI Rome et l’INP Tunis 2009-2012. **Antiquité Africaine.**, n. 54, p. 27-39, 2018. p. 36-38.

¹³¹ RAKOB, Friedrich. The making of Augustan Carthage. p. 76.

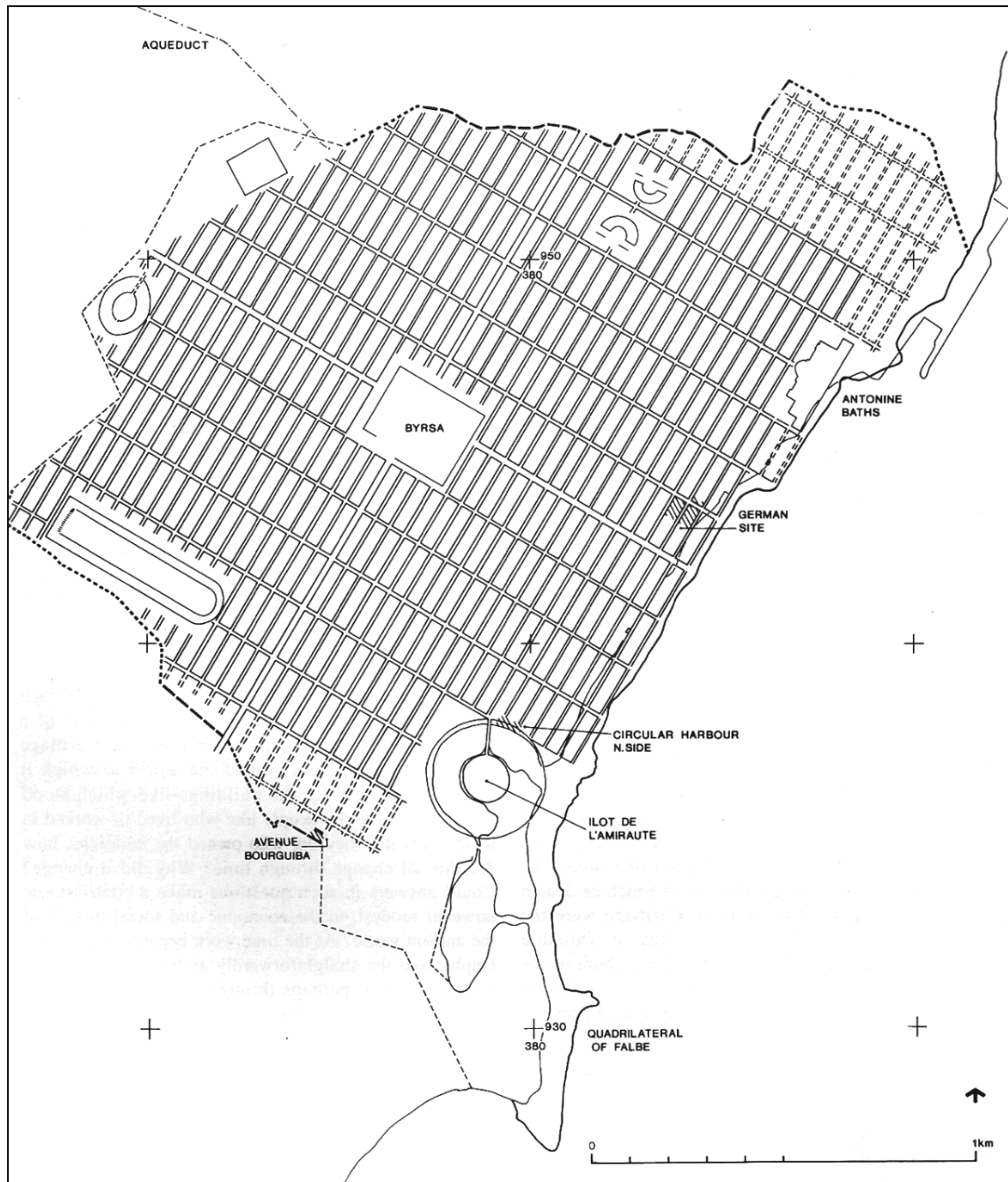


Figura 6: Plano da cidade de Cartago, depois de H. Hurst. Extraído de *Excavations at Carthage. II, 1* (p. 4, fig. 1.1).

1.4 As condições das ruas de Cartago entre os séculos IV e V: estabelecimentos de uma mudança em larga escala

Se, por um lado, o esquema do plano urbano geral cartaginês foi respeitado, por outro, suas ruas sofreram mudanças significativas, sobretudo a partir da segunda metade do século IV. Ademais, hoje é possível saber que algumas dessas localidades apresentam sinais de ocupação inicial em períodos bem posteriores ao início da implantação do plano urbano sob Augusto, além de uma história não linear de suas fases de uso. Exemplo disso pode ser

extraído do resultado das escavações italianas realizadas durante as campanhas de salvaguarda do sítio¹³². A partir dos dados extraídos de uma de suas sondagens na região norte da cidade, no cruzamento entre o *cardo* II Oeste e o *decumanus* V Norte, é possível traçar o desenvolvimento de ambas as ruas e, ainda que de modo muito parcial, das quatro *insulae* que se encontravam naquele ponto. Os escavadores notaram que a emergência e o uso das ruas no sítio datam da primeira metade do século I. Neste primeiro período, as vias eram compostas de terra batida e estavam alinhadas com o traçado teórico do *decumanus*, enquanto que as áreas em seu entorno abrigavam, então, montantes de resíduos urbanos. A história se modifica em fins do século II e inícios do III, momento em que foram pavimentadas e passaram a contar com uma rede de esgotos, ao mesmo tempo em que ocorre um aterramento das *insulae*. Estas mudanças seguiam a tendência inicial de urbanização nessa região da cidade¹³³. A expansão e solidificação urbanas continuaram nos períodos subsequentes e, por volta dos anos 320, as quatro *insulae* do cruzamento já abrigavam edifícios. Contudo, deste período em diante, dois eventos ocorridos no *cardo* II Oeste marcaram, na média e longa duração, as ruas do sítio de modo significativo. O primeiro foi o surgimento de uma larga fossa ao sul do *decumanus*, utilizada como descarte de lixo, composta por dejetos domésticos, sobretudo por descartes de ossos de animais e de muitos vestígios de cerâmica dos mais variados tipos. A fossa ficou em uso como verdadeiro lixão entre, mais ou menos, os anos 320-360, quando atingiu o limite de sua ocupação e foi selado pela estrutura de uma pilastra, cuja função não se sabe ao certo qual seja¹³⁴. O segundo evento também é datado entre o início e a primeira metade do século IV. Neste período, houve um estreitamento do *cardo* pela metade em sua porção ao norte do *decumanus* devido a intrusão do muro de delimitação do edifício da *insula*. O muro invadiu o espaço da via até o canal de esgoto, no eixo central e a largura da rua passou da dimensão tradicional do plano cartaginês, de mais ou menos 7,06 m¹³⁵, para por volta de 3,50 m. A vazão do esgoto, contudo, continuou em funcionamento, pois a estrutura do canal não foi afetada. Longe de estar em abandono, o pavimento das ruas foi restaurado

¹³² CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. Rapporto preliminare delle campagne 1973-1977. **QAL**, 13, p. 9-61, 1983.

¹³³ CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 16, 26-27.

¹³⁴ CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 31.

¹³⁵ No caso das vias escavadas pela equipe italiana, a largura das ruas utilizadas foi de 7,08 m, o que corresponderiam a 24 pés romanos. A diferença ao número que Saumagne apresentou da largura das vias (7,06 m para os mesmos 24 pés) e que foi utilizada em outros sítios, como os trabalhados pela equipe britânica, é devida à medida atribuída ao pé romano.

entre fins do século IV e o início do V. Mas, mesmo com as manutenções, a nova configuração do cruzamento foi consolidada¹³⁶.

Esse resumo das mudanças ocorridas apenas nesse sítio já adianta, em geral, a complexidade dos fenômenos urbanos e, em particular, dos fenômenos viários encontrados em outros pontos de Cartago nesse período, a saber: urbanização tardia de determinadas regiões; diminuição de ruas decorrente do avanço dos edifícios sobre seus limites; surgimento de acúmulo de resíduos a céu aberto; e, no entanto, continuidade da manutenção urbana. Para tratar dessas questões e relacioná-las à sensorialidade, creio que o melhor será abordar, em primeiro lugar, um pouco mais a fundo os estreitamentos das ruas e seus impactos nas modalidades sensoriais relacionadas com os fluxos e as visibilidades urbanas. Assim, por ora, fica em suspenso um tema importantíssimo para compreender os sentidos, como o lixo a céu aberto encontrado nesta via¹³⁷. Analisar os estreitamentos neste primeiro momento permite delimitar em quais condições a recolha ou não de detritos e dejetos foi estabelecida e a contemporaneidade ou não desses dois fenômenos quando comparados com outras localidades. Nesse sentido, é necessário analisar casos em que tais fenômenos podem ser datáveis entre o século IV e a primeira metade do século V. Nesse primeiro momento, portanto, é preciso realizar um levantamento que busque identificar os locais em que ocorreram essas intrusões, em que regiões da cidade estavam, os tipos de edifícios que avançaram sobre as vias, a forma com que os edifícios realizaram esse avanço e a condição das vias após o estreitamento.

¹³⁶ CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 27, 31.

¹³⁷ Questão abordada no Capítulo 3.

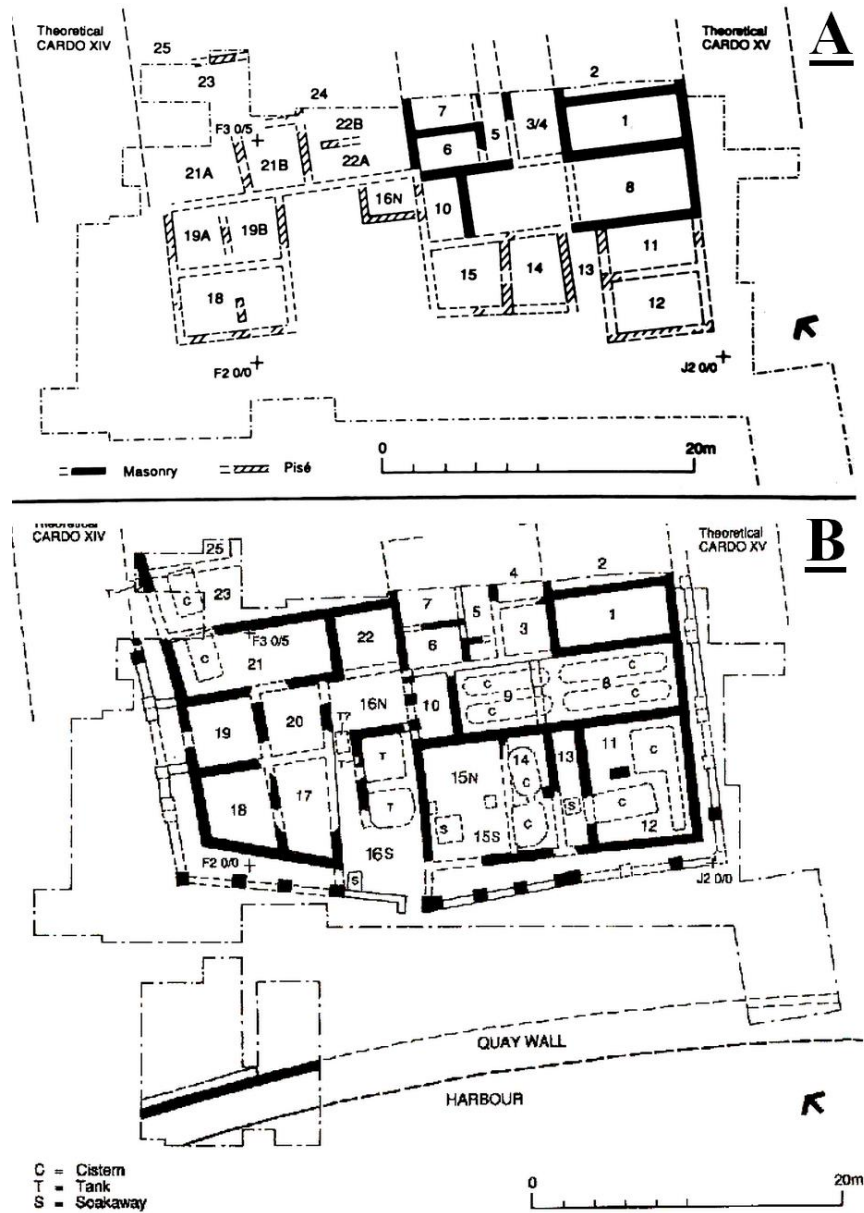


Figura 7: A. Plano das estruturas encontradas na *insula* ao norte do porto circular por volta do século II de nossa era. Após H. Hurst e extraído de *Excavations at Carthage. II, 1* (p. 21, fig. 2.4). B. Plano do edifício ao norte do porto circular no período de sua unificação e instalação de seu pórtico, durante os séculos III-V. Após H. Hurst e extraído de *Excavations at Carthage. II, 1* (p. 23, fig. 2.5).

Para começar é preciso saber se o fenômeno dos estreitamentos das vias presente nessa trincheira do setor italiano pode ser encontrado em outros sítios da cidade durante o mesmo período. Há uma tendência justificável a dizer que não. Do mesmo modo, quando existem evidências de intrusões de estruturas sobre as ruas públicas, é possível notar certa propensão em postergar o período de seu acontecimento. Essas proposições ocorrem, em grande parte, devido à dificuldade de interpretar os contextos das fontes materiais, sobretudo com a falta de estabelecimento de uma cronologia mais precisa. Assim, quando confrontados com evidências

de avanços sobre as vias localizáveis num arco temporal entre os séculos V e VII, mas sem muita precisão, grande parte dos estudiosos tendem a optar pela datação mais tardia possível, associando-as, sobretudo, com o contexto político em que ocorreram. Este é o modo, por exemplo, como Henry Hurst interpretou o fenômeno em Cartago: como resultado de um processo de reestruturação por toda a cidade induzido pelos novos governantes após a Reconquista Bizantina de Cartago em 533. Nesse processo, a maior parte das ruas da metrópole africana teria tido sua largura reduzida pela metade¹³⁸. Muito de sua interpretação decorre de seus próprios trabalhos de escavação com a equipe britânica, sobretudo os realizados no setor norte do porto circular, de grande rigor estratigráfico. Além do avanço do edifício que ocupava a principal *insula* escavada, Hurst observou intrusões de estruturas vizinhas nos *cardines* XIV e XV Leste, que reduziram a largura das ruas, em certos trechos, para algo em torno de 2,50 m a 3 m¹³⁹. Todas essas mudanças, segundo Hurst, deveriam ser datadas no período bizantino (séculos VI e VII)¹⁴⁰.

Entretanto, com o andamento de novas pesquisas e a reavaliação de muito do material que foi produzido ao longo dos anos pelas campanhas da UNESCO, outra hipótese sobre o fenômeno da intrusão nas vias públicas em Cartago foi levantada por Henri Broise¹⁴¹. Em seu estudo sobre as formas de implantação e os desenvolvimentos dos quarteirões da cidade, Broise recorda uma característica importante: a construção de pórticos novos em estruturas preexistentes amplificava a extensão dos edifícios em direção às ruas, ainda que seja somente com a projeção de terraços, mas não obstruía (ou obstruía muito pouco) o fluxo de pedestres ou transportes¹⁴². Um dos exemplos de que Broise faz uso é, inclusive, o do edifício ao norte do porto circular escavado pela equipe de Hurst (*Figura 7*). Nos primeiros séculos da ocupação romana, os edifícios do sítio eram compostos por uma série de unidades independentes, cada uma formada, por sua vez, por um cômodo principal, um pequeno pátio ou um segundo cômodo, além de um espaço de passagem¹⁴³. A unidade arquitetônica da

¹³⁸ HURST, H. Cartagine, la nuova Alessandria. p. 333.

¹³⁹ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 63.

¹⁴⁰ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 31; para as sequências estratigráficas que propiciaram esta datação: p. 232-241.

¹⁴¹ BROISE, Henri. L'évolution des *insulae* des maisons du cryptoportique et de la rotonde dans le contexte urbain. In : BALMELLE, Catherine; BOURGEOIS, Ariane; BROISE, Henri; DARMON, Jean-Pierre; ENNAÏFER, Mongi. **Carthage, Colline de l'Odéon. Maisons de la rotonde et du cryptoportique (recherches 1987-200). Volume 1. L'Architecture et son décor.** Roma: École Française de Rome, 2012. p. 333-359. Importante notar que o fenômeno da intrusão de novos complexos e edifícios habitacionais sobre as vias públicas já havia sido apontado, embora não aprofundado, por LEONE, Anna. **Changing townscapes in North Africa.** p. 113.

¹⁴² BROISE, Henri. L'évolution des *insulae*. p. 352-355.

¹⁴³ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 71-72.

insula surgiu entre os séculos II e III de nossa era. Neste período houve uma grande reconstrução que transformou as estruturas anteriores em um só complexo de produção e habitação, agora com pelo menos dois andares. Os pórticos construídos nesse mesmo momento não serviam apenas como elemento decorativo, mas possuíam papel fundamental na sustentação dos novos andares. O peso dos pisos superiores era redistribuído em suas largas colunas em alvenaria, que mediam 0,80 m por 0,80 m e 0,80 m por 1,60 m quando a base era dobrada¹⁴⁴. O contraponto é que, para a instalação dos pórticos, o edifício avançou 1,40 m sobre o *cardo* XV, entre 1,50 m e 2,50 m face ao porto circular, e 2,10 m em direção ao *cardo* XIV. Destes, apenas a lateral face o *cardo* XV permaneceu dentro dos limites do traçado teórico¹⁴⁵, e isto ao custo de um reduzido e quase inviável traçado para o fluxo de pedestres, com trechos que chegavam até 0,60 m em suas partes mais estreitas.

Essa construção de pórticos com relativo avanço sobre as ruas é encontrada em outros lugares da cidade, tais como em um sítio com características muito próximas das encontradas ao norte do porto circular. Trata-se do denominado *Quartier Magon*, situado entre o *cardo* XVI Leste até o limite do mar e entre o traçado do *decumanus maximus* e o *decumanus* II Norte, que foi escavado pela equipe alemã durante as campanhas da UNESCO (**Figura 8**). As *insulae* dessa região faziam parte de outro setor de tradição secular de produção e habitação na faixa costeira, que remontava ao período púnico. A disposição geral de suas estruturas implementadas com o plano do período augustano perdurou até fins da ocupação do setor¹⁴⁶. Duas *insulae*, as nomeadas E117 e E118, possuíam uma característica que as destacavam das demais da cidade. Ambas eram divididas em duas partes iguais de modo longitudinal por um estreito *vicus*, em que cada parte ficava com quase 16 m cada (com 54 pés romanos). O *vicus*, por sua vez, media cerca de 3,50 m de largura (12 pés romanos)¹⁴⁷. No início do século II, foram instalados na viela da *insula* E117 alguns tanques retangulares feitos em alvenaria para uso em atividades artesanais, em conexão direta com os cômodos dos edifícios de seus dois lados, no que seria uma extensão do espaço de produção. Embora a existência desses tanques pudesse afetar o fluxo e o trânsito do *vicus*, é possível crer que a própria existência dessa ruela, localizada atrás e em conexão com os edifícios de comércio e produção, já fosse

¹⁴⁴ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 59-61.

¹⁴⁵ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 23; BROISE, H. L'évolution des *insulae*. p.349.

¹⁴⁶ RAKOB, Friedrich. L'habitat ancien et le système urbanistique. In : ENNABLI, A. (dir.) **Pour sauver Carthage**. Tunis : Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 29-37. p. 36-37.

¹⁴⁷ RAKOB, Friedrich. Fouille allemandes à Carthage. **CEDAC**, 16-17, p. 7-14, 1997. p. 8.

destinada para usos limitados dos moradores de seu entorno¹⁴⁸. Essa interpretação pôde ser reforçada quando foi descoberto que, na segunda metade do século II, tanto *vicus* quanto os *cardines* vizinhos foram reformados e passaram a contar um sistema de esgoto, que substituíam fossas e sumidouros anteriores. Data também desse mesmo período a abertura de uma nova faixa de *insulae*, localizadas entre o *cardo* XVIII e a costa, junto com a elaboração de uma nova rua ao longo do mar, o teórico *cardo* XIX Leste. Essa nova via possuía, desde sua fundação, pórticos em frente aos edifícios que se estendiam por grande parte da costa, das termas de Antonino até o extremo sul dos portos, numa faixa de quase 1,6 km¹⁴⁹.

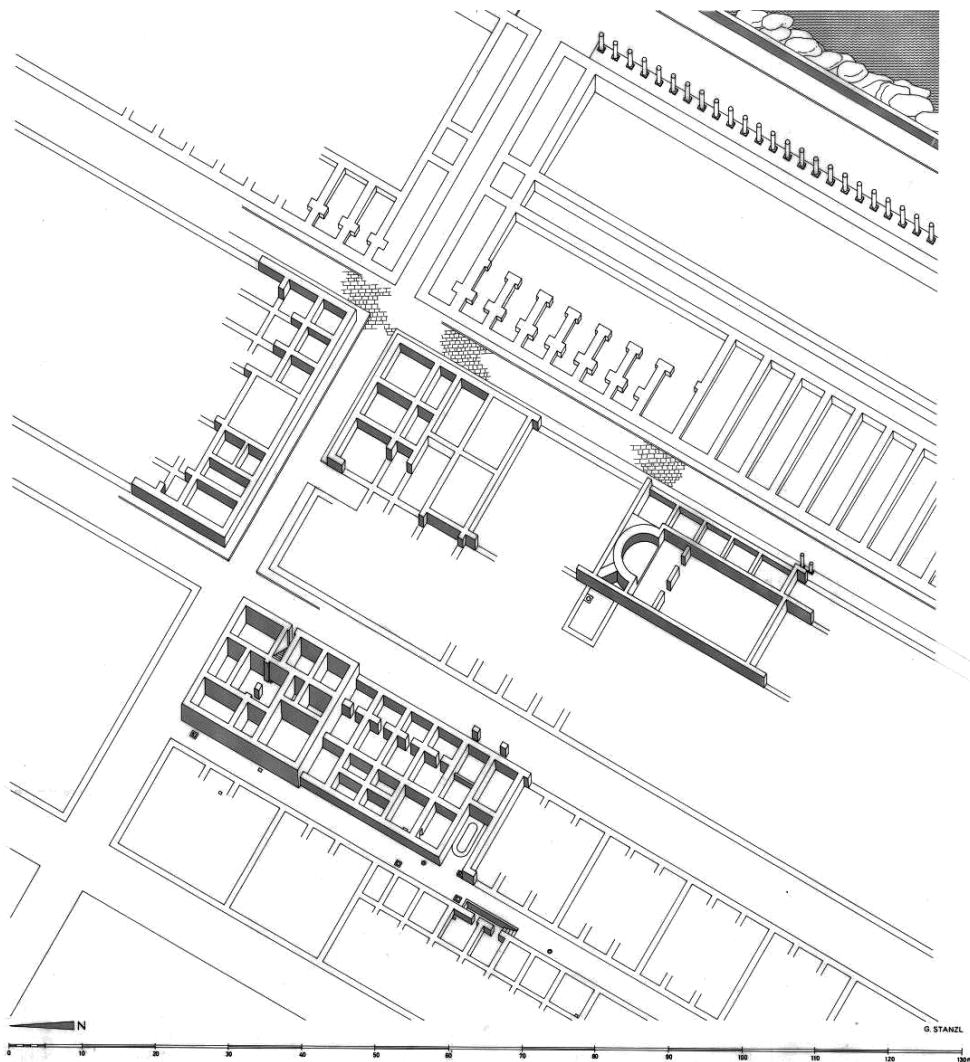


Figura 8: Representação axonométrica das insulae e unidades do denominado Quartier Magón, com a projeção do decumanus maximus entre o cardo XVI leste e o mar. Após G. Stanzl.

¹⁴⁸ RAKOB, Friedrich. *L'habitat ancien et le système urbanistique*. p. 36-37. Sobre os possíveis usos das estruturas do *vicus* e os modos com que suas localizações permitem apontar para as relações horizontais mantidas pelos trabalhadores, ver: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas Populi*. p. 49-51.

¹⁴⁹ RAKOB, Friedrich. *Fouilles allemandes à Carthage*. p. 8; RAKOB, Friedrich. *The making of Augustan Carthage*. p. 78.



Figura 9: Avanços registrados no *decumanus* I Norte, após H. Broise (2012, p. 357, fig. 395).

Durante os séculos III e IV poucas mudanças foram feitas. A maior parte das alterações estava relacionada com quedas de muros ou medidas que prevenissem futuros desabamentos. Uma dessas medidas foi a construção de pilastras externas para a solidificação dos andares superiores dos edifícios, tal como visto na região do porto circular. O mesmo fenômeno pode ser notado no *decumanus* I Norte, que teve sua largura, entre os *cardines* XVII e XVIII, progressivamente reduzida para 4 m. A primeira construção de pilastras de pórticos data de fins do século IV ou início do V. Esta construção em direção à rua contou com um avanço de 1,30 m. Datam desse mesmo período intrusões realizadas sobre os *cardines* XVII e XVIII Leste. Nestes dois últimos casos, no entanto, foram as fachadas dos edifícios que avançaram. Realizadas de forma pontual em alguns edifícios das *insulae* a oeste de cada uma dessas vias, as fachadas chegaram a adentrar até 1,40 m sobre as ruas (**Figura 9**). Contemporâneas a essas mesmas mudanças foram restaurações e manutenções das vias e de suas calçadas que, apesar de inviabilizadas para os pedestres em certos pontos, como na construção das pilastras no *decumanus* I, são algumas das poucas evidências dessas instalações na cidade que sobreviveram¹⁵⁰.

¹⁵⁰ RAKOB, Friedrich. Fouilles allemandes à Carthage. p. 8; BROISE, Henri. L'évolution des *insulae*. p. 348, 357.

Não muito longe do *Quartier Magon*, a equipe alemã constatou o mesmo fenômeno, agora na *insula* localizada face ao *decumanus maximus*, entre os *cardines* XII e XIII Leste, a área situada na moderna rua Ibn Chabâat, batizado de *Quartier Didon*. Tal como o anterior, esse sítio apresenta uma história longa de ocupação, com fases que remontam ao período púnico mais recuado, mas com edifícios com diversas funcionalidades¹⁵¹. No que diz respeito ao período romano, a configuração em *insula* ortogonal data da implementação do plano da cidade no período augustano, que se sobrepôs às construções anteriores. Nesse primeiro momento, foram construídas unidades habitacionais, com alguns cômodos, assim como uma série de *tabernae* que se abriam para o *cardo* XIII Leste. Ainda no fim do século I de nossa era, esse espaço de habitação e comércio deu lugar a um edifício de mais de um andar, formado por três grandes salas, com tamanhos distintos, além de outras menores orientadas no ângulo norte-sul. Não se sabe ao certo qual a função dessa nova estrutura e de seus componentes, embora especule-se que possa ter sido um galpão de armazenamento, com amplos sinais de movimentação e circulação¹⁵². De todo modo, próximo ao fim do século II, tal unidade foi sobreposta por um edifício monumental. A nova construção media 51,50 m por 38,90 m, e sua largura ocupava os extremos de um *cardo* a outro. A fachada principal do edifício era voltada para o *decumanus maximus*, para o qual se abria uma escada de acesso ao cômodo de entrada. Voltadas para o *cardo* XIII, dado o desnível do terreno, ainda existiam uma série de *tabernae*. Para dar sustentação à nova estrutura, os muros existentes foram reforçados e o edifício, já neste momento, avançou com sua fachada por volta de 1,20 m em direção a cada um dos *cardines*. Foi contemporânea a essas mudanças a construção dos primeiros canais de esgoto no *cardo* XIII, que substituíram os drenos que existiam desde o período de Augusto. As funções do edifício não são conhecidas, embora, dados as dimensões, a forma com que ocupou antigas estruturas e o período de sua construção, num momento de reformulação e monumentalização da cidade, é muito provável tenha sido utilizado para alguma finalidade pública, com possíveis instalações de lojas nas salas do *cardo* XIII¹⁵³. Pode-se observar uma semelhança não negligenciável com as estruturas do *vicus*

¹⁵¹ O sítio possui um dos vestígios mais antigos da cidade, além de uma história continua de ocupação por habitações e por um santuário púnico do século II antes de nossa era. Mais sobre as ocupações púnicas sucessivas do sítio pode ser visto em: RAKOB, Friedrich. Fouilles recentes. Allemagne. Fouilles à Carthage en 1990. CEDAC, vol. 12, p. 7-12, 1991; RAKOB, Friedrich. Cartago. La topografía de la ciudad Púnica. p. 24-33.

¹⁵² FLÜGEL, Christof; DOLENZ, Heimo. Carthage, rue Ibn Chabâat. p. 36-38.

¹⁵³ RAKOB, Friedrich. Un temple punique à Carthage et l'édifice qui lui succède à l'époque romaine. CEDAC, vol. 16-17, p. 53-82, 1997a. esp. p. 55-61, para sua interpretação de que seria uma basílica civil, localizada na vizinhança do *forum* da cidade baixa: p. 60-61; FLÜGEL, Christof; DOLENZ, Heimo. Carthage, rue Ibn Chabâat. p. 36-38.

argentariorum, que, conforme veremos adiante, não será apenas em suas formas arquitetônicas.

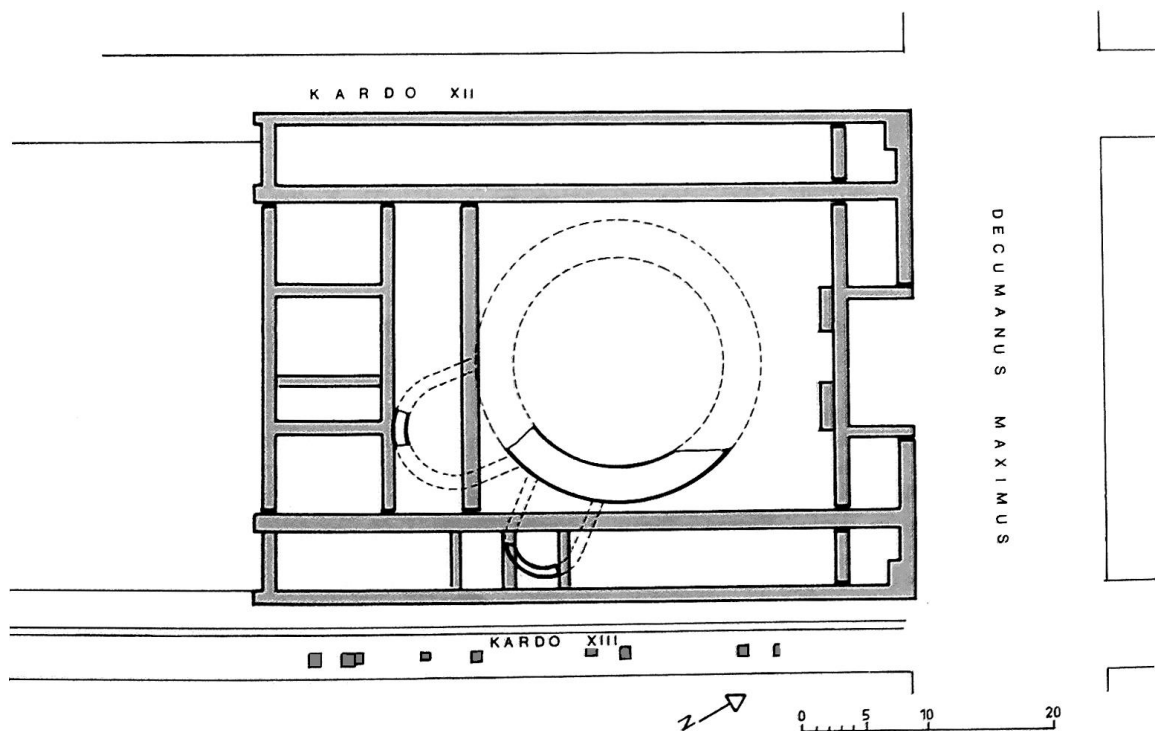


Figura 10: Plano com o posicionamento das colunas instaladas no *cardo* XIII Leste, extraído de *Karthago II* (p. 9, fig. 6, b).

Até o século IV, não foi realizada nenhuma grande reformulação estrutural na região. No entanto, em algum momento entre segunda metade do século IV e o início do século V ocorreu outro avanço de estruturas sobre a via pública (*Figura 10*). O *cardo* XIII, que já havia sofrido a intromissão precoce do muro do edifício na sua lateral oeste, teve a construção, agora em sua lateral leste, de uma série de 12 pilastras em seu espaço. Construídas em frente a edifícios desconhecidos, pois não escavados, as pilastras tinham um formato quadrilátero, com tamanhos variados e foram dispostas com distâncias irregulares entre si. Tal como as dos outros casos citados, elas eram largas e construídas em alvenaria e, portanto, é bem provável que foram feitas para sustentar andares superiores. Os avanços dos pórticos em direção à rua chegaram, no total, a pouco mais de 2 m, com os trechos para transeuntes em seu interior restrito para até 0,85 m em alguns pontos. Apesar dessas mudanças, nenhuma estrutura afetou nem o canal de esgoto, que continuou em funcionamento, nem o grande edifício da *insula*, que manteve seu uso constante. Ao fim das transformações, é possível imaginar que o *cardo* XIII apresentasse uma sequência de *tabernae* em ambos os lados de seu trajeto, das quais uma

era composta por habitações em seus andares superiores e, somadas as intrusões, com uma largura de até, mais ou menos, 4,12 m¹⁵⁴.

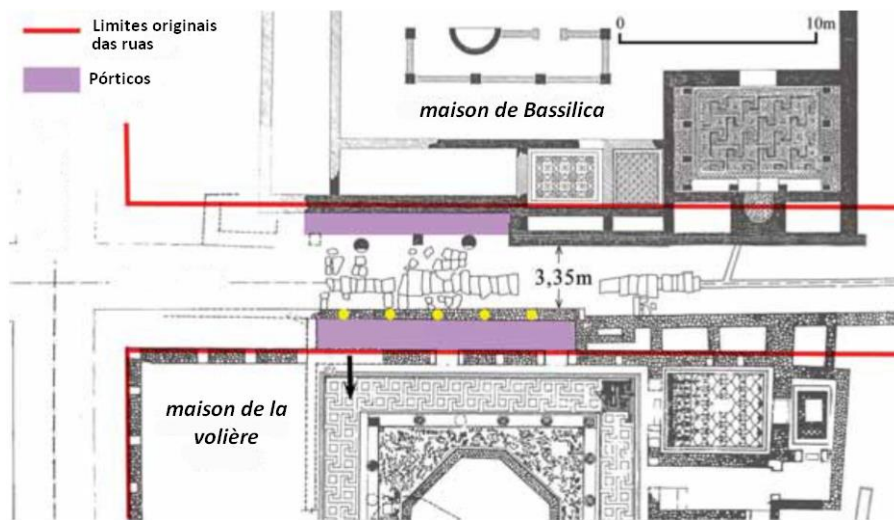


Figura 11: Plano com a representação da diminuição do *cardo VIII Leste* devido aos avanços das colunatas instaladas nas chamadas *Maison de Bassilica* e *Maison de la volière*. Após H. Broise (2012, p. 354, fig. 392).

Os dois casos seguintes de pilastras construídas sobre as ruas diferem em alguns aspectos desses três primeiros. Um primeiro diferencial é que estavam em outra região bem particular da cidade, distante do porto e da zona entre a costa e Byrsa. Eram residências luxuosas, localizadas na colina do odeão, numa vizinhança com várias outras *domus* similares, no setor conhecido como “*villas romaines*”. Outro marcador de diferença é que suas escavações ocorreram bem no início do século XX, em trabalhos realizados por Paul Gauckler¹⁵⁵. Sem aplicações de técnicas estratigráficas, as datações realizadas para ambas as *domus* foram embasadas em detalhes construtivos, sobretudo nos estilos dos vários mosaicos encontrados.

Esses problemas, no entanto, podem ser de alguma forma contornados. A começar com o caso da *domus* conhecida por *Maison de la Volière* (Casa do Apiário). Situada entre os

¹⁵⁴ Esta interpretação segue as possibilidades permitidas com a comparação das construções no edifício ao norte do porto circular, pela análise realizada de resíduos de lixo doméstico encontrados nos sumidouros e esgotos pela equipe de escavação, além da própria história do sítio antes da instalação do edifício público. Sobre a análise do lixo, ver: RAKOB, Friedrich. Recherches dans le centre de la ville de Carthage. Second rapport préliminaire. CEDAC, vol. 16-17, p. 83-110, 1997b. p. 92-95; retomado em: **Karthago Band IV**, p. 148; FLÜGEL, Christof; DOLENZ, Heimo. Carthage, rue Ibn Chabâat. p. 38; BROISE, Henri. L'évolution des *insulae*. p. 348. Para críticas realizadas sobre as datações e os questionamentos realizados (e os não realizados) pela equipe de escavação, ver: FREED, Joan. Excavating Roman Carthage: two contrasting (French and German) reports. **JRA**, vol. 23, p. 810-820, 2013. esp. p. 820.

¹⁵⁵ Para *maison de la volière*: GAUCKLER, Paul. Comptes rendu de la Marche du Service des Antiquités en 1903. Tunis: Imprièrie Centrale, 1904. Para *maison de Bassilica*: GAUCKLER, Paul. Rapport sur des inscriptions latines découvertes en Tunisie de 1900 à 1905. **NAM**, vol. XV, fasc. 4, 1907. esp. p. 431, Pl. XXV, XXVI.

cardines VIII e IX Leste, e entre os *decumani* V e VI Norte, a parte escavada da *domus* ocupava uma área de mais ou menos 1.630 m² e ocupava pouco mais do que a metade do comprimento de uma *insula*. Para além dos relatórios iniciais, ela foi reinvestigada ao longo dos anos 1960, com interesses renovados, mas ainda embasados na investigação de seus mosaicos¹⁵⁶. Os novos trabalhos, apesar da documentação limitada, permitiram constituir uma história parcial de sua instalação e reformas posteriores. A maior parte do edifício que é conhecida hoje foi construída no fim do século III ou no início do século IV¹⁵⁷. Nessa fase, a *domus* invadiu o espaço das três ruas que a cercava: a leste sobre o *cardo* IX, a oeste sobre o *cardo* VIII e, ao sul, sobre o *decumanus* V (**Figura 11**). Neste último, uma parte da fachada do muro de sustentação foi ampliada para a rua, até atingir o nível axial do esgoto, mas sem o obstruir. O mesmo ocorreu na lateral do *cardo* IX até o cruzamento com *decumanus* V, com o avanço das fachadas da *domus* e de *tabernae* instaladas no quadrante sudeste do complexo, abaixo do nível de alguns dos cômodos da casa. Foi sobre o *cardo* VIII que as pilastras foram construídas. Elas integravam o projeto de um pórtico que dava acesso à *domus*¹⁵⁸. O avanço sobre as ruas nesse ponto chegou a mais ou menos 2 m, com um espaço interno para trânsito de 1,35 m. A ocupação sobre o *cardo* continuou no prolongamento da *domus* no *cardo* VIII, mas agora com a intrusão de novas fachadas, a partir da construção de um estreito corredor com possíveis *tabernae*. A não ser por um pequeno recuo que possuía, seu posicionamento era quase que alinhado com o do novo pórtico e, também, com a ampliação da fachada na parte mais ao sul da *domus*. Estas intrusões, como nas outras vias, também não afetaram os canais de esgoto¹⁵⁹.

¹⁵⁶ PICARD, Gilbert. Un palais du IV^e siècle à Carthage. **CRAI**, 108^e année, n. 1, p. 101-118, 1964. esp. p. 109-110. DUNBABIN, Katherine. **The mosaics of Roman North Africa: studies in iconography and patronage**. Oxford: Oxford University Press, 1978. p. 253. ENNABLI, Abdelmajid. La maison de la Volière à Carthage : l'architecture. In : **Mosaïque. Recueil d'hommages à Henri Stern**. Paris : Recherches sur les civilisations, 1983. p. 129-145; **Amplissimae atque ornamentissimae domus**, 2. p. 125-129 ; BEN OSMAN, Wassila. Étude des pavements de la villa de la volière. In. : **Mosaïque. Recueil d'hommages à Henri Stern**. p. 147-156.

¹⁵⁷ Suas instalações foram realizadas sobre outros edifícios residenciais que podem remontar, em suas primeiras fases construtivas, ao século I. Para uma síntese da cronologia do edifício, ver: **Amplissimae atque ornamentissimae domus**, 2. p. 125. Hipóteses para o século III dessa fase de construção que avança sobre as ruas foram realizadas por: DUNBABIN, Katherine. **The mosaics of Roman North Africa**. p. 253, n. 38; as hipóteses que sigo aqui, de uma possibilidade de realização das mudanças nos séculos III-IV de nossa era são encontradas em: ENNABLI, Abdelmajid. La maison de la Volière à Carthage. p. 143.

¹⁵⁸ A interpretação da fachada com pórticos não é um consenso. Ela foi proposta recentemente por Henri Broise, a partir da hipótese de que as colunas foram instaladas para a formação do pórtico instalados na rua e não como uma galeria abobadada e fechada, sem conexão com o *cardo*, como propôs Ennabli. Para essas posições, ver: BROISE, Henri. L'évolution des *insulae*. p. 355, n. 73; ENNABLI, Abdelmajid. La maison de la Volière à Carthage. p. 135. A posição de Ennabli é retomada em: **Amplissimae atque ornamentissimae domus**, 2. p. 125.

¹⁵⁹ ENNABLI, Abdelmajid. La maison de la Volière à Carthage. p. 129-142 ; BROISE, Henri. L'évolution des *insulae*. p. 350-351. Para uma identificação e análise das *tabernae* em particular: MOSCA, Annapaola, Cartagine: topografia degli impianti produttivi e delle aree commerciale in età romana e tardoantica. **Africa romana**, 18, 1, p. 615-630, 2010. p. 621-624.

O próximo caso também ocorreu no *cardo* VIII Leste. Para ser mais exato, na casa vizinha à *Maison de la Volière*, conhecida pelo nome de *Maison de Basilica* (Casa de Basilica). Com uma dimensão mais modesta do que a anterior, de aproximadamente 700 m², sua estrutura se prolongava até o *cardo* VII Leste e também fazia frente o *decumanus* V Norte. Infelizmente, de sua cronologia, apenas é conhecida a fase de construção dos vestígios que se encontram *in situ*, datados do decorrer do século IV¹⁶⁰. Foram construídas neste mesmo período as pilastras que avançaram sobre a rua. Contudo, neste caso, as pilastras diferiam em forma e função da *Maison de la Volière*, a começar pelos materiais. As pilastras eram compostas por blocos claramente reutilizados, de tamanhos não uniformes. Sua principal função parece ter sido como fortalecimento da sustentação de um cômodo ou terraço superior. Porém, o pórtico que foi formado não servia como via de acesso a nenhum cômodo e seu trajeto era bastante limitado, tanto em extensão quanto em largura, de pouco mais de 1 m. Isso porque, ainda que não se saiba ao certo sua extensão rumo ao *decumanus* V, quando em direção para o norte, o pórtico se encerrava em um muro lateral da *domus*. Tal muro se integrava à extensão da fachada e marcava o início do avanço desta lateral da casa sobre o *cardo* VIII. Ao fim, as pilastras e a fachada ficaram alinhadas em suas intrusões sobre a rua, com avanço em torno de 1,75 m. O *cardo* VIII, por sua vez, com o alargamento de ambas as *domus* chegou a ter em sua parte mais estreita 3,35 m de largura e, em grande parte de sua extensão conhecida, por volta de 3,60 m. Embora tenha sido reduzido mais do que a metade de sua dimensão tradicional, a canalização do esgoto não foi afetada e os pavimentos existentes da rua continuaram a receber manutenção nesse momento¹⁶¹.

De outra *domus* luxuosa deriva o último caso aqui trabalhado. A denominada *House of Greek Charioteers* (Casa dos Aurigas Gregos) apresenta elementos que a singularizam diante das demais *domus*, a começar pela sua localização. Construída entre os *cardines* VIII e IX Leste e entre os *decumani* II e III Sul, é a casa de proporções luxuosas mais ao sul da cidade até hoje encontrada¹⁶². Sua escavação foi realizada entre os anos 1975-1978 pela equipe estadunidense das campanhas de salvaguarda da UNESCO¹⁶³. Embora apenas uma parte da *domus* tenha sido escavada, com ênfase para seu pátio central, *triclinium* e peristilo, num total

¹⁶⁰ A datação foi realizada com base em estilos de mosaico; há, no entanto, a possibilidade da casa ter sido construída num período anterior. A respeito dessa datação, ver: DUNBABIN, Katherine. **The mosaics of Roman North Africa**. p. 129-130; 253, n. 34. **Amplissimae atque ornamentissimae domus**, 2. p. 123.

¹⁶¹ BROISE, Henri. L'évolution des *insulae*. p. 352-355.

¹⁶² Comparar com as demais reunidas em: **Amplissimae atque ornamentissimae domus**, 2. p. 111.

¹⁶³ BROWN, R.; HUMPRHEY, J.H.; MacLENNAN, J. Preliminary field report. In: **Excavations at Carthage I**. p. 1-19; HUMPHREY, John. Pied du versant est de Byrsa : l'évolution d'un quartier. In: ENNABLI, A. (dir.) **Pour sauver Carthage**. p. 165-176, p. 169-174.

de 400 m², grande parte da fachada voltada para o *cardo* IX Leste foi investigada. Graças às análises estratigráficas e um apurado conhecimento sobre as cerâmicas africanas (tanto a de mesa, como as ânforas), foi possível datar com certa precisão o desenvolvimento de fases com mudanças significativas da casa e da rua adjacente. Todavia, não se sabe ao certo a cronologia das primeiras fases de ocupação, ainda que haja indícios de que tenham sido utilizadas para fins habitacionais já no século II¹⁶⁴. Um período marcante de sua história de ocupação data de fins do século IV, momento em que adquiriu a dimensão máxima obtida durante as escavações, inclusive com instalações de diversos mosaicos figurados, como o dos aurigas que lhe batiza. Nesta fase de reconstrução, sua fachada avançou pouco mais de 1,50 m sobre a rua¹⁶⁵. Contudo, num período que não é possível datar com precisão, do qual apenas se sabe seu *terminus ante quem* dado o avanço da fachada da casa em fins do século IV, ocorreu a construção de pilastras sobre a via¹⁶⁶. Neste caso, elas também foram construídas 1,50 m sobre o *cardo* IX, com espaço pedonal interno de quase 1 m. Infelizmente, não sabemos a largura final da via neste momento em que houve o avanço com colunas. Mas é possível conjecturar que possa ter sido até menor do que os quase 5,56 m, caso contabilizasse apenas o avanço a partir da *domus*. Isto porque a oeste da casa estava o edifício conhecido como *Monument à Colonnes* (Monumento com Colunas), sobre o qual, tempos depois, seria construído a chamada basílica de Cartagena¹⁶⁷. Sabemos que no mesmo período em que ocorreu o avanço da fachada da casa, o edifício já contava com uma intrusão de 1,85 m sobre o *cardo* IX¹⁶⁸. Se considerarmos que o edifício tenha realizado um avanço sobre a via, independente se por meio de colunas ou com a fachada, de dimensões semelhantes às da sua situação de fins do século IV, que reduziu o *cardo* IX a quase 3,70 m, poderíamos afirmar que houve uma diminuição expressiva da rua em um período um pouco mais recuado¹⁶⁹. De todo modo, no período de reconstrução da fachada da casa, houve uma repavimentação do *cardo*, assim como o sistema de drenagem do esgoto não sofreu intervenções em seu funcionamento¹⁷⁰.

¹⁶⁴ Possibilidades atribuídas até mesmo para um período púnico: HUMPHREY, John. *Pied du versant est de Byrsa*. p. 170.

¹⁶⁵ BROWN, R.; HUMPRHEY, J.H.; MacLENNAN, J. *Preliminary field report*. p. 7.

¹⁶⁶ Os escavadores defendem a hipótese de que já no século III teria ocorrido este primeiro avanço: BROWN, R.; HUMPRHEY, J.H.; MacLENNAN, J. *Preliminary field report*. p. 19.

¹⁶⁷ ENNABLI, Liliane. *La basilique de Carthagenna et le locus des sept moines de Gafsa* : nouveaux édifices chrétiens de Carthage. Paris : Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 2000. p. 14-20.

¹⁶⁸ Avanço de igual medida também feito sobre o *cardo* X. As medidas estabelecidas para este avanço foram baseadas nos cálculos de: BROISE, Henri. *L'évolution des insulae*. p. 348.

¹⁶⁹ BROISE, Henri. *L'évolution des insulae*. p. 349.

¹⁷⁰ BROWN, R.; HUMPRHEY, J.H.; MacLENNAN, J. *Preliminary field report*. p. 11.

Habitações luxuosas e simples, espaços de produção e de comércio e mesmo em proximidade a edifícios públicos monumentais: a variedade dos tipos e formas de construções que fizeram uso das estratégias de inserção de pórticos para além das fachadas que outrora estavam dentro dos limites do plano inicial cartaginês impressiona. Mais, acarreta, de modo direto, em como foram realizadas as experiências dos espaços urbanos e, em especial, em como as ruas passaram a ser percebidas, as sensações que provocavam e os fluxos de pessoas, animais e carros que mantinham. Essa foi uma transformação que atingiu diferentes grupos sociais em diversos lugares da cidade. Porém, transformação realizada com meios, materialidades e finalidades distintas. Assim, ainda que se assemelhem de um ponto de vista tipológico, na conformidade dos avanços sobre as ruas, no que se refere aos usos e objetivos daqueles que construíram estas estruturas, existiram certas diferenças entre essas práticas.

Os três casos que contam com habitações mais simples e locais de produção e comércio demonstram um pouco dessa diversidade. No primeiro, o edifício ao norte do porto circular sofreu uma mudança total e unificada: no período de instalação dos pórticos, as unidades de habitação/produção menores foram transformadas em um só complexo com andares. No caso ocorrido no bairro do *Magon*, as pilastras que avançaram sobre as ruas no IV século foram pontuais, com a construção em frente a um ou dois espaços de habitação/produção. Para a região próxima ao monumento público, não há como ter certeza das características das estruturas que estavam conectadas aos pórticos. Contudo, é possível imaginar que, ao fazer relações com as prováveis *tabernae* do edifício público que se voltavam para o *cardo XIII Leste* e a proximidade para com o *decumanus maximus*, as pilastras seriam parte de uma estrutura de pórticos de outra série de *tabernae*, ainda que não se saiba se eram pertencentes a um só complexo ou parte de unidades distintas.

Do mesmo modo, é possível apontar alguns elementos comuns entre esses edifícios. A construção de pórticos com a finalidade de ampliação ou sustentação de andares superiores teve impactos em suas materialidades, que iam para além do avanço das pilastras sobre as ruas. Houve uma expansão e imbricação do espaço virtual e real das lojas/oficinas com seus respectivos espaços exteriores. As calçadas formadas pelos pórticos eram estreitas demais para os caminhantes, porém, por outro ângulo, abriam espaços em frente às *tabernae* que poderiam ser suficientes o bastante para exposição de produtos finalizados ou avanço de ferramentas e manipulação de etapas do processo de fabrico para além dos âmbitos interiores. Em outras palavras, uma ampliação material da visibilidade das *tabernae/officinae*, de seus conteúdos, produtos e profissionais. Esse aumento de exposição, ao chamar a atenção dos

transeuntes pela sua forma, teve como um de seus efeitos trazer ao primeiro plano não apenas o objeto finalizado, como também práticas e técnicas de manipulação e fabrico empregadas, de modo a instigar a curiosidade e aguçar a imaginação de observadores que transitavam pelos arredores. Esses modos de exibição das práticas realizadas assemelham-se a algumas das cenas de processos produtivos instalados diante das oficinas e lojas presentes no famoso mosaico de Yakto, encontrado nos arredores de Antioquia¹⁷¹. Da mesma forma, creio que muitas das observações perspicazes e realistas de Agostinho a respeito dos processos de produção, das ferramentas e instrumental dos artesãos foram constituídas por meio dessa possibilidade de visualização que as *tabernae* e *officinae* passaram a oferecer aos transeuntes¹⁷².

Cartago é, como já dito, um exemplo excepcional para observar as mudanças urbanas gerais e, em particular, das vias na Antiguidade Tardia. Com os exemplos trabalhados, é possível constatar uma transformação gradual e contemporânea de avanço sobre as ruas por pórticos e colunatas em vários pontos da cidade. Contudo, antes de adentrar de uma maneira mais detida nas características das localidades em que ocorreram os avanços e nos impactos que puderam ter nos transeuntes das ruas afetadas, é necessário tentar comparar e compreender se tais mudanças ocorreram em outras cidades norte-africanas durante esse mesmo período e, de igual modo, indagar as formas, as temporalidades e os grupos e atores sociais envolvidos nesses processos. Os exemplos para tais fins, apesar de escassos, esparsos e de difícil interpretação, quando reunidos e investigados em conjunto permitem construir uma imagem ampliada desse fenômeno, de seus alcances, limites e variações. Nesse sentido, creio que alguns casos importantes podem ser encontrados em transformações ocorridas na cidade de Sabratha. Ao analisar os avanços sobre as ruas sabrathenses no interior do período que vai até inícios do V, é possível evocar e cotejar, com os mesmos propósitos, exemplos de outras cidades norte-africanas que dialogam com as mudanças gerais das dinâmicas urbanas

¹⁷¹ Sobre as interpretações das estruturas edilícias e das atividades profissionais que aparecem no mosaico de Yakto, ver: LASSUS, Jean. Dans les rues d'Antioche. **Bulletin d'études orientales**, t. 5, p. 121-124, 1935; THOLBECQ, Laurent. La mosaïque de Yakto et ses contextes : balises, questions et pistes de recherche. In: **Colloque international "Daphné faubourg d'Antioche sur l'Oronte"**, 7 & 8 juin 2016, Lyon, Université Jean Moulin Lyon 3, 2016.

¹⁷² Agostinho descreve de forma elogiosa, sobretudo em seus sermões, o ofício de artesanal. Os detalhes de sua descrição são voltados para os processos e a organização do trabalho, o saber artesão e as ferramentas utilizadas. Das várias passagens, cabe apontar neste momento para: Agost. **En. in Psalm.** 54, 22; 148,12; 98, 12; **Sermo.** 242, 7; 301, 4; **De civ. Dei.** VII, 4. Muito destas descrições de Agostinho estavam atreladas de modo direto com a questão da valorização do trabalho que desenvolveu. Sobre isto, ver: MACCORMACK, Sabine. The virtue of work: an Augustinian transformation. **Antiquité Tardive.** vol. 9, p. 219-237, 2002. SALAMITO, Jean-Marie. Saint Augustin, le travail et les travailleurs. In : MERCURE, Daniel ; SPURK, Jan. (dir.) **Le travail dans l'histoire de la pensée occidentale.** Quebec : Les Presses de l'Université Laval, 2003. p. 59-97.

em Cartago. Para tanto, porém, creio que seja preciso realizar o mesmo procedimento aplicado a Cartago: um enfoque historiográfico para a conformação do plano urbano que temos consolidado para Sabratha hoje e nos modos como a história de sua investigação e escavação se entremeia com as histórias daquilo que pode e não pode (mais) ser conhecido. Tudo feito de modo a destacar a importância das ruas nessas operações. Tão indispensável quanto esse primeiro movimento é narrar a composição da organização urbana do sítio e os marcos de seus desenvolvimentos, de modo a demonstrar as condições de conhecimento sobre os avanços sobre as ruas, face aos desafios e às limitações documentais.

1.5 Em busca do plano urbano de Sabratha: pesquisas e composições de outra rede viária no período romano

As primeiras escavações em Sabratha sofreram do mesmo mal que grande parte das cidades norte-africanas do início do século XX. A cidade foi desenterrada quase que por completo durante os períodos de ocupação colonial italiana¹⁷³. No interior de um programa de reestruturação da civilização romana antiga e propaganda de sua continuidade agora sob a dominação italiana fascista, as escavações se esforçaram para tornar a “cidade romana” visível, com seus grandes espaços e monumentos públicos restaurados, expondo com louvor seus mármores e estátuas. Nessa paisagem, as ruas desenterradas ao longo de suas extensões quase que completas interligavam todos aqueles elementos antigos, atribuíam-lhes um aspecto unitário e homogêneo, mesmo que construídos em diferentes momentos histórico, para compor o que Andrew Wilson bem identificou como um “cartão postal de uma cidade romana”¹⁷⁴.

Um fato particular demonstra a importância dada às ruas já nesse processo de desenterramento. O método empregado por Renato Bartoccini, quando à frente das missões

¹⁷³ Sobre as escavações e os projetos políticos propagandísticos do colonialismo italiano na Líbia, ver: MUNZI, Massimiliano. **L'epica del ritorno: archeologia e politica nella Tripolitania italiana**. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2001. Um resumo dos trabalhos de Munzi sobre os primeiros anos de arqueologia colonial pode ser encontrado em: MUNZI, Massimiliano. Italian archaeologists in colonial Tripolitania. **Lybian Studies**, v. 43, p. 81-110, 2012. Ver também: TROILO, Simona. Visions of the Empire: The ruins of the Roman past in Fascist Libya. **Nuncius**. Vol. 37, n. 3, p. 615-642, 2022. Sobre a arqueologia colonial realizada especificamente em Sabratha, ver: MUNZI, Massimiliano. Quaranta anni di archeologia coloniale a Sabratha, 1911-1951. In: MUSSO, Luisa; BUCCINO, Laura (Eds.) **Museo di Sabratha nei disegni di Diego Vincifori: architettura e archeologia nella Libia degli anni trenta**. Firenze: All'insegna del Giglio, 2013. p. 203-213.

¹⁷⁴ WILSON, Andrew. Fish-salting workshops in Sabratha. In: LAGÓSTENA, L.; BERNAL, D.; ARÉVALO, A. (eds.). **Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la Antigüedad**. Universidad de Cádiz, Noviembre 2005. Oxford: B.A.R., Int. Ser., 2007. p. 173-181. p. 173. *Today the ruins suggest a charming and peaceful city, rich in marble architecture and sculpture – a postcard Roman town* (com ênfase o trecho citado).

arqueológicas em Sabratha, consistia naquilo que chamava de *manchas de óleo*¹⁷⁵. O objetivo com o emprego desta estratégia era abrir um clarão nos grandes espaços e monumentos públicos que eram identificados, até que alcançassem o nível designado como romano. Após detectados os quatro ângulos espaciais desse espaço construído, a atenção voltava-se para as vias que o circundavam. O desenterramento das ruas era realizado tal como uma aplicação de injeção de contraste, de modo a fazer com que as vias e o sistema viário como um todo auxiliassem na construção e promoção da “imagem da cidade romana”¹⁷⁶. Embora seu objetivo não fosse delinear a conectividade do tecido urbano, o efeito colateral do emprego dessa estratégia de desenterramento foi demonstrar como as vias construíam a malha urbana e auxiliavam na elaboração da própria ideia do que seria uma cidade. Outro efeito colateral, desta vez nocivo, foi a remoção de forma indiscriminada das camadas de ocupação mais tardias das áreas desenterradas.

As dificuldades estratigráficas e cronológicas instauradas nesse processo inicial de escavação começaram a ser amenizadas com escavações realizadas na segunda metade do século passado, executadas agora por equipes britânicas e por novas equipes italianas. Além da escavação de sítios não explorados de início, as missões arqueológicas também efetuaram um processo de reavaliação, com escavações estratigráficas pontuais, de vários monumentos e espaços que foram desenterrados no período anterior. Mesmo com interesses e escopos distintos, ambas equipes proporcionaram novos conhecimentos e fontes materiais para a reavaliação das condições de diversos bairros, edifícios e ruas de Sabratha na Antiguidade tardia¹⁷⁷. Uma dessas reavaliações de estruturas da cidade está conectada com os estudos sobre a implantação e desenvolvimento de sua rede urbana, sobretudo com as construções iniciadas com o processo de integração no Império. É no interior desse tópico de implantação da “cidade romana” e de seus desenvolvimentos posteriores que está a possibilidade de inferir algo sobre as dimensões das ruas, suas relações com os edifícios margeantes e sobre suas condições a partir da segunda metade do século IV. Assim, creio que é preciso delinear essa

¹⁷⁵ Sobre as atuações de Bartoccini enquanto *ispettore* na Líbia, com especial atenção em Sabratha, e, em seguida, enquanto *soprintendente* da Tripolitânia, ver: MUNZI, Massimiliano. Italian archaeologists in colonial Tripolitania. p. 88-93.

¹⁷⁶ BARTOCCINI, Renato. **Guida di Sabratha**. Roma–Milano: 1927. p. 17-18.

¹⁷⁷ Uma primeira tentativa de avaliação sintética desses esforços arqueológicos em Sabratha, assim como na região da Tripolitânia, foi realizada por JONES, G.B.D. Town and city in Tripolitania: studies in origins and development 1969-1989. **Libyan Studies**, n. 20, p. 91-106, 1989. esp. p. 101-102; sobre os grandes edifícios escavados, ver: WALDA, H.M.; WALKER, S. Ancient Art and Architecture in Tripolitania and Cyrenaica: New Publications 1969-1989. **Libyan Studies**, n. 20, p. 107-115. esp. p. 107-109. Um panorama das atividades das missões italianas, com extensa apresentação bibliográfica, é encontrado em: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017.

história, ainda que feita de maneira sintética e com saltos temporais, para compreender as suas configurações e mudanças posteriores.

Antes de sua inserção no Império, Sabratha já possuía uma longa história. Suas primeiras formas de ocupação temporárias, enquanto um entreposto de navegação fenício, *emporium*, remontam ao século VII AEC. Contudo, é somente a partir de inícios do século IV AEC que a região começou a abrigar um assentamento contínuo e construído em materiais menos perecíveis, localizado vizinho à orla marítima, no centro do que hoje é denominada como *Regio I*. O desenvolvimento constante de seu tecido urbano fez com que a cidade se expandisse pouco a pouco em direção ao interior, e uma fração da parte sul de sua ágora foi ocupada no século II AEC, período em que dois grandes mausoléus foram construídos nas franjas do, então, limite urbano¹⁷⁸. Também data da metade do século II AEC o início da instauração de uma rede viária que procurava estabelecer uma maior regularidade de suas formas, com certo planejamento, *per strigas*, com quadras paralelas alongadas e dispostas em ângulos retos, ao contrário dos padrões irregulares, com ruas estreitas e tortuosas, dos quarteirões habitados encontrados na parte costeira¹⁷⁹. Um dos fatos marcantes que contribuíram para a expansão urbana nesse período foi a derrota de Cartago na batalha de Zama, em 201 AEC, ao final da II Guerra Púnica, que fez com que Sabratha, Oea e Lepcis Magna rompessem com o domínio cartaginês e se desligassem dos encargos de impostos mais pesados e de restrições mercantis com o restante do Mediterrâneo¹⁸⁰. Com o fim da III Guerra Púnica, em 146 AEC, Sabratha passou para o domínio do reino númida, o que, mesmo com

¹⁷⁸ Sobre o mausoléu e sua datação, ver: DI VITA, Antonino. Il mausoleo punico-ellenistico B di Sabratha. **MDAI, Römische Abteilung**. vol. 83, p. 273-285, 1976. p. 273-274 para o desenvolvimento urbano; tópico retomado em: DI VITA, Antonino. I mausolei punici di Sabratha e l'impianto urbano della città ellenistica: prodotti di un sincretismo culturale. **Bolletino di Archeologia on line**, v. 1., p. 1-6, 2010. p. 1. Disponível em: <https://bollettinodiarcheologiaonline.beniculturali.it/wp-content/uploads/2019/01/1_DiVITA.pdf>. Acessado em: 16 de maio de 2022.

¹⁷⁹ Tal assentamento irregular pode ser observado nas denominadas *insulae 5-8* da *Regio II*. Sobre a história de implantação e desenvolvimento inicial de Sabratha, ver: DI VITA, Antonino. Sabrata. In: DI VITA, A.; DI VITA-EVRARD, G.; BACHIELLI, L. (eds.). **La Libia antigua**: ciudades perdidas del Imperio Romano. Trad. Montserrat Ribas. Colonia: Könnemann, 1999. p. 146-181. p. 149-151; BONACASA, Nicola. Riflessione. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**. p. 11-18.

¹⁸⁰ A respeito dos efeitos das guerras púnicas em Sabratha e nas outras duas principais cidades dos *emporia* líbicos, sobretudo em suas relações com Roma e a península itálica, ver: HAYNES, D.E.L. **The antiquities of Tripolitania**: An archaeological and historical guide to the pre-Islamic antiquities. Libya, London: The Antiquities Department of Tripolitania, The Trinity Press, 1959. p. 32-33; MATTINGLY, David J. **Tripolitania**. London: B.T. Batsford Limited, 1995. p. 88; DI VITA, Antonino. Resumen Historico. In: DI VITA, A.; DI VITA-EVRARD, G.; BACHIELLI, L. (eds.). **La Libia antigua**. p. 18-43. p. 20.

regulares pagamentos de tributos, não afetou sua abertura e integração mediterrâneas e suas expansões econômicas e urbanas¹⁸¹.

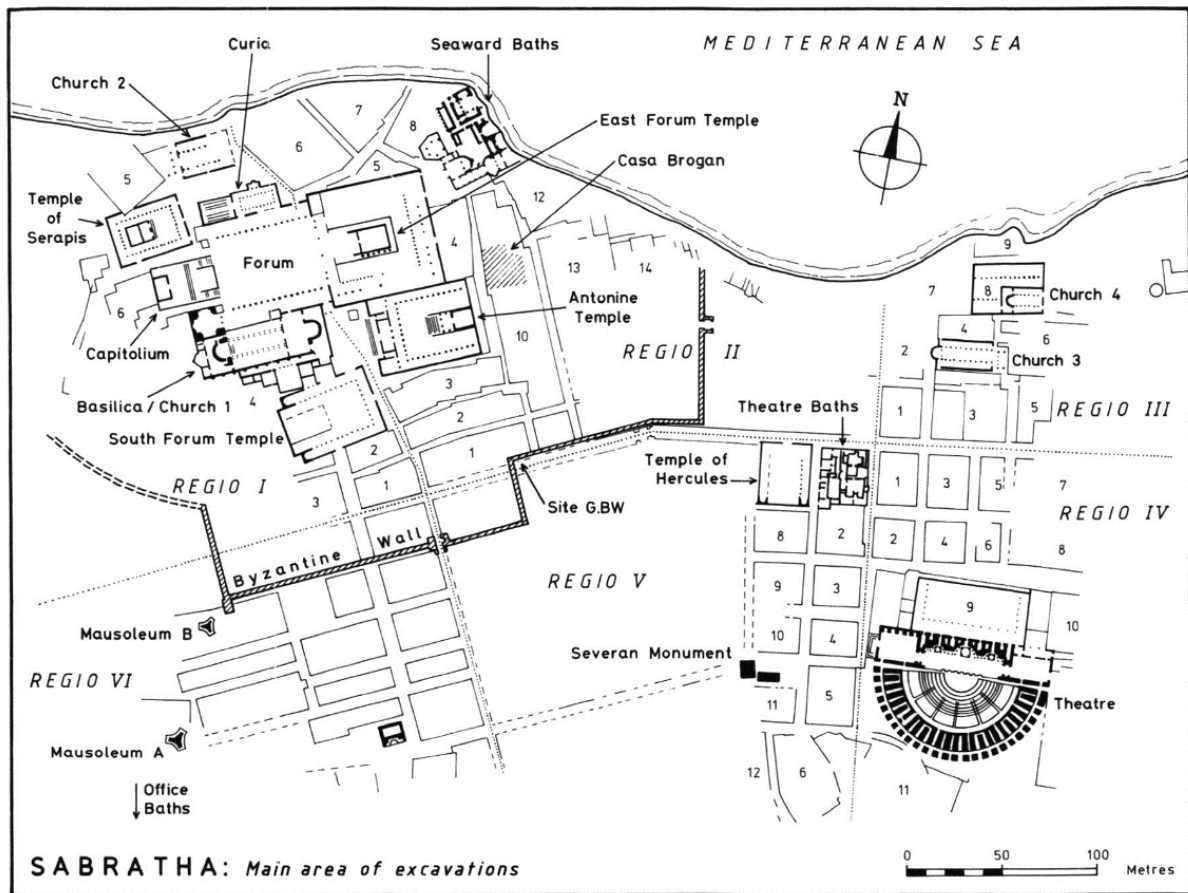


Figura 12: Plano de Sabratha com indicação dos principais sítios escavados na cidade e o cadastramento geral das *Regiones* e *insulae*, extraído de P. Kenrick (1982, p. 52, fig. 1).

A continuidade da expansão da cidade persistiu no decorrer do século I AEC. A área ocupada abrangeu a necrópole em que se encontrava um dos mausoléus citados, o denominado B, cujos grandes blocos de pedras empregados em sua construção foram reutilizados em diversas moradias que surgiram ao longo da segunda metade do século I AEC¹⁸². Em meio a este mesmo período da história da cidade, e dos *emporia* como um todo, um acontecimento político imprimiu mudanças profundas nas estruturas urbanas da cidade no decorrer dos séculos seguintes. Trata-se da anexação do reino da Numídia ao Império Romano, feito realizado por César em 46 AEC. Tal evento decorreu da vitória do general

¹⁸¹ Os mesmos efeitos também podem ser vistos em *Oea* e *Lepcis*. Ainda que seja difícil demonstrar o desenvolvimento urbano neste período, dado o assentamento contínuo e destruição de camadas anteriores, parte do poderio econômico dos *emporia* pode ser observado no desenvolvimento de suas necrópoles e seus respectivos monumentos mortuários. Nesse sentido, ver: DI VITA, Antonino. Resumen Historico. p. 20. Para o desenvolvimento urbano e econômico na região, em geral: MATTINGLY, David J. *Tripolitania*. p. 87-90.

¹⁸² DI VITA, Antonino. I mausolei punici di Sabratha. p. 2; DI VITA, Antonino. Il mausoleo punico-ellenistico B di Sabratha. p. 273-275.

romano na guerra n mida, contemporânea e decorrente das guerras civis romanas de 49-45 AEC, uma vez que o rei Juba I havia tomado o partido de Pompeu e Cipi o. Com a vitória, C sar integrou a região dos *emporia* na recém criada província da *Africa Nova*. No entanto, mesmo sob o jugo romano, os *emporia* ainda possuíam uma relativa autonomia local frente ao Império. Esta autonomia pode ser conferida no fato de que Sabratha e as demais cidades dos *emporia* não receberam uma ingerência imperial direta nesse início de anexa o e seus territórios nunca foram solo de *coloniae* romanas¹⁸³.

Com tal independência relativa face ao Império, paralela e somada com as integra es cada vez mais maiores de suas elites na rede comercial, no interior dos meios culturais e na própria política e institui es imperiais, Sabratha foi, até a primeira metade do século II, adquirindo fei es urbanas e arquitetônicas das cidades romanas¹⁸⁴. Desde o século I, a cidade já contava com elementos como, por exemplo, o *forum*, a basílica judiciária, o Capitólio, o chamado templo de *Liber Pater* e o atribuído a Ser pis. Todos estavam localizados num emergente complexo central, construído ao redor e de modo parcial sobre um prévio espaço aberto do período p nico da cidade. Neste período prévio, o espaço era circundado por estruturas habitacionais e/ou espaços comerciais e, portanto, pode ter sido utilizado como centro de trocas¹⁸⁵.

As diferenças de orienta o, propor o e materiais empregados entre essas instala es do período romano e aquelas do anterior são notáveis. Porém, mesmo que em alguns dos casos houvesse a tentativa de modificar direcionamentos e ângulos de ocupa es prévias, os novos edifícios ainda demonstravam certos alinhamentos e entroncamentos com estruturas mais antigas¹⁸⁶. Isto é perceptível em regiões que não apenas as das áreas costeiras, nas quais os persistentes quarteirões irregulares continuaram presentes por muito tempo na história da cidade. Um caso, por exemplo, é o das quadras de habita o mais ao sul desse complexo monumental emergente. As formas não-lineares das *insulae* 2-4, *Regio* II persistiram com

¹⁸³ Embora seja preciso acrescentar que, apesar desta relativa autonomia, sabemos que para Lepcis, por ter sido aliada aos adversários de César, foi atribuído um encargo tributário pesado, de 3 milhões de libras de azeite (cerca de 10.000 hectolitros). Sobre isto: HAYNES, D.E.L. **The antiquities of Tripolitania**. p. 34; BIRLEY, Anthony. **Septimius Severus: the African emperor**. London: Routledge, 1999. p. 1-8. Especificamente sobre Sabratha: MATTINGLY, David J. **Tripolitania**. p. 90.

¹⁸⁴ Sobre as formas de integra o no Império e as transforma es urbanas ocorridas em Sabratha e também em Leptis Magna entre os séculos I AEC e o I de nossa era, ver: MASTURZO, Nicol . *Le città della Tripolitania fra continuit  ed innovazione. I fori di Leptis Magna e Sabratha*. **Mélanges de l' cole française de Rome. Antiquité**, tome 115, n 2, p. 705-753, 2003. esp. p. 734-748, 751.

¹⁸⁵ Sobre as estruturas prévias do complexo forense romano de Sabratha, ver: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 10-12.

¹⁸⁶ Sobre os alinhamentos, persistências e altera es, ver: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 313.

configuração semelhante à inicial para além das reestruturações do período romano¹⁸⁷. Essas ocorrências demonstram não apenas a continuidade e persistência de uma armação urbana mais antiga, como também evidenciam uma transformação distinta das estruturas da cidade quando comparada a outros casos norte-africanos que sofreram grandes readaptações urbanas, como no exemplo cartaginês. Mas Sabratha não está sozinha nesse processo. *Lepcis Magna* e *Oea* apresentam um desenvolvimento urbano bastante similar que, embora ocorridos em dimensões e temporalidades distintas, pode ser dividido em duas fases específicas após a inserção dos *emporium* na órbita do Império Romano: uma primeira, composta de progressivas extensões do núcleo inicial que compunha o assentamento púnico anterior, em que houve pequenas mudanças de alinhamento e/ou de tamanho das *insulae*; e, uma segunda fase, na qual ocorreu um processo de expansão urbana, realizado a partir dos planos ortogonais tradicionais romanos¹⁸⁸.

Com a readequação da antiga cidade no interior do nascente e crescente traçado da cidade romana, as medidas e as preocupações empregadas na construção das grelhas urbanas e a precisão utilizadas na disposição das ruas foram embaralhadas em Sabratha (**Figura 12**). Ao redor do centro antigo, as quadras ao norte, leste e sul do complexo monumental apresentavam uma irregularidade fundacional e persistente na história do assentamento. Suas *insulae* e ruas não eram regulares, com variações constantes de largura e alinhamento, como é possível constatar na disposição da *Regio II* no momento de construção dos edifícios públicos centrais. Contudo, quanto mais a cidade se expandia em direção ao sul, mais os aspectos regulares das *insulae* se impunham. Fenômeno que se torna notável quando comparadas a forma irregular da já citada *insula 3, Regio II*, cujos primeiros vestígios de ocupação de casas datadas no século I AEC, com os alinhamentos mais retilíneos de sua vizinha mais ao sul, *insula 1, Regio II*, datada do último quarto do século I de nossa era¹⁸⁹. Contudo, apesar da expansão e imposição de maior regularidade do plano urbano, grande parte das ruas ainda eram compostas de terra batida¹⁹⁰, e depósitos de lixo poderiam se desenvolver em espaços abertos utilizados para circulação¹⁹¹.

¹⁸⁷ Algo semelhante pode também ser dito sobre as *insulae 2 e 4, Regio I*. Sobre as condições de implantação e datação da *Regio II, insulae 2,3 e 4*, ver: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 169-213, esp. 172-173.

¹⁸⁸ MATTINGLY, David J. **Tripolitania**. p. 205.

¹⁸⁹ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 236-237; MATTINGLY, David J. **Tripolitania**. p. 207.

¹⁹⁰ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 169-175.

¹⁹¹ Como na rua que estava entre a *Regio II, insula 3* e o espaço que viria a ser o templo de Antonino: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 173.

A paisagem urbana parece mudar de modo considerável a partir da metade até fins do século II. A região central do núcleo antigo da cidade continuou a ser alvo de mais construções monumentais¹⁹². O *forum* foi repaginado por completo, com novos pavimentos, sistema de drenagem, duas séries de colunas em pórticos e com a disposição de possíveis estátuas¹⁹³; o *capitolium* e a parte ocidental forense ganharam novos contornos¹⁹⁴; o chamado edifício cruciforme construído¹⁹⁵; e a basílica judiciária expandida¹⁹⁶. Contíguo ao templo de *Liber Pater*, instalou-se outro de proporções e suntuosidade similares, o templo de Antonino¹⁹⁷. Em frente a este último e ao Sul da basílica judiciária, erigiu-se o chamado templo da divindade desconhecida¹⁹⁸. No espaço existente entre esses dois templos novos, quase como uma antecâmara para o *forum*, constituiu-se uma praça, cujo ingresso era demarcado por um arco com bases nos precintos de cada um dos edifícios religiosos¹⁹⁹. No interior da praça foi instalada uma grande fonte, que pode ser atribuída a uma inscrição datada da segunda metade do século II²⁰⁰, na qual aparece que certo *Flavius Tullus* construiu doze fontes ornamentadas com mármore e estátuas, para além da manutenção do fornecimento de água na cidade por meio de um aqueduto²⁰¹. A construção de fontes neste momento específico, em especial a localizada neste espaço central, auxilia a compreender a estruturação das ruas que estava em curso. Ao lado do novo sistema de abastecimento de água e das instalações de dutos para escoamento de resíduos sólidos e líquidos, diversas vias da região central e mais antiga da cidade ganhavam pela primeira vez pavimentação em pedras e em materiais resistentes²⁰².

¹⁹² Resumo pode ser encontrado em: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 10

¹⁹³ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 42-43.

¹⁹⁴ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 114; para uma visualização da parte ocidental do *forum*, fig. 42, s/p.

¹⁹⁵ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 87-94.

¹⁹⁶ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 75-80.

¹⁹⁷ Sobre o templo de Antonino, ver: AIOSA, Sergio. *L'architettura templare*. BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa**. Roma: Bardi Edizioni, 2017. p. 45-48.

¹⁹⁸ O alinhamento deste templo demonstra bem a persistência do antigo plano da cidade, com reaproveitamento de estruturas antigas. Cf. AIOSA, Sergio. *L'architettura templare*. p. 51-53.

¹⁹⁹ AIOSA, Sergio. *L'architettura templare*. p. 48.

²⁰⁰ Ou da segunda metade do século II em diante, mais ou menos durante o império de Antonino Pio. O motivo da adoção de tal período é devido ao momento de ampliação do complexo central da cidade e da difusão da pavimentação de ruas. Baseio-me para isto em: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 25, 158, 305; resumidas em: KENRICK, Philip. **Lybian Archaeological Guides: Tripolitania**. London: Silphium Press, The Society of Lybian Studies, 2009. p. 45-46. Para uma outra periodização da inscrição, com grande discussão bibliográfica anterior, ver: MONTALI, Gilberto. *Munera a Sabratha*. **Sylloge Epigraphica Barcinonensis**, vol. XII, p. 75-96, 2014. p. 84-94, 96.

²⁰¹ Outra inscrição, **IRT 143**, aponta a manutenção do aqueduto pelo mesmo valor de 200.000 sestércios que também é mencionado na **IRT 117**, o que faz crer que se trate da mesma obra. Sobre o aqueduto, ver: WARD, Philip. **Sabratha: a guide for visistors**. Cambridge: The Oleander Press, 1970. p. 47-48.

²⁰² **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 25, 158, 305.

Com esse conjunto de reformas e construções, como apontou Elda Joly, Sabratha se apresentava como um imenso canteiro (*immenso cantiere*) de obras²⁰³. De acordo com Joly e também com Antonino Di Vita, esse grande *boom* construtivo deveria estar alinhado com as mudanças de estatuto da cidade no interior hierarquia municipal romana, em especial com a aquisição do título de *colonia*, que teria ocorrido a partir de 140 e não posterior a 175/180²⁰⁴. Fenômeno este que estaria imbricado com a inserção assídua das elites locais dos *emporia* como um todo na vida política imperial, com suas aspirações de angariar cargos cada vez mais altos e mais próximos da cidade de Roma. Como parte do protocolo e das demandas de suas funções políticas, agiam de modo direto no benefício de suas cidades de origem, com construções edilícias monumentais e estruturais, como a construções de templos além da série de espetáculos oferecidos, e também em retribuição às mudanças de estatutos municipais²⁰⁵.

A expansão da cidade continuou firme em fins do século II. Bairros novos foram construídos a leste do centro antigo, as denominadas *Regiones* III, IV, V, assim como ampliações da *Regio* II. Os eixos de alinhamento entre os bairros antigos e novos também foram objetos de readequações. Enquanto os quarteirões novos que surgiam mais ao sul seguiam um alinhamento axial que partia do centro monumental antigo da cidade, demarcado de forma linear por um *cardo* que atravessava as *Regiones* V a VII e desaguava no *forum*, os bairros mais a leste estavam alinhados com a orla marítima e acompanhavam o traçado daquela que veio a ser a principal rua leste-oeste da cidade, conhecida hoje por via costeira ou mesmo por *decumanus maximus*. Esta rua apresenta em seu trajeto uma quebra angular de orientação entre as *Regiones*: um ajuste de 16° foi realizado no encontro das diferentes formas de implantação dos bairros. O mesmo fenômeno ocorreu em outra grande rua da cidade localizada ao sul dessa via costeira, e possivelmente nas demais que deveriam existir entre elas. Nas duas ruas conhecidas, bem nos pontos de deslocamento e adaptação de seus eixos, foram instalados monumentos que demarcavam a transição de um espaço (topográfico e

²⁰³ JOLY, Elda. Considerazioni sull'architettura di Sabratha nel II secolo d.C. a proposito del «tempio a divinità ignota». **Libya Antiqua**. p. 75-82, vol. XVI-XVII, 1978-79. p. 78.

²⁰⁴ JOLY, Elda. Sabratha. In: **Atti del Secondo Congresso di Topografia Antica. La città romana (Roma, 15-16 maggio 1996)**. *JAT*, VIII, 1998, pp. 129-150; esp. p. 137, n. 22; DI VITA, Antonino. Gli *Emporia* di Tripolitania: dall'età di Massinissa a Diocleziano: un profilo storico-istituzionale. In: **ANRW**, II, 10, 2. Berlin, New York: De Gruyter, 1982. p. 516-595, p. 548-549.

²⁰⁵ A respeito dos altos cargos imperiais, com alguns habitantes da Tripolitânia atingindo até mesmo cargos de senador, como na própria família do futuro imperador Septímio Severo, ver: BIRLEY, Anthony. **Septimius Severus**. p. 14-19, 24; MATTINGLY, David J. **Tripolitania**. p. 97-98. Para o financiamento de obras nas cidades da Tripolitânia, ver: TRAN, Nicolas. Les finances des cités de Lepcis Magna, Sabratha et Oea. **Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité**. vol. 119, n. 2, p. 427-434, 2007. esp. p. 429.

temporal) a outro²⁰⁶: no *decumanus maximus* construiu-se um arco quadrifonte, do qual restam apenas pequenos traços de sua existência²⁰⁷, enquanto na via mais ao sul foi instalado na larga abertura viária formada pela junção dos ângulos um monumento a Septímio Severo, com dimensões expressivas, de 7,40 m por 8,80 m, que permite cogitar a sustentação de uma quadriga do imperador. A datação deste monumento assume uma grande importância para a compreensão do desenvolvimento urbano. Por meio dele, podemos ter uma compreensão melhor do período de abertura, organização e pavimentação das expansões a leste do antigo núcleo da cidade²⁰⁸. Outro edifício importante para datação desses novos bairros orientais é o teatro, para o qual rumava a via em que foi construído o monumento severiano. Instalado num período pouco anterior aos Severos, no fim das dinastias dos Antoninos²⁰⁹, o alinhamento do teatro foge da angulação de todo o restante do bairro que lhe circunda. O edifício de espetáculos possuía um deslocamento de 4,5° em relação à mesma via que, pouco mais de 50 m a oeste, localizava-se o monumento severiano. Com as cronologias da construção de ambos na paisagem da cidade, há indícios de um *terminus post quem* à sistematização da grelha urbana que englobava todo o novo bairro ao redor do teatro (*Figura 13*)²¹⁰.

²⁰⁶ Sobre a instalação de grandes monumentos em pontos de intersecção e mudança nas vias das cidades romanas, a chamada “arquitetura de passagem”, ver: MACDONALD, William L. **The Architecture of the Roman Empire II**. p. 74-75. Sobre a ocorrência deste fenômeno em Lepcis Magna: DI VITA, Antonino. Architettura e Società Nelle Città di Tripolitania fra Massinissa e Augusto: Qualche Nota. In: **Architecture et société. De l'archaïsme grec à la fin de la République. Actes du Colloque international organisé par le Centre national de la recherche scientifique et l'École française de Rome (Rome 2-4 décembre 1980)**. Rome : École Française de Rome, 1983. p. 355-376, p. 365. Conferir também a recente abordagem que trabalha sobre com a arquitetura de passagem em Lepcis feita por: MUGNAI, Niccolò. A promenade at Lepcis Magna: Experiencing buildings from the Augustan to the Antonine era. **Libyan Studies**, vol. 52, p. 87-118, 2021. Para o caso específico do monumento severiano em Sabratha, ver: FRAKES, James F.D. Monuments of Passage: Roman North Africa and an Emperor on the Move. **Arris**, n. 18, p. 53-69, 2007. p. 55-60, p. 57.

²⁰⁷ AIOSA, Sergio. Il Decumano massimo. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**. p. 134-136.

²⁰⁸ Sobre as características estruturais do monumento e sua datação, ver: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 213-217; sobre o pavimento da rua realizado em terra batida anterior à pavimentação em pedra, p. 218.

²⁰⁹ Embora o período de construção do teatro permaneça incerto, suponha-se que tenha sido no fim da dinastia dos Antoninos. No período severiano, o edifício sofreu reformas consideráveis, em que adquiriu grande parte dos elementos artísticos que são visíveis hoje em sua reconstituição moderna. Sobre estas novas configurações, com as inserções arquitetônicas e artísticas do período dos Severos, com grande ênfase aos estudos de seus frisos e à identificação estilística, junto com explicações políticas de suas reformas, ver: RAABE, Ashleigh W. **Imagining Roman-ness: a study of the theater reliefs at Sabratha**. 2007. p. 111. Dissertation (Master of Arts) - The Department of Art – University of North Carolina, Chapel Hill, 2007. esp. p. 16-43; LÓPEZ, María Isabel Rodríguez. The relief decorations of the Ancient Roman theater: The case of Sabratha. **Music in Art**, vol. 41, n. 1-2, p. 17-31, 2017. Sobre a escavação e reconstituição do teatro, ver: GUIDI, Giacomo. Il teatro romano di Sabratha. **Africa Italiana**, v. 3, n. 1-2, p. 1-52, 1930.

²¹⁰ Ainda que a região possa ter tido vestígios de ocupações anteriores, mesmo do século I de nossa era, conforme foram demonstrados pelas pesquisas britânicas e, em período mais recente, pela Universidade de Palermo, o importante é reafirmar o caráter estruturante desta reorganização do bairro, no caso, seja a partir de readaptações, seja a partir de escombros (como advoga alguns pesquisadores que levantam a tese de uma destruição de antigos edifícios por um terremoto no fim do período neroniano). Uma síntese destas questões é encontrada em: MANDRUZZATO, Antonella. Cultura abitativa e impianti produttivi. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**. p. 105-113; p. 110-111.

1.6 Os avanços dos edifícios sobre as ruas em Sabratha: dificuldades documentais, possibilidades factuais e comparações possíveis com outras cidades

É dentre esses bairros “planejados” emergentes na segunda metade do século II que é possível extrair exemplos mais concretos e datados de casos de avanço de edifícios e estruturas construtivas sobre as vias. Duas *Regiones* demonstram estes avanços com uma precisão relativamente maior quando comparada ao restante das escavações na cidade. A primeira é essa que engloba o teatro, e se estende por partes das denominadas *Regiones* II-V (**Figura 13**). Suas *insulae* apresentam um caráter mais ou menos uniforme. Uma parte possuía formato quadrangular, de aproximadamente 21 m de lado (1:1), e outra retangular, que girava em torno de 21 m por 27 m (4:3), com uma grande similitude formal com as encontradas na colônia de *Thamugadi*²¹¹. As ruas seguiam uma forma que, mesmo que não tão padronizada quanto é suposto, tendia a certa regularidade. A dimensão do *decumanus* principal era de cerca de 7 m, enquanto o *decumanus* paralelo, que lhe era vizinho ao sul, foi projetado com aproximadamente 6,10 m. As demais vias leste-oeste tendiam uma regularidade de 5,70 m, mesmas dimensões dos *cardines* norte-sul conhecidos na região²¹². A única exceção deste traçado regular das ruas era na altura da angulação diversa do teatro, em que ocorria um alargamento progressivo da via para adequar-se à parte posterior do *porticus post scaenae*. O bairro era composto por casas em sua grande maioria de pequenos cômodos, com possíveis lojas, e quase todas as *insulae* com mais de um piso, além de algumas poucas casas com ricas ornamentações e outras duas *domus* com peristilo mais luxuosas. Espaços e edifícios públicos também compunham sua paisagem, como o templo de Hércules, uma possível praça²¹³, armazéns pouco mais ao norte, próximos à orla marítima²¹⁴, e termas (tanto a que foi

²¹¹ Para a comparação: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 237.

²¹² A dificuldade da mensuração é devida, para além dos métodos de desenterramentos apontados, à pouca atenção dada para as vias. Exemplo disto é a pouca informação das dimensões e das condições das vias dessa região que relatórios e obras de divulgação fornecem, tanto de missões britânicas quanto italianas. Para se ter uma noção desta negligência, de todo trabalho de prospecção realizado pela missão britânica realizado nas *insulae* vizinhas ao teatro, temos a publicação de 6 páginas, com 4 planos gerais das zonas investigadas: **Excavations at Sabratha 1948-1951**, p. 236-241. Páginas que ainda contemplam regiões em que houveram escavações pormenorizadas, como a chamada *Casa Brogan* e as *insulae* 2-3, *Regio* II. Não há menções às dimensões e às condições das vias nestas páginas. O mesmo ocorre com a publicação das atividades dos últimos 50 anos da *Università di Palermo* na região. Embora com a publicação de seções destinadas para as ruas, especificamente do *decumanus maximus*, as dimensões e as condições foram omitidas. Cf. AIOSA, Sergio. *Il Decumano massimo*. p. 134-136.

²¹³ Ver a hipótese da existência desta praça pública em AIOSA, Sergio. *Urbanistica e ideologia: a proposito del Tempio di Ercole a Sabratha*. In: COCCO, M.B.; GAVINI, A.; IBBA, A. (Eds.). **L’Africa romana 19 (vol. 1): Trasformazione dei paesaggi del potere nell’Africa settentrionale fino alla fine del mondo antico** - Atti del XIX convegno di studio Sassari, 16-19 dicembre 2010. Roma: Carocci, 2012. p. 311-324, esp. 317-322.

²¹⁴ Para armazém, que também foi sobreposto pela denominada igreja 4: BONACASA CARRA, Rosa Maria. *Il complesso paleocristiano a nord del teatro di Sabratha*. **QAL**, vol. 14, p. 103-214, 1991. p. 117, 119.

sobreposta pela denominada igreja 3²¹⁵, quanto a denominada termas a noroeste do teatro). Todos estes edifícios públicos têm fases de implantação ou de uma ampliação/restauração profundas datadas na segunda metade do século II ou na virada para/inícios do século III, ou seja, dentro da cronologia do *boom* da expansão urbana sabrathense.

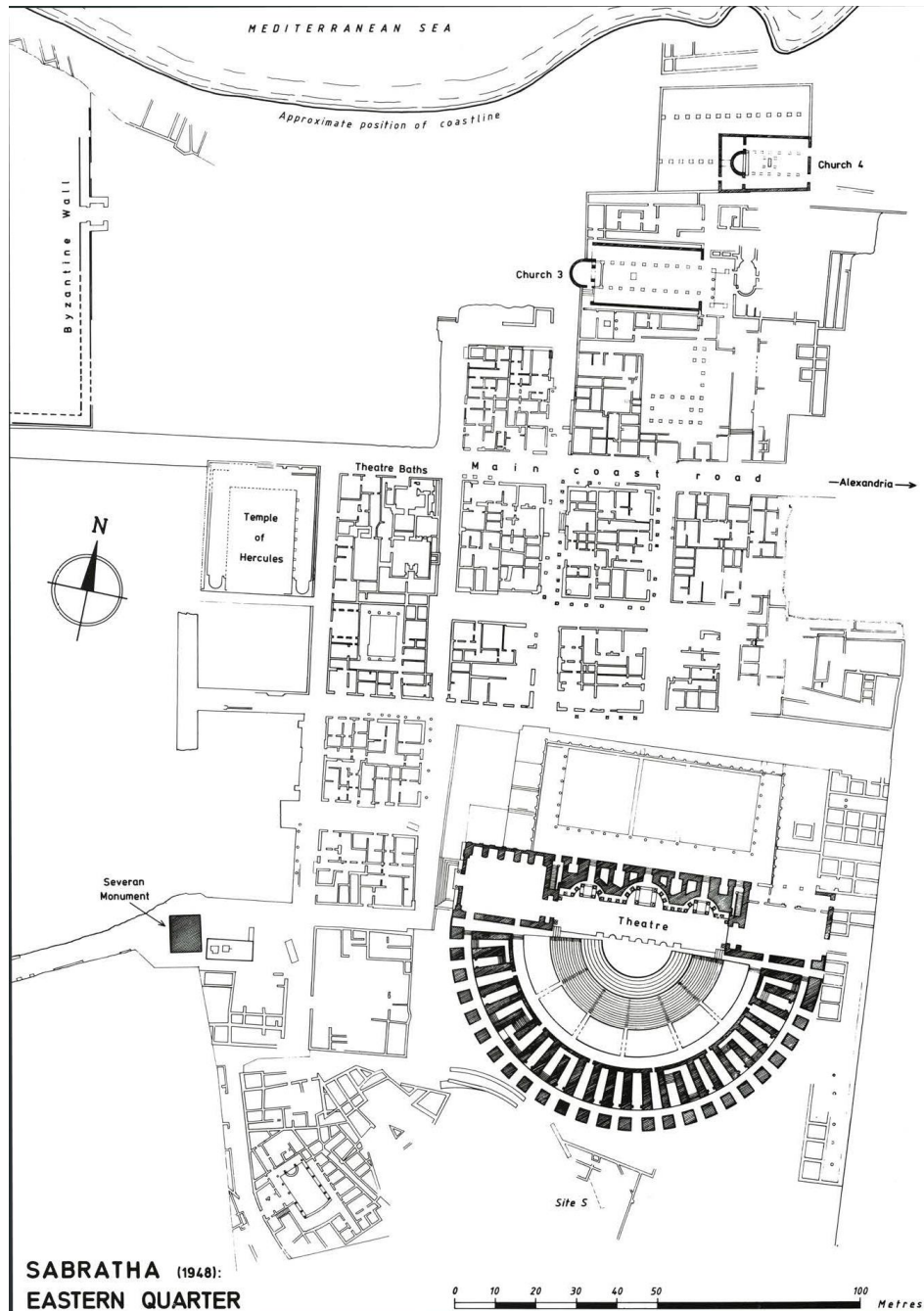


Figura 13: Plano geral do denominado Bairro do Teatro, após P. Kenrick. Extraído de *Excavations at Sabratha 1948-1951* (n.p., fig. 124).

²¹⁵ Cf. BONACASA CARRA, Rosa Maria; BONACASA, Nicola. Nuovi dati sugli edifici termali di Sabratha. *Études et Travaux*, n. XXX, p. 125-153, 2017. p. 142.

Dois dos edifícios chamam atenção no aspecto que diz respeito às ruas logo neste primeiro momento. O primeiro são as termas a noroeste do teatro, que ocupavam toda a *insula* 1, na *Regio* IV. Construídas em algum ponto do século II, as termas passaram por uma alteração substantiva na virada para o século III. Nesse momento, suas paredes avançaram em sobre toda extensão da rua leste, que foi reduzida para 4 m, e nos ângulos voltados para a rua ao sul, devido à ampliação de antigas salas (*tepidarium*), construção de novos fornos para aquecimento das águas, instalação de latrinas e de novos espaços de ingresso às suas dependências²¹⁶. Simultânea a esta expansão, outra ocorreu na *insula* vizinha ao sul. Os proprietários da denominada casa do peristilo aproveitaram o pequeno espaço resultante das reformas das termas e ampliaram as dependências da residência rumo ao norte. Deste modo, as duas *insulae* fundiram-se e encerraram por completo a passagem do *cardo* que as separavam²¹⁷. Algo similar ocorreu no edifício da *insula* vizinha a oeste. Localizado na *Regio* V, *insula* 7, o templo de Hércules avançou suas estruturas em direção às ruas ao norte e ao sul. Isto se deu num período em que, tal como as termas, o templo também passou por reformas e ampliação, que possuem uma datação mais precisa, em 186 de nossa era, graças a uma inscrição que estava presente em sua arquitrave²¹⁸. Na direção norte, o templo invadiu a principal rua da cidade em cerca de 1,25 m, enquanto ao sul, realizou um avanço bem maior, que resultou na redução do *decumanus* a uma dimensão de 2 m em seu ponto mais estreito.

Portanto, a configuração do bairro novo, projetado dentro dos parâmetros da lógica romana de organização de seus quarteirões, emergiu praticamente em inícios do século III já com idiosincrasias viárias próprias. Algumas ruas foram diminuídas ou obliteradas por completo no processo de sua consolidação e pavimentação. Tanto edifícios públicos quanto privados atuaram no desalinhamento e ocupação das ruas num período próximo das implementações da grade urbana. A ampliação das termas (que aumentaram suas funções e procuraram atender um público cada vez maior) e a repaginação do templo (que tinha como um dos motivos de suas figurações a apoteose do imperador Marco Aurélio) demonstram parte das preocupações públicas que moviam as transformações urbanas. Portanto, se de um lado, com as expansões das termas, havia uma questão prática e circunscrita à cidade,

²¹⁶ BONACASA CARRA, Rosa Maria; BONACASA, Nicola. Nuovi dati sugli edifici termali. p. 139-140; BONACASA CARRA, Rosa Maria. Gli edifici termali. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**. p. 75-92, 86.

²¹⁷ Sobre a cronologia da construção e ampliação da *casa do peristilo* e sua relação com a ampliação das termas, inclusive com, dado o aspecto simbiótico dos dois edifícios, a interpretação dos primeiros escavadores de se tratar de apenas um edifício, uma “casa com termas”, ver: MANDRUZZATO, Antonella. Sabratha. Edilizia privata residenziale. La “Casa del Peristilio” di Sabratha: anticipazioni e problemi. **MARE INTERNUM**, v. 4, p. 109-118, 2012. p. 111, 114.

²¹⁸ **IRT** 29.

conectada às relações de higiene e de amenidades públicas para os habitantes, de outro, com a reforma do templo, as atenções se voltavam para as formas de devoção da religiosidade local unidas de modo cada vez mais íntimo à órbita imperial²¹⁹. Para completar, o caso do edifício privado se envolveu no fechamento da rua é de natureza bem particular. Ele é o único conhecido de uma casa que se expande com suas fachadas em direção às vias nesse momento e é realizado por uma das poucas *domus* luxuosas conhecidas na parte urbana da cidade²²⁰. Ao que parece, trata-se de um episódio que, antes de demonstrar ocupação sistemática das vias, os envolvidos se aproveitaram da localização particular do edifício para realizar sua expansão sobre as ruas, uma vez que os novos ingressos das termas já haviam fechado o trânsito do *decumanus*²²¹.

Se esse é o panorama das *insulae* do bairro do teatro em inícios do século III, como saber sobre as modificações realizadas em estruturas preexistentes, sobretudo com o avanço de colunas sobre as vias e os períodos em que ocorreram? Aqui os problemas começam. Se há, por um lado, essa possibilidade aproximada de estabelecer o período de implantação desta região que engloba o teatro por meio da cronologia de seus edifícios mais ilustres e mais estudados, por outro, analisar o desenvolvimento das *insulae*, em geral de habitações modestas, que avançam sobre as ruas com suas colunas ou mesmo com seus muros, cujos registros foram produzidos em sua grande maioria de forma incidental, é uma tarefa dificultosa, sobretudo quando indagamos períodos mais tardios.

No entanto, é possível inferir aproximações cronológicas sobre a ocorrência dessas mudanças e verificar o impacto que puderam ter sobre as ruas que as cercavam, apesar dos poucos dados que possuímos. Isto é realizável por alguns meios. O primeiro deles é a datação relativa da estruturação do bairro por volta do século III. Saber a forma inicial das *insulae* nos momentos de suas instalações, suas dimensões e as relações que os edifícios que abrigavam mantinham com as ruas, possibilita meios para reconhecer as modificações posteriores e medir os impactos espaciais que causaram. Em segundo lugar, houve a

²¹⁹ O que ocorre por meio da associação entre o deus púnico Melqart e Hércules, em conjunto com a promoção da imagem imperial. A respeito das associações entre Melqart e Hércules, ver: CADOTTE, Allain. **La romanisation des dieux: L'interpretatio romana** en Afrique du Nord sous le Haut-Empire. Leiden: Brill, 2006. esp. p. 283-295. Sobre as implicações da apoteose do imperador Marco Aurélio, ver: CAPUTO, Giacomo; GHEDINI, Francesca. **Il Tempio d'Ercole di Sabratha**. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1984. p. 42-52. Para uma argumentação sobre os modos de articulação topográfica dos novos bairros orientais da cidade e sua inserção no contexto mais amplo da órbita imperial, por a partir da análise do monumento severiano, o templo de Hércules e o teatro, ver: FRAKES, James F.D. *Monuments of Passage*. p. 59-60.

²²⁰ Sobre a sua excepcionalidade: MANDRUZZATO, Antonella. *Sabratha. Edilizia privata residenziale*. p. 109.

²²¹ Sobre a não sistematização do avanço de edifícios em direção às ruas neste momento em Sabratha: AIOSA, Sergio. *Urbanistica e ideologia*. p. 318, n. 28-30.

fabricação de planos mais precisos destas *insulae*. Eles foram realizados durante as escavações da missão britânica na cidade, sobretudo pelo arquiteto Michael Ballance²²². Com essas representações gráficas é possível identificar alterações substantivas do projeto inicial, sobretudo com a inserção de colunas nos espaços viários. Ao lado dos planos, houve a tentativa de estabelecer a divisão e organização dos quarteirões estudados e a identificação de fases sucessivas de ocupação e modificação dos muros internos e externos das estruturas de, infelizmente, apenas um deles, na *insula 3, Regio IV*²²³. O terceiro meio dessa realização é pela correlação com casos de transformações semelhantes ocorridas em outras regiões da própria Sabratha que apresentam dados e/ou datações de suas incidências relativamente mais precisos. De igual modo, é possível comparar essas mudanças com casos encontrados em outras cidades, sobretudo quando é possível saber a forma e a datação da construção de uma *insula* e de seus edifícios e a modificação estrutural que sofre para abrigar os novos elementos, no caso, as colunas que avançam sobre as ruas.

Diversas foram as vias afetadas pela intrusão de estruturas. Das *insulae* conhecidas no bairro, cinco apresentam a construção de colunas sobre as vias. O problema que se levanta, contudo, é o da datação dessas construções. Pois, como já dito, mesmo com um *terminus post quem*, não há como saber ao certo os momentos precisos de suas instalações. De todo modo, alguns indícios podem ser apontados. O primeiro é extraído da já citada *insula 3, Regio IV*, sobre a qual foram produzidas e publicadas poucas informações a mais (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Em um período posterior ao projeto de sua construção, todo seu perímetro foi circundado por pórticos, assim, todas as unidades habitacionais e laborais da *insula* passaram a contar com colunatas em suas fachadas, inclusive sobre o denominado *decumanus maximus*. Dadas suas formas, por vezes compostas por pilastras maciças de alvenaria, em formato quadrangular, por outras com emprego de colunas circulares, que eram de arenito ou mesmo mármore em alguns casos, é possível inferir que sustentassem a fachada

²²² Os planos de Ballance foram instigados por John Bryan Ward-Perkins, que possuía um projeto de desenvolver um estudo sobre as formas de habitação de Sabratha. Contudo, tal estudo nunca foi realizado. Cf. **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 236.

²²³ Essa possibilidade de estudo mais apurado sobre as fases sucessivas das construções por meio das distintas técnicas construtivas foi mencionada por Kenrick como potencialidade para o estudo das *insulae* habitacionais/comerciais da cidade, uma vez que as estruturas ainda eram visíveis no momento em que organizava o volume dos trabalhos de Kanyon e Ward-Perkins. Contudo, de lá até hoje, pouco foi produzido. Cf. **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 236-241. Quando elaborados, como no importante projeto sobre as construções habitacionais da Universidade de Palermo (*Sabratha. Edilizia privata residenziale*), as casas priorizadas foram apenas aquelas que continham elementos de luxo, como mosaicos e pinturas parietais. As linhas gerais de tal projeto estão delineadas em: BONACASA, Nicola. Sabratha. Edilizia privata residenziale. *apud*: AIOSA, Sergio. 1. La Casa della Piscina di Sabratha: anticipazioni e problemi. **MARE INTERNUM**, n. 3, p. 103-111, 2011. p. 103.

de pisos superiores. Em geral, com a instalação desse novo pórtico houve um avanço de cerca de 2 m em direção às ruas circundantes, com um espaço para transeuntes ao longo de toda sua extensão, que media algo em torno de 1 m. Alterações no pórtico foram realizadas numa segunda fase de ocupação da *insula*, de modo mais específico, ocorridas em frente à uma habitação (denominada unidade C). Ao lado da ampliação da porta principal, o ingresso à casa passou a ser por meio de uma elevação com degraus, que se iniciava junto ao início das colunas dos pórticos antepostos à nova soleira. Esta disposição fez com que o tráfego pedonal do pórtico também fosse afetado pelos degraus, que interrompiam o fluxo norte-sul²²⁴.

²²⁴ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 239-240.



Figura 14: Plano das *insulae* 1-4, *Regio IV*, após Ballance e Kenrick, extraído de *Excavations at Sabratha 1948-1952* (p. 240, fig. 106).

Mudanças similares ocorreram no quarteirão vizinho a oeste. Na *insula* 1, *Regio IV*, foram instaladas diversas colunas em alvenaria quadrangulares (*Figura 14*). Contudo, nesse caso, elas não circundavam totalidade da *insula*. Apenas as fachadas que possuíam entradas para as unidades das faces leste e norte contaram com as novas inserções. Na lateral leste, vizinha do pórtico da *insula* 3, *Regio IV*, as instalações e distribuições das colunas foram de

modo irregular, realizadas próximas às duas portas que se abriam para rua. Os avanços chegaram a uma dimensão em torno de 1,50 m e 1,70 m e, por sua vez, os espaços para transeuntes chegaram a ter a medida diminuta de até 0,50 m. Além disto, pequenas muretas foram construídas em alguns pontos de sua extensão, de modo a obstruir a passagem dos pedestres. Na face norte da *insula*, voltada para o *decumanus maximus*, as três colunas existentes estavam dispostas próximas de uma das duas entradas de uma mesma unidade. Nesta ocasião, os avanços em direção à rua estavam entre 1,20 m e 1,50 m²²⁵.

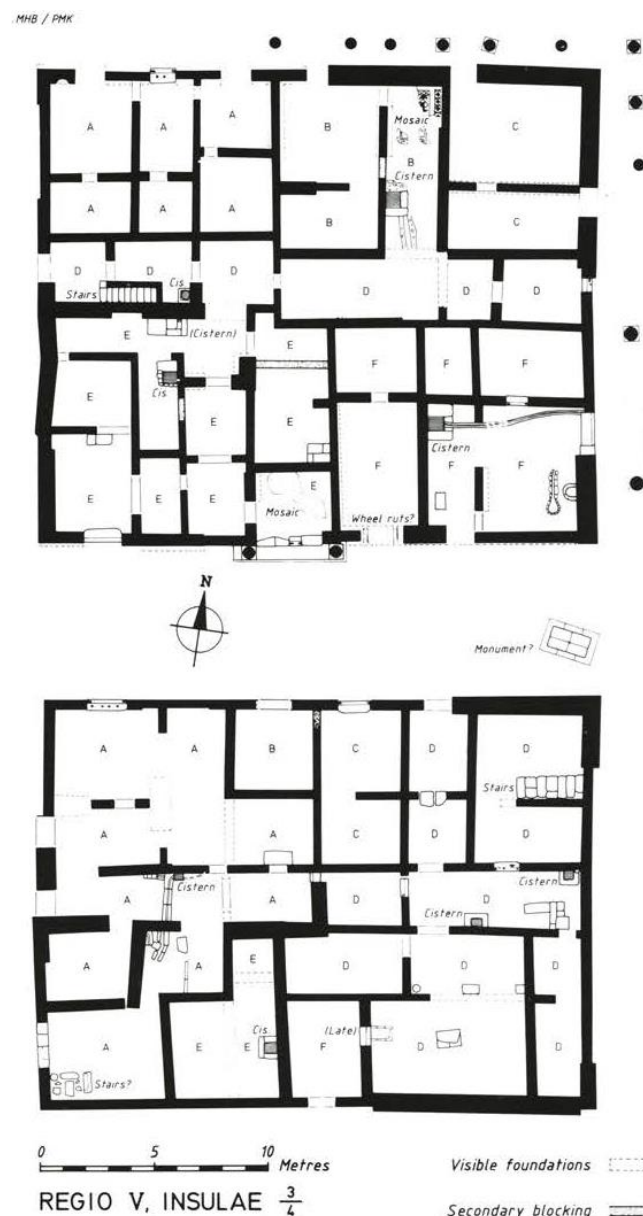


Figura 15 Plano das *insulae* 3 e 4 da *Regio* V, após Ballance e Kenrick, extraído de *Excavations at Sabratha 1948-1952* (p. 239, fig. 105).

²²⁵ *Excavations at Sabratha 1948-1951*. p. 240.

Com avanço das estruturas colunadas dessas duas *insulae*, o *cardo* em meio a elas sofreu uma diminuição significativa. Sua largura foi reduzida para até 2,20 m. Contudo, no fim do ângulo sul dos quarteirões, na extremidade dos pórticos de ambos, ponto em que também avançaram cerca de 1,20 m (*insula* 1) e 2 m (*insula* 3) em direção ao *decumanus*, não houve expansão alguma sobre o *cardo* rumo ao teatro, de modo a manter sua dimensão inicial, de por volta de 5,70 m, em sua passagem entre as *insulae* 2 e 4 da *Regio* IV. Dentre estas duas *insulae*, apenas a última apresentou sinais de avanços sobre as ruas com colunas (**Figura 14**). Em sua face sul, voltada para o *porticus post scaenam* do teatro, 4 colunas foram instaladas próximas às entradas de duas unidades. A expansão foi de 1,70 m até 2 m sobre a via, com um espaço para pedestres que variou de 1 m até 1,20 m. A possibilidade de sustentar pisos superiores é grande, mas não pode ser negligenciado a posição estratégica dessa expansão. A abertura de possíveis lojas nos edifícios A e D, ou mesmo a existência de uma terceira unidade voltada para a via²²⁶, não é algo distante da realidade. Houve uma nítida ampliação virtual de suas fachadas, que procurava capturar a atenção dos transeuntes e frequentadores do teatro e de suas estruturas adjacentes. O excepcional dessa expansão é que ela é a única detectada no *porticus post scaenam*. Por sua vez, a vizinha *insula* 2, embora apresente sinais de reconstrução de suas paredes externas, não foram registrados vestígios de que tenha sido alvo de avanços significativos sobre as ruas em sua história, muito menos realizados com colunas²²⁷.

Contudo, nesse mesmo *decumanus*, quando ultrapassada a extremidade oeste do teatro, o fenômeno de avanço sobre as ruas ressurge. Trata-se das inserções de sete colunas realizadas na *insula* 3, *Regio* V, distribuídas de modo a deixar espaço para as pequenas entradas das unidades habitacionais (**Figura 15**). Os avanços variavam de 1,20 m até 1,50 m, mas apresentam um formato retilíneo, em que a diferença ocorre apenas devido ao reforço das paredes externas da *insula* em seu ângulo nordeste, mas com um espaço pedonal de pouco mais de 0,50 m. Na face leste da *insula*, defronte ao *cardo* do teatro, foram instaladas outras colunas, dispersas por toda a fachada, com espaços livres para as entradas das unidades. Os avanços chegaram a ser de 2 m, com uma dimensão significativa para trânsito de pedestres,

²²⁶ A possibilidade de existência desta terceira unidade se faz quando não associamos a segunda entrada, em sentido horário, da denominada unidade A como pertencente à sua extensão. Esta interpretação é possível pois segue o próprio espelhamento dos cômodos da unidade C da *insula* e das próprias estruturas visíveis em terreno no momento da descrição e elaboração da planimetria de Ballance. Esta terceira possível unidade voltada para o *cardo* face ao teatro também encontra paralelos em outras unidades habitacionais mais conhecidas da cidade, como a denominada Casa de Leda. A respeito desta última, ver: MANDRUZZATO, Antonella. Cultura abitativa e impianti produttivi. p. 105-113, p. 106-107.

²²⁷ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 240.

com quase 1,20 m. Embora tenha ocorrido tamanha sobreposição, seu impacto na via deve ser mensurado em conjunto com o espaço de reajuste da angulação do teatro que, dada sua diferença, acabou por afunilar o *cardo* verso ao sul (**Figura 13**). Assim, a rua ficou com um espaço que variou de cerca de 4 m em seu ponto mais curto e 6 m em seu ponto mais amplo. Outro pequeno avanço ocorreu na face sul dessa mesma *insula*. Duas colunas foram dispostas nos flancos da porta de uma das unidades, cuja a sala de recepção continha piso decorado com mosaicos, tal como na *insula 3, Regio IV*, embora de menores proporções. Mas, nesta ocasião, não houve a construção propriamente de um pórtico, pois as duas únicas colunas da rua estavam dispostas rentes à fachada, em continuidade com as paredes interiores do cômodo, que, por estas características, assimilava-se a um *vestibulum*. Parece ser o caso, portanto, que as colunas suportassem apenas uma trave ou um arco que demarcaria e distinguiria a propriedade, tal como, guardadas as devidas diferenças, nas fachadas de algumas *domus ostienses*²²⁸.

²²⁸ Penso aqui, especialmente, na fachada da conhecida *domus del Protiro (Regio V, insula II, 4-5)*. Sobre a questão desta fachada e suas relações arquitetônicas e das dinâmicas público-privadas na história de Óstia, ver: STÖGER, Hanna. Monumental entrances of Roman Ostia: architecture with public associations and spatial meaning. **BABESCH**, vol. 83, n. 2, p. 347-363, 2007.

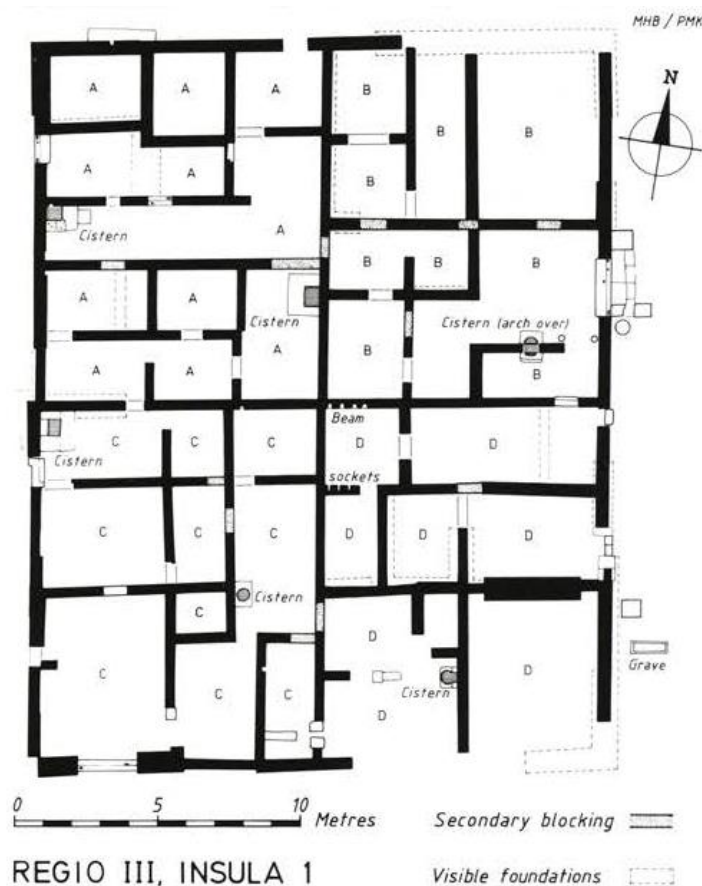


Figura 16: Plano da *insula 1* da *Regio III*, após Ballance e Kenrick, extraído de *Excavations at Sabratha 1948-1952* (p. 239, fig. 105).

Este tipo de construção de uma fachada com colunas com pequeno avanço também ocorreu na denominada *insula 1*, *Regio III*, localizada ao norte do chamado *decumanus maximus* (**Figura 16**). Em sua face leste, voltada para o *cardo* que a separava da *insula* que primeiro abrigou as grandes termas da região e que, em fins do século IV ou no primeiro quarto do século V viria a se tornar uma das igrejas da cidade, duas colunas foram construídas nos flancos da porta de uma de suas unidades (denominada B), com a elevação de uma pequena plataforma em seu espaço interno. Sua construção resultou num avanço irregular de cerca de 1,40 m sobre a rua. Importante perceber que tal unidade também continha outras duas pequenas colunas em seu espaço interno, dispostas no interior dessa primeira sala de acesso, no batente da porta de outro de seus cômodos²²⁹. Embora haja evidências de andares superiores, como a presença de negativos para encaixes de vigas de sustentação de pisos em paredes, é muito provável que as duas únicas colunas externas da *insula* não devam ter a

²²⁹ A julgar pelas descrições dos achados nas **Relazione Settimanale n° 31 dal 31/01/1937 al 06/02/1937**, é possível que estas colunas sejam as que foram referidas como “duas pequenas colunas com tinta de cor vermelho pompeiano” ([...] *due piccole colonne a rocchi con intonaco colorato rosso pompeiano*).

função de suporte²³⁰. De novo, parece se tratar da elaboração de uma fachada com trave ou arco, que procurava destacar a unidade em um lugar de entrecruzamento de diversos edifícios públicos de grande importância. A saliência de sua disposição sobre a rua, com avanço significativo, sem sustentação de andares ou pórtico, assemelha-se, guardada as particularidades de ambas, com a fachada colunada da denominada Casa do *Trifolium* em *Thugga*, com seus avanços de cerca de 2 m em direção à rua²³¹.

As construções de fachadas com colunas sobre as ruas ocorreram também em outra região da cidade, ao sul do centro antigo da cidade, na denominada *insula* 11, *Regio* VI (*Figura 17*). Sobre esta *insula* existem mais informações para, se não datar as mudanças com maior precisão, compreender o desenvolvimento de várias fases do edifício em seus contextos de implantação²³². Isto se deve às sondagens e escavações italianas iniciadas nos anos 1960. Movidos pelo interesse a respeito do desenvolvimento da antiga necrópole púnica e de seus mausoléus suntuosos outrora presentes na região, os estudos abordaram os usos habitacionais realizados no período de avanço urbano no século I AEC, em particular nas formas com que os edifícios posteriores fizeram uso não apenas da estrutura mortuária antiga, em especial o chamado mausoléu B, como de diversos de seus materiais de construção e elementos arquitetônicos²³³. Reutilizações feitas em vários períodos subsequentes, desde a primeira formatação do bairro, no período de instauração da composição urbana de tipo helenística, com quarteirões retangulares e alongados, até períodos mais tardios, como de dominação bizantina da cidade²³⁴.

²³⁰ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 239.

²³¹ Sobre a *domus*, com levantamento de bibliografia anterior, ver: *Amplissimae atque ornamentissimae domus*, 2. p. 274-276.

²³² Sobretudo o trabalho de Baldassare Conticello realizado entre os anos 1964 e 1968, mas publicado somente 41 anos depois. CONTICELLO, Baldassare. Saggi di scavo, note e suggerimenti di lettura della *insula* 11 della *Regio* VI di Sabratha. **QAL**, n. 20, p. 119-157, 2009.

²³³ A respeito as escavações italianas e a publicação geral de seus resultados, ver: DI VITA, Antonino. Presentazione. **QAL**, n. 14, p. 7-9; 1987. Para o estudo de reconhecimento dos reempregos de materiais de construção e elementos arquitetônicos, ver: DI VITA, Antonino. Il mausoleo punico-ellenistico B di Sabratha, esp. fig. 5; BESSI, Benedetta. La stratigrafia e i materiali delle fasi ellenistiche e proto-romane – Catalogo. **QAL**, n. 14, p. 11-92, 1987.

²³⁴ Cf. DI VITA, Antonino. Il mausoleo punico-ellenistico B di Sabratha. *passim*.

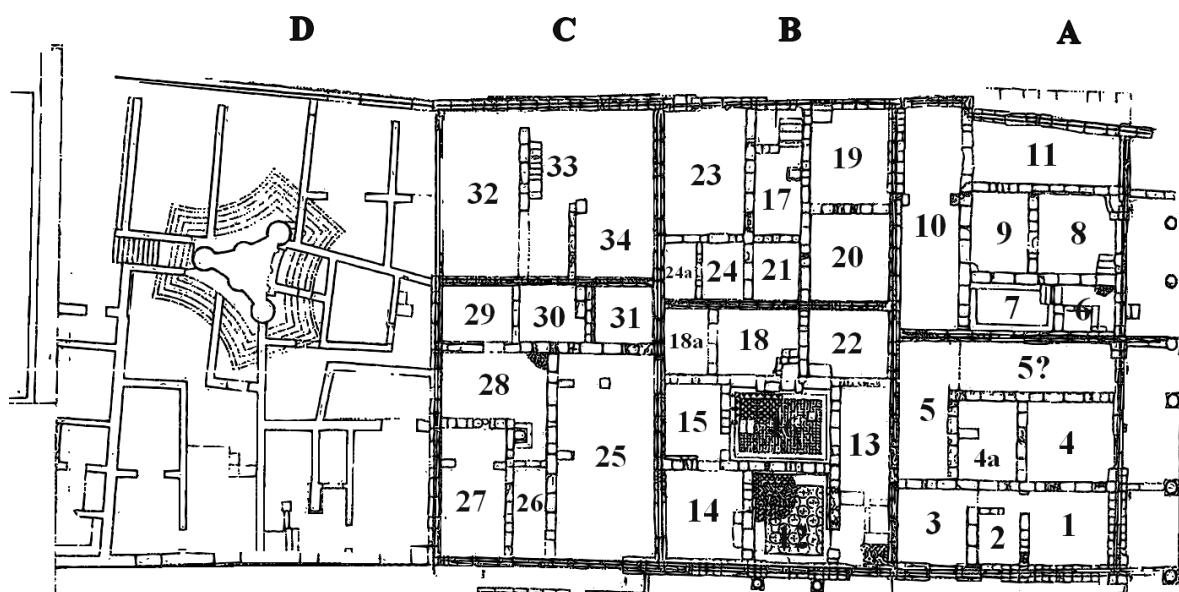


Figura 17: Plano da *insula* 11, Regio VI. Após B. Conticello (2009, p. 120, fig. 1).

No momento em que as colunas foram instaladas na fachada da casa, a *insula* mantinha o aspecto geral de seu conjunto, bem próximo daquele que, noutro momento, apropriou-se das estruturas precedentes. Com um formato alongado, possuía uma dimensão por volta de 20 m por 60 m, em sua extensão máxima conhecida²³⁵. Uma das particularidades de sua forma reside no fato de que, à medida em que se expande para oeste, o ângulo da lateral norte da *insula* distende e, por conseguinte, sua largura também. Isto se deve ao movimento necessário para englobar as estruturas do antigo mausoléu. Desse modo, o ângulo noroeste possuía cerca de 24 m em sua máxima dimensão conhecida. Para além deste tamanho, a *insula* pode ser dividida, de modo esquemático, em quatro blocos teóricos (A-D), contíguos no sentido leste-oeste, que, por sua vez, com exceção daquele que envolveu o mausoléu, estavam todos fracionados pela metade na direção norte-sul, para as quais voltavam a maior parte de suas entradas. Foi na rua voltada para a face sul da *insula*, no denominado Bloco B, que ocorreu o avanço das duas colunas. Elas flanqueavam a entrada do cômodo de recepção da habitação, que era todo decorado com mosaicos²³⁶. Outra vez, o acontecimento desse tipo de avanço foi realizado em frente a uma residência mais ou menos opulenta, que, neste caso, era a maior habitação do quarteirão e a única que ocupava todos os cômodos de um dos segmentos dos blocos teóricos.

²³⁵ Este último número pode ser maior, dada a não exploração (ou não publicação) por completo da unidade que se constituiu sobre a base do mausoléu.

²³⁶ CONTICELLO, Baldassare. *Saggi di scavo*. p. 133-134.

A face leste dessa mesma *insula* também foi alvo de avanço de colunas posterior à sua elaboração. Dessa vez, o fenômeno ocorreu não em direção às ruas, mas a uma praça de formato quase quadrangular, com tamanho aproximado de 20 m por 24 m. No espaço foi construído um pórtico irregular, com uma calçada para os transeuntes de por volta de 1,50 m até 1,80 m, que se estendia por quase toda a fachada do denominado Bloco A. A irregularidade de sua distribuição estava conectada de modo direto com a irregularidade de suas formas. O pórtico era composto por seis colunas, divididas em duas séries ao longo da fachada da *insula*, e ordenadas de acordo com os muros limítrofes ou batentes das portas de cada unidade habitativa/comercial. As três colunas ao norte estavam mais próximas da fachada da *insula*, e em duas delas não havia plintos em suas bases. A terceira não era propriamente uma coluna: estava acoplada a um muro que avançava desde a fachada até o alinhamento com as demais, como que em um prolongamento da divisão interna das unidades do bloco. Em seu traçado, este muro se alçava e interrompia o fluxo dos pedestres na calçada do pórtico. As outras três colunas, dispostas diante dos acessos aos cômodos 1, 4 e 5, possuíam plintos, e eram mais altas do que as anteriores²³⁷. Assim, o pórtico não era um todo homogêneo nem no plano horizontal dos caminhantes nem no plano vertical para a visualização. Existem duas possibilidades para sua composição: sem ou com um desnível visível, como que demarcado por duas unidades com alturas desiguais ou por um entablamento inteiro que corrigisse a diferença entre as estruturas²³⁸. Qualquer que tenha sido a sua estruturação, certo é que o pórtico era experimentado em aspectos visuais e práticos como duas partes distintas.

Essa dessemelhança entre as instalações dos pórticos pode encontrar sua explicação para fases distintas de construção. Dois indícios permitem atribuir a parte meridional do pórtico como pertencente a um primeiro momento e, noutro consecutivo, a edificação do lateral norte. O primeiro diz respeito ao muro limítrofe com o *decumanus* ao norte, em particular, no seu ângulo nordeste. Sua forma original era em ângulo reto de 90°²³⁹. Contudo, em um período de sua história, o muro angular foi destruído por completo, desde a parede limítrofe do cômodo 10 até a esquina com a praça. Quando reconstruído, para compor o cômodo 11, o muro adquiriu um aspecto diagonal e, em sua extremidade, avançou, ainda que

²³⁷ CONTICELLO, Baldassare. Saggi di scavo. p. 128, 132.

²³⁸ CONTICELLO, Baldassare. Saggi di scavo. p. 131.

²³⁹ CONTICELLO, Baldassare. Saggi di scavo. p. 149-150.

pouco, sobre a calçada do pórtico²⁴⁰. O segundo indício dessa reformulação tardia da parte norte está no fato de que o corte central estabelecido pelo muro, malgrado demarcasse uma divisão estrutural e paralisasse o tráfego da calçada, demarcava, em compensação, uma continuidade do ritmo entre as colunas. Embora não se estendesse até o cômodo 11, sua composição procurou manter a passagem rítmica da lateral sul, de modo a emular tanto o intervalo entre as colunas, com referência à distância entre aquela posicionada entre os cômodos 4 e 5 e o muro, quanto a não interferência nas entradas de cada uma das unidades.

Na outra lateral da praça, na *insula* 6, também ocorreu a construção de um pórtico em um período tardio, posterior à implantação da praça, com avanço de 2,40 m das colunatas e com espaço pedonal que variam entre 1,20 m e 1,80 m (*Figura 18*). Para este caso, infelizmente, não há maiores informações, mas é provável que tenha sido contemporâneo às colunatas da face da *insula* 11 em vários momentos de sua elaboração, de modo a compor a paisagem de uma praça comercial porticada²⁴¹. Do mesmo modo, apesar da dificuldade e da falta de dados, é possível notar outras instalações de colunas e pórticos dispersos por mais ruas da *Regio* VI, como no caso encontrado no *cardo* a leste da *insula* 1, com um avanço relativo de pouco mais de 1,60 m, ou os construídos na face norte dos *decumani* das *insulae* 8 e, com maior extensão, 9, de modo a restringir as ruas por quase a metade de suas dimensões iniciais, para por volta de, respectivamente, 3,80 m e 3,40 m. Além daqueles construídos ainda mais ao sul, como os pórticos da fachada das chamadas termas da *Regio* VII²⁴².

²⁴⁰ Conticello afirma que este fenômeno teria ocorrido depois da construção da muralha bizantina. Sua interpretação é sustentada com os materiais advindos da escavação realizada no *Saggio H*, descritos apenas como “Cerâmica pré-sigilata e sigilata D”. Contudo, a sigilata D africana tem um arco temporal produção e circulação bem amplo, que vai do IV ao VII século. No momento da reconquista bizantina da África, há uma diminuição acentuada de sua circulação por todo o Mediterrâneo, mas continua presente, com menor índice de evidência, na Tripolitânia. O grande *boom* de sua difusão na Tripolitânia e na bacia mediterrânica como um todo, ocorreu entre os séculos IV e a primeira metade do V. Neste sentido, creio ser mais provável que sua localização temporal tenha ocorrido durante esse intervalo de tempo, e não por ser afetado pela construção da muralha. A posição de Conticello está em: CONTICELLO, Baldassare. *Saggi di scavo*. p. 128-129, 149-150. Uma síntese sobre a cerâmica Sigilata Africana D, ver: TORTORELLA, Stefano. *La ceramica africana: un riesame della problematica*. In: **Céramiques hellénistiques et romaines. Tome II**. Besançon : Université de Franche-Comté, 1987. p. 279-328, p. 286-289; PANELLA, Clementina. *Merci e scambi nel Mediterraneo tardoantico*. In: CARANDINI, A.; CRACCO RUGGINI, L.; GIARDINA, A. (a cura di). **Storia di Roma, 3. L’età tardoantica, II, I luoghi e le culture**. Roma: Einaudi, 1993. p. 613-697. p. 624-641.

²⁴¹ Na parte central da praça foi encontrada uma base de sustentação e um altar decorado com imagens coloridas e em formato de templo colunado. Infelizmente, não é possível contextualizar a temporalidade do monumento. Cf.: DE SIMONE, Rossana. *Il museo punico*. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**. p. 23-28, p. 25; AIOSA, Sergio. *Il quartiere della Regio VI*. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**. p. 29-31, p. 30.

²⁴² BRECCIAROLI-TABORELLI, Luisa. *Le terme della “Regio VII” a Sabratha*. **Libya Antiqua**, Vol. XI-XII, p. 113-146, 1974. p. 116-117, 143-144.



Figura 18: Plano geral da Regio VI. Após de A. Wilkins, extraído de A. Wilson (1999, p. 31, fig. 2).

O conhecimento da ocorrência desses episódios nessas duas regiões da cidade não impede que subsista o problema de suas datações. Isto sem contar a existência do fenômeno em outras áreas que apresentam contextos interpretativos mais difíceis. Um exemplo é o caso que ocorreu na face leste da *insula* 10, Regio II, na altura em que estava voltada para as *tabernae* existentes no declive do templo de Antonino (**Figura 19**). Uma fileira de colunas (feitas em maçonaria, e irregulares em suas formas e modos de implantação) foi construída de modo a se alinhar com o avanço oblíquo sobre as ruas do muro de uma das unidades da *insula*. Tal como nas *insulae* dos bairros novos, é possível saber um *terminus post quem* dessas inserções: a composição da forma que perdurou da *insula* data de inícios do século II²⁴³. E talvez um *terminus ante quem*, por meio da equiparação dos acontecimentos ocorridos na unidade vizinha, a denominada *Casa Brogan*, que, em fins do século II, passou a abrigar elementos de produção artesanal²⁴⁴. A comparação é válida dado a existência de um grande tanque na unidade em questão²⁴⁵. É possível, assim, estabelecer a construção das colunas

²⁴³ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 143, 153.

²⁴⁴ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 13, 156-157.

²⁴⁵ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 140, fig. 66. A ausência da investigação dessa unidade no trabalho de Andrew Wilson, em suas releituras dos setores de produção de Sabratha não deixa de ser inquietante, pois não aborda a estrutura nem enquanto tanque voltado para alguma atividade produtiva nem a identifica, como faz em outros casos, como uma cisterna. Cf. WILSON, Andrew. *Commerce and Industry in Roman Sabratha*. **Libyan Studies**. vol. 30, p. 29-52, 1999.

sobre as vias, com um objetivo de sustentar andares superiores, em um período mais recuado, que pode remontar, no máximo, em inícios do século III de nossa era. Porém, conforme apontado, tal como as vizinhas *insulae* 2 e 3, esse é um dos quarteirões da cidade que demonstra os esforços empregados no processo de imprimir certa regularidade no plano urbano, com diversas adaptações sofridas devido sua localização no entrecruzamento de antigas e novas perspectivas de organização espacial. De qualquer forma, isso não anula a importância das construções de colunas sobre as vias.

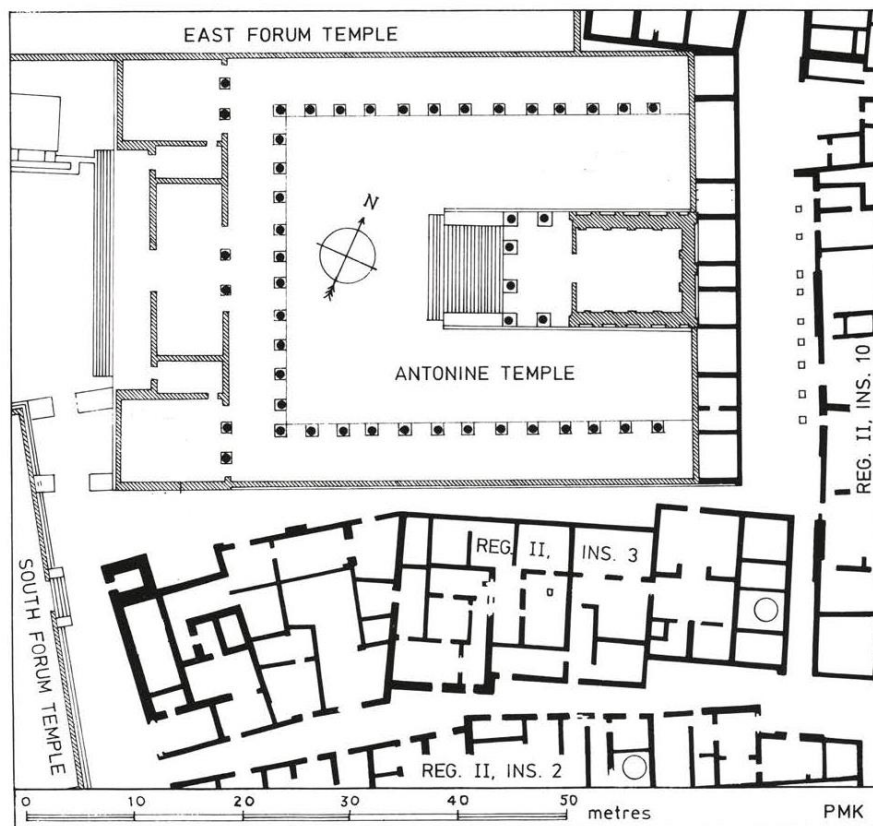


Figura 19: Plano da *Regio* II, com enfoque no templo de Antonino e nas *insulae* ao seu redor. Notar os avanços das colunas sobre a rua a partir de edifícios da insula 10, diante das *tabernae* na parte inferior do templo. Extraído de *Excavations at Sabratha 1948-1951* (p. 170, fig. 81).

Poderia ser factível, portanto, atribuir um período mais recuado para as transformações nas demais *insulae*? Casos semelhantes que apontam nesse sentido ocorreram na cidade de *Thamugadi*. Além de partilhar elementos formais de composição dos bairros mais recentes de Sabratha, a cidade da Numídia também apresentou diversos avanços de pórticos sobre as ruas em períodos mais recuados. Estes foram os casos existentes tanto em construções de colonatas

em unidades laborais/habitacionais menores, como nas denominadas *insula* 68 e 69²⁴⁶, quanto em exemplos mais luxuosos. Dentre estes últimos, houve a construção do pórtico que unia as chamadas *insulae* 90 e 98 em uma só habitação, com o desenvolvimento de uma fachada monumental no espaço do outrora *cardo* existente entre ambas²⁴⁷, além do disposto em frente às *tabernae* da fachada da denominada casa do Hermafrodita²⁴⁸, sem contar a *domus* que lhe era vizinha frontalmente, a chamada casa de *Sertius*²⁴⁹. Tais casos demonstram, de igual modo, o fenômeno da ampliação e aglutinação não apenas de unidades habitacionais de um mesmo quarteirão, como também de *insulae* inteiras em novos projetos edilícios, que englobavam até as ruas outrora existentes em seu interior. Apesar da dificuldade em estabelecer uma precisão cronológica para as construções dos pórticos sobre as vias, sabemos, sobretudo pelo exemplo da casa de *Sertius*, que elas ocorreram por volta de inícios do século III²⁵⁰, num momento preciso de desenvolvimento, expansão e reorganização da cidade devido ao enriquecimento de determinados grupos sociais²⁵¹. Dentro deste contexto, seria, portanto, concebível uma aproximação dessa cronologia relativa dos avanços das colunas e pórticos sobre as ruas de *Thamugadi* com aqueles encontrados em Sabratha, dado o momento de desenvolvimento que a cidade tripolitana também passava?

Embora tentadora, é preciso mais cautela para uma associação direta nesse sentido. Mesmo com trabalhos mais cuidadosos e estratigráficos realizados na *insula* 11, *Regio* VI, pouco de concreto é dito sobre a temporalidade dos usos do edifício em períodos tardios²⁵².

²⁴⁶ Utilizo a numeração das *insulae* aplicadas por: REBUFFAT, René. *Maisons à péristyle d'Afrique du Nord : répertoire de plans publiés*. MEFRA, vol. 81, p. 659-724, 1969. p. 676-678; e por AMRAOUI, Touatia. *L'artisanat dans les cités antiques de l'Algérie (I^{er} siècle avant notre ère-VII^e siècle après notre ère)*. Oxford: Archaeopress Roman Archaeology, 2017. p. 132, fig. 153. Para a construção dos pórticos: ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. *Spazio privato e spazio pubblico nella società romana*. Rome: École Française de Rome, 1995. p. 261, 515, fig. 69.

²⁴⁷ ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. *Spazio privato e spazio pubblico*. p. 261, 515, fig. 69.

²⁴⁸ BOESWILLWALD, E.; CAGNAT, R.; BALLU, A. *Timgad : une cité africaine sous l'empire romain*. Paris : 1905. p. 321-325; COURTOIS, Christian. *Timgad. Antique Thamugadi*. Algiers: Service des Antiquités, 1951. p. 52, 54; REBUFFAT, René. *Maisons à péristyle*. p. 677, 706.

²⁴⁹ BOESWILLWALD, E.; CAGNAT, R.; BALLU, A. *Timgad*. p. 326-333; COURTOIS, Christian. *Timgad*. p. 52-53; REBUFFAT, René. *Maisons à péristyle*. p. 678, 708; ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. *Spazio privato e spazio pubblico*. p. 261.

²⁵⁰ Para datação da construção da casa de *Sertius* e o momento de reordenação da cidade, sobretudo, no século III:

²⁵¹ FENTRESS, Elizabeth W. *Numidia and the Roman Army: social, military and economic aspects of the frontier zone*. Oxford: BAR Publishing, 1979. p. 129-132. Para a nova dinâmica dessas construções de *domus* luxuosas: DUFTON, J. Andrew. *The architectural and social dynamics of gentrification in Roman North Africa*. *AJA*, Vol. 123, N. 2, p. 263-290, 2019. p. 277-278. Sobre a contrapartida dessas ampliações, com o empobrecimento de parte dos habitantes e as novas formas de aglomerações urbanas emergentes nesse período na cidade: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Sociedade e cultura na África romana: oito ensaios e duas traduções*. São Paulo: Intermeios, 2020. p. 138-139.

²⁵² Acrescente o fato de que os trabalhos de Conticello foram realizados após a realização de boa parte das escavações da própria equipe italiana, com publicações esparsas que tocam vez ou outra no tema da ocupação

Conforme visto, é possível ter conhecimento de algumas fases sucessivas de sua construção, mas as dificuldades em estabelecer uma cronologia desses acontecimentos permanece. De todo modo, creio que o importante é reter que o edifício permaneceu ocupado, com reformas sucessivas, e em atividade com sua nova reconfiguração colunada até, pelo menos, fins do século IV.

Outra saída que torna uma data limite, se não segura, ao menos mais palpável para os avanços sobre as ruas é a estruturação destas mudanças num quadro mais amplo da história da cidade. O último quarto do século IV fornece evidências de obras de restauração e renovação do tecido urbano em várias partes da cidade. Obras que, bem provável, foram realizadas um tanto em decorrência de infortúnios, tais como: os conflitos e ataques de grupos étnicos nômades do interior, como os *Austoriani*²⁵³; incursões e saques que deflagaram problemas da política administrativa imperial e os choques de interesses existentes entre elites locais e funcionários imperiais, como no caso de extorsão feita por seu próprio chefe militar, *Romanus (comes Africae)*²⁵⁴; e a famigerada possibilidade de abalos sísmicos na cidade, como os de 365²⁵⁵. Ao fim destas séries combinadas de desalentos, Sabratha, tal como a região da Tripolitânia como um todo, apresentou esforços de recomposição de suas estruturas urbanas²⁵⁶. Obras públicas foram realizadas, tais como as financiadas pelo governador da

tardia do restante da *insula* para além das reapropriações do mausoléu. Ainda há o problema de até mesmo proposições distintas a respeito das fases de ocupação. Sobre este último tópico, ver *infra*.

²⁵³ Amm. Marc. XXVIII.6.2-4, 10-15. A respeito da presença dos *Austoriani* na África e nos relatos literários e epigráficos antigos: DESANGES, Jean. *Austoriani / Austur. Encyclopédie berbère, vol. 8*. Leuven: Peeters, 1990. p. 1169. Discussão sobre as possibilidades de destruições na cidade causadas pelos grupos *Austoriani* pode ser encontrada em: BARTOCCINI, Renato. La curia di Sabratha. *QAL*, n. 1, p. 29-58, 1950. p. 33-35; LEPELLEY, Claude. *Les cités de l'Afrique romaine au Bas-Empire, tome II: Notices d'histoire municipale*. Paris : Institut des études augustiniennes, collection des études augustiniennes, 1981. p. 373, 375-376; argumento que foi retomado e ampliado em : LEPELLEY, Claude. L'Afrique du Nord et le prétendu séisme universel du 21 juillet 365. *MEFRA*. vol. 85, n. 1, p. 463-491, 1984. p. 475-477.

²⁵⁴ Amm. Marc. XXVIII.6.5 ss. Sobre os conflitos administrativos da região, com comentários a respeito deste episódio em particular: LEPELLEY, Claude. *Les cités II*. p. 354-362; MATTINGLY, David. *Tripolitania*. p. 270-271, 293-295.

²⁵⁵ A argumentação sobre os impactos dos tremores de terra em Sabratha ao longo de toda sua história é especificamente desenvolvida e defendida em: DI VITA, Antonino. Sismi, urbanistica e cronologia assoluta. Terremoti e urbanistica nelle città di Tripolitania fra il I secolo A.C. ed il IV D.C. In: *L'Afrique dans l'Occident romain (Ier siècle av. J.-C. - IVe siècle ap. J.-C.) Actes du colloque de Rome (3-5 décembre 1987)*. Rome : École française de Rome, 1990. p. 425-494, esp. p. 452-465.

²⁵⁶ Dado os estados e a escassez de documentação material e literária na região, esses processos de mudanças urbanas são difíceis de rastrear e, portanto, é de igual dificuldade responder satisfatoriamente quais foram os destinos dessas cidades. De todo modo, há a possibilidade de saber algumas das trajetórias urbanas na região neste momento, ainda que seja um conhecimento construído em negativo. Sabemos que, ao lado dos esforços e tentativas de recomposições, houveram diversos abandonos urbanos. Sobre o desfecho de alguns desses centros, em especial da antiga capital, Lepcis Magna, que estavam longe de serem iguais e possuírem o mesmo de Sabratha, ver: MATTINGLY, David. *Tripolitania*. p. 303-305; LEPELLEY, Claude. *Les cités II*. p. 363-364.

província, *Flavius Vivus Benedictus*²⁵⁷; ou as reformas e embelezamento do complexo do *forum*, como a estátua encomendada por *Flavius Venantius*, possível decurião, em homenagem a certo *Lucius Aemilius Quintus*, que intercedeu em favor da *splendida colonia Sabrathensis* junto à corte imperial²⁵⁸.

Este último monumento revela dois aspectos dessas circunstâncias particulares. Primeiro, ele aponta de modo direto para os problemas que a região atravessava ao mencionar os modos de resolução daqueles conflitos e ao homenagear aquele que os executou. Assim, enquadra a construção do monumento após um período de turbulência. Como que por consequência, o segundo aspecto, e talvez mais importante para esta análise, reside na manifestação dos esforços em demonstrar certa continuidade de tradições do decoro cívico e urbano sabratense. Paralelo com esta conclamação do tradicionalismo, a evocação de *ordo et populus* (“o conselho municipal e o povo”) como reclamantes da dedicatória ao intercessor demonstra, para além de uma ideia de um resgate do passado, o estabelecimento de sua não interrupção²⁵⁹. Algo semelhante pode ser dito a respeito do uso do título de *colonia*. Apesar de todas as cidades possuírem o mesmo estatuto desde a *Constitutio Antoniniana*, popular édito de Caracala, de 212 de nossa era²⁶⁰, a manutenção de títulos anteriormente conquistados em diversos documentos sobrevivia como um elemento de distinção em suas relações

²⁵⁷ **IRT** 103: [Fl(au) Viui Benedicti u(iri)] p(er)fectissimi / totius integritatis modera/tionis iustitiae prouisionis / fidei benignitatis fortitudinis / ac beneficentiae uiro Fl(auio) Viuio / Benedicto u(iro) p(er)fectissimo praesidi prou(inciae) Tripol(itanae) / inter cetera beneficia sua quibus / omnem prouinciam compendiis re/mediis et uirtutibus fouit suble / uabit erexit etiam ob ea quae sibi / specialiter conlata sunt ciuitas / Sabrathensis exsultans quod po/st uinam et abnegatum therma/rum populo exercitium citra ullius / dispendum ornamentis patriae / reuocauit ordo populusque / concinentibus omnibus uo/tis statuam patrono pr(a)estan/tissimo gratanti studio / conlocauit.

Dedicata / cons(ulum) d(ominorum) n(ostrorum) Valentis VI et Valent<in>iani II A[ug](ustorum) / die V kal(endas) Aug(ustas)

²⁵⁸ **IRT** 111: L(uci) Aemili Quinti fl(aminis) p(er)p(etui) / quod laborem continu<u>m / pro prouinciae suae / necessitate sustinuit / et quod miserias com-/ munes sacris aurib(us) / intinabit et remedium / meruit ordo et popul(us) / splendidae col(oniae) Sabrat(hensis) / secundum decreta totius / prouinc(iae) dedic(auerunt) cur(ante) / prouinc(iae) dedic(auerunt) cur(ante) / Fl(auio) Venantio. *Lucius Aemilius Quintus* também foi homenageado em Leptis Magna e Gighthis pelos mesmos motivos de intercessões em favor das cidades e da região: **IRT** 588; **CIL** VIII, 27 = VIII 11025. Cf. LEPELLEY, Claude. **Les cités II**. p. 377 ; MATTINGLY, David. **Tripolitania**. p. 303.

²⁵⁹ Sobre os arcaísmos tanto nesta quanto em outras quatro inscrições tardias de Sabratha que apresentam a expressão *ordo et populus*, ver: LEPELLEY, Claude. **Les cités II**. p. 378.

²⁶⁰ Sobre os impactos da *Constituto Antoniniana*, o alcance e os impactos de sua difusão, além da edição e tradução do papiro *Gissensis 40* com o texto do édito, podem ser encontrados em: HEICHELHEIM, Fritz M. The Text of the *Constitutio Antoniniana* and the Three Other Decrees of the Emperor Caracalla Contained in Papyrus Gissensis 40. **The Journal of Egyptian Archaeology**, vol. 26, n. 1, p. 10–22, 1941. Importante os são comentários das implicações do édito feitos por: JONES, Arnold H.M. *The Dediticii and the Constitutio Antoniniana*. In: JONES, Arnold. H.M. **Studies in Roman government and law**. p. 129-140. New York: Barnes and Noble, 1960. MAZZARINO, Santo. **L’Impero Romano, vol. 2**. Roma: Laterza, 2007. p. 439, 609. Sobre os impactos reconhecidos e comentados de tal édito durante a Antiguidade, ver tanto a reação de Cássio Dio (LXXVIII, 9, 5), quanto, pouco mais de dois séculos depois, a ressonância positiva do texto da legislação em Agostinho (**De Civ. Dei**, V,17).

regionais²⁶¹. No caso da evocação de *colonia* neste contexto particular, é difícil não apontar o empenho da elaboração desse contínuo do passado tido como glorioso nas reestruturações da cidade. Se o local em que foi encontrado a dedicatória para *Aemilius Quintus* for o mesmo que sua instalação original, sua estátua estaria disposta na entrada da *curia*²⁶², de modo a reforçar também as continuidades tanto do centro político e das práticas políticas tradicionais de seus *decuriones*.

Dadas tais conjunturas, creio que é prudente inserir os avanços das colunas, quer dos novos quarteirões a leste ou a sul do antigo centro, em uma cronologia que tenha pelo menos um terminus ante quem em fins do século IV. Ou seja, que tenha ocorrido, no mais tardar, dentro desse período marcado por reestruturações e reformas da cidade, assim como por mudanças estruturais que alteraram a morfologia e as finalidades de várias de suas insulae. Este é o caso, por exemplo, das construções das igrejas denominadas 3 e 4 erigidas sobre, respectivamente, estruturas de antigas termas e de um grande armazém nos últimos momentos do século IV/inícios do século V²⁶³. Localizadas ao norte do decumanus maximus, nas insulae 4 e 8 da Regio III, as basílicas não apenas invadiram as ruas com suas paredes, como no caso da absida da igreja 3, que avançou sobre o cardo a oeste, como também englobaram em seu conjunto o cardo que antes dividia as insulae 3 e 5,

²⁶¹ Às *coloniae*, some-se as referências feitas também aos *municipia*. Sobre isto, ver: LEPELLEY, Claude. The survival and fall of the classical city in late Roman Africa. In: RICH, J. (ed.). **The city in late antiquity**. London: Routledge, 1992. p. 50-76. p. 60-61; DI VITA, Antonino. Gli Emporia. p. 540-541.

²⁶² Cf. BARTOCCINI, Renato. La curia di Sabratha. p. 35-36.

²⁶³ Sobre as formas de implantação e sua respectiva cronologia, ver: BONACASA CARRA, Rosa Maria. Il complesso paleocristiano a nord del teatro di Sabratha : una revisione critica. In: **Actes du XIe congrès international d'archéologie chrétienne**. Lyon, Vienne, Grenoble, Genève, Aoste, 21-28 septembre 1986. Rome : École Française de Rome, 1989. p. 1909-1926. esp. p. 1910-1911; BONACASA CARRA, Rosa Maria. Il complesso paleocristiano. p. 212.

transformando-o em passagem que garantia acesso ao complexo pelo *decumanus maximus* **Figura**

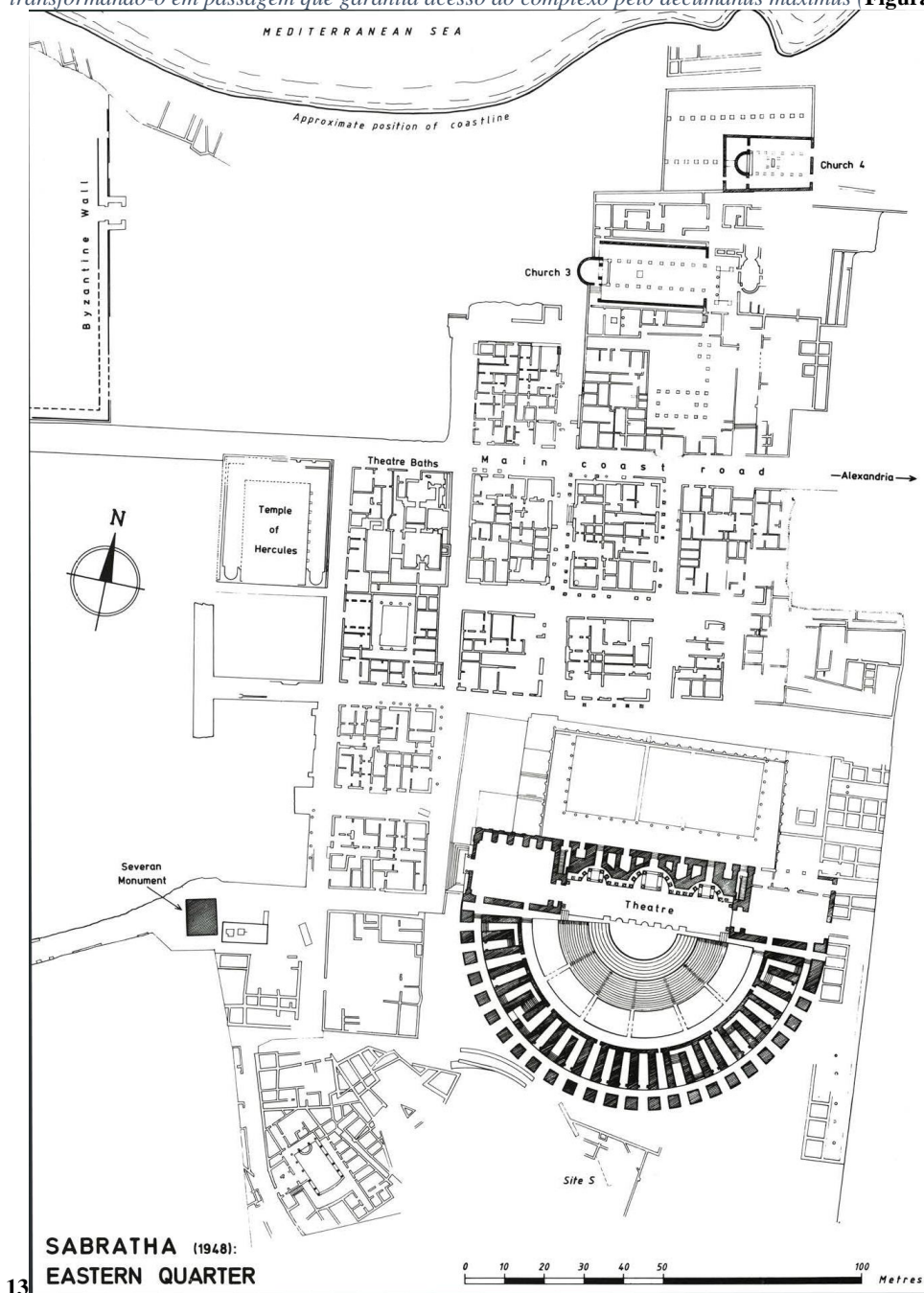


Figura 13)²⁶⁴. Neste ponto de encontro entre o agora corredor e o *decumanus* foi construída uma fachada suntuosa para o complexo, aos moldes daquelas encontradas nas unidades habitacionais. Composta por duas colunas que antecediam e flanqueavam a escada de acesso ao novo corredor, com avanço de cerca de 1 m sobre o *decumanus*²⁶⁵.

Nos últimos 25 anos do século IV, portanto, a paisagem urbana e a malha viária de Sabratha estavam alteradas. Apesar da dificuldade de identificação exata das divisões entre as

²⁶⁴ BONACASA, CARRA, Rosa Maria. Il complesso paleocristiano. p. 213.

²⁶⁵ BONACASA CARRA, Rosa Maria. Il complesso... revisione critica. p. 1921-1922; BONACASA CARRA, Rosa Maria. Il complesso paleocristiano. p. 132-134.

unidades e dos usos de alguns de seus cômodos, é possível apontar algumas das tendências dos tipos de edifícios que fizeram uso desses avanços. Tal como em Cartago, a composição material dos avanços, ao menos os que foram realizados com colunas, apresentavam similitudes formais e utilitárias, além de variações notáveis entre si. Dentre as diferenças, estavam a ocorrência de invasões por meio da construção de pórticos ao redor de toda uma *insula*, na realização apenas em uma lateral de um quarteirão e na instalação, de modo pontual, em locais específicos, sem continuidade longitudinal. As proximidades com Cartago continuam no que diz respeito às finalidades dos avanços das colunas: tanto na sustentação de andares superiores, quanto a expansão do espaço virtual e real de lojas/oficinas. A projeção dessa expansão fica latente no caso da *insula* 11, *Regio* VI, em que a calçada do pórtico, que possuía um espaço suficiente para trânsito, foi interrompida por uma parede levantada no centro de sua extensão. Deste modo, o movimento no interior do pórtico, diante das lojas que se abriam para a praça, não era a prioridade. O engajamento do olhar e, de modo mais marcante, a presença física da ampliação desse espaço de trabalho imprimia sua marca no âmbito da praça. Uma ambiência, ou melhor, um enquadramento que, *mutatis mutandis*, pode ser muito bem representada com o relevo funerário, encontrado em Óstia, que traz a figuração de uma vendedora de vegetais atrás de uma mesa feita com cavaletes, posicionada à frente de uma loja em que eram exibidos produtos similares aos que estavam no primeiro plano²⁶⁶.

Os edifícios que se beneficiaram desses avanços também apresentam uma diversidade entre si. Habitações modestas e mais ricas, espaços de produção e comércio, complexo eclesiástico e termas compunham tal variedade edilícia. Aqui cabe ressaltar dois aspectos que distanciam em alguma medida os casos de Sabratha dos cartagineses. O primeiro é o uso difundido e recorrente de fachadas flanqueadas por colunas, possivelmente com frontões, empregadas tanto em edifícios públicos quanto privados. Se, devido as condições de conservação dessas estruturas, não é possível fazer um levantamento minucioso, com apuração de seus desenvolvimentos cronológicos, tal como Hanna Stöger realizou para as fachadas de Óstia²⁶⁷, alguns pequenos apontamentos podem ser levantados. Um deles diz respeito às motivações de suas instalações, em especial quando presentes em habitações privadas. Poucas casas luxuosas, como as que possuíam pátio interno equipado com peristilo, foram encontradas no interior da malha urbana da cidade; para ser exato, apenas duas foram

²⁶⁶ Para mais detalhes sobre este relevo ostiense de fins do século II, ver: HOLLERAN, Claire. Representations of food hawkers in ancient Rome. In: CALARESCU, M.; HEUVEL, D. van den (ed.). **Food Hawkers: Selling in the streets from antiquity to the present**. London: Routledge, 2016. p. 19-42. p. 32-33.

²⁶⁷ STÖGER, Hanna. Monumental entrances of Roman Ostia.

reconhecidas e escavadas até o momento, ambas localizadas na região ao redor do teatro²⁶⁸. A maior parte das unidades das *insulae* sabratenses escavadas era formada por espaços de trabalho (comércio/produção) e/ou habitação pequenos e modestos, que, por sua vez, eram compostos, não raro, por um ou dois cômodos, com grande incidência de pisos superiores. De todo modo, é possível notar a existência, assim como acompanhar genericamente o processo de desenvolvimento, de unidades que englobavam cômodos vizinhos em suas próprias estruturas, como o que é melhor conhecido na história da denominada Casa Brogan²⁶⁹. Assim, imbricadas com aumento aquisitivo notório de seus proprietários, tais ampliações demonstravam as novas “necessidades” que emergiam de acordo com as novas posições sociais assumidas por seus moradores ou com a mudança de seus proprietários, do mesmo modo que com as transformações dos bairros em que estavam localizadas²⁷⁰.

É nessa direção que podem ser interpretadas a construção de traves, arcos, frontões nas fachadas das casas. Tanto que, com exceção de uma das unidades habitacionais que apresentaram a construção dessas entradas flanqueadas por colunas (*Regio III, insula 1*)²⁷¹, todas as demais tiveram reformulações de suas salas de entrada, com ricas decorações em mosaicos e pinturas parietais, além da possibilidade clara de fagocitose de unidades ou cômodos vizinhos. Nesse sentido, a construção de uma entrada tida neste contexto como monumentalizada estava a serviço da exteriorização dos engrandecimentos de sua composição interna. À moda dos edifícios públicos, tal como presente nas denominadas termas à beira mar²⁷², com suas formas de demarcar as transições espaciais²⁷³, configurar e dignificar o

²⁶⁸ Tratam-se das denominadas “Casa do Peristilo” e “Casa da Piscina”. Sobre elas, conferir, respectivamente: MANDRUZZATO, Antonella. Sabratha. Edilizia privata residenziale. La “Casa del Peristilio”; AIOSA, Sergio. La Casa della Piscina di Sabratha. Sobre a ocorrência e preferência da instalação das elites da Tripolitânia em *villae* luxuosas afastadas do centro urbano e a distinção de suas formas na planície costeira, ver: MATTINGLY, David. **Tripolitania**. p. 227-228; para um exemplo sabrathense de *villa*, encontrada a oeste da cidade: ALCOCK, Leslie. A Seaside Villa in Tripolitania. **PBSR**, vol. 18, p. 92-100, 1950; discussões sobre tal predileção e a consolidação de suas formas no decorrer do século II de nossa era podem ser encontradas, com bibliografia e comparação de outros casos, em DOSSEY, Leslie. **Peasant and Empire in Christian North Africa**. Berkeley: University of California Press, 2010. p. 43-45.

²⁶⁹ Cf. **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 142-143.

²⁷⁰ Sobre análise desses processos de transformações das casas e bairros, a partir de casos de cidades norte-africanas datados entre os séculos I ao III de nossa era, por meio de uma chave de leitura da “gentrificação”, ver: DUFTON, J. Andrew. The architectural and social dynamics.

²⁷¹ A falta de mosaicos ou mesmo de níveis de pisos desta unidade diz respeito tanto aos modos de sua escavação quanto sobre as condições antigas de sua pavimentação e suas consecutivas reocupações. Alguns detalhes que permitem um breve vislumbre sobre possíveis conjecturas da unidade desta *insula* pode ser encontrado nos breves relatórios de escavação reportados em: **Relazione settimanale n° 29 dal 17 gennaio al 23 gennaio 1937; Relazione settimanale n° 30 dal 31 gennaio al 6 febbraio 1937; Relazione settimanale n° 31 dal 7 febbraio al 13 febbraio 1937.**

²⁷² BONACASA CARRA, Rosa Maria; BONACASA, Nicola. Nuovi dati sugli edifici termali. p. 143-150, esp. p. 148, fig. 19 e 149, fig. 20.

espaço por meio de sua monumentalidade²⁷⁴ e demonstrar a continuidade da memória urbana²⁷⁵, essas fachadas intentavam cravar sobre as vias e seus transeuntes os destaques que seus proprietários se esforçavam em elaborar no interior do espaço delimitado que possuíam para construí-las. Um exemplo que demonstra um esforço duplo dessa inserção foi o ocorrido na *Regio IV, insula 3*. Esforço duplo, pois, apresenta tanto a construção de um pórtico colunado sobre as vias que circundavam todo o quarteirão, quanto a inserção da fachada monumentalizada da maior casa da *insula*, com seus degraus de acesso que iam da soleira e batentes da porta às colunas.

O segundo aspecto que diferencia os casos de Sabratha dos de Cartago é o da cronologia da implantação desses avanços. Apesar da dificuldade de estabelecer uma datação bem definida para ambas, há uma ligeira precocidade da ocorrência dos episódios de avanços sobre as vias por colunas em Sabratha. Ainda que a datação limite de sua ocorrência possa próximo das décadas finais do século IV, sua implantação tem um *terminus post quem*, no mais tardar, na primeira metade do século III. Não se pode anular a possibilidade de que muitos dos exemplos apresentados podem ter ocorrido no interior desse amplo arco temporal, com construções e subseqüentes reformulações. Sabratha também sofrerá por outra precocidade. Sua paisagem urbana será modificada de maneira significativa no (ou mesmo antes do) início do século V.

1.7 Rupturas da experiência sensorial urbana

Os avanços dos edifícios privados sobre as ruas e praças públicas demonstram a realidade de um processo de reestruturação da paisagem urbana. Ainda que o enfoque tenha sido em construções de colunas sobre as vias, importante recordar que muros das fachadas também fizeram parte deste processo. Casas luxuosas, humildes, *tabernae*, edifícios públicos e igrejas compõem a variedade das construções que se apropriaram do espaço das vias. Como

²⁷³ Sobre ritmo e a transição espacial experimentada por meio da composição arquitetônica, de forma geral, ver o trabalho pioneiro de: RASMUSSEN, Stein E. **Experiencing Architecture**. MIT Press, 1964. p. 127-158. Sobre a monumentalidade dos, no caso, edifícios públicos e suas atuações no urbanismo antigo enquanto demarcadores dos ritmos e paradas na vida nas cidades, ver: MACDONALD, William L. **The Architecture of the Roman Empire II**. p. 107-110.

²⁷⁴ Pode-se aproximar esta vontade num sentido próximo ao que Thomas Edmund argumentou para os significados de monumentalidade aplicado a uma edificação na Antiguidade romana, a saber, algo que, a um só tempo, agiria na vida da comunidade, teria durabilidade devido à sua composição material, possuiria grandiosidade relativa ao seu contexto de emergência e demonstraria persistência na memória. Nesse sentido, ver: EDMUND, Thomas. **Monumentality and the Roman Empire: Architecture in the Antonine Age**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 2-13, 17-28.

²⁷⁵ STÖGER, Hanna. Monumental entrances of Roman Ostia. p. 358-359.

resultado direto, a dimensão de diversas ruas e, por conseguinte, os planos urbanos das cidades foram afetados de modo significativo.

Essas mudanças levantam pontos importantes para a história urbana das cidades norte-africanas de modo geral. A primeira delas diz respeito à cronologia de suas transformações e os modos como foram interpretadas. Muito já foi argumentado sobre a continuidade ou, melhor, “prosperidade” dos desenvolvimentos urbanos ao longo do século IV, desde os trabalhos pioneiros de Claude Lepelley de reavaliação sobre a vida municipal das cidades norte-africanas. Ainda que tenha feito uma *Retractatio* parcial²⁷⁶ do “otimismo” de suas primeiras investigações realizadas, então, mais de 30 anos antes, Lepelley enfatizou que “a África conheceu no século IV um verdadeiro apogeu de suas cidades e seus campos”²⁷⁷. A continuidade da vida urbana estaria estável até os períodos entre fins do século IV e inícios do V²⁷⁸. Algo similar ao que argumenta Wolfgang Liebeschuetz, cuja obra impactou de modo direto na mudança de perspectiva de Lepelley. Mesmo reconhecido por seu argumento “catastrófico” em relação aos eventos das cidades na Antiguidade Tardia, Liebeschuetz afirmou que os centros urbanos dessa região teriam ficado “mais ou menos intactos” neste período²⁷⁹. “As cidades da África do norte foram as mais florescentes das províncias de língua latina até o fim do século IV”²⁸⁰. Para os dois autores, as mudanças cruciais do urbanismo ocorreram ao longo do século V, num processo intensificado com a conquista vândala da África²⁸¹. Similar a ambos, Ralf Bockmann, em seu estudo sobre Cartago enquanto capital do reino vândalo, localizou em fins do século IV um verdadeiro *boom* de atividades edilícias na cidade²⁸², com uma organização da administração pública bem efetiva, que adentrou o

²⁷⁶ Os principais motivos alegados para a mudança relativa de sua interpretação foram o empobrecimento, sobretudo, dos trabalhadores dos campos e os efeitos das relações com as populações berberes norte-africanas: LEPELLEY, Claude. La cité africaine tardive, de l’apogée du IV^e siècle à l’effondrement du VII^e siècle. In : KRAUSE, Jens-Uwe ; WITSCHHEL, Christian (Hrsg.). *Die Stadt in der Spätantike—Niedergang oder Wandel? Akten des internationalen Kolloquiums in München am 30. und 31. Mai 2003*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006. p. 13-31. p. 18-19.

²⁷⁷ LEPELLEY, Claude. La cité africaine tardive. p. 16: [...] *l’Afrique a connu au IV^e siècle un véritable apogée de ses villes et de ses campagnes*. Posicionamento similar ao encontrado em: *Id.* Deux ruptures dans l’histoire de l’Afrique romaine: les flaviens et les vandales. *Pallas*, 68, p. 49-62, 2005. p. 56-57.

²⁷⁸ LEPELLEY, Claude. La cité africaine tardive. p. 16 ; *Id.* Deux ruptures. p. 56-57.

²⁷⁹ LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. *The decline and fall of the Roman City*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 74.

²⁸⁰ LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. *The decline and fall*. p. 97: *The cities of North Africa had been the most flourishing in the Latin-speaking provinces to the very end of the fourth century*.

²⁸¹ LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. *The decline and fall*. p. 100; O nome do artigo citado de Lepelley já traz em si o ponto disruptivo localizado no período vândalo na história urbana das cidades norte-africanas: LEPELLEY, Claude. Deux ruptures. esp. p. 58; *Id.* La cité africaine tardive. p. 20.

²⁸² Embora, ressalte-se, Bockmann amenize a questão da ruptura vândala: BOCKMANN, Ralf. *Capital continuous: a study of Vandal Carthage and Central North Africa from an archaeological perspective*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2013. p. 24. Exemplo de visão contrária que ainda predomina na historiografia e que retorna vez ou outra em novas publicações foi feito por: CILLIERS, Louise. *Roman North Africa*:

período após a conquista²⁸³. Não nos estranha, portanto, a colocação de Christian Courtois, em 1955, quando afirmava que neste início do século V a província da *Africa Proconsularis* “parecia verdadeiramente como a rainha das províncias”²⁸⁴

Corroborando o que esses autores já demonstraram, mesmo que cada um a seu modo e com propósitos distintos, vimos nas páginas anteriores um momento de acentuada construção em Cartago e Sabratha. Construções que, se por um lado, demonstraram a continuidade da potência edilícia dessas cidades, por outro, trouxeram-lhes realinhamentos marcantes. Reorganizações urbanas que não estiveram atreladas tão somente com a difusão cada vez maior do cristianismo e suas alterações nas paisagens citadinas com construções de igrejas no interior e fora dos limites as cidades, concomitantes, embora não sempre, com o abandono dos templos, como já muito estudado e evidenciado²⁸⁵, ou mesmo com grandes monumentos públicos e *domus* luxuosas²⁸⁶. Reorganizações que incidiram de forma direta no que muitos consideram o traçado urbano de uma cidade romana clássica. Reorganizações ocorridas, no entanto, no mesmo momento designado como da manutenção das características dos cuidados das autoridades municipais para com as cidades. Em suma, num momento em que a administração pública estava presente e ativa nesses centros urbanos, como identificadas sobretudo a partir da documentação cartaginesa²⁸⁷, diversas construções, realizadas por grupos de variados contextos socioeconômicos, invadiram as vias públicas com suas estruturas – muros de fachadas e/ou pórticos – e, com isto, alteram a morfologia urbana tradicional.

environments, society and medical contribution. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019. p. 33-34, 36-37, 56; contrabalançado com a visão de uma continuidade dos *litterati* por meio de uma “adaptação cultural” vândala, p. 48.

²⁸³ LEPALLEY, Claude. Quelques aspects de l’administration des provinces romaines d’Afrique avant la conquête vandale. **Antiquité Tardive**, n. 10, p. 61-72, 2002. p. 62.

²⁸⁴ COURTOIS, Christian. **Les vandales et l’Afrique**. Paris : Arts et métiers graphiques, 1955. p. 150: *La Proconsulaire apparut vraiment comme la reine des provinces*.

²⁸⁵ O que também pode ser levemente apreciado aqui, e será retomado, também de forma breve, no capítulo seguinte. Dentre a ampla bibliografia das paisagens urbanas modificadas no âmbito da topografia religiosa, indico aqui apenas alguns estudos recentes que sintetizam o estado atual de conhecimento destas transformações e os novos dados advindos de novas escavações: LEONE, Anna. **The end of the Pagan city: religion, economy, and urbanism in Late Antique North Africa**. Oxford: Oxford University Press, 2013; BOCKMANN, Ralf. Le développement tardif du centre de Carthage: aspects religieux et infrastructurels. RUGGERI, P. (Ed.). **L’Africa romana 20 (vol. 2): momenti di continuità e rottura: bilancio di trent’anni di convegni L’Africa romana: Atti del xx Convegno Internazionale di studi Alghero - Porto Conte Ricerche, 26-29 settembre 2013**. Roma: Carocci, 2015. p. 1135–1143; MILES, Richard. Late Antique Carthage: archaeological and historical contexts. In: MILES, Richard; GREENSLADE, Simon. **The Bir Messaouda Basilica: pilgrimage and the transformation of an urban landscape in sixth century AD Carthage**. Oxford, Philadelphia: Oxbow 2020. p. 9-23.

²⁸⁶ Para uma síntese destas construções: LEONE, Anna. **Changing townscapes**. p. 45-66, 82-96.

²⁸⁷ LEPALLEY, Claude. Quelques aspects de l’administration. p. 62-65, 69-71.

Estas colocações levantam, por sua vez, uma questão: a contradição entre continuidade das construções e as rupturas dos traçados do urbanismo romano clássico negaria os desenvolvimentos das cidades norte-africanas ou mesmo demonstrariam o empobrecimento e de suas formas de ocupação e enfraquecimento de sua organização, uma vez que, ao alterarem as ruas, suas dimensões, seus traçados retilíneos e regulares, um dos elementos principais do urbanismo antigo, alteravam a concepção do que seria uma cidade antiga? A resposta não é simples e, para utilizar uma expressão corriqueira, já moveu rios de tinta²⁸⁸. Em primeiro lugar, ela envolve reconhecer a pluralidade das aglomerações urbanas antigas e os modos diversos com que grupos e atores sociais usufruíam e se apropriavam dos espaços públicos em uma perspectiva diacrônica, que permita comparação entre si²⁸⁹. Em segundo lugar, creio que colocar esses conjuntos de alterações em chaves interpretativas de desenvolvimento, enquanto progresso e seu oposto negativo complementar declínio acaba por desvanecer as contradições internas desse próprio processo. Ou seja, quando analisadas *apenas* como indicadores de manutenções ou modificações de um ideal, perde-se os modos de ação e transformação que foram elaborados por aqueles grupos e atores sociais no interior das estruturas da realidade que lhes eram dadas²⁹⁰. De igual modo, quando analisadas somente da perspectiva binária de progresso/recrudescimento, corre-se o risco de perder de vista as relações de poder e dominação que eram inerentes aos processos de transformação das paisagens e dos planos urbanos, assim como as possibilidades das capacidades de ação e de transformação por aqueles que eram subalternizados naquelas relações sociais. Por conseguinte, as experiências

²⁸⁸ Dentre a enorme bibliografia, cada vez mais crescente, citarei apenas algumas obras coletivas, frequentemente frutos de congressos a respeito deste tema, que demonstram visões muitas vezes distintas entre si e o amplo desenvolvimento deste campo de debates que envolvem as cidades e seus desenvolvimentos na Antiguidade tardia: RICH, J. (Ed.). **The city in Late Antiquity**. London: Routledge, 1992; LEPELLEY, Claude (Ed.). **La fin de la cité antique et le début de la cité médiévale de la fin du III^e siècle à l'avènement de Charlemagne. Actes du colloque tenu à l'Université de Paris X Nanterre les 1, 2 et 3 avril 1993**. Bari: Edipuglia, 1996; LOSEBY, Simon T.; CHRISTIE, Neil (Eds.). **Towns in transition: urban evolution in Late Antiquity and the Early Middle Ages**. Aldershot, Vermont: Scolar Press, Ashgate, 1996; BROGIOLO, G.P.; WARD-PERKINS, B. (Eds.). **The idea and ideal of the town between late Antiquity and the early Middle Ages**. Leiden: Brill, 1999; LAVAN, Luke (Ed.). **Recent research in late-antique urbanism**. Portsmouth, RI: Journal of Roman Archaeology, 2001; PANZRAM, S.; CALLEGARIN, L. (Eds.). **Entre civitas y madina: el mundo de las ciudades en la Península Ibérica y en el norte de África (siglos IV-IX)**. Madrid: Casa de Velázquez, 2018.

²⁸⁹ Estas dinâmicas entre privado e urbano não estavam isentas de serem alvos de disputas na história romana, como bem demonstra, para o fim do período republicano na cidade de Roma: RUSSELL, Amy. **The politics of public space in Republican Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 8-16; uma discussão em um recorte temporal mais amplo é encontrada em: ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. **Spazio privato e spazio pubblico nella società romana**. Rome: École Française de Rome, 1995. p. 121-180.

²⁹⁰ Algo próximo das críticas realizadas por Mark Grahame ao criticar, naquela ocasião, modelos estritamente econômicos para análise do espaço urbano: GRAHAME, Mark. Towards a theory of Roman urbanism: beyond economics and ideal-types. In: MEADOWS, K. *et al.* (Eds.). **TRAC 96: Proceedings of the Sixth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference**. Oxford: Oxbow Books, 1997. p. 151-162. p. 152.

e as relações sensoriais destes grupos subalternizados, mas não apenas, tendem a ser retiradas de suas temporalidades socioespaciais.

Em busca de realocar e desenvolver os debates das transformações mais amplas das cidades na Antiguidade Tardia no interior das discussões do campo sensorial e das mudanças da paisagem sensorial urbana, duas constatações indissociáveis são importantes, logo de partida. Primeira, compreender que o corte disruptivo da forma urbana romana das cidades norte-africanas, que muitas vezes é atribuído ao período de ocupação vândala e no decorrer do século V, tem raízes em fenômenos bem anteriores, que estavam em desenvolvimento nas formas de experimentar as cidades acerca de meio século (ou um pouco mais) antes dessa transição política²⁹¹. Intrínseco a tais mudanças das formas das ruas e das cidades estavam as formas de experimentá-las. Portanto, a segunda toca na necessidade de reconhecer, mapear e tornar perceptível estas circunstâncias sensoriais que estavam presentes em conjunto com as relações mantidas, particularmente, entre edifícios e ruas já a partir da segunda metade do século IV. Por meio deste movimento, creio ser possível, de modo geral, enquadrar um campo mais amplo da paisagem sensorial urbana em transformação e, em particular, fornecer indícios das relações sensoriais mantidas por atores e grupos sociais subalternos nesses espaços públicos. É para alguma dessas experiências sensoriais das paisagens urbanas vivenciadas a partir das ruas que se move o capítulo seguinte.

²⁹¹ Como colocado recentemente por: LEONE, Anna. Vandal cities: changing urban forms in 5th century North Africa. In: DE VINGO, P.; PINAR GIL, J. (Ed.). **Romania Gothica IV. Barbares dans la ville de l'Antiquité tardive** : présences et absences dans les espaces publics et privés : actes du Congrès international, Museu d'Història de Catalunya (Barcelone, 12-13 novembre 2010). Sesto Fiorentino, Firenze: All'insegna del Giglio, 2020. p. 209-219. p. 216.

2 RELAÇÕES SENSORIAIS E ATORES SOCIAIS EM MOVIMENTO: OS SENTIDOS E AS DINÂMICAS URBANAS ENTRE OS SÉCULOS IV E V

A arquitetura urbana, ou melhor, os espaços construídos têm uma dinâmica sensorial²⁹². Envolvem um fenômeno que, de modo analítico e esquemático, age em duas vias. Uma primeira, diz respeito aos modos como os edifícios e espaços são construídos, os sentidos que estão estruturados em suas fundações, que mobilizam suas construções. A segunda abrange os impactos sensoriais que manifestam, as irradiações dos sentidos que potencializam, os afetos que suas existências colocam em circulação. Compreender esta dinâmica espacial não pode obliterar os agentes que sentem por meio de seus corpos o espaço urbano²⁹³. Em suas formações coletivas e nas práticas de suas singularidades, é por meio das experiências dos atores sociais que os sentidos dos espaços construídos adquirem gradações valorativas, expressões de proximidade/distância, reproduções/interrupções de suas formas. “Ou podemos sentir onde não vivemos, dado que não há sentido (*sensus*) sem vida?”²⁹⁴ Apesar de parecer óbvio, é preciso sempre reafirmar estas proposições que não são, de modo algum, novas. O sentido dessa experiência do espaço construído urbano se faz no seu encontro com os corpos. Como dizia Borges: “O sabor da maçã (declara Berkeley) está no contato da fruta com o paladar, não na fruta em si; de modo análogo, a poesia está na troca do poema com o leitor, não na série de símbolos que registram as páginas de um livro”²⁹⁵.

Com estes pressupostos sempre em mente, o que se segue é uma análise e demonstração de como os avanços das colunatas sobre as ruas listadas no capítulo anterior puderam ser experimentados, significados e ressignificados a partir do ponto perceptivo dos transeuntes e daqueles que as utilizavam para finalidades diversas. Para atingir tais objetivos, o capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, investigo percepções e significados envolvidos nos processos de avanços das estruturas edilícias privadas sobre as vias. Lanço mão de um conjunto diversificado de fontes, literárias e materiais, que possibilita explorar as

²⁹² Cf. RAPOPORT, Amos. **The meaning of the built environment**: a nonverbal communication approach. Tucson: University of Alabama Press, 1982 [1990]. p. 13-16, 19-34.

²⁹³ SENETT, Richard. **Corpo e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 15.

²⁹⁴ Agostinho. **Ep.** 137.2.5: *An sentire possumus et ubi non vivimus, cum sensus sine vita esse non possit?*

²⁹⁵ BORGES, Jorge Luis. **Obra poética, 1923-1977**. Buenos Aires, Madrid: Emecé Editores, Alianza Editorial, 1981 [2 ed.]. p. 20: *El sabor de la manzana (declara Berkeley) está en el contacto de la fruta con el paladar, no en la fruta misma; análogamente (diría yo) la poesía está en el comercio del poema con el lector, no en la serie de símbolos que registran las páginas de un libro.*

dinâmicas sensoriais presentes nesse fenômeno. Abordo desde questões relativas aos apreços estéticos (antigos e modernos) envolvidas no engajamento com a materialidade dessas intrusões até as sensações e afetos que essas mudanças sofridas entre ruas e edifícios poderiam provocar nos transeuntes. Os sentidos priorizados, tal como exposto na delimitação material do capítulo anterior, foram a visão, a locomoção e as formas de percepção possíveis dos que transitavam pelas vias. A segunda parte do capítulo complementa a realização dessa tarefa ao circunscrever as dinâmicas das movimentações dos transeuntes no interior da organização da vida urbana das cidades de Cartago e Sabratha, num período que vai da segunda metade do século IV ao começo do século V. Realizar isto compele a explorar as relações mantidas entre as atividades realizadas nos edifícios que foram transformados e as que eram praticadas em suas vizinhanças com as formas de circulação, focos de aglomeração e suas manutenções/transformações ao longo do tempo, sem tirar da mente as organizações espaciais das cidades como um todo.

2.1 As ruas, os pórticos e os avanços sobre os espaços públicos: entre estética, legalidade e relações sensoriais

O tipo particular de intrusões das colunas sobre as ruas foi, em sua maior parte, considerado menor por pesquisadores das cidades romanas em geral, e de Sabratha, e mesmo Cartago, em particular. Menor em dois sentidos: um primeiro, diz respeito ao nível de afecção estética sobre o plano urbano. Por tratarem-se de elementos arquitetônicos que buscavam embelezamento, grandiosidade ou mesmo expansão de andares e construção de sacadas e terraços, essas construções estariam adequadas ao esperado de um modelo padronizado das cidades romanas²⁹⁶. Por exemplo, as idiosincrasias das *insulae* que surgiram a leste do centro antigo de Sabratha e seus subsequentes avanços sobre as vias foram comumente interpretadas em conformidade com o planejamento urbano em grelha romano clássico²⁹⁷. Algo que ressoa a posição dos primeiros escavadores italianos da cidade que, quando encontraram as colunas no lado sul do *decumanus maximus*, imaginavam a existência de um pórtico colunado por quase toda sua extensão, ao menos nesta face. A crença era a de que, talvez, tal pórtico

²⁹⁶ Importante ver os efeitos das colunas e dos pórticos antigos na imaginação de literatos, arquitetos e historiadores modernos, como estudados por: RYKWERT, Joseph. **A coluna dançante**: sobre a ordem na arquitetura. Perspectiva, 2016. Trad. A.B. Loewen, M.C. Guimarães, C. Naser. São Paulo: Perspectiva, 2016. YEGÜL, Fikret K. The classical column: a fundamental notion in architecture. In: FAVRO, D. *et al.* (Eds.). **Paradigm and progeny**: Roman Imperial Architecture and its legacy. Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 2015. p. 215-230.

²⁹⁷ Cf. MANDRUZZATO, Antonella. Cultura abitativa. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017. p. 105-106.

estivesse conectado de alguma forma com as colunatas encontradas nos dois lados da via que levava até o *porticus post scaenam* do teatro²⁹⁸.

Esse modo de interpretar as intrusões como não disruptivas do plano urbano, por sua vez, deve-se em muito às próprias práticas arquitetônicas realizadas na Antiguidade. Ruas principais com colunatas em ambas laterais, ou as famosas *stoai* nas cidades greco-orientais do Mediterrâneo, e vias secundárias com séries contínuas ou descontínuas de pórticos estavam no horizonte de construção do plano urbano romano, algo que remonta, em sua escala monumental arquitetônica e profusa, pelo menos, ao período de Augusto²⁹⁹. A difusão de suas implementações no vocabulário arquitetônico e nas paisagens citadinas do Império, enquanto projetos urbanos massivos, atingiu seus níveis mais expressivos no decorrer do século II³⁰⁰, momento em que, para citar um caso, houve a construção da grande rua porticada em Útica³⁰¹. Exemplos de suas instalações monumentais no Norte da África foram realizados, sobretudo, no período de Septímio Severo e de sua dinastia. Vias centrais de antigas colônias, como *Thamugadi*, *Cuicul* e *Volubilis* foram reconstruídas, reformadas e ampliadas em fins do século II e em inícios do III³⁰². Um dos casos mais expressivos destas construções advém, justamente, da Tripolitânia. Em sua cidade natal, Lepcis Magna, Severo empreendeu um projeto de edificação de uma avenida porticada de dimensões gigantescas, em conjunto com a reestruturação do porto e a construção de um novo centro cívico, com um *forum*, uma basílica

²⁹⁸ **Relazione settimanale n° 90-91-92 dal 18 marzo al 7 aprile 1935.** [...] *Nella via principale il suddetto portico colonnato si nota quasi per tutta l'estensione nel lato sud.* (Na via principal, o já mencionado pórtico colonado [isto é, o da via entre as *insulae* 1 e 3, *Regio* IV] é visto por quase toda a extensão no lateral sul). Em escavações e reavaliações posteriores, foi constatado que as estruturas colonadas observáveis existem apenas nas *insulae* 1 e 3, *Regio* IV, tanto face ao *decumanus maximus* (a via costeira), quanto na face voltada para o *cardo* que conecta esse mesmo *decumanus* ao teatro.

²⁹⁹ Sobre as políticas dos projetos arquitetônicos na cidade de Roma por Augusto, ver: ZANKER, Paul. **The power of images in the Age of Augustus.** Transl. Alan Shapiro. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988. p. 79-100; FAVRO, Diane. **The urban image of Augustan Rome.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 144-192. Para este período de inflexão augustano e sua relação com o desenvolvimento e a proliferação das ruas porticadas na cidade de Roma e nas províncias, ver: FRAKES, James F.D. **Framing public life: the portico in Roman Gaul.** Wien: Phoibos Verlag, 2009. p. 49-66; BURNS, Ross. **Origins of the colonnaded streets in the cities of the Roman East.** Oxford: Oxford University Press, 2017. esp. p. 91-101.

³⁰⁰ Cf. BURNS, Ross. **Origins of the colonnaded streets.** esp. p. 273-300.

³⁰¹ LÉZINE, Alexandre. **Carthage-Utique. Études d'architecture et d'urbanisme.** Paris : Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1968. p. 83-86. Para a revisão da datação e construção no período de Adriano da avenida porticada, com reestruturações nos tempos dos Antoninos, ver: JERBANIA, I.B.; DUFTON, J.A.; FENTRESS, E.; RUSSELL, B. *Utica's urban centre from Augustus to the Antonines.* **JRA**, vol. 32, p. 66-96, 2019. p. 81 ss.

³⁰² Sobre *Thamugadi*: BURNS, Ross. **Origins of the colonnade streets.** p. 196. Sobre *Cuicul*: FÉVRIER, Paul-Albert. *Notes sur le développement urbain en Afrique du Nord. Les exemples comparés de Djemila et de Sétif.* *Cahiers archéologiques*, 14, p. 1-47, 1964. p. 9-11. Republicado em: FÉVRIER, P.-A. **La Méditerranée de Paul-Albert Février [recueil d'articles]** Rome : École Française de Rome, 1996. p. 651-697. p. 658-660; MACDONALD, William L. **The Architecture of the Roman Empire II.** p. 5-14. Sobre *Volubilis*: REBUFFAT, R. *Le développement urbain de Volubilis au second siècle de notre ère.* **BCTH**, N.S. 1-2, p. 231-240, 1965; GROS, Pierre; TORELLI, Mario. **Storia dell'urbanistica. Il mondo romano.** Bari: Laterza, 2007. p. 401.

e um templo. Com cerca de 41 m de largura e 21 m de pavimentação, somados a outros 10 m de ambos os lados dedicados aos pórticos, essa extravagante via monumental conectava o porto até o *decumanus maximus*, passando por um grandioso ninfeu, ao longo de uma extensão de mais de 400 m³⁰³ (**Figura 20**). Sua construção ultrapassava e muito questões prático-funcionais de locomoção, transporte, deslocamento. A presença dessas ruas monumentalizadas carregava consigo projetos de integração, universalização e demonstração de força e capacidade imperiais, manifestados em cidades de várias regiões do Império. Sua monumentalidade intentava transmitir os ideais de poder e unidade imbricados também em suas formas, enquanto construções únicas e contínuas. Importante acrescentar que os pórticos desses ambientes construídos públicos demonstravam, desse modo, o poder de encravar o nome de seus patrocinadores no plano urbano, tanto na memória daqueles que ali circulavam, quanto numa longa história da localidade, tal como qualquer outra obra fruto do evergetismo público³⁰⁴. Ao mesmo tempo, tornavam-se espaços para exposição e circulação dessas mesmas figuras de poder da administração local ou imperial, quer por perambulações em caminhadas, procissões ou desfiles abertos, quer pela disposição de estátuas e demais monumentos honoríficos em seus espaços³⁰⁵.

³⁰³ Da extensão ao sul da rua monumental, que vai do ninfeu construído no momento de quebra da angulação da via, na altura das termas de Adriano, até o *decumanus maximus*, não sobreviveram vestígios de continuidade, devido às cheias do uade Lebda que sobrelevaram as barragens de contenção com o passar do tempo. Sobre as novas edificações de Septímio Severo em Lepcis Magna, ver: WARD-PERKINS, John Bryan. **The Severan Buildings of Lepcis Magna**. London: The Society for Libyan Studies, 1993. síntese e datação das transformações: p. 1, 104-108; sobre a via monumental: p. 67-77. A respeito da execução desse projeto e sua inconclusão ao fim da vida de Septímio Severo, ver: KENRICK, Philip. **Libya Archaeological Guides: Tripolitania**. London: Silphium Press, 2009. p. 91-92, 98-101. Para um estudo pormenorizado dessa rua monumental, ver: PRESICCE, Claudio P. L'architettura della via colonnata di Leptis Magna. In: MASTINO, A.; RUGGERI, P. (Eds.). **L'Africa Romana 10 (vol. 2)**: atti del X convegno di studio. Oristano, 11-13 dicembre 1992. Sassari: Editrice Archivio Fotografico Sardo, 1992. p. 703-718. A inserção deste projeto severiano num âmbito mais amplo da construção de ruas colonadas é discutida por: BURNS, Ross. **Origins of the colonnade streets**. p. 298. Para o ninfeu e suas integrações aos propósitos propagandísticos imperiais, ver: LONGFELLOW, Brenda. **Roman imperialism and civic patronage: form, meaning, and ideology in monumental fountain complexes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 182-185.

³⁰⁴ Exemplos de inscrições norte-africanas sobre a construção de pórticos, embora não estritamente correlacionada com ruas, podem ser encontrados em Thuburbo Maius (CIL VIII.843), com construção de pórticos no *forum*, e, em especial, em Cirta Constantina, em que *Claudius Avitianus*, vigário da África em 362-363, patrocinou a construção de uma basílica com pórticos, além de uma intervenção de modo direto nas vias, com a construção de um tetrápilo (Τετράπυλον, o *quadrifons* latino). CIL VIII.7037: *Claudius Avitianus / comes primi / ordinis agens pro / pra[efe]ctis basilica[m] / [Cons]tantianam cum / porticibus et tetra/[py]lo [con]stituend[am] / [a] solo perfi[ciendam]/q[ue] c[ur]avit*. A respeito de *Claudius Avitianus*: «*Claudius Avicianus 2*». **PRLE**. p. 126-127. Sobre Cirta Constantina no período do Império tardio e a contextualização da construção de *Avitianus*: LEPELLEY, Claude. **Les cités II**. p. 385-388.

³⁰⁵ FRAKES, James F.D. **Framing public life**. p. 25.

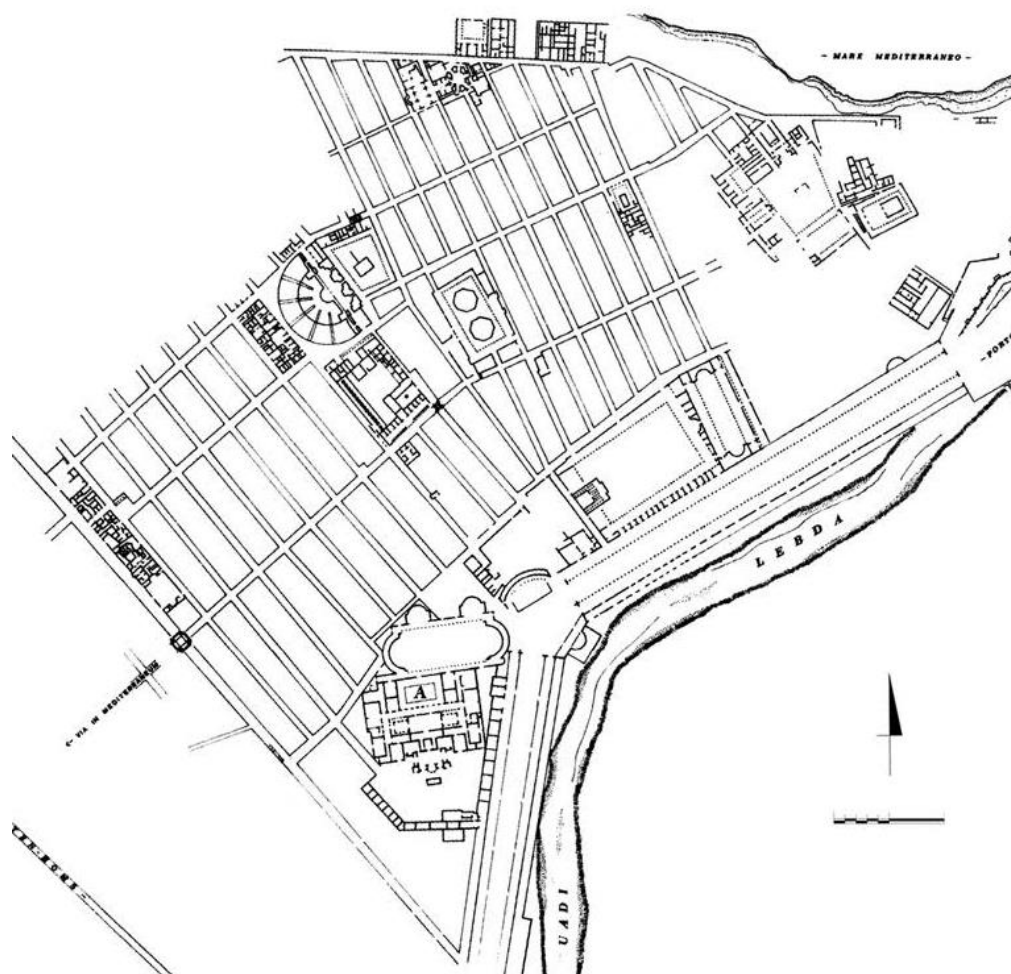


Figura 20: Planimetria geral de Lepcis Magna, com ênfase para a grande avenida com pórticos de Severo. Após, A. Di Vita; G. Di Vita-Evrard; Bacchielli (1999, p. 51).

Creio que é esta composição de poder e prestígio que está em jogo quando vemos figurações de edifícios com pórticos em mosaicos de diferentes temas e contextos³⁰⁶. Um dos principais exemplos são suas representações em paisagens urbanas, como na originária da denominada casa de *Isgundus*, em Hipona, datado da primeira metade do século III (*Figura 21, c*)³⁰⁷. Neste mosaico, o cenário urbano é englobado por outro marinho, com seus seres mitológicos (um Tritão), animais e atividades pesqueiras, a partir da perspectiva daquele que se dirigia à cidade via mar³⁰⁸. A caracterização de eloquência da grandiosidade de todos os edifícios representados é realizada com atuação dos pórticos. Este mesmo procedimento

³⁰⁶ Importante deixar claro que não se trata de saber o quão precisas e correspondentes com instalações materiais reais seriam estas representações em mosaicos. Para uma discussão neste sentido indico as realizadas por: DUVAL, Noël. La représentation des monuments dans l'Antiquité tardive, à propos de deux livres récents. *Bulletin Monumental*, vol. 138, n. 1, p. 77-95, 1980.

³⁰⁷ Sobre as datações: DUNBABIN, Katherine. *The mosaics of Roman North Africa: studies in iconography and patronage*. Oxford: Oxford University Press, 1978. p. 237-238.

³⁰⁸ DUNBABIN, Katherine. *The mosaics of Roman North Africa*. p. 128-129, Pl. XLIX, fig. 123, 124; NEIRA JIMENEZ, María Luz. Sobre la representación de ciudades marítimas en mosaicos romanos. *Espacio. Tiempo y Forma. Serie II. Historia Antigua*, vol. 10, p. 219-251, 1997. p. 231-233.

ocorre em outro mosaico datado da primeira metade do século IV, agora procedente de Cartago, encontrado em um edifício termal na região de Ard Jouilia, ao sul do anfiteatro (*Figura 21, a*)³⁰⁹. Também detentora de uma perspectiva centrada na linha do horizonte a partir da faixa costeira, a cena marinha retratada dividia espaço, neste caso, não com uma paisagem urbana, mas sim com uma *villa maritima*³¹⁰. Os pórticos, portanto, auxiliam na demonstração da imponência da instalação que margeia quase toda a costa, ao lado das estruturas habitacionais, além de torres em seus flancos e algumas árvores que procuram denotar a existência de um jardim³¹¹. A centralidade dos pórticos em representações de propriedades rurais pode ser visualizada de forma mais manifesta em outro mosaico cartaginês, conhecido como o de *dominus Julius*, de fins do século IV ou inícios do V (*Figura 21, b*)³¹². Nele, o prestígio constituído dos e pelos pórticos é o que salta aos olhos do observador: a estrutura da *villa*, fixada no eixo de toda a composição e sequenciamento da cena, traz em sua faixa central os pórticos que abrigava no interior da propriedade. Algo próximo desse procedimento de demonstrar aquilo que está no âmbito interno de uma instalação é possível de captar num último exemplo a ser mencionado. De gênero e configuração bem distintos, trata-se de um mosaico mortuário instalado no interior de uma igreja martirial em *Thabraca*, feito em nome da falecida *Valentia*, no século IV ou V (*Figura 21, d*)³¹³. Nele há uma representação da igreja que associava a um só tempo a igreja enquanto edifício à Igreja enquanto mãe dos cristãos (a *Ecclesia Mater*, como nos diz sua inscrição)³¹⁴. Enquanto edifício, sua organização interna é decomposta de modo frontal e lateral, quase

³⁰⁹ Sobre o contexto, datação e interpretação: SAUMAGNE, Charles. Carthage. **BCTH**, p. 648-664, 1928-1929. p. 649-651, 662-663; DUNBABIN, Katherine. **The mosaics of Roman North Africa**. p. 254, n. 45; ROSSITER, Jeremy; COPP, Stephen. Les thermes du Phénix: a “lost” Roman bath-house at La Malga, Carthage. **Mouseion**, SERIES III, vol. 9, n. 2, p. 143-158, 2009. p. 152-153.

³¹⁰ Para esta interpretação, e demais discussões acerca das representações figurativas das *villae* na África do Norte, ver: ROSSITER, Jeremy. Domus and villa: late antique housing in Carthage and its territory. In: LAVAN, L. ÖZGENEL, L.; SARANTIS, A. (Eds). **Housing in Late Antiquity**. Leiden: Brill, 2007. p. 367-392, 385-386; WILSON, Roger. Roman villas in North Africa. In: MARZANO, A.; MÉTRAUX, G. (Eds.). **The Roman Villa in the Mediterranean Basin**, Cambridge: Cambridge University Press 2018. p. 266-307, p. 273-276.

³¹¹ DUNBABIN, Katherine. **The mosaics of Roman North Africa**. p. 129, Pl. L, fig. 126-127.

³¹² Para a datação: DUNBABIN, Katherine. A mosaic workshop in Carthage around A.D. 400. In: PEDLEY, J.G. (Ed.). **New light in Ancient Carthage**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1980. p. 73-83; *Id.* **Mosaics of the Greek and Roman world**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 118-119, fig. 122, p. 120.

³¹³ Sobre o mosaico e seus contextos de escavação, ver: GAUCKLER, Paul. Mosaiques tombales d'une chapelle de martyrs à Thabraca. **Monuments et mémoires de la Fondation Eugène Piot**, tome 13, fasc. 2, p. 175-228, 1906. esp. p. 190-191; ENNABLI, Liliane. Mosaique tombale avec épitaphe. In: FANTAR, M. (Ed.). **De Carthage à Kairouan. 2000 ans d'art et d'histoire en Tunisie**. Paris: Association française d'action artistique, 1982. p. 198.

³¹⁴ Sobre esta associação, ver: DUVAL, Noël. Basilique chrétienne africaine. In: CAMPS, G. (Ed.). **Encyclopédie berbère**, v. 9. Aix-en-Provence: Edisud, p. 1371-1377, 1991. p. 1371-1372; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Vbi ecclesia?* Basiliques chrétiennes et violence religieuse dans l'Afrique romaine tardive. In: FREU, C.; JANIARD, S.; RIPOLL, A. (Éds.). **Libera curiositas. Mélanges d'Histoire Romaine et d'Antiquité Tardive offerts à Jean-Michel Carrié**. Turnhout: Brepols, 2016. p. 387-397, p. 396-397.

como em um projeto gráfico arquitetônico, abre-se no plano bidimensional as portas, janelas, telhado, abside, degraus, altar, pisos com mosaicos e, claro, as colunas. Contudo, ainda que se trate de colunas em um espaço fechado, o modo de disposição para o observador demonstra como as colunatas constroem o sequenciamento dos eventos e, sobretudo, o enquadramento daquilo que é destacável.



Figura 21: Mosaicos com representações de pórticos (sem escala). a) detalhe do mosaico com paisagem marítima de Cartago; b) mosaico de *dominus Julius*; c) detalhe do mosaico com cena marítima de Hipona; d) mosaico da *Ecclesia Mater de Thabraca*.

Esses casos são exemplos bem distintos dos apresentados nos desenvolvimentos de Cartago e Sabratha. São ou eventos extremos de monumentalização de ruas colonadas enquanto projeto urbano unificado³¹⁵ ou representações figurativas que buscam ressaltar a magnitude de edifícios, de seus interiores e proprietários. De todo modo, além de auxiliar na compreensão do porquê de certa resistência nas interpretações modernas em não tomar os avanços de colunas sobre as ruas enquanto fenômenos de intrusões e de interferência negativa na viabilidade, possibilitam ampliar os quadros arquitetônico-formais e sociais em que essas construções de colonadas dispersas, fragmentadas, descontínuas estavam inseridas. Em outras

³¹⁵ Cf. ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. *Spazio privato e spazio pubblico nella società romana*. Rome: École Française de Rome, 1995. p. 262.

palavras, as ruas porticadas monumentais, com toda a suntuosidade que emanavam, forneciam uma linguagem comum de demonstração, a um só tempo, de valoração urbana e distinção social por meio de sua materialidade. Mesmo naquilo que poderia ser classificado como instâncias puramente prático-funcionais para seu emprego, como nos casos em sustentação de andares superiores, de sacadas e terraços ou, de modo mais evidente, abrigos da chuva e do sol, havia a possibilidade de outros recursos arquitetônicos para alcançar esses objetivos.

Com isto, o que parece estar envolvido na difusão e uso das colunatas pelos mais diversos tipos de edifícios privados que avançaram sobre as ruas é justamente esse conjunto de associações mais amplas que, pode-se dizer, a própria *forma* pórtico trazia consigo. Algo que, por sua vez, não pode ser confundido como meras reproduções que, à medida em que seus usos seriam difundidos por grupos mais abaixo das relações socioeconômicas, seriam tornadas cópias cada vez mais imperfeitas, com formas e materiais de qualidade empobrecidas. Ao contrário, estamos diante de uma linguagem arquitetônica que é partilhada, apropriada e ressignificada de acordo com lógicas e sentidos atribuídos e almejados por aqueles que delas lançavam mão no interior de suas próprias condições de ação específicas.

Deste modo, as materialidades e as significações diversificam-se no momento de seus usos. O comum e o singular dos empregos de colunas e pórticos emergem desta dupla estruturação de partilha estética e de condições práticas. Um dos sentidos partilhados que estava em jogo na construção das colunatas pode ser aproximado ao que James Frakes identificou para os casos da Gália romana. Para Frakes, a aplicação desta linguagem arquitetônica e suas manifestações de poderes simbólico, sensorial e material acabavam por fornecer em todos os casos de seus empregos, mesmo naqueles em que não se deixava espaço transitável para pedestres, um “enquadramento do corpo”³¹⁶. Pode-se acrescentar à sua afirmação que tais estruturas também forneciam, para a perspectiva do transeunte das ruas, um enquadramento dos próprios edifícios na paisagem viária, de modo a tornar destacável, por conseguinte, os corpos, as práticas e as emanações sensoriais de seus proprietários, ocupantes e usuários em geral.

³¹⁶ FRAKES, James F.D. **Framing public life**. p. 5-6. Embora eu acabe por adotar uma perspectiva mais ampla de pórtico, uma vez que, apesar de abrangente, a definição de Frakes delimita o *porticus* a um arranjo de colunas (sem importar sua composição material) com a necessidade de uma profundidade que permita a perambulação de seus usuários.

2.1.1 Leis, normas e afetos

Embora houvesse motivações enraizadas nos modos de exibição e de distinção das propriedades, aliadas com uma tentativa de perpetuação de determinado modelo urbano por meio do emprego dos pórticos por edifícios privados (variados em suas formas, proporções e funções), é preciso compreender e destacar o caráter disruptivo desses casos em que suas construções se projetaram sobre as ruas. Além da própria materialidade dos avanços acompanhadas anteriormente, é possível conhecer outras facetas dessas transformações e seus entrelaçamentos com os sentidos e os afetos por meio de outros documentos, como literários, historiográficos, tratados técnicos, e fontes jurídicas.

Começemos por esta última. Diversas leis promulgadas no decorrer do século IV e inícios do V demonstram tentativas reiteradas de controle e exigências de manutenção dos espaços públicos. Elas foram reunidas, sobretudo, no livro XV do *Codex Theodosianus* e retomadas no livro VIII do *Codex Iustinianus*. Apesar do fato de que a maior parte dos decretos fosse endereçada especificamente para Roma e Constantinopla, o horizonte de mudanças e as forças em disputa que delineavam eram similares com diversos outros casos, encontrados tanto na África do Norte, quanto em demais capitais regionais³¹⁷.

Uma dessas leis merece atenção particular, pois fornece informações importantes que podem lançar novas perspectivas sobre as experiências desses avanços de estruturas sobre as ruas – em particular no que diz respeito aos pórticos. Publicada em outubro de 398 e endereçada ao prefeito da cidade de Constantinopla, a lei indicava que

“Os edifícios comumente chamados de *parapetasia*, ou outras estruturas que estiverem associadas e fixadas às paredes de edifícios públicos ou privados, de modo a ameaçar a vizinhança com incêndios ou outros perigos, ou que estreite o espaço das *plateae*, ou diminua a

³¹⁷ Isto sem contar as próprias leis endereçadas para autoridades norte-africanas, como vigário e procônsul da África, que apresentavam conteúdo semelhantes das despachadas para outras cidades, como Roma e Constantinopla. Nesse sentido, contra a espoliação de ornamento das cidades e transporte para outras, comparar **C.Th.** XV.1.1 (de 357) com **C.Th.** XV.1.14; sobre restrições para construção de novas obras públicas enquanto edifícios antigos permaneciam em ruínas, comparar **C.Th.** XV.1.15 (de 365) com **C.Th.** XV.1.11 e 16, 19, 21, 27, 28, 29,31. Para a importância do norte da África para a composição, de forma geral, do *Codex Theodosianus*: MATTHEWS, John. The Making of the Text. In: HARRIES, J.; WOOD, I. (Eds.). **The Theodosian Code: studies on the Imperial Law of Late Antiquity**. Londres: Duckworth, 1993. p. 19-44, *passim*; LEPELLEY, Claude. Quelques aspects de l’administration des provinces romaines d’Afrique avant la conquête vandale. **Antiquité Tardive**, n. 10, p. 61-72, 2002. p. 62-65. A respeito da amplitude da aplicação das legislações referentes aos espaços e edifícios públicos, ver: BALDINI LIPPOLIS, Isabella. Private space in Late Antique cities: laws and building procedures. In: LAVAN, L.; ÖZGENEL, L.; SARANTIS, A. (eds.). **Housing in Late Antiquity: from palaces to shops**. Leiden, Boston: Brill, 2007. p. 197-237. p. 198-199. Ressalvas sobre a documentação jurídica foram realizadas por: LAVAN, Luke. **Public space in the Late Antique City**. p. 14-21.

amplitude dos pórticos, ordenamos que sejam derrubados e destruídos”³¹⁸.

Numa leitura inicial, três elementos podem ser destacados desse texto. O primeiro é a identificação precisa de um tipo específico de edifício sobre os espaços públicos, os *aedificiae parapetasia*, ao que se soma a queixa de que outras estruturas estavam acopladas aos edifícios privados e particulares. O segundo e o terceiro elementos dizem respeito aos impactos simultâneos que ambos causariam: seja nas experiências afetivas da vizinhança, por espalhar um possível temor coletivo de incêndios e de outros riscos (*insidiae*); seja nos impactos na materialidade dos espaços públicos, por diminuírem ruas/praças (*plateae*) ou por estreitarem os limites dos pórticos.

Para além dessa primeira impressão, há mais a saber sobre seus significados e, por conseguinte, de suas implicações possíveis para os casos norte-africanos. Um primeiro passo nesta direção é o de indagar o que seriam essas “populares” *aedificiae parapetasia*. Seu significado já foi bem debatido, dado a multiplicidade de sentidos que possuía o adjetivo que lhe classificava, a saber, a palavra de origem grega (παραπετάσιος) em sua forma latina *parapetasius*³¹⁹. De todo modo, o próprio texto legislativo dá um indício: sua associação com demais estruturas que estavam acopladas às paredes de outros edifícios. Ao passar para o campo semântico, conforme apontou Catherine Saliou, a palavra πεσσός poderia designar no vocabulário arquitetônico tanto coluna e pilastra, quanto, sobretudo na documentação papirológica, referir-se a uma sacada³²⁰. Assim, é possível atribuir a tal tipo de construção qualquer estrutura que fosse realizada por meio de colunas que avançassem sobre calçadas e ruas, e estivessem de alguma forma escoradas em paredes. Ou seja, estaríamos diante de coberturas, alpendres, varandas acopladas junto a edifícios públicos ou privados. Seu sentido se alarga ainda mais quando considerado que poderiam invadir não apenas as ruas, como ocupar, de igual maneira, os espaços internos dos pórticos. Deste modo, tais estruturas também são interpretadas enquanto barracas, tendas e quiosques instalados sob a proteção das colunatas semelhantes às barracas ou bancas (*σκηναί*) feitas em madeira e algumas com tetos

³¹⁸ C.Th. XV.1.39 (= C.I. VIII.11.14): *Aedificia quae uulgi more parapetasia [parapessia C.I.] nuncupantur, uel si qua alia opera publicis moeniis uel priuatis sociata cohaerent ut ex his incendium uel insidias uicinitas reformidet aut angustentur spatia platearum uel minuatur porticibus latitudo, dirui ac prosterni praecipimus.*

³¹⁹ Isto sem contar as variadas formas com que o termo grego aparece latinizado nos *Códices*, conforme apresentou: SALIOU, Cathérine. **Les lois des bâtiments** : voisinage et habitat urbain dans l’Empire romain. Recherches sur les rapports entre le droit et la construction privée du siècle d’Auguste au siècle de Justinien. Beyrouth : Presses de l’Ifpo, 1994. p. 259, n. 22.

³²⁰ SALIOU, Catherine. **Les lois des bâtiments**. p. 259, n. 22. Exemplo da descrição como colunas: Procópio, *De aed.* I. 1. 37.

de palha que abrigavam diversos vendedores e artesãos descritas por Libânio ao comentar sua presença nos espaços entre as colunas nas ruas porticadas de Antioquia³²¹. Se considerarmos essa descrição de Libânio acerca dos materiais empregados nessas construções bem próximas umas às outras, com espaços diminutos para circulações de pedestres, é concebível vislumbrar os temores diante desses materiais facilmente inflamáveis. Afinal, combustão e alastramento do fogo eram potencializados pela presença de vigas em madeira das coberturas dos pórticos, o que aumentaria o risco e o medo de incêndios³²².

Embora tal lei permita constatar certa proliferação dos casos de invasões sobre as vias públicas e espaços pedonais, fazendo uso de colunas ou não, nesse fim de século IV, há diferenças bem sensíveis para uma analogia direta com os casos de Cartago e Sabratha. Primeiro, a robustez e durabilidade dos materiais empregados. Ainda que não saibamos ao certo se toda construção mencionada pela legislação de 398 fosse realizada com materiais ligeiros e de rápidos desgaste e perecibilidade, é importante ressaltar que, de modo específico para os casos dos dois sítios norte-africanos, as modificações foram feitas com colunas em mármore e/ou alvenaria, e em alguns casos fizeram parte de mudanças estruturais de seus quarteirões, como os vários casos de ampliação de andares e, até mesmo, a unificação dos edifícios de uma *insula*, como ao norte do porto circular de Cartago. Desta forma, em segundo lugar, muitas das estruturas cartaginesas e sabrathenses que avançavam sobre as ruas eram construções de pórticos propriamente ditos, ou estruturas bem similares a eles. Porém, é preciso acrescentar, seus usos diários poderiam, por sua vez, fazer com que seus espaços abrigassem estruturas temporárias, como barracas ou estandes, que, conforme visto, teriam grandes projeções ao estarem nesses locais, quer fossem alugadas, como Libânio permite supor³²³, quer fossem utilizadas pelos que ocupavam as *tabernae* das quais as colunas partiam. Vale lembrar que poucos foram os casos em que a profundidade dos pórticos permitia tanto viabilidade para os pedestres, quanto espaço necessário para instalações de bancas/barracas de madeira.

³²¹ Libânio, *Or.* 11, 251-255; 26, 20-23. Comparação possível, sobretudo, por meio da contextualização dos discursos de Libânio e de seus modos de descrever Antioquia propostas por: SALIOU, Cathérine. Antioche décrite par Libanios: La rhétorique de l'espace urbain et ses enjeux au milieu du quatrième siècle. In: AMATO, E. (Ed.). **Approches de la Troisième Sophistique** : hommage à Jacques Schamp. Brussels : Éditions Latomus, 2006. p. 273-285; LEYERLE, Blake. Imagining Antioch, or the fictional space of alleys and markets. In: BERGJAN, S.-P.; ELM, S. (Ed.). **Antioch II**: The Many Faces of Antioch: Intellectual Exchange and Religious Diversity, CE 350–450. Tübingen: Mohr Siebeck, 2018. p. 255-278. p. 257-267.

³²² Para outro contexto de alastramento de fogo por meio dos pórticos e, nos casos em que eram realizados apenas em alvenaria, proteção dos pedestres, ver: HERMANSEN, Gustav. **Ostia**: aspects of Roman city life. Edmonton, Alberta: The Alberta University Press, 1982. p. 217-223.

³²³ Libânio, *Or.* 26.20-22.

Isto não quer dizer que esse tipo de estrutura fosse uma imagem distante e não condizente com a realidade das cidades norte-africanas. Evidências materiais atestam a existência de construções próximas dessas descrições de *parapetasia*, tais como barracas feitas em madeira abrigadas diante ou nas proximidades de pórticos, construídas em locais de ampla passagem, como em ruas principais e praças, foram encontrados em *Thamugadi* e *Iol Caesarea*. Para o caso da primeira dessas cidades, Albert Ballu, responsável pelas escavações do sítio naquele momento, atentou-se para sua existência devido às marcas negativas de sulcos presentes nos pavimentos das calçadas. Ao todo, Ballu somou 24 marcações na calçada do *decumanus maximus*, em frente ao denominado mercado de roupas da cidade. As demarcações eram irregulares, variavam entre 0,55 m até 1,38 m de largura, e terminavam no limite da primeira rua que se abria à via principal³²⁴. Infelizmente, não há imagens ou planos de suas posições nem uma datação precisa para o momento de sua elaboração. Mas a localização em uma região que configurava um verdadeiro “complexo comercial”³²⁵ fornece indícios sobre as instalações. Elas estavam instaladas no pórtico do provável mercado de roupas, em uma das grandes artérias da cidade, contíguas ao mercado de *Sertius*, sem contar outros edifícios comerciais indistinguíveis e, mais ao sul, também pelas denominadas termas de *Sertius*³²⁶. Ou seja, é bem provável que estivessem em uso já muito antes da promulgação da lei de 398, e Andrew Wilson chega a afirmar que sua construção datasse da segunda metade do século IV³²⁷.

O segundo caso, de *Iol Caesarea*, ou Cesareia da Mauritânia, é bem melhor documentado. Inclusive, seus métodos e cuidados nos procedimentos de campo tornaram-se marcos para esse tipo de estudos³²⁸. Buracos deixados no piso do *forum* pelas instalações de bancas em madeira foram encontrados em vários pontos do sítio escavado por Nacéra

³²⁴ BALLU, Albert. Rapport sur les fouilles exécutées en 1913 par le Service des monuments historiques de l'Algérie, *BCTH*, p. 270–329, 1914. p. 326-327.

³²⁵ A expressão é de FENTRESS, Elizabeth. Where were North African *nundinae* held? In: GOSDEN, C. *et al.* (Eds.). **Communities and connections: essays in Honour of Barry Cunliffe**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 125-141. p. 139.

³²⁶ Sobre o contexto dos espaços e edifícios em que se encontravam: BALLU, Albert. Ruines de Djemila (antique Cuicul). *Revue Africaine*, n. 62, p. 201–74, 1921. p. 253-254; FENTRESS, Elizabeth. Where were North African *nundinae* held? p. 139; AMRAOUI, Touatia. **L'artisanat dans les cités antiques de l'Algérie (I^{er} siècle avant notre ère-VII^e siècle après notre ère)**. Oxford: Archaeopress Roman Archaeology, 2017. p. 370-373.

³²⁷ WILSON, Andrew. Timgad and textile production. In: MATTINGLY, D.J.; SALMON, J. (Eds.). **Economies beyond agriculture in the Classical World**. London: Routledge, 2001. p. 271-296. p. 281.

³²⁸ Ver, por exemplo, as aplicações de cuidados similares nas análises *agora* em Sagalassos: LAVAN, L. From *polis* to *emporion*? Retail and regulation in the Late Antique City. In: MORRISON, C. (ed.). **Trade and markets in Byzantium**. Washington D.C.: Dumbarton Oaks, 2012. p. 336-340; retomadas em: LAVAN, Luke. **Public space in the Late Antique City**. p. 375-379. Os mesmos cuidados foram empregados por Lavan em suas escavações e prospecções de espaços públicos em Óstia: LAVAN, Luke. Public Space in Late Antique Ostia: Excavation and Survey in 2008–2011. *AJA*, vol. 116, n. 4, p. 649-691, 2012.

Benseddik e Timothy Potter, entre os anos 1977 e 1981 (**Figura 23**)³²⁹. No entanto, mais do que atentarem-se visualmente para esses traços negativos de fissuras e sulcos, os arqueólogos envolvidos realizaram um esforço de datação por meios estratigráficos e os inseriram no interior da história do *forum* e dos edifícios vizinhos.

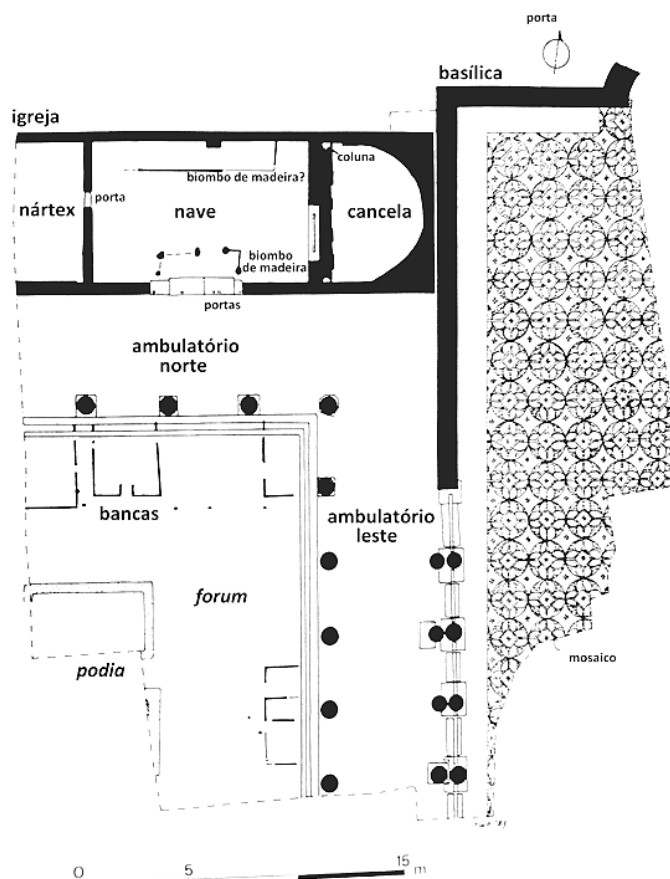


Figura 22: Plano do forum de *Iol Caesarea* em sua fase datada por volta de 430. Após N. Benseddik, T. Potter (1993, vol. I, n.p., fig. 10).

Ao todo, uma área de 130 m², referentes ao quadrante nordeste do *forum*, foi trazida à tona pelas escavações (**Figura 22**). Além do espaço aberto da praça pública, foram encontrados: dois *podia*, que deveriam sustentar estátuas pouco mais ao centro do *forum*; um edifício interpretado como uma basílica mais a leste da área escavada; e, entre esses dois espaços, um deambulatório. Acessível por alguns degraus, o deambulatório estava num nível pouco mais alto que o pavimento do *forum* e o limite entre ambos era demarcado por uma

³²⁹ BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. **Fouilles du forum de Cherchel, 1977-1981 (vol. I-II)**. Alger: Agence National d'Archeologie et de Protection des Sites et Monuments Historiques, Bulletin d'Archéologie Algérienne Suppl. 6, 1993. Para a metodologia aplicada no sítio, ver: BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. **Fouilles du forum I**. p. 26-28. Os resultados dessas escavações atingiram um grande público com a publicação posterior de Potter sobre as transformações urbanas de *Caesarea* no contexto mais amplo de mudanças das cidades mediterrâneas na Antiguidade Tardia: POTTER, Timothy. **Towns in late Antiquity: Iol Caesarea and its contexts**. Oxford: Oxbow Books, 1995.

série de colunas, cuja única encontrada *in situ* tinha cerca de 4,55 m de altura. Embora o deambulatório também se estendesse ao norte, não foi possível precisar a existência de alguma estrutura de edifícios nessa área na primeira fase de construção do *forum*, no início do século III³³⁰.

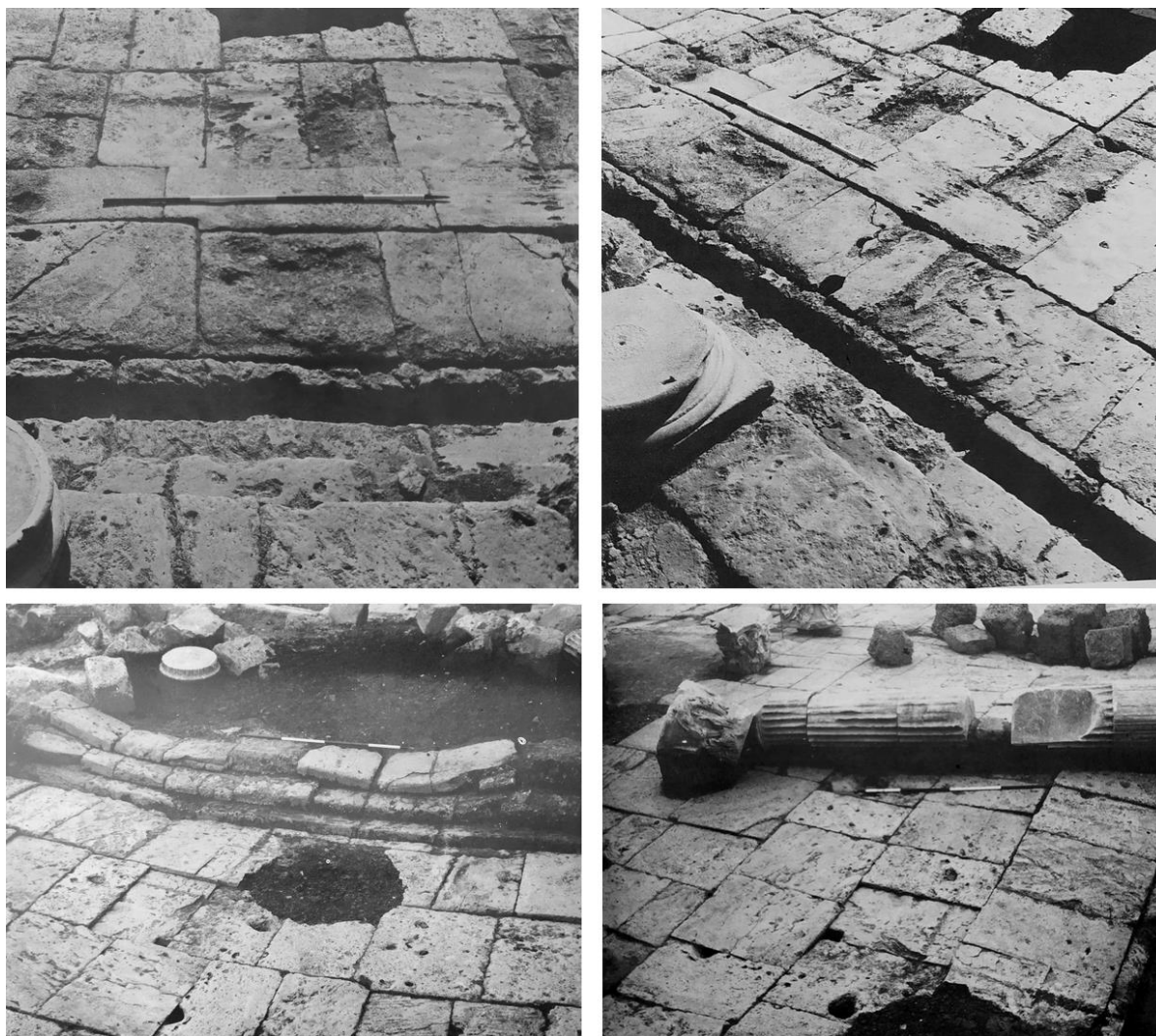


Figura 23: Imagens dos buracos e sulcos das bancas de madeira no forum de Iol Caesarea. As duas superiores são dos traços referentes à banca 2, as duas inferiores são da banca 4. Fotografias extraídas de N. Benseddik, T. Potter (1993, vol. II, n.p., pls. VI, XV, XXII), e Potter (1995, p. 37, fig. 16).

As marcas de encravamento das estruturas em madeira no pavimento do *forum* se encontram no limite entre as colunas e o deambulatório, ou seja, entre o espaço da praça e o espaço porticado (**Figura 23**). A partir de seus padrões, Potter identificou no mínimo quatro bancas, além de uma área com três marcas de intenso desgaste e uma inscrição no piso. Três das bancas estavam ao norte do *forum* e possuíam um mesmo alinhamento. A denominada *banca 1* tinha 4 m de profundidade por 2,25 m de largura, até onde foi escavada em seu lado

³³⁰ BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum I*. p. 38-41.

oeste, embora deva continuar nessa direção. Atravava-se a uma das colunas (B1), onde encerrava seu lado leste. Uma estreita passagem, de 0,75 m, separava-a da chamada *banca 2*, que media 3 m por 3,50 m. Esta última ainda possuía uma espécie de pequeno corredor de entrada, com 0,50 m de amplitude, que a dividia em duas partes. Após um espaço sem estruturas, composto por marcas de intenso desgaste nas placas do pavimento e uma inscrição, encontrava-se a denominada *banca 3*. Localizada no canto nordeste do *forum*, media 3,50 m por 2 m. Quatro marcas profundas no pavimento estavam diante das três bancas, de modo que, bem provável, fossem indícios de quatro postes que estruturavam um toldo comum, alinhado desde a *banca 1*. Alinhada e ao sul da *banca 3*, após um espaço de 7,50 m, localizava-se a denominada *banca 4*. Ocupava uma área de 2,40 m por 4,30 m e, assim como a *banca 2*, apresentava uma espécie de subdivisão, mas em três cubículos. À sua frente, também haviam aberturas no pavimento para a instalação de possíveis toldos³³¹.

Em visitas a outros sítios norte-africanos escavados em momentos outros, com técnicas distintas de escavação, Potter identificou, embora não tenha elaborado ou publicado planos nem dado maiores detalhes, padrões semelhantes de aberturas nos pavimentos dos *fora* nas cidades de Típara, Hipona, *Mactaris* e até mesmo em *Thamugadi*³³². Mas, como reconhece, nenhum desses sítios apresentou evidências tão contundentes quanto as de *Iol Caesarea*. Pois, tão importante quanto esse registro das bancas em madeira nos espaços abertos foi o fato de que os dados extraídos do sítio possibilitaram uma datação mais ou menos precisa de sua inserção. A principal fonte utilizada neste sentido foram as moedas, 17 ao todo, encontradas no vão das placas que pavimentavam o *forum* localizadas próximas às bancas mais ao norte. Elas datam de 330 até inícios do século V. Contudo, Potter afirmou que, em comparação com outros sítios norte-africanos e com o total de moedas encontrado no próprio sítio, essa evidência para o século IV pode ser um tanto enganosa. Isto porque a grande maioria das moedas em bronze utilizadas para pequenas trocas durante quase todo o século V foi cunhada no século anterior³³³. Assim, preferiu datar a disposição em que foram encontradas as bancas no primeiro quarto do século V. Não sem outros motivos. Potter inseriu a configuração das bancas no *forum* num período de reforma e reestruturação de parte de seu pavimento e também de seu entorno. No recorte entre os anos 420-430, a basílica foi reformada e passou a ter um novo padrão de mosaicos em seu piso e novos adereços em

³³¹ BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum I*. p. 58-60.

³³² BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum I*. p. 59; POTTER, Timothy. *Towns in late Antiquity*. p. 75.

³³³ BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum I*. p. 59, 74, n. 46; POTTER, Timothy. *Towns in late Antiquity*. p. 36-39, 44-47; para bibliografia de outros sítios, p. 37, n. 49.

mármore³³⁴. Ao norte do deambulatório, foi construído um edifício com uma abside em sua extremidade leste, interpretado como uma igreja, dados suas configurações interiores e o paralelo com outros locais na África³³⁵. Outro motivo para a mesma datação com a reformulação geral do *forum* foi a disposição final que adquiriram as bancas em madeira, as passagens para o deambulatório e os meios de acesso à igreja e à basílica. A posição final das bancas ficou alinhada com as localizações das portas da basílica e da igreja em seu entorno, de modo a não interferir no ingresso de ambos edifícios pelos frequentadores do *forum*³³⁶.

De todo modo, não se pode esquecer que, embora as instalações temporárias que foram preservadas no sítio datem dessa reformulação geral do *forum*, a existência dessas estruturas na praça não se limita apenas a um período mais tardio. Neste sentido, Potter não descartou a possibilidade de que as bancas tenham sido utilizadas já durante o período da maioria das moedas que foram encontradas, ou seja, no século IV³³⁷. Some-se isto ao fato de que não é sabido se havia um edifício ao norte do deambulatório, no lugar que viria a ser ocupado pela igreja. Caso tenha existido, Potter não desconsidera a possibilidade de que poderia ser uma série de lojas³³⁸. Philippe Leveau inclusive cita a existência de uma inscrição que alude aos comerciantes *forenses* na cidade, aqueles que estavam alocados em torno do *forum*³³⁹. Edifícios que acrescentariam ainda mais força às relações sociais verticais e horizontais para o estabelecimento das bancas no interior desses pórticos do *forum* da cidade.

³³⁴ BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum I*. p. 60; BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum II*. p. 319-321; POTTER, Timothy. *Towns in late Antiquity*. p. 39.

³³⁵ BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum I*. p. 55-57; BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum II*. p. 324; POTTER, Timothy. *Towns in late Antiquity*. p. 39-44. As estruturas em madeira internas à igreja foram interpretadas como biombos e correlacionadas com as descritas sobre a basílica de Tiro, feitas em Euseb. *Hist. Eccl.* X, 4, 37-45. Sobre a análise formal e tipológica da arquitetura deste edifício, ver também: DUVAL, Noël. *Études d'archéologie chrétienne nord-africaine : XVIII - Une petite église chrétienne sur le forum de Cherchel*. *REAug*, 34, p. 247-266, 1989. p. 253, 256.

³³⁶ BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum I*. p. 60.

³³⁷ POTTER, Timothy. *Towns in late Antiquity*. p. 39.

³³⁸ BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. *Fouilles du forum I*. p. 41. [...] *another explanation is likely to apply, namely that the phase 2 building carried on in use in modified form during this period. This notion is attractive in the sense that the building is appropriately situated for, say, a series of shops along side of the forum, and would have provided a suitable back to the ambulatory. On the other hand, it is unsatisfactory that no floor-levels can be identified for this period, thus introducing an element of doubt ([...] é possível aplicar outra explicação, a saber, que o edifício na fase 2 continuou em uso de forma modificada durante esse período. Esta noção é atrativa no sentido de que o edifício estava situado pertinentemente para, digamos, uma série de lojas ao longo da lateral do forum, e teria proporcionado um entorno conveniente ao ambulatório)*. A respeito da estrutura de outras *tabernae* foram encontradas na cidade, na maior parte das vezes, associadas às casas luxuosas dispersas no plano urbano, ver: LEVEAU, Philippe. *Les maisons nobles de Caesarea de Maurétanie*. *Antiquités Africaines*, n. 18, p. 109-165, 1982. p. 136, 160-161. Proposições que, caso tenha ocorrido, apontam para uma semelhança formal com as primeiras fases do *forum* romano de Sabratha: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 17-18.

³³⁹ LEVEAU, Philippe. *Caesarea de Maurétanie. Une ville romaine et ses campagnes*. Rome: École Française de Rome, 1984. p. 68, n. 242. Para uma série importante de epitáfios de trabalhadores encontrados na cidade, localizados em espaços delimitados ou atuante nas ruas, ver: p. 149-150.

Seja como for, suas instalações ocorrem, por um lado, tal como em *Thamugadi*, antes da promulgação de 398, e demonstram, por outro, a continuidade e permanência de seus usos no novo complexo de 420-430.

Uma fonte literária um pouco distante no tempo e no espaço, escrita entre 40-50 anos após a legislação sobre as *parapetasia*, mas que procurava descrever a realidade norte-africana, em particular a cartaginesa, fornece alguns indícios dos afetos que poderiam ser mobilizados diante dessas condições em que ruas e pórticos foram dominados por estruturas que os estreitavam. Trata-se do texto de Salviano de Marselha, *O governo de Deus*, de modo mais preciso, no momento em que narra os motivos da conquista de Cartago pelos vândalos³⁴⁰. Embora deva ser lido de modo atento às camadas moralizantes contra determinadas práticas dos cartagineses anteriores à invasão³⁴¹ e de não ter andado pelas ruas da grande metrópole norte-africana, pois sua história é composta sobretudo por relatos de exilados norte-africanos refugiados em Marselha³⁴², Salviano descreve em certo ponto os temores e anseios que as ruas poderiam abrigar:

“Qual parte da cidade [de Cartago] não estava repleta de imundícies? Quais ruas/prças (*platea*), becos (*semitae*) dentro da cidade não se transformaram em lupanar? Quase todos os cruzamentos (*compita*) e quase todas as vias (*vias*) estavam cindidas com as armadilhas da luxúria e estavam encobertas por suas redes, até o ponto em que aqueles que tinham horror a esses vícios dificilmente conseguiam evitá-los. Pode-se compará-los com ladrões que espreitam e atacam os espólios dos frequentadores das vias em incontáveis emboscadas, que cercavam todos os caminhos (*calles*), toda viela sinuosa (*anfractus*), todos os desvios (*deverticula*), de modo que quase ninguém, por mais cauteloso que fosse, não caísse em alguma dessas armadilhas insidiosas, mesmo que já tenha escapado de muitas”³⁴³.

³⁴⁰ Sigo a datação do texto do *De gubernatione Dei* como produzido entre 440 e 450, atribuída por LAGARRIGUE, Georges. Introduction. In: LAGARRIGUE, G. **Salvien de Marseille, Ouvres. Tome II. Du gouvernement de Dieu**. Introduction, texte critique, traduction et notes. Paris : Les Éditions du Cerf, 1975. p. 12-93. p. 15.

³⁴¹ Sobre Salviano e Cartago, com ênfase na moralidade de sua descrição, ver: CLOVER, Frank M. Carthage and the Vandals. In: **Excavations at Carthage. vol. VII**. 1-21. p. 6-7; COSTANZA, Salvatore. Cartagine in Salviano di Marsiglia: alcune puntualizzazioni. **Studia Patristica**, vol. 17, p. 175-186, 2011.

³⁴² Nesse sentido, Luke Lavan argumenta que a descrição de Salviano se aplicaria de modo mais apropriado à realidade da Gália de seu tempo. LAVAN, Luke. **Public Space in the Late Antique City**. p. 19. Sobre as bases da descrição de Salviano sobre Cartago e dos refugiados nicenos em sua comunidade monástica na atual Lérins: MILES, Richard. The *Anthologia Latina* and the creation of secular space in Vandal Carthage, **Antiquité Tardive**, vol. 13, p. 305-320, 2005. p. 319-320.

³⁴³ Salviano. **De gub.** VII.72-73: *Quae enim fuit pars ciuitatis non plena sordibus, quae intra urbem platea aut semita non lupanar? adeo omnia paene compita, omnes vias, aut quasi foveae libidinum interciderant aut quasi retia praetexebant, ut etiam qui ab hac re penitus abhorrerent tamen uitare uix possent. Latronum quodammodo excubias lideres commeantium viatorum spolia captantes, qui insidiarum frequentium densitate ita omnes admodum calles omnes anfractus ac deverticula saepissent, ut nullus ferme tam cautus esset qui non in aliquos insidiarum laqueos incurreret, etiam qui se de plurimis expedisset.*

Como é perceptível, dentre a variedade de nomes atribuídos às formas de ruas que surgem apenas neste trecho, não há menção alguma às estruturas temporárias sob os pórticos. Contudo, ele nos traz alguns elementos para pensar esta relação íntima entre rua, dimensões e *insidia*, de modo que se possa conjecturar os efeitos dessas possíveis instalações. Nesse jogo de correspondências criado por Salviano, em que a cidade e as suas ruas assumem papéis, respectivamente, de corpo e âmbitos propiciadores de pecados, as manifestações das condições da materialidade das vias importam, sobretudo, para a criação de sua metáfora e elaboração de um discurso de uma Cartago sórdida³⁴⁴. Assim, a oposição tradicional entre *platea/semitea* (ampla/estreita, distante/próxima) surge logo de início em sua argumentação³⁴⁵. Mas, de imediato, reduz-se o foco. Todo o temor (no caso, dos pecados) espriam-se por caminhos menores, os mais tortuosos, os pequenos atalhos. Trajetos mais íntimos que, por sua vez, eram aqueles mais propensos aos enganar, aos riscos. Espaços reclusos que guardariam a surpresa de uma emboscada, a gravidade da insídia, tal como a ação de ladrões em ruas cingidas de armadilhas e encobertas com redes. Por fim, mesmo que corpo, intimidade e Cartago se confundam, e que pouco de suas descrições seja possível aferir à cidade norte-africana, importa notar duas questões salientes no modo como a materialidade das ruas auxilia na formação das metáforas discursivas de Salviano: primeiro, a continuidade em seu tempo da correlação direta entre medo e rua, de modo geral, e, em particular, o aumento da *insidia* proporcional à estreiteza e condição degradada das ruas. A segunda questão é a maneira como a alegoria da degradação das ruas prenunciaria, ao seu modo, o fim da cidade do jeito que os romanos as conheceriam.

Importante ressaltar um último ponto desta passagem de Salviano. Refere-se ao momento em que menciona redes que cobririam as ruas. Por mais que o sentido de sua afirmação seja metafórico, correlacionado com as perdições presentes nas vias e possíveis de capturar os transeuntes, fossem eles fiéis ou não, creio que ele aponta para uma materialidade que poderia estar bem presente em Cartago. A saber, as redes, cordas e correntes dispostas entre os pórticos, amarradas às colunas, em que se dispunham mercadorias. Para além de representações figurativas que demonstram objetos para venda em exposição

³⁴⁴ Ver também: Salviano. **De gub.** VII.17.74, VII.18.80. Sobre a tradição do *topos* retórico de associação entre as condições de uma rua e a moralidade na Antiguidade romana, ver: ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. **Spazio privato e spazio pubblico.** p. 265-266. Salviano contra os costumes romanos em geral, ver: Salviano **De gub.** VI. A respeito de suas críticas, ver: MARKUS, Robert A. **The end of Ancient Christianity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 169-173.

³⁴⁵ Sobre a construção dos termos para ruas, em especial a oposição *platea/semitea*: KAISER, Alan. **Roman urban street networks.** p. 42.

dependurados³⁴⁶, menções a esta forma de exibição de produtos podem ser encontradas também em textos legais. Ulpiano, em inícios do século III, apontou para a existência dessas redes ao mencionar e comentar uma formulação mais antiga, datada do período republicano, sobre quem responsabilizar por objetos posicionados em determinados lugares que, por uma queda, causassem danos aos transeuntes. Em suma, a lei determinava que aquele dispôs o objeto no local de risco seria responsabilizado, e não o proprietário ou habitante do imóvel³⁴⁷. Contudo, havia nuances desses casos. É nos exemplos destas matizes que deixa entrever a situação das ruas e a possibilidade de instalação das redes e outras formas de suspensão de mercadorias. A começar com o caso hipotético de um pintor que exibisse seus trabalhos (*clipeum vel tabulam*) em uma *pergula*³⁴⁸, isto é, em um tipo de varanda que se projeta a partir da fachada do edifício, tal como uma sacada³⁴⁹. Não se tratava, porém, de uma exposição que apenas poderia ser feita ou suspensa na sacada. Pois, como afirmou Richard Gamauf, as *pergulae* mencionadas poderiam estar no nível das ruas, abrindo-se como galerias para os transeuntes e, portanto, as obras expostas estariam suspensas nos espaços entre as colunas³⁵⁰. Esta questão espacial fica mais evidente quando Ulpiano afirma que a mesma regra valeria “se uma ânfora suspensa em uma rede (*amphora ex reticulo suspensa*) caísse e causasse danos”³⁵¹. A possibilidade da existência dessas redes nas quais poderiam estar ânforas e demais produtos artesanais expostos por comerciantes nesses espaços, talvez auxilie na atribuição de maior temor no discurso de Salviano. Pórticos escuros, apertados, abarrotados

³⁴⁶ Exemplos destas cenas podem ser encontrados, com discussão de seus significados e contextualizações, em: SCAGLIARINI, Daniela; CORALINI, Antonella. *Caveat emptor, caveat mercator*. La rappresentazione del rapporto compratore-venditore nella cultura figurativa romana. In: SANTORO, S. (Org.). *Emptor et mercator. Spazi e rappresentazioni del commercio romano*. Bari: Edipuglia, 2017. p. 245-253.

³⁴⁷ **Dig.** 9.3.5.11: *Si id quod positum erat deciderit et nocuerit, in eum competit actio qui posuit, non in eum qui habitaverit, quasi haec actio non sufficiat, quia positum habuisse non utique videtur qui posuit, nisi vel dominus fuit aedium vel inhabitator*. Sobre esta passagem, baseio-me nas análises legais de: PALMIRSKI, Tomasz. Some remarks on *Ne quis in suggrunda protectove id positum habeat, cuius casus nocere possit praetor's edict*. *Revue internationale des droits de l'antiquite*, vol. 50, p. 287-300, 2003. esp. p. 292-293.

³⁴⁸ **Dig.** 9.3.5.11: *Nam et cum pictor in pergula clipeum vel tabulam expositam habuisset eaque excidisset et transeunti damni quid dedisset*.

³⁴⁹ ERNOUT, Alfred; MEILLET, Alfred. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001 [1939]. p. 498.

³⁵⁰ GAMAUF, Richard. Images and artworks: some aspects of their everyday roles as reflected in the sources of Roman law. In: GHERMANI, N.; D'ANNOVILLE, C.M. (Eds.) *Images et droit: du ius imaginis au droit à l'image*. Rome: Publications de l'École française de Rome, 2022. p. 29-46. p. 39: *Servius modelled the claim on the action for objects dangerously placed or suspended from a building but this does not necessitate a studio on a higher floor (for better light); the pergula could have been at street level but the painting placed overhead (otherwise damage or injury is scarcely conceivable), because it was designed to hang on chains between columns, or the like. (Sérvio modelou a reivindicação sobre a ação para objetos perigosamente localizados ou suspensos de um edifício, mas isso não requer um estúdio em um andar superior (para melhor luz); a pergula poderia estar no nível da rua, mas a pintura localizada acima das cabeças (do contrário, o dano ou a lesão é dificilmente concebível), porque foi projetada para pendurar em correntes entre as colunas, ou algo semelhante).*

³⁵¹ **Dig.** 9.3.5.11: *idem servandum respondit et si amphora ex reticulo suspensa decidisset et damni dedisset*.

com mercadorias suspensas por cordas e redes, poderiam tanto envolver os transeuntes em suas redes, quanto colocar maiores ameaças sobre suas cabeças.

Neste panorama de temor que retorno para a lei sobre as *parapetasia* e seus efeitos, sobretudo modernos. Em várias ocasiões, seu texto foi utilizado pela historiografia para demonstrar o declínio da administração pública frente aos avanços dos edifícios privados e, por conseguinte, decretar o fim da cidade antiga³⁵². Contudo, como exposto, diversas estruturas correspondentes ou não às descrições do texto da lei ocuparam partes das ruas nesse período ou mesmo anterior. Deste modo, o que importa reter desta legislação sobre as *parapetasia*, para além dos casos de sua aplicação direta (como em Constantinopla ou Antioquia) e indireta (como em *Thamugadi* e *Iol Caesarea*), são aqueles elementos arquitetônico-construtivos que lhe escapavam. Elementos que dizem respeito à composição material, formal e funcional das estruturas e edifícios que avançavam sobre o antigo espaço público. Elementos que, por se utilizarem de recursos extraídos de padrões tradicionais da arquitetura urbana clássica, não foram nem mesmo concebidos pela historiografia moderna como intrusões no plano público. Elementos que, por fim, conectam-se com questões sociais e impactos sensoriais mais amplos no interior do plano urbano.

Outras duas fontes permitem, neste sentido, ampliar o leque de discussões sobre as formas de avanços dos edifícios e das colunas sobre as ruas, os impactos (sensoriais) que causavam e as reações que impuseram às administrações locais. A primeira é uma passagem de Amiano Marcelino sobre as realizações de Pretextato enquanto prefeito da cidade de Roma, entre 367-368. Amiano aponta que uma das medidas úteis tomadas por Pretextato foi “a remoção de todas as *maeniana*, construções que eram proibidas em Roma pelas leis antigas, e separou os edifícios sagrados das paredes das casas privadas, pois era impudente que permanecessem coligados”³⁵³. Trata-se, portanto, de mais um caso que envolvia a remoção de estruturas urbanas por perturbação da norma, direcionada aos *maeniana* e às casas que se aproveitavam das paredes de edifícios sagrados. No que diz respeito aos *maeniana*, outra vez estamos diante de um termo polissêmico. *Maeniana* poderiam ser sacadas ou

³⁵² Cf. WARD-PERKINS, Bryan. The Cities. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (eds.). **The Cambridge Ancient History**: Volume XIII, The late Empire, AD 337-425. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 371-410. p. 381-382; LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. **The decline and fall of the Roman city**. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 40-41. Revisões e críticas importantes dessas proposições foram feitas por: SALIOU, Catherine. Identité culturelle et paysage urbain: remarques sur les processus de transformation des rues à portiques dans l'Antiquité Tardive. *Syria*, vol. 82, p. 207-224, 2005. esp. p. 208-211; LAVAN, L. From *polis* to *emporion*?. p. 333-377; questões que foram retomadas e expandidas em: LAVAN, Luke. **Public Space in the Late Antique City**. p. 12-149.

³⁵³ Amiano Marcelino. *Res Gestae*, 27.9.10: *Namque et Maeniana sustulit omnia, fabricari Romae priscis quoque vetita legibus, et discrevit ab aedibus sacris privatorum parietes, eisdem inverecunde conexos [...]*.

terraços, encontrados em frente casas e lojas, além de grandes blocos de apartamentos, com projeções diretas sobre as ruas. Seu significado poderia englobar os mezaninos presentes em cômodos, como nos interiores das *tabernae*. Por fim, poderiam ser utilizados também como referências para os níveis de assentos nos edifícios de espetáculo, tais como teatros ou anfiteatros³⁵⁴. Pelo contexto de seu emprego, a conotação que Amiano faz uso é a de sacadas que se projetavam em direção às ruas. Embora o autor não fale mais nada sobre o termo e da situação em que estavam imersos, certamente por julgar de pleno conhecimento de todos, duas particularidades contraditórias dessas estruturas podem ser concebidas por suas palavras: primeira, seriam proibidas há muito tempo³⁵⁵; segunda, mesmo proibidas, continuavam a ser construídas, o que demonstra, no mínimo, certa convivência das autoridades com suas presenças nos espaços viários³⁵⁶.

Para compreender melhor a existência, continuidade e difusão dessas sacadas e das intervenções contra suas existências, é preciso inverter a ação que a documentação apresenta e se questionar sobre suas motivações: por que os *maeniana* foram, quando não proibidos e combatidos de forma manifesta, cerceados? A explicação pode ser encontrada em três pontos indissociáveis e intercambiáveis entre si: sua forma material, suas correlações com os espaços e edifícios públicos, e nos possíveis riscos que suas existências iniciariam.

Outra fonte jurídica contribui na compreensão das relações dessas sacadas com os espaços e edifícios circundantes e também a continuidade de suas construções por todo o Império. Falo de um novo decreto despachado em Constantinopla quase 50 anos após as medidas de Pretextato. Endereçado a Severino, então prefeito da cidade, em 423, seu conteúdo demonstra, de certo modo, como essas estruturas estariam difusas pelos planos urbanos das províncias: “As sacadas (*Maeniana*), que em grego chamam ἐξῶσται (*exostai*),

³⁵⁴ Sobre o sentido dos *Maeniana*, ver: YEGÜL, Fikret; FAVRO, Diane. **Roman Architecture and Urbanism: from the origins to Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 264-265, 303-304, esp. p. 876. Usos para o sentido de estruturas para espetáculos, ver: Vitruvius, **De Arch.** V.1.1. Para alguns de seus usos como sacadas e terraços em frente a edifícios públicos e privados: Cícero, **Luc.** 70; Vitruvius, **De Arch.** V.5.9; Plínio, **HN XXXV**, 37. Para a etimologia da palavra, suas derivações e correlações com a construção de uma sacada/plataforma no *forum* romano para melhor assistir aos espetáculos que teria sido idealizada por *C. Maenius*, ainda no período republicano, no IV século antes de nossa era: Isidoro de Sevilha. **Etym.** XV.3.11; ver em conjunto com a crítica de: LEHMANN-HARTLEBEN, Karl. *Maenianum and Basilica*. **The American Journal of Philology**, vol. 59, n. 3, p. 280-296, 1938. esp. p. 282, 294-296.

³⁵⁵ Dentre as “leis antigas” estavam, provavelmente, parte das que conhecemos por meio das *Digestas* de Justiniano, por exemplo: **Dig.** 43.8.2.6; 50. 16. 242. 1. Para uma discussão do desenvolvimento destas leis sobre as sacadas no período imperial, ver: SALIOU, Catherine. **Les lois des bâtiments**. p. 232-234.

³⁵⁶ Aqui pode se supor que Amiano fizesse um reforço da moralidade e da justiça dos atos de Pretextato, por realizar algo que era preciso, mas ignorado com certa constância. Sobre a proximidade com Pretextato e, consequentes, motivações em sua defesa por Amiano, ver: MATTHEWS, John. **The Empire of Ammianus**. London: Duckworth, 1989. p. 210.

sejam as já construídas, sejam as que serão construídas nas províncias, deverão ser removidas em todos os casos se não permitirem um espaço de dez pés de área livre entre si”. Logo nota-se que, tal como na legislação de 398, o principal problema evocado diz respeito a disposição de espaço livre entre os edifícios, com acréscimo de que agora é prescrita uma distância mínima necessária de dez pés entre os *maeniana*. O texto continua: “Mas nos locais em que os edifícios privados parecem avançar contra os armazéns públicos e neles apoiarem-se, intervalos de quinze pés de distância devem ser mantidos livres das obstruções das sacadas (*obstructione maenianorum*)”³⁵⁷. Mas a questão é ampliada e os cuidados também. É dito que a relação das sacadas envolvia questões com espaços públicos (as ruas), edifícios privados e um tipo específico de edifício público, os armazéns. Deste modo, a legislação procurava proteger, de maneira nominal, os grandes *horrea* públicos, que eram responsáveis, dentre outras coisas, pela estocagem dos recursos aprovionados pela *annona* imperial. É possível vislumbrar, assim, os motivos de tal especificação por meio de dois temores correlativos. Temores dos legisladores tanto de incêndios, que poderiam ser provocados e alastrados pela proximidade entre as sacadas, tal como os que haviam ocorrido em momentos recentes à promulgação da lei em Constantinopla³⁵⁸, quanto dos impactos que estes incêndios poderiam causar na distribuição de provimentos fornecidos à cidade e, por conseguinte, nas reações dos habitantes dependentes da distribuição da *annona*³⁵⁹. Contudo, apesar dos receios em relação aos incêndios, a outra face desse mesmo despacho demonstra que as estruturas que avançavam sobre os espaços públicos ganhavam, pouco a pouco, seus parâmetros de legalidade, isto é, suas aceitações normativas³⁶⁰. Elas, agora, antes de qualquer intervenção destrutiva, possuíam o direito a princípios e normas que deveriam, por sua vez, respeitar.

³⁵⁷ **C.I.** VIII.10.11: *Maeniana quae Graece ἐξώστας appellant, siue olim constructa siue in posterum in prouinciis construenda, nisi spatium inter se per decem pedes liberi aeris habuerint, modis omnibus detruncetur. In his uero locis, in quibus aedificia priuatorum horreis publicis uidentur obiecta obstructione maenianorum, quindecim pedes interualla seruentur.*

³⁵⁸ Sobre os incêndios sucessivos em Constantinopla, ver: MANGO, Cyril. **Le développement urbain de Constantinople (IV-VII siècles)**. Paris : Diffusion de Bocard, 1985. p. 51-52 ; SALIOU, Catherine. Identité culturelle et paysage urbain. p. 214-216. A preocupação em relação ao espaço livre próximos aos *horrea* públicos já era motivo para intervenções realizadas em fins do século IV em Roma e Óstia, com a derrubada de casas mais humildes construídas nos arredores dos armazéns, como em: **C.Th.** XV.1.12. A esse respeito, ver: BALDINI LIPPOLIS, Isabella. Private space. p. 201-203, para a importância dos armazéns: p. 206-207.

³⁵⁹ Sobre esta relação entre *annona*, incêndios e descontentamentos políticos em Constantinopla, ver: MANGO, Cyril. **Le développement urbain**. p. 51-55. A respeito das provisões da *annona* em Constantinopla em torno do período de 400-430 e a disposição da rede de armazéns, ver: DURLIAT, J. L’approvisionnement de Constantinople. In: MANGO, C.; DAGRON, G.; GREATREX, G. (Eds.). **Constantinople and its hinterland**. London, New York: Routledge, Variorum, 1995. p. 19-33, esp. p. 20-21, 28-29; MANGO, Marlia M. The commercial map of Constantinople. **DOP**, vol. 54, p. 189-207, 2000. p. 192-193.

³⁶⁰ Cf. HAKIM, Besim. **Mediterranean urbanism: Historic Urban / Building Rules and Processes**. Heidelberg: Springer, 2016. p. 137.

Mas não eram apenas medos ou questões de, como ressaltou Ernst Lewy, “segurança pública”³⁶¹ que faziam com que sacadas e suas possíveis colunas fossem objetos de intercessões reguladoras. Seus fundamentos estavam ancorados também nas relações que suas construções mantinham entre público e privado. No interior do direito romano, que perdurou em tempos tardios e adentrou a legislação bizantina, as ruas eram *res publicae* por excelência: coisas que os cidadãos utilizavam de forma livre, mas que delas não teriam posse³⁶². A projeção dessas estruturas em seus espaços violava, por princípio, tais definições. Além disto, elas poderiam causar disputas entre propriedades privadas, conforme suscitou o jurista Ulpiano ao mencionar possíveis disputas sobre a construção de uma sacada que lançaria uma casa vizinha à penumbra³⁶³. Portanto, como bem salientado por Saliou, as sacadas geravam um duplo conflito: presente tanto “entre a esfera do privado, estendida à sociabilidade da vizinhança”, quanto no interior de “uma esfera pública, definida por um conjunto de regras necessárias à preservação do espaço urbano”³⁶⁴. De qualquer maneira, mesmo quando compreendidas enquanto um meio de intromissão (*immissio*) no público, dada sua posição limiar, a ação contra as existências das sacadas não era uniforme. A literatura jurídica dos séculos II e III, as “leis antigas” de Amiano, demonstra os diversos impasses sobre como agir diante desses casos e como, por fim, relegou as tomadas de decisões às autoridades locais de cada cidade³⁶⁵. Não por acaso, é possível notar sua presença e proliferação por várias cidades na África do Norte.

2.1.2 As formas da verticalidade

Seja como for, apesar de impasses, divergências e contradições entre legislação, fiscalização e prática construtiva e utilização de *maeniana*, os avanços com projeções de sacadas e terraços para fora da delimitação da propriedade não seriam outra coisa que não sobreposições no espaço público, realizadas tanto a rés do chão, quanto em seu espaço vertical. Dessa maneira, é preciso estar atento às formas que essas construções assumiam para

³⁶¹ LEVY, Ernst. **West Roman vulgar law: the law of property**. Buffalo, NY: William S. Hein & Co., 2003 (1951). p. 115

³⁶² Sobre as divisões das coisas privadas e das categorias de coisas públicas: HAKIM, Besim. **Mediterranean urbanism**. p. 128-129. Para a tradição legislativa da via como espaço público: ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. **Spazio privato e spazio pubblico**. p. 256-260.

³⁶³ **Dig.** 43.8.2.6: *Cum quidam velum in maeniano immisum haberet, qui vicini luminibus officiebat, utile interdictum competit: "Ne quid in publico immittas, qua ex re luminibus Gaii Seii officias"*.

³⁶⁴ SALIOU, Catherine. **Les lois des bâtiments**. p. 236: *Ils [les balcons] sont donc à un double titre des lieux du conflit entre la sphère du privé, étendue à la sociabilité de voisinage, et une sphère publique définie par un ensemble de règles nécessaires à la préservation de l'espace urbain*.

³⁶⁵ SALIOU, Catherine. **Les lois des bâtiments**. p. 233-234.

compreender seus impactos sensoriais. Um ponto de partida pode ser a diferenciação das sacadas em três tipos, tal como designado por Guido Calza e reelaborado por Catherine Saliou³⁶⁶. O primeiro tipo, do qual não há vestígio nas cidades apresentadas, inclui as sacadas ou cômodos que se projetavam sobre as ruas sem uso de colunas ou pilastras como meio de sustentação. É bem provável que seu não registro se deva ao alto índice de perecibilidade dos materiais utilizados em sua construção, pois eram feitas sobretudo em madeira, e escoradas por vigas e/ou mísulas afixadas nos muros dos edifícios. Poderiam ser sacadas cobertas ou descobertas, cômodos fechados, assim como combinações de ambos. Sabemos dessa diversidade das estruturas abrigadas graças ao que foi encontrado em Pompeia e Herculano, embora também exista evidência de seus empregos em Óstia e Roma, como os buracos presentes nas fachadas de alguns edifícios, nos quais eram encaixadas as vigas de sustentação das sacadas³⁶⁷. A partir dos casos das cidades vesuvianas, sabe-se que a média de sobreposição ao espaço público desse tipo de sacada era de consideráveis 1,70 m, distância mais do que razoável para, por um lado, a projeção de sombras, abrigos externos e, por outro, ganhos de espaços internos para a propriedade, mesmo sem sustentação com colunas. O segundo tipo identificado pelos autores é muito próximo desse primeiro, com a diferença que as sacadas eram feitas em alvenaria: projetavam-se das fachadas apoiadas sobre uma série de arcos que, por sua vez, sustentavam-se por arquitraves e mísulas afixadas às paredes dos edifícios³⁶⁸.

³⁶⁶ CALZA, Guido. La preminenza dell'*insula* nella edilizia romana. **Monumenti Ancitichi dei Lincei**, vol. XXIII, p. 541-608, 1915. p. 588-589; SALIOU, Catherine. **Les lois des bâtiments**. p. 183-187.

³⁶⁷ Exemplos de algumas dessas estruturas em Pompeia (e.g. I, 10, 1; VII, 12, 28; e diversas outras da *Via dell'Abbondanza*) e Herculano (e.g. III, 11) podem ser encontrados em: SPINAZZOLA, Vittorio. **Pompeii alla luce degli nuovi scavi di Via dell'abbondanza (1910-1923)**. Roma: La Libreria dello Stato, 1953. *passim*; HELG. Riccardo. Transformation of the domestic space in the Vesuvian cities: from the development of the upper floors and façades to a new dimension of intimacy. In: ANGUISSOLA, A. (Ed.). **Privata Luxuria - Towards an Archaeology of Intimacy: Pompeii and Beyond**. München: Herbert Utz Verlag, 2012. p. 143-161. esp. p. 151-152, 156-158. Para os casos de Roma (na *insula* que foi encerrada na muralha Aureliana) e Óstia (na fachada norte do *Caseggiato del Balcone Ligneo* e o que estava voltado para o pátio interno do *Caseggiato del Larario*), ver: PACKER, James E. Structure and design in Ancient Ostia: a contribution to the study of Roman Imperial Architecture. **Technology and Culture**. Vol. 9, n. 3, p. 357-388, 1968. p. 373-374.

³⁶⁸ Alguns exemplos dessas estruturas foram encontrados em Óstia, como nos chamados *Caseggiato del termopolio* (I, II, 5) e no *Caseggiato del Balcone a mensole* (I, VI, 2). Importante acrescentar que, instalada após alguns anos da construção do primeiro, realizada entre 112 e 120 de nossa era, a plataforma permaneceu com tal formato até o século III, momento em que foram instalados novos e robustos suportes para sua estrutura. Outros dois casos desse tipo de *maenianum* foi encontrado em Óstia (I, VI, 2 e I, VII, 1), desta vez construídos desde o projeto inicial do edifício. Para tais, ver: CALZA, Guido. La preminenza dell'*insula*. p. 588-589. PACKER, James E. Structure and design in Ancient Ostia. p. 374-376; SALIOU, Catherine. **Les lois des bâtiments**. p. 185-186. Breve resumo histórico, planos e imagens do *Caseggiato del termopolio* (I, II, 5) podem ser encontrados em: <<https://www.ostia-antica.org/regio1/2/2-5.htm>>; sobre *Caseggiato del balcone a mensole* (I, VI, 2): <<https://www.ostia-antica.org/regio1/6/6-2.htm>>; sobre *Caseggiato dei misuratori del grano* (I, VII, 1): <<https://www.ostia-antica.org/regio1/7/7-1.htm>>; visualizado em: outubro de 2022.

O terceiro e, para esta análise, mais importante tipo identificado eram as sacadas que se projetavam em direção às ruas e se apoiavam sobre colunas. Mais importante pois esta é a forma com a qual se associa a maior parte dos casos descritos. Lojas e habitações cartaginesas encontradas nas *insulae* dos denominados *Quartier Magon* e *Quartier Didon* e unidades sabratenses de grande parte das *Regiones* II, III e IV podem ser incluídas nesse grupo. Existiam, contudo, algumas diferenças notáveis no interior dessa tipologia, que estavam relacionadas, em especial, com as formas e funcionalidades das sacadas. Elas poderiam assumir aspectos de sacadas abertas ou fechadas, cômodos singulares projetados para fora dos edifícios e, até mesmo, combinações dessas formas, similar aos casos em que não haviam pilastras, além de que, potencializada a força de sustentação com a existência das colunas, essas projeções rumo às ruas poderiam também significar a construção de mais andares³⁶⁹. O conhecimento moderno acerca dessas várias formas embasou-se, outra vez, em estudos sobre edifícios descobertos em Pompeia, Herculano e Óstia.

A diversidade das estruturas em sacada encontrada nessas cidades itálicas é, de fato, única. Seus exemplos, por meio de uma análise comparativa contextualizada, podem beneficiar em muito a compreensão das relações sensoriais envolvidas nos avanços com colunas nos casos norte-africanos. Uma condição fundamental para esse exercício de comparação e associação sobre as formas dos *maeniana* está na necessidade de identificação da força de sustentação dos vestígios existentes. Ou seja, na correlação entre tamanho absoluto, quantidade, distribuição, proporção e material empregados, além da distância entre a fachada e as colunas. De modo simples, colonatas formadas com mais colunas, cada qual com largura ampla, com diâmetros robustos e de material resistente, seja em alvenaria ou mármore, aguentam maiores pesos e, portanto, possuem capacidade de sustentar andares e cômodos que se projetam para fora dos edifícios com maior êxito. Foi com o uso de comparação e cálculo semelhantes que Henry Hurst pôde, ao lado de Sheila Gibson, imaginar a reconstituição do edifício ao norte do porto circular e sua estruturação em andares de modo similar aos encontrados em Óstia (*Figura 24*)³⁷⁰. Nesse sentido, por exemplo, creio ser possível também vislumbrar a sustentação de andares no edifício cartaginês localizado no *cardo* XIII leste, face às várias *tabernae* do denominado *Quartier Didon*³⁷¹. As colunas encontradas, feitas em blocos de pedra, possuíam uma média de pouco mais de 1 m de lado, e

³⁶⁹ CALZA, Guido. La preminenza dell'*insula*, p. 589; SALIOU, Catherine. **Les lois des bâtiments**. p. 183-185.

³⁷⁰ Cf. **Excavations at Carthage. II, 1**. p. 59-60.

³⁷¹ Friedrich Rakob, arqueólogo responsável pela escavação, já apontava para esta possibilidade: RAKOB, Friedrich. Un temple punique à Carthage et l'édifice qui lui succède à l'époque romaine. **CEDAC**, vol. 16-17, p. 53-82, 1997a. p. 70.

algumas estavam arranjadas de forma contígua, aumentando o espaço e o poder de sustentação³⁷². É pouco provável que sua estrutura pudesse ser parecida com o edifício em frente ao porto circular, dado o modo de distribuição de suas colunas. Porém, a dimensão e a robustez do material, aliada ao seu modo de arranjo pela fachada do edifício, quase sempre em pares aproximados, permitem conjecturar a estruturação em andares que invadiam também os limites verticais do espaço público. Acrescente que, no ponto entre esta construção e o edifício público à sua frente, a rua, além de encurtada pelos pórticos, foi tomada por uma alteração considerável de luminosidade. A verticalidade das novas construções de fins do século IV e inícios do V estavam postas diante da verticalidade do grande edifício público, que possivelmente lhe superava em altura e que, ainda por cima, contava com o desnível de sua localização ladeira acima para projeção de uma maior imponência e impactos em direção ao *cardo*.

³⁷² RAKOB, Friedrich. Un temple punique à Carthage. p. 59; **Karthago Band II**. p. 8-9.

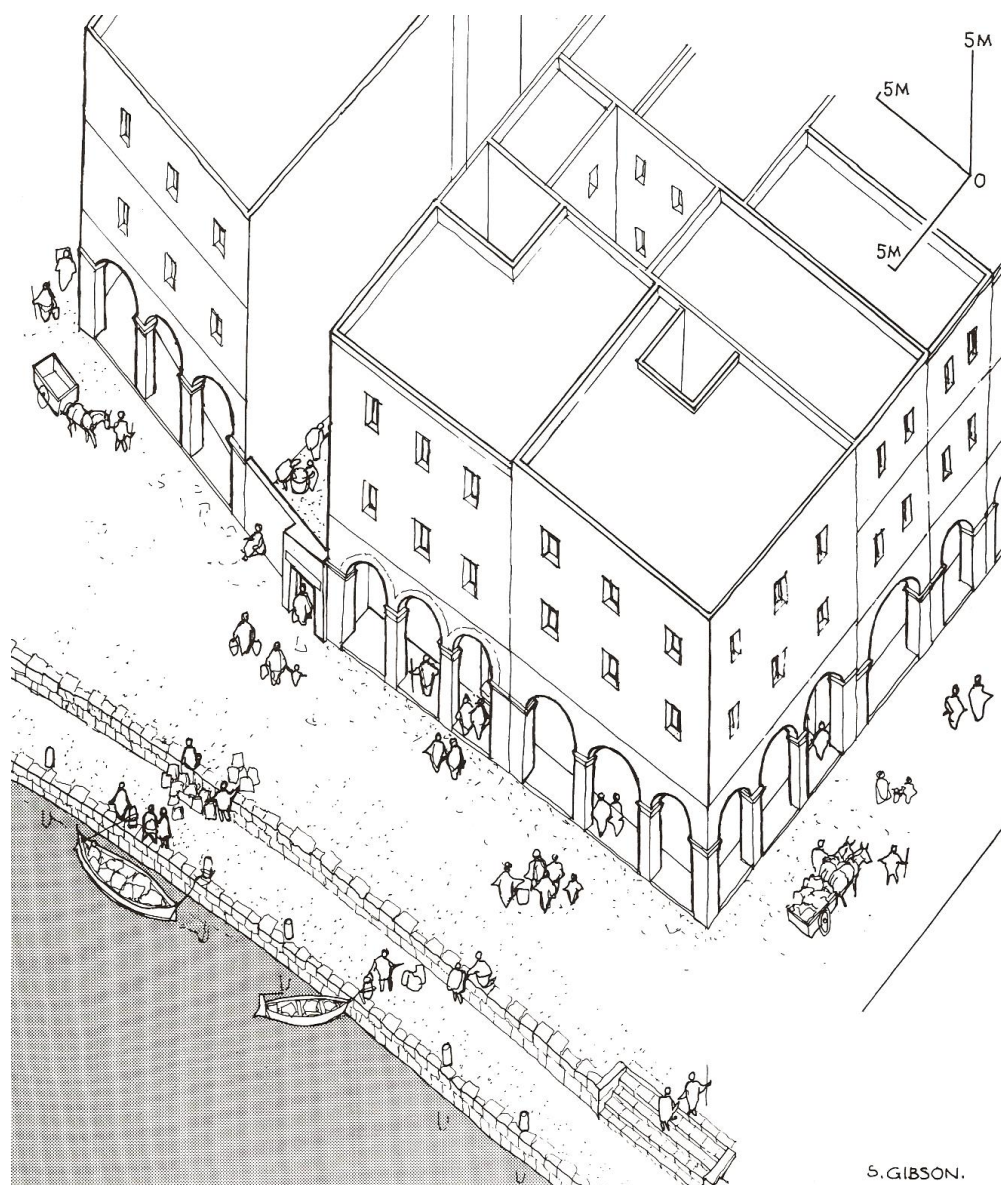


Figura 24: Projeção axonométrica do edifício ao norte do porto circular para o período entre o século III-V. Realizada por Sheila Gibson e extraída de *Excavations at Carthage II, 1* (p. 59, fig. 5.5).

Este face a face verticalizado entre os edifícios é visto também na rua entre as *insulae* 1 e 3 da *Regio IV* em Sabratha. Contudo, algumas características distintas do caso sabratense precisam ser ressaltadas. Primeiro, ao que tudo indica, a construção das colunas em frente às fachadas surgiu apenas em edifícios privados, habitações e/ou espaços comerciais. Em segundo lugar, esse avanço ocorreu nas duas laterais da via. Outra diferença está nos materiais empregados, se as colunas do pórtico da *insula* 1 eram irregulares, na disposição e na forma (blocos de arenito circulares e retangulares), as encontradas na face da *insula* 3 eram regulares nos materiais (blocos de arenito circulares) e distribuídas de modo mais simétrico e ritmado em sua fachada. Estas particularidades implicam de maneira incisiva na forma das estruturas que tais colunas sustentariam. Infelizmente, as informações limitadas dos relatórios

de escavação disponíveis e os trabalhos posteriores de síntese não auxiliam no aprofundamento de indagações nesse sentido. Em todo caso, uma coisa é certa: ambas as *insulae* possuíam ao menos mais um andar além do térreo. Testemunham a esse favor os vestígios de escadas e as cavidades presentes em algumas das poucas paredes sobreviventes que antes abrigavam vigas que sustentavam pisos superiores³⁷³.

Com isto em mente, creio ser possível e proveitoso para compreensão dos impactos sensoriais causados pelos pórticos e pelas estruturas que sustentavam realizar um esforço de comparação formal dessa via com outra melhor conservada, ainda que situada em contexto bem diverso. Refiro-me à denominada zona inferior do denominado *cardo* IV da cidade de Herculano, para ser mais preciso, na altura entre as chamadas *Casa a graticcio* (III, 13-15) e *Casa dell'alcova* (IV, 3-4) (**Figura 25**). Vizinhas face-a-face, estas casas possuíam pórticos sobre as calçadas, com espaço considerável para transeuntes. Em sua última década de uso, dispunham de andares superiores que estavam projetados sobre os pórticos, com uma particularidade marcante: o *maenianum* da *Casa a graticcio*, com uma extensão total de 7,70 m, ultrapassava o limite de profundidade preestabelecido pelas as colunas e se estendia sobre quase a totalidade da dimensão da rua³⁷⁴. Se ponderarmos esta última e importante idiosincrasia e a dificuldade de trânsito de pedestres entre as colunas na *insula* 1 de Sabratha, a similitude de ambos os casos continua marcante, quer em suas formas de se disporem face a face com colunatas, quer dos modos como se instalavam adiante e acima das ruas. Com essa associação, é possível, para além de dispor de uma exibição material de contornos formais plausíveis para as *insulae* sabratenses, apontar com maiores recursos as relações sensoriais que estas construções mantinham com as ruas e seus transeuntes. Assim, mesmo com a dificuldade em saber a forma exata das estruturas que os pórticos sustentariam, não se deve esquecer que, paralela às invasões das colunas no plano térreo, estavam imbricadas projeções verticalizadas dos edifícios. As transformações das vias com esses tipos de pórticos, portanto, tinham, em particular, impactos sensoriais diretos nas experiências nas vias, na estreiteza e proximidade de suas relações, e na paisagem urbana de um modo mais amplo, tais como

³⁷³ **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 237-239.

³⁷⁴ Sigo aqui a proposição de Nicolas Monteix, que, em sua releitura dos diários de escavação de Amedeo Maiuri, analisou e retrçou a forma que o cômodo superior sobre o pórtico da *Casa a graticcio* possuía no momento de sua escavação, com uma projeção de 3,35 m sobre a via, algo que diverge em muito da reconstituição realizada num segundo momento e que hoje é apresentada ao público visitante do sítio de Herculano, com projeção do cômodo de 1,90 m. Ver estas proposições em: MONTEIX, Nicolas. **Les lieux de métier** : boutiques et ateliers d'Herculanum. Naples : Publications du Centre Jean Bérard, 2010. p. 28-29; para novas projeções a partir da de Monteix, inclusive com a hipótese de mais de um andar: CAMARDO, Domenico; NOTOMISTA, Mario. La casa a Graticcio di Ercolano (III, 13-15). La struttura dell'edificio ed i suoi restauri. **Vesuviana**. n. 9, p. 9-41, 2017. p. 28-33.

alteração dos modos de movimentação, de referenciais de localização, de circulação de ar e luz, que podem se estender até questões ligadas à temperatura do ambiente³⁷⁵.

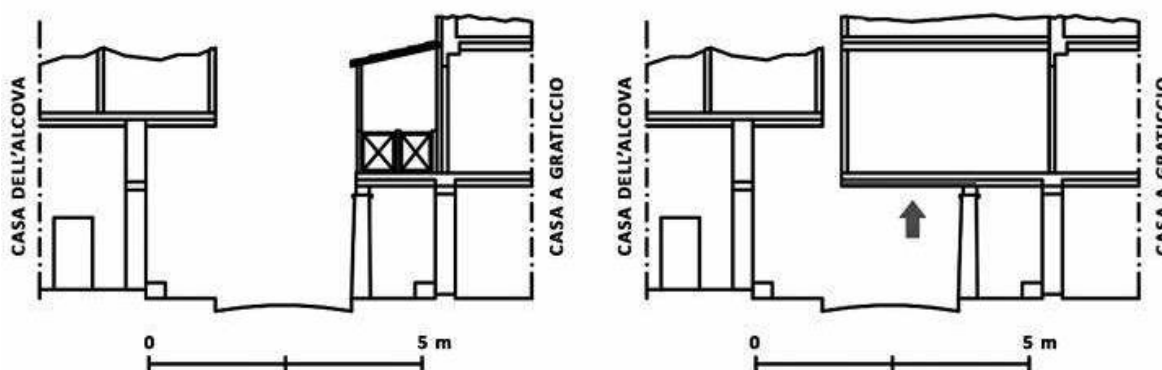


Figura 25: Seção esquemática de reconstrução das fachadas das denominadas *Casa a graticcio* e *Casa dell'alcova* em Herculano, elaborada por Domenico Camardo e Mario Notomista. A primeira da esquerda para direita reconstitui a hipótese adotada nas escavações de Maiuri e que é encontrada no sítio arqueológico nos dias atuais. A segunda representa a hipótese elaborada por Monteix. Imagem extraída de D. Camardo e M. Notomista (2017, p. 32, fig. 22)

Incluam-se nesses exemplos os episódios em que colunas foram construídas apenas em frente de unidades singulares das *insulae*. Nesses casos, em geral, as colunas aparecem dispostas tanto em pares, como as encontradas no *decumanus* I norte em Cartago, ou na face leste da *insula* 3 da *Regio* V em Sabratha, quanto em tríades, como ocorrido em outro exemplo desta última cidade, localizado na face norte da *insula* 2, *Regio* IV. Nas situações em que duas colunas foram encontradas, a probabilidade de sustentação de mais de um piso superior é diminuta. Nestes casos, projeções de sacadas, terraços ou de cômodos parecem mais exequíveis, como os encontrados diante de *tabernae* em Pompeia³⁷⁶. Já para a construção das três colunas mais robustas no ângulo noroeste da *insula* 2, defronte para o chamado *decumanus maximus*, abre-se uma grande possibilidade de sustentação de, se não mais andares, ao menos a projeção de um cômodo robusto, aos moldes da projeção mais ampla feita por Monteix para a *Casa a graticcio*. Tudo isto sem descartar as chances de uma sacada aberta, voltada para a principal artéria leste-oeste da cidade.

³⁷⁵ Infelizmente, tais questões, sobretudo a respeito da temperatura do ambiente, ultrapassam os limites da pesquisa. A este respeito, até onde pude apurar, pouco foi aventado, a não ser como feito aqui, alguns apontamentos de possibilidades futuras. Nesse sentido, ver as proposições de: HELG, Riccardo. **Frontes: le facciate nell'architettura e nell'urbanistica di Pompei e di Ercolano**. Bologna: Bononia University Press, 2018. p. 119-132. Proposições que devem ser acompanhadas com as críticas de: LAURITSEN, M. Taylor. Residential façades in the Vesuvian cities. **JRA**, Vol. 33, p. 701-707, 2020. esp. p. 705-706. Algo relacionado com estas questões, com enfoque nos jogos de luz e sombra nas fachadas e os modos como poderiam criar amenidades para os frequentadores de casas e *tabernae*, foi feito por: HARTNETT, Jeremy. *Si quis hic sederit: streetside benches and urban society in Pompeii*. **AJA**, vol. 112, p. 91-119, 2008. p. 115-117.

³⁷⁶ SALIOU, Catherine. **Les lois des bâtiments**. p. 185.

2.1.3 Agostinho e sacadas/terraços: olhares e movimentos

Embora saibamos que grande parte das variações formais dos *maeniana* não pode ser comprovada completamente por meio da materialidade nas cidades norte-africanas, algumas ocasiões que envolvem Agostinho permitem contrabalancear esta relação documental e comprovar não apenas os alcances de suas difusões, quanto as implicações sensoriais que poderiam causar no cotidiano urbano. Apesar do vocábulo aparecer apenas em três momentos em Agostinho, sua enunciação permite delinear tanto as situações prováveis que essas estruturas propiciavam, quanto os sentidos que poderiam fazer circular. Um de seus usos se deu em um longo sermão, cujo local de pregação (que pode ter ocorrido em Cartago ou *Cusa*) e a datação precisa não são conhecidos. Em certa altura da prédica, que tinha como tema geral os dez mandamentos, Agostinho passou a comentar a não continuidade do mandamento de observar os sábados por parte dos cristãos, que teriam passado a realizá-lo, então, de modo “espiritual”. Aos judeus e à continuidade da prática de observar o sábado, Agostinho atribuiu uma subversão de seus propósitos. O momento que deveria ser de repouso contemplativo, de finalidade espiritual, seria, na visão do bispo e com claro intuito de deslegitimar tal continuidade, utilizado para um “ócio carnal” por parte dos judeus (*Iudaei observant sabbatum carnali otio*). Isto porque eles se entregariam às zombarias e luxúrias. É no interior desse quadro que afirma:

“Bem melhor seria se o judeu fizesse algo útil em seu campo do que aparecesse sedicioso no teatro. E melhor seria se suas mulheres trabalhassem a lã aos sábados ao invés de dançarem impudicamente todos os dias em suas sacadas (*maenianis suis*)”³⁷⁷.

É numa arguição bastante similar a esta, com os mesmos tópicos e críticas, que os *maeniana* surgem em outro de seus sermões. Pregando agora em Cartago, entre 413 e 414³⁷⁸, a dança nas sacadas volta a ganhar o discurso de Agostinho: “Os judeus, na verdade, observam os sábados de modo servil à luxúria, à embriaguez. Quão melhor fariam suas mulheres se estivessem fazendo lã ao invés de dançarem nas sacadas”³⁷⁹!

³⁷⁷ Agostinho. **Sermo.** 9,3. *Melius enim faceret Iudaeus in agro suo aliquid utile quam in theatro seditiosus exsisteret. Et melius feminae eorum die sabbati lanam facerent quam toto die in maenianis suis impudice saltaren.*

³⁷⁸ Datação: PRIETO, Teofilo, O.S.A. Introducción. p. 3-19, esp. 18.

³⁷⁹ Agostinho. **ep. Jo.** 3.19. *Iudaei enim serviliter observant diem sabbati, ad luxuriam, ad ebrietatem. Quanto melius feminae eorum lanam facerent, quam illo die in menianis saltarent.*

Ambas passagens são marcantes. As sacadas são os meios de uma exibição despidorada abertas ao observador. Porém, antes de falar propriamente de sacadas e sentidos, é preciso ater-se a alguns detalhes. O primeiro são os termos e o tema em jogo nesse ataque aos judeus, com os quais o bispo procurou amplificar o imputado descompasso entre crenças e práticas dos adversários religiosos. Agostinho destacou, claro, o tema do trabalho, pois envolvia-se de modo intrínseco no ato de observar o sábado, na possibilidade de repouso³⁸⁰. Mas não qualquer trabalho. As contrapartidas ao ócio desvirtuado também não foram gratuitas. Não só o trabalho no campo tem certa valoração positiva para Agostinho, como muitos de sua audiência deveriam se ocupar de modo regular ou sazonal em atividades rurais³⁸¹. A prática laboral das mulheres dos judeus segue, por sua vez, a mesma linha de apego à tradição. A atividade tecelã era, de um ponto de vista moralizante e multissecular, compreendida como uma das práticas artesanais louváveis relegadas às mulheres em seu tempo³⁸². Mais do que identificar certas práticas laborais a determinados grupos sociais ou religiosos, o apego de Agostinho às atividades tradicionais em seu discurso tem como escopo potencializar as críticas que realiza. Críticas que incidem tanto sobre o desvio da utilidade de observar o sábado/ócio quanto do desproveito desses trabalhos “primordiais”. Por fim, Agostinho afirma que o cristão, de fato, observaria o sábado de modo espiritual, pois estaria se abstendo do verdadeiro trabalho servil, o pecado³⁸³.

Ter isso em mente é importante para compreender como sacadas surgiram em suas descrições. No caso, dito de modo direto, *maenianum* aparece como um elemento arquitetônico com o qual alguém poderia, dentre outras coisas, colocar-se às vistas de outros. Mencionar a dança na sacada apenas serviu, de forma específica, para aumentar o teor de escândalo daquele corpo que seria visto, ou melhor, que se faria notar de forma ativa em sua prática impudica. Mas a partir de onde seria notado? Embora não fique evidente por essas

³⁸⁰ Agostinho. **Sermo.** 9,3. *Tu autem ad hoc vis requiescere, ut labores; cum ad hoc debeas laborare, ut requiescas.*

³⁸¹ Sobre as valorações do trabalho em Agostinho, ver: MACCORMACK, Sabine. The virtue of work: an Augustinian transformation. **Antiquité Tardive**, Vol. 9, p. 219-237, 2002; SALAMITO, Jean-Marie. Saint Augustin, le travail et les travailleurs. In : MERCURE, Daniel ; SPURK, Jan. (dir.) **Le travail dans l'histoire de la pensée occidentale**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 2003. p. 59-97.

³⁸² Sobre as construções discursivas de padres da Igreja, tais como Jerônimo, Agostinho e Ambrósio, sobre as atividades tecelãs (*lanifica*) de mulheres (sobretudo para as matronas, virgens e viúvas) e as moralidades romanas tradicionais que mobilizavam, ver: WILKINSON, Kate. **Women and modesty in Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. esp. p. 41. Para um panorama da participação de mulheres na produção têxtil no mundo romano, com enfoque em vários grupos sociais e numa escala de produção ampla, ver: LARSSON LOVÉN, Lena. Female work and identity in Roman textile production and trade: a methodological discussion. In: GLEBA, M.; PÁSZTÓKAI-SZEÖKE, Judit. (Eds.). **Making textiles in Pre-Roman and Roman times: people, places, identities**. Oxford: Oxbow Books, 2013. p. 109-125.

³⁸³ Agostinho. **ep. Jo.** 3.19. *Spiritualiter observat sabbatum Christianus, abstinens se ab opere servili. Quid est enim ab opere servili? a peccato.*

menções, o ponto focal do observador deveria ser a rés do chão, ou melhor, a rua, o espaço público aberto para todos transeuntes captarem as sacadas.

Outro sermão pregado em Cartago, próximo desta mesma época, por volta de 411-413, deixa mais tangível esse jogo de visão, presença e verticalidade envolvendo as sacadas. Na ocasião, apesar da multidão reunida na igreja, Agostinho não deixou de manifestar logo de início seu descontentamento com outra parte da comunidade, então presente no espetáculo que ocorria no circo naquele mesmo momento³⁸⁴. Não por acaso, a questão principal de sua pregação foi sobre os que cometiam pecado de modo consciente (*quod scientes peccant*). Dentre os temas que abordou, um foi o adultério, com especial atenção para o exemplo veterotestamentário de Davi e Bersabeia. O que importa aqui de sua enunciação da narrativa bíblica é o modo como a beleza, ou melhor, como a visão da beleza carnal de Bersabeia teria levado Davi ao descontrole. Agostinho exortou os presentes a pensarem na queda de Davi, de modo não apenas a evitarem de cometer os mesmos pecados do grande personagem, mas para moderarem os próprios olhares³⁸⁵. Agostinho considerava que para ver era necessário se engajar³⁸⁶. Os mais atentos e temerosos saberiam como agir, pois, afirmava o bispo, “Reprimem os olhos da petulância, não se reúnem facilmente nem se misturam com mulheres alheias, *não levantam (levant) facilmente os olhos para as sacadas e os terraços alheios*”³⁸⁷. Nesta descrição, para realizar o engajamento da visão e avistar o que quer que estivesse disposto nas sacadas e terraços era necessário alçar o olhar. A posição desse observador, portanto, está no nível térreo, nas ruas e calçadas, em seu perambular pela cidade. A possibilidade de visualizar aquilo que estava acima, em sacadas e terraços, era abundante, como demonstrado aqui com a ampla difusão dessas estruturas nessa Cartago em Agostinho pregava. O escape em olhar poderia ocorrer de modo bem fácil. A tentação era grande, sucessiva, e realizável mesmo à distância: “Davi viu de longe aquela que o prendeu. A mulher estava longe, a luxúria (*libido*) próxima”³⁸⁸.

Portanto, para Agostinho, sacadas (*maeniana*) e, como fez questão de diferenciar no último caso, terraços (*solaria*) agiam de modo preciso nas capturas dos olhares dos

³⁸⁴ Agostinho. **en. Ps.** 50.1. Além da repreensão ao fim: **en. Ps.** 50.23-24.

³⁸⁵ Agostinho. **en. Ps.** 50.3. *Alii vero audientes salubriter, in casu fortis metiuntur infirmitatem suam; et quod damnat Deus devitare cupientes, ab aspectu securo abstinent oculos* (ênfase minha).

³⁸⁶ Sobre engajamento e intencionalidade na teoria da percepção agostiniana: O'DALLY, Frank. **Augustine's philosophy of mind**. Berkeley: University of California Press, 1987. p. 85; SILVA, José Filipe. Augustine on Active Perception. In: SILVA, J.F.; YRJÖNSUURI, M. (Eds.). **Active perception in the history of Philosophy: from Plato to Modern Philosophy**. Cham: Springer International Publishing, 2014. p. 79-98. p. 80-84.

³⁸⁷ Agostinho. **en. Ps.** 50.3. *Reprimunt enim oculos a petulantia, non se facile adiungunt, non miscent se mulieribus alienis, non levant oculos faciles ad aliena maeniana, ad aliena solaria* (ênfase minha).

³⁸⁸ Agostinho. **en. Ps.** 50.3. *De longe enim vidit David illam, in qua captus est. Mulier longe, libido prope*.

transeuntes, daqueles que estavam, em geral, externos às habitações. Os motivos que delega para essas ações estavam embasados nas formas com que as mulheres, de certa maneira, apresentavam-se nesses espaços, suas atrações em serem vistas, tal como seus modos de se colocarem diante dos transeuntes e engajarem seus olhares. Contudo, subjacente à sua perspectiva está o elemento proporcionador de tal visibilidade, a sacada/o terraço. Para além de um *topos* sobre exibicionismo feminino³⁸⁹, as menções de Agostinho permitem corroborar não só um contínuo uso dessas estruturas arquitetônicas, como auxiliam a dimensionar as implicações visuais de suas presenças, além da possibilidade de inferência das motivações de sua difusão. Em suma, as sacadas e os terraços, que em grande parte avançavam sobre as ruas, tinham implicações diretas nas circulações e nos modos dessas movimentações, sobretudo com as possibilidades de capturas de olhares. As estruturas faziam-se presentes e, bem ou mal, tornavam seus usuários/proprietários presentes, destaques sobrelevados em relação aos transeuntes.

Essas passagens de Agostinho trazem outras duas questões interdependentes presentes na composição sensorial das relações entre as ruas e os edifícios: a modalidade sensorial dos sons e a porosidade das dinâmicas sonoras entre espaços construídos. Com o ato de ver a dança das mulheres dos judeus, ele suscita, se não o ouvir diretamente, pressupor o som que lhes imprimiriam ritmo. Assim, quer se trate da possibilidade de uma festividade³⁹⁰ ou de simples momento de divertimento, recorda-nos que, às cadências diárias que animavam a vida nas e as sonoridades das ruas, devem ser acrescentadas os sons produzidos no interior das propriedades, sejam estas habitações ou espaços de trabalho. Tal ação sonora dos edifícios sobre as vias é inerente às características intrínsecas do som e de sua principal diferença em relação à visualidade, ao menos no que toca o âmbito do controle. Para ver é preciso engajar o olhar, guiar os olhos até o ponto que se quer observar, visualizar aquilo que somente está diante dos olhos. O som, ao contrário, à semelhança dos odores, é invasivo de um modo quase disruptivo. Os sons rompem as barreiras das aparências e revelam aquilo que está para além do visível³⁹¹. No caso de Agostinho, poderiam muito bem proporcionar um chamamento do olhar para as sacadas. Neste sentido, os sons urbanos têm a capacidade de irromper barreiras

³⁸⁹ Como presente no episódio hipotético em que descreve a possível repreensão violenta de um matemático/astrólogo à esposa que havia ficado na janela tempo demais. Agostinho. **Ep.** 246.2: *Nam cum aliquis eorum hominibus nummatis fatua fata vendiderit; mox ut oculum a tabellis eburneis ad domus suae moderamen ac sollicitudinem revocaverit, non solum vocibus, sed etiam plagis emendat uxorem; non dico si petulantius iocantem, sed si immoderatus per fenestram aspicientem animadverterit.*

³⁹⁰ Sobre a menção de festividades dançantes nas fontes judaicas, ver: ILAN, Tal. Dance and gender in Ancient Jewish sources. **Near Eastern Archaeology**, Vol. 66, No. 3, 135-136, 2003. Embora dificilmente este fosse o caso no ataque de Agostinho, dado à atribuição da realização no sábado.

³⁹¹ LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 133.

interpostas entre ouvintes (voluntários e involuntários) e emissores de ruídos (de igual modo, voluntários e involuntários)³⁹². Agostinho alerta para os efeitos invasivos e desnorteadores provocados pelos sons em várias passagens de suas obras. Talvez a mais famosa destas seja a descrição realizada sobre o episódio de seu amigo Alípio no anfiteatro. Agostinho narra em suas *Confissões* que o jovem Alípio, que à época completava seus estudos em direito em Roma, após encontrar com amigos ao acaso pelas ruas da cidade, havia sido levado, mesmo sob sua recusa, para ver os jogos realizados, bem possível, no anfiteatro flaviano, o “Coliseu”. Para manifestar seu desprezo ao que ocorria, ao iniciar os combates do dia, Alípio tapou os olhos. Contudo, “tivesse tapado também os ouvidos. Pois foi violentamente sobressaltado por um forte grito de toda a multidão, devido à queda de um lutador (...) Aqueles gritos entraram-lhe pelos ouvidos e lhe abriram os olhos, por onde foi ferida aquela alma”³⁹³. Na ocasião multissensorial dos espetáculos nos anfiteatros³⁹⁴, Agostinho escolheu ressaltar como o som tomou Alípio de assalto, que, embebido e vencido por sua *curiositas*, abriu os olhos para ver os combates na arena³⁹⁵. Assim, embora a visão fosse o meio primordial pelo qual a superfície das coisas exteriores é tocada³⁹⁶ e, por conseguinte, aquele capaz de atingir e ferir a alma na hierarquia sensorial agostiniana, é na perturbação sônica que se manifesta a submissão aos prazeres que invadem o corpo. Ao invadir o corpo e desestabilizar os demais sentidos, os sons demonstram como escapam ao controle subjetivo, conduzem ao pior dos males: à perda do controle sobre si mesmo. A história de Alípio serviu como exemplo de alerta contra o

³⁹² Para uma tentativa de reconstrução material das ruas e edifícios circundantes em Óstia do século II de nossa era: VEITCH, Jeffrey. Soundscapes of the street: architectural acoustics at Ostia. In: BETTS, E. (Ed.). **Senses of the Empire: Multisensory Approaches to Roman Culture**. London: Routledge, 2017. p. 54-70.

³⁹³ Agostinho. **Conf.** VI.8.13: *Atque utinam et aures obturavisset! Nam quodam pugnae casu, cum clamor ingens totius populi vehementer eum pulsasset (...) qui per eius aures intravit et reseravit eius lumina, ut esset, qua feriretur et deiceretur audax adhuc potius quam fortis animus et eo infirmior (...)*.

³⁹⁴ Sobre os sentidos presentes nos espetáculos, com ênfase à atuação odorífera e tátil nos espectadores por meio das *sparsiones*, emissão de jatos líquidos à base de açafrão, que os coloria e perfumava, ver: DAY, Jo. Scents of place and colours of smell: fragranced entertainment in ancient Rome. In: BETTS, E. (Ed.). **Senses of the Empire: Multisensory Approaches to Roman Culture**. London: Routledge, 2017. p. 176-192.

³⁹⁵ Sobre a *curiositas* e o enquadramento deste episódio no *topos* literário de denúncia da hùbris de Alípio, assim como o da perturbação causado pelos sons dos espetáculos na tradição antiga: LIM, Richard. Augustine and Roman public spectacles. In: VESSEY, M. (Ed.). **A companion to Augustine**. Blackwell Publishing, 2012. p. 138-150. p. 144-145. Comparar as posições de Agostinho, por exemplo, com: Sêneca. **Ep.** 9.80.2: *Magnum tamen uerbum dixi, qui mihi silentium promittebam et sine interpellatore secretum: ecce ingens clamor ex stadio perfertur et me non excutit mihi, sed in huius ipsius rei contemplationem transfert*; Estácio. **Silvae**. III.5.17: *Certe lasciuiia corde nulla nec aut rapidi mulcent te proelia circi aut intrat sensus clamosi turba theatri sed probitas et opaca quies et sordida numquam gaudia*. Neste sentido, ver também a respeito da poluição sonora (urbana) e do silêncio na tradição filosófica romana antiga expressa por Sêneca, ver: VINCENT, Alexandre. Les silences de Sénèque. **Pallas**, vol. 98, p. 131-143, 2015.

³⁹⁶ Como bem afirma em um de seus sermões: Agostinho. **Sermo**. 227, 10: *Radius oculi nostri, quo tangimus quidquid cernimus. Quod enim vides, oculi tui radio contingis (...) Oculum aperuisse, hoc est pervenisse*.

descontrole (sensorial) que Agostinho pregara em diversas outras ocasiões³⁹⁷. Sem autogoverno, Alípio já não era mais o mesmo. Tornara-se “um da multidão” (*unus de turba*). Para coroar sua queda, passou ele mesmo a gritar ao lado dos demais espectadores³⁹⁸.

Os aspectos irradiador e invasivo dos sons devem, portanto, constar como atrativos potentes das demonstrações de presença que a materialidade das construções conferia aos ocupantes e usuários das edificações. Para além de suas próprias teorias e demonstrações sobre o sensorial, outro exemplo encontrado em Agostinho auxilia a compreensão dessas relações estabelecidas entre sonoridade produzida no interior de um dado edifício e seu espraiamento para o exterior, não apenas nos espaços das ruas, como também em demais edifícios (próximos e, a depender da potência sonora, distantes) e os impactos que causavam no cotidiano de uma determinada vizinhança. Refiro-me aos momentos em que Agostinho entra em confronto aberto com as práticas litúrgicas que eram realizadas, então, por seus rivais “donatistas”³⁹⁹, em especial as comemorações martiriais. As celebrações festivas e

³⁹⁷ Sobre a importância dos sentidos para a compreensão filosófica de Agostinho, ver: O'DALLY, Frank. **Augustine's philosophy of mind**. p. 80-105; VAN GEEST, Paul. Sensory perceptions as a mandatory requirement for the *via negativa* towards God. The skilful paradox of Augustine as mystagogue. In: BRAUN, J.; CAMERON, A. (Eds.). **St Augustine and his opponents. Papers presented at the Fifteenth International Conference on Patristics held in Oxford 2007**. Leuven: Peeters Publishers, 2010 (*Studia Patristica*; No. 49). p. 51-58, esp. p. 55-56. A respeito especificamente da centralidade da visão e em suas manifestações distintas, ver: CHIDESTER, David. Symbolism and the senses in Saint Augustine. **Religion**, vol. 14, n. 1, p. 31-51, p. 39-41, 1984. Um ótimo exemplo de pregação de Agostinho sobre a primazia da visão é encontrado em: **Sermo 162A: Nihil ergo in corpore sublimius oculis et honoratius**.

³⁹⁸ Agostinho. **Conf.** VI.8.13: *Spectavit, clamavit, exarsit, abstulit inde secum insaniam (...)*.

³⁹⁹ Não irei adentrar ao longo do texto em questões próprias da controvérsia eclesial norte-africana, que dividiu a Igreja em partidários “cecilianistas” e “donatistas”. Limite-me apenas a indicar, dentre a imensa bibliografia sobre o movimento donatista, alguns trabalhos essenciais e sintéticos. A respeito das origens, denominações e principais desenvolvimentos do movimento ao longo do século IV e V, ver: SHAW, Brent D. African Christianity: disputes, definitions, and ‘Donatists’. In: GREENSHIELDS, M.R.; ROBINSON, T.A. (Eds.). **Orthodoxy and Heresy in religious movements: discipline and dissent**. 5–34. Reprinted In: SHAW, Brent D. **Rulers, nomads and Christians in Roman North Africa**. Aldershot: Variorum, 1995; e mais recente: SHAW, Brent D. **Sacred violence: African Christians and sectarian hatred in the Age of Augustine**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2011. esp. p. 146-194, 812-819. Embora controversas, com interpretações bastante questionadas e revisadas nos dias atuais, ver as indagações seminais de FRENCH, William H.C. **The Donatist Church: a movement of protest in Roman North Africa**. Oxford: Clarendon Press, 1952. p. 1-24, 161-192. Uma abordagem geral e sintética recente pode ser encontrada em: WHITEHOUSE, John. The course of the Donatist schism in Late Roman North Africa. In: MILES, R. (Ed.). **The Donatist schism: controversies and contexts**. Liverpool: Liverpool University Press, 2016. p. 113-133; WILHITE, David E. **Ancient African Christianity: an introduction to a unique context and tradition**. London, New York: Routledge, 2017. p. 195-239. Em português, uma síntese dos eventos que marcaram a controvérsia, com discussão historiográfica e apontamento geral das fontes para estudar o movimento donatista, foi feita por: MORAIS, Juliana M. **Conflitos religiosos e combate ao diabo: identidade, memória e violência no Norte da África entre os séculos IV e V d.C.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. p. 22-35. Cabe destacar ainda a abordagem sensorial da disputa entre “donatistas” e “cecilianistas”, centrada nos impactos da materialidade das basílicas na paisagem urbana, foi feita por: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Vbi ecclesia?* p. 387-397.

alegres, verdadeiras *laetitiae*⁴⁰⁰, ocorridas tanto nas basílicas urbanas quanto nas cemiteriais, construídas sobre os túmulos dos mártires, eram uma característica marcante das religiosidades cristãs norte-africanas⁴⁰¹. Durante muito tempo, mesmo membros eclesiásticos e, sobretudo, fiéis da autodenominada Igreja “católica” de Agostinho realizavam rituais celebrativos que envolviam comidas e bebidas⁴⁰². Mas os tempos eram outros. Com a ascensão de membros eclesiásticos como o próprio Agostinho, desde os tempos de presbítero e depois como bispo em Hipona, de seu amigo Aurélio, bispo em Cartago, e Alípio, aquele que outrora descontrolava-se nas arenas, agora bispo em Tagaste, emergiu um novo modelo de liderança eclesiástica no último quartel do século IV. Estas lideranças tomavam para si as tarefas de *periti* da religião. Cabiam-lhes, enquanto especialistas em matéria religiosa, discernir e decretar o que seriam práticas corretas ou incorretas por parte dos cristãos. Do outro lado estavam os *imperiti*, a multidão (*imperitae multitudinis*)⁴⁰³, essa *carnali et imperita plebs*⁴⁰⁴, ignorante sobre as periculosidades e as danças de suas ações e necessitada do direcionamento de seus bispos. Dentre as práticas que as novas autoridades eclesiásticas condenavam, interpretadas como reminiscências de um paganismo que não poderia mais ser tolerado⁴⁰⁵, estavam as celebrações festivas do culto dos mártires, com músicas, danças e banquetes⁴⁰⁶. Reordenar e afastar esses elementos das comemorações martiriais envolvia um processo de redefinição da identidade dos cristãos norte-africanos. As festividades em honra aos mártires praticadas por seus adversários serviram como uma contraposição oportuna e

⁴⁰⁰ Segundo Agostinho, os próprios participantes dos festejos os chamariam por este nome. Agostinho. **Ep.** 29.2: (...) *quam Laetitiam nominantes*.

⁴⁰¹ Para uma visão geral da comemoração martirial norte-africana e suas transformações ao longo do tempo, com discussão de fontes e bibliografia recente, ver: BURNS, J. Patout; JENSEN, Robin M. **Christianity in Roman Africa: the development of its practices and beliefs**. Grand Rapids, Michigan: W.B. Eerdmans Publishing, 2014. cap. 11; MOSS, Candida. *Martyr veneration in Late Antique North Africa*. In: MILES, R. (Ed.). **The Donatist schism**. p. 54-69. Para algumas das posições de Agostinho frente ao culto dos mártires de sua comunidade ou de seus adversários donatistas, além das mudanças de suas perspectivas sobre as comemorações martiriais em determinados aspectos ao longo do tempo, ver: BROWN, Peter. **The cult of the saints: its rise and function in Latin Christianity**. Chicago: University of Chicago Press, 1981. esp. p. 26-44, 69 *ss.*; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. A nomeação de Heráclio, sucessor de Santo Agostinho, e as relíquias de Estêvão. In: Rodolfo P. Buzón, Pablo A. Cavallero, Alba Romano e Maria Eugenia Steinberg. (Org.). **Los estudios clásicos ante el cambio de milenio. Vida, Muerte, Cultura**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2002, v. 2, p. 104-113; GARBARINO, Collin. **Resurrecting the martyrs: the role of the cult of the saints, A.D. 370-430**. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Louisiana State University, The Department of History, 2010. p. 135-168; *Id.* Augustine, Donatists and Martyrdom. In: SARRIS, P.; DAL SANTO, M.; BOOTH, P. (Eds.). **An Age of Saints?** Leiden, Boston: Brill, 2011. p. 49-61; KOTZÉ, Annemaré. Augustine and the remaking of martyrdom. In: MIDDLETON, P. (Ed.). **The Wiley Blackwell companion to Christian martyrdom**. Sussex: Wiley Blackwell, 2020. p. 135-150.

⁴⁰² Como pode ser observado, de modo bem evidente, nas confrontações e questionamentos dos fiéis para Agostinho e em suas respostas: Agostinho. **Ep.** 29.3, 9-10; além do próprio exemplo que fornece sobre sua mãe, Mônica, no dia de comemoração martirial, quando em Milão: *Id.* **Conf.** IX.16.

⁴⁰³ Agostinho. **Ep.** 29.9.

⁴⁰⁴ Agostinho. **Ep.** 22.1.6.

⁴⁰⁵ Agostinho. **Ep.** 22.2.

⁴⁰⁶ BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 566.

perfeita para Agostinho demonstrar, a um só tempo, o quão no erro estariam aqueles dissidentes “donatistas” e o caminho pecaminoso ao qual se aproximariam os cristãos que continuassem com tais celebrações⁴⁰⁷.

Foi em uma dessas ocasiões de comemoração martirial que ocorreu o episódio que demonstra a potência dos sons emanados do interior de um edifício. No caso, tratava-se das celebrações advindas da basílica “donatista”, localizada nas proximidades da denominada *basilica Leontina*⁴⁰⁸. Ambas estavam em contexto urbano, nas proximidades de áreas residenciais, tal como o complexo eclesiástico escavado por Erwan Marec⁴⁰⁹. O episódio foi narrado por Agostinho em uma carta enviada para Alípio com intuito de demonstrar como estava implementando as reformas e transformando as condutas de sua comunidade, ainda que com certa resistência e atritos constantes. As comemorações que descreve eram as realizadas em homenagem a um antigo bispo hiponense, Leôncio, venerado pelas duas igrejas rivais durante os dias 2,3 e 4 de maio⁴¹⁰. Naquele ano de 395, em meio ao processo de correção das práticas realizadas pela sua comunidade⁴¹¹, Agostinho optou por, ao invés dos festejos alegres, pregar durante os três dias de comemoração, durante manhã, tarde e noite para manter os fiéis distantes dos “festejos mundanos”. É no final do último dia de celebração, que coincidia com o *dies natalis* de Leôncio, que Agostinho colocou em cena um ruído presente durante todas as jornadas. Após a pregação pela manhã, pediu para que os fiéis retornassem à tarde. Nas palavras finais da pregação, conforme descreveu: “Ouvíamos, na basílica dos hereges [dos dissidentes “donatistas”], o barulho das festividades habituais por eles celebradas e, ao mesmo tempo em que realizávamos nossas funções, eles permaneciam entregues em seus copos”⁴¹². Agostinho dá a entender que, de dentro da sua basílica, mesmo durante as pregações, ou mesmo nos momentos de cânticos sálmicos e hínicos, a igreja com a qual rivalizava fazia-se imprimir no espaço por meio de seus impactos sônicos. Em outras

⁴⁰⁷ MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Vbi ecclesia?* p. 393.

⁴⁰⁸ Para uma crítica das evidências textuais sobre a basílica: PERLER, Othmar. L'église principale et les autres sanctuaires chrétiens d'Hippone-la-Royale d'après les textes de saint Augustin. **RÉAug**, vol. 1, n. 4, p. 299-343, 1955. p. 303-307. Sobre as relações de proximidade topográfica entre ambas “cecilianistas” e “donatistas” em algumas cidades norte-africanas: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Vbi ecclesia?* p. 388-390.

⁴⁰⁹ A respeito do complexo eclesiástico, ver: MAREC, Erwan. **Hippone la Royale, antique Hippo Regius**. Alger : 1950. p. 53-67; e as reavaliações das escavações em: BIZOT, Bruno. La basilique et ses abords. In : DELESTRE, Xavier. **Hippone**. Aix-en-Provence: Édisud, INAS, 2005. p. 193-215.

⁴¹⁰ Sobre o episódio, ver: LANCEL, Serge. **Saint Augustin**. Paris: Fayard, 1999. cap. 16; O'DONNELL, James. **Augustine: a new biography**. New York: Harper Perennial, 2006. p. 150-152.

⁴¹¹ As medidas para regulamentação do culto dos mártires pela Igreja já haviam sido acatadas no concílio reunido em 8 de outubro de 393, na cidade de Hipona, conforme consta no *Breviarium Hipponense*, c. 29: *Vt nulli episcopi uel clerici in ecclesia conuiuentur, nisi forte transeuntes hospitiorum necessitate illic reficiant; populi etiam ab huiusmodi conuiuiis, quantum potest fieri, prohibeantur*.

⁴¹² Agostinho. **Ep.** 29,11: *Et quoniam in haereticorum basilica audiebamus ab eis solita convivia celebrata, cum adhuc, etiam eo ipso tempore quo a nobis ista gerebantur, illi in poculis perdurarent,*

ocasiões, Agostinho acusou-os até do uso de instrumentos durante as celebrações, ao som de tubas (*tubae*)⁴¹³, “entre instrumentos e músicas” (*inter organa et symphonicos*)⁴¹⁴. Os ritmos embalariam possíveis danças que ocorreriam sobre os túmulos dos mártires. É isso que Agostinho alega num sermão pregado em Cartago, dez anos mais tarde, na basílica martirial de Cipriano, *mensa Cypriani*, durante a comemoração do martírio do bispo cartaginês, em 14 de setembro de 405. Ao falar sobre os costumes antigos, que estariam reformados, recorda, com apelo à memória dos mais velhos ali presentes, que “Por toda a noite cantavam coisas nefastas e dançavam ao ritmo dos cânticos”⁴¹⁵. A soma das duas práticas causava o horror em Agostinho e fornecia os elementos que necessitava para assemelhá-las com os jogos demoníacos (*daemoniis ludos*)⁴¹⁶. Pois, o problema não era cantar, algo que sempre procurou inserir, de modo pedagógico, em sua liturgia⁴¹⁷. Era o efeito disruptivo no corpo que as músicas causariam, que levava ao descontrole, às danças, às bebedeiras. Outra vez, o som invade os espaços, apossa-se dos corpos, implica a dança, instiga os olhares, acarreta o descaminho.

Para além do poder de negatividade atribuído aos sons, dado suas implicações na disciplina e autocontrole, a dinâmica das relações entre os sentidos na concepção agostiniana faz transparecer a potência sonora. Ainda que muitos de seus contemporâneos e interlocutores não devam ter atribuído os mesmos significados à audição e ao poder dos sons, a demarcação dos espaços das ruas pela sonoridade advinda de determinados edifícios compunha o horizonte urbano em que estavam inseridos. Para além de ruídos indiscerníveis e atividades religiosas, as paisagens urbana e viária eram também marcadas pela musicalização⁴¹⁸.

⁴¹³ Agostinho. **Ep.** 55.19.35: (...) *ita ut Donatistae nos reprehendant, quod sobre psallimus in ecclesia divina cantica Prophetarum, cum ipsi ebrietates suas ad canticum psalmodiarum humano ingenio compositorum, quasi ad tubas exhortationis inflamment.*

⁴¹⁴ Agostinho. **En. Psalm.** 69.2: (...) *adhuc tamen inter organa et symphonicos gemimus; adhuc illi inimici Martyrum, quia vocibus et ferro non possunt, eos sua luxuria persequuntur. Atque utinam Paganos tantummodo doleremus! esset quaecumque solatium, expectare eos qui nondum cruce Christi signati sunt, quando signentur, et quando eius auctoritate alligati desinant furere. Videmus etiam portantes in fronte signum eius, simul in ipsa fronte portare impudentiam luxuriarum, diebusque et sollemnitatibus martyrum non exultare, sed insultare.*

⁴¹⁵ Agostinho. **Sermo** 311.5: *Per totam noctem cantabantur hic nefaria, et cantantibus saltabatur.* Para uma abordagem sobre as danças nos túmulos dos mártires, sua tradição cerimonial no contexto Mediterrâneo, seus usos pelos donatistas e as condenações agostinianas, ver: CACITTI, Remo. **Furiosa turba**: i fondamenti religiosi dell’eversione sociale, della dissidenza politica e della contestazione ecclesiale dei Circoncellioni d’Africa. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana, 2006. p. 127-134.

⁴¹⁶ Agostinho. **Sermo** 311.6.

⁴¹⁷ Agostinho. **Ep.** 55.19.55; Agostinho. **Sermo** 311.7: bailar espiritualmente: *Audivit cantantem: exhibuit se, non corpore, sed mente saltantem.* a repetição do versículo de Matheus *Cantavimus vobis, et non saltastis* (Mt 11,17). Mais sobre isto logo a seguir.

⁴¹⁸ A respeito do poder das músicas na formação entre os grupos subalternos, ver: HORSFALL, Nicholas. **La cultura della Plebs Romana**. Barcelona: PPU, 1996. esp. 18-20.

Encontramos em Agostinho mais um episódio sobre estas relações sonoras. Em uma obra escrita no ano de 401, destinada a uma questão direta do bispo Aurélio sobre como agir com monges indisciplinados, que se negavam a realizar as práticas laborais em sua comunidade, Agostinho procurou estimular o trabalho manual dos monges por meio da cantoria de hinos, de modo a dar cadência divina aos movimentos laborais (*laborem tamquam divino celeumate consolari*). Seu objetivo era demonstrar como que, a um só tempo, por meio da atividade manual, também exercitariam o intelecto e as orações. Esta estratégia era bastante conhecida pelo bispo. Há muito já sabia os poderes de memorização e aprendizado por meio da repetição, como havia experimentado em seus anos como aluno de retórica⁴¹⁹. Sua própria composição de hinos tinha o intuito óbvio de serem cantados em outros espaços além da igreja⁴²⁰. Por esta razão, afirmou que não seguia a métrica usual das poesias tradicionais, uma vez que queria empregar as palavras que o próprio povo utilizava em seu dia-a-dia⁴²¹. Com isto em mente, para comprovar seu argumento diante Aurélio, eis que chama atenção: “Não sabemos como todos os trabalhadores dão seus corações e línguas às vaidades e também, com frequência, às indecências das peças teatrais sem retirar as mãos trabalho”⁴²². Por meio desta passagem, embora não enuncie, podemos inferir que as músicas entoadas por esses trabalhadores manuais urbanos (*opifices*) seriam cantaroladas no contexto de seus espaços de trabalho e produção, isto é, no interior ou à frente de suas oficinas. Deste modo, os edifícios que os abrigavam expunham tanto as suas atividades manuais cadenciadas aos olhos dos que transeuntes, quanto suas cantorias invadiam o espaço viário e os ouvidos até dos desavisados, contribuindo para a formação dos alaridos das ruas. Os impactos sensoriais sonoros de suas presenças faziam-se sentir e imprimiam suas realidades nas memórias daqueles que

⁴¹⁹Agostinho. **Conf.** I.13.22.

⁴²⁰ Sobre questões exegéticas envolvidas nos cânticos de salmos por Agostinho, ver: CLARK, Gillian. *Psallite sapienter: Augustine on Psalmody*. In: ANDREOPOULOS, A. et al. (Eds.). **Meditations of the heart: the Psalms in Early Christian thought and practice: essays in honour of Andrew Louth**. Turnhout: Brepols, 2011. p. 161-180. Para meios de aprendizado e envolvimento cada vez maior dos hinos nas liturgias e seus impactos em Agostinho e, também, naquele que lhe serviu de inspiração, Ambrósio, ver: MOORHEAD, John. *Ambrose and Augustine on hymns*. **DR**, Vol 128, Issue 451, p. 79-92, 2010. Cabe citar aqui também outro trabalho que, embora não trate de Agostinho em particular, utiliza-se dos hinos e da tradição que o próprio bispo de Hipona auxiliou a difundir para abordar os interesses e preferências dos grupos populares mobilizados por Cesário de Arles: GRIG, Lucy. *Approaching popular culture in Late Antiquity: singing in the sermons of Caesarius of Arles*. **Studia Patristica**, vol. LXIX, p. 197-204, 2013, para as questões populares envolvendo Agostinho: p. 201-202.

⁴²¹ Aug. **Retract.** I.20: *Ideo autem non aliquo carminis genere id fieri volui, ne me necessitas metrica ad aliqua verba quae vulgo minus sunt usitata compelleret.*

⁴²² Agostinho. **Op. mon.** 17.20: *An ignoramus, omnes opifices in quibus vanitatibus et plerumque etiam turpitudinibus theatricarum fabularum donent corda et linguas suas, cum manus ab opere non recedant?*

transitavam pelas cidades⁴²³, forneciam elementos que auxiliavam a demarcar edifícios, grupos e atores sociais.

Tentei demonstrar com essas passagens a respeito da sonoridade a importância dos impactos multissensoriais que os edifícios poderiam causar na paisagem urbana⁴²⁴. As importâncias de suas ações nas ruas e nos demais espaços construídos em seus arredores não podem ser menosprezadas. Ainda que não adentre em pormenores dessas relações sônicas, reconhecer esse efeito potente e invasivo da sonoridade é um primeiro passo rumo a afirmação de que os sons produzidos no interior dos edifícios e ressoados para as vias devem ser contabilizados enquanto elementos significativos nas definições das paisagens sensoriais/sonoras experimentadas nas ruas e, por conseguinte, contar de igual modo como um dos referenciais implicados nos critérios das escolhas e nos objetivos emaranhados com os avanços das colunas sobre o espaço público, sobretudo quando sustentavam sacadas. Em outras palavras, a amplitude da dimensão sônica que as propriedades que avançaram sobre as vias poderiam adquirir devem estar no horizonte da interpretação sensorial, do mesmo modo que as ressonâncias que poderiam causar na vida dos transeuntes⁴²⁵.

2.1.4 Implicações

À medida em que os casos trabalhados começam a ganhar corpo e, por conseguinte, suas ressonâncias sensoriais e seus impactos de emergência nos locais que ocupavam se tornam pouco a pouco mais perceptíveis, não fica difícil constatar que o fenômeno de avanço com colunas sobre os espaços públicos foi um processo multifacetado em, no mínimo, três aspectos indissociáveis: material, espacial, social. No nível da materialidade, é notório que tanto a forma com que estavam dispostas as colunas sobre as ruas, suas funcionalidades em relação aos edifícios que lhes eram anteriores e as estruturas que poderiam sustentar

⁴²³ Comparar estas passagens com as falas de João Crisóstomo sobre as canções realizadas no teatro, memorizada e reproduzidas pelos trabalhadores no mercado e nas barbearias: Chrysostom. **Hom. in Mt.** 1.7–8. E também as queixas de Crisóstomo sobre as canções que ouvia nos mercados e aquelas que, de fato, gostaria de ouvir: Chrysostom. **Hom. in Act.** 35.3.

⁴²⁴ Algo que foi feito de modo similar e com enfoque nas igrejas por: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Vbi ecclesia?* p. 393.

⁴²⁵ Cabe ressaltar aqui o trabalho de Hartnett sobre ações sonoras realizadas por grupos subalternos, por meio de cânticos de protesto, o *convicium*, com a finalidade de ressoar na vizinhança às reclamações direcionadas a um proprietário específico e constrange-lo diante seus pares, além do conhecimento de vizinhos por meio das escutas entre paredes em um determinado bairro: HARTNETT, Jeremy. Sound as a Roman social urban phenomenon. HAUG, A.; KREUZ, and P.-A. (Eds.). **Stadterfahrung als Sinneserfahrung in der römischen Kaiserzeit**. Turnhout: Brepols, 2016. p. 159–178. p. 169-171, 175-176. Sobre os sons produzidos nos espaços urbanos e as suas relações com as definições de importunação/poluição para a Roma do período imperial, ver: VINCENT, Alexandre. « Rome est à mon chevet / *Et ad cubilest Roma* » (Mart. *Ep.*, 12, 57, 27)”. **MEFRA**, vol. 132-2, p. 297-312, 2020.

demonstravam uma diversidade de recursos, técnicas e esforço de manutenção ou não das condições públicas e privadas anteriores com as quais se articulavam.

Em relação ao espaço, há dois níveis de diversificação. Primeiro, uma relação espacial de âmbito regional, no interior das dimensões imperiais mediterrâneas. Neste nível, pode-se detectar certas tendências, ao menos cronológicas, dos modos de ação/reação quanto às intrusões ao espaço público por meio das colunas. Mesmo que essas práticas de avanço fossem compreendidas como incorporações do público pelo privado, os modos de resolução de cada caso, como visto, dependeriam, sobretudo, das ações das autoridades locais. Os registros que temos dessas ingerências advêm de resoluções atribuídas, não por acaso, às capitais ou às grandes cidades imperiais. Dentre as razões dos alvos destas ações pode ser contado tanto a proximidade de funcionários imperiais *in loco* para atuação na manutenção do decoro urbano e na prevenção de riscos às questões administrativas mais amplas⁴²⁶, como armazenamento e redistribuição de grãos. Contudo, mesmo com tais preocupações e ingerências administrativas em mente, os casos de Cartago demonstram a porosidade destas aplicações legais, uma vez que, enquanto capital de província, abrigava enorme contingente burocrático imperial até, no mínimo, as vésperas da ocupação vândala⁴²⁷. Maleabilidade presente ainda mais no caso de *Thamugadi*, em que, por sua vez, apesar de uma organização administrativa efetiva e papel estratégico, os avanços sobre os espaços públicos foram mais precoces. Fenômeno semelhante ao ocorrido em Sabratha, então importante centro comercial e de articulação de trocas entre os mundos além-mar e os espaços internos⁴²⁸. Estas duas últimas cidades apresentaram sinais de avanços sobre as vias ao longo dos séculos III e IV, ou seja, mudanças que surgiram em momentos-chave de suas reformulações urbanas.

⁴²⁶ Dado, em especial, o aumento da ingerência imperial na organização pública durante o Império tardio. Cf. JONES, Arnold H.M. **The Later Roman Empire. (vol.1): a social economic and administrative survey.** Norman: University of Oklahoma Press, 1964. p. 601-606; LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. **The decline and fall of the Roman city.** Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 104-136.

⁴²⁷ Ver os comentários da administração burocrática de Cartago pré-ocupação vândala em: Salviano. **De gub.** VII.16.68: *Illic enim omnia officiorum publicorum instrumenta [...] illic quoque etiam copiae militares et regentes militiam potestates, illic honor proconsularis, illic iudex quotidianus et rector, quantum ad nomen quidem proconsul, sed quantum ad potentiam consul; illic denique omnes rerum dispensatores et differentes inter se tam gradu quam vocabulo dignitates, omnium, ut ita dicam, platearum et competorum procuratores, cuncta ferme et loca urbis et membra populi gubernantes.* A contextualização desta posição de Salviano e a complementação com legislações do *Código Teodosiano* despachadas para o vicário ou procônsul da África ou direcionadas à Cartago, com discussão de bibliografia anterior, é encontrada em: LEPALLEY, Claude. *Quelques aspects de l'administration des provinces romaines d'Afrique avant la conquête vandale.* **Antiquité Tardive**, n. 10, p. 61-72, 2002. p. 62-66.

⁴²⁸ Sobre as trocas econômicas entre costa e interior, além do papel da manufatura da púrpura e agricultura sabrathenses, ver: WARD, Philip. **Sabratha: a guide for visitors.** Harrow: The Oleander Press, 1970. p. 22.; outras atividades econômicas, com ênfases na região da Tripolitânia como um todo, podem ser encontradas em: MATTINGLY, David. **Tripolitania.** London: B.T. Batsford Limited, 1995. p. 223-253.

Esta diversidade das interações entre avanço sobre as ruas e a convivência ou atuação impeditiva das autoridades locais possuíam raízes que se estendiam para além dos campos do pragmatismo da organização pública estrita e que, portanto, escapavam às proposições de declínio ou inação da administração urbana. Uma dessas raízes pode ser fixada no solo do reconhecimento de que as ações em relação ao decoro urbano estavam emaranhadas em escolhas com alto grau de subjetividade, experiência estética e, claro, *gosto*⁴²⁹. Estas formações de experiência estética, além de conter instâncias e campos de formação de subjetividade, estavam envoltas e eram compostas por relações sociais, de distinções e de aproximações que atravessavam toda a dinâmica de seleção do que seria bom, agradável, belo. As implicações diretas destas questões residem no fato de que os modos de monitorar, controlar e agir ou não contra a alteração ou mesmo privatização de ruas e espaços públicos estavam sujeitos a e envoltos por processos atravessados pelos próprios modos de experimentar a paisagem urbana em sua globalidade. Claro que relações políticas (as relações laterais e verticais entre proprietários e decuriões e/ou demais autoridades locais) e o poder (sobretudo econômico) para construção e reformulação de casas, quarteirões ou mesmos vizinhanças possuíam atuação direta nas formas de interagir com as ou englobar os espaços das ruas. Mas importa aqui ressaltar esse processo de mudança da experiência *das e nas* ruas. Processo que não foi uniforme no tempo e no espaço. Porém, com todos os casos pontuais e esparsos apresentados, é notório que esses novos modos de experimentação, acompanhados e constituídos pelas práticas edilícias que incidiam sobre as maneiras de experimentar as ruas, difundiram-se e, ao longo dos anos, tornaram-se pouco a pouco hegemônicos nas paisagens urbanas norte-africanas.

Estas cadências distintas de transformação não estavam confinadas apenas no âmbito regionais. O segundo nível da variabilidade espacial diz respeito às diferenças dos ritmos das ações de avanço encontradas no interior das cidades. Ainda que se trate de um fenômeno difuso e com uma documentação de difícil interpretação, quando é possível obter cronologias mais seguras de suas ocorrências, que permitam comparações entre sítios, constata-se que os avanços com colunas sobre as vias não aconteceram de igual modo por toda extensão de uma mesma cidade. Tal variabilidade interna pode ser correlacionada com o terceiro aspecto: o social.

⁴²⁹ Para as afirmações que se seguem parto das propostas e análises sobre as estruturações sociais das formações estéticas desenvolvidas por: BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 220-232. Sobre este processo de constituição estética direcionado para a definição de um *habitus* sensorial, ver capítulo 4.

O enfoque aqui dado aos avanços das colunas e de seus papéis enquanto sustentadores de *maeniana* de edifícios coletivos que, em sua maior parte, abrigavam espaços de trabalho e habitação mais modestas, pode dar a falsa sensação de que eles foram os únicos responsáveis pelas rupturas do plano urbano. Para evitar tal engano, é necessário não perder de vista outros momentos em que colunas tomaram os espaços de ruas e calçadas públicas e não foram alvos de medidas públicas de remoção, como, para ficar apenas nos casos apontados, em projetos de fachadas com pórticos das grandes *domus*⁴³⁰ (como nas casas luxuosas em Cartago e em *Thamugadi*) e nos episódios em que pilastras com traves ou arcos decorativos flanqueavam as entradas de casas (conforme acompanhados em várias unidades em Sabratha e no exemplo da chamada Casa do Trifólio em *Thugga*). Sem contar que não abordei de modo mais detido os avanços de fachadas inteiras sobre vias e calçadas, fenômeno existente nesse mesmo momento e presente em algumas das casas e *insulae* observadas em Cartago⁴³¹. Aliás, conforme observado, alguns desses tipos de mudança cartaginesas são de expansões de edifícios públicos e com cronologia, vez ou outra, mais recuada do que as observadas aqui com os avanços das colunas.

Para prosseguir, retomo alguns pontos para deixar explícitas as escolhas realizadas e os seus propósitos. Com o que foi apresentado e discutido tive por objetivo apontar e classificar um modo que se tornou cada vez mais difuso e, não menos, diverso de se apropriar do espaço público para fins privados, por meio de avanços de colunas e das estruturas que elas sustentavam sobre calçadas e ruas. A documentação jurídica explorada permitiu, nesse sentido, constatar parte da diversidade formal e da disseminação geográfica desse fenômeno, além de contrastar o desenvolvimento histórico tanto desse processo de associação do público pelo privado por meio de estruturas como os *maeniana*, quanto os modos como esses fenômenos foram interpretados e tolerados ou não do ponto de vista da organização e administração públicas. Ao fim, o que foi notado com o breve cotejo das fontes jurídicas, datadas entre a segunda metade do século IV e dos primeiros 30 anos do século V, foi a

⁴³⁰ Embora houvesse diversas leis com inferência direta aos modos com que as grandes casas privadas deveriam estar correlacionadas com demais estruturas privadas e públicas, além de suas relações com o decoro urbano. Um apanhado das legislações reguladoras sobre os edifícios privados, em geral, pode ser encontrado em: ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. **Spazio privato e spazio pubblico**. p. 187-228; para análise dessas regulações na Antiguidade tardia, ver: SALIOU, Cathérine. **Les lois des bâtiments**; exemplos práticos e a relação entre legislação urbana e arquitetura privada podem ser encontrados, com discussão bibliográfica anterior, em: BALDINI LIPPOLIS, Isabella. **L'architettura residenziale nelle città tardoantiche**. Roma: Carocci, 2005. p. 67-100; BALDINI LIPPOLIS, Isabella. Private space in Late Antiquity. p. 212-228.

⁴³¹ Fenômeno que também ocorreu em Sabratha, mas o estado da documentação não permite maiores aprofundamentos dado a falta de uma circunscrição cronológica de suas ocorrências. Exceção feita aos casos citados no capítulo anterior dos pequenos avanços do templo de Hércules e da supressão da via existente entre as termas localizadas no bairro do teatro e a chamada casa do peristilo.

relação intrincada e íntima entre os avanços dos edifícios privados sobre os espaços públicos e os impactos afetivos e sensoriais manifestados no ambiente urbano, em geral, e no das ruas, em particular. Estreitamento das vias e calçadas (quando não impossibilitadas por completo), maior verticalização dos edifícios, impactos na iluminação e na circulação de ar, além da mobilização do medo (de incêndios e de “outros perigos”), para citar alguns dos fenômenos sensoriais e afetivos expressos por essas mudanças. No interior dessas impactações, devem ser acrescentadas também as medidas públicas relacionadas à estética, em especial as preocupações relacionadas ao decoro das cidades, por meio dos cuidados com os locais públicos. Tais manutenções e controles tinham como objetivo a preservação do espaço comum, procuravam evitar que, como Isabella Baldini Lippolis apontou, fossem prejudicadas “a fruição dos espaços coletivos e a viabilidade”⁴³². É para essas implicações na viabilidade, nas formas de fruição e circulação causadas pelas mudanças nas ruas que me voltarei a seguir.

2.2 Das intrusões às circulações: caracterização dos bairros e relações sensoriais dos avanços dos *maeniana* sobre as ruas

Para abordar os efeitos dos estreitamentos das ruas devido aos avanços de colunas, pórticos e fachadas naqueles que as utilizavam é essencial atentar-nos para suas localizações específicas no interior da malha urbana⁴³³. Interpelar essa localidade das intrusões envolve identificar as relações estabelecidas entre os edifícios que avançaram sobre as ruas com seu entorno. Isto implica reconhecer quais atividades eram realizadas nos edifícios e espaços construídos vizinhos e em inferir como tais práticas poderiam mobilizar um fluxo de pessoas em determinadas ruas. Realizar tal movimento é um esforço que permite compreender de uma só vez: os impactos na e as relações de vizinhança estabelecidas⁴³⁴; os graus de movimentação de pessoas, de veículos com rodas e de animais que determinadas ruas poderiam ter, de acordo com as atividades relacionadas aos edifícios e espaços com os quais se conectavam, e,

⁴³² BALDINI LIPPOLIS, Isabella. **L'architettura residenziale**. p. 67-68: (...) *l'interesse prevalente nella legislazione tardoantica (...) è in primo luogo quello della salvaguardia delle aree comuni dall'invasione degli edifici privati, soprattutto per evitare che essi pregiudichino la conservazione, la fruizione degli spazi collettivi e la viabilità* (trecho traduzido em ênfase). ([...] *o interesse prevalecente na legislação da Antiguidade Tardia [...] é, em primeiro lugar, aquele da salvaguarda das áreas comuns contra invasões de edifícios privados, sobretudo para evitar que estes prejudicassem a conservação, a fruição dos espaços coletivos e viabilidade*). Argumentos retomados em: BALDINI LIPPOLIS Isabella. Private space in Late Antique. p. 198; KAISER, Alan. **Roman urban street**. p. 21.

⁴³³ Embora não a aplique de modo estrito e tenha ressalvas quanto as noções de “profundidade” das ruas na malha urbana, parte das ideias que se seguem ecoam algumas das proposições e metodologias apontadas por: KAISER, Alan. **Roman urban street**. p. 47-66.

⁴³⁴ Algo que Jeremy Hartnett abordou por meio da paisagem sonora de Roma, em: HARTNETT, Jeremy. Sound as a Roman social urban phenomenon. p. 169-175.

de modo consecutivo, os níveis de afecção em suas circulações com as mudanças; a identificação dos grupos e atores sociais em que os efeitos materiais e visuais das alterações foram mais sensíveis; e, por fim, inferir quais seriam os propósitos dessas intervenções sobre as vias.

Antes de passar à materialidade das cidades e de seus ritmos, abro espaço para algumas palavras sobre algo fundamental a respeito das circulações realizadas nas ruas: os meios de transporte. Em primeiro lugar, cabe afirmar algo que de tão óbvio pode ser esquecido: a principal forma de experimentar as cidades no Mediterrâneo antigo era a pé. Os pedestres que transitavam diariamente de um ponto a outro na cidade, no entanto, compartilhavam os espaços das ruas com outros dois grupos de pessoas. O primeiro era formado por aqueles que utilizavam as vias enquanto locais de trabalho em práticas laborais que envolviam a locomoção a pé, tais como vendedores ambulantes e transportadores de mercadorias, como os *sacarii* e *geruli*, ou de pessoas, como os carregadores de liteiras⁴³⁵. O segundo grupo são os usuários ou transportadores que se utilizavam de animais como meios de transporte em si ou para a tração de veículos com rodas. É sobre este segundo grupo que as dimensões das ruas incidem de modo mais agudo, com impactos diretos em suas capacidades de trânsito.

Começo pelos animais. Os mais utilizados no contexto urbano eram os equídeos, embora bois e, em menor proporção, camelos não fossem impossíveis de avistar na paisagem norte-africana⁴³⁶. Cavalos, mulas e asnos eram os animais de sela, transporte e tração com os quais os transeuntes mais se deparavam pelas vias. Dada a combinação entre a grande força de carga com baixos custos de aquisição e cuidados, mulas e asnos destacam-se como aqueles

⁴³⁵ Sobre os vendedores ambulantes, ver: HOLLERAN, Claire. Representations of food hawkers in ancient Rome. In: CALARESCU, M.; HEUVEL, D. van den (ed.). **Food Hawkers: Selling in the streets from antiquity to the present**. London: Routledge, 2016. p. 19-42. A respeito das formas de composição dos *sacarii* e *geruli*, ver: BRUNT, Peter B. Free Labour and public works at Rome. **JRS**, vol. 70, p. 81-100, 1990. p. 92; sobre suas implicações no tráfego urbano: POEHLER, Eric E. **The traffic systems of Pompeii**. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 198. No caso, os carregadores de liteiras (*lecticae*), os *lecticarii*. SARTORIO, Giuseppina P. **Mezzi di trasporto e traffico**. Roma: Edizioni Quasar, 2015. p. 31-34.

⁴³⁶ Os bois como força de tração eram utilizados mais no ambiente rural, devido à força e capacidade de transporte. Isto não quer dizer que não adentrassem as ruas. Os carros puxados por bois poderiam estar atrelados ao transporte de materiais de construção, à recolha de escombros e demais lixos sólidos, e ao abastecimento de produtos alimentícios dos territórios para os habitantes das cidades. Cf. SARTORIO, Giuseppina P. **Mezzi di trasporto e traffico**. p. 61-66. Para as cidades romanas da África do Norte, em diferentes contextos, como no Egito tardio e Tripolitânia, ver: BROGAN, Olwen. The camel in Roman Tripolitania. **PBSR**, vol. 22, p. 126-131, 1954; SHAW, Brent. The camel in Roman North Africa and the Sahara: history, biology and the human economy. **Bulletin de l'Institut Fondamental d'Afrique Noire**, vol. 41, 663-721, 1979. Reprinted in: SHAW, Brent. **Environment and society in Roman North Africa: studies in history and archaeology**. London: Routledge, Variorum, 1995; BAGNALL, Roger. The camel, the wagon, and the donkey in Later Roman Egypt. **BASP**, vol. 22, n. 1/4, p. 1-6, 1985.

mais empregados nas tarefas árduas de transporte no lombo e no empuxo de carros de passageiros ou abastecidos com bens diversos⁴³⁷. Os cavalos, mais potentes e velozes, além de valiosos e verdadeiros signos de poder para seus proprietários, pouco eram utilizados para tração, e sua frequência pelas ruas era menos constante. Mesmo com aumento de seus usos na Antiguidade Tardia, sua presença continuou limitada para as atividades no interior das cidades⁴³⁸.

Os veículos, por sua vez, possuíam uma grande variedade de nomes, formas e aplicações⁴³⁹. Dois modelos constam entre os mais comuns: os que possuíam duas rodas, puxados por um ou dois animais, como, por exemplo, o leve e rápido *cisium*, tipo símile à *birota*, ambos de transporte para dois ou três passageiros e bagagens⁴⁴⁰; e os que tinham quatro rodas, mais pesados, porém tracionados por dois ou quatro animais, presentes seja no transporte de cargas⁴⁴¹, seja no de passageiros, como as *carrucae* luxuosas e as *raedae* velozes, para deslocamento no interior das cidades ou em viagens externas⁴⁴². Suas dimensões médias nos são conhecidas a partir de duas circunstâncias: nos raros contextos em que suas estruturas foram preservadas até nossos dias⁴⁴³ e nas análises estimativas de suas larguras por meio da medição dos espaços entre os sulcos de suas trilhas deixadas no pavimento⁴⁴⁴. Dentre os poucos exemplos de carros escavados, um dos mais famosos foi encontrado em 1931, no estábulo da denominada *Casa del Menandro*, em Pompeia. Classificado como um *civium*,

⁴³⁷ VAN TILBURG, Cornelis. **Traffic and congestion in the Roman Empire**. London, New York: Routledge, 2007. p. 51. RAEPSAET, Georges. Land and transport, part 2: riding, harnesses, and vehicles. In: OLESON, J.P. (Ed.). **The Oxford handbook of engineering and the technology in the Classical world**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 580-605. p. 586-587. Para os carros puxados prioritariamente por mulas e asnos: RAEPSAET, Georges. Land Transport and Vehicles. In: IRBY, G. L. (Ed.). **A Companion to Science, Technology, and Medicine in Ancient Greece and Rome**. Chichester: John Wiley & Sons, 2019. p. 836-853. p. 841-846.

⁴³⁸ Um levantamento, sobretudo de fontes literárias, a respeito dos diferentes aspectos relacionados ao poder e as distinções atribuídas por meio da posse dos cavalos para atividades além do transporte, pode ser encontrado na ótima dissertação de: LAWRIE, Margaret R. **The horse in Roman Society**. 2005. 87 p. Dissertation (Masters of Arts) – College of Human Sciences, Department of Biblical and Ancient Studies, University of South Africa, Pretoria, 2005. p. 5-32. Para representações deste poder, empregados, dentre outras formas, nos mosaicos que retratavam cenas de caça, ver: DUNBABIN, Katherine. **The mosaics of Roman North Africa**. p. 46-64, Pl. X-XIX, fig. 20-45. Sobre a raridade e as contradições do raro uso de cavalos como força de tração de carros na Antiguidade: RAEPSAET, Georges. Land and transport. p. 588. Os limites podem ser vistos em: VAN TILBURG, Cornelis. **Traffic and congestion**. 52.

⁴³⁹ Para mais exemplos da variedade dos veículos, ver: VAN TILBURG, Cornelis. **Traffic and congestion**. p. 51-55; SARTORIO, Giuseppina P. **Mezzi di trasporto e traffico**. 37-66.

⁴⁴⁰ SARTORIO, Giuseppina P. **Mezzi di trasporto e traffico**. p. 51.

⁴⁴¹ SARTORIO, Giuseppina P. **Mezzi di trasporto e traffico**. p. 65-66.

⁴⁴² SARTORIO, Giuseppina P. **Mezzi di trasporto e traffico**. p. 54-60.

⁴⁴³ Geralmente encontrados em práticas mortuárias ou, no caso das cidades vesuvianas, quando enterrados por meio de erupções vulcânicas POEHLER, Eric E. **The traffic systems of Pompeii**. p. 104.

⁴⁴⁴ Como no trabalho pioneiro, mas bastante contestado de: TSUJIMURA, Sumiyo. Ruts in Pompeii: The Traffic System in the Roman City. **Opuscula Pompeiana**. Vol. 1, p. 58-86, 1991; ver também as críticas e reavaliações da amplitude dos veículos em: KAISER, Alan. **Roman urban street**. p. 56-57; POEHLER, Eric E. **The traffic systems of Pompeii**. p. 9, 109-116.

possuía uma bitola de 1,42 m de largura, uma superfície de carga de 1,35 m por 1 m, e um timão que deveria ultrapassar os 2 m⁴⁴⁵. Contudo, quando somado os eixos de suas rodas, de aproximados 0,37 m, sua largura passa para 1,79 m⁴⁴⁶. Um exemplar de veículo com quatro rodas foi encontrado na chamada *Villa di Arianna* em Stabia. Suas rodas tinham 1,17 m de diâmetro, com bitolas de 1,48 m de largura cada, em um eixo de 1,98 m, enquanto a superfície de carga era de 1,66 m por 1 m, e seu timão, como o do *civium* anterior, ultrapassaria os 2 m⁴⁴⁷. Sua largura total, quando acrescida dos eixos das rodas, chegava a 1,85 m. Esta variedade de medidas dos carros também está presente nas análises das trilhas marcadas nos pavimentos pelas rodas dos veículos. Segundo os estudos de Eric Poehler sobre as ranhuras encontradas em Pompeia, as dimensões das bitolas poderiam variar entre 1,32 m e 1,47 m⁴⁴⁸. Deste modo, quando somadas aos eixos das rodas, apresentavam uma variação de larguras entre 1,69 m e 1,84 m.

Neste ponto é preciso responder a uma pergunta crucial: como pode ser aplicado tais dimensões desses carros para as ruas norte-africanas? Para respondê-la é preciso apontar para a evidência desses veículos. Para além das representações dos carros em diversos mosaicos, há outras duas fontes que evidenciam a materialidade e a dimensão dos veículos com rodas em contexto urbano. Um primeiro conjunto documental que evidencia a existência de veículos similares aos encontrados em Pompeia diz respeito a identificação de peças do sistema de suspensão de carros. Fragmentos metálicos destes sistemas foram encontrados em várias cidades da África do Norte, assim como em Pompeia, além de outras regiões imperiais para além da península itálica⁴⁴⁹. A segunda evidência que aponta para dimensões semelhantes desses carros foi obtida por meio de um estudo pioneiro (e que ainda se mantém raro) sobre as trilhas deixadas nos pavimentos de contexto urbano norte-africano. Refiro-me ao trabalho de Pierre Salama sobre as marcas encontradas nas ruas de *Thamugadi*. Neste estudo, Salama detectou variações das possíveis larguras dos carros que se aproximam muito da diversidade

⁴⁴⁵ RAEPSAET, Georges. Energie animale mise en oeuvre : charges et poids voiturés dans les monde gréco-romain. **Ancient Society**. Vol. 49, p. 41-102, 2019. p. 76.

⁴⁴⁶ Sigo para este caso e os demais os acréscimos de 0,37 m, devido à largura média dos eixos das rodas encontrados, como apontados por: KAISER, Alan. **Roman urban street**. p. 57.

⁴⁴⁷ MINIERO, Paola. Studio di un carro romano dalla Villa c.d. di Arianna a Stabia. **MEFRA**, Vol. 99, n. 1, p. 171-209, 1987. p. 180 ss.

⁴⁴⁸ POEHLER, Eric E. **The traffic systems of Pompeii**. p. 122.

⁴⁴⁹ Fragmentos destes suportes de suspensão, cujo o principal exemplo foi encontrado em contexto mortuário da antiga província romana da Trácia (onde hoje se localiza Wandartarl, na Bulgária), foram identificados em *Banasa*, *Thamusida*, *Iol Caesarea*, na região de el-Meridj, localizada nas mediações da antiga *Theveste*, *Thamugadi* e *Cilium* (Kasserine), como apontados em: WELLER, Judith A. **Roman traction systems**. s/p. Disponível em: <<http://www.humanist.de/rome/rts/wagon.html>>. Evidências possíveis de componentes dos carros também foram encontradas em *Lepcis Magna*: ASHTON, Sally-Ann. A Preliminary Report on the Small Finds from Excavations at Lepcis Magna 1994-95. **Libyan Studies**, vol. 27, p. 11-15, 1976. p. 11-13.

encontrada nos carros de contexto itálico. Nas medições encontradas em alguns pontos dentre os sulcos dispersos pela cidade, detectou uma amplitude axial mínima de 1,30 m e máxima de 1,68 m. Seguindo a metodologia de acréscimos dos eixos das rodas, a largura dos veículos poderia variar entre 1,67 m e 2,05 m, algo que se aproxima dos números obtidos nos contextos itálicos⁴⁵⁰. Neste sentido, creio que seja possível atribuir uma média de largura mínima desejável para o tráfego de veículos nas ruas das cidades aqui trabalhadas, aos moldes da proposta por Alan Kaiser, ao considerar os trepidares dos veículos sobre a pavimentação, o espaço ocupado pelos animais e o volume das cargas⁴⁵¹, em torno dos 2 m e o dobro para as vias com passagem de dois carros ao mesmo tempo, ou seja, 4 m⁴⁵².

Ter em mente as presenças e as dimensões desses outros personagens da rede viária amplia nossa compreensão dos impactos provocados pelos encurtamentos das ruas causados pelos avanços de fachadas e colunas dos edifícios. Ao lado da maior visibilidade na paisagem, as sobreposições nas vias tinham implicações diretas na mobilidade urbana. Uma primeira ressonância desta ação encontra-se nos ritmos com que os deslocamentos pela cidade poderiam ser realizados, com potencialidade de diminuição do fluxo e atraso no tempo. A segunda envolve os modos de utilizar as ruas em sua globalidade. Trata-se da alteração das relações de aproximação que suas diminuições provocavam. Com o encurtamento das ruas, o espaço comum compartilhado e utilizado por todos os atores densificava-se, de modo que pedestres, animais e veículos se aproximavam cada vez mais, nem sempre em relações

⁴⁵⁰ SALAMA, Pierre. Entrées et circulations dans Timgad (Étude préliminaire). In: MASTINO, A.; RUGGIERI, P. (Eds.). **L'Africa Romana 10 (vol. 1)**: atti del X convegno di studio. Oristano, 11-13 dicembre 1992. Sassari: Editrice Archivio Fotografico Sardo, 1994. p. 347-358. O trabalho de Salama não foi sistemático. Tratava-se, como traz no próprio título, de um estudo preliminar. Se formos levar em conta a sua hipótese de que alguns dos sulcos teriam sido inseridos propositalmente para direcionar o fluxo do trânsito, como no exemplo do *decumanus maximus*, local de onde extraiu a medida máxima de 1,68 m, seria preciso relativizar essas dimensões mais amplas. Portanto, sua medida máxima não ultrapassaria os 2 m. Cabe acrescentar que é surpreendente não encontrar este estudo de Salama no trabalho excelente de Eric Poehler, tanto por essas afirmações do arqueólogo francês a respeito da feitura proposital dos sulcos no pavimento (sobretudo no *decumanus maximus* da cidade nas proximidades dos limites estabelecidos pela chamada *Porta Mascula* e pelo dito arco de Trajano, interpretados como meios de controlar o tráfego), quanto pelo fato de que Poehler compara os tráfegos realizados em Pompeia e *Thamugadi* de modo a compreender, justamente, a existência ou não de um sistema de tráfego fora da cidade itálica. POEHLER, Eric E. **The traffic systems of Pompeii**. p. 227-232.

⁴⁵¹ Isto implica descartar o valor máximo obtido por Salama, dado tanto suas hipóteses sobre dimensão máxima para controle de tráfego e sua existência pontual, explicado na nota anterior, quanto o método de extrair estas medidas, e leva a crer em uma roda que ocupa não o centro da trilha, e sim seus extremos. Para uma outra metodologia de análise sobre a formação desses sulcos no pavimento e dos pontos utilizados para medição da largura dos veículos, ver: POEHLER, Eric E. **The traffic systems of Pompeii**. p. 114-116.

⁴⁵² KAISER, Alan. **Roman urban street**. p. 57. Mesma medida aplicada nos estudos de: MALMBERG, Simon; BJUR, Hans. Movement and Urban Development at Two City Gates in Rome. In: LAURENCE, R.; NEWSOME, D. (Eds.). **Rome, Ostia, Pompeii: movement and space**. Oxford: Oxford University Press, 2011. 361-385. p. 369. O que demonstra divergência nas considerações de Tsujimura, que exclui o eixo das rodas na medida mínima das vias: TSUJIMURA, Sumiyu. Ruts in Pompeii. p. 61-62.

harmoniosas⁴⁵³. Desta maneira, ao causar aglomerações, sobretudo em espaços com fluxos intensos, seus agentes causadores imediatos aos transeuntes, os edifícios, bem ou mal, colocavam-se como participantes diretos dessas relações, impostavam-se nas circulações, tornando visível, audível, em suma, perceptível seus proprietários e usuários. No plano geral da cidade, tais avanços forneciam signos que auxiliavam a demarcar determinadas regiões e vizinhanças nos mapas quotidianos compostos pelos usuários das vias.

2.2.1 Cartago: os ritmos de uma metrópole portuária entre os séculos IV e V

Para analisar estas relações de deslocamento, níveis de afecção nas circulações e impactos sensoriais dos locais de avanço dos edifícios, Cartago é, mais uma vez, um ótimo ponto de partida, devido não só à quantidade de evidências, mas sobretudo às recentes análises sobre as disposições de sua topografia, com preocupações a respeito de suas formas de circulações e das práticas exercidas em seus espaços⁴⁵⁴. Começo com a região de um edifício de fácil reconhecimento, que carrega sua localização no próprio nome pelo qual hoje é identificado, o edifício ao norte do porto circular da cidade. Logo diante de sua fachada ao sul, docas de atracagem estavam dispostas ao redor de todo o porto circular. Além disto, a movimentação da região era ampliada também pela frequência da ilha ao centro do porto, conhecida por *Ilôt de l'Amirauté* (Ilha do Almirante), que era conectada com a cidade por meio de uma larga ponte de acesso existente na proximidade do *cardo* XIII Leste, ou seja, à distância de uma *insula* do edifício. Entre fins do século IV e inícios do V, as estruturas da ilha funcionavam como um centro comercial e de fiscalização. Isto se deve, em primeiro lugar, à sua conexão direta com inspeção, coleta e redistribuição de bens da *annona* recolhidos na cidade e transportados para Roma, fato que é muito bem demonstrado nos *ostraca* encontrados na ilha⁴⁵⁵, que atestam o registro e a organização dessas operações

⁴⁵³ O episódio de quase morte narrado por Libânio permite um vislumbre de uma dessas situações. Conta-nos que, quando se preparava para montar em seu cavalo para deixar a cúria de Antioquia, foi surpreendido com duas mulas que dobravam a esquina. O animal de Libânio se assustou e refugou com a situação e, dado o pequeno espaço entre eles, saltou pavoroso. Como o cavalo não conseguia seguir, por conta das mulas no caminho, nem recuar, por falta de espaço, por muito pouco não derrubou e esmagou o retórico no espaço entre o pavimento da rua e o pórtico. Libânio. **Or.** 1.216-217.

⁴⁵⁴ Nesse sentido, ver, sobretudo, as recentes análises de: WHITEHOUSE, John; HARIZE, Sami. Appendix: the search for the maritime forum of Carthage. In: MILES, Richard; GREENSLADE, Simon. **The Bir Messaouda Basilica: pilgrimage and the transformation of an urban landscape in sixth century AD Carthage.** Oxford, Philadelphia: Oxbow 2020. p. 365-384, esp. p. 380-383.

⁴⁵⁵ Sobre a descoberta e primeiras análises, ver: CAGNAT, René; MERLIN, Alfred. *Ostraka latins de Carthage.* **Journal des savants**, n. 9, p. 514-523, 1911. p. 514.

durante o ano de 373⁴⁵⁶. De acordo com Henry Hurst, esses *ostraca* teriam sido depositados em um dos novos edifícios construídos ao norte da ilha entre os séculos III e início do V, local onde deveriam ser armazenadas para uso e controle dos *mensores olei*⁴⁵⁷. Foi em algum ponto no decorrer desse período também que os antigos pórticos que contornavam a ilha foram obstruídos com instalações de paredes e cederam espaço para várias unidades celulares instaladas em seu interior⁴⁵⁸. No entanto, apesar das novas construções e possíveis novas funcionalidades, a ilha ainda possuía um grande espaço público aberto. Desta forma, Hurst sugere que, dado novo caráter administrativo das trocas comerciais comprovado pelo edifício em que foram depositados os *ostraca* e a ampla praça ainda existente, a ilha abrigaria diversas corporações (*corpora/collegia*) envolvidas com os transportes de cargas variadas, num modelo muito próximo ao encontrado na bem conhecida *Piazzale delle corporazioni* em Óstia⁴⁵⁹.

O fluxo intenso das atividades portuárias e da frequentação de uma praça que poderia regular atividades navais (isto é, que se tornava indispensável para aqueles que atracavam na cidade) e, talvez, reunir associações dos *navicularii* e, assim, mais comerciantes e transportadores, fornece indícios dos ganhos que os novos pórticos do edifício poderiam ter. Neste cenário de muitas coisas a visualizar e de movimento intenso, com certeza a nova fachada do prédio ao norte do porto, munida com seus pisos superiores, deveria se colocar como destaque para quem aportava na cidade. Ao mesmo tempo em que poderia capturar o olhar para cima na paisagem litorânea, demonstrava no nível de circulação aquilo que seria vendido ou processo do que era produzido. Mesmo com o avanço do edifício com seus pórticos, o fluxo diante do porto circular não deve ter sido alterado nesse momento, dado o largo existente entre ambas estruturas. Não se pode dizer o mesmo sobre os *cardines* laterais, em especial do *cardo* XIV Leste, que sofreu a maior apropriação pelos pórticos do edifício. Neste sentido, não surpreende que, para além da praça do porto, as aberturas das lojas e oficinas estivessem localizadas apenas voltadas para esta rua⁴⁶⁰.

⁴⁵⁶ Para uma análise pormenorizada dos *ostraca* e sua contextualização no interior da redistribuição da *annona* realizado em Cartago, ver PEÑA, J. Theodore. The mobilization of state olive oil in Roman Africa: the evidence of late 4th c. *ostraca* from Carthage. In: PEÑA, J.T. *et al.* **Carthage papers. The Early Colony's Economy, Water Supply, a Public Bath and the Mobilization of the State Olive Oil**. Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 1998. p. 117-238; para uma descrição geral das *ostraca*, p. 119-122.

⁴⁵⁷ HURST, Henry. Excavations at Carthage 1977-8. Fourth interim report. *AntJ.* 59, p. 19-49, 1979. p. 37-39, para localização do local das *ostraca*, p. 38, fig. 8.

⁴⁵⁸ Para a exploração desse fenômeno neste período e nos posteriores, ver *infra* capítulo 4.

⁴⁵⁹ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 114; tal possibilidade comparativa também pode ser encontrada em: PEÑA, J. Theodore. The mobilization of state olive oil. p. 208-209.

⁴⁶⁰ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 94-95.

Algo semelhante pode ser dito do caso do edifício situado no bairro do *Magon*. Vimos que o bairro era voltado para produção e comércio. Cabe ressaltar e aprofundar outro aspecto de sua localização: a construção das novas *insulae* entre o *cardo XVIII* e a costa, com a abertura de uma nova via litorânea, o denominado *cardo XIX* ou *limes maritimus*, a partir da segunda metade do século II, com uma largura de 11 m, similar às principais vias da cidade⁴⁶¹. As construções das novas *insulae* foram realizadas ao norte e ao sul do *decumanus maximus*, numa distância de quase 1.6 km, que compreendia das termas de Antonino, construídas durante o mesmo período⁴⁶², até os portos ao sul da cidade. Essas *insulae*, por sua vez, abrigavam uma série de unidades edilícias em formato celular, umas contíguas às outras, que parecem percorrer toda essa “nova” faixa litorânea⁴⁶³. Elas possuíam um tamanho reduzido, por volta de 3,60 m de fachada, por 7 m de profundidade em cada unidade⁴⁶⁴. Apesar das dimensões, suas entradas eram voltadas ao novo *cardo* e contavam diante de si com uma sequência de pórticos, que, ao que tudo indica, estavam ao longo de toda sua extensão (*Figura 8*)⁴⁶⁵.

⁴⁶¹ Graças as escavações e prospecções realizadas na costa, compreendeu-se melhor o desenvolvimento dessa faixa litorânea e sua forma ao longo do tempo. Dentre elas, ver: VELKOV, Velizar. Le littoral de la Carthage Romaine et la rotonde de Damous el Karita. In : ENNABLI, A. (dir.). **Pour sauver Carthage**. Tunis : Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 96-98, p. 97-98. YORKE R.A.; LITTLE J.H. Offshore survey at Carthage, Tunisia, 1973. **International Journal of Nautical Archaeology**, n. 4, p. 85-101, 1975. p. 88.

⁴⁶² Sobre a história da implantação das termas de Antonino, ver: LÉZINE, Alexandre. **Carthage-Utique**. p. 71.

⁴⁶³ Cf. HURST, Henry. Understanding Carthage as a Roman port. **Bollettino di Archeologia Online**. vol. 1, p. 49-68, 2010. p. 58. Este fato pode ser comprovado pelas equipes de prospecção, mas as unidades já haviam sido observadas e mapeadas por Falbe e nas pesquisas pioneiras de Roquefeuil, num período em que o nível do mar e as condições arquitetônicas contemporâneas permitiram que se visualizasse um pouco mais da existência da linha costeira antiga. Para a contextualização da pesquisa de Falbe e sua correlação com outras posteriores para a faixa litorânea, ver: HURST, Henry. Understanding Carthage as a Roman port. p. 49-50.

⁴⁶⁴ HURST, Henry. Understanding Carthage as a Roman port. p. 62.

⁴⁶⁵ RAKOB, Friedrich. Fouille allemandes à Carthage. p. 8.

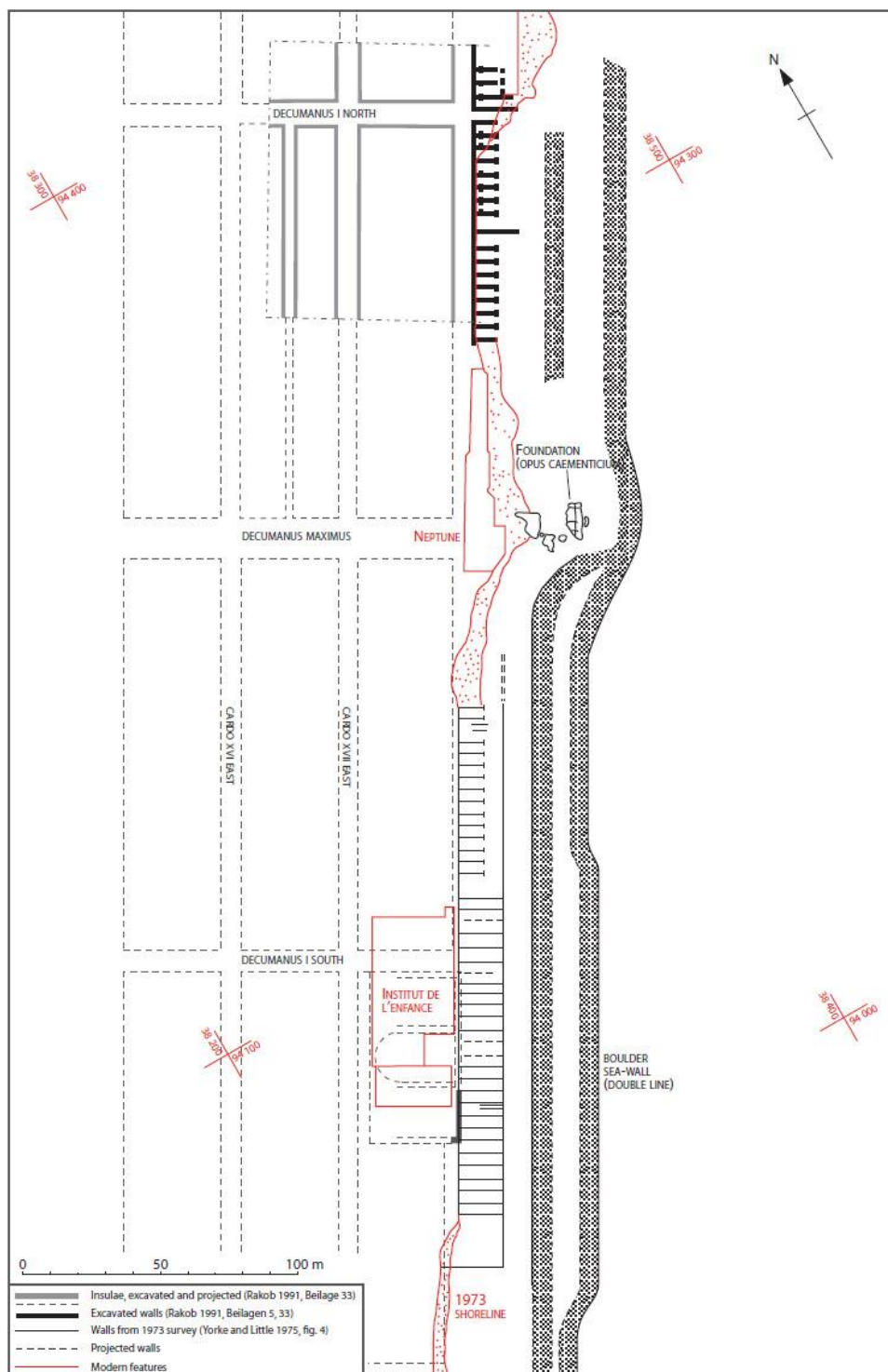


Figura 26: Plano com as estruturas encontradas e escavadas nas cercanias do *decumanus maximus* e da faixa litorânea. Plano elaborado por L. Wallace após Yorke e Little, e extraído de Hurst (2010, p. 59, fig. 12).

Essas estruturas auxiliam a imaginar a alta circulação de pessoas que deveria haver nas cercanias do *Magon*. Os edifícios poderiam ser uma série de pequenos depósitos para armazenamento de cargas dos navios que atracavam na cidade, conforme a interpretação de Hurst, ao associar a semelhança entre a disposição cartaginesa com a paisagem portuária de

Leptis Magna⁴⁶⁶. Além disso, Hurst apontou a possibilidade de existência de um cais ao longo da orla marítima para que tarefas de carga e descarga fossem realizadas nas proximidades dos depósitos, centros de produção e lojas (*Figura 26*)⁴⁶⁷. Sua interpretação está embasada em algumas estruturas materiais encontradas na cidade. A primeira é a existência de um quebra-mar ao longo de todo esse trecho da costa. A segunda está na continuidade dessas unidades em formato celular até o extremo sul da cidade, no chamado porto retangular. Neste último ponto, foram identificados edifícios, cuja posição estava alinhada com o muro do porto. Os edifícios dispunham de pórticos voltados para a rua que os separavam do porto. A colunata era composta de grandes pilastras quadrangulares, construídas em alvenaria, o que sugere que suportavam uma ampla cobertura e poderiam obviamente servir como sustentações de demais andares⁴⁶⁸. Ainda vizinho ao porto retangular, outras construções em forma de unidades celulares, contemporâneas às existentes no *cardo XIX*, foram encontradas numa faixa de 90 m na área conhecida por “quadrilátero Falbe”. A multifuncionalidade desta área é notável. Além de ter auxiliado como quebra-mar, utilizada como espaço de manobra para os navios adentrarem na parte mais ao sul do porto retangular, abrigava edifícios de armazenamento e estocagem de produtos carregados e descarregados nos portos notórios da cidade⁴⁶⁹.

⁴⁶⁶ HURST, Henry. Understanding Carthage as a Roman port. p. 57-58, 62, 66.

⁴⁶⁷ HURST, Henry. Understanding Carthage as a Roman port. p. 63. A este respeito, com discussão sobre a variedade de suas formas, ver também: STONE, David. Africa in the Roman Empire: connectivity, the economy, and artificial port structures. *AJA*, vol. 118, n. 4, p. 565-600, 2014. p. 573-574.

⁴⁶⁸ STAGER, Lawrence E. Le tophet et le port commercial. In : ENNABLI, A. (dir.) **Pour sauver Carthage**. Tunis : Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 72-78. p. 77.

⁴⁶⁹ Para a descrição e análise das estruturas que compunham o “quadrilátero Falbe”, além da própria história de sua pesquisa, ver: YORKE, R.A.; LITTLE, J.H. Offshore survey at Carthage, Tunisia, 1973. esp. p. 94-97, as interpretações de suas estruturas estão em: p. 97-98. Novas escavações e a datação das estruturas do quadrilátero, foram retomadas em: YORKE, R.A.; LITTLE, J.H.; DAVIDSON, D.P. Offshore survey of the harbours of Carthage. Summary of 1975 season's work. *IJNA*, vol. 5, n. 2, p. 173-176, 1976. p. 175-176. Síntese e novas problematizações sobre o quadrilátero foram elaboradas por: HURST, Henry. Understanding Carthage as a Roman port. p. 63-64.

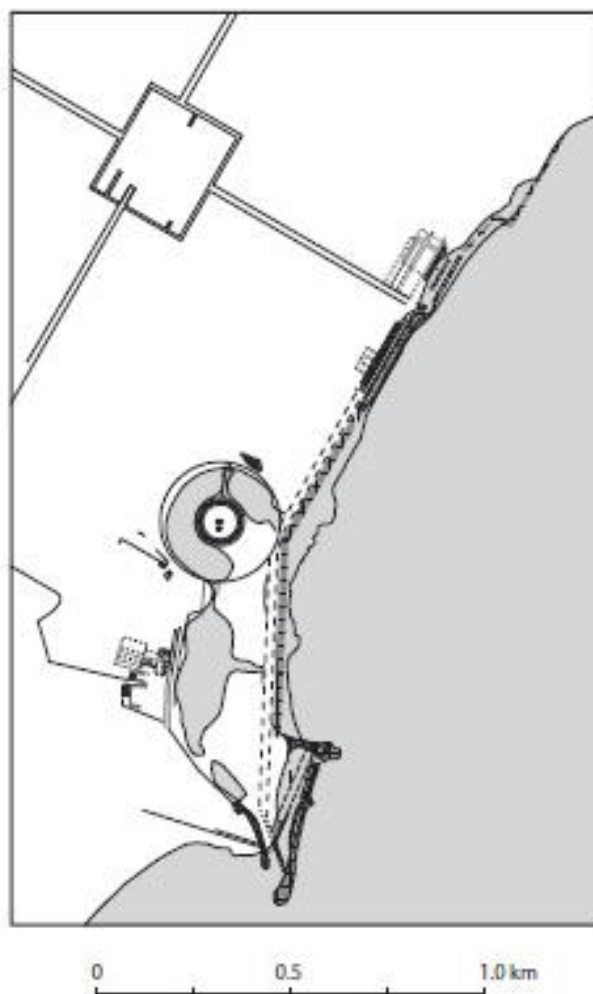


Figura 27: Projeção das unidades do extenso complexo portuário cartaginês tal como a hipótese de Hurst, que percorreria o trajeto do quadrilátero Falbe até as termas de Antonino. Plano extraído de H. Hurst (2010, p. 65, fig. 15).

Se adentrei na descrição dessa parte costeira mais distante de *Magon* foi para demonstrar a existência de uma extensa faixa litorânea voltada para a concentração e aproximação de atividades produtivas e trocas comerciais. Ou seja, as instalações do *cardo* XIX estavam integradas à longa faixa da orla. A probabilidade é grande de que existisse um extenso cais ao longo do *limes maritimus*, que seria utilizado para cargas/descargas mais rápidas, como argumenta Hurst (**Figura 27**). Para além deste trecho, ao norte das termas de Antonino também é bem certo que existissem atracadouros ao longo da praia, em que barcos poderiam embarcar e desembarcar mercadorias e viajantes. Foi em algum ponto desta faixa costeira mais ao norte que, por exemplo, deve ter ocorrido o episódio em que Agostinho descreve sua verdadeira fuga de Cartago. Na ocasião, para despistar sua mãe, que não queria deixá-lo só, Agostinho alegou que iria se despedir de um amigo e a persuadiu em permanecer durante a noite na *memoria beati Cypriani*, que, segundo ele, “estava próxima de nosso

barco”⁴⁷⁰. Uma das igrejas descobertas em Cartago encaixou-se bem com a localização topográfica descrita por Agostinho: situava-se fora dos limites urbanos, na direção nordeste, alinhada com a faixa litorânea, no alto de uma colina e que lhe garantia vistas para o mar. Essa correspondência com o relato agostiniano lhe garantiu a nomeação moderna de basílica de São Cipriano⁴⁷¹.

Ainda naquela noite em que despistou Mônica, após esperar por ventos que impulsionassem o navio, Agostinho zarpou em sua viagem para Roma, com escala em Óstia. Atrás de si, a praia desaparecia de sua vista (*litus subtraxit aspectibus nostri*)⁴⁷². Agostinho não descreve a circulação de pessoas pela praia durante o momento de sua partida noturna, nem mesmo durante o tempo de sua espera. De todo modo, podemos imaginar a vivacidade de um *litus* como esse em que Agostinho aguardou para embarcar se o cotejarmos com outra passagem, de um bispo anônimo norte-africano que, embora seja de fins do século V e não saibamos a cidade à qual faz referência, demonstra com a vivacidade de sua força retórica, em uma mistura de entusiasmo e ironia, como poderiam ser as movimentações dos desembarques nessas áreas costeiras:

“Quão bela a praia parece quando está repleta de mercadorias e agitada com mercadores! Pacotes com roupas das mais diversas são retirados dos navios, inúmeros se regozijam com os cantos alegres dos marinheiros, e o homem rico dança sobre as ondulações das areias”⁴⁷³.

Sabendo dessa movimentação intensa e das cantorias dos *nautae*, para retornar às instalações ao sul das termas, podemos apontar que não é porque a permanência fosse breve nesses atracadouros disponíveis ao longo da orla marítima que os marinheiros, carregadores e

⁴⁷⁰ Agostinho. **Conf.** V.5.15. *Et tamen recusanti sine me redire vix persuasi, ut in loco, qui proximus nostrae navi erat, memoria beati Cypriani, maneret ea nocte.*

⁴⁷¹ Esta era uma das duas basílicas dedicadas ao mártir Cipriano, muito provável que construída sobre seu local de martírio. Ela também é denominada muitas vezes de “basílica de Santa Mônica”. Sobre a igreja, identificação, alinhamento e localização topográfica, ver: DUVAL, Noël. *Études d’architecture chrétienne*. **MEFRA**, vol. 84, n. 2, p. 1071-1172, 1972.p. 1104; ENNABLI, L. **Carthage**: une métropole chretienne du IVe. à la fin du VIIe siècle. Paris: CNRS, 1997. p. 131.

⁴⁷² Para discussão e proposição de um uso multissecular dessa região como atracadouro, ver: LANCEL, Serge. **Carthage**. Paris: Fayard, 1992. p. 158-161.

⁴⁷³ Pseudo-Fulgêncio. **Sermo.** 38. *Quam pulchrum apparet littus, dum repletur mercibus, et trepidat mercatoribus! Exponunter de nauibus sarcinae uestium diuersarum, laetantur innumeri cantantium in iucunditate nautarum, et diues sinus tripudiat arenarum.* Para o enquadramento dessa passagem nos ritmos das trocas comerciais mediterrâneas e a atuação desses “homens ricos”, prováveis *navicularii*, ver: MCCORMICK, Michael. **Origins of the European economy**: communications and commerce AD 300-900. Cambridge University Press, 2001. p. 84-85. Para uma visão de conjunto sobre a tradição desse comentário sobre marinheiros e mercadores marítimos, ver: WADE, Janet. “Lock up your valuables”: Perceptions of sailors and sea-merchants in port cities of late antiquity and early Byzantium. **Journal of the Australian Early Medieval Association**, 10, p. 47-75, 2014.

navegadores não fizessem uso de instalações para alimentação e diversão em *tabernae/popinae* e acomodações em *cauponae* que, certamente, também deveriam existir para além de espaços para depósitos nessa faixa. É o que nos informam duas fontes distintas. Uma primeira é a existência de cisternas em algumas dessas unidades encontradas mais ao sul do *limes*, próximas da região do porto circular, o que sugere que não se tratava apenas de depósitos de estocagem⁴⁷⁴. De fato, instalações de aprovisionamento de água podem indicar o uso desses espaços tanto para finalidades habitacionais quanto para o comércio, sobretudo com a venda de bebidas e comidas preparadas. A segunda fonte é um relato mais tardio a respeito desses edifícios da orla marítima. Trata-se da narrativa de Procópio sobre a reconquista imperial romana da cidade. Ao falar da noite anterior à entrada de Belisário na cidade (a saber, 14 de setembro de 533), membros da tropa do general, contrariando suas orientações, saquearam as propriedades de comerciantes, cartagineses e estrangeiros, que viviam na borda marítima. No dia seguinte, o historiador continua, após a tomada de Cartago, uma multidão de mercadores e demais habitantes cartagineses, cujas casas se encontravam junto ao mar (τῶν ἐπὶ θαλάσση ὀκημένων), foram reclamar a Belisário o roubo que haviam sofrido⁴⁷⁵. Ainda que seja uma fonte posterior ao período aqui tratado, essa narrativa de Procópio permite vislumbrar como esta zona *lungomare* era composta tanto por edifícios de estocagem e com funções mercantis, quanto por habitações e, por conseguinte, de possíveis estabelecimentos que atendessem os trabalhadores de todos os tipos, locais e/ou estrangeiros, que circulavam pelo local, além, claro, da continuidade ao menos dessas funções ao longo da costa, que também tem respaldo na materialidade⁴⁷⁶.

É ainda no contexto dessa ampla paisagem costeira que foram levantadas as pilastras sobre as calçadas em frente ao edifício localizado no *decumanus* I Norte. Sua construção

⁴⁷⁴ VELKOV, Velizar. Le littoral de la Carthage Romaine. p. 97.

⁴⁷⁵ Procópio. *De bello Vandalico*. III.20.16-22.

⁴⁷⁶ É no mínimo estranho notar a ausência dessas funções para as estruturas ao longo da costa narradas por Procópio em Henry Hurst. Ainda que cite o historiador, Hurst apenas o utiliza para argumentar sobre dois temas: primeiro, sobre a localização das estruturas portuárias chamadas *mandrakion* (Μανδράκιον) e *stagnum* (Στάγνον) e a função do lago de Túnis para a característica portuária da cidade. E, o segundo, no momento em que trata da *platea maritima* e a associa com a praça da *Ilôt de l'Amirauté*. Creio que, mesmo em sua revisão das noções de alto controle do Império na organização marítima e das trocas comerciais da cidade durante o período tardio, Hurst ainda sustente a pressão da organização da *annona* e sua relação direta na transformação de Cartago em um porto de Roma, ou melhor, em “porto mercante” para atender Roma. Não cabe aqui discutir o alcance da organização da *annona* no impacto da materialidade da cidade, porém, é importante recordar que – apesar da organização das estruturas que atendiam as estocagens das mercadorias que, em muitos casos, atendiam, de fato, a cidade de Roma – essas estruturas litorâneas tinham mais funções do que as de depósito de mercadorias em trânsito. O silêncio de Hurst tanto sobre essa passagem de Procópio quanto sobre as cisternas ao longo da costa está em consonância direta com duas posições contínuas que defende: a primeira, a ênfase em como a estruturação da *annona* foi responsável pela caracterização da cidade; a segunda, como o enrijecimento da cobrança imperial para o período tardio implica ainda mais na materialidade e na organização das formas e dos espaços de trabalho.

adquiriu claro destaque sobre a via, ao custo dos espaços pedonais, embora não tenha afetado o fluxo interno da rua. Outro elemento que lhe garantiu realce nesta paisagem foi a topografia do terreno. Instalado no início do verdadeiro *clivus*, que seguia caminho íngreme rumo ao topo de Byrsa, seu avanço relativamente pequeno, de 1,30 m, somado com a estrutura que deveria sustentar, dava-lhe saliência e, por conseguinte, destaque em relação aos demais edifícios do *decumanus*, morro acima e abaixo. De igual modo, essas mudanças o adequavam às demais características que as proximidades do bairro adquiriam, em especial as do *limes maritimus*. Porém, não é demais lembrar, com uma diferença notável: neste caso, a rua foi estreitada.

Os pórticos construídos sobre o *cardo XIII* Leste de Cartago, nas proximidades do *decumanus maximus* e diante do edifício público, também foram realizados em uma região de acentuada circulação de pessoas. Três características corroboram esta afirmação. A primeira diz respeito a sua localização topográfica. Embora estivesse numa elevação considerável em Byrsa, o *cardo XIII* era transitável até por carros de tração animal e seu trajeto atravessava a colina no ângulo nordeste-sudeste. Não por acaso, o trajeto da moderna estrada que cruza toda a região, *Route La Goulette*, antiga continuação da Av. Habib-Bourguiba, sobrepõem-se quase que por inteiro o traçado do vizinho *cardo XII* Leste⁴⁷⁷. A segunda está conectada à hipótese dos usos e funções do edifício público como uma segunda basílica civil na cidade, que se beneficiaria também da posição privilegiada entre esses *cardines* que conectavam com possibilidade de trânsito de veículos com rodas quase toda a cidade⁴⁷⁸. Nesse sentido, dois aspectos merecem realce. Primeiro, a construção de *tabernae*, aproveitando-se do relevo, abaixo do edifício de grandes proporções assemelha-se, de modo formal, em muito com as estruturas da basílica judiciária de Byrsa e do *vicus argentariorum*, localizados algumas ruas a oeste, seguindo o *decumanus maximus* colina acima. Além disto, a existência de uma segunda basílica para uma cidade com as dimensões de Cartago é esperada, como já salientou Pierre Gros⁴⁷⁹. A terceira característica que incide na intensa circulação e dinamismo da região também está conectada com inferências sobre a presença de outra estrutura pública. Para ser mais preciso, corresponde ao debate sobre o segundo *forum* da cidade. Dadas suas proporções

⁴⁷⁷ Seu prolongamento em linha reta evita, ao norte, as colinas abruptas de Byrsa e Amílcar, e conecta, assim, o cabo de Cartago até Sidi Bou Saïd. Sobreposição semelhante é notada entre o *decumanus I* Norte e moderna Av. de la République, no espaço central da cidade, que segue um traçado no vale que existe entre a colina de Byrsa e a de Juno, no subúrbio oeste da cidade e forma um eixo de circulação que, em oposição ao *decumanus maximus* vizinho, contorna o platô do *forum* antonino em Byrsa. Sobre isto, ver: RAKOB, Friedrich. *Recherches dans le centre de la ville de Carthage*. p. 84.

⁴⁷⁸ Proposição feita também pela equipe de escavação: RAKOB, Friedrich. *Recherches dans le centre de la ville de Carthage*. p. 86.

⁴⁷⁹ **Byrsa III**. p. 152.

e número de habitantes, assim como deveria possuir duas basílicas civis, Cartago deveria possuir mais de um *forum*⁴⁸⁰. Um fator em especial contribui para a existência e necessidade desse segundo: aquele localizado no topo de Byrsa, embora tivesse assumido plenamente incumbências políticas e jurídicas, sem mencionar religiosas, não poderia comportar funções comerciais plenas, como outros *fora*. Dado às impraticabilidades e impossibilidades do alcance de veículos com rodas e transporte de mercadorias para chegar ao topo da colina, acessível apenas por degraus, outro *forum* com tais aspectos de praça comercial deveria localizar-se nessa faixa da “cidade baixa”, na parte costeira e, bem provável, próximo às estruturas portuárias.

A existência na cidade de um *forum* com esses atributos é atestada por algumas fontes textuais e sua proximidade com a costa estava logo no nome pelo qual era conhecido: *platea/agora maritima*. Começo pela fonte mais tardia que o menciona, o livro de Procópio sobre as realizações edilícias de Justiniano após as guerras de reconquista. Dentre as construções que Justiniano patrocinou em Cartago, Procópio reporta que foram elaborados pórticos (στοῶς) em cada um dos lados da “*chamada ágora marítima (Μαριτίμου ἀγορᾶς)*”⁴⁸¹. A forma com que enuncia a construção demonstra tanto existir uma praça anterior à ocupação bizantina que era conhecida pela sua particular posição próxima ao mar, quanto permite indagar que esta adjetivação da *agora* era um elemento de distinção para com outra (ou outras) existente ou que existiu na cidade⁴⁸².

Outra menção a esta praça pública é encontrada em Agostinho. Era na *platea maritima* de Cartago que ele diz haver uma série de mosaicos com figurações de seres humanos aberrantes, ou quase humanos, retirados de livros de histórias curiosas⁴⁸³. Suas caracterizações de ornamentação figurativas de mosaicos apontam para uma grandiosidade para tal espaço público. Com isto, não é de se estranhar a possibilidade da relação direta com a aquisição de pórticos em seu perímetro para aumentar ainda mais sua imponência, tal como em outras outros casos do Império, se for considerado a continuidade de seu uso e a correspondência com a ágora mencionada por Procópio⁴⁸⁴. Em outra passagem, Agostinho

⁴⁸⁰ Cf. GROS, Pierre. Le forum de la haute ville. p. 643.

⁴⁸¹ Procópio. *Aed.* VI.5.10. ἔτι μέντοι καὶ στοῶς ἑκατέρωθι τῆς Μαριτίμου ἀγορᾶς καλουμένης ἐδείματο (em evidência o trecho traduzido; o destaque é meu).

⁴⁸² GROS, Pierre. Le forum de la haute ville. p. 644.

⁴⁸³ Agost. *Civ. Dei.* XVI.8.1: [...] *et cetera hominum vel quasi hominum genera, quae in maritima platea Carthaginis musivo picta sunt, ex libris deprompta velut curiosioris historiae.*

⁴⁸⁴ É possível outra vez correlacionar, embora com proposições e significados distintos, as construções de mosaicos na *Piazzale delle corporazioni* ostiense, e, de modo mais próximo ao caso cartaginês, os pisos de mosaicos figurados do período bizantino encontrados em pórticos e na ágora em Scythopolis. Para Óstia e a

também indicou algumas das atividades realizadas nesta *platea maritima*. Suas descrições se encontram quando narra os motivos que o levaram a escrever uma pequena obra polêmica *Contra o adversário da Lei e dos Profetas* (*Contra adversarium Legis et Prophetarum*). Escrita por volta de 418-422, a obra atendia a uma solicitação de cristãos de Cartago pelo auxílio intelectual do bispo para refutar uma heresia que era pregada na cidade⁴⁸⁵. O pedido foi feito pois, como descreve em suas *Retratações*, um livro de um certo herege desconhecido “era lido na *platea maritima* em Cartago, para uma afluyente multidão de ouvintes atentíssimos”⁴⁸⁶. No início de *Contra o adversário da Lei e dos Profetas*, Agostinho fornece mais detalhes desse contexto: “O livro que me enviastes, caríssimos irmãos, de autoria de não sei qual herege, e que encontrastes (...) na *platea maritima*, quando o códice era posto à venda e lido a uma turba atraída pela perigosa curiosidade e o prazer da leitura”⁴⁸⁷. Esses pequenos detalhes mencionados por Agostinho auxiliam a dar vida à praça e a compreender alguma de suas dinâmicas e particularidades. Primeiro, o mais evidente, o exercício de leitura pública em um *forum* da cidade. Segundo, a presença de uma “multidão afluyente” (*multis confluentibus*), em movimento por este espaço e que, atraída pelas palavras enunciadas, parava e escutava com atenção os dizeres proferidos mesmo por um estranho. Terceiro, esta própria característica de um espaço que pode tanto congregar como ser lugar de passagem para os que ali se encontravam. O quarto e último ponto é que, junto com a leitura, ocorria a venda de exemplares desses textos, razão pela qual o códice chegou às mãos de Agostinho. Este conjunto de práticas realizadas na *platea maritima* corrobora a ideia de que esta praça pública próxima ao mar era um espaço de grande movimentação e circulação de pessoas, bem prováveis trabalhadores, uma *turba* atenta às leituras deleitosas⁴⁸⁸, em transações constantes

disposição dos mosaicos no interior da praça e seus impactos visuais, ver: BAKKER, J. Th. *The Piazzale delle Corporazioni* in Ostia Antica: description and interpretation. Disponível em <<http://www.ostia-antica.org/corp.htm>>, visualizado em: 19/07/2021. Sobre as instalações de Scythopolis, tanto na *ágora* quanto de mosaicos no interior de pórticos, ver: LAVAN, Luke. **Public Space in Late Antiquity**. vol. 1. p. 49, 343; vol. 2. p. 311-312, 318-319, 324, 617-618. TSAFARIR, Yoram; FOERSTER, Gideon. Urbanism at Scythopolis-Bet Shean in the Fourth to Seventh Centuries. **DOP**, vol. 51, p. 85-146, 1997. p. 112-114, e fig. 55.

⁴⁸⁵ Sobre a obra: MADRID, Teodoro C. Introduccion. In: **Obras completas de San Agustín, XXXVIII**: Escritos contra los arrianos y otros herejes. Madrid: BAC, 1990. p. 667-673, para datação: p. 670.

⁴⁸⁶ Agost. **Retractio**. II.58: (...) *cum apud Carthaginem multis confluentibus et attentissime audientibus, in platea maritima legeretur* (...).

⁴⁸⁷ Agost. **Contra adv. legis et prophetarum**. 1.1: *Libro, quem misistis, fratres dilectissimi, nescio cuius haeretici invento, sicut scripsistis in platea maritima, cum venalis codex ipse ferretur et concurrentibus turbis periculosa curiositate et delectatione legeretur* (...). (trad. Julio Cesar Magalhães de Oliveira).

⁴⁸⁸ Sobre a composição destas audiências e questões dos espaços de encontro e comunicação plebeias, ver: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Communication and Plebeian Sociability in Late Antiquity: The View from North Africa in the Age of Augustine. In: GRIG, L. (ed.). **Popular Culture in the Ancient World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 296-317, esp. p. 309; tais argumentos foram retomados em: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. **Sociedade e cultura na África romana**: oito ensaios e duas traduções. São Paulo: Intermeios, 2020. p. 135-154, esp. p. 152-153.

nas cercanias dos portos, com venda de bens, no caso livros, voltados também a esse grande público⁴⁸⁹.

Dadas as evidências literárias a respeito da existência da *platea maritima*, fica a questão: em qual lugar da cidade, de fato, ela poderia estar localizada? Seria uma praça pública ou um bulevar com pórticos vizinho ao mar?⁴⁹⁰ Tais perguntas mobilizaram discussões e trabalhos diversos. Em estudo recente realizado por John Whitehouse e Sami Harize é possível encontrar um levantamento expressivo das proposições anteriores desse debate. Para além desta discussão, após uma revisão das evidências literárias existentes e dos resultados produzidos por escavações feitas na “cidade baixa” em diversos momentos ao longo do século XX, com especial atenção para os das equipes britânicas e alemãs das campanhas de salvaguarda da UNESCO, Whitehouse e Harize indicaram um local potencial para a instalação desse *forum*. Por meio de um método que utilizou indicadores includentes e excludentes da documentação material analisada para mapear a localização de um sítio que fosse capaz de abrigar um espaço construído aberto amplo, sem marcas de instalações edilícias estruturais em seu interior e estivesse situado nas proximidades da orla e dos portos. Como resultado, os autores propuseram a hipótese de que a *platea maritima* estivesse

⁴⁸⁹ Comparar com as semelhanças da agitação da vida nas *agorai* narradas por João Crisóstomo, levantadas em LAVAN, Luke. *The Agorai of Antioch and Constantinople as seen by John Chrysostom*. In: DRINKWATER, J.; SALWAY, B. (Eds.). **Wolf Liebeschuetz reflected: essays presented by colleagues, friends, & pupils**. London: Institute of Classical Studies, University of London, 2007. p. 157-167. Importante correlacionar a menção de Luke Lavan sobre a presença dos vendedores de livros presentes no pátio aberto da Basílica em Constantinopla: LAVAN, Luke. **Public Space in Late Antiquity**. vol. 1. p. 396.

⁴⁹⁰ Sobre a interpretação de que a *platea maritima* fosse, na realidade, uma extensa avenida provida de pórticos ao longo da faixa costeira, ver DUVAL, Noël. *L'état actuel des recherches archéologiques sur Carthage chrétienne*. **Antiquité Tardive**, n. 5, p. 309-350, 1997. p. 322-323. O próprio Friedrich Rakob propôs que a *platea maritima* estivesse posicionada no *lungomare*, no ponto em que há um avanço de terra artificial no antigo trajeto do *cardo XVIII*, em RAKOB, Friedrich. *Recherches dans le centre de la ville de Carthage*. p. 95, 106, n. 131. Nesse sentido, *platea maritima* e *forum* da cidade baixa seriam dois espaços distintos na paisagem da cidade. Não sigo estas interpretações aqui por dois motivos: primeiro, a dualidade do termo *platea*, que poderia significar tanto avenidas largas quanto espaços abertos, e uma tendência cada vez maior da aplicação deste último significado no decorrer da Antiguidade Tardia; o segundo é o relato de Procópio, que permite vislumbrar uma continuidade de uso dessa praça pública, “chamada de ágora marítima”, em uma convergência direta entre *platea* e *agora/forum*. Sobre o duplo significado de *platea* e suas aplicações para praças públicas no período tardio, a partir de evidências epigráficas, inclusive norte-africanas, ver: TRIFILÒ, Francesco. *Text, space, and the urban community: a study of the platea as written space*. In: SEARS, G.; KEEGAN, P.; LAURENCE, R. (Eds.). **Written space in the Latin West, 200 BC to AD 300**. London: Bloomsbury, 2013. p. 169-183. esp. p. 177-180. A transição de sentido de *platea* numa longa duração também foi estudada por Hendrik Dey em um importante levantamento documental, que estabelece essa mudança num período muito posterior, no século XII, mas suas análises contam com ausências notórias de evidências como o próprio Agostinho ou epigráficas que tensionam e enfraquecem sua interpretação final: DEY, Hendrik. *From “street” to “piazzza”: urban politics, public ceremony, and the redefinition of platea in communal Italy and beyond*. **Speculum**, vol. 91, n. 4, p. 919-944, 2016. Sobre o significado de *platea* atribuído às ruas na virada do período republicano para o imperial, com discussão bibliográfica anterior, ver: KAISER, Alan. **Roman urban street networks**. p. 27-31. As definições de *platea* também foram discutidas previamente no artigo pioneiro de HARSH, Philip W. *Angiportum, platea, and vicus*. **Classical Philology**, vol. 32, n. 1, p. 44-58, 1932.

localizada no interior de uma área quadrilátera imensa, que cobriria 6 *insulae*, e seria limitada ao norte pelo *decumanus* I Sul, ao sul pelo *decumanus* III Sul, a leste pelo *cardo* XVI Leste, e a oeste pelo *cardo* XIII Leste⁴⁹¹ (**Figura 28**).

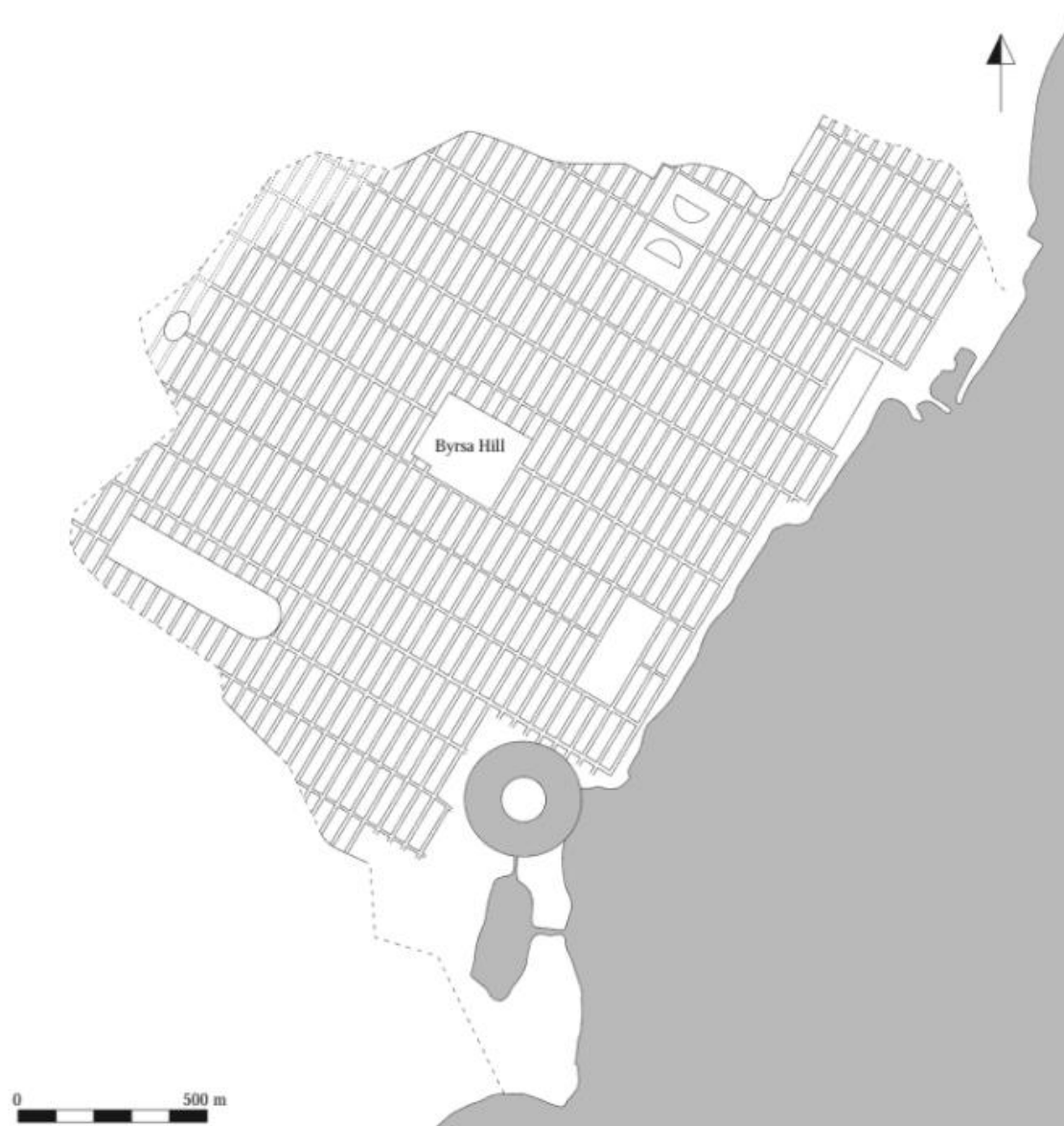


Figura 28: Plano geral de Cartago com a localização hipotética da platea marítima. Após J. Whitehouse e S. Harize (2020, p. 366).

Nessa hipótese, portanto, um dos limites dessa ampla praça pública seria justamente a esquina ao sul do quarteirão em que estava a possível basílica civil. Ou seja, localizado no mesmo *cardo* XIII Leste, pouco mais de uma centena de metros de onde foram construídas as colunas sobre as ruas. A possível existência de um segundo *forum* e de uma segunda basílica, a proximidade com o *decumanus maximus* e a transitabilidade da rua que atravessava toda

⁴⁹¹ WHITEHOUSE, John; HARIZE, Sami. Appendix. p. 380.

Cartago colocam os avanços dos edifícios sobre o *cardo* XIII Leste numa perspectiva evidente de presença e de ganho de visibilidade em um setor importante de longa data no panorama da cidade. Se foram lojas que ocuparam as unidades no piso térreo, tal como as *tabernae* que estavam à sua frente, o ganho virtual e real se compararia aos do edifício ao norte do porto circular. Entretanto, com avanço de quase 2 m das colunas sobre a via, o fazer notar-se neste contexto de alta intensidade resultou em uma redução acentuada da largura da *cardo*, com efeitos diretos sobre os modos de locomoção dos transeuntes e, sobretudo, dos veículos que passariam por ali.

De qualquer maneira, ainda que uma *platea maritima* não estivesse localizada nas proximidades do edifício do *cardo* XIII Leste, não podemos deixar de diminuir a importância de fluxo que a via possuía. Seja por ter sido um dos principais *cardines* viáveis, com traçado que atravessava a cidade de norte a sul, seja por outros edifícios públicos que geravam atração e, subsequente, aglomeração, como aquele diante o qual os pórticos foram construídos.

2.2.2 Sabratha, fluxos e mudanças em fins do século IV: a emergência de novas relações sensoriais?

Algumas dessas mesmas mudanças sensoriais vistas em Cartago podem ser exploradas com os avanços sobre as ruas e espaços públicos ocorridos em Sabratha. Na *insula* 11, *Regio* VI, por exemplo, os pórticos de sua extremidade leste abriam-se para uma praça, que, em sua lateral oposta, possuía outra fileira de colunas diante da fachada de pequenas unidades. Embora não possamos identificar ao certo as práticas realizadas nestes espaços, algumas proposições podem ser feitas dada as formas de suas estruturas e suas localizações correspondentes. Em primeiro lugar, a abertura para a praça, a presença dos pórticos diante de pequenas unidades, que possuíam de um a três cômodos, aponta para usos, sobretudo, como de lojas, de trocas comerciais, sem excluir a produção e venda de alimentos e bebidas⁴⁹². Inclusive, em um dos cômodos da *insula* foram encontrados grafites com anotações contábeis de seus ocupantes⁴⁹³. Se existentes, tais atividades de produção e comércio alimentícios devem ser complementadas com o fato de que diversas instalações de tanques para salga de peixes e/ou produção de *garum* foram encontradas em *insulae* vizinhas a leste e ao sul⁴⁹⁴. Em

⁴⁹² Suas composições seriam mais modestas que as existentes em bairros vizinhos com essa mesma vocação, como as *Regiones* II e V: CONTICELLO, Baldassare. *Saggi di scavo*. p. 127.

⁴⁹³ CONTICELLO, Baldassare. *Saggi di scavo*. p. 127, fig. 10.

⁴⁹⁴ Cf. WILSON, Andrew. *Commerce and Industry in Roman Sabratha*. *Libyan Studies*. Vol. 30, p. 29-52, 1999. para descrição dos tanques das *Regiones* VI e VII: p. 29-33. Sobre a vida portuária da cidade e o comércio

termos de movimentação, isto deveria gerar fluxos e contrafluxos entre a região e a faixa costeira, que não lhe era tão próxima, para fornecimento de peixes e escoação da produção. Como notou Andrew Wilson em sua reavaliação da situação desses tanques, os edifícios em que estavam instalados não possuíam espaços para estocagem, o que sugere uma rápida redistribuição do produto finalizado⁴⁹⁵. O destino desses produtos poderia ser, como defende Wilson, o porto, para exportação, o *forum* e outras praças comerciais, para abastecimento local e, dentro deste último item, pode ser acrescentado os estabelecimentos de venda de comidas preparadas da vizinhança. Deste modo, a praça em que foram instalados os pórticos poderia ser ou um destino final dessa produção – como ponto de revenda em estado bruto ou após a preparação em pratos – ou um lugar de passagem situado no trajeto para a costa.

Vista, assim, de uma perspectiva mais ampla da topografia urbana da cidade, a praça se encontrava num espaço de deslocamento e usos intensos. Situava-se a um quarteirão de distância tanto, na direção leste, da principal via de acesso ao *forum* do centro antigo, quanto, na direção norte, do denominado *decumanus maximus*, que atravessava e conectava as antigas e novas *Regiones* sabrathenses. A construção posterior dos pórticos nesse setor de intenso fluxo, próxima de cruzamentos de vias que conectavam tanto os principais edifícios públicos políticos e portuários, quanto os bairros a leste e seus polos de atração, e diante uma praça pública com claras vocações comerciais, não afetou diretamente as locomoções pelos *cardines* e *decumani* de seus entornos. Mas isto não quer dizer que seus avanços não afetaram seus arredores. Basta recordar que na calçada do pórtico, que possuía amplo espaço para trânsito e era elevado ao nível da praça, foi construída uma mureta que dividiu a fachada da *insula* em duas partes. A posição dessas inserções de colunas, desse modo, atuava de modo direto na captura da atenção dos transeuntes. Ação que contava com um modo particular de operar, pois, como já apontado, as experiências visuais, as formas de presença e as funcionalidades práticas de uso dessas *tabernae* seriam, por um lado, compartimentadas num enquadramento disruptivo, que daria ênfase nas diferenças entre as unidades, e, por outro, ganhariam destaques/prejuízos no interior dessas mesmas compartimentações e diferenças. Um exemplo simples e direto dessa relação lateral “tensa” seria a dificuldade de visualização das estruturas posicionadas ao norte do muro por aquele que transitasse no *decumanus* oposto, ao sul da *insula*; e vice-versa.

de produtos à base de peixe, ver também: AIOSA, Sergio. Il Quartiere del porto. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. (Eds.). *Sabratha*. p. 132-133.

⁴⁹⁵ WILSON, Andrew. Fish-salting workshops in Sabratha. In: LAGÓSTENA, L.; BERNAL, D.; ARÉVALO, A. (eds.). *Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la Antigüedad*. Universidad de Cádiz, Noviembre 2005. Oxford: B.A.R., 2007. p. 173-181. p. 178.

Por sua vez, os pórticos que avançaram sobre o denominado *decumanus maximus* estavam diante daquela que era a principal (e até hoje a única encontrada) via que conectava a cidade de leste a oeste, do anfiteatro até as extremidades ocidentais das *Regiones* I e VI⁴⁹⁶. Na altura da invasão da via pelas colunas das *insulae* 1 e 3 da *Regio* IV, estavam, em sua face norte, as termas que foram ocupadas, entre fins do século IV e inícios do V, pela denominada igreja 3. A leste, localizavam-se as chamadas termas do teatro e, ao sul, o edifício que dominava a paisagem da região, o próprio teatro. Todas essas construções públicas eram claros focos de atração e impulsionavam e ditavam os ritmos da movimentação da região por diferentes motivos, seja pelo entretenimento do teatro, pelas amenidades, higiene e sociabilidade das termas ou, em período posterior, pela religiosidade. Agir sobre essas passagens viárias tornava-se, portanto, um meio de projeção na própria dinâmica do fluxo urbano e seus impactos poderiam causar, para além da manifestação das tentativas de distinção diante dos edifícios vizinhos, a alteração do tráfego para vias próximas. Isto pode ser conjecturado a partir do exemplo do *cardo* entre essas mesmas *insulae* 1 e 3. A despeito da discrição impressa tanto na linha vertical quanto a rés do chão com a construção dos pórticos e das estruturas e possíveis andares que se apoiavam sobre eles, o fluxo de acesso de pedestres em direção ao teatro por esta via pode ter sido reduzido, enquanto o de carros traçados por animais tenha sido quase impossibilitado dado as diminuições sofridas pela rua, que passou a contar com pouco mais de 2,5 m de largura. Com isto, o acesso com carros tanto às *insulae* mais ao sul quanto ao edifício de espetáculo pode ter sido transferido para os *cardines* vizinhos na direção leste e oeste. Vale lembrar, nesse sentido, que no *cardo* a oeste, que estava entre as *insulae* 1 e 2, da *Regio* IV, e as *insulae* 1-5, da *Regio* V, houve avanço das colunas apenas nos edifícios diante do teatro, num ponto em que a rua possuía uma maior abertura.

Um fenômeno particular pode ter chamado atenção no parágrafo anterior, com implicações diretas na alteração das dinâmicas viárias. Para análise dos impactos das construções das colunas sobre as ruas em Sabratha é preciso estar atento para as mudanças significativas em relação às funcionalidades e às discontinuidades de uso dos edifícios durante a virada do século IV para o V, e, por conseguinte, para suas transformações enquanto focos de atração e circulação de pessoas. Decorrente dos já citados infortúnios sofridos nos últimos 30/40 anos do século IV na cidade, somado com a difusão do cristianismo e

⁴⁹⁶ Muito se argumentou da via ser um trecho da estrada que conectava Alexandria a Cartago. Sobre esse debate, com defesa de uma interpretação de que tal estrada devesse estar mais ao sul do assentamento urbano, ver: AIOSA, Sergio. *Il Decumano massimo*. p. 135-136.

impressão cada vez maior de sua existência na paisagem urbana⁴⁹⁷, ocorreram abandonos, reformas, decomposições e reestruturações mais acentuadas de diversos edifícios por todas as *Regiones* de Sabratha. Os destinos dados a esses ambientes construídos envolviam reconfigurações espaciais, de acordo com novos propósitos para cada unidade, que impactavam de modo direto nos níveis de circulação, uso e formas de aglomeração.

Três exemplos conhecidos da região leste da cidade demonstram as faces intrincadas dessas ocorrências. Primeiro, a supracitada transformação das termas ao norte do *decumanus maximus* em igreja. Este caso demonstra uma síntese do remanejamento de estruturas que podem ter sofrido profundas transformações após abalos sísmicos e/ou falta de manutenção (as termas eram a maior da cidade⁴⁹⁸) e consecutiva adaptação para um complexo eclesiástico construído às custas da incorporação de um *cardo* em seu interior e da alteração funcional de um segundo edifício, um armazém de enormes proporções, do qual apenas uma pequena parte foi utilizada para a construção da chamada igreja 4⁴⁹⁹. Assim, embora as formas arquitetônicas e, sobretudo, as práticas e significações desses espaços construídos tenham sido modificadas, é possível afirmar que o contínuo uso dessa localização como espaço de reunião, agora de fiéis cristãos, manteve a circulação de pessoas pelas ruas na região.

⁴⁹⁷ A bibliografia a respeito das construções das igrejas e consecutivas demarcações religiosas cristãs no mundo urbano é imensa. Deste vasto campo, limito-me apenas a fazer referências pontuais a obras quase que incontornáveis e basilares. Antes, para uma introdução atualizada das perspectivas sobre formas de apropriação e reestruturação das cidades por práticas cristãs, indico: LATHAM, Jacob. Ritual and the Christianization of urban space. In: URO, R. *et al.* (Eds.). **The Oxford Handbook of Early Christian Ritual**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 684-702. Em meio as obras desse campo, primeiro destaque o ainda importante trabalho de Robert Markus, que, dentre outros temas, analisou os debates entre membros eclesiásticos a respeito da sacralidade ou não dos lugares, dos edifícios, e mesmo das próprias igrejas na Antiguidade Tardia: MARKUS, Robert A. **The end of Ancient Christianity**. esp. p. 139-179. Ao lado dele, menciono outro trabalho que se tornou marco no mapeamento e na história da difusão do cristianismo na topografia urbana, centrado na análise da cidade de Roma, feita por: PIETRI, Charles. **Roma christiana. Recherches sur l'Église de Rome, son organisation, sa politique, son idéologie, de Miltiade à Sixte III (311-440)**. Rome : Ecole française de Rome, 1976. esp. p. 461-573. Vale mencionar o levantamento pioneiro das formas de ocupação das igrejas em antigos edifícios feito por: CANTINO WATAGHIN, G., '...*Ut haec aedes Christo Domino in ecclesiam consecratur*'. Il riuso cristiano di edifici antichi tra tarda antichità e alto medioevo. In: **Ideologie e pratiche del reimpiego nell'Alto Medioevo. Settimane di studio del centro italiano di studio sull'alto medioevo, vol. II**. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1999, p. 673-749. Um panorama historiográfico atualizado das transformações urbanas sabrathenses com a difusão do cristianismo foi realizado por: BONACASA CARRA, R.M.; CIPRIANO, G.; VITALE, E. Sabratha Cristiana. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. (Eds.). **Sabratha**. p. 141-166. Ainda sobre a materialidade das construções cristãs em Sabratha, ver a compilação de: WARD-PERKINS, John Bryan. GOODCHILD, Richard G. The Christian Antiquities of Tripolitania. **Archaeologia**, vol. 95, p. 1-84, 1953. p. 7-19.

⁴⁹⁸ Segundo o cálculo hipotético, teriam cerca de, junto com seus anexos, 3000 m². Cf.: BONACASA CARRA, Rosa Maria; BONACASA, Nicola. Nuovi dati sugli edifici termali di Sabratha. **Études et Travaux**, n. XXX, p. 125-153, 2017. p. 142; BONACASA, Nicola. Roma in area punica: le terme di Sabratha. **Bolletino di Archeologia on line**. Vol. 1, p. 37-54, 2010. p. 42. Disponível em: <http://bollettinodiarcheologiaonline.beniculturali.it/wp-content/uploads/2019/01/6_BONACASA.pdf>; visualizado em: 21 de outubro de 2022.

⁴⁹⁹ BONACASA CARRA, Rosa Maria. Il complesso paleocristiano. p. 212-213.

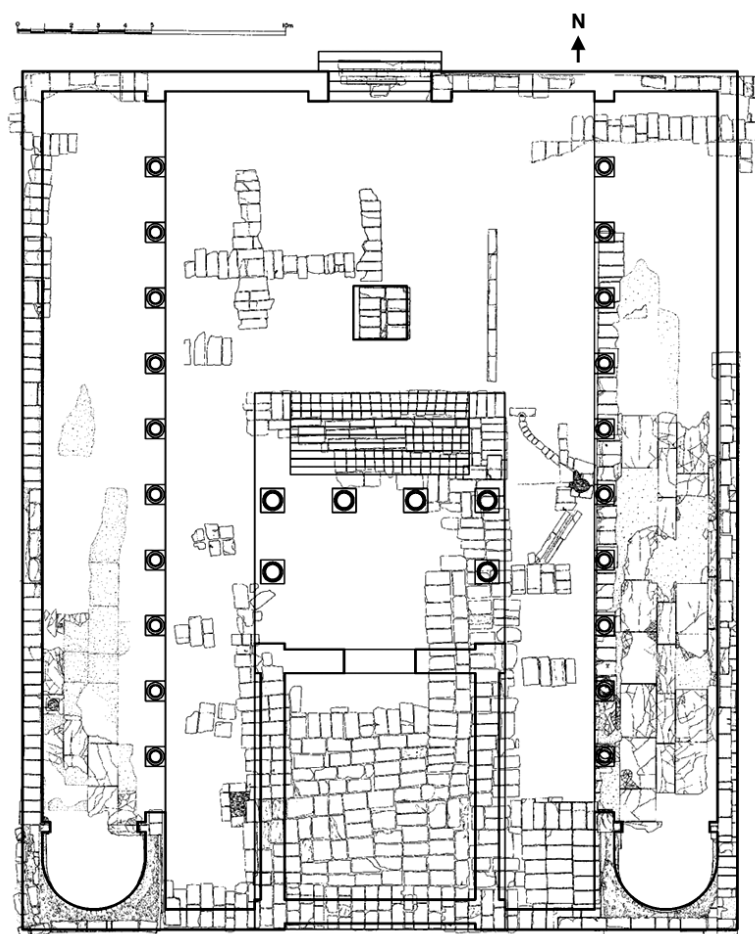


Figura 29: Plano do templo de Hércules. Após S. Aiosa (2012a, p. 315, fig. 2).

O segundo edifício também apresenta entrelaçamentos com o mote religioso: o templo de Hércules (*Figura 29*)⁵⁰⁰. Há indícios de seu uso ainda como local de práticas religiosas que datam do decênio de 340-350⁵⁰¹. Contudo, em algum ponto entre os últimos anos do século IV e os primeiros do século V, suas estruturas sofreram reformulações após uma fase de ruptura e abandono, atribuída por seus escavadores ao famigerado terremoto de 365. Quando parcialmente em ruínas, seu espaço foi reocupado em um período que, embora não se saiba ao certo, não deva ter tardado. As finalidades do edifício (ou edifícios) instalado com reaproveitamento de suas estruturas e materiais ainda são objetos de discussão. Mas, dadas as mudanças posteriores, é muito provável que, ao menos em partes, tenha sido transformado em

⁵⁰⁰ Para a história do edifício, com ênfase nos processos de escavação, ver: CAPUTO, Giacomo; GHEDINI, Francesca. **Il tempio d'Ercole di Sabratha**. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1984. p. 7-14.

⁵⁰¹ Duas inscrições permitem essa afirmação. Uma em homenagem aos imperadores Constante I e Constâncio II, em que há a menção de Hércules (**IRT 7**); e, a segunda, erigida para um homenageado anônimo, encomendada por certo *Caius Aurelius Felicianus Damasius*, que era sacerdote do deus Hércules, além de flâmine perpétuo, duúviro quinquenal, e curador dos bens públicos (**IRT 104**). Para a discussão de ambas as inscrições, ver: LEPALLEY, Claude. **Les cités II**. p. 374, 377; CAPUTO, Giacomo; GHEDINI, Francesca. **Il tempio d'Ercole**. p. 14-16; AIOSA, Sergio. *Urbanistica e ideologia*. p. 324.

igreja, instalada com reuso da infraestrutura do pórtico lateral com abside na parte ocidental do antigo templo⁵⁰². Embora não seja possível datar de modo mais preciso o momento desse cambiamento, sua instalação evidencia a continuidade não apenas do uso desse espaço construído, como também evoca certo esforço em afirmar e imprimir uma conquista espacial religiosa⁵⁰³. Neste sentido, a construção deliberada da igreja neste local adquire um significado religioso evidente, ampliado com a proximidade do complexo eclesiástico ao norte, mas que, ao mesmo tempo, aproveita-se e mantém em continuidade a ocupação de um dos principais espaços de circulação da cidade. Movimentação que pode ser ampliada se pensarmos na hipótese de Sergio Aiosa da existência de um segundo *forum* da cidade localizado bem em frente a face norte do edifício, com aspecto mais comercial do que aquele do centro antigo⁵⁰⁴.

O terceiro caso é o do edifício dominante da paisagem na região, o teatro (**Figura 30**). Outra vez, não se sabe ao certo quando ocorreram as mudanças que marcam seu fim, embora a causa sim: um grande incêndio foi responsável pelo início de sua fase de abandono⁵⁰⁵. Contudo, entre abandono e reocupações posteriores, com possíveis finalidades habitacionais, ocorridas nos períodos de dominação vândala e bizantina, suas estruturas viraram uma espécie de fonte de materiais de construção para diversas edificações da cidade⁵⁰⁶. Graças à datação do reemprego de seus materiais em outros edifícios que foi possível ter uma ideia do fim definitivo de seus usos para espetáculos. Um dos reempregos mais recentes foi realizado durante a construção da chamada igreja 4. Na ocasião, seis colunas provenientes da *scaena* do teatro foram retrabalhadas e reutilizadas como degraus na escada de acesso para a abside

⁵⁰² Esta interpretação é baseada nas escavações e hipóteses desenvolvidas por: AIOSA, Sergio. *Cristiani fra le rovine. Ipotesi sul riuso del Tempio di Ercole a Sabratha*. In: BONACASA CARRA, R.S. (Ed.). **Pagani e Cristiani a Sabratha e Leptis Magna tra III e VI secolo dC**: Monumenti e reperti, tradizioni e immagini. Palermo: Antipodes, 2012. p. 13-30; para a discussão acerca das reocupações, p. 21-23, 25.

⁵⁰³ Uma síntese da discussão sobre a topografia religiosa cristã no interior das cidades norte-africanas, com apontamento de suas particularidades locais, pode ser encontrada em: SEARS, Gareth. **Late Antique African urbanism**: continuity and transformation in the city. Oxford: BAR, 2007. p. 17-21. A respeito dos vários destinos dos templos norte-africanos, ver: SEARS, Gareth. *The fate of the temples in North Africa*. In: LAVAN, L.; MULRYAN, M. (Eds.). **The Archaeology of Late Antique 'Paganism'**. Leiden: Brill, 2007a. p. 229-259; esp. para Sabratha e Tripolitânia, p. 240, 245-6; LEONE, Anna. **The end of the Pagan city**: religion, economy, and urbanism in Late Antique North Africa. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 28-46, 55-82.

⁵⁰⁴ AIOSA, Sergio. *Urbanistica e ideologia*. p. 320-323.

⁵⁰⁵ Cf. GUIDI, Giacomo. *Il teatro romano di Sabratha*. **Africa Italiana**, v. 3, n. 1-2, p. 1-52, 1930. p. 3, 50-52. Como de costume, tal incêndio foi atribuído aos abalos sísmicos de 365, embora não haja elementos materiais no relatório de Giacomo Guidi que permitam comprovar tal afirmação, a não ser as descrições de traços sucessivos de incêndios, sobretudo em sua metade ocidental.

⁵⁰⁶ Por exemplo, elementos arquitetônicos encontrados na basílica do *forum*, GUIDI, Giacomo. *Il teatro romano di Sabratha*. p. 22. Sobre elementos arquitetônicos esparsos no sítio: **Excavations at Sabratha**. p. 226.

elevada da igreja⁵⁰⁷. Portanto, a data da construção desta basílica marca, portanto, um *terminus post quem* para, após o abandono estrutural, a reapropriação e reemprego dos materiais do teatro, a saber, entre fins do século IV e inícios do V.

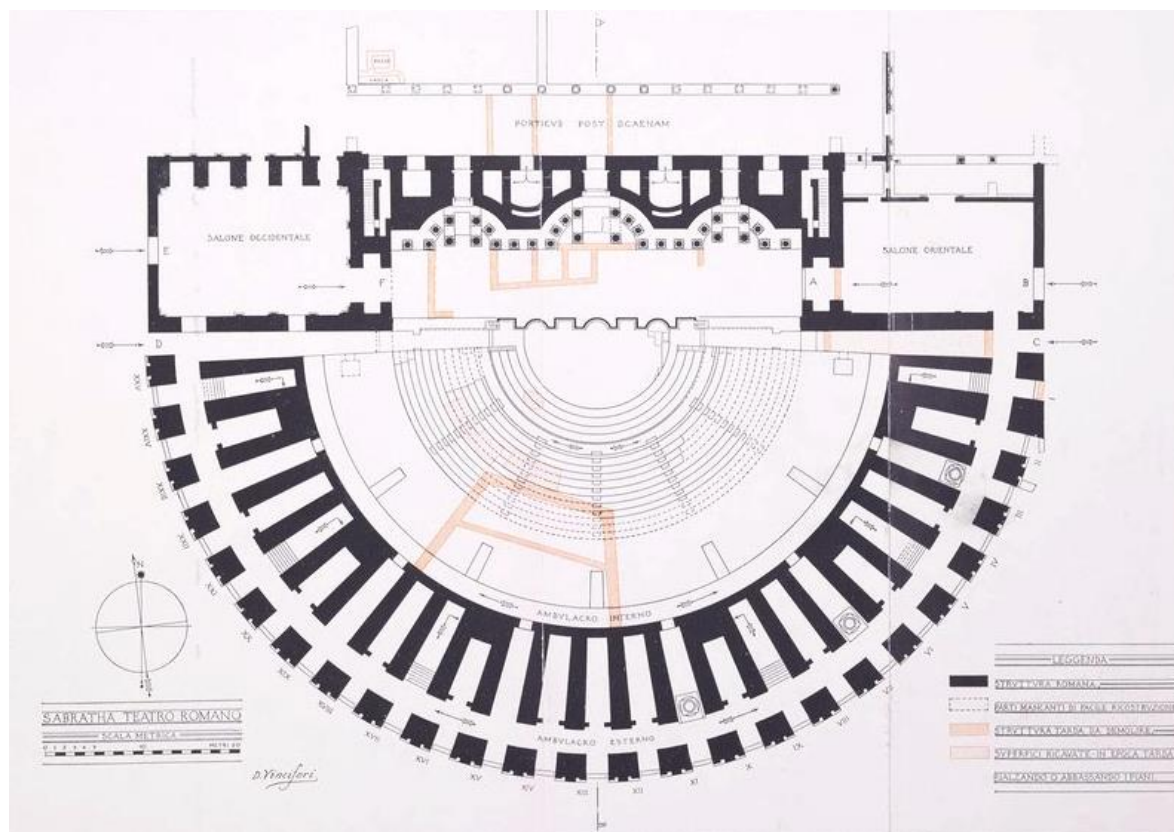


Figura 30: Plano do teatro de Sabratha com indicações das inserções tardias, realizado por Diego Vincifori, publicado no ano de 1930. Seguindo a legenda: em negro, as “estruturas romanas”. Em tracejado: reconstituições de partes não encontradas. Em amarelo-claro: “estrutura tardia a ser demolida”. Plano extraído de G. Guidi (1930, n.p., tav. 1).

Não foram poucas as mudanças que acompanharam o entorno próximo do teatro. O fim de seu uso enquanto espaço de espetáculos, a não continuidade de ocupação de algumas *insulae* vizinhas⁵⁰⁸ e a posterior instalação de áreas mortuárias em uma delas já nesse

⁵⁰⁷ BONACASA CARRA, Rosa Maria. Il complesso paleocristiano. p. 119, 213. Algo semelhante ocorreu na instalação dos degraus da absida da denominada basílica I, instalada no local da antiga basílica civil, porém, em período posterior. Sobre esta reutilização das colunas, assim como outros materiais de construção marmóreos advindos de *spolia* de outros edifícios e empregados nas basílicas de Sabratha, ver: LEONE, Anna. **The end of the Pagan city**. p. 218-229, esp. 227, fig. 40.1-2.

⁵⁰⁸ Em especial as *insulae* irregulares, localizadas ao sul do teatro, escavadas pela equipe britânica. Uma vez mais, diante da dificuldade de análise das evidências materiais, a tendência dos pesquisadores é atribuir ao evento sísmico de 365 o encerramento absoluto das ocupações nesses locais. Esta interpretação não dá conta de explicar de maneira satisfatória as continuidades existentes, embora com novas características, tanto dessa região, em particular, quanto da cidade, em geral. Sobre a *insula* ao sul do teatro e o abandono de sua ocupação em 365, mesmo alvo de uma recente reforma poucos anos antes do terremoto, ver: **Excavations at Sabratha**. p. 224.

momento de virada do século IV para o V⁵⁰⁹, afetou de modo significativo os níveis de movimentação outrora constantes nas vias que desaguavam em suas entradas. Contudo, as novas condições do bairro e os novos usos do espaço construído do antigo teatro demonstram que, de certa forma, a circulação em seus arredores não foi estagnada. Nesse sentido, é importante recordar que os usos como fonte de materiais de construção não se delimitaram apenas a um momento único e imediato após as fases de destruição e abandono. Isto por duas razões. Primeiro, porque os processos de dissolução, redistribuição e reemprego dos materiais não foram realizados apenas uma vez. Vestígios arquitetônicos provenientes do teatro foram encontrados em construções diversas, com datações que alcançaram o período de ocupação bizantina da cidade⁵¹⁰. Esta continuidade é corroborada pelo segundo motivo. Estoques sistemáticos de diversos materiais de construção e arquitetônicos, oriundos tanto do teatro quanto de outros edifícios, foram encontrados depositados na sala lateral oeste do palco⁵¹¹. Algo que não é restrito apenas ao caso de Sabratha, dado a grande difusão da instalação de ateliês destinados à reutilização de materiais de construção que emergem neste período⁵¹², e nem mesmo ao sítio do teatro na cidade, pois diversas esculturas e elementos arquitetônicos em mármore foram encontrados dispostos em uma sala encerrada entre a basílica do *forum* antigo e o antigo templo mais ao sul⁵¹³. Deve-se imaginar que, dessa maneira, a atividade construtiva sabratense dos primeiros decênios do século V ainda fazia circular pessoas pela região, ao menos no que diz respeito a um local de troca e estocagem de materiais.

⁵⁰⁹ A respeito da transformação da *insula* 8, da *Regio* IV, em uma área destinada às práticas mortuárias, com a atribuição de datação próxima da segunda metade do século IV, ver: VITALE, Emma. Sabratha. La necropoli a Nord-Est del Teatro nell'*insula* 8 della *Regio* IV e il riuso dello spazio urbano a scopo funerario. In: CARRA, R.M. (a cura di). **Pagani e cristiani a Sabratha e Leptis Magna tra III e VI secolo d.C. Monumenti e reperti, tradizione e immagini**. Atti del seminario di studio (Agrigento, 26-27 gennaio 2012). Palermo: Casa Editrice Antipodes, 2012. p. 77-100. p. 82-84.

⁵¹⁰ Sobre a reutilização sistemática de materiais em Sabratha, ver: LEONE, Anna. **The end of the Pagan city**. p. 218-229, 263-269.

⁵¹¹ **Relazione quindicinale n°19-20-21 e 23 [sic] da 19 ottobre al 21 nov. 1936**; GUIDI, Giacomo. Il teatro romano di Sabratha. p. 5.

⁵¹² Apesar da difusão neste período, importante dizer que esta prática não é restrita à Antiguidade Tardia e que muito menos seja apenas um sintoma de períodos escassez e declínio. Críticas neste sentido, com demonstração da importância do reemprego de materiais de construção durante os períodos finais da República e iniciais do Império, ver: KINNEY, Dale. *Spolia damnatio and renovatio memoriae*. **MAARS**, vol. 42, p. 117-148, 1997. esp. p. 122-125; BARKER, Simon. Roman builders – pillagers or salvagers? The economics of deconstruction and reuse. In: CAMPOREALE; S. *et alli* (Eds.) **Arqueología de la Construcción II: Los procesos constructivos en el mundo romano: Italia y provincias occidentales**. Madrid, Mérida: Anejos de Archivo Español de Arqueología, 2010. p. 127-142. Um panorama desses ateliês de reutilizações de materiais na Antiguidade Tardia, com enfoque em casos norte-africanos foi feito por: LEONE, Anna. **The end of Pagan city**. p. 206-215. Sobre as relações de reutilização dos materiais e a questão da manutenção urbana e os sentidos, ver capítulo 3.

⁵¹³ Cf. LEONE, Anna. **The end of Pagan city**. p. 147-148. Sobre as condições da sala e dos vestígios no momento da escavação: CAPUTO, Giacomo. *Sculture dallo scavo a sud del Foro di Sabratha*. **QAL**, vol. 1, p. 7-28, 1950. p. 8-10.

A seu modo, tais exemplos de transformações funcionais dos edifícios advertem para mais esse caráter transiente das cidades, das ruas e de seus fluxos, ao mesmo tempo em que inserem, ou melhor, ressaltam atores que compõem e locomovem-se nestes espaços, no caso, trabalhadores das atividades edilícias, que poderiam estar empenhados no processo de demolição de estruturas abandonadas, no transporte e remanejo destes materiais recolhidos em outros edifícios. O “depósito” estabelecido no outrora teatro forneceu materiais e, talvez, mão-de-obra durante um longo tempo para os novos projetos urbanos da cidade. O transporte desses materiais de construção extraídos de sua nova fonte e o estabelecimento de verdadeiras oficinas nos canteiros de obras marcariam a paisagem em transformação⁵¹⁴.

Podemos imaginar, assim, uma contínua atividade de veículos e trabalhadores incumbidos do carregamento, remanejo e especialistas em remoção e realocação das peças construtivas. Algo muito próximo do que foi representado em um mosaico encontrado na região do *Oued Rmel (Figura 31)*, no anexo de uma igreja nas proximidades da antiga *Ziqua*, onde hoje se localiza *Zaghouan*, cerca de 90 km de Cartago⁵¹⁵. Embora datado do século V ou VI⁵¹⁶, há nos fragmentos que sobreviveram até nossos dias a figuração de uma série de práticas associadas com o processo construtivo e com a reelaboração dos materiais feitas em um canteiro de obras. Dividida em três partes horizontais, a cena apresenta na mais inferior um veículo tracionado por dois equinos. Os animais são guiados por um personagem posicionado diante deles. Em cima do carro de duas rodas está um segundo personagem, que equilibra uma coluna na carroça. Na parte central, dividindo espaço com um querubim que segura uma grinalda, onde outrora havia uma inscrição centralizada, da qual sobreviveram apenas duas letras (*IS*), há outros três personagens⁵¹⁷. Os dois posicionados mais à direita do observador despejam uma espécie de argamassa já pronta sobre o pavimento, de modo a prepará-lo para o recebimento do novo piso. Um terceiro personagem, bastante danificado,

⁵¹⁴ Muito semelhante ao que Diane Favro afirmou para a Roma durante a construção do arco de Severo, contudo, com uma grande diferença: não se trata aqui de reafirmar a dominação do poder imperial na paisagem urbana por meio do processo de construção. Cf. FAVRO, Diane. Construction traffic in Imperial Rome: building the Arch of Septimius Severus. In: LAURENCE, Ray; NEWSOME, David J. **Rome, Ostia and Pompeii: movement and space**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 332-360.

⁵¹⁵ GAUCKLER, Paul. *et al.* **Catalogue du Musée Alaoui**. Paris : Ernest Leroux, 1910. p. 20-21, n. 263-265, Pl. IX.

⁵¹⁶ Sobre o mosaico e as diferentes datações, ver: SLIM, Hédi. L'architecture. In : FANTAR, M'Hamed H. (Ed.). **Mosaïques de la Tunisie**. Paris, Tunis : Les Éditions de la Méditerranée, 1994. p. 126-155, p. 152-154; BEN ABED BEN KHADER, Aïcha. **Tunisian mosaics: treasures from Roman Africa**. Los Angeles, CA: Getty Publications, 2006. p. 106, fig. 5.18;

⁵¹⁷ Sigo para esta parte do mosaico as interpretações dos trabalhadores representados realizadas por: NEIRA JIMÉNEZ, María Luz. Continuidad y ruptura em los mosaicos tardoantiguos del Norte de África: representaciones, comanditarios y artesanos. In: RUGGERI, P. (Ed.). **L'Africa romana 20 (vol. 1): Momenti di continuità e rottura: bilancio di trent'anni di convegni L'Africa romana**. Roma: Carocci editore, 2015. p. 399-412, p. 407-410.

encontra-se abaixo do querubim. Sentado sobre uma espécie de almofada, está na posição daquele que, como em outras representações já encontradas, assenta *tesserae*. Na faixa superior, há outros dois últimos personagens. Aquele à direita do observador, trabalha um material escorado em suas pernas com um cinzel, num movimento de esculpir e reelaborar. Ao seu lado, um segundo personagem parece observar e instruir o que deve ser feito, como um mestre artesão ou mestre de obras. Dispersos por toda a cena estão ferramentas, materiais de construção e elementos arquitetônicos, que indicam práticas e presenças de uma desorganização bastante organizada: caixotes com alças para mistura de argamassa (*mortarium*), martelos, picaretas, capitel, esquadro, prumo e cinzel esparramam-se para atribuir toda a vivacidade que um canteiro de obras poderia ter. Tão importante quanto colocar em primeiro plano tais trabalhadores de distintas ocupações e suas respectivas atividades em uma determinada organização laboral, o que merece ser sublinhado é o esforço e a amplitude do trabalho coletivo para a realização de uma obra⁵¹⁸. As formas como corpos, ferramentas, veículos, materiais não apenas ocupam o entorno de um espaço de construção, como, mais do que isso, estruturam tal espaço de construção.

⁵¹⁸ No caso, talvez, como bem argumentou María Luz Neira Jiménez, conectado com o próprio ideal de coletividade implicado na construção da basílica destinada à comunidade. Cf. NEIRA JIMÉNEZ, María Luz. Continuidad y ruptura em los mosaicos. p. 409.



Figura 31: Mosaico com a representação de um canteiro de obras, encontrado em uma igreja das proximidades de Ziqua. Imagem extraída de A. Ben Abed Ben Khader (2006, p. 106, fig. 5.18)

Longe de conformar apenas ruínas e entulhos esparramados por ruas semiabandonadas, por meio desses exemplos sabrathenses é possível, portanto, entrever esforços de reestruturação urbana presentes também em vários outros pontos da cidade neste mesmo momento⁵¹⁹. Reconhecer esta face do processo permite colocar em evidência as

⁵¹⁹ Dentre os edifícios que sabemos terem sido reformados neste período, constam, por exemplo: basílica e a cúria no *forum* antigo, as termas presentes na *Regiones* II (denominadas, termas à beira mar), V (ditas termas do bairro do teatro) e VI, além das transformações da casa presente na *Regio* V, *insula* 2 (conhecida por casa do peristilo).

continuidades das ocupações de diversos espaços construídos, não sem deixar de demonstrar as formas materiais por meio das quais tais espaços se reestabeleceram e as condições de possibilidade de suas emergências e prosseguimentos. Isto requer estar atento ao fato de que nem todos os espaços permaneceram ocupados e/ou frequentados. É neste sentido que alguns pesquisadores modernos se utilizam da imagem das “manchas de leopardo” para explicar as formas das continuidades de ocupação da cidade para além da aglomeração ao redor do centro antigo⁵²⁰. O problema desta metáfora é que ela pode induzir uma noção um tanto enganosa de que estamos diante de zonas isoladas, sem contato, apenas sobre um pano de fundo que outrora fora único, isto sem contar que se embasa em grande parte por um vazio documental que não permite que conheçamos ao certo as histórias de ocupação de diversas localidades da malha urbana. De qualquer modo, embora não saibamos ao certo as frequências, os períodos de continuidade e interrupções, é seguro afirmar que essas aglomerações nucleadas esparsas pela cidade estavam conectadas. Entretanto, suas conexões estavam embasadas em usos, sentidos e propósitos profundamente distintos dos anteriores já nesta virada do século IV para o V. No que diz respeito ao próprio teatro e arredores: não mais os espetáculos, sim a aquisição/venda de materiais de construção; não mais usos das termas e templo, agora frequentações às igrejas; não mais uso habitacional/comercial da *insula* 8, da *Regio* IV, e sim criação de uma necrópole, ou seja, espaço de deposição e visitação da memória dos mortos. Estamos já em outra vizinhança, detentora de novos propósitos de aglomeração, propulsionada e propulsionadora por novas relações e experiências sensoriais.

A instalação das colunas sobre as vias data de antes dessas mudanças mais marcantes. Ao contrário do que é possível afirmar para as instalações em frente à praça na *insula* 11, da *Regio* VI, infelizmente, não há como saber a situação das colunatas e nem ao menos das condições das ruas durante esse período de reconfigurações intensas do bairro, mesmo se assumíssemos a hipótese de que tais transformações ocorreram em torno dos anos 400. Deste modo, embora seja possível afirmar que o fluxo de pessoas possa ter continuado em níveis diminutos entre os antigos e novos espaços laborais, religiosos e mortuários, quando a análise se volta para as especificidades das condições das ruas e para os avanços das colunas de edifícios sobre elas, as informações existentes são quase nulas, e, portanto, pouco, para não dizer nada, pode ser dito sobre impactos, propósitos, sentidos envolvidos nessas ocupações do espaço público. Assim, compreender os novos arranjos, usos e sentidos desta região são os

⁵²⁰ VITALE, Emma. Sabratha. La necropoli a Nord-Est del Teatro. p. 82.

meios à disposição para conjecturar, senão as condições, ao menos a facticidade e os modos com que engajavam a circulação de pessoas em seus espaços.

Esta situação de Sabratha de fins do século IV, compartilhada com algumas outras cidades da *Tripolitania*⁵²¹, não impediu interpretações por parte de estudiosos modernos sobre as formas de ocupação das ruas por estruturas privadas. Para finalizar, cabe debater aqui uma proposição peculiar e difundida⁵²², apresentada por Antonino Di Vita. Diante de possíveis estruturas que ocupavam partes das ruas, presentes tanto no bairro do teatro quanto na *insula* 11, da *Regio* VI, em diversos momentos Di Vita argumentou que suas emergências, datadas do decorrer ou já de antes da metade do século IV, deviam-se tanto à “capacidade reduzida da autoridade de impor a prevalência do público sobre o privado”, quanto ao abandono de determinadas formas da fachada das habitações de tipo “greco-romano”, com portas abertas diretamente para a rua, o que poderia significar até mesmo uma mudança da composição populacional, com influxo cada vez maior de habitantes de fora do contexto urbano romano, advindos das planícies de Jeffara ou ao sul dos montes líbicos, rumo ao interior⁵²³. A composição material desses avanços corroboraria esta perspectiva, pois, como Di Vita narra sobre suas formas, tais estruturas faziam uso sistemático “das extremidades das ruas de Sabratha para construir divisórias finas, altas o suficiente para impedir a visão das entradas das casas”⁵²⁴. Deste modo, concluiu que elas conformariam a tradição de “entradas à baioneta” (*ingressi a baionetta/ entrées à baïonnette*) das habitações, presente até seus dias atuais no Magrebe árabe⁵²⁵.

⁵²¹ Sobre a situação das outras cidades da Tripolitânia também afetadas neste mesmo período por confrontos com grupos étnicos e possíveis catástrofes naturais, ver: DI VITA, Antonino. *Gli Emporia*. p. 541; MATTINGLY, David. **Tripolitania**. p. 293-305.

⁵²² Um exemplo de sua receptividade: AIOSA, Sergio. *Urbanistica e ideologia*. p. 318.

⁵²³ DI VITA, Antonino. *Leggendo Topografia e archeologia dell’Africa romana di Pietro Romanelli: considerazioni, note, segnalazioni*. **QAL**, vol. 7, p. 166-187, 1975. p. 178; *Id.* *Culte privé et pouvoir politique à Sabratha, dans l’Antiquité tardive : l’aire sacro-funéraire de Sidret el- Balik (Libye)*. **CRAI**, 151^e année, n. 1, p. 295-314, 2007. p. 311-312; *Id.* *Culto privato e potere politico nella Sabratha tardo-antica: l’area sacro-funeraria di Sidret el Balik*. In: ESTIENNE, Sylvia et al. (dir.). **Image et religion**. Naples: Publications du Centre Jean Bérard, 2008. p. 475-483, p. 479-480.

⁵²⁴ DI VITA, Antonino. *Culte privé et pouvoir politique*. p. 311. (...) *nous avons pu montrer l’utilisation systématique des bordures des rues de Sabratha pour construire de minces cloisons suffisamment hautes pour empêcher de voir l’entrée des maisons*.

⁵²⁵ DI VITA, Antonino. *Culte privé et pouvoir politique*. p. 311; *Id.* *Culto privato e potere politico*. p. 479.



Figura 32: Fotografia realizada por Antonino Di Vita da rua entre as *insulae* 11 e 12, na *Regio* VI de Sabratha. Fotografia extraída de Di Vita (2007, p. 312, fig. 18).

As evidências que apresenta para corroborar seu argumento, porém, pouco sustentam essa hipótese, a começar pela fotografia do sítio utilizada (**Figura 32**). Na única imagem publicada para visualização e comprovação de tal avanço defendido diversas vezes é possível notar uma estrutura similar a uma calçada um tanto larga, de poucos metros de comprimento, mas alongada o suficiente para cobrir a fachada da unidade em evidência. De todo modo, a partir da documentação apresentada, não há nenhum indício visível que permita apontar sua elevação para além do nível em que se encontra, nem mesmo em seus pontos de contato com o muro perimetral da *insula*. Quanto à localização do espaço representado, apesar de indicar que esta rua é a existente entre as *insulae* 11 e 12 da *Regio* VI, nenhuma outra orientação é fornecida⁵²⁶. Felizmente, esta lacuna pode ser ultrapassada por meio do cotejo da fotografia e de sua argumentação com o relatório de Conticello sobre a mesma *insula* 11. No plano elaborado por este último são identificáveis a existência de duas estruturas similares à presente no registro de Di Vita. Na primeira delas, na face sul do denominado bloco C, Conticello constata que face aos cômodos 25-27 estava uma “calçada larga (*largo marciapiedi*), que se encerra à margem sul do cômodo n° 25, depois desaparecendo na metade do cômodo n° 27”⁵²⁷. No extremo leste da *insula*, na altura da unidade composta pelos

⁵²⁶ Em todas as suas publicações sobre este tipo de avanço as quais tive acesso, não encontrei uma menção há localização no interior da *insula*. Cf: DI VITA, Antonino. Leggendo Topografia e archeologia dell’Africa romana”. p. 178; *Id.* Sismi, urbanistica e cronologia assoluta. Terremoti e urbanistica nelle città di Tripolitania fra il I secolo A.C. ed il IV D.C. In: *L’Afrique dans l’Occident romain (Ier siècle av. J.-C. - IVe siècle ap. J.-C.) Actes du colloque de Rome (3-5 décembre 1987)*. Rome : École française de Rome, 1990. p. 425-494. p. 452-453, fig. 19; *Id.* Culte privé et pouvoir politique. p. 312, fig. 18; *Id.* Culto privato e potere politico. fig. 10.

⁵²⁷ CONTICELLO, Baldassare. Saggi di scavo. p. 136. (...) e gli edifici che occupano il suo quadrante sud [blocco c] sono fronteggiati lungo la strada a sud dell’insula, da un largo marciapiedi, che si arresta al margine sud del vano n° 25, sparendo poi alla metà di quello n° 27, forse estirpato per essere reimpiegato nella

cômodos 1-3, na esquina com a face que se abre para a praça, outra calçada aparece em seu plano. Esta é, de fato, a que mais se encaixa com a presente na fotografia de Di Vita, em que há uma unidade, dividida em três pequenos cômodos, do qual um tem a porta voltada para o *cardo*. Mas, longe de interpretá-lo como um muro que avançava sobre a rua, Conticello reconheceu ali simplesmente uma outra calçada, que, aliás, continha alguns bancos feitos em alvenaria, juntos ao muro⁵²⁸.

Esta discrepância gritante na interpretação da materialidade encontrada no *cardo* demonstra não apenas a dificuldade de análise desse caso particular ou ainda empecilhos estabelecidos por métodos de escavação e estados de conservação – além dos meios de divulgação dos trabalhos arqueológicos⁵²⁹ –, como expõe as implicações que as ruas teriam na concepção do funcionamento das cidades e o lugar comum que é evocado pela apropriação do espaço público. A fraqueza da administração urbana, a alteração que é capitaneada de modo preponderante por agentes externos às próprias comunidades que faziam usos regulares da cidade, além de eventos catastróficos explicariam, assim, a usurpação das ruas por estruturas privadas, ainda no início do século IV⁵³⁰. Claro que não se pode ignorar os condicionantes e a

costruzione di altri edifici, da erigersi altrove. (...) e os edifícios que ocupam o seu quadrante sul [Bloco C] estão voltados para a estrada ao sul da insula, por uma larga calçada, que para na margem sul do cômodo n. 25, desaparecendo depois na metade do cômodo n. 27, talvez extirpado para ser reempregado na construção de outros edifícios, construídos em outros lugares).

⁵²⁸ CONTICELLO, Baldassare. Saggi di scavo. p. 143. *Taluni banchetti – evidentemente dei sedili in muratura – si conservano proprio dinanzi ad alcune abitazioni dell’insula [11, Regio VI] in esame. Uno di essi si trova presso l’ingresso di una sua abitazione, formata da tre ambienti di diversa misura, fra loro collegati internamente e ai quali si accedeva dal vano 3, attraverso una soglia, che si apriva sulla strada. (Alguns banquinhos – evidentemente de assentos em alvenaria – conservaram-se mesmo diante de algumas habitações da insula [11, Regio VI] em exame. Um desses se encontra próximo à entrada de uma de suas habitações, formada por três cômodos de tamanhos distintos, coligados internamente e aos quais se adentrava pelo cômodo 3, por meio de uma soleira, que se abria para a rua).*

⁵²⁹ Os problemas de divulgação dos trabalhos realizados em Sabratha não são novos, retomam, no mínimo, os anos 1950. Basta lembrar de dois trabalhos que cito aqui frequentemente: primeiro, as escavações de Dame Kathleen Kenyon e John Ward Perkins, realizadas entre os anos 1948-1951, foram publicadas somente em 1986, graças aos esforços de Philip Kendrick, e as análises dos materiais em 1989 e 1994, sob a edição de Michael Fulford e Melanie Hall; segundo, o próprio relatório de Conticello: escavado entre os anos 1964-1968 só veio a ser publicado em 2009 – ou seja, um ano após a publicação do último artigo de Di Vita com a defesa das “entradas à baioneta”. Apesar dos esforços realizados por essa, que não há risco em chamar, “escola de Palermo”, sob lideranças como Nicola Bonacasa, Rosa Maria Bonacasa Carra e, em tempos mais recentes, Sergio Aiosa, a maior parte dos trabalhos ainda enfoca em grandes estruturas públicas – por exemplo, templos, termas, igrejas – e, quando se passa para o plano das estruturas privadas, o foco se volta para as *domus* luxuosas. Isto pode ser melhor exemplificado no guia lançado em comemoração aos 50 anos de escavações em Sabratha pela Universidade de Palermo: BONACASA, Nicola; AIOSA, Sergio (Eds.). **Sabratha**.

⁵³⁰ Antonino Di Vita aponta para o papel preponderante dos abalos sísmicos, em especial os que acredita terem ocorrido em 306/310, como propiciador destas mudanças, como pode ser observado em: DI VITA, Antonino. *Sismi, urbanistica e cronologia*. p. 452. Mas esta questão está longe de ser restrita à sua posição e aos fenômenos não-humanos. Embora as perspectivas sobre os grupos étnicos não-romanos tenham mudado de modo vertiginoso no início deste século XXI, ainda subsistem posições que lhes atribui papel fundamental na destruição da vida urbana das cidades do Império romano, de modo geral, e da África do norte, em particular. Um vislumbre de um tipo de análise revitalizada de invasão de outras populações, ainda que não especificamente

participação desses agentes “externos” humanos e não-humanos nas mudanças das paisagens urbanas⁵³¹. Contudo, não se pode deixar passar o caráter reativo que boa parte dessas explicações atribuem às mudanças na materialidade das cidades. Com tais enfoques, sempre com uma ação *a posteriori*, perde-se a noção de projeto⁵³², de engajamento, de participação ativa daqueles que realizavam as reformas dos edifícios privados que avançavam sobre as ruas e, deste modo, dos impactos nas experiências daqueles que faziam uso das ruas para transitar, trabalhar, conversar, divertir-se e descansar. Descanso que, aliás, poderia muito bem ser realizado em um dos bancos instalados na *insula* 11, nas proximidades de *tabernae*, da própria praça e em companhia de colegas e transeuntes que seriam, então, obrigados a desviarem seus caminhos para o meio da via, uma vez que a calçada estaria ocupada por esses que, em alguma hora do dia, simplesmente paravam.

dos grupos *mauri* norte-africanos, pode ser encontrada em: WARD-PERKINS, Bryan. **The fall of Rome: and the end of civilization**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 13-83, p. 130-131. Em se tratando do caso norte-africano, em especial a respeito dos denominados berberes ou *mauri*, apenas indico alguns trabalhos que trazem debates historiográficos em torno das atuações desses grupos durante o fim da ocupação romana, assim como durante ocupações vândala e bizantina, como os de: COURTOIS, Christian. **Les vandales et l’Afrique**. Paris : Arts et métiers graphiques, 1955. p. 325-351; FELICI, Fabricio, MUNZI, Massimiliano, TANTILLO, Ignazio. *Austuriani e Laguatan* in Tripolitania. In : **L’Africa romana 20 (vol. 1):** mobilità delle persone e dei popoli, dinamiche migratorie, emigrazioni ed immigrazioni nelle province occidentali dell’Impero romano. Roma: Carocci Editore, 2004. p. 591-687, p. 591-596, 618-632; MERRILLS, Andrew. The *Mauri* in Late Antiquity. In: HITCHNER, B. (Ed.). **A companion to North Africa in Antiquity**. p. 317-331.

⁵³¹ Fenômenos como terremotos, ao mesmo tempo em que podem arrasar edifícios e cidades quase que por completo, abrem também a possibilidade de reutilizações e novas organizações coletivas. Algo nesta linha pode ser dito para a migração e ocupação das cidades por populações não urbanizadas, que, de fato, modificam as formas de experimentar o espaço urbano. Apenas indico as reavaliações destes problemas em: FENTRESS, Elizabeth; WILSON, Andrew. *Terra septem diebus mugitum dedit: North African earthquakes revisited*. In: DUPUIS, X. *et al.* (Ed.). **L’automne de l’Afrique romaine : hommages à Claude Lepelley**. Paris : Hermann, 2021. p. 133-153.

⁵³² Argumentação similar, mas com enfoque dado aos financiamentos das obras públicas, pode ser encontrado em: LEPELLEY, Claude. *L’Afrique du Nord et le prétendu séisme*. p. 482.

3 RESÍDUOS E SENTIDOS: LIXO E RELAÇÕES SENSORIAIS NOS ESPAÇOS URBANOS ENTRE OS SÉCULOS IV E V

Os avanços dos edifícios sobre as vias compuseram, para não dizer apenas modificaram, as experiências sensoriais urbanas. A intrusão de colunas e/ou fachadas afetaram os sentidos dos espaços, alteraram relações de mobilidade, visibilidade, sonoridade, para ficarmos apenas naquelas que já foram abordadas. Todavia, a experiência das vias urbanas ultrapassa as relações mantidas entre ruas e edifícios margeantes. Para compreender as relações sensoriais urbanas de forma mais ampla, creio ser preciso voltar para questões que envolvem processos de produção de resíduos, seus modos de descartes e suas possíveis formas de coleta e escoamento. O emaranhamento entre ruas, resíduos e sentidos é perceptível nas preocupações das autoridades públicas. Já no início do século III, o jurista Ulpiano atribuía aos magistrados a tarefa de averiguar e coibir estreitamentos e demais degradações das vias, que acarretariam a interrupção de trânsito, e incluiriam mudanças mais estruturais, como das formas e condição dos pavimentos, além de sua potencialidade em acumular resíduos lamacentos (*palustres*), que poderiam até mesmo ser considerados nocivos⁵³³. Para o jurista, a solução contra a degradação das ruas eram as restaurações, que não deveriam ser limitadas apenas ao reestabelecimento das amplitudes originais das vias, mas deveriam também restituir a profundidade perdida. Assim, parte desse reparo predicado consistiria em limpar (*purgare*) as ruas, isto é, retirar tudo o que havia sido sobreposto acima de seu nível inicial⁵³⁴.

Preocupações semelhantes às de Ulpiano são também observadas nas fontes dos séculos seguintes. A pregação de Agostinho sobre o Salmo 17, longe de ser um texto normativo ou acerca dos cuidados para com as ruas, adquire sentidos particulares no contexto urbano de sua enunciação, em fins do século IV, se for levado em conta os elementos

⁵³³ **Dig.** 43.8.3.32: *Deteriorem autem viam fieri sic accipiendum est, si usus eius ad commeandum corrumpatur, hoc est ad eundum vel agendum, ut, cum plane fuerit, clivosa fiat vel ex molli aspera aut angustior ex latiore aut palustris ex sicca.* (Uma via deteriorada deve ser compreendida da seguinte forma: se seu uso é corrompido para fins de frequência, isto é, para se mover ou dirigir, como quando [a via] era plana e se tornou íngreme, ou quando passou de suave para áspera, ou de ampla para estreita, ou de seca para palustre). **Dig.** 43.8.2.29: *Idem ait, si odore solo locus pestilentiosus fiat (...).*

⁵³⁴ **Dig.** 43.11.1.1: *Viam aperire est ad veterem altitudinem latitudinemque restituere. sed et purgare refectionis portio est: purgare autem proprie dicitur ad libramentum proprium redigere sublato eo quod super eam esset. reficit enim et qui aperit et qui purgat et omnes omnino, qui in pristinum statum reducunt.*

materiais da metáfora que evoca: “Vou varrê-los como se varre a lama das ruas”⁵³⁵. A seu modo, esse trecho aponta que as vias continuaram a ser o *locus* principal de descarte, acúmulo e da realização da gestão de resíduos nas cidades africanas dos séculos IV e V. Portanto, as relações sensoriais das ruas eram constituídas também pela materialidade dos resíduos variados que poderiam conter. Afirmar isto implica em uma questão fundamental para compreender as transformações viárias: se determinadas formas de experimentar os espaços das ruas foram alteradas com as intrusões dos edifícios, teriam esses avanços afetado de igual modo as formas de descarte de resíduos nas cidades estudadas e, por conseguinte, transformado as percepções e os sentidos em relação aos próprios descartes?

Responder essa questão não é simples. Implica responder também algumas outras que se entremeiam e condicionam explicações possíveis, por exemplo: como eram as relações com os resíduos antes e depois das alterações das vias? Havia um sistema público de coleta? Quem seriam os responsáveis pelo financiamento e execução? Todos os lixos, excrementos e urina inclusos, eram compreendidos da mesma forma, descartados dos mesmos modos, engajavam as mesmas relações sensoriais, tinham um mesmo destino? Infelizmente, não temos respostas satisfatórias, completas ou diretas para muitas dessas questões e devemos ainda reconhecer a dificuldade em captar as sensibilidades dos grupos subalternos nesse âmbito. Apesar disso, é possível utilizar de modo produtivo as fontes de que dispomos. Combinando a materialidade das cidades com a montagem de quadros de possibilidades sobre as formas de descartar, coletar e reutilizar os resíduos, esboçados a partir de fontes literárias diversificadas (eclesiástica, jurídica, epigráfica) e comparações etnológicas, creio que os sentidos emanados dos dejetos urbanos e as variedades sociais das experiências sensoriais advindas das relações com estes mesmos dejetos têm grande potencial de serem atingidas. Este é o objetivo deste capítulo.

Às relações de mobilidade, visibilidade e presença, estudadas nos capítulos anteriores, este capítulo acrescenta os odores envolvidos na produção, descarte e gestão dos dejetos nas ruas e espaços abertos no período que vai da metade do século IV até o segundo quarto do século V. Pretendo, assim, correlacionar as diminuições das vias, os avanços dos edifícios e os cuidados com as manutenções das ruas com a construção de uma paisagem sensorial levando, agora, em conta mais um elemento da estruturação da vida urbana a partir das ruas – o lixo. Para tanto, é preciso investigar as estruturas e condições de descarte de lixos, as formas de escoamento e drenagem de águas sujas e a operacionalidade dos sistemas de esgoto

⁵³⁵ Agostinho. **En. Ps.** 17.43: *Ut latam platearum delebo eos (...)*.

(quando existentes). Para responder a essas questões, concentro-me não apenas em Cartago e Sabratha, cidades já trabalhadas nos capítulos anteriores, mas também em Leptiminus e Meninx, dois sítios arqueológicos que foram objeto de importantes campanhas de escavação e prospecção desde fins dos anos 1990 e que fornecem uma grande quantidade de informações a respeito dos modos como seus habitantes lidaram com seus resíduos ao longo do tempo.

Neste capítulo será indagado como eram organizadas as formas de coleta de lixo e resíduos nessas cidades, como elas eram mantidas e quem eram os responsáveis pela execução ou fiscalização dessas atividades. A partir de discussões conceituais mais amplas e de estudos de caso, tentarei demonstrar as relações de forças que perpassavam as gestões de resíduos no mundo romano antigo e como, de igual modo, estavam implicadas nas variações de suas organizações. Toda essa preocupação em gerir os resíduos estava atrelada não apenas à existência da produção de lixo urbano, como aos modos como eram descartados. Nesse sentido, de modo a elucidar as formações de montantes de lixo urbano em vias, espaços construídos ou locais designados fora das aglomerações urbanas, investigarei como poderiam ser realizadas as práticas de descarte, sempre com a preocupação em sublinhar, quando possível, os envoltimentos sensoriais que abarcavam.

Antes, porém, de adentrar esse terreno, é preciso reconhecer que, ao investigar as relações sensoriais urbanas por meio dos dejetos, são atingidos, de forma direta ou não, temas muito debatidos pela historiografia como, por exemplo, as práticas higiênico-sanitárias antigas, as condições de vida dos habitantes das cidades, em especial as dos grupos mais destituídos e vulneráveis, e as doenças e taxas de mortalidade decorrentes desses contextos. A bibliografia moderna sobre o tema moveu muito o campo de discussão nos últimos, pelo menos, vinte anos e acrescentou pontos importantes, ligados de modo mais direto às questões sensoriais e, em especial, com aquelas relativas às distinções sociais e às experiências dos grupos subalternos. Portanto, é necessário abordar, mesmo que de forma não extensa, alguns tópicos desse debate antes de adentrar os temas das estruturas e condições dos sistemas e gestão de resíduos. Neste sentido, farei um mapeamento dessa discussão, sublinhando aquilo que, em meu entender, é essencial para compreensão de como a sensorialidade atua nas maneiras de interpretar os procedimentos de descarte e a gestão de dejetos.

3.1 Lixos, sujeira, sentidos: arqueologia e historiografia modernas, práticas e sensibilidades antigas

3.1.1 “Obsessão cloacal”: esgotos, latrinas e higiene nas investigações sobre os resíduos urbanos no mundo romano antigo

Temas como gestão de dejetos, modos de evacuação e recolha de resíduos, sem contar seus depósitos finais em aterros, tendem a provocar facilmente nas “sensibilidades urbanas modernas” duas associações que se correlacionam entre si: uma de cunho higiênico-sanitária, baseada em um conjunto de oposições, tais como limpo/sujo, salubre/insalubre, saúde/doença; outra atrelada às modulações sensoriais olfativas e aquilo que pode ser identificado como bons e maus odores⁵³⁶. As análises historiográficas sobre as estruturas das cidades do Mediterrâneo antigo não escaparam das balizas, muitas vezes valorativas, que tais associações evocam. Salubridade, boa prática higiênica, bons odores e seus contrários tomaram e ainda tomam páginas e páginas de discussões sobre os urbanismos antigos, mesmo que nem sempre as estruturas materiais de drenagem e escoamento de resíduos líquidos tenham sido objetos de investigação em toda a sua complexidade⁵³⁷.

O interesse historiográfico por esses temas não é recente. As primeiras investigações sobre a questão remontam à segunda metade do século XIX. Em linhas gerais, o entusiasmo face às descobertas científicas europeias, como a identificação dos micróbios e os processos de esterilização incipientes, ao lado do crescimento das grandes cidades e as necessidades de planejamento no interior dos novos padrões higienistas emergentes, auxiliaram no processo que fez com que Roma se tornasse o paradigma dos modos de lidar com os resíduos urbanos⁵³⁸. A primazia da antiga capital imperial, não sem razão, provinha da própria

⁵³⁶ Dentre os estudos sobre gêneses dessas constituições de modalidades sensoriais modernas, com especial ênfase nas odoríferas, cito apenas: CORBIN, Alain. **Le miasme et la jonquille**: L'odorat et l'imaginaire social, XVIIIe-XIXe siècles. Flammarion, 2016 (1982); CLASSEN, Constance; HOWES, David; SYNNOTT, Anthony. **Aroma**: the cultural history of smell. London, New York: Routledge, 1994. Uma revisão sobre diversas questões dos odores antigos na construção historiográfica moderna, com apresentação e discussão bibliográfica anterior, pode ser encontrada na recente coletânea organizada por Grand-Clément e Ribeyrol, da qual cito apenas o capítulo introdutório: GRAND-CLÉMENT, Adeline; RIBEYROL, Charlotte. Introduction: the fragrant and the foul: what did Antiquity smell like? In: GRAND-CLÉMENT, A.; RIBEYROL, C. **The smells and senses of Antiquity in the Modern imagination**. London: Bloomsbury, 2022. p. 1-23.

⁵³⁷ Uma ótima introdução ao debate pode ser encontrada em: JANSEN, Gemma C.M. Studying Roman hygiene: the battle between the optimists and the pessimists. In: JANSEN, G.C.M. (Ed.). **Cura Aquarum in Sicilia**. Leiden: BABESCH, 2000. p. 275-279. Complemente as linhas gerais traçadas por Jansen com: MORLEY, Neville. The salubriousness of the Roman city. In: KING, H. (ed.). **Health in Antiquity**. London: Routledge, 2005. p. 192–204, p. 192-194; e o levantamento mais recente de: ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos en Augusta Emerita**: siglos I A.C.-VII D.C. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2018. p. 31-33.

⁵³⁸ Para os embates sobre as construções e disputas científicas do XIX em torno da higienização das cidades, dentre a imensa bibliografia, cito apenas: LATOUR, Bruno. War and peace of microbes. In: LATOUR, B. **The pasteurization of France**. Transl. Alan Sheridan. Cambridge, MA, London: Harvard University Press, 1993. p. 3-145; em conjunto com a síntese de: BARLES, Sabine. History of waste management and the social and cultural representations of waste. In: AGNOLETTI, M.; SERNERI, S.N. (Eds.). **The Basic Environmental History**. Cham: Springer, 2014. p. 199-226, p. 202-204, 209-216. Uma introdução sobre como os modos de gestão de resíduos realizados em Roma engajaram diversos autores, da renascença italiana até os Países Baixos

materialidade de seus esgotos presentes e em funcionamento tanto no período das primeiras investigações modernas, quanto hoje⁵³⁹ e de suas aparições em fontes literárias dos mais diversos gêneros, que exaltavam toda a complexidade e contradição entre sua exemplaridade técnica e suas finalidades⁵⁴⁰. Palavras como as de Plínio, o Velho, sobre “a obra mais espetacular de todas”⁵⁴¹ ao se referir às *cloacae* da cidade, em particular à *Cloaca Maxima*, ou, mais de quatro séculos depois, as de Cassiodoro a respeito do estupro causado pela grandiosidade dos esgotos naqueles que os viam e que eram “capazes de superar as maravilhas de qualquer outra cidade”⁵⁴², foram importantes fontes que auxiliaram esse processo valorativo positivo. O sistema de esgoto da antiga metrópole figurou, então, como ideal e modelo para as capitais modernas.

Ao lado dos esgotos, outra estrutura adquiriu proeminência nesses estudos sobre os modos de gestão de dejetos: as latrinas⁵⁴³. Durante o segundo quarto do século XX até mais ou menos o fim da Segunda Guerra Mundial houve um grande número de escavações de *latrinae* públicas e privadas, em especial na cidade de Óstia, mas também em outros sítios arqueológicos, como nas denominadas termas à beira mar de Sabratha, escavadas nos anos 1930⁵⁴⁴. Além de propor reconstruções meticulosas, essas escavações também tinham entre

do século XIX, pode ser encontrada em: VAN TILBURG, Cornelis R. **Streets and streams: health conditions and city planning in the Graeco-Roman world**. PhD Thesis. Leiden University, 2015. p.137-158. Sobre a presença de um imaginário da *Cloaca Maxima* na formação dos autores da França do século XVI-XVII: LAPORTE, Dominique. **Historia de la mierda**. Trad. Nuria Pérez de Lara. Valencia: Pre-Textos, 1998 (1978). p. 21-24.

⁵³⁹ Uma ótima e breve introdução para a história dos esgotos romanos, de seus usos iniciais enquanto canalização de rios e para drenagens de espaços pantanosos, com apontamentos para seu funcionamento ainda hoje, pode ser encontrada em: HOPKINS, John. The cloaca maxima and the monumental manipulation of water in Archaic Rome. **The Waters of Rome**, n. 4, p. 1–15, 2007; discussão bibliográfica mais aprofundada e história dos estudos sobre a *Cloaca Maxima* podem ser encontradas em: BIANCHI, Elisabetta; ANTOGNOLI, Luca. La Cloaca Massima dal Foro Romano al Velabro. Dagli studi di Heinrich Bauer alle nuove indagini. In: BIANCHI, E. (Ed.). **La Cloaca Maxima e i sistemi fognari di Roma dall'antichità ad oggi**. Roma: Paolombi, 2014. p. 109-153.

⁵⁴⁰ Cf. GOWERS, Emily. The anatomy of Rome from Capitol to cloaca. **JRS**, vol. 85, p. 23-32, 1995.

⁵⁴¹ Plínio. **H.N.** XXXVI.24.104: *Opus omnium dictu maximum*.

⁵⁴² Cassiodoro. **Variae**. XXX.30. (...) *quae tantum visentibus conferunt stuporem ut aliarum civitatum possint miracula superare*.

⁵⁴³ Estrutura que traz consigo ainda mais contradições, pois além das práticas higiênico-sanitárias que estão atreladas, englobam, no mundo moderno, esferas de ação de cunho privado. Sobre os impactos das latrinas públicas romanas nas sensibilidades modernas individuais dos arqueólogos do XIX e inícios do XX, e em suas dificuldades em interpretar os vestígios materiais encontrados: KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. **The archaeology of sanitation in Roman Italy: toilets, sewers and water systems**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015. p. 21-22; JANSEN, Gemma C.M.; KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga; MOORMANN, Eric M. Introduction. In: JANSEN, G.; KOLOSKI-OSTROW, A.; MOORMAN, E. (Eds.). **Roman toilets: their archaeology and cultural history**. Leuven: Peeters, 2011. p. 1-6. p. 2; JANSEN, Gemma. Sewers or cesspits? Modern assumptions and Roman preferences. In: HOSS, S. (Ed.). **Latrinae: Roman toilets in the northwestern provinces of the Roman empire**. Oxford: Archaeopress, 2018. p. 5-18. p. 5-7, 12-14.

⁵⁴⁴ Sobre estas termas sabrathense, ver: BONACASA CARRA, Rosa Maria. Gli edifici termali. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. (Eds.). **Sabratha**. Roma: Bardi Edizioni, 2017. p. 75-92. p. 88-92; BONACASA CARRA, Rosa Maria; BONACASA, Nicola. Nuovi dati sugli edifici termali di Sabratha. **Études et Travaux**, n.

seus objetivos comparar os níveis higiênicos passados com os do presente, balizados e alinhados com ideais sanitários cada vez mais assépticos e com equiparações às noções de superioridade étnica assumidos pelos responsáveis pelas escavações⁵⁴⁵. A mesma exaltação das latrinas públicas romanas acompanhou a descoberta dessas estruturas por todos os cantos do Império⁵⁴⁶. Como foi bem notado por Richard Neudecker⁵⁴⁷, um bom termômetro do impacto no início do século XX dessas formas de apropriação e ressignificação das latrinas antigas e sua associação com as práticas higiênicas modernas se encontra num trecho de *Ulysses*, de James Joyce. Ao falar do imperialismo dos romanos e, claro, dos britânicos, um de seus personagens, o professor MacHugh, afirma:

O que foi a sua civilização? Vasta, concedo: mas desprezível. *Cloacae*: esgotos. (...) O romano, como o inglês que lhe seguiu os passos, trouxe para cada novo litoral em que pôs os pés (...) apenas sua obsessão cloacal. Ele lançou um olhar à volta vestindo sua toga e disse: *É apropriado ficar aqui. Construamos uma latrina*⁵⁴⁸.

Esgotos, latrinas e o cuidado e a manutenção da viabilidade/limpeza das ruas, conforme preconizados em diversas legislações a respeito tanto da capital quanto de outras *coloniae*, fizeram parte de um *corpus* documental que estruturaram noções sobre limpeza, salubridade e cuidados públicos que seriam encontrados no urbanismo romano antigo⁵⁴⁹. Nem

XXX, p. 125–153, 2017. p. 143-150. As notas da escavação dos anos 1930, período em que as termas foram batizadas de *Terme della Ninfa* podem ser vistas a partir do: **La relazione di scavo del 13–19 luglio 1930**. Sobre o contexto destas escavações, ver também o capítulo 1.

⁵⁴⁵ Sobre estas correlações entre as escavações italianas e as exposições dos ideais na cidade durante o período fascista, ver: JANSEN, Gemma C.M.; KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga; MOORMANN, Eric M. Introduction. p. 2-3. Algo que Richard Neudecker chegou mesmo a chamar de “orgulho neo-imperialista da civilização da latrina romana” na Itália fascista: NEUDECKER, Richard. **Die Pracht der Latrine**: Zum Wandel öffentlicher Bedürfnisanstalten in der kaiserzeitlichen Stadt. München: Verlag Dr. Friedrich Pfeil, 1994. p. 9. Para as discussões sobre apropriações da arquitetura da cidade de Roma pela arquitetura e arqueologia fascistas, um excelente panorama é traçado por: GESSERT, Genevieve S. Ideological applications: Roman architecture and Fascist Romanità. In: ULRICH, R.B; QUENEMOEN, C.K. (Eds.). **A companion to Roman architecture**. Oxford: Blackwell, 2014. p. 426-445.

⁵⁴⁶ Para um pequeno mapeamento da extensão da difusão das latrinas no mundo romano: HOBSON, Barry. **Latrinae et Foricae**: toilets in the Roman World. Duckworth, London 2009. p. 1-32, 155-164. Embora deva-se levar em consideração as críticas à obra de Hobson realizadas por: HEIRBAUT, Elli; HOSS, Hoss, Stefanie. A survey of Roman toilets. **JRA**, vol. 23, p. 542-544, 2010.

⁵⁴⁷ NEUDECKER, Richard. **Die Pracht der Latrine**. p. 7.

⁵⁴⁸ JOYCE, James. **Ulysses**. New York: Vintage Books/Random House, 1986. p. 108: *What was their civilisation? Vast, I allow: but vile. Cloacae: sewers.... The Roman, like the Englishman who follows in his footsteps, brought to every new shore on which he set his foot ... only his cloacal obsession. He gazed about him in his toga and he said: It is meet to be here. Let us construct a watercloset*”.

⁵⁴⁹ Isto pode ser encontrado desde obras gerais, em que Roma e o mundo antigo aparecem como mais um capítulo de uma longa série de exemplos, como em: ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. Trad. M.F.S. Moreia; J.R.A. Bonfim. São Paulo: Unesp, 1994. p. 35-51, esp. p. 40-48; ou de publicações que abordem as administrações urbanas de cidades romanas, sempre com ênfase em Roma: ROBINSON, Olivia F. **Ancient Rome**: city planning and administration. London, New York: Routledge, 1992. p. 111-129.

sempre verbalizadas de forma explícita, essas concepções manifestam-se em representações figurativas de ruas e espaços públicos das cidades antigas. Tais representações foram e são apresentadas em diversos suportes. Um deles é a construção de maquetes, cujo exemplo mais famoso é, sem dúvida, o enorme projeto de Italo Gismondi, levado a cabo por Pierino Di Carlo, conhecido como *plastico di Roma imperiale*⁵⁵⁰. Como uma fotografia aérea de um tempo imóvel, a Roma de inícios do século IV que ganhou vida por meio do gesso traz um caos ordenado por edifícios, que lançam na topografia irregular da cidade, reconstituída em toda sua minúcia, uma organização e sistematização que transmitem, dentre outras coisas, grandiosidade, harmonia e, não menos, limpeza.

Pode-se afirmar, em contrapartida, que essa argumentação sobre uma representação ideal de limpeza seja problema da forma e do material em que foi construído. Afinal, eram apenas maquetes. No entanto, algo similar pode ser dito acerca de suportes mais recentes, como as representações virtuais. Suas retratações cada vez mais dinâmicas, coloridas, que exploram as variações das iluminações naturais e artificiais, sem contar, quando possível, ambiências sazonais e texturas visuais dos materiais, ampliam de modo significativo as capacidades de imersão dos observadores⁵⁵¹. A grandiosidade de Roma explorada por essa multiplicação de pixels, no entanto, não elimina a assepsia que suas reconstruções transmitem. A imponência dos grandes monumentos, a relação de controle da natureza, a quase onipresença de mármore sempre polidos e brilhantes ratificam e colocam em circulação elementos presentes em um discurso higienizador sobre a cidade romana antiga, sempre limpa, sempre salubre, quase nunca com sinais de que fora habitada⁵⁵². Outro elemento que

⁵⁵⁰ Uma história da composição da maquete de Italo Gismondi e de como se tornou referência na produção de modelos de representação da cidade de Roma é encontrada em: TSCHUDI, Victor P. Plaster Empires: Italo Gismondi's Model of Rome. **JSAH**, vol. 71, n. 3, p. 386-403, 2012.

⁵⁵¹ Dentre os projetos de reprodução virtual sobre as cidades antigas, cito aqui alguns, tais como o realizado por Matthew Nicholls, junto à Universidade de Reading, *Virtual Rome*: <<https://research.reading.ac.uk/virtualrome/>>; ou o projeto *Rome Reborn*, sediado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e coordenado por Bernard Frischer: <<https://www.flyoverzone.com/virtual-tours-2/>>; UCLA que também possuía o projeto que procurou reconstituir apenas o *forum* de Roma, chefiado por Bernard Frischer ao lado de Diano Favro, *Digital Roman Forum*: <<http://dlib.etc.ucla.edu/projects/Forum/>>; além da iniciativa particular desenvolvida por Danila Loginov, *History in 3D*, em: <<https://www.relivehistoryin3d.com/category/rome-project/>>.

⁵⁵² Estas afirmações, claro, não diminuem a importância das reproduções virtuais e de suas aplicações, sobretudo, didáticas para a compreensão das relações sociais mantidas nos espaços construídos nas cidades antigas, com tópicos que contribuem em muito para as próprias questões sensoriais, como, por exemplo, a ocupação espacial dos edifícios, seus impactos visuais e nas movimentações das ruas, ou mesmo as questões de iluminação natural ou artificial em espaços abertos ou fechados. Sobre isto, ver as ótimas propostas levantadas e aplicadas pelo Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo: FLEMING, Maria Isabel D'A.; GREGORI, Alessandro M. Ciberarqueologia e Aprendizagem: Os Aplicativos Digitais do LARP no Diálogo Entre Universidade e Ensino Básico. **Rev. Cult. Ext. USP**, v. 17, p. 69-81, 2017. Os projetos desenvolvidos pelo LARP podem ser conferidos em: <<http://www.larp.mae.usp.br/rv/>>.

auxilia a sustentar a identificação desse discurso é o fato de que, depois dos templos, um dos edifícios mais privilegiados pelas reconstruções virtuais tinha uma importante relação com as práticas higiênicas romanas e com os imaginários criados ao seu redor: as termas públicas. Termas como as de Caracala, em Roma, exploradas com todas suas decorações suntuosas, com pisos, paredes e colunas em mármore provenientes de diversas regiões, além do enorme repertório de estátuas com ricas colorações⁵⁵³, ganham vida e permitem uma imersão eloquente, tão deslumbrante quanto límpida, de modo a ressoar tanto a imponência da estrutura antiga, como a higiene preconizada para esse tipo de representação balneária. Representação com tons assépticos que já estavam presentes em pinturas neoclássicas, cujos principais exemplos podem ser extraídos das obras de Lawrence Alma-Tadema, seja no quadro intitulado “As termas de Caracala” (*Thermae Antoninianae / The baths of Caracala*, de 1899), em que idealiza a agitação dos usos do edifício, com homens e mulheres, nus ou vestidos, que aproveitam com conversas e regozijos a pureza do local, seja em “Um costume favorito” (*A favourite custom*, de 1909), em que as águas transparentes da piscina das termas, no caso tratava-se das denominadas *Terme Stabiane* de Pompeia, permitem que vejamos até seus pisos e degraus de acesso, que acompanhem os gestos delicados e jocosos realizados por debaixo d’água pelas duas personagens femininas que se refrescam no primeiro plano. Enfim, uma tradição discursiva tão eloquente que essa última pintura de Alma-Tadema é a que ilustra a seção “A vida nas termas” do guia oficial do governo italiano para as termas de Caracala⁵⁵⁴. Do mesmo modo, *Thermae Antoninianae* também faz as vezes de ilustração do capítulo “Água, higiene, luxo, prazer: a cultura das termas” do livro de divulgação dos trabalhos arqueológicos e de restauração feitos nas denominadas “termas da caça” em Leptis Magna⁵⁵⁵.

Por mais interessante que seja e por mais exemplos que possam ser elencados nesse tema, é necessário voltar para alguns dos problemas presentes nesses discursos a respeito da higienização das cidades na Antiguidade. Para além das já mencionadas ideias morais e valorativas impregnadas em noções de limpeza, outro problema identificado nessas

⁵⁵³ Sobre as próprias termas de Caracala e de seus materiais apenas remeto a impressionante obra de: DeLAINE, Janet. **The Baths of Caracalla. A Study in the Design, Construction, and Economics of Large-scale Building Projects in Imperial Rome**. Portsmouth, Rhode Island: Journal of Roman Archaeology, 1997. Esp. p. 85-102.

⁵⁵⁴ PIRANOMONTE, Marina. **The baths of Caracalla: guide**. Transl. S. Ciuffini R. Sadlei. Milano: Mondadori Electa, 2008. p. 72.

⁵⁵⁵ BUCCINO, Laura. Water, hygiene, luxury, pleasure: the culture of baths. In: BIANCHI, B.; MUSSO, L. (Eds.). **Leptis Magna, Hunting Baths: building, restoration, promotion**. Firenze: All'insegna del Giglio, 2012. p. 76-86, esp. p. 76, fig. 88.

abordagens diz respeito ao conceito de higiene. Conforme Ann Olga Koloski-Ostrow argumentou a respeito dos especialistas que louvam a higiene romana,

“podem muito bem estar apenas projetando inconscientemente uma visão moderna de banheiros de porcelana branca sobre superfícies marmóreas brancas romanas, agora queimadas pelo sol, secas e aparentemente limpas”, ou mesmo atribuir um elevado índice higiênico devido ao grande número de termas e latrinas encontradas⁵⁵⁶.

Ou seja, no interior de uma série de correspondências entre objetos e funções ligadas às condições higiênicas denominadas salubres no interior das práticas e discursos modernos, tais como termas, latrinas, aquedutos e esgotos, instalou-se uma crença de que eles teriam aplicações e eficiência garantidas nos ambientes urbanos. Nesse sentido, Koloski-Ostrow é assertiva e não deixa espaços para dúvidas: “Devemos evitar confundir instalações sanitárias com a própria higiene”⁵⁵⁷.

3.1.2 “Universo cloacal”: máculas no urbanismo romano e perspectivas não tão novas sobre moralidade, sentido e limpeza

Foi nessa mesma direção que muitos estudos iniciados nos anos 1950-1960 se propuseram a revisar o pressuposto da salubridade do urbanismo antigo, analisando, em particular, as condições de vida das classes baixas das cidades, como a *plebs* de Roma⁵⁵⁸. Ao se questionarem sobre os rendimentos dos trabalhadores urbanos (ganhos diários e gastos com necessidades básicas alimentares), suas moradias (formas de propriedade e contratos de alugueis, modos de ocupar e dividir o espaço habitado) e expectativa de vida (condições de trabalho, de saúde e de segurança), esses estudos colocaram a presumida salubridade e a higienização das cidades romanas antigas em xeque. A constatação da existência conjunta de uma enorme desigualdade econômica, com péssimas condições de moradia para as classes

⁵⁵⁶ KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. **The archaeology of sanitation**. p. 105: *Those scholars who praise Roman hygiene, however, may well be just unconsciously projecting a modern vision of white porcelain toilets onto Roman white marble surfaces, now sunbaked, dry, and seemingly spotless; or they may be assuming that because the Romans had so many baths and toilets, these automatically prove their concern for strict hygiene.*

⁵⁵⁷ KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. **The archaeology of sanitation**. p. 106: *We must avoid confusing sanitary facilities with hygiene itself.*

⁵⁵⁸ Para citar apenas alguns dos principais trabalhos dentre os expoentes destas pesquisas incipientes: YAVETZ, Zvi, *The living conditions of the urban plebs in Republican Rome*. **Latomus**, vol. 17, p. 500-517, 1958; BRUNT, Peter A. *The Roman mob*. **Past & Present**, vol. 35, p. 3-27, 1966; MacMULLEN, Ramsay. **Roman social relations: 50 B.C. to A.D. 284**. New Haven, London: Yale University Press, 1974. esp. p. 88-120; MAZZA, Mario. *Sul proletariato urbano in epoca imperiale: problemi del lavoro in Asia Minore*. **Syculorum Gymnasium**, v. 27, p. 237-278, 1974; FRIER, Bruce. *Roman life expectancy: Ulpian's evidence*. **HSCP**, vol. 86, p. 213-251, 1982.

mais baixas, e altos índices de contaminação com doenças infecciosas, com elevação da gravidade e mortalidade quando contraídas por atores sociais com elevadas taxas de subnutrição, fez emergir em meio às análises sobre os ambientes urbanos antigos argumentações que sublinharam o quanto as cidades poderiam ser “Desordenadas e caóticas, tumultuadas de vida e de contradições”. Assim, as grandes cidades desse universo romano ganharam uma nova roupagem, seriam “animadas, vivazes, ainda que turbulentas e sujas”⁵⁵⁹, ou mesmo designadas como “metrópoles fétidas” (*fetid metropolises*)⁵⁶⁰.

Tais formulações ganharam certos contornos de acabamento e síntese com a publicação em 1986 do artigo fundamental e de enorme repercussão de Alex Scobie, *Slums, sanitation, and mortality in the Roman world* (“Favelas⁵⁶¹, saneamento e mortalidade no mundo Romano”). Scobie buscou reunir em seu texto os aspectos já estudados sobre as condições de vida daqueles que denominou como grupos sociais mais baixos no meio urbano romano, com a diferença que priorizava de modo incisivo as relações com a higiene pública. Desta maneira, abrangeu todos os temas anunciados por seu título: as inadequações encontradas nas moradias, as formas de descarte e disposição dos lixos e excrementos (humanos e animais), usos, alcances e eficiência das instalações sanitárias (termas e latrinas), focos de transmissão e modos de contaminação pelas principais doenças e infestações parasitárias, assim como a disponibilidade e as formas de fornecimento de água potável. Seu principal objetivo era realizar uma leitura que estimasse, a partir das condições dadas, “quão salubre ou insalubre as cidades romanas eram”⁵⁶². Para fazer essa estimativa, no entanto,

⁵⁵⁹ MAZZA, Mario. Sul proletariato urbano. p. 240: *Secoli di educazione e di gusto classicistici propongono alla nostra mente immagini di città tutte bianche di templi, di colonnati e fori, e di candide toghe - ma, in realtà, città di quel genere ne esistettero poche, o nessuna, nel mondo ellenisticoromano. Le città antiche, e specialmente quelle orientali, erano animate, vivaci, anche turbolente e sporche, erano tutto fuorché "neoclassiche"; erano in definitiva quelle che dovevano essere, città "levantine" con tutte le note caratteristiche. Disordinate e caotiche, tumultanti di vita e di contraddizioni, le grandi città del mondo ellenistico e romano* (a ênfase indica os trechos citados). (*Séculos de educação e de gosto classicistas sugerem à nossa mente imagens de cidades todas brancas com templos, com colunatas e fóruns, e com togas cândidas – mas, na realidade, cidades desse gênero existiram poucas, ou nenhuma, no mundo helenístico-romano. As cidades antigas, e especialmente aquelas orientais, eram animadas vivazes, ainda que turbulentas e sujas, eram tudo menos “neoclássica”; eram, definitivamente, aquilo que de deveriam ser, cidades “levantinas” com todas as características bem conhecidas. Desordenadas e caóticas, tumultuadas de vida e de contradições, as grandes cidades do mundo helenístico romano*).

⁵⁶⁰ FRIER, Bruce. Roman life expectancy. p. 250.

⁵⁶¹ Seguindo o sentido trazido pelo *Cambridge Dictionary* de *slum* como “a very poor and crowded area, especially of a city” (“uma área muito pobre e populosa, em especial de uma cidade”), optei traduzir o vocábulo por favela e não apenas por “bairro pobre” devido as semelhanças evidentes nas características de precariedade entre as formas de ocupação do Brasil moderno que respondem por tal substantivo e as condições enunciadas por Scobie.

⁵⁶² SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality in the Roman world. *Klio*, vol. 68, p. 399-433, 1986. p. 399: *The aim of this paper, then, is to try to estimate, as accurately as available evidence permits, how sanitary or insanitary Roman towns were.* Scobie já havia delineado argumentos semelhantes em: SCOBIE, Alex. Rich and

Scobie utilizou padrões bem modernos. Na falta de saberes produzidos no mundo romano sobre questões sanitárias urbanas pormenorizadas e com os poucos trabalhos arqueológicos e historiográficos sobre o tema no momento de sua escrita, os parâmetros empregados para analisar as instalações antigas foram embasados em concepções sanitaristas modernas. Não causa surpresa, portanto, que seu veredito tenha sido de que os habitantes das cidades romanas e, em particular, de Roma viveriam em “ambientes extremamente insalubres”, similares aos exemplos encontrados em casos melhores documentados como as cidades europeias da primeira metade do século XIX, sobretudo Paris⁵⁶³.

O artigo de Scobie foi marcante para uma série de abordagens que recolocaram questões tanto relacionadas com manutenções e limpezas no urbanismo antigo, quanto para as maneiras com que esses tópicos afetavam de modo direto as condições de vida dos grupos sociais subalternos. Quanto ao primeiro tópico, suas provocações, interpretadas com frequência como “pessimistas” a respeito da salubridade no urbanismo antigo, e seus apontamentos de uma escassez documental material, que, por conseguinte, levaram-no a se posicionar em favor de uma ineficiência de estruturas que auxiliariam na manutenção das condições higiênicas citadinas, estiveram alinhadas com, quando não propulsionaram, uma série de novos estudos que procuravam indagar de forma sistemática as disposições, formas e funções de abastecimento de água, sistemas de evacuação e drenagens das vias, gestão de resíduos e excrementos em geral⁵⁶⁴. Em relação ao segundo tópico, seu trabalho teve uma influência direta numa série de abordagens. Seu levantamento documental literário das condições de saneamento, basilar em sua análise dos baixos índices de expectativa de vida para a população romana antiga, preparou o terreno para estudos que enveredaram nesses temas, em especial em tópicos sobre explicações das altas taxas de mortalidade, com ênfase nas transmissões de doenças infecciosas⁵⁶⁵. Tudo isto sem contar os impactos de suas análises sobre as condições de moradia dos mais pobres e destituídos⁵⁶⁶.

poor in the Roman world (B.C. 50-A.D. 150). **The Classical Outlook**, December-January, Vol. 60, n. 2, p. 44-46, 1982-1983.

⁵⁶³ SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality. p. 400, 417-418.

⁵⁶⁴ Sobre os impactos das colocações de Scobie nestes estudos, ver: JANSEN, Gemma C.M.; KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga; MOORMANN, Eric M. Introduction. p. 3; ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos**. p. 32.

⁵⁶⁵ Dentre a inúmera bibliografia, apenas cito: WHITTAKER, Charles R. Il povero. In: GIARDINA, A. (A cura di). **L'uomo romano**. Bari: Laterza, 1993. p. 294-327; MORLEY, Neville. **Metropolis and hinterland: the city of Rome and the Italian economy 200 B.C. – A.D. 200**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 39-46, esp. p. 41-42; SCHEIDEL, Walter. Progress and problems in Roman demography. In: SCHEIDEL, W. (Ed.). **Debating Roman demography**. Leiden: Brill, 2001. p. 1-81, esp. p. 13-32; *Id.* Germs for Rome. In: EDWARDS, C.; WOOLF, G. (Eds.). **Rome the Cosmopolis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 158-176. Com mais cautela: SHAW, Brent D. Seasons of death: aspects of mortality in Imperial Rome. **JRS**,

Apesar de sua importância e impacto, alguns aspectos controversos da abordagem de Scobie merecem maior atenção, devido aos modelos de salubridade que utiliza e suas implicações para nosso entendimento das formas de experimentar as cidades pelos grupos subalternos, incluindo as posições sobre as relações de dominação que esses grupos estavam sujeitos. Um primeiro questionamento diz respeito ao modelo demográfico aplicado às cidades romanas, em geral, e à cidade de Roma, em particular. Em última instância, Scobie concebe as cidades antigas segundo o modelo conhecido como *urban graveyard effect*, “efeito de cemitério urbano”, segundo o qual um parco acesso à água potável, subnutrição, péssimas condições de moradia, altas taxas de contaminação por doenças infecciosas e endêmicas pelos grupos subalternos das cidades resultariam em um alto índice de mortalidade que faria com que as cidades antigas só pudessem manter suas populações mediante a contínua migração de novos habitantes. Como Cyril Courier bem discorreu em sua crítica a tal interpretação, essa compreensão não se restringe apenas ao trabalho de Scobie, mas trata-se, ao contrário, de uma tendência forte nas historiografias anglófonas, com posições retomadas de sociólogos britânicos e estadunidenses da virada do XIX para o XX, que enfrentavam problemas provenientes de explosões demográficas nas metrópoles modernas, como Londres e Nova York⁵⁶⁷. Na historiografia sobre a antiguidade, entre os autores mais representativos figuram, para além de Scobie, os nomes de Zvi Yavetz, Peter Brunt e, em tempos mais recentes, Walter Scheidel⁵⁶⁸. Nessa perspectiva, as cidades antigas e, sobretudo, as grandes metrópoles mediterrâneas como Roma tornam-se ceifadoras das vidas de sua população mais vulnerável, cujos números só são mantidos pela contínua migração de destituídos provenientes do campo e de outras pequenas aglomerações urbanas em busca de melhores condições de vida. Ao fim, como argumenta Courier, com índices migratórios e de mortalidade elevados, “a plebe não poderia constituir outra coisa a não ser uma população de desenraizados, constantemente

vol. 86, p. 100-138, 1996. esp. p. 133-134; sobre as questões sanitárias das cidades, ver os artigos reunidos em: HOPE, V.; MARSHALL, E. (eds.). **Death and disease in the Ancient city**. London: Routledge, 2000; ver também os artigos relativos à Antiguidade editados por: BRADLEY, M. (Ed.). **Rome, pollution, and propriety: dirt, disease, and hygiene in the eternal city from antiquity to modernity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

⁵⁶⁶ As habitações dos grupos sociais subalternos serão abordadas de forma aprofundada no capítulo seguinte. Por ora, apenas cito alguns trabalhos bem recentes que dialogam com o delineamento dado à questão por Scobie, especialmente: ROSILLO-LÓPEZ, Cristina. *Destitute, homeless and (almost) invisible: urban poverty and the rental market in the Roman world*. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. (Eds.). **Ancient history from below: subaltern experiences and actions in context**. London, New York: Routledge, 2022. p. 104-121; MASCHEK, Dominik. “Two of My Shops Have Collapsed...”: Real Estate and Predatory Urban Practices in Late Republican Central Italy. In: GARCÍA MORCILLO, M.; ROSILLO-LÓPEZ, C. (Eds.). **The real estate market in the Roman world**. London, New York: Routledge, 2023. p. 191-228.

⁵⁶⁷ As críticas de Courier encontram-se, em especial, nos dois primeiros capítulos de seu livro: COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome et sa culture (fin du IIe siècle av. J.-C.-fin du Ier siècle)**. Rome : École française de Rome, 2014. para a tradição sociológica na qual embasam-se tais pesquisas: esp. p. 23-24.

⁵⁶⁸ Cf. notas anteriores para bibliografia.

levados à Roma por uma pobreza endêmica e forçados a viver em condições sanitárias dramáticas”⁵⁶⁹. Por conseguinte, continua Courier, essa população “poderia ter apenas uma cultura desenraizada, sem capacidade de reprodução, com todas as implicações culturais de uma tal afirmação, a saber: nenhum enraizamento possível na cidade em si, nenhuma capacidade de memória – falta de transmissão – e, *in fine*, nenhuma identidade própria”⁵⁷⁰. Contra essa proposição, Courier ressaltou os aspectos positivos das condições de vida em Roma, de fins da República e inícios do Império, incluindo o acesso à moradia e à água potável, a distribuição gratuita ou subsidiada de alimentos e mesmo os cuidados com a gestão de resíduos⁵⁷¹. Contudo, cabe lembrar, como Courier mesmo fez, que a plebe de Roma era um grupo privilegiado e que habitar a capital do Império era “um fator de distinção”⁵⁷². Enquanto capital, Roma se beneficiava do influxo de riquezas advindas das outras regiões e uma parcela de seus cidadãos, na condição de povo conquistador, beneficiava-se da distribuição gratuita de grãos e do acesso a outros itens alimentícios subsidiados. Além disso, a capital proporcionava a todos os seus habitantes melhores condições de acesso à água e manutenção das condições urbanas de saneamento do que em outras cidades⁵⁷³.

Os argumentos de Courier se referem apenas à cidade de Roma em um período específico, de fim do século II a.C. ao final do século I d.C., mas eles nos lembram que nosso estudo da manutenção das ruas, gestão de resíduos e suas relações sensoriais deve também levar em conta as especificidades de cada lugar e notar as variações no tempo e no espaço desses aspectos⁵⁷⁴. Este é um segundo aspecto a ser levado em consideração que, ao que me parece, as proposições de Scobie passaram ao largo. Assim, ainda que em seu esforço tente

⁵⁶⁹COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome**. p. 24: (...) *la plèbe ne pouvait que constituer une population de déracinés constamment poussés à Rome par une pauvreté endémique et contraints à y vivre dans des conditions de salubrité dramatiques*.

⁵⁷⁰ COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome**. p. 37: (...) *la culture de la plèbe ne pouvait qu'être une culture déracinés sans capacité de reproduction avec toutes les implications culturelles d'une telle assertion, à savior : aucun enracinement possible dans la Ville elle-même, aucune capacité de mémoire – faute de transmission – et, in fine, aucune identité propre*.

⁵⁷¹ Em muitos pontos de acordo, mas contra esta estabilidade, ver: PURCELL, Nicholas. The city of Rome and the *plebs urbana* in the late Republic. In: **The Cambridge Ancient History, vol. IX: The Last Age of the Roman Republic, 146-43 BC**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 644-688. p. 650-654.

⁵⁷² Em referência ao título de seu capítulo *La ville comme facteur de distinction*: COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome**. p. 26-125.

⁵⁷³ COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome**. (distribuição frumentária) p. 43-82, esp. p. 67-75; (abastecimento d'água) p. 82-104; (condições de urbanismo e saneamento) p. 104-116.

⁵⁷⁴ Dois exemplos de como estas questões temporais foram exploradas podem ser observados para os casos de *Tarraco* (uma síntese de pesquisas sobre os lixões da cidade) e *Augusta Emerita* (uma monografia mais profunda das mudanças de todo o sistema de gestão de resíduos), em: TARRATS, Francesc. *Tárraco, topografía urbana y arqueología de los vertederos*. In: REMOLÀ, J.-A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. (Eds.). *Sordes urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana*. Actas de la reunión de Roma (15-16 de noviembre de 1996). Roma: “L'ERMA” di Bretschneider, 2000. p. 129-137; ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos**.

abordar o “mundo romano”, a periodização e as mudanças ao longo do tempo das condições urbanas não lhe foram centrais⁵⁷⁵.

Além desses problemas, outra crítica que pode ser feita ao panorama traçado por Scobie é que, para ele, a série de infortúnios que acometiam as classes baixas urbanas teria raiz numa forma organizacional violenta e acarretaria, dentre outras consequências, em mais violência diante das circunstâncias enfrentadas:

“Viver em alta densidade [populacional] em moradias e entornos urbanos insalubres possuía apenas uma consequência principal em uma sociedade pré-industrial com faltas de cuidados médicos efetivos e baratos: *uma curta, frequentemente violenta, vida*. Que esta era a sina de milhões de pessoas no mundo romano que viviam em níveis de subsistência, dificilmente pode ser duvidado, dada as condições discutidas acima”⁵⁷⁶.

As vidas das classes baixas seriam, assim, marcadas por uma violência inerente, uma vez que as violências que sofriam se estendiam àquilo que Scobie chama de violências oficiais e inoficiais (*official and unofficial violence*)⁵⁷⁷. As violências das ruas descritas em casos presentes nas leis, sobretudo em *Digesta*, e na literatura, com ênfase em Juvenal, levaram-no a afirmar que seriam um lugar comum em Roma. “Estes riscos, somados com as ameaças não-humanas em seu ambiente, tais como encanamento precário (no caso dos *insularii*, não existentes) e os cheiros consequentes, combinavam-se para dar a esses inquilinos um sentido de serem rejeitados morais”⁵⁷⁸. Condições que “deveriam ser agravadas por uma consciência de suas próprias desesperanças”⁵⁷⁹.

Estas são afirmações fortes, para dizer o mínimo. É verdade que o reforço constante das violências de todos os gêneros sofridas pelos grupos sociais subalternos pode ter causado determinadas sensações de dor, desalento e desconforto físicos e psicológicos, embasando

⁵⁷⁵ Ainda que possamos pensar que o período delimitado fosse o da passagem da República até a consolidação do Império, dado a concentração maior neste recorte, como feito em: SCOBIE, Alex. Rich and poor. De todo modo, se contarmos apenas as referências literárias, a paisagem cronológica muda e passamos a ter uma abordagem, *grosso modo*, de Varrão até Ausônio.

⁵⁷⁶ SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality. p. 433: *High density living in insanitary urban dwellings and surroundings can have only one major consequence in a preindustrial society which lacks effective and cheap medical care: a short, often violent, life. That this was the common lot of the millions of people in the Roman world who lived on or below subsistence level, can hardly be doubted, given the conditions discussed above* (a ênfase é minha).

⁵⁷⁷ SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality. p. 433.

⁵⁷⁸ SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality. p. 433: *These risks in addition to the non-human threats in their environment such as poor plumbing (in the case of insularii, non-existent) and the consequential smells, combine to give such tenants a sense of being moral outcasts.*

⁵⁷⁹ SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality. p. 431: *The condition of the urban poor and indigent in the Roman world must have been aggravated by a consciousness of their own hopelessness (...)*

uma série de sofrimentos⁵⁸⁰. O problema da argumentação de Scobie reside na inexorabilidade de suas proposições e na forma de subjetivação que atribui aos grupos sociais subalternizados. Que tais atores sociais fossem imputados como rejeitados morais por membros das elites romanas não significa que, ao fim e ao cabo, introjetassem tais perspectivas, interpretassem suas próprias vidas como condenadas à marginalização que lhes eram impostas. O fatalismo de sua análise deságua na constituição subjetiva violenta, pois a violência seria a única linguagem ou recurso (ou condenação) dos destituídos. Em outras palavras, mesmo quando analisam práticas e formas culturais de grupos subalternos da Antiguidade, autores como Scobie acabam sempre por esbarrar naquilo que Maurizio Gribaudo chamou de “alteridade opaca”. Gribaudo, em seu estudo sobre a marginalização de populares da Paris de inícios do século XIX, demonstrou como higienistas, arquitetos, urbanistas e literatos chocaram-se contra essa barreira que era o “outro” empobrecido, pretensão resultante de um misto de constrangimentos geológicos e sociais. Na perspectiva desses autores, “a compreensão da trama urbana não ultrapassa a individualização das diferentes zonas de morbidade nas quais se assimilam, sem distinção, indivíduos e formas construídas, doenças e práticas sociais criadoras da categoria de *universo cloacal*”⁵⁸¹. Ainda que Gribaudo fale de autores da primeira metade do século XIX, algumas semelhanças para com abordagens como as de Scobie são consideráveis. Em ambos os casos, estamos diante de uma visão social desfocada, repleta de “doença física e moral de toda uma população amontoada em casebres bafientos e malcheirosos”⁵⁸². Esse tipo de opacidade está presente em afirmações como as que apregoam que a “violência era um lugar comum na cultura popular e fornecia uma linguagem física que o povo poderia facilmente compreender”⁵⁸³, pois “... para o homem ordinário, violência estava integrada em todo aspecto de sua vida ao ponto em que, bem simples, era normal”⁵⁸⁴, ou mesmo que “A propensão para violência demonstrada pelos romanos em tais situações de interações sociais próximas [nas termas superlotadas] é particularmente interessante”⁵⁸⁵.

⁵⁸⁰ A questão dos sofrimentos e das aflições de natureza psicológica em atores e grupos sociais subalternos na Antiguidade romana foi discutido recentemente por: TONER, Jerry. **Popular Culture in Ancient Rome**. Cambridge: Polity Press, 2009. p. 54-91.

⁵⁸¹ GRIBAUDI, Maurizio. Vestígios de uma modernidade apagada: a Paris popular da primeira metade do século XIX. In: CORDEIRO, G.I.; VIDAL, F. (Eds.). **A rua – espaço, tempo, sociabilidade**. Trad. Graças Índias Cordeiro. Lisboa: Horizonte, 2008. p. 27-45. p. 31.

⁵⁸² GRIBAUDI, Maurizio. Vestígios de uma modernidade apagada. p. 34.

⁵⁸³ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 114: *We have seen that violence was commonplace in the popular culture and provided a physical language the people could easily understand.*

⁵⁸⁴ KNAPP, Robert. **Invisible Romans**: prostitutes, outlaws, slaves, gladiators and others. London: Profile Books, 2011. p. 38: (...) *for the ordinary man violence was embedded in every aspect of his life to the point where it was, quite simply, normal.*

⁵⁸⁵ FAGAN, Garrett G. **Bathing in public in the Roman world**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1999. p. 31: *The propensity for violence displayed by Romans in such close social interactions is particularly*

Nestas interpretações, o intermédio documental literário e seus respectivos critérios inerentes de seleção dos eventos que desafiavam determinadas ordens morais a respeito das práticas violentas, daquilo que seria aceito ou não aceito, diluem-se⁵⁸⁶. Perdem-se, de igual modo, os contornos das relações sociais mais amplas e plurais que os atores sociais subalternos participavam, constituíam. Em suma, parece que as condições de salubridade tiveram participação decisiva para moldarem os grupos subalternos em sujeitos violentos, que, dificilmente, permitem-lhes ser outra coisa, ou mesmo construir outras relações.

As razões das violências estariam, como dito, enraizadas numa forma organizacional violenta. Para Scobie, desesperança e violência dos pobres estavam conectadas à ausência do papel do Estado, ou melhor, a um “grau massivo de indiferença por parte do Estado em relação às necessidades de moradia de suas massas indigentes”⁵⁸⁷, por “não tentar redistribuir para minimizar o desequilíbrio entre ricos e pobres”⁵⁸⁸. Toda a ausência das condições sanitárias e as péssimas circunstâncias de moradia identificadas recaíam na falta de uma atuação do Estado, das elites que controlam o Estado⁵⁸⁹. A opacidade para visualizar as possibilidades de ação dos grupos subalternos ganham, assim, mais contraste e intransponibilidade. Nestes traços quase não há como ser outra coisa que não aquela já

interesting (...); sobre a presença da plebe nas termas, p. 196-199. Argumento retomado por: TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 129-130. Ver também: FAGAN, Garret. Violence in Roman social relations. In: PEACHIN, M. (Ed.). **The Oxford Handbook of Social Relations in the Roman World**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 467-495. p. 490: *Their deplorable living conditions may have heightened tensions and made people that little bit tetchier*.

⁵⁸⁶ Em especial quando relacionados às práticas de violência infligidas entre atores sociais. Algo bem próximo à afirmação de Brent Shaw a respeito dos atos violentos presentes nos conflitos religiosos entre cecilianistas e donatistas e os modos de registro documental: SHAW, Brent D. **Sacred violence**. p. 52-54, esp. p. 54: (...) *the reader is not presented with an even-handed or balanced reportage of violence, but rather with an aesthetic and moral ordering of it mainly for the purpose of persuasion. This is not to say that the violent acts that I am about to describe not happen but rather that, between individual murders on the one side and wars and rural rebellions on the other, there was a large and sometimes amorphous middle ground of violent acts that were interpreted a terrible meaning or which, in these terms, were simply ignored* (...). ([...] *o leitor não é apresentado a uma reportagem imparcial ou equilibrada da violência, mas sim com uma ordenação estética e moral proposta principalmente para fins de persuasão. Isto não quer dizer que os atos violentos que estou prestes a descrever não aconteceram, mas que, antes disso, entre os assassinatos individuais, por um lado, e as guerras e rebeliões rurais, por outro, havia um amplo e às vezes amorfo meio termo de atos violentos que foram interpretados com significados terríveis ou que, nesses termos, foram simplesmente ignorados* [...]). Crítica semelhante, agora voltada às construções identitárias normativas e as formas de internalização culturais, é encontrada em: GARRAFFONI, Renata S. **Bandidos e salteadores na Roma antiga**. São Paulo: Annablume, 2002. p. 25-40, esp. p. 32.

⁵⁸⁷ SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality. p. 406: *All available evidence about accommodation at Rome reveals a massive degree of indifference on the part of the state towards the housing needs of its indigent masses*.

⁵⁸⁸ SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality. p. 431: (...) *the state did not try to redistribute to minimize the disequilibrium between rich and poor*.

⁵⁸⁹ SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality. p. 401, n. 15.

condicionada. Ressalte-se: condicionada pelas elites que administram o Estado. As relações laterais, os laços de solidariedade, quase não existem⁵⁹⁰.

Toda essa discussão a respeito da abordagem e os apontamentos a partir do trabalho seminal de Scobie servem para demonstrar, ainda que de maneira limitada, como os sistemas de gestão de resíduos, suas implicações sensoriais e as condições de higiene em seu entendimento mais amplo estão aglomerados e presentes tanto em perspectivas sobre os urbanismos antigos, quanto nas constituições subjetivas dos atores sociais dos períodos investigados. Em suma, para fazer coro ao que afirmou Mark Bradley: “A sujeira romana antiga importa”⁵⁹¹. Embora possa ser feito pequenos ajustes a essa colocação para atender melhor os propósitos deste capítulo: os resíduos, as formulações sobre em quais circunstâncias os resíduos puderam ser classificados como sujeira, e os sentidos associados com os resíduos (sobretudo no espaço das ruas) importam. Importam, sobretudo, para compreendermos como poderiam ser constituídas outras formas de experiência sensorial pelos grupos subalternos.

3.2 Organizações dos sistemas de gestão de resíduos nas cidades romanas: abordagens gerais e condições particulares

Discutido os problemas que resultam do modelo das cidades antigas como “cemitério urbano”, ainda resta responder: como eram realizadas as gestões de resíduos e como eram organizadas? Quem eram os incumbidos dessas funções? É possível saber como a gestão de resíduos funcionava nas cidades norte-africanas durante a Antiguidade Tardia? Haveria uma “gestão de políticas públicas” para as cidades romanas desse período, como integrantes de um conceito de “saúde pública” ou incentivos institucionais similares⁵⁹²?

Para responder a tais questões é preciso um esforço em compreender os limites das fontes de que dispomos. É necessário, do mesmo modo, combinar as documentações

⁵⁹⁰ Apesar de inseridos em uma atmosfera violenta, Toner comentou sobre os usos táticos da violência pelos grupos subalternos para obtenção de recursos materiais: TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 170; Garret Fagan também pontua esta questão, mas com clara associação à criminalidade: FAGAN, Garret. *Violence in Roman social relations*. p. 479. Exemplo distinto sobre as organizações de solidariedade entre os trabalhadores urbanos, pode ser encontrado em: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas populi*. p.118-123; *Id. Sociedade e cultura na África romana: oito ensaios e duas traduções*. São Paulo: Intermeios, USP-Programa de Pós-Graduação em História Social, 2020. p. 135-154, esp. p. 150-153.

⁵⁹¹ BRADLEY, Mark. *Approaches to pollution and propriety*. In: BRADLEY, M. (Ed.). **Rome, pollution, and propriety: dirt, disease, and hygiene in the eternal city from antiquity to modernity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 11-40. p. 22: *Ancient Roman dirt mattered*.

⁵⁹² ROBINSON, Olivia F. **Ancient Rome**. p. 111; MORLEY, Neville. *The salubrity of the Roman city*. p. 201.

materiais e literárias de outros contextos do Mediterrâneo antigo que permitam a construção de quadros gerais de interpretação sobre os modos de descarte e de organizações da gestão de resíduos para compreender os campos de possibilidades e disposições de práticas que poderiam ser realizadas nas cidades estudadas. Com esse procedimento, creio ser possível elaborar um quadro geral que permita observar semelhanças/continuidades e diferenças/rupturas em cada caso e/ou período e que possa servir de guia para compreender as formas de disposição e depósito desses resíduos urbanos em algumas cidades norte-africanas entre os séculos IV e V.

3.2.1 Conceitos, legislações e organizações

Pensar em uma organização dos sistemas de gestão de resíduos sólidos e líquidos nas cidades romanas é pensar num processo que, de modo esquemático, envolve três etapas complementares: primeira, meios/canais de recolha/coleta dos materiais considerados como dignos de descarte; segunda, meios/canais de transporte desse material; terceira e última, destinação final dos materiais⁵⁹³. Para as cidades romanas, embora não seja difícil reconhecer os dejetos produzidos no meio urbano, seus sistemas de escoamento e até mesmo transporte e algumas das práticas realizadas para dar-lhes um destino final, pouco é conhecido a respeito de suas formas de organização⁵⁹⁴. Uma das principais causas desse desconhecimento está na pouca e esparsa documentação sobre como eram realizadas. Somem-se essas dificuldades documentais com as especificidades e variações ao longo do tempo do próprio vocabulário utilizado nas fontes antigas para se referir aos resíduos. Por exemplo, segundo Pierre Cordier, não havia um termo genérico para designar os dejetos (*déchets*) e a palavra *sordes* não era empregada de forma estrita para denominar todo tipo de lixo. Seu campo semântico poderia englobar um tipo particular de sujeira, invocando principalmente a ideia de uma limpeza corporal, uma vez que seria aplicado à negligência de cuidados e à degradação corporal, como nos usos do adjetivo *sordidus* e do particípio *sordidatus* para designar a vestimenta ritual dos que estavam enlutados ou acusados diante do tribunal⁵⁹⁵. Como será discutido, para a

⁵⁹³ Cf. CARRERAS MONFORT, Cèsar. Urbanismo y eliminación de residuos urbanos. In: REMOLÀ VALLERDÚ, J.A.; ACERO PÉREZ, J. (Eds.). **La gestión de los residuos urbanos en Hispania**: Xavier Dupré Raventós (1956-2006), in *Memorian*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC, 2011. p. 17-26. p. 18.

⁵⁹⁴ CARRERAS MONFORT, Cèsar. Urbanismo y eliminación de residuos. p. 17; ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos**. p. 69.

⁵⁹⁵ Leve-se em conta que para tal formulação, a maior parte das fontes de Cordier são de fins do período republicano e inícios do imperial, com pouquíssima indagação sobre Antiguidade tardia. Cf. CORDIER, Pierre. Les mots pour le dire : le vocabulaire des rebuts et leurs représentations. In : BALLETT, P.; CORDIER, P.;

Antiguidade Tardia, os diferentes contextos dos usos de *sordes*, sobretudo em Agostinho e, em menor caso, em Quodvultdeus, demonstram bem como o termo ultrapassa a referência aos dejetos.

Esse cuidado conceitual de Cordier conecta-se com o que aponta como perigo de uma definição unitária dos dejetos que, de modo anacrônico, acarretaria pensar em um sistema fechado e singular para seu ciclo na Antiguidade⁵⁹⁶. Seríamos levados a pensar num ciclo progressivo e linear que envolveria começo (produção), meio (uso) e fim (descarte) sem darmos conta das inúmeras variáveis existentes entre tais etapas e posteriores a elas, sobretudo com reciclagens e reutilizações, de resíduos de todas as sortes e para os mais variados fins⁵⁹⁷. Portanto, é preciso estar atento que, apesar de ser uma ferramenta útil, a esquematização muito rígida para a gestão de resíduos pode ocasionar alguns enganos interpretativos.

Foi com este alerta em mente que Jesús Acero Pérez apontou três principais aspectos para análise da organização da gestão de resíduos nas cidades romanas: primeiro, a gestão de resíduos líquidos; segundo, a gestão de resíduos sólidos que, de certo modo, engloba o terceiro, a gestão de resíduos fisiológicos (ou orgânicos). Apesar de cada um possuir problemáticas e formas de investigação próprias, ao fim, “suas implicações urbanísticas, históricas e socioeconômicas devem ser entendidas de forma conjunta”⁵⁹⁸. Assim, é preciso ressaltar a importância da compreensão global tanto da análise moderna quanto das práticas antigas que os resíduos urbanos envolvem e, em particular para o que é almejado aqui, a instância dessa análise conjunta no espaço das ruas e as questões sensoriais atreladas a elas.

O fato dos resíduos serem uma preocupação das autoridades públicas faz com que seja possível identificar muitos aspectos de sua organização e gestão na legislação que regulava a manutenção das condições urbanas. É o caso de uma série de normas sobre os descartes e as

DIEUDONNÉ-GLAD, N. (Eds.). **La ville et ses déchets dans le monde romain** : rebuts et recyclages : actes du colloque de Poitiers, 19-21 septembre 2002. Montagnac : Monique Mergoïl, 2003. p. 19-26. p. 19: *L'absence d'un terme générique désignant l'ensemble de ce que nous appelons déchets est un trait marquant des langues grecques et latines. (A ausência de um termo genérico que designe o conjunto daquilo que denominamos dejetos é um traço marcante das línguas gregas e latinas).*

⁵⁹⁶ CORDIER, Pierre. Les mots pour le dire. p. 19.

⁵⁹⁷ Sobre este tema das variáveis no interior do “ciclo de vida” dos objetos, ainda que com enfoque na documentação cerâmica, ver: PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery in the archaeological record**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 6-16; e mais recentemente: *Id.* Recycling in the Roman world: concepts, questions, materials, and organization. In: DUCKWORTH, C.N.; WILSON, A. (Eds.). **Recycling and reuse in the Roman economy**. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 9-58.

⁵⁹⁸ Aquilo que aponta como novidade de sua monografia. ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos**. p. 20: (...) *pero cuyas implicaciones urbanísticas, históricas y socioeconómicas deben entenderse de forma conjunta.*

formas de lidar com os dejetos presentes tanto na legislação municipal, como nas *tabulae* de *Heraclea* e *Luceria*, no sul da península itálica, ou em *Urso*, na península ibérica, quanto nos textos de jurisprudência, como os reunidos no livro 43 do *Digesto*, sobretudo nos títulos de Ulpiano e no atribuído a Papiniano⁵⁹⁹. É notório que grande parte dessa legislação, senão quase toda, incidia de algum modo sobre as ruas⁶⁰⁰.

Para lidar com essa documentação legal é preciso outros cuidados. Como Silvio Panciera alertou, havia uma sutil e significativa distinção terminológica nas fontes jurídicas que abordam a questão dos resíduos urbanos entre as palavras *tuitio* (manutenção) e *purgatio* (limpeza)⁶⁰¹. Para Panciera, a confusão entre os sentidos de ambas as palavras levou os estudiosos a postularem que as cidades romanas, em geral, e Roma, em especial, não teriam qualquer forma de dispositivos públicos para gestão de seus resíduos e, portanto, seriam abarrotadas de lixo, criando seu caos higiênico⁶⁰². Isso decorreria de uma interpretação equivocada da *Tabula Heracleensis* que, nas passagens em que aborda os cuidados com as ruas, imputaria aos proprietários dos imóveis que margeavam as vias a responsabilidade de mantê-las limpas, enquanto à parte pública seria responsável apenas pela averiguação⁶⁰³. No entanto, como notou Panciera, o que o texto da lei apresenta é que os proprietários estariam encarregados da manutenção das vias (*ei omnes eam viam tueantur*), de modo a garantir seu uso da melhor forma possível, sua viabilidade (*quo minus commode populus ea via utatur*)⁶⁰⁴.

⁵⁹⁹ *Heraclea*: **Tab. Herac.** CIL I 596, l. 20-55; **RS I**, n. 24, p. 355-391. *Luceria*: CIL IX, 782 = I², 401; cf. BODEL, John. **Graveyard and groves: a study of the Lex Lucerina**. Cambridge, Mass.: American Journal of Ancient History, 1994. *Urso*: **Lex Urs.** CIL, II, 5439; CIL I² 590, l. 77; **RS I**, n. 25: p. 393-454. *Juristas*: Ulpiano, *ad edictum*, 68; **Dig.** 43.8.2.1-45; Papiniano, *de cura urbium*: **Dig.** 43.10.1-5. Sobre as leis em relação aos modos de gestão de resíduos nas cidades romanas, ver SALIOU, Cathérine. **Les lois des bâtiments : voisinage et habitat urbain dans l'Empire romain**. Recherches sur les rapports entre le droit et la construction privée du siècle d'Auguste au siècle de Justinien. Beyrouth : Presses de l'Ifpo, 1994. p. 141-157; PANCIERA, Silvio. *Nettezza urbana a Roma: organizzazione e responsabili*. In: REMOLÀ, J.-A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. (Eds.). **Sordes urbis**. p. 95-105; ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos**. p. 77-86; RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco. *Leyes y normas sobre la gestión de los residuos en época romana*. In: BERNAL-CASASOLA, D.; CONTINO, A.; SEBASTIANI, R. (Eds.). **Da Roma a Gades/De Roma a Gades: gestione, smaltimento e riuso dei rifiuti artigianali e commerciali in ambiti portuali marittimi e fluviali/ La gestión, eliminación y reutilización de residuos artesanales y comerciales en ámbitos portuarios marítimos y fluviales** Oxford: Archaeopress, 2022. p. 1-30.

⁶⁰⁰ Cf.: SALIOU, Catherine. *Le nettoyage des rues dans l'Antiquité : fragments de discours normatifs*. In: BALLETT, P.; CORDIER, P.; DIEUDONNÉ-GLAD, N. (eds.). **La ville et ses déchets dans le monde romain**. p. 37-51.

⁶⁰¹ PANCIERA, Silvio. *Nettezza urbana a Roma*. p. 91, 98-99.

⁶⁰² PANCIERA, Silvio. *Nettezza urbana a Roma*. p. 91, n. 15.

⁶⁰³ **Tab. Heracl.** l. 20-49; embora em l. 50-52 a lei aborde a atribuição de limpeza ao ônus privado, mas em termos distintos, o que auxiliaria, segundo Panciera, na confusão entre ambos. PANCIERA, Silvio. *Nettezza urbana a Roma*. p. 99.

⁶⁰⁴ **Tab. Heracl.** l. 20-23: *Quae viae in urbem Rom(am) propiusve u(rbem) R(omam) p(assus) m(ille) ubi continente habitabitur sunt erunt, quouis ante aedifi cium earum quae / viae erunt, is eam viam arbitrato eius aed(ilis), quoi ea pars urbis h(ac) l(ege) obvenerit, tueatur; isque aed(ilis) curato uti quorum / ante aedifi cium erit quamque viam h(ac) l(ege) quamque tueri oportebit, ei omnes eam viam arbitrato eius tueantur, neve eo /*

Deste modo, a *purgatio* das ruas seria responsabilidade pública, alteradas ao longo do tempo, mas sob o jugo de magistrados⁶⁰⁵. Ou seja, do ponto de vista legal, havia uma gestão de resíduos pública, de preocupações com o bem comum (*ad publicam utilitatem*)⁶⁰⁶. Fato verificável também por meio da materialidade, pela existência de aterros organizados ou com grandes indícios de organização, tanto de materiais orgânicos (*stercus*), quanto de escombros de demolição e outros dejetos sólidos (*rudus*), tais como os cerâmicos⁶⁰⁷. Acerca da primeira forma, foram encontrados testemunhos epigráficos de delimitação de zonas favoráveis e interditadas ao descarte e imprecções contra os transgressores, sobretudo em Roma⁶⁰⁸. Quanto à segunda, o exemplo mais famoso e melhor conhecido é também da capital imperial, o Monte Testaccio, uma colina situada nas proximidades do porto fluvial do Tibre e dos *horrea Aemilia* com 35 metros de altura e volume aproximado de 500 milhões de metros cúbicos formada, sobretudo, por ânforas descartadas após o uso⁶⁰⁹. Outros exemplos desses locais reservados para descarte, em ampla maioria com resíduos mistos, foram encontrados em diversas cidades, como em *Augusta Emerita* e *Tarraco* na península ibérica, nos arredores de *Hadrumetum*, na Bizacena, e em *Ghirza*, na Tripolitânia⁶¹⁰.

Uma das principais contribuições de Panciera sobre o tema foi atribuir não apenas preocupação como também ação pública à questão da gestão de resíduos urbanos. De todo

loco a<q>(ua) consistat, quo minus commode populus ea via utatur. Cf. PANCIERA, Silvio. *Nettezza urbana a Roma*. p. 99.

⁶⁰⁵ PANCIERA, Silvio. *Nettezza urbana a Roma*. p. 102-103.

⁶⁰⁶ Cf. **Dig.** 43.22.6: *Quia autem cloacarum refectio et purgatio ad publicam utilitatem spectare videtur (...).*

⁶⁰⁷ Discussões sobre os materiais sólidos, definição e os contextos de emprego de *rudus*, ver: CORDIER, Pierre. *Les mots pour le dire*. p. 23-24. Embora haja, para Roma, evidências literárias que falam sobre o descarte dos materiais de construção não reaproveitados (*ruinas*) despejados diretos no Tibre. Situação que agravaria as inundações do rio e teria impulsionado as medidas de Augusto de rondas noturnas para impedir tal tipo de descarte. Como, por exemplo, em: Suetônio. **Aug.** XXX.

⁶⁰⁸ **CIL** VI, 3823 = **CIL**: VI 31577 **CIL** I, 591: *Niue stercus terra(m)ue / intra ea loca ferisse coniecisseue ueli(t) / quei haec loca ab pago Montano / redempta habebit*; **CIL**, VI, 31614: *L(ucius) Sentius C(ai) f(ilius) pr(aetor) / de sen(atus) sent(entia) loca / terminanda coer(auit) / B(onum) f(actum) nei quis intra / terminos propius / urbem ustrinam / fecisse uelit / niue stercus cadauer / iniecis(s)e uelit*; **CIL** VI, 31615: *L(ucius) Sentius C(ai) f(ilius) pr(aetor?) / de sen(atus) sent(entia) loca / terminanda coeravit / b(onum) f(actum) nei quis intra / terminos propius / urbem ustrinam / fecisse velit neive / stercus cadaver / iniecisse velit / Stercus longe / aufer / ne malum habeas*. A respeito destes interditos, ver: BODEL, John. **Graveyard and groves**. p. 30-38; CORDIER, Pierre. *Le destin urbain du stercus et de l'urine*. In: BALLETT, P.; CORDIER, P.; DIEUDONNÉ-GLAD, N. (Eds.). **La ville et ses déchets dans le monde romain**. p. 51-60. p. 53-54.

⁶⁰⁹ RODRÍGUEZ ALMEIDA, Emilio. **II Monte Testaccio: ambiente, storia, materiali**. Roma: Quasar, 1984; REMESAL RODRÍGUEZ, José. *Monte Testaccio. Un archivo único*. In: REMESAL RODRÍGUEZ, J. *et alli*. (Eds.). **Paisajes productivos y redes comerciales en el Imperio Romano**. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2019. p. 11-28.

⁶¹⁰ *Augusta Emerita*: ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos**. p. 275-347; *Tarraco*: TARRATS, Francesc. *Tárraco, topografía urbana*. p. 132-135; *Hadrumetum*: CARTON, L. *Le 'Monte Testaccio' de Sousse*. **BSAS**, vol. 16, p. 65-123, 1911-1912-1913; *Ghirza*: BROGAN, Olwen; SMITH, David. **Ghirza: a Romano-Libyan settlement in Tripolitania**. Tripoli: The Department of Antiquities, 1984. p. 92-98.

modo, como ele mesmo aponta: “Limpeza urbana e ruas são inseparáveis sempre”⁶¹¹. Seu objetivo com tal afirmação foi o de integrar todas as funções de limpeza como obrigações coextensivas aos cuidados das ruas que eram confiados aos magistrados⁶¹². Todavia, invertida a proposição, é possível afirmar que o encargo da manutenção das ruas traz consigo o encargo de sua limpeza. Portanto, os responsáveis pela conservação das ruas e os proprietários e habitantes dos edifícios que margeavam as vias também estavam compelidos a, de certa forma, cuidarem de sua limpeza. Como demonstra a própria *Tabula Heracleensis*, uma das incumbências da *tuitio* dos moradores era a de não manter água parada sobre a rua, ou seja, torná-la viável, garantindo tanto que a evacuação de resíduos líquidos fosse estabelecida e mantida de modo apropriado, quanto que as ruas estivessem livres dos efeitos corruptivos das águas paradas⁶¹³.

3.2.2 Gestão de resíduos e variações locais: Libânio e as relações de forças envolvidas na coleta de resíduos

Outro ponto a ser levado em consideração sobre o tema foi o levantado por Wolfgang Liebeschuetz. Ao abordar algumas cidades gregas e romanas, sobretudo da parte oriental do Império durante a Antiguidade Tardia, Liebeschuetz destacou a ausência de serviços regulares de limpeza oferecidos pelas autoridades municipais em algumas dessas localidades⁶¹⁴. A principal fonte de sua argumentação foi um discurso de Libânio, proferido por volta do ano 385, quando Teodósio I era imperador⁶¹⁵. Na ocasião, o orador atacou uma prática que parecia ser comum ou ao menos alegado por parte de seus praticantes como um arraigado costume (ἔθος) em Antioquia⁶¹⁶. As acusações diziam respeito à coleta de um tipo particular de resíduos sólidos: os entulhos (χοῦς) e demais dejetos advindos das atividades edilícias. Segundo Libânio, havia uma grande produção de entulhos na cidade, dado o colapso ou a demolição de casas e o processo de escavação de fundações para edifícios novos, públicos e privados. O grande problema que apontava era que os encarregados de retirar e transportar os

⁶¹¹ PANCIERA, Silvio. *Nettezza urbana a Roma*. p. 102: *In ogni tempo nettezza urbana e strade sono inscindibili*.

⁶¹² Para o cuidado das ruas imputados aos magistrados, e.g., Ulpiano: **Dig.** 43.8.2.24-25.

⁶¹³ **Tab. Heracl.** l. 22-23: *neve eo / loco a<q>(ua) consistat*.

⁶¹⁴ LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. Rubbish disposal in Greek and Roman cities. In: In: REMOLÀ, J.-A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. *Sordes urbis*. p. 51-61.

⁶¹⁵ Libânio. **Or.** 50; LIEBESCHUETZ, Wolf. Rubbish disposal. p. 51-53, p. 51: *Oration 50 of Libanius is perhaps the only speech surviving from Antiquity which is exclusively concerned with the disposal of rubbish, or rather strictly speaking with the disposal of rubble produced by building operations. (Oração 50 de Libânio é talvez o único discurso sobrevivente da Antiguidade que é preocupado exclusivamente com descarte de detritos ou, estritamente falando, com o descarte de entulhos produzidos pelas operações edilícias)*.

⁶¹⁶ Libânio. **Or.** 50.10.

entulhos seriam agricultores dos campos circundantes que, ao irem ao mercado comercializar seus produtos com seus animais de carga – em especial asnos, embora mencione também mulas e camelos –, deveriam, antes de retornar às suas casas, recolher tais resíduos dos locais indicados e transportá-los até fora dos limites das muralhas da cidade, em um local apropriado⁶¹⁷. Não importasse a distância de onde estivessem os entulhos, eles deveriam retirá-los e somente sairiam do perímetro da cidade com os animais carregados, o que poderia se prolongar até o anoitecer⁶¹⁸. Todo esse processo seria realizado sob a tutela dos *curiales* de Antioquia e favoreceriam tanto a recolha dos resíduos em obras públicas quanto privadas⁶¹⁹. No entanto, nem todos os que adentravam a cidade com animais de carga eram obrigados a tal incumbência. Libânio afirma que aqueles que arrendavam terras de *honorati*, altos oficiais e militares aposentados, estavam isentos desses serviços⁶²⁰. Isso demonstraria que, segundo ele, essa organização de limpeza dos resíduos beneficiava uns poucos que, por possuírem consentimento e favores dos governantes locais e provinciais, mantinham suas riquezas, com carros e animais de tração de todos as espécies, imunes dessas obrigações⁶²¹.

Ao contrário de um contrato formal para limpeza das ruas, como Panciera defendeu ser o caso em Roma, o discurso de Libânio sugere que o transporte de resíduos retirados das ruas de Antioquia e, portanto, sua manutenção e limpeza dependiam antes da requisição forçada de animais e da imposição de uma obrigação aos condutores de carros para que cumprissem essa tarefa. O orador deixa subentendido que a prática não era nova, mas que estava longe de ser difundida e empregada em outras regiões. Ao enfatizar o caráter local dessas práticas em Antioquia, Libânio insistiu que visitantes de outras cidades eram tomados por um sentimento de descrença quando ouviam falar sobre ou mesmo viam as obrigações impostas aos camponeses para o transporte de resíduos. Aliás, fez questão de afirmar que isto não seria um privilégio destes que vinham de outras regiões, mas que existiria ali na cidade de Antioquia uma prática que não deveria existir⁶²².

Essa forma de organização de coleta descrita por Libânio reforça o argumento sobre a variedade das dinâmicas entre público e privado para organização da gestão de resíduos nas

⁶¹⁷ Libânio. **Or.** 50.2.

⁶¹⁸ Libânio. **Or.** 50.25, 29.

⁶¹⁹ Libânio. **Or.** 50.

⁶²⁰ Libânio. **Or.** 50.9.

⁶²¹ Libânio. **Or.** 50.32. Sobre as relações conflituosas entre Libânio e as elites de Antioquia, que inclui no debate, além dos *honorati*, membros dos *principalis* e *curiales*, ver: CARVALHO, Maria Margarida de; SILVA, Érica M. Cultura política e administração na Antiguidade Tardia: os conflitos em torno dos ‘*Curiales*’ na cidade de Antioquia (século IV d.C.). **Dimensões**, vol. 25, p. 82-96, 2010.

⁶²² Libânio. **Or.** 50.8.

ruas. Não se pode esquecer que, claro, há toda uma diferença temporal e espacial entre a Antioquia de fins do século IV e a Roma de fins da república e início do período imperial. Sem contar as questões políticas que envolvem autoridades públicas, magistraturas e os alcances administrativos imperiais em ambas as ocasiões. De todo modo, algumas questões foram persistentes, a começar pelo fato de que os resíduos despejados nas ruas continuaram a ser uma preocupação das autoridades públicas. A solução encontrada para a capital da província da Síria foi a de redistribuir as obrigações de coleta dos resíduos entre aqueles mais vulneráveis. Por sua vez, Libânio fez questão de destacar ao imperador algumas soluções alternativas que poderiam ser utilizadas para o problema. Os magistrados poderiam, assim, ou realizar a retirada dos resíduos com mulas, asnos e camelos de propriedades (χωρίον) pertencentes à cidade⁶²³ ou os serviços serem custeados pela administração pública que, com base em cálculos dos arquitetos sobre a quantidade de entulhos gerados e os possíveis custos de seu traslado, estipulariam impostos para os serviços de coleta⁶²⁴. Estas poderiam ser muito bem escolhas já em uso por algumas das cidades vizinhas, daquelas de onde viriam os hipotéticos visitantes que se espantariam com as condições da gestão de resíduos de Antioquia.

Algumas dessas formas de configuração diversas entre os campos público e privado sobre a limpeza das ruas para o mundo greco-romano antigo foram sublinhadas por Catherine Saliou⁶²⁵. Constituídas no interior daquilo que denominou de identificação unificada do espaço urbano nas legislações romanas, ou seja, as ruas compreendidas enquanto rede que enforma a cidade, seus processos de limpeza, por mais que fossem onerados aos magistrados, ao poder público das cidades, ou mesmo em situações contrárias, quando impostas aos cidadãos, necessitavam da participação de todos os envolvidos, inclusive dos transeuntes⁶²⁶.

⁶²³ Libânio. **Or.** 50.5. Sobre as propriedades pertencentes ao conselho municipal de Antioquia, em conjunto com aplicação de seus recursos para a cidade, ver: LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. The finances of Antioch in the Fourth Century. **Byzantinische Zeitschrift**, vol. 52, n. 2, p. 344-356, 1959. p. 345-349, 353-355.

⁶²⁴ Libânio. **Or.** 50.37.

⁶²⁵ Embora, ressalte-se, não tão preocupada com as divisões sociais dessas onerações. Sua demonstração parte de exemplos de limpeza das ruas extraídas de fontes normativas de períodos e cidades diversas, como Atenas e Tassos dos séculos V-IV antes de nossa era e Roma do período republicano e imperial. SALIOU, Catherine. Le nettoyage des rues. *passim*.

⁶²⁶ SALIOU, Catherine. Le nettoyage des rues. p. 45: *Le maintien et le rétablissement de la propreté de l'espace urbain concernent trois catégories d'acteurs : les passants, qui sont à la fois des usagers et des pollueurs potentiels du réseau de voies, les riverains, habitains ou propriétaires, et les magistrats. L'action des pouvoirs publics peut correspondre à une interdiction de polluer l'espace et à la prise en charge de son nettoyage. Ces formes peuvent bien sûr être associées (...) La propreté de la ville constitue ainsi à la fois l'un des enjeux et l'une des expressions de la dialectique de l'individuel et du collectif, du privé et du public. Les procédures adoptées, dans leur diversité, signalent aussi la pluralité des définitions possibles de l'espace et des rues et des places. (A manutenção e o reestabelecimento da limpeza do espaço urbano concernem a três categorias de atores: os caminhantes, que são ao mesmo tempo os usuários e os potenciais poluidores*

Em outras palavras, as relações das limpezas urbanas afetavam a todos que compunham a dinâmica das vias. E mais, conforme atentou, ao lado daqueles atores aos quais eram atribuídas de forma legal tarefas de cuidado/limpeza das ruas, é preciso incluir a participação ativa daqueles que não estavam encarregados por dispositivos jurídicos e que usufruíam do espaço das ruas de forma corrente, quer para deslocamento, quer para realização de atividades laborais, ou mesmo para ocupação enquanto locais precários e temporários de moradia.

O episódio narrado por Libânio permite ir além dessa redistribuição dos encargos entre público e privado. Por meio dele é possível apontar que, em primeiro lugar, é preciso ter sempre em mente uma placa de atenção para os limites das abordagens modernas calcadas em fontes normativas, sobretudo as legais, e as implicações da existência generalizada ou não das formas de coleta no Mediterrâneo antigo. Assim, em segundo lugar, para os casos em que a materialidade aponte para a existência de determinada gestão de resíduos urbanos em escala mais ampla e, talvez, organizada pelo poder público das cidades, seus funcionamentos dependiam e variavam de acordo com as dinâmicas das relações sociais locais. Por fim, em terceiro lugar, o episódio de Libânio não deixa esquecer que essas dinâmicas sociais e seus atrelamentos com as redistribuições dos encargos envolvidos nas coletas de resíduos estavam calcadas em relações de forças, dominações e, portanto, passíveis de conflitos em diversas escalas, como os existentes entre trabalhadores/mercadores/habitantes dos campos circundantes da cidade e decuriões, entre trabalhadores e poder militar, no interior das próprias elites locais, e entre governo local, provincial e imperial.

3.3 Modos de descarte urbanos: compreender as composições dos acúmulos residuais nas vias e demais espaços construídos nas cidades

Para compreender a gestão de resíduos nas cidades africanas na Antiguidade Tardia precisamos ainda ter algumas noções sobre os modos pelos quais os vestígios eram habitualmente descartados, quer em espaços determinados de maneira prévia por meio de interdições, legais ou não, quer em outros espaços ocasionais, como nas vias ou em edifícios abandonados. Compreender esses modos de descartar os resíduos é importante para nosso estudo por duas razões. Primeiro, para traçar um quadro de possibilidades de práticas que, de

da rede viária, os moradores do entorno (riverains), habitantes ou proprietários, e os magistrados. A ação das autoridades públicas pode corresponder a uma interdição de poluir o espaço e a de responsáveis por limpá-las. Estas formas podem bem estar associadas (...) A limpeza da cidade constitui, assim, um dos desafios e uma das expressões da dialética do individual e do coletivo, do privado e do público. Os procedimentos adotados, dentro de suas diversidades, também indicam a pluralidade de definições possíveis do espaço, das ruas e dos lugares/das praças (places)).

modo geral, estavam em uso no mundo mediterrâneo antigo e que, por sua vez, serve para tornar inteligíveis os casos específicos das cidades da África do Norte, ao auxiliar na compreensão sobre a formação dos depósitos de resíduos, seu uso ao longo do tempo e seu possível abandono. Segundo, por nos permitir avaliar a mudança ao longo do tempo das relações sensoriais associadas com a presença ou com a ausência dos resíduos. Afinal, é preciso lembrar sempre, os modos de descarte não são naturais, intrínsecos a uma predisposição asséptica dos seres humanos, ou algo parecido⁶²⁷. Além disso, as relações com os vestígios que foram designados como resíduos, lixos, em suma, materiais que passaram a ser não mais utilizáveis num determinado contexto é perpassada pelos sentidos. Por exemplo, visão, cheiro, tato e paladar contribuem na designação e compreensão de alimentos como não mais próprios para consumo, ou para casos de materiais não orgânicos, objetos como vasilhas, cujas características iniciais foram alteradas, tornando-as não mais propícias para utilização manual, como a perda de alças em cerâmicas de cozinha que precavam o contato direto do corpo com o calor. As implicações sensoriais estão presentes também nas formas de descarte: envolvidas nas relações de seleção de onde se deve e onde não se deve depositar o material designado como lixo. Isso se deve a uma série de sentidos que podem ser amalgamados, como, por exemplo, a sensação de viscosidade, os odores, afetos como nojo, ou, algo que tende a iludir pela simplicidade, a presença de acúmulos cada vez maiores no interior de um determinado espaço, aberto ou fechado, que impeça circulação e visibilidade⁶²⁸.

3.3.1 As ruas e os edifícios

O primeiro local de descarte de resíduos não poderia ser outro que não as ruas e os principais atores envolvidos nesse processo eram os próprios transeuntes e os habitantes dos edifícios que margeavam as vias. Porém, nunca é demais recordar que, como o capítulo segundo e a passagem de Libânio citada a pouco aludem, não eram apenas atores sociais humanos que perambulavam pelas ruas. Diversos animais lhes acompanhavam em seus usos constantes das vias, tanto os utilizados em transporte, tração e sela, quanto os domésticos ou

⁶²⁷ As considerações pioneiras elaboradas por Michael Thompson ainda constituem uma boa porta de entrada ao tema. Na introdução da nova edição de sua obra clássica, Thompson faz um bom levantamento dos debates realizados neste campo, com avaliações de críticas e das potencialidades de suas argumentações: THOMPSON, Michael. **Rubbish theory: the creation and destruction of value**. London: Pluto Press, 2017. p. 1-19, 88-111.

⁶²⁸ Algumas colocações sobre as relações entre sentidos, nojo (*disgust*) e, em menor parte, dejetos foram realizadas no trabalho seminal de: MILLER, William I. **The anatomy of disgust**. London: Harvard University Press, 1997. esp. p. 60-88; ver em conjunto com as críticas feitas por: BRADLEY, Mark. *Approaches to pollution and propriety*. p. 14.

de pequenas criações que poderiam existir dentro das cidades⁶²⁹. Juntos contribuía para acúmulos residuais de vestígios orgânicos, desde restos de comida descartados nas ruas até excrementos, sem contar resíduos de materiais diversos que poderiam ser despejados de forma involuntária sobre as vias, decorrentes de quedas de carregamentos⁶³⁰. Considerações que servem também para aqueles designados para as tarefas de coletas de resíduos urbanos.

Todavia, não eram apenas os transeuntes que contribuía para o acúmulo de resíduos nas ruas, em particular, e nas cidades, em geral. Some-se a essa equação o montante de dejetos produzidos em contexto urbano no interior de aglomerações residenciais e por estabelecimentos comerciais e/ou de produção de manufaturas. Eram nestes edifícios que ocorriam a maior parte da produção de resíduos urbana. Para compreender essas dinâmicas complexas e plurais de geração e eliminação de resíduos, assim como as relações mantidas entre edifícios, ruas e modos de descarte, creio que, seguindo J. Theodore Peña⁶³¹, há possibilidades de delinear traços gerais e esquemáticos desses processos.

Uma primeira forma de lidar com os resíduos poderia ser o acúmulo, num momento inicial, em locais provisórios, seja no próprio piso dos cômodos, comumente amontoados em suas arestas⁶³², seja naqueles que estavam em desuso, para depois serem despejados em locais definitivos. Este processo poderia envolver também os descartes dos resíduos acumulados em poços ou outras estruturas subterrâneas, como cisternas em desuso, instalados em pátios, jardins e demais espaços descobertos. De todo modo, o meio mais usual de descarte dos resíduos nos edifícios das cidades romanas era o despejo em fossas⁶³³. Para além das práticas às quais são mais facilmente associadas, como contentores de excrementos e urina conectados com latrinas, as fossas recebiam dejetos sólidos variados resultantes de diversas atividades realizadas nos ambientes habitacionais, produtivos e comerciais. Seu uso era concebido, com

⁶²⁹ Sobre o trânsito nas ruas de veículos com rodas tracionados por animais, ver capítulo 2. A respeito dos animais para alimentação e domésticos nos contextos urbanos norte-africanos na Antiguidade tardia, ver: MACKINNON, Michael. Animals, acculturation and colonization in ancient and Islamic North Africa. In: ALBARELLA, U. (Ed.). **The Oxford Handbook of Zooarchaeology**. Oxford: Oxford University Press, Oxford, 2017. p. 466-478. p. 469-474.

⁶³⁰ Como no famigerado exemplo encontrado em: Juvenal. III.255-9.

⁶³¹ As considerações que se seguem foram embasadas em grande parte por: PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery**. p. 272-312; *Id.* Recycling in the Roman world. p. 17-21.

⁶³² Sobre esta prática bastante disseminada, denominada pela literatura arqueológica de *fringe effect*, e seus efeitos a longo prazo na construção da estratigrafia dos cômodos, ver as importantes considerações teóricas de: RATHJE, William; MURPHY, Cullen. **Rubbish!:** the Archaeology of garbage. New York: Harper Collins, 1992. p. 34. Para exemplos das práticas de acúmulos temporários, sobretudo com limpeza dos pisos em contextos romanos, ver: ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos**. p. 75-76.

⁶³³ Com as advertências contextuais para construção das fossas, sobretudo da constituição do solo, conforme bem investigou Gemma Jansen: JANSEN, Gemma. Systems for the disposal of waste and excreta in Roman cities. The situation in Pompeii, Herculaneum and Ostia. In: REMOLÀ, J.-A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. (Eds.). **Sordes urbis**. p. 37-49.

frequência, como depósitos de detritos provisórios realizados com a perspectiva futura de que seu conteúdo fosse retirado e transportado para um local definitivo, um aterro distante dos edifícios⁶³⁴. O princípio prático dessa evacuação mais ou menos regular estava na capacidade finita de acúmulo residual das fossas, que, caso os limites fossem ultrapassados, poderiam transbordar, embora também existisse a possibilidade de seus selamentos e, portanto, desativações⁶³⁵.

3.3.2 Dos edifícios para as ruas

A existência desse modo de descarte, contudo, não impedia nem restringia que as ruas e os demais espaços públicos fossem alvejados com os resíduos produzidos no interior dos edifícios. Outra vez, fontes de tipologias diferentes e esparsas no tempo e no espaço apontam a existência dessa prática de descarte. A primeira que abordo são as literárias e, dentre elas, os famigerados relatos satíricos sobre a Roma do período imperial. Dentre eles, destaco uma passagem citada com certa frequência de Juvenal que, ao comentar sobre os perigos de caminhar à noite em Roma, alertava para os riscos de cacos de cerâmica (*testa*) que poderiam acertar em cheio as cabeças dos transeuntes: “Quão frequente vasilhas rachadas e truncadas caem das janelas”⁶³⁶! Se por um lado, Juvenal deixa subentendido que as quedas poderiam ser acidentais, por outro o descarte poderia ser muito bem proposital. Esta intencionalidade pode ser compreendida tanto pelas más condições dos receptáculos descritos (*rimosa*) quanto pelo que fato de que o caminhante deveria rogar para que fosse atingido não pelos vasilhames e sim pelos conteúdos líquidos que fossem vertidos sobre ele⁶³⁷. Deste mesmo trecho de Juvenal pode ser extraído considerações a respeito do conteúdo do descarte. Embora andares superiores pudessem possuir instalações de latrinas, cujos resíduos eram direcionados para

⁶³⁴ Sobre o amplo uso das fossas para descarte de resíduos: WILSON, Andrew. Incurring the wrath of Mars: sanitation and hygiene in Roman North Africa. In: JANSEN, G.C.M. (Ed.) *Cura Aquarum in Sicilia. Proceedings of the Tenth International Congress on the History of Water Management and Hydraulic Engineering in the Mediterranean Region. Syracuse, May 16-22, 1998*. Leiden: BABESCH (Supplement 6), 2000. p. 307-312. p. 310; KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. *The archaeology of sanitation*. p. 72-74; JANSEN, Gemma. Sewers or cesspits? p. 7-14; PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 17-18.

⁶³⁵ Para alguns exemplos dos meios de limpeza e selamento das fossas: JANSEN, Gemma C.M. Systems for the disposal of waste and excreta. esp. p. 38-44. Um ótimo exemplo do variado uso de uma fossa romana advém da cidade de *Carnuntum*, datada a partir da metade do século II. Graças a uma escavação e análise detalhada de seus materiais, foi demonstrado essa sua funcionalidade como depósito residual diverso, que ainda contou com um esvaziamento e subsequente uso. Resultados preliminares deste caso pode ser encontrado em: PETZNEK, Beatrix. A Roman cesspit from the mid-2nd century with lead price tags in the civil town of Carnuntum (Schloss Petronell/Austria). In: HOSS, S. (Ed.). *Latrinae: Roman toilets in the northwestern provinces of the Roman empire*. Oxford: Archaeopress, 2018. p. 119-126.

⁶³⁶ Juvenal. III.270-271: *quotiens rimosa et curta fenestris / vasa cadant*.

⁶³⁷ Juvenal. III.276-277: *ergo optes votumque feras miserabile tecum, ut sint contentae patulas defundere pelves*.

fossas instaladas nos pisos térreos⁶³⁸, não pode ser descartada a associação da *vasa curta* / *pelvis patula* de Juvenal com a função de coletores de excrementos ou, em relação a esta última, utensílio associado à limpeza e isso por dois motivos. Primeiro, dado que, pelo verbo utilizado, *defundo* (-ere), tem-se a ideia de derramar, despejar, quando associado com *pelvis patula*, passa-se a impressão de uma bacia larga e rasa, que poderia ser feita em cerâmica ou alguma liga metálica, possivelmente utilizada para lavagem corporal⁶³⁹, o que não deixa de configurar o arremesso de elementos residuais, como, no caso, águas sujas. O segundo é a sua possibilidade de associação com *dolia curta*.

A respeito do primeiro motivo, encontramos o mesmo sentido atribuído à *pelvis* séculos mais tarde. Trata-se do emprego feito por Agostinho em seus sermões: enquanto uma bacia destinada a lavar os pés⁶⁴⁰. Mas é em outra passagem de Agostinho que, de modo mais direto, há indícios dos usos de *vasa* para coletas de excrementos. Está em sua primeira grande obra de combate aos donatistas, *Contra epistulam Parmeniani*⁶⁴¹. Trata-se da resposta a uma das obras de Parmeniano, bispo longevo de Cartago e líder donatista proeminente⁶⁴². Em defesa da unidade da Igreja, em meio suas críticas aos usos feitos das escrituras para legitimar o caráter livre de máculas dos partidários donatistas, Agostinho procurou demonstrar que a interpretação de Parmeniano, em especial sobre o Salmo 25, 4-10, estaria equivocada ao não compreender o apelo à tolerância com o mundano, com os pecadores. Assim, afirmou:

⁶³⁸ Como bem demonstrado, para o caso de Pompeia, por: JANSEN, Gemma. Private toilets at Pompeii: appearance and operation. In: BON, Sara E.; JONES, Rick. **Sequence and space in Pompeii**. Oxford: Oxbow Books, 1997. p. 121-134. p. 125, 128-129; KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga; VAN VAERENBERGH, Jeroen; HOBSON, Barry; FLOHR, Miko *et al.* Location and contexts of toilets JANSEN, G.; KOLOSKI-OSTROW, A.; MOORMAN, E. (Eds.). **Roman toilets**. p. 113-130. p. 123-126.

⁶³⁹ Sobre as possibilidades de significado de *pelvis-is*, foi consultado: *pelvis-is* In: LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. **A latin dictionary**. Oxford. Clarendon Press. 1879. s/p.; e para a possibilidade de ser feita de algum material metálico: *pelvis-is* In: **Oxford Latin dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968. p. 1321.

⁶⁴⁰ Agostinho faz referência a esse tipo de vasilhame em duas ocasiões em que comenta a passagem de **Juízes** 6,38-39: **Serm.** 131,9 e 360A,3 (= Dolbeau 24,3). É especificamente no último que, ao realizar uma espécie de etimologia da palavra *pelvis* para demonstrar sua associação entre o episódio do velocino de Gideão e a lavagem de pés feita por Jesus: 360/A,3 (= Dolbeau, 24,3): Expressum est vellus, et implevit pelvem aqua [Iudic. 6,38]. *Nec frustra pelvem. Etenim pelvis a pedibus luendis dicta est, id est a pedibus lavandis, tamquam pelvis, quod pedes luat. Ergo et ipsa expressio velleris Christum manavit. Christus enim commendans humilitatem in pelve discipulis pedes lavit.* Sobre a existência de bacias para lavagem corporal, embora muito provável que de mãos, em contextos de edifícios termas e de diferentes composições, como em mármore para o caso das termas de Antonino em Cartago, e de outro material lítico nas denominadas termas do Ciclope, em *Thugga*, ver: WILSON, A.; PLETZNEK, B. RADBAUER, S.; SAUER, R. Urination and defecation Roman-style. In: JANSEN, G.; KOLOSKI-OSTROW, A.; MOORMAN, E. (Eds.). **Roman toilets**. p. 95-111, esp. p. 104, 105, fig. 7.10, 109, fig. 7.17.

⁶⁴¹ Sobre o momento da produção desta obra de Agostinho, ver: BROWN, Peter. **Santo Agostinho: uma biografia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 281-287.

⁶⁴² Sobre o papel de Parmeniano à frente da dissidência donatista, ver sobretudo: FRENCH, William. **The Donatist Church: a movement of protest in Roman North Africa**. Oxford: Oxford University Press, 1952. p. 193-207.

A resplandescência da casa e o lugar do tabernáculo da glória de Deus está, de fato, em seus vasos (*vasis*), mas, como disse, não em todos que estão em uma grande casa, mas naqueles [vasos] que são consagrados à dignidade, úteis ao senhor, sempre dispostos para todas as boas obras. Quem quer que estime a beleza da casa de Deus e o brilho de seu tabernáculo, tolera aqueles [vasos] que são contumeliosos (*in contumelia*) e não abandona a casa por este motivo, para que não torne a si mesmo não em um vaso contumelioso (*vas in contumelia*), este ainda tolerado na casa, mas em esterco (*stercus*) que se arremessa para fora de casa⁶⁴³.

Para além das disputas hermenêuticas, importa aqui o contexto espacial/material que Agostinho evoca para demonstrar seus argumentos, ou seja, edifício, objetos e as ações que foram descritos. Em primeiro lugar, estamos diante de uma casa grande, rica, que seria cheia de utensílios, receptáculos, bacias, *vasis*. Em segundo, são esses objetos que dotam de beleza o edifício. No entanto, há vasilhas e vasilhas em uma residência: umas designadas para práticas designadas como boas, honrosas, edificantes e outras para aquelas contumélias, ofensivas, abjetas. Todas são toleradas, fazem parte da dinâmica dos usos da casa. Por fim, quais seriam estes recipientes ofensivos, ou melhor, quais seriam as práticas ofensivas a que eles estariam relacionados? Embora não haja uma especificação propriamente dita, sua associação com aquilo que é arremessado para fora de casa, os estercos (*stercus quod de domo proicitur*), torna nomeável a finalidade destes vasos enquanto recipientes para coleta de excrementos.

Esta menção de Agostinho permite ampliar a consideração a respeito dos usos não apenas destes recipientes para coletar excrementos no interior dos edifícios, como também implica na possibilidade de que poderiam ser utilizados mesmo em grandes casas, como Andrew Wilson propôs no caso de Volubilis, por causa da pouca incidência de latrinas privadas nas *domus* luxuosas da cidade⁶⁴⁴. Neste mesmo sentido, Samir Guizani também considerou a ampla possibilidade de usos dos coletores de excrementos portáteis em contextos como, dentre outras cidades, Cartago⁶⁴⁵. Dado esse uso extensivo, não se pode ignorar os

⁶⁴³ Agostinho. **C. Ep. Parm.** III.5.26: *Species enim domus et locus tabernaculi claritatis Dei in vasis est ut dixi non omnibus, quae tamen in una domo magna sunt, sed in his quae sunt in honore sanctificata, utilia Domino, ad omne opus bonum semper parata. In his quisquis dilexerit speciem domus Dei et locum tabernaculi claritatis eius, tolerat ea quae sunt in contumelia nec propter haec relinquit domum, ne fiat ipse non vas in contumelia, quod tamen in domo toleratur, sed stercus quod de domo proicitur.*

⁶⁴⁴ WILSON, A.; PLETZNEK, B. RADBAUER, S.; SAUER, R. Urination and defecation Roman-style. p. 95-96.

⁶⁴⁵ O levantamento de Samir Guizani de latrinas privadas do período romano existentes no território da atual Tunísia apontou que, de um total de quase 150 *domus* na região, apenas 12 apresentam instalações de latrinas. Dentre estas, 4 são da cidade de *Thugga*, enquanto *Bulla Regia* e *Thuburbo Maius* apresentaram outros 2

destinos dos *stercoris* na passagem de Agostinho. O mesmo deve ser dito a respeito do caráter retórico e polêmico da passagem. Agostinho imputa aos seus rivais donatistas um caráter mais repulsivo do que o próprio utensílio de coleta de excrementos, ou melhor, aquilo que torna um desses *vasa* em algo desprezível e que, por isto, é arremessado da morada eterna. Ainda que pudessem ser retirados por inúmeras maneiras, não se pode negar o fato de que os excrementos e demais resíduos fossem, de fato, despejados nas ruas.

Os recipientes para coleta de excrementos também aparecem em fontes textuais com nomes mais precisos, tais como *matella*, *scaphium* e, o mais usual, *lasanum*⁶⁴⁶. No entanto, com uma tendência a manifestar determinados costumes opulentos de seus usuários, devido as situações nas quais surgem – como na insistência da utilização de escravos que os portam e auxiliam seus mestres⁶⁴⁷ – e aos materiais luxuosos de que eram feitos – como em ouro, prata e minerais raros, como fluorita e ônix⁶⁴⁸. Tais *topoi* de crítica ao luxo desmedido também permaneceram nas fontes cristãs. É o caso de Tertuliano que, ao criticar a valorização excessiva do ouro e da prata em joias e adornos, menciona os utensílios para os propósitos mais sujos que eram fabricados com esses materiais⁶⁴⁹. Mais direta é a crítica de Clemente de Alexandria em sua ridicularização de homens que carregariam consigo urinóis de prata e penicos feitos de alabastro, assim como mulheres que utilizariam receptáculos para seus excrementos feitos em ouro⁶⁵⁰. De igual mordacidade foi a crítica de João Crisóstomo aos vasos de excrementos em prata dos antioquenos⁶⁵¹.

Deste modo, quando retornamos ao segundo motivo da compreensão dos *vasa curta* nomeados por Juvenal enquanto recipientes de coleta de excrementos e resíduos, a sua

exemplos cada, e *Clipea* e *Neapolis* contaram com 1 caso cada. Como Guizani afirma, ainda que se a condição material da documentação, devido às primeiras escavações, e a falta de estudos mais aprofundados sobre o tema, os resultados implicam em usos recorrentes desses coletores de excrementos portáteis e, do mesmo modo, de maior utilização das latrinas públicas também por parte dos cidadãos mais abastados. GUIZANI, Samir. Les espaces d'hygiène et de confort en Tunisie à l'époque romaine : les latrines privées. **Revue Tunisienne d'Archéologie**, vol. 3, p. 31-66, 2016. p. 54-57, 59-60, 64.

⁶⁴⁶ A respeito dos nomes destes recipientes, as discussões dos usos feitos pelas fontes antigas, e suas possíveis correlações com determinadas tipologias de objetos encontrados em contexto arqueológico, ver: WILSON, A.; PETZNEK, B. RADBAUER, S.; SAUER, R. Urination and defecation Roman-style. p. 95-99; PETZNEK, Beatrix. Roman chamber pots. In: HOSS, S. (Ed.). *Latrinae*. p. 127-135, p. 127-131.

⁶⁴⁷ Cenas de escravos que portam os recipientes para coleta de excrementos: Petrônio. **Sat.** 27.3-6.

⁶⁴⁸ Podem ser encontrados exemplos dessas menções aos recipientes feitos em ouro: Plínio. **H.N.** XXXIII.14.50; Marcial. I.37; em prata: Petrônio. **Sat.** 27.3-6; para os em fluorita e ônix: Aelius Lampridius. **SHA Elagabalus**. 32.2.

⁶⁴⁹ Tertuliano. **De cultu feminarum**. I.5.2: *Viderit, si etiam ad spurca instrumentis auri et argenti demens copia deseruit.*

⁶⁵⁰ Clemente de Alexandria. **Paedagogus**. II.3.39.2-3.

⁶⁵¹ João Crisóstomo. **Hom.in Colos.** 7.3; *Id.* **Hom.in Rom.** 11.6. A respeito dessas passagens e de como João Crisóstomo utiliza-se dos sentidos e do nojo para condenar as práticas tidas como pecaminosas realizadas pelas elites, ver: LEYERLE, Blake. Refuse, Filth, and Excrement in the Homilies of John Chrysostom. **Journal of Late Antiquity**, vol. 2, n. 2, p. 337-356, 2009.

associação com os *dolia curta* ganha uma importância, sobretudo no que diz respeito do alcance de sua difusão de uso. Antes é preciso argumentar do porquê dessa semelhança. Ela diz respeito tanto à forma quanto à função que sabemos sobre os *dolia curta*. No que se refere à forma, seria a possibilidade de vincular a reutilização sabida para os *dolia*, de um receptáculo que, após o corte abaixo da linha do bocal, com o objetivo de ampliar sua abertura, seria reempregado em outra função. Uma das possibilidades dessa nova função, como descritas em fontes literárias e encontradas em contextos arqueológicos, estava associada com a coleta de urina nas ruas⁶⁵². Isto é, compreender tais *vasa curta* enquanto objetos similares, recipientes utilizados previamente para envasamentos de determinados bens, que passaram por um processo de reutilização para atender novas funções, como as de coletores de resíduos e excrementos. Assim, é possível pressupor a difusão de seu uso por grupos e atores sociais mais diversos do que os penicos e urinóis luxuosos mencionados pelas fontes literárias. É possível imaginar, de igual modo, a presença e utilização desses receptáculos mais disseminados em cidades norte-africanas⁶⁵³. Situações que demandam pensar o destino dos conteúdos desses *vasa*, e mesmo das *pelvis*, utilizados por aqueles que viviam em instalações que não possuíam acesso às fossas ou outro sistema de escoamento de resíduos, como esgotos. Neste sentido, dentre os locais de seus esvaziamentos, não se pode descartar a possibilidade do arremesso de seus conteúdos nas vias.

Para além das menções em fontes literárias, os arremessos de resíduos nas vias aparecem também em outro tipo documental, as legislações. Condensadas em particular no livro IX da *Digesta* que, em seu terceiro título, contém a *actio quae competit de effusis et deiectis*⁶⁵⁴. Nele somos apresentados a uma série de questões legais e de situações hipotéticas que envolvem arremesso e queda involuntária de objetos nas ruas: “Se algo for arremessado ou vertido [de um edifício] sobre um local em que, comumente, as pessoas passam ou param, concederei uma ação a ser movida contra quem lá habite, pelo dobro do dano dado ou

⁶⁵² A respeito deste reemprego dos *dolia*, com referências literárias antigas e exemplos materiais desses reempregos, ver: CARRERAS MONFORT, Cèsar. Urbanismo y eliminación de residuos. p. 25; PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery**. p. 200-202. Contrapor essas proposições sobre a reutilização da urina coletada nas ruas com as precauções e críticas feitas por Miko Flohr, em: FLOHR, Miko. The economy of ordure. In: JANSEN, G.C.M.; KOLOSKI-OSTROW, A.O.; MOORMANN, E.M. (Eds.). **Roman toilets**. p. 147-156. p. 151-153.

⁶⁵³ O motivo desta ausência das evidências em cidades norte-africanas é variado, envolve a não sobrevivência das fontes materiais, assim como a falta de interesse e ou desconhecimento da identificação desses recipientes por parte dos pesquisadores que escavaram nestes contextos africanos em diversos momentos. Levantamento, tipologia e mapa de distribuição atualizados dos locais em que foram encontrados os coletores de excrementos pode ser encontrado em: PETZNEK, Beatrix. Roman chamber pots. p. 131, fig. 6, 132-133.

⁶⁵⁴ **Dig.** IX.3.1-7.

feito”⁶⁵⁵. Não há menção nominal aos resíduos jogados nas vias. Contudo, há uma preocupação nítida em garantir a segurança dos que transitam pelas vias de não serem alvejados por objetos sobre suas cabeças. Estas normas se referem a integridade do corpo dos transeuntes e suas liberdades de circulação⁶⁵⁶, como espécies de ecos legais dos medos satirizados por Juvenal. Embora, no início do século I, a lei fosse aplicada apenas durante o dia, momento de maior movimentação, outro jurista do século III reforçou sua aplicação noturna, pois existiriam lugares transitados “mesmo à noite”⁶⁵⁷. Para além da difusão temporal, as leis também apontam que o problema dos arremessos de resíduos ou da queda incidental de objetos nas vias ultrapassava os espaços habitacionais. Suas ações poderiam incluir armazéns, espaços de estocagem de alimentos, ou quaisquer locais alugados para prática de vários tipos de trabalho, dentre os quais foram especificados apenas os dos professores⁶⁵⁸. Assim, por mais que não enfoque nos resíduos despejados nas ruas e demais espaços públicos, tais comentários normativos demonstram a persistência de uma prática de, senão arremessos de resíduos nas vias, queda involuntária de materiais com uma grande possibilidade de serem abandonados nas vias.

Um caso em particular, ocorrido em *Knidos*, na Ásia Menor, durante o período de Augusto, permite ilustrar algumas das possibilidades desses arremessos e o caso direto de lesão corporal de uma pessoa. Contudo, não se trata de um transeunte. De acordo com o rescrito do imperador endereçado à cidade, após três noites de ataques à casa de um cidadão por seu vizinho, com insultos e, em certos momentos, ameaças de adentrar por meio da força na residência, o proprietário instruiu um escravo a arremessar excrementos naqueles que os cercavam, com intuito de dispersá-los (*ut excrementis iniectis repelleret*). Contudo, para além dos excrementos, o escravo acabou por arremessar também o próprio vaso em que estavam

⁶⁵⁵ **Dig.** IX.3.1 pr: *Unde in eum locum, quo vulgo iter fiet vel in quo consistetur, deiectum vel effusum quid erit, quantum ex ea re damnum datum factumve erit, in eum, qui ibi habitaverit, in duplum iudicium dabo.* Algo semelhante ao presente em: **Dig.** XLIV.7.5.5: *Is quoque, ex cuius cenaculo (vel proprio ipsius vel conducto vel in quo gratis habitabat) deiectum effusumve aliquid est ita, ut alicui noceret, quasi ex maleficio teneri videtur: ideo autem non proprie ex maleficio obligatus intellegitur, quia plerumque ob alterius culpam tenetur ut servi aut liberi. cui similis est is, qui ea parte, qua vulgo iter fieri solet, id positum aut suspensum habet, quod potest, si ceciderit, alicui nocere.*

⁶⁵⁶ Questão mais evidente em: **Dig.** IX.3.7: *Cum liberi hominis corpus ex eo, quod deiectum effusumve quid erit, laesum fuerit, iudex computat mercedes medicis praestitas ceteraque impendia, quae in curatione facta sunt, praeterea operarum, quibus caruit aut cariturus est ob id, quod inutilis factus est. cicatricium autem aut deformitatis nulla fit aestimatio, quia liberum corpus nullam recipit aestimationem.*

⁶⁵⁷ Paulo quem contradiz a aplicação de *Labeo*, em: **Dig.** IX.3.6.1: *Labeo ait locum habere hoc edictum, si interdiu deiectum sit, non nocte: sed quibusdam locis et nocte iter fit.*

⁶⁵⁸ A responsabilidade por possíveis danos causados seriam dos proprietários, empregadores e, no caso nominado, os professores. **Dig.** IX.3.5.3: *Si horrearius aliquid deiecerit vel effuderit aut conductor apothecae vel qui in hoc dumtaxat conductum locum habebat, ut ibi opus faciat vel doceat, in factum actioni locus est, etiam si quis operantium deiecerit vel effuderit vel si quis discentium.*

contidos (*una cum excrementis vas ita ieciss*), e matou um dos que faziam o cerco. A sentença de Augusto foi favorável aos réus, ao alegar que, acidental ou não o arremesso do *vas* junto com os excrementos, a ação foi movida em legítima defesa⁶⁵⁹. Esta é, claramente, uma situação limite. O arremesso dos resíduos não é feito de modo a despejá-los nas vias como seu destino comum. O episódio, porém, indica alguns pontos a serem levados em consideração: primeiro, outra vez, a amplitude da difusão dos vasos coletores de excrementos. Segundo, a capacidade de, por certo, lesarem, de forma até letal, aqueles que pudessem ser atingidos em seus arremessos pelas janelas – quer fosse de modo acidental, como alegado por seu autor, ou não. Por fim, o caráter repulsivo implicado nos excrementos arremessados, que tinham o intuito de dispersar os sitiadores.

Os exemplos evocados até aqui permitem compor um quadro geral que coloca os descartes dos resíduos nas vias realizados a partir dos edifícios que as margeavam como uma prática comum. Embora esta forma de despejo de resíduos fosse mais provável em instalações que não possuíssem fossas, sobretudo habitações em andares superiores, tal prática não pode ser considerada circunscrita somente a esses casos. A possibilidade de descartar dejetos nas vias deve englobar, de igual maneira, os resíduos produzidos em *domus* luxuosas. Neste sentido, não haveria uma restrição social para tal descarte, como grande parte da literatura antiga e da historiografia moderna permite supor. Do mesmo modo, não há distinção dos efeitos que as ocorrências dessas práticas poderiam causar no âmbito do espaço público, a saber, cada vez mais o adensamento de resíduos sobre as vias.

⁶⁵⁹ **FIRA III**, n. 185, p. 582-585: *Eubulum autem et Trypheram, aedium dominos, cum neque Philini animum conciliantes neque obsidionibus resistentes securitatem domi obtinere potuissent. cuidam servorum praecepisse non iam ut atrociter occideret, quod aliquis ex non iniusta ira praeferre potuit, sed ut excrementis iniectis repelleret: at servum vel sponte vel imprudentem (ipse enim negare perseveravit) una cum excrementis vas ita iecisse, ut Eubulum [este, irmão de Philini], cui iustius quam fratri parcendum fuit, mortifere vulneraret. Quae testimonia vobis perferenda curavi.* **IG XII**. 3.174: τὸς δὲ τῆς οἰκίας δεσπότας Εὐβουλον καὶ Τρυφέραν, ὡς οὐτε χρηματίζοντες πρὸς | τὸν Φιλεῖνον οὐτε ἀντιφραττόμενοι ταῖς προσ-|βολαῖς ἀσφαλείας ἐν τῇ ἑαυτῶν οἰκίαι τυχεῖν ἠδύναν-|το, προστεταχότας {προστεταχότας} ἐνὶ τῶν οἰκετῶν οὐκ ἀποκτεῖ-|ναι ὡς ἴσως ἂν τις ὑπ’ ὀργῆς οὐ[κ] ἀδίκου προήχθη {προήχθη}, ἀλ-|λὰ ἀνεῖρξαι κατασκεδάσαντα τὰ κόπρια αὐτῶν· τὸν | δὲ οἰκέτην σὺν τοῖς καταχεομένοις εἴτε ἐκόντα | εἴτε ἄκοντα - αὐτὸς μὲν γὰρ ἐνέμεινε ἀρνούμενο[ς] - | ἀφεῖναι τὴν γάστραν, τὸν Εὐβουλον ὑποπεσεῖν δικαιο-|τερον ἂν σωθέντα τάδελοφῶ {τάδελοφῶ}. πέπονφα δὲ ὑμεῖν καὶ ἀ[ὐ]-|τὰς τὰς ἀνακρίσεις. Comentários deste rescrito, junto com uma tradução (que, no entanto, omite os excrementos, *excrementis/ κόπρια*, indica-os como “conteúdos”, *contents*), pode ser encontrada em: JOHNSON, Allan Chester *et al.* **Ancient Roman Statues**: a translation with introduction, commentary, glossary and index. Austin: University of Texas Press, 1961. n. 147, p. 124.

3.3.3 Dimensionar a produção de resíduos urbanos: cálculos, comparações e cuidados para compreender a formação dos acúmulos de lixo

As escavações arqueológicas realizadas em diversos contextos mediterrâneos, munidas com preocupações estratigráficas mais precisas, nos permitem ainda identificar um amplo espectro de estratégias de descarte no interior das cidades, resultando em acúmulos em espaços vizinhos ou afastados dos espaços utilizados para habitação, trabalho e/ou produção e trânsito. Peña resumiu bem algumas dessas práticas que, como será abordado, têm grande incidência nas cidades e no recorte temporal aqui trabalhados⁶⁶⁰. Dentre elas, incluem-se depósitos dos resíduos em espaços abertos menos movimentados, como ruas sem saída e declives naturais, em estruturas subterrâneas, como fontes, poços e cisternas, ou em edifícios em desuso, que poderiam conter, por sua vez, outros elementos subterrâneos⁶⁶¹. Os depósitos improvisados tinham potencial de resolver, a um só tempo, o problema parcial do acúmulo de resíduos das ruas e o despejo facilitado para aqueles que não possuíam acesso às fossas, além de retirar do campo de visão e de passagem os dejetos acumulados.

Tais formas de descarte, associadas à lentidão da coleta ou mesmo ao não recolhimento dos resíduos, têm importantes implicações gerais para as vias e para os espaços construídos utilizados enquanto despejos dos dejetos. A primeira e, talvez, mais perceptível na análise material é a elevação do nível da pavimentação tanto das ruas quanto dos edifícios e, de modo mais amplo, dos locais de assentamento. Para ter uma ideia das proporções que o problema do lixo representa, vale apresentar alguns números relativos à produção média de resíduos e à elevação média dos solos construídos. Importante ressaltar que lidar com números e valores quantitativos generalizados para a Antiguidade é sempre uma tarefa arriscada, ainda que necessária em determinadas problematizações. Eles devem ser compreendidos, desse modo, enquanto indicativos da dimensão da produção de resíduos e, por conseguinte, dos problemas decorrentes que geravam para os coletivos urbanos.

Começo pela produção de resíduos orgânicos, de modo mais específico, com os excrementos corporais humanos. Em média, uma pessoa produz cerca de 0,125 a 0,160 kg de fezes e 1,250 litros de urina por dia. Somados ao fim de um ano, há uma produção por volta de 45 a 58 kg de fezes e 456 litros de urina por pessoa⁶⁶². Em uma cidade pequena como Sabratha, se considerarmos os cálculos populacionais propostos por Andrew Wilson, teríamos

⁶⁶⁰ Sobre casos dessas práticas de descarte, ver adiante neste mesmo capítulo e no seguinte.

⁶⁶¹ PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery**. p. 283; ver também: RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco. *Leyes y normas*. p. 20-21.

⁶⁶² ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos**. p. 19.

uma população no início do século IV que poderia variar entre um mínimo de 5.730 e 14.326 habitantes, a depender da densidade de ocupação que se aplique⁶⁶³. Neste sentido, uma projeção anual de excrementos em Sabratha seria por volta de, para uma população mínima, entre 241,65 a 332,34 toneladas de fezes e 2.612.880 litros de urina; para uma população máxima esses valores somam algo próximo de 644,67 até quase 831 toneladas de fezes e 6.532.656 litros de urina por ano. Números passíveis de serem aproximados aos das cidades de Leptiminus e Meninx, dado a dimensão e a estimativa de ocupação de ambas⁶⁶⁴. Para uma metrópole como Cartago, com uma variável de habitantes suposta entre 60.000 e 300.000⁶⁶⁵, a situação muda de figura de modo substancial. As somas anuais de produção de excrementos estariam, para o mínimo populacional, entre 2.700 e 3.480 toneladas de fezes e 27.360.000 litros de urina. Quando aplicado o máximo populacional, o resultado por ano seria entre 13.500 e 17.400 toneladas de fezes e 136.800.000 litros de urina por ano.

Para ampliar o quadro de geração dos demais resíduos urbanos é possível empregar algumas estimativas realizadas por Donald Brothwell. Em seu estudo de 1982, Brothwell aferiu que em uma comunidade formada por 100 casas, com 5 moradores em cada, seria produzido ao longo de um ano 8,1 toneladas de cinzas, provenientes de práticas de cozimento e calefação (e, podemos acrescentar, iluminação), 182,5 toneladas de resíduos sólidos, em especial os orgânicos oriundos de práticas alimentícia, 14.600.000 de litros de água suja⁶⁶⁶. Aplicada esta estimativa aos casos de Sabratha, Leptiminus e Meninx, assumindo os já citados números máximos e mínimos populacionais, o resultado anual seria, para uma população de 5.730 habitantes, de quase 93 toneladas de cinzas, 2.091 toneladas de resíduos sólidos e 167.316.000 litros de água suja. Para os números máximos populacionais, teríamos cerca de 232 toneladas de cinzas, 5.529 toneladas de resíduos sólidos e 418.319.200 de água suja gerados por ano. Em Cartago o montante para a projeção de 60.000 habitantes soma por

⁶⁶³ WILSON, Andrew. City sizes and urbanization in the Roman Empire. In: BOWMAN, A.; WILSON, A. (Eds.). **Settlement, urbanization, and population**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 161-195, p. 172-174.

⁶⁶⁴ WILSON, Andrew. City sizes and urbanization. p. 174, tab. 7.8.

⁶⁶⁵ WILSON, Andrew. City sizes and urbanization. p. 174, tab. 7.8. Para a projeção mínima, considero também os números de: LEVEAU, Philippe. The western provinces. In: SCHEIDEL, W.; MORRIS, I.; SALLER, R.P. (Eds.). **The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World**, (Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 651-670, p. 652. Ver também: HANSON, Jack. **An Urban Geography of the Roman World, 100 B.C. to A.D. 300**. Oxford: Archaeopress, 2016. p. 95, 118, 229, tab. 11.

⁶⁶⁶ BROTHWELL, Donald. Linking urban man with his environment. In: HALL, A.R.; KENWARD, H.K. (Eds.). **Environmental Archaeology in the urban context**. London: Council for British Archaeology, 1982. p. 126-129. Outra abordagem da produção de resíduos sólidos em contexto urbano foi realizada por Peña. Suas estimativas partem da comparação entre a produção de resíduos sólidos das cidades romanas antigas com as produções de países subdesenvolvidos (Marrocos e Tunísia). Não a utilizo aqui por algumas limitações que apresenta, sobretudo pelo enfoque apenas em resíduos sólidos não-orgânicos. Cf.: PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 19-21.

volta de 972 toneladas de cinzas, 21.900 toneladas de demais resíduos sólidos, 1.752.000.000 litros de água suja anuais. Quando assumimos as hipóteses de uma população de 300.000 habitantes, a quantidade de descarte anual estaria em torno de 4.860 toneladas de cinzas, 195.000 toneladas de resíduos sólidos e 8.760.000.000 litros de água suja. Tudo isto sem contar as atividades construtivas, produtivas e com cuidados de animais no interior dos espaços urbanos.

Ter essa ideia aproximativa do montante de resíduos sólidos e líquidos auxilia a atribuir dimensões à questão dos dejetos urbanos nas cidades do Mediterrâneo antigo. Apreender tais proporções, ainda que com larga margem de imprecisão, abre espaço para apreciar os modos variados e combinados de descarte dos resíduos que eram realizados em seus contextos históricos particulares. São aspectos que versam para esse rumo que fazemos emergir quando comparamos os números obtidos nos contextos antigos com, por exemplo, os de uma metrópole moderna. Embora as hipóteses levantadas resultem em números expressivos, eles estão bem distantes dos problemas da geração e gestão de resíduos urbanos em sociedades pós-industriais. É o que o caso de uma cidade como São Paulo permite demonstrar de forma certa. Com cerca de 12 milhões de habitantes, a cidade possuía uma média de coleta diária estimada em 12.000 toneladas apenas de resíduos sólidos domésticos⁶⁶⁷. Ou seja, a metrópole moderna produz em apenas um dia cerca de 6,15% do total anual de resíduos sólidos para as estimativas populacionais máximas de Cartago e quase seis vezes o calculado para uma população mínima das demais cidades citadas ao longo de um ano. Esses números contabilizam apenas o que é coletado pela administração pública, pois as estimativas de geração somente de resíduos sólidos domésticos giram em torno de 15.000 toneladas quotidianas⁶⁶⁸. Neste sentido, é quase irrisório reafirmar que entre ambos os contextos se manifesta um vale de diferenças. Contudo, ao recorrer às tentativas de explicar as razões de tamanhas discrepâncias surge a possibilidade de entrever a particularidade contextual de cada período histórico. No caso da comparação da São Paulo moderna com as cidades antigas, emerge uma combinação de motivos dos mais variados, dentre os quais podem ser destacados: totalidade e densidade populacional; tipos de materiais e tecnologias

⁶⁶⁷ De acordo com os modos de coleta e os dados estatísticos fornecidos pela Prefeitura Municipal de São Paulo para 2022, disponíveis em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/spregula/residuos_solidos/residuos_solidos/domiciliar/index.php?p=4636>; <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/spregula/residuos_solidos/index.php?p=185375>.

⁶⁶⁸ MELLO, Leonardo F.; MARTINS, Rafael A. São Paulo, Brazil. In: ZIMRING, C.A.; RATHJE, W.L. (Eds.). **Encyclopedia of consumption and waste: the social science of garbage**. London: SAGE, 2012. p. 781-783, p. 782.

empregados; meios de extração e gestão de recursos e matérias-primas; formas, relações, velocidade e escala de produção; hábitos de consumo, de uso e de descarte.

Ao passo que uma comparação como essa permite ressaltar determinados condicionantes históricos implicados na produção e gestão de resíduos nas cidades, abre espaço também para questionamentos sobre as dimensões e as dificuldades que eram enfrentadas na Antiguidade. Pois, ainda que gerassem um número baixo de resíduos quando comparadas com as grandes metrópoles modernas, essa produção estava longe de ser inexpressiva. Isto sem contar os já citados impasses dos sistemas de coleta e dos modos de descarte. Um indicativo dos problemas enfrentados, efeito direto de sua existência e de seus modos de resolução a um só tempo, era a elevação do nível de ocupação dos solos. Quando associado diretamente aos descartes de resíduos, tal fenômeno poderia resultar de práticas mais ou menos distintas entre si. Dentre alguns exemplos, destaco as que eram realizadas das seguintes formas: por meio de ocupações recentes de espaços que seriam até então destinados para depósitos de dejetos; pela reocupação de edifícios outrora abandonados e utilizados durante um período como local de descartes de resíduos; devido a reformas de instalações que incluem em seus espaços resíduos que foram gerados quer durante o processo de restauro e/ou reorganização interna, quer anterior a ele; e, por fim, em decorrência de reformas e/ou repavimentações de ruas com resíduos sólidos acumulados. Ao menos uma ou outra dentre estas práticas é visível em quase todas as escavações arqueológicas em centros urbanos⁶⁶⁹.

Os ritmos dessas elevações também apresentam importantes questões que incidem sobre a dinâmica da produção dos resíduos e das formas de relação com a sua presença. Foi isto que, em um dos estudos pioneiros sobre o tema, Carl Blegen realizou a respeito da elevação dos níveis no interior de residências em Tróia durante a Idade do Bronze. Devido tanto aos modos de descarte de dejetos, muitas vezes depositados no interior das instalações, quanto aos materiais dos quais as próprias habitações eram construídas, como tijolos crus e madeira, Blegen identificou um alto índice de sobreposição das camadas de ocupação associadas aos acúmulos residuais⁶⁷⁰. Os mais de 8 m de dejetos sobrepostos e intercalados com novos pisos que cobriam camadas e mais camadas de ocupação de instalações utilizadas durante séculos fizeram com que Charles Gunnerson, um engenheiro estadunidense,

⁶⁶⁹ Mas é importante ressaltar que, em contexto arqueológico, elas demonstram não apenas os modos de lidar com os depósitos de dejetos, como também, em outras situações, técnicas de reemprego e reutilizações dos resíduos sólidos, sobretudo a utilização de materiais para o nivelamento do piso das instalações. Alguns exemplos podem ser conferidos em: CARRERAS MONFORT, Cèsar. Urbanismo y eliminación de residuos. p. 25-26; PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery**. p. 174- 178.

⁶⁷⁰ BLEGEN, Carl. **Troy and the Trojans**. London: Thames and Hudson, 1963. p. 32-35, 173-174.

estipulasse um crescimento médio de aproximadamente 1,40 m (4.7 pés) por século durante o período do bronze do assentamento – e isso apenas se tratando de descartes gerados em habitações. Gunnerson, que também calculou médias de outras doze cidades antigas e modernas, apontou que, se os resíduos sólidos gerados na Manhattan de seu tempo, 1973, fossem distribuídos ao longo de toda a ilha, o solo seria elevado com a mesma média troiana. Próximo a isto, seria o índice da *Londinium* do século I de nossa era, com quase 1 m por século. Taxa que, a partir do século II, passaria para 0,25 m por século⁶⁷¹.

Apesar de fornecerem interessantes índices de como os acúmulos dos resíduos foram geridos ao longo do tempo e de serem, de igual modo, indícios de práticas culturais das relações de proximidade/distância dos resíduos, as taxas médias de elevação dos solos devem ser compreendidas com cuidado. Analisadas de forma isolada, elas podem dar a impressão de um compartilhamento generalizado do que viria a ser o “problema” dos resíduos para todos os grupos sociais de uma mesma aglomeração urbana. Neste sentido, as elevações teriam os mesmos sentidos e afetariam dos mesmos modos todos aqueles que habitavam um mesmo sítio. Isto não é verdade nem para Nova Iorque ou São Paulo modernas nem para o caso de Tróia, Londres ou as demais cidades norte-africanas aqui trabalhadas⁶⁷². Os níveis de elevação não foram os mesmos para todas as casas mesmo nas escavações de Blegen, com diferenças significativas em casas luxuosas e palácios⁶⁷³. O fenômeno de diferenciações das formas de acúmulos está associado, desse modo, para além das próprias práticas e gestão de resíduos, com variações culturais, distinções sociais e, como creio e abordarei no capítulo seguinte, *habitus* sensoriais.

Dentre estas características, até mesmo os materiais empregados nas construções dos edifícios poderiam gerar maiores ou menores níveis de resíduos ao longo de sua degradação temporal e, portanto, com possibilidade de maiores ou menores níveis de acúmulos de resíduos nos espaços interiores e nos arredores – a depender, claro, da existência e da gestão dos sistemas de coleta. Um bom exemplo é o das construções em tijolos crus ou em taipa (*pisé*). Compostos por material argiloso, sua dissolução produzia uma grande quantidade de resíduos sólidos. Isto ocorria devido ao seu descarte após reformas, reconstruções ou desuso em decorrência de uma deterioração ao longo do tempo, devido às ações humanas e/ou

⁶⁷¹ GUNNERSON, Charles. Debris accumulation in Ancient and Modern cities. **Journal of the Environmental Engineering Division**, vol. 99, n. 3, p. 229-243, 1973. p. 233, tab. 1; ver também: RATHJE, William; MURPHY, Cullen. **Rubbish!** p. 35-36.

⁶⁷² Para uma discussão neste sentido, ver: CARRERAS MONFORT, Cèsar. Els abocadors em el món romà: el cas de Londinium I Barcino. **Pyrenae**, vol. 29, p. 147-160, 1998. p. 148.

⁶⁷³ BLEGEN, Carl. **Troy and the Trojans**. p. 34.

ambientais, tal como exposição ao excesso de umidade e maresia. Para além da sua presença material nas elevações dos pisos das instalações, como em Cartago⁶⁷⁴, existe um testemunho literário sobre as questões residuais que estes materiais causavam. Ele se encontra na passagem já citada de Libânio sobre aqueles que eram obrigados a retirar os escombros provenientes das construções e reformas em Antioquia, de modo mais específico quando menciona o aumento das desgraças acometidas aos habitantes dos entornos da cidade durante o inverno, pois trazia consigo o frio e as chuvas. Com isto, a coleta dos escombros era transformada, muitas vezes, em coleta de lama (πηλς) ou, ainda, em sujeiras, dejetos aglomerados juntos com barro (βόρβορος)⁶⁷⁵. Ou seja, é possível inferir que os materiais de construção seriam feitos à base de argila, tais como os tijolos crus.

Estar atento a tais precauções possibilita não incorrer em pressuposições generalizantes de que os níveis de ocupação das cidades na Antiguidade tardia seriam elevados de modo mais veloz do que durante o período clássico, em decorrências de descasos com as práticas de descarte e inexistências de coleta⁶⁷⁶. Dizer isto não é afirmar que os níveis de ocupação das cidades tardias não foram elevados, com reocupações sucessivas, em intervalos de tempo cada vez mais curtos, nem que as formas e os locais de descarte não foram modificados. Trata-se apenas de um procedimento que busca ponderar a respeito de temas que envolvem: os modos como eram realizados os descartes; as formações de depósitos de resíduos, permanentes ou não; as regiões em que ocorreram; os espaços construídos e as instalações mais afetadas pelos acúmulos residuais que ocasionaram aumento dos níveis de ocupação; e, sobretudo, quais eram grupos e atores sociais mais envolvidos nesses processos que envolviam o desenvolvimento dos sedimentos nos espaços urbanos.

3.4 Condições das gestões de resíduos sólidos urbanos em Cartago, Leptiminus e Meninx: faces de uma transição no século V?

Começo aqui com um caso sobre as formas de descartes e coletas de resíduos sólidos registrado em Cartago. Ele diz respeito às transformações notadas na parte norte da cidade, melhor dizendo, no setor escavado pela equipe italiana. Conforme mencionado, por volta da metade do século IV, uma fossa foi aberta no meio da rua, no denominado *cardo* II Oeste, próximo da altura do cruzamento com o chamado *decumanus* V Norte. Não se sabe ao certo quanto tempo a fossa continuou aberta e/ou em uso. Os escavadores acreditam que tenha sido

⁶⁷⁴ Como é bem observável em Cartago: **Excavations at Carthage I**. p. 54-56.

⁶⁷⁵ Libânio. **Or.** 50.30.

⁶⁷⁶ Contra: LIEBESCHUETZ, Wolf. *Rubbish disposal*. p. 54-55.

selada num momento anterior a uma possível fase de reconstrução da cidade em 360, que atribuem ao famigerado abalo sísmico que teria atingido todo o norte da África. O mais provável é que, antes da repavimentação e restauro da região em fins do século IV, a fossa já estivesse fechada. Seja como for, ao que tudo indica, ela permaneceu em uso durante, no mínimo, dez anos. Neste decorrer, com um diâmetro irregular que chegou a medir até pouco mais de 3,50 m, a fossa serviu como local de descarte de diversos materiais. Seu preenchimento constou com vários estratos subsequentes de terra carbonizada. Imiscuído no interior desta última estavam inúmeros resíduos de proveniência doméstica (como cerâmicas de preparo/consumo de alimentos e lâmpadas, além de ossos incinerados de animais). Essas camadas carbonizadas plenas de resíduos domésticos eram alternadas com terra argilosa, privadas de fragmentos em seu interior⁶⁷⁷. Apesar dos cuidados estratigráficos, não há maiores detalhes dos resultados das escavações sobre a composição dessa fossa em particular⁶⁷⁸.

De qualquer maneira, ao menos duas interpretações são possíveis para esse procedimento de descarte. A primeira possibilidade é a sugestão de que tais resíduos domésticos fossem produzidos na vizinhança e teriam sofrido um processo de carbonização durante seus usos corriqueiros e descartados na fossa. Dois processos poderiam ser realizados após o depósito desses vestígios, seriam ou cobertos com camadas de terra argilosa ou, após um tempo de sedimentação e compactação, cobertos com a terra para recebimento de mais resíduos⁶⁷⁹. O primeiro implica numa certa forma de cuidado, um selamento dos resíduos depositados, de modo a evitar todos os inconvenientes da decomposição da matéria orgânica; o segundo, por sua vez, deixaria os dejetos em aberto para os próximos despejos. Além do mais, não podemos excluir a possibilidade de ambas as formas serem utilizadas em conjunto, com intervalos de tempo entre si. A segunda interpretação que pode ser feita a respeito de como a fossa foi preenchida ao longo dos anos em que esteve em uso é a de que, após o descarte, haveria a queima dos resíduos e uma possível tentativa de vedação com terra argilosa⁶⁸⁰. A propósito, terra argilosa que, não pode ser descartada a hipótese, poderia ser

⁶⁷⁷ CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. Rapporto preliminare delle campagne 1973-1977. **QAL**, 13, p. 9-61, 1983. p. 31.

⁶⁷⁸ Infelizmente o perfil (DD) correspondente à fossa não foi publicado. Os materiais apresentados por membros da equipe italiana em outras publicações não especifica tal proveniência específica das cerâmicas, a não ser pelo registro do setor de onde foram escavadas, neste caso, seria o setor I.

⁶⁷⁹ Este processo pode ser observado nas discussões de: PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery**. p. 383.

⁶⁸⁰ Agradeço a Haruan Straioto por essa observação. Sobre os desafios da interpretação arqueológica das formações dos lugares de descarte, ver as sínteses em: CHICOINE, David. Dating of garbage disposition. In: ZIMRING, C.A.; RATHJE, W.L. (Eds.). **Encyclopedia of consumption and waste: the social science of**

muito bem residual das próprias vias. Uma possibilidade, ainda mais especulativa e com dificuldades práticas de execução, seria a de seu fechamento sempre que utilizada, qual fosse as formas de composição da fossa escolhida pelos atores sociais.

Qualquer que tenha sido o procedimento adotado nos sucessivos preenchimentos da fossa, as condições materiais encontradas indicam, sobretudo por meio das intercalações consecutivas de estratos carbonizados e argilosos, um uso contínuo, regular e com certo aspecto de organização de descartes. Estas características sobre os modos de descarte na fossa têm implicações diretas nos sentidos das ruas. A começar pela viabilidade. Com sua realização quase coligada aos limites da *insula* a leste, a uma distância de pouco mais de 0,50 m entre ambas, a fossa reduziu a faixa transitável entre seu ponto de extensão mais amplo e a fachada da *insula* na face oeste para menos de 2,50 m. Ainda que possa ser considerado um impedimento breve, pois durava um intervalo espacial de quase 2 m, o empecilho que colocava no caminho dos transeuntes não era pequeno⁶⁸¹. Empecilho ao trânsito agravado com os avanços do muro da *insula* pouco mais ao norte no mesmo *cardo*, que, após o cruzamento do *decumanus* V Norte, foi reduzido de modo substantivo⁶⁸².

De todo modo, quando pensamos em lixos depositados nas ruas, sobretudo orgânicos, os odores que poderiam exalar perseguem não só a curiosidade, como instiga a saber as formas com que os habitantes das redondezas, que provavelmente realizaram os descartes, percebiam tais cheiros e, a partir deles, mobilizavam determinadas práticas para mudar a situação, redirecionar seus locais descartes, ou não – e por cerca de dez anos. Como dito, uma das possibilidades de preenchimento dessa fossa poderia envolver o cuidado para não deixar os resíduos, ao menos os domésticos e orgânicos, em exposição contínua. Porém, não dá para cravar com certeza que ela não ficou aberta durante diversos momentos, ainda mais quando lembramos seu relativo longo período de uso. Nesse sentido, mesmo que os habitantes da região tenham tomado determinados cuidados para os descartes, como possíveis queimas para diminuição dos odores de putrefação dos resíduos animais depositados, chamas, fumaças e suas misturas às novas camadas de terra continuaram a marcar a paisagem odorífera daquela

garbage. London: SAGE, 2012. p. 172-173. Sobre a combinação dos modos de disposição dos resíduos: RATHJE, William; MURPHY, Cullen. **Rubbish!** p. 37-40.

⁶⁸¹ CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 30, fig. 11.

⁶⁸² CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 29.

encruzilhada. Tão importante quanto constatar a construção da fossa nesse ponto é saber que, após esses dez anos de uso, a fossa foi selada e a rua repavimentada⁶⁸³.

Apesar de possuir grande importância, apenas esse caso ocorrido numa zona periférica de Cartago não permite dizer muito sobre as práticas de descarte e coleta na cidade de modo mais generalizado. Felizmente, graças a continuidade e variedade de escavações mais apuradas, realizadas desde as campanhas de salvaguarda do sítio, tal como a da equipe italiana, é possível extrair outros exemplos que permitem apontar para algumas formas dessas práticas de descartes realizadas na cidade, ruas, espaços construídos ou demais locais extra-urbanos reservados para essas funções. Não apenas Cartago fornece elementos para compreender as relações entre produção e coleta de resíduos nas cidades. As escavações realizadas desde os anos 1990 em Leptiminus e Meninx com suas metodologias inovadoras, em que foram mescladas prospecção extensiva e intensiva de superfície, inclusive magnetômetra, com escavações pontuais, também fornecem um conjunto documental importante para compreensão sobre os modos de descartes e de suas possíveis organizações para os períodos aqui delimitados. Portanto, para continuar, quero apresentar alguns casos paradigmáticos e variados entre si sobre os modos de descarte e de possíveis coletas nessas cidades, entre os séculos IV e V, de modo a ressaltar suas posições no interior das cidades, as composições de seus resíduos e as relações com os espaços construídos e habitados. Com isto, pretendo apontar para algumas questões sensoriais mais específicas que serão abordadas ao fim deste capítulo.

Volto uma vez mais a Cartago. Não muito distante de onde foi instalada e selada a fossa do *cardo* II Oeste, foram registradas novas práticas de descartes nas vias. Encontradas em outro setor localizado nas franjas da cidade, de urbanização tardia, por volta do século III, e também escavado pela equipe italiana. No sítio foram encontradas partes do muro perimetral da *insula*, acompanhadas por uma pequena parcela do pavimento viário de seu entorno, como o *decumanus* VI Norte em sua face norte e, a leste, o teórico *cardo maximus*. Apesar de uma série de semelhanças, essa região apresentou indícios de modos de descartes distintos dos de sua vizinha a sudoeste. Por volta de fins do século IV e o primeiro quarto do século V, uma grande quantidade de resíduos começou a ser depositada sobre as ruas. Estas deposições sucessivas acarretaram uma elevação próxima dos 0,50 m quando do pavimento, em um período de difícil datação, embora anterior ao ano de 450, período em que a via sofreu

⁶⁸³ Os escavadores descrevem o cobrimento da fossa com uma espécie de elemento construtivo, quase quadrangular (0,80 m por 0,70 m), que pudesse se tratar de uma pilastra. As informações são muito escarças para uma defesa nesse sentido: CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 31.

uma repavimentação bem mais simples, feita com pedras ou terra batida⁶⁸⁴. Para além dos depósitos e acúmulos viários sucessivos, outro fenômeno ocorrido nessa *insula* também entre fins do século IV e inícios do V merece destaque. Na junção de uma das paredes internas e a fachada do edifício, em sua parte mais ao sul, foi estabelecido um grande local de descarte. Quantidades notáveis de escórias de fabricação manufatureira, sobretudo de vidros e cerâmicas, ao lado de um número significativo de moedas compunham os resíduos despejados. A datação de todos os achados remete a dois momentos principais, no decorrer do século IV ou no período de transição deste para o V século⁶⁸⁵. Embora o acúmulo de dejetos em seu interior, a *insula* não deixou de ser habitada, dado pequenas evidências que apontam mudanças de suas estruturas internas. Porém, ainda antes da construção da muralha na cidade, por volta de 425, uma das principais paredes internas do edifício que margeava o *decumanus* desabou. Com a parte superior feita em tijolo cru, seus resíduos argilosos foram utilizados para fechar em definitivo o acesso à parte sul da *insula*⁶⁸⁶.

Esses dois casos oriundos das escavações italianas fornecem indícios que permitem afirmar que, ainda que de uma maneira limitada, as relações de proximidade/distância para com os resíduos não seguiam uma linha unidirecional e variavam inclusive no interior de uma mesma cidade, embora, bom recordar, ambos os sítios estavam localizados em regiões limítrofes do traçado urbano. Se em um caso temos a evidência de uso de uma fossa no meio de uma rua durante um intervalo de tempo considerável para, em seguida, ser selada por nova pavimentação viária e possível retorno a uma forma de descarte final de resíduos fora daquele ambiente dos *cardines*, no outro houve um uso sucessivo e ininterrupto de utilização de espaços externos e contíguos ao edifício para descarte, sem contar que, a partir de determinado momento, cômodos internos também passaram a ser ocupados por resíduos. Além desses episódios limites de depósitos de resíduos nas vias, proximidades ou no interior de edifícios, existem exemplos de locais de descarte extra-urbanos em Cartago. Um deles, que apresentou certa organização e mesmo seletividade dos resíduos descartados foi estabelecido na denominada necrópole de Yasmina. Localizada na parte sudoeste da cidade, ao sul do circo, a antiga necrópole foi espaço de depósito de uma enorme quantidade de resíduos vítreos. Tal volume de um material em um só local levantou tanto a possibilidade de existência de oficinas vidraceiras na cidade, tipo de instalação que, até o momento, não foi

⁶⁸⁴ CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 54, e fig. 30 (est. 152, 148, 145).

⁶⁸⁵ CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 54-55, e fig. 30 (est. 53).

⁶⁸⁶ CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. p. 55, e fig. 30 (est. 10), fig. 32 (muro 90).

encontrado na cidade, quanto demonstrou a existência de um modo bem organizado e direcionado de coleta⁶⁸⁷.

Evidências semelhantes de descartes de resíduos de produção manufatureira foram encontradas em Leptiminius (*Figura 33*). Durante os trabalhos de prospecção de superfície e escavações pontuais, realizados por equipes da Universidade de Michigan em conjunto com o Instituto Nacional do Patrimônio da Tunísia, foram identificados diversos espaços para descarte de resíduos na cidade⁶⁸⁸. Aqueles que podem ser datados da segunda metade do século IV ao primeiro terço do V estavam localizados entre os subúrbios e a parte rural da cidade. Dentre eles, tal como em Yasmina, incluíam-se alguns antigos espaços mortuários. A composição dos resíduos que esses últimos apresentavam era variada. Por exemplo, no denominado sítio S10 foram encontrados diversos fragmentos de cerâmica, materiais de construção e ossos de animais. Já o caso do sítio S200 revelou-se como um grande depósito de descarte de tubos para construção de abóbadas. Além desses casos, sítio como o S310, vizinho ao anfiteatro e mais próximo ao núcleo urbano, apresentou, ao lado de um denso depósito de fragmentos de cerâmica de prováveis ateliês nos arredores, resíduos característicos de espaços domésticos, como cerâmicas de cozinha com sinais de uso⁶⁸⁹. Outro modo de descarte com determinada organização era o realizado nas proximidades de fornos de cerâmica instalados nos subúrbios. Fossas com enormes quantidades de refugos e resíduos de produção foram encontradas nas proximidades dos prováveis ateliês de produção de ânforas e, em menor quantidade, cerâmicas de cozinha e mesa, como no sítio S290 (os fornos em *Dharet Slima*)⁶⁹⁰. Nesse último caso, apesar do encerramento da produção na segunda metade do século III, 3 de seus fornos foram preenchidos com resíduos de produção, enquanto um outro que continuava em funcionamento foi selado por meio de acúmulo gradual de uso e não cuidado⁶⁹¹.

⁶⁸⁷ Para as zonas de descarte encontradas na denominada necrópole de Yasmina, ver: NORMAN, Naomi J.; HAECKL, Anne E. The Yasmina necropolis at Carthage, 1992. *JRA*, vol. 6, p. 238-250, 1993. p. 238-239, 250. Para questões relacionadas às práticas de reciclagem vítrea a partir desse sítio, ver pouco adiante neste mesmo capítulo.

⁶⁸⁸ Para as técnicas e metodologias empregadas no sítio: **Leptiminius 1**. p. 89-114; para os depósitos de resíduos: **Leptiminius 3**. p. 187-188.

⁶⁸⁹ **Leptiminius 1**. p. 306; **Leptiminius 3**. p. 187.

⁶⁹⁰ **Leptiminius 3**. p. 187-188, 251-252.

⁶⁹¹ **Leptiminius 2**. p. 232-233.

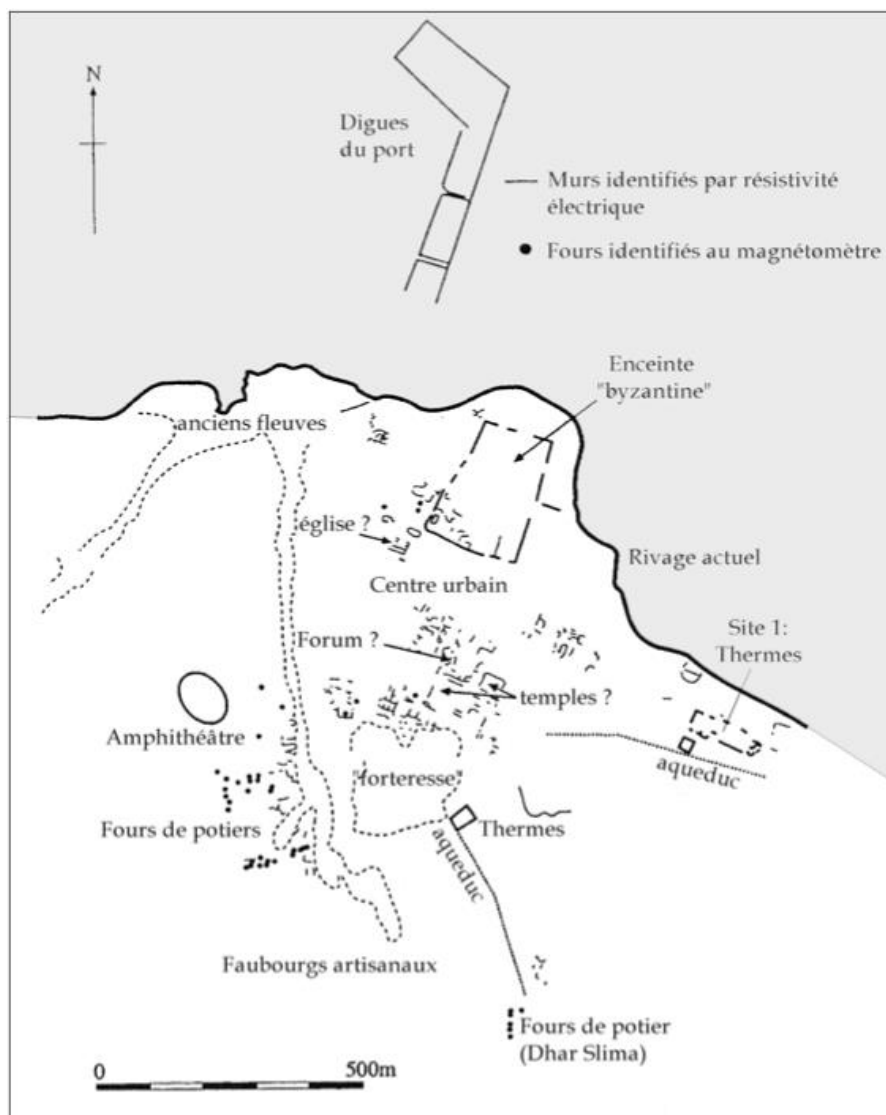


Figura 33: Indicações das estruturas de Leptiminus a partir dos resultados das prospeções de superfície e geofísicas. Após Mattingly, Stone, Stirling e Ben Lazreg. Plano extraído de Magalhães de Oliveira (p. 71, fig. 9).

Por meio dessas evidências nos arredores de Leptiminus é possível apontar que havia uma determinada gestão de resíduos na cidade. Embora boa parte desses aterros suburbanos fosse local de despejo de resíduos de produção de ateliês instalados em suas imediações, não podemos esquecer de dois pontos fundamentais. O primeiro e mais notório, a presença de lixo doméstico nesses aterros distantes do centro urbano. No entanto, é preciso levar em consideração a lacuna e os limites da possibilidade de conhecimento sobre a extensão dessas coletas e despejos de resíduos em aterros extra-urbanos. De todo modo, o segundo ponto a ser levado em consideração diz respeito ao próprio modo de descarte dos centros de produção. As equipes arqueológicas constataram que nem todas as áreas de descarte de resíduos de produção, sobretudo cerâmicos, encontradas nos arredores suburbanos da cidade estavam

próximas de fornos, como no caso do sítio S251⁶⁹². Isso pode indicar que haveria em determinados centros produtivos certas práticas de descarte e coleta que envolviam relações de distanciamento entre resíduos e os locais laborais/habitacionais. As razões para essas práticas poderiam estar implicadas com as relações sensoriais ou, de um ponto de vista mais pragmático, conectadas com reutilizações e reciclagens dos resíduos, dado, como será abordada adiante, o potencial de reaproveitamento de grande parte dos descartes.

Se no caso de Leptiminus paira essa ambiguidade no que diz respeito às proximidades dos locais de descarte dos lixos produzidos nas oficinas, a cidade de Meninx fornece exemplos em que as relações de distanciamento e aproximação dos resíduos têm impactos sensoriais mais perceptíveis (**Figura 34**). A cidade localizada na ilha de Jerba era, na virada do século IV para o V, referência de longa data para a produção do tingimento em púrpura na parte ocidental do Império. Um renome conhecido desde Plínio, o velho, que apontava Meninx como o lugar da melhor púrpura produzida na África⁶⁹³. Sinal de continuidade dessa importância pode ser encontrado na menção feita na *Notitia Dignitatum* sobre a presença de um procurador imperial encarregado da arrecadação fiscal, supervisão e regulação da produção⁶⁹⁴. Essas medidas de controle do processo de extração do pigmento e do tingimento dos tecidos tinham como fundamento a prerrogativa do uso exclusivo da cor pela corte imperial⁶⁹⁵. Com elas decorreu um aumento significativo da produção de púrpura⁶⁹⁶. A principal evidência desse crescimento produtivo é justamente o aumento dos resíduos gerados nesse processo, em especial da fonte de matéria-prima animal empregada nessa pigmentação: o *murex*. Montanhas de conchas desse molusco foram encontradas no quadrante sudoeste da cidade, que se estendeu por volta de 8 a 10 hectares, com até 5 m de altura, durante um longo período de utilização, que vai dos séculos I-II até o século V, e passou até a englobar

⁶⁹² MATTINGLY, D.J.; STONE, D.; STIRLING, L.; BEN LAZREG, N.B. Leptiminus (Tunisia): a ‘producer’ city? In: MATTINGLY, D.J.; SALMON, J. (Eds.). **Economies beyond agriculture in the Classical world**. London, New York: Routledge, 2001. p. 66-89. p. 77-78; **Leptiminus 3**. p. 226.

⁶⁹³ Plínio, o velho. **HN IX.60.127**: *Tyri praecipuus hic Asiae, Meninge Africae et Gaetulo litore oceani, in Laconica Europa*.

⁶⁹⁴ **Notitia Dignit. Occ. XI.70**: *Procurator bafii Girbitani, provinciae Tripolitanae*. Sobre a relação desse procurador com Meninx, ver: FENTRESS, E.; DRINE, A.; HOLOD, R. **An island through time: Jerba Studies**. Vol. 1. The Punic and Roman periods. Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 2009. p. 169.

⁶⁹⁵ Por exemplo: **C.Th. X.21.2** (= **C.I. XI.9.2**), **C.Th. X.21.3** (= **C.I. XI.9.4**), **C.Th. X.20.18** (= **C.I. XI.9.5**). Sobre a questão da purpura no Império tardio, ver: REINHOLD, Meyer. **History of Purple as a Status Symbol in Antiquity**. Brussels: Collection Latomus, 1970. p. 61-68.

⁶⁹⁶ A respeito do aumento da produção de pigmento e tingimento púrpura com as regulações imperiais, ver: FENTRESS, Elizabeth. *An island in transition: Jerba between the fifth and the ninth centuries*. In: PANZRAM, Sabine; CALLEGARIN, Laurent. **Entre civitas y madīna: el mundo de las ciudades en la Península Ibérica y en el Norte de África (siglos IV-IX)**. Madrid: Casa de Velázquez, 2018. p. 241-252, p. 244. Sobre as contrapartidas para as associações de trabalhadores nessas relações com o controle imperial dos processos produtivos da púrpura, ver: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. **Potestas populi**. p. 80.

estruturas habitacionais abandonadas em seu interior (**Figura 35**). A extensão impressionante do aterro apresenta, por sua vez, indícios de uma gestão organizada de coleta de resíduos. E não apenas das atividades de fabrico. Além da predominância das conchas, o aterro era composto por fragmentos de cerâmica e vestígios de animais⁶⁹⁷. Assim, o cuidado e a continuidade de uso numa longa duração desse grande e crescente local de descartes demonstram não apenas uma gestão de coleta efetiva para resíduos domésticos, como também a constância de determinadas preocupações em manter os dejetos mais ou menos distantes dos centros de produção.



Figura 34: Plano de Meninx com as principais estruturas encontradas datadas do século V. Após, Elizabeth Fentress e Michael Frachetti. Plano extraído de E. Fentress *et al.* (2009, p. 134, fig. 10.3).

O trabalho com o *murex* apresenta um fator marcante para as relações de distanciamento/proximidade com os resíduos. No processo de extração das glândulas purpúreas do molusco para fabricação do pigmento, com a quebra de sua concha é liberado um forte odor⁶⁹⁸. Plínio, o velho, caracterizou-o como um odor pestilento, insalubre quando

⁶⁹⁷ FENTRESS, E.; DRINE, A.; HOLOD, R. **An island through time**. p. 173; FENTRESS, Elizabeth. *An island in transition*. p. 244.

⁶⁹⁸ Sobre o processo de extração da púrpura, ver: FENTRESS, E.; DRINE, A.; HOLOD, R. **An island through time**. p. 168.

utilizados para esse fim⁶⁹⁹. Na verdade, o cheiro ruim desse processo extrativo complementava a ironia de seu comentário contra a valoração da púrpura. Os odores fétidos do processo de extração da púrpura também foram mencionados em alguns epigramas de Marcial⁷⁰⁰, de modo a auxiliar na desqualificação daqueles que eram alvos de suas investidas poéticas. Proposições verbalizadas como essas não existem para o contexto de Meninx na Antiguidade Tardia. No entanto, é factível pensarmos que os odores afetavam até aquele momento as relações com os resíduos. Mas é preciso considerar as mudanças resultantes da ampliação da escala produtiva de púrpura da cidade. Primeiro, locais de produção de púrpura foram instalados nas proximidades do centro urbano. É o que demonstrou as escavações realizadas no sítio denominado Meninx I. Por volta da primeira metade do século III, um complexo de fabricação e tingimento purpúreo foi instalado numa *insula* habitacional, cerca de 350 m a sudoeste do *forum* e próximo da costa. Outra casa escavada na mesma *insula* dessa unidade, agora no chamado sítio Meninx II, apresentou sinais de contínua ocupação coetânea a instalação do complexo produtivo. As sucessivas reformas que apresentou ao longo do tempo enfatizam essa contemporaneidade entre os espaços de habitação e produção de púrpura, que adentraram o século V⁷⁰¹. Essa convivência de ambas estruturas aponta indícios, de certo modo, de uma alteração nas dinâmicas sensoriais em relação aos centros de produção. Ainda que o sistema coleta de resíduos continuasse em plena operação, não apenas o centro produtor de púrpura e emanador dos odores tido como fétidos agora estava inserido em um contexto habitacional, como o local de descarte final dos resíduos gerados durante o processo produtivo localizava-se agora a pouco mais de 250 m de distância desse mesmo espaço habitado. Aliás, um espaço que continuava densamente habitado (*Figura 36*)⁷⁰².

⁶⁹⁹ Plínio, o velho. **HN IX.60.127**: ... *sed unde conchyliis pretia, quis virus grave in fuco, color austerus in glauco et irascenti similis mari?*

⁷⁰⁰ Marcial. I.49.32; IV.4.4; IX.62.

⁷⁰¹ FENTRESS, E.; DRINE, A.; HOLOD, R. **An island through time**. p. 213-222.

⁷⁰² FENTRESS, E.; DRINE, A.; HOLOD, R. **An island through time**. p. 173; FENTRESS, Elizabeth. *An island in transition*. p. 243-244.

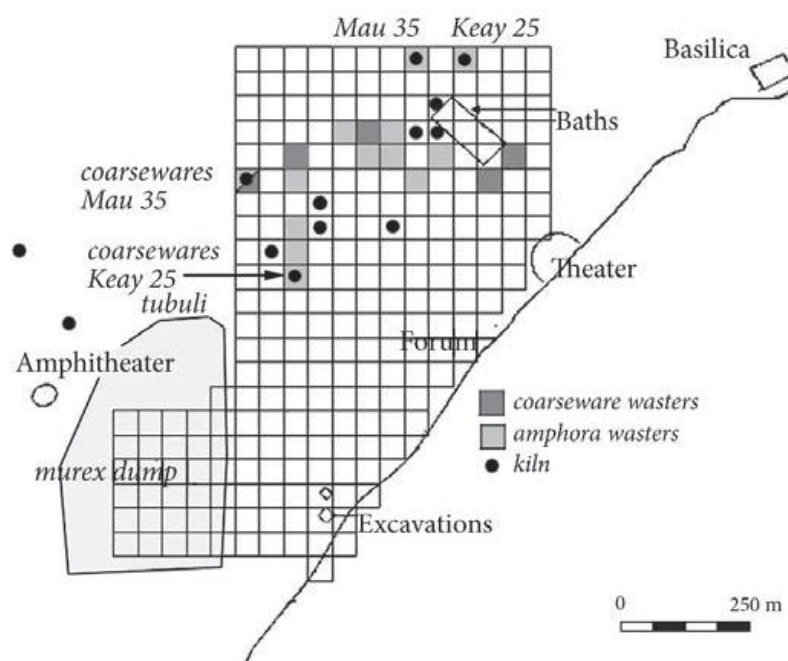


Figura 35: Plano esquemático de Meninx com a distribuição de depósitos de resíduos e centros de produção. Depois de Elizabeth Fentress e Michael Frachetti. Plano extraído de E. Fentress *et al.* (2009, p. 171, fig. 10.48)

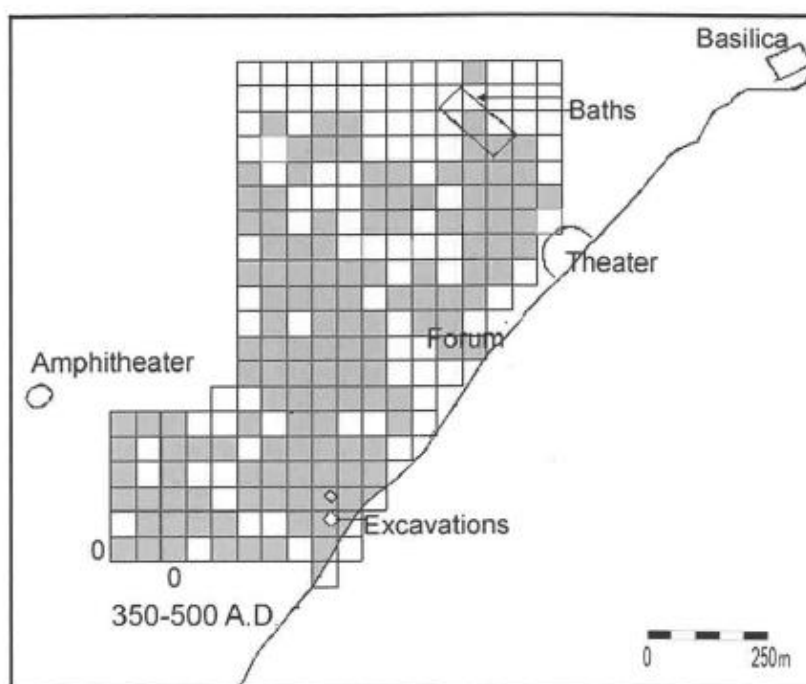


Figura 36: Plano esquemático de Meninx com a densidade de ocupação projetada para os anos 350-500. Depois de Elizabeth Fentress e Michael Frachetti. Plano extraído de E. Fentress *et al.* (2009, p. 172, fig. 10.49).

Apesar das diferenças entre os casos apresentados, tanto no que diz respeito às metodologias empregadas na prática arqueológica quanto da condição material e dimensão dos sítios escavados, uma similaridade em particular pode ser elencada. Mesmo nas situações que apontam os indícios mais convincentes para a existência de um sistema de coleta de lixo

organizada, os resíduos provenientes dos espaços de produção – sejam eles fragmentos de vidros, cerâmicas, conchas – estavam cada vez mais próximos dos limites urbanos.

3.5 Reciclar e reutilizar: esquemas, possibilidades para compreensão e a busca de um trabalhador particular

Para finalizar esta investigação sobre os lixos urbanos e os sentidos é preciso ir um pouco além da produção e dos modos de descartes, sobretudo de resíduos sólidos, em ruas, espaços construídos e locais extra-urbanos. É preciso indagar duas práticas que demonstram uma outra face das relações com os dejetos. Práticas que demonstram um processo de revalorização daquilo que outrora foi considerado como lixo, a saber: reciclagem e reutilização. Embora as cidades antigas não chegassem a ser “autolimpantes”, como Emílio Rodríguez-Almeida de maneira provocativa atribuiu para Roma⁷⁰³, reciclagens e reempregos dos resíduos sólidos e de excrementos eram correntes e ubíquos. Elas envolviam atores que coletavam os materiais atribuídos como recicláveis e reutilizáveis. Sobre esses atores pouco é conhecido. Contudo, dentre esse pouco, há meios de perceber como a sensorialidade teve um papel marcante para sua exibição e, sobretudo, ocultação na documentação literária. Para compreender as dinâmicas da reciclagem e desses seus atores principais, portanto, inicio com uma discussão sobre o que podemos saber sobre essas práticas para o mundo romano antigo. Em seguida, passo para algumas das poucas fontes antigas nas quais emergem os coletores de recicláveis. De modo a compreender as formas organizações e atuações desses coletores mencionados, faço uma pequena comparação etnológica com um caso moderno. Passos que creio serem necessários para tornar perceptível um tipo particular de coletores, cujas práticas realizadas eram bastante comuns e difundidas pelas cidades norte-africanas no tempo de Agostinho. Refiro-me aos *stercorarii*, a coleta de *stercus* urbanos e suas reutilizações nos campos circundantes das cidades.

3.5.1 Espaços, materiais e formas das práticas de reciclagem e reutilização

Seguindo J. Theodore Peña, é possível dizer que as práticas de reciclagem estavam associadas aos três principais contextos de produção de resíduos que foram apontados por

⁷⁰³ RODRÍGUEZ-ALMEIDA, Emilio. Roma, una città *self-cleaning*? In: REMOLÀ, J.-A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. (Eds.). *Sordes urbis*. p. 123-127.

José-Anton Remolà⁷⁰⁴, a saber: primeiro, os resíduos advindos do ambiente doméstico/habitacional, associados às práticas de consumo, compostos de elementos orgânicos e inorgânicos, formado por materiais heterogêneos, que variavam desde práticas alimentares até vestuárias, dentre muitos outros bens; segundo, os resíduos vinculados à produção (e os processos transformadores da materialidade) e comercialização (associados tanto à distribuição quanto ao armazenamento); terceiro, entulhos/materiais de construção, composto por escombros procedentes de abandono, destruição ou reformas de edifícios e demais espaços construídos. Além destes, devem ser incluídos os excrementos humanos e não-humanos enquanto materiais reutilizáveis⁷⁰⁵.

Da longa lista elaborada por Peña sobre os objetos e materiais provenientes de cada um destes contextos que poderiam ser reciclados, creio que cabe mencionar alguns dos mais usuais e difundidos. No âmbito doméstico/habitacional, podem ser citados: bens manufaturados de vários tipos de materiais, como em pedra, vidro, cerâmica de cozinha ou fina de mesa; materiais metálicos; vestígios de animais, incluindo partes duras, como ossos, chifres, carapaças, conchas, e partes moles, como couro e tutano; vestígios de alimentos vegetais; produtos têxteis; várias fibras de plantas, incluindo papiros; e cinzas geradas para cozimento e calefação⁷⁰⁶. Neste mesmo contexto habitacional/doméstico, seria coletada grande parte dos excrementos humanos, embora esse tipo de resíduo pudesse ser retirado, de igual modo, direto das vias e latrinas públicas.

Em relação aos espaços de produção e comercialização de produtos, outra grande leva de objetos e materiais podem ser citados, como: matérias primas não utilizadas, assim como subprodutos residuais dos processos de transformação, como escórias; vestígios da venda de produtos alimentícios, como materiais orgânicos, vegetais e animais, com destaque ao reemprego de ossos e partes moles dos animais; produtos residuais gerados por vários processos de produção redutores, que incluem sobras de ossos e couros, lascas de pedras, vestígios e rebarbas de madeiras e metais; produtos acabados e incompletos, danificados por defeitos em suas manufaturas, que os tornaram inutilizáveis; produtos finalizados, mas que foram danificados durante distribuição; ferramentas empregadas nas produções e nas trocas comerciais, assim como instalações e estruturas como fornos para queima de cerâmica,

⁷⁰⁴ Sobre as utilizações desses contextos de produção de resíduos para análise das cidades antigas, ver: REMOLÀ, Josep-Anton. *Sobre la interpretaci3n arqueol3gica*. p. 109.

⁷⁰⁵ Diferentemente de Peña, coloco a gera33o/produ33o de excrementos em um contexto à parte. PEÑA, J. Theodore. *Recycling in the Roman world*. p. 21.

⁷⁰⁶ PEÑA, J. Theodore. *Recycling in the Roman world*. p. 22-23.

fabrico de vidros e fornalhas de fundição metalúrgicas; vestígios de veículos e outros equipamentos ligados à distribuição dos bens; e cinzas geradas durante os processos de produção de diversos produtos⁷⁰⁷.

No que diz respeito aos dejetos materiais oriundos das atividades de construção ou presentes em edifícios em desuso ou mesmo em abandono, podem ser ressaltados: blocos ou fragmentos de alvenaria; concreto, argamassa e outros tipos de escombros; placas de revestimento em mármore e em outros materiais similares; elementos decorativos, tais como colunas, arquitraves e estátuas; pedras para pavimentação; *tesserae* de mosaicos; telhas, pisos e outros elementos arquitetônicos em cerâmica, como placas decorativas, encanamentos e tubulações para abóbadas; elementos férreos e de ligas metálicas, como canos, fechos, pregos, grades de janelas, fechaduras; e materiais em madeira, como vigas e portas⁷⁰⁸.

Esta listagem está longe de ser exaustiva. Ela apenas demonstra em um quadro bem sintético e simplificado a quantidade de materiais e objetos que poderiam ser reciclados, reempregados e reutilizados no cotidiano das cidades antigas. Assim, por mais que a geração de resíduos pudesse ser um problema, também adquiriria uma economia e cadeias operatórias próprias, como foi bem demonstrado e sintetizado, sobretudo, nos capítulos do recente volume organizado por Chloë Duckworth e Andrew Wilson⁷⁰⁹.

Esses novos ciclos dos materiais poderiam ser realizados de modos, por atores sociais e em espaços diversos. Por exemplo, uma forma possível dentre essas seria a realizada pelos mesmos atores sociais cujas práticas geravam os resíduos. Nestes casos, as reciclagens e reutilizações poderiam ocorrer tanto nos locais em que os elementos residuais foram gerados, quanto externos a eles. Em ambas situações, haveria a possibilidade dos materiais e objetos adquirirem ou não novos usos, formas e funções. Esse tipo de prática efetuada pelos mesmos atores sociais que geravam os dejetos se aplica com mais facilidade aos resíduos sólidos produzidos no contexto habitacional/doméstico e produtivo/comercial. Nas circunstâncias domésticas/habitacionais, exemplos destas práticas são perceptíveis, em especial, no reaproveitamento dos materiais cerâmicos. O caso dos já citados *vasa/dolia* adaptados para outros fins que não aquele de transporte e contenção de bens para os quais foram projetados

⁷⁰⁷ PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 23.

⁷⁰⁸ PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 22.

⁷⁰⁹ Ver os campos de análise dessas novas abordagens nos capítulos da coletânea: DUCKWORTH, C.; WILSON, A. (Eds.). **Recycling and reuse in the Roman economy**. Para além do panorama geral, ver as implicações destas abordagens em: DUCKWORTH, Chloë; WILSON, Andrew, Van OYEN, Astrid *et al.* When the statue is both marble and lime. DUCKWORTH, C.; WILSON, A. (Eds.). **Recycling and reuse in the Roman economy**. p. 449-460.

demonstra bem essas possibilidades. Para citar outras formas de reutilizações, apenas de contextos arqueológicos que foram ou serão vistos, menciono os reempregos de cerâmicas de cozinha, jarros e/ou ânforas utilitários como depósitos de moedas, que compunham pequenos “tesouros”, tais como as mais de 300 moedas de bronze, datadas de inícios da segunda metade do século V, encontradas em uma ânfora retrabalhada, sem as alças e o bocal, encerrada com uma tampa no piso de um dos cômodos da denominada “Casa da Rotunda” (*Maison de la Rotonde*), que possuía comunicações com o *cardo* X Oeste⁷¹⁰. Outra possibilidade de uso de vasilhames de cerâmica, ou melhor, de seus cacos, era a de suportes de escrita, os *ostraca*. Como visto no capítulo anterior, eles poderiam ser empregados para anotações de informações em contextos oficiais, como para administração de entrada e saída de produtos no porto de Cartago ou das relações de tarefas, notas de acontecimentos e mesmo utilizados em correspondências no cotidiano de um forte militar, como os de *Gholaia*, próximo ao oásis de Bu Njem, a pouco mais de 360 km de Sabratha, nas franjas do deserto líbico⁷¹¹. Apesar dessas emergências em situações institucionais, os *ostraca* eram utilizados em comunicação informais entre conhecidos e como amplo suporte para aprendizagem de escrita⁷¹². Quanto às reutilizações dos resíduos gerados pelas produções artesanais e seus reempregos nos próprios contextos de fabrico, apesar do conhecimento de sua ampla difusão, as evidências materiais nem sempre são muito concludentes. Isto se deve, em partes, ao próprio processo de reuso e reciclagem dos materiais. De qualquer maneira, é possível ter um vislumbre sobre essas práticas em setores de produção metalúrgica, como visto em partes para Leptiminus, devido as amplas quantidades de escórias semifundidas encontradas⁷¹³. Reciclagem metalúrgica também presente em uma oficina localizada no denominado

⁷¹⁰ Trata-se da sala 26. Para mais, ver: BALMELLE, Catherine; BOURGEOIS, Ariane; BROISE, Henri; DARMON; Jean-Pierre; ENNAÏFER, Mongi. **Carthage, Colline de l’Odéon. Maisons de la rotonde et du cryptoportique (recherches 1987-200). Volume 1. L’Architecture et son décor**. Roma: École Française de Rome, 2012. p. 101-104. Para mais exemplos: PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery**. p. 200.

⁷¹¹ Sobre os *ostraca* forte de *Gholaia* e suas funções rotineiras, ver: MARICHAL, Robert. Les ostraca de Bu Njem. **CRAI**, 123^e année, N. 3, p. 436-452, 1979; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. **Sociedade e cultura na África romana**. p. 52-78, esp. p. 66-75.

⁷¹² Sobre estes empregos dos *ostraca*, com inúmeros exemplos, ver: CRIBIORE, Raffaella. **Writing, teachers, and students in Graeco-Roman Egypt**. Atlanta: Scholars Press, 1997. p. 63-64; SARRI, Antonia. **Material aspects of letter writing in the Graeco-Roman World: 500 BC – AD 300**. Berlin: de Gruyter, 2018. p. 78-79; PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery**. p. 160-164, 206. Para as comunicações, enquanto correspondências, ver os ótimos exemplos de cartas de mulheres coletados e comentados por: BAGNALL, Roger; CRIBIORE, Raffaella. **Women's letters from ancient Egypt, 300 BC-AD 800**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006. esp. p. 97 ss.

⁷¹³ SCHRÜFER-KOLB, Irene. Iron production débris. In: **Leptiminus n. 3**. p. 434-453. p. 435, 445.

quarteirão triangular ou industrial de *Thamugadi*, em que foram encontrados diversos fragmentos em bronze amalgamados e reutilizados como matéria-prima para novas forjas⁷¹⁴.

Embora novos usos *intracontextuais* descritos fossem frequentes, reempregos e reciclagens de objetos e materiais ocorriam, sobretudo, em espaços outros que não aqueles que os originaram. Uma vasta série de resíduos descartados era reaproveitada. Dentre os mais reciclados estavam os vidros. Exemplo dessa larga escala de reciclagem vítrea foi encontrado no aterro de descartes da citada área denominada necrópole de Yasmina, em Cartago⁷¹⁵. Largos pedaços de vidros brutos e não trabalhados, fragmentos vítreos com sinais de má-formações e bolhas moldadas, indicando resíduos dos tubos de sopro de modelagem, todos em larga quantidade, demonstravam que tais descartes eram indicativos diretos de uma produção artesanal⁷¹⁶. De acordo com uma primeira abordagem química dos vidros, a maior parte da amostragem analisada indicou uma difusa e duradoura prática de reciclagens, que perdurou de fins do século III até o século V, com possíveis continuidades além deste recorte temporal⁷¹⁷. De acordo com os arqueólogos escavadores do sítio, seria até mesmo concebível que os vidros presentes na camada de descarte tivessem sido coletados para fins de reciclagem⁷¹⁸.

3.5.2 Os coletores de recicláveis: o que é possível saber sobre eles?

Neste ponto uma antiga questão recalcada sobre a organização da gestão de resíduos nas cidades retorna, agora com maiores empecilhos para elaboração de respostas. Haveria coletores e negociadores de materiais reutilizáveis e recicláveis? Se sim, como grande parte

⁷¹⁴ BALLU, Albert. Rapport sur les travaux de fouilles exécutés en 1906 par le Service des Monuments historiques en Algérie. *BCTH*, p. 231-301, 1907. p. 267-273; ver também a interpretação crítica do relatório de Ballu e desta oficina em particular realizada por: AMRAOUI, Touatia. *L'artisanat dans les cités antiques de l'Algérie (I^{er} siècle avant notre ère-VII^e siècle après notre ère)*. Oxford: Archaeopress Roman Archaeology, 2017. p. 132-133.

⁷¹⁵ Sobre o sítio, localização, características e cronologias das formas de uso, ver: NORMAN, Naomi J.; HAECKL, Anne E. The Yasmina necropolis. p. 238-239, 250.

⁷¹⁶ STERRETT-KRAUSE, Allison E. Evidence for glass-working from the Yasmina necropolis at Carthage. In: JANSSENS, K.; GRYSE, P.; COSYN, P. *et al.* (Eds.). *Annales du 17e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre 2006*. Antwerp: University Press Antwerp, 2009. p. 240-246, p. 241-243.

⁷¹⁷ Sobre a reciclagem, de acordo com os índices de potássio e fósforo nos vidros analisados: SCHIBILLE, Nadine; STERRETT-KRAUSE, Allison E.; FREESTONE, Ian, C. Glass groups, glass supply and recycling in late Roman Carthage. *Archaeological and Anthropological Sciences*, vol. 9, p. 1223-1241, 2017. p. 1235-1237. Para uma visão não tão a favor de uma ampla reciclagem dos vidros encontrados na necrópole de Yasmina, advogando por um uso mais comedido desta prática, ver: SIU, I.; HENDERSON, J.; FABER, E. The production and circulation of Carthaginian glass under the rule of the Romans and the Vandals (fourth to sixth century AD): a chemical investigation. *Archaeometry*, vol. 59, p. 255-273, 2017. esp. p. 269.

⁷¹⁸ STERRETT-KRAUSE, Allison E.; FREESTONE, Ian, C. Glass groups, glass supply and recycling. p. 1238.

dos pesquisadores crê, quem eram esses atores sociais que coletavam os materiais para reciclagem? Seriam os próprios artesãos ou demais membros relacionados com as oficinas? Seriam outros atores sociais que trabalhariam de modo específico com essas coletas para revendas? E como as realizariam: coletavam-nas pelas vias ou nos aterros dos arredores urbanos ou mesmo naqueles que poderiam se formar nos espaços dentro das cidades? Responder tais questões, outra vez, não é tarefa fácil. Por alguns motivos. Primeiro, como afirmou Chloë Duckworth para o caso da reciclagem de vidros, mas que pode ser muito bem expandido para outros espaços e processos: “A invisibilidade da reciclagem significou a invisibilidade das pessoas que nela estiveram envolvidas”⁷¹⁹. Ou seja, ao não dar certa atenção às práticas de reutilização e reciclagem durante a Antiguidade mediterrânea, os atores que delas participaram foram amplamente ignorados. Contudo, mesmo com a renovação de estudos no campo de pesquisas sobre reciclagens e reutilização, sobretudo no arqueológico, as formas de participação e organização desses atores sociais são ainda pouco indagadas e conhecidas⁷²⁰.

Esta marginalização temática pode ter algumas de suas bases na parca documentação a respeito das coletas de resíduos recicláveis. Suas existências são quase invisíveis na materialidade. Na documentação literária, quando das poucas vezes que foram mencionados, esses atores sociais que realizavam coletas de recicláveis e reutilizáveis surgem como referenciais que atribuem valores sociais negativos para os temas abordados. É esse o caso encontrado em um poema de Marcial. Em sua invectiva contra certo Cecílio, que se acreditava *urbanus*, cidadão e com todos atributos de sofisticação, Marcial o constrói como alguém que, além de ter nascido escravizado, seria como um mercador ambulante (*ambulator*) das proximidades do Tibre, que trocava enxofre puro por vidros quebrados⁷²¹. Aliás, o tópico da troca de resíduos de vidro por enxofre aparece em outros escritores, como Estácio⁷²² e,

⁷¹⁹ DUCKWORTH, Chloë. Seeking the invisible: new approaches to Roman glass recycling. In: In: DUCKWORTH, C.N.; WILSON, A. (Eds.). **Recycling and reuse in the Roman economy**. p. 301-356, p. 346: *The invisibility of recycling has meant the invisibility of the people who were involved in it [...]*.

⁷²⁰ Apesar da grande ênfase recente nos estudos de reciclagem e reutilização de materiais, poucos são os que se atentam para essa etapa fundamental da “cadeia operatória” da reciclagem. O livro mencionado organizado por Duckworth e Wilson demonstra bem isso, apenas o capítulo de Peña e de Duckworth apresentam essa preocupação: PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 44-51; DUCKWORTH, Chloë. Seeking the invisible. p. 301-356. Outra dessas exceções pode ser encontrada no trabalho de: KELLER, Daniel. Social and economic aspects of glass recycling. BRUHN, J. *et al.* (Eds.) **TRAC 2004: Proceedings of the Fourteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference**. Oxford: Oxbow Books, 2005, p. 65-78.

⁷²¹ Marcial. I.41: *Urbanus tibi, Caecili, videri / non es, crede mihi. Quid ergo? verna, / hoc quod transtiberinus ambulator, / qui pallentia sulphurata fractis / permutat vitreis...*; Cf. LEON, H.J. Sulphur for broken glass. p. 236.

⁷²² Estácio. *Silv.* I.6.73-74: *hic plebs scenica quique comminutis / permutant vitreis gregale sulphur.*

pouco depois, Juvenal⁷²³. Embora Estácio situe os que faziam permutas de vidros quebrados por enxofre ao lado da *plebs scenica*, nem ele nem Juvenal realizaram essa explícita menção ao agente da troca, *ambulator*. Agente que poderia ser de ambos os gêneros, conforme aparece em outro epigrama de Marcial. Neste último, sua sátira se volta contra um poeta anônimo que se faz passar por ele. Contudo, nem mesmo uma ambulante (*circulatrix*) que negociasse vidros quebrados por enxofre os aceitaria como legítimos em uma troca⁷²⁴.

Dessas menções gerais aos coletores de resíduos de vidro, algumas pontuações importantes podem ser levantadas para a compreensão das formas como essas coletas poderiam ser organizadas: primeira, a própria existência de uma prática corriqueira de coleta e troca de materiais recicláveis sólidos, realizadas por coletores que circulavam pela cidade. Segunda, os coletores poderiam ser homens ou mulheres. Terceira, a referência constante ao enxofre como moeda de troca, que correntemente poderia ser utilizado como fonte de combustão e de luz artificial, embora suas aplicações fossem bem além, como argumentou George Harrison, e incluíssem finalidades higiênicas para pele, assim como usos medicinais, como dores, sangramentos, enquanto laxativos ou removedores de verrugas⁷²⁵. Ainda que de maior dificuldade para sua realização, não se pode negar a reintrodução do enxofre em outra rede de trocas, que ultrapassariam usos individuais, como as possíveis vendas para, por exemplo, as fulônicas⁷²⁶. Quarta, o caráter sempre negativo com que surgem nesses poemas. Seus contextos de emergência auxiliavam a reforçar características sociais degradantes contra quem as invectivas satíricas se posicionavam, de modo a desqualificar posições almeçadas ou idealizadas, como *urbanus* – em que, para realizar a depreciação, vincula-se a um tipo de escravizado, *verna* – ou poeta – em que estava agrupado junto a um tipo de vocabulário de escravizados, sórdido e infame. Neste sentido, não é demais pensar que as referências ao enxofre como moeda de troca para os coletores tenham sido reproduzidas na literatura devido às suas implicações de mal cheiro, que reforçariam o caráter negativo atribuídos aos personagens alvos das críticas. A quinta e última pontuação diz respeito ao contexto em que

⁷²³ Juvenal. V.46-48: *tu Beneventani sutoris nomen habentem / siccabis calicem nasorum quattuor ac iam / quassatum et rupto poscentem sulphura vitro.*

⁷²⁴ Marcial X.3: *Vernaculorum dicta, sordidum dentem, / et foeda linguae probra circulatrix, / quae sulphurato nolit empta ramento / Vatiniurum proxeneta factorum, / poeta quidam clancularius spargit / et vult videri nostra. credis hoc, Prisce? / voce ut loquatur psittacus coturnicis / et concupiscat esse Canus ascaules? / procul a libellis nigra sit meis fama, / quos rumor alba gemmeus vehit pinna: / cur ego laborem notus esse tam prave, / constare gratis cum silentium possit?; Cf. HARRISON, George. Martial 1.41: sulphur and glass. **Classical Quarterly**, vol. 37, n. 1, p. 203-207, 1987. p. 206.*

⁷²⁵ HARRISON, George. Martial 1.41. p. 207.

⁷²⁶ Sobre a aplicação do enxofre no processo de lavagem dos tecidos: FLOHR, Miko. **The world of the fullo**: work, economy, and society in Roman Italy. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 117-120. Cabe mencionar o episódio cômico do uso de enxofre em uma fulônica narrado por: Apuleio, **Met.** IX.24-25.

os coletores emergem na documentação. Conforme pontuado por E. Marianne Stein, a descoberta “revolucionária” da refundição do vidro por volta do período flaviano “reverberou amplamente na literatura romana e capturou a imaginação de todas as classes da sociedade”⁷²⁷. A presença desses atores sociais e de suas práticas de coleta na literatura pode ser correlacionada tanto com a emergência da reciclagem de novos materiais, quanto com um possível aumento e trânsito de *ambulatores* e *circultrices* pelas ruas da cidade⁷²⁸.

Embora distante no tempo e no espaço, alguns desses elementos evocados podem ser significativos para a compreensão das práticas de coletas de materiais recicláveis nos contextos das cidades norte-africanas na Antiguidade Tardia. Primeiro porque sabemos da difusa existência da reciclagem de materiais, como vislumbrado nos poucos casos citados, com ênfase, dado o paralelismo, na coleta e reaproveitamento dos vidros em Cartago⁷²⁹. Outra importante característica a ser acrescentada, conectada de modo direto com a circulação de bens de consumo e reciclagem dos dejetos, refere-se à organização social dos processos produtivos e sua continuidade sobre bases semelhantes no período tardio, sobretudo para as produções de pequena e média escala no interior das cidades⁷³⁰. A continuidade da unidade da oficina manufatureira urbana, das trocas comerciais locais e externas, somadas com usos extensivos de estabelecimentos comerciais de bens duráveis e de pronto consumo⁷³¹, como os alimentícios, permaneceram gerando resíduos e refugos que, de modo constante, parcelas consideráveis eram reabsorvidas por meio da reciclagem e reutilização.

⁷²⁷ STEIN, E. Marianne. Roman glassblowing in a cultural context. *AJA*, vol. 103, n. 3, p. 441-484, 1999. p. 450-451: *The concept of recycling, with all its social and economic manifestations, reverberated widely in Roman literature and caught the imagination of all classes of society.*

⁷²⁸ KELLER, Daniel. Social and economic aspects of glass recycling. p. 68-69.

⁷²⁹ Inclusive a reutilização de objetos em vidro é atestada para em torno desse mesmo período (séculos IV-VI) em Hipona, embora não se saiba como era realizada e quais seriam os usos e propósitos das novas peças, ainda objetos de debates e de poucas certezas. Uma discussão sobre esses objetos e outros contextos em que foram encontrados exemplares semelhantes, somado com um importante debate teórico, metodológico e bibliográfico sobre a reutilização de materiais, ver: SWIFT, Ellen. The analysis of reused material culture for late antique studies. In: In: LAVAN, L.; MULRYAN, M. (Eds.) **Field Methods and Post-Excavation Techniques in Late Antique Archaeology**. Leiden: Brill, 2012. p. 91-119. p. 102-103; para os objetos, ver: *British Museum*, acervo n.º: 1865,0518.19, disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1865-0518-19>; n.º: 1865,0518.20, disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1865-0518-20>.

⁷³⁰ Para uma discussão geral sobre a organização da produção na Antiguidade Tardia, com bibliografia anterior, ver: LA SALVIA, Vasco. Artigianato e tecnica: i processi produttivi e i loro contesti economico-sociali. In: FRANCESCHINI, F. **Storia del lavoro in Italia, vol. 2. Il Medioevo. Dalla dipendenza personale al lavoro contrattato**. Roma: Castelvecchi, 2017. p. 142-189; MURPHY, E.A. Roman workers and their workplaces: some Archaeological thoughts on the organisation of workshop labour in ceramic production. In: VERBOVEN, K., LAES, C. (Eds.). **Work, labour, and professions in the Roman World**. Leiden, Boston: Brill, 2016. p. 133-146. esp. p. 144-145. Sobre organização e composição das relações de trabalho nas oficinas nas cidades norte-africanas, ver: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas populi*. p. 32-33, 81-82; AMRAOUI, Touatia. Les artisans africains : étude sociale et organisation du travail. **Antiquités africaines**, vol. 52, p. 59-80, 2016. p. 65-68.

⁷³¹ A questão da organização interna das oficinas e de estabelecimentos comerciais pequenos é analisada de forma mais detida no capítulo 4.

Para lançar mais inteligibilidade nesses processos de coleta e em seus atores principais, creio que, tal como uma comparação com o passado da própria cidade de Roma, uma comparação etnológica pode ser bastante útil. Foi um exercício como esse que Peña realizou em tempos recentes. Em seu esforço de compreender a forma como poderiam atuar os coletores de materiais com potencial reciclável e reutilizável na Antiguidade, Peña os comparou com os *chiffonniers* parisienses, cuja imagem clássica era a de homens ou mulheres munidos de uma vara para coleta e com um grande cesto nas costas em que eram despejados os materiais recolhidos⁷³². Esses coletores, com nome que pode ser traduzido como “trapeiros”, recolhiam fragmentos de manufaturados de fibras vegetais, “trapos” em grande parte de linho e algodão, para serem reciclados na produção de papel. A história dessa atividade esteve sempre relacionada com a indústria papeleira⁷³³. Contudo, os *chiffonniers* não apanhavam apenas trapos. Recolhiam materiais diversos, como ossos de animais, metais, vidros, cerâmicas, dentre outros que lhes pudessem ter algum valor de troca, ou mesmo de uso. A organização de sua rotina laboral consistia em, finalizado o dia de trabalho, o montante coletado era levado às suas habitações, onde selecionavam os materiais recolhidos, muitas vezes com ajuda de familiares. Após certo acúmulo, vendiam os materiais a um intermediário que, por sua vez, revendia-os para as instalações que os reempregariam em seus processos produtivos. Com o passar do tempo, o sistema ficou cada vez mais complexo e hierarquias internas foram estabelecidas, com verdadeiros mestres que empregavam auxiliares que faziam as recolhas (*chiffonniers piquers*) e poderiam contar com auxílios de carroças tracionadas por animais ou pelos próprios coletores, além da emergência dos *chiffonniers placier*, homens ou mulheres que conseguiam fechar acordos que os possibilitavam adentrar edifícios, como casas ricas, e ter acesso direto aos resíduos ao invés de buscá-los apenas nas ruas. Sabemos muito da história e da composição social, etária e de gênero desses coletores devido ao interesse e regulação governamentais das autoridades parisienses logo em seus inícios, no ano de 1828. Isto porque, no processo de registro que eram submetidos junto à polícia para obtenção de suas plaquetas de identificação, necessitavam fornecer dados como nome, sexo, idade e características físicas. Os dados desses primeiros anos demonstram era composto por um número de homens

⁷³² PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 46-49.

⁷³³ Para uma visão geral da história dos *chiffonniers*, com a emergência e o aumento expressivo de suas presenças no contexto urbano entre os anos 1820-1880, seguida de uma diminuição no decorrer do segundo quarto do século XX e consequente proibição em 1946, ver: BARNES, Sabine. **L'invention des déchets urbains**: France: 1790–1970. Seyssel : Champ Vallon, 2005. p. 24–65. Ver também a menção a eles no *Musée Historique Environment Urbain*: <<http://www.mheu.org/fr/chiffonniers/>>.

duas vezes maior que o de mulheres, com faixa etária com maior número de representantes entre os 10 e 20 anos, embora também contasse com menores de 10 e maiores de 60 anos⁷³⁴.

Apesar das grandes diferenças, a começar pelos principais objetivos iniciais da coleta dos *chiffonniers* (trapos de fibra vegetal para fabricação de papel) não existir na Antiguidade⁷³⁵, paralelos estruturais e implicações importantes entre seus funcionamentos podem ser traçados para o mundo romano. Em sua análise, Peña contabilizou seis aspectos que interessam de modo direto para o que podemos saber das práticas antigas⁷³⁶: 1. A coleta de lixo realizadas em grandes centros, com resíduos mais ou menos parecidos, sustentava uma parcela pequena dos habitantes, embora distante de ser insignificante; 2. Atividade oferecia ocupações para pessoas de ambos os sexos e de todas as idades; 3. Ainda que os *chiffonniers* focassem em tipos específicos de recicláveis, isto não os impedia de coletarem diversos outros materiais que poderiam lhes ser úteis em trocas ou para usos próprios; 4. A atividade de recolha de recicláveis e reutilizáveis desenvolveu-se em um sistema complexo, em que tanto uma hierarquia de coletores foi viabilizada, quanto profissionais estabeleceram-se como atores intermediários, especializados em acondicionamento e fornecimento dos materiais para os setores de produção; 5. A amplitude do circuito dessas coletas e as hierarquias estabelecidas permitiam para alguns poucos certas mobilidades e determinadas melhorias, ainda que limitadas, nas condições de vida; 6. Houve um interesse municipal nessas atividades, que levaram a regulamentação.

Assim, mesmo com a ponderação das distinções existentes, dado esse conjunto de características dos exemplos etnológicos somados às evidências materiais antigas e aos poucos relatos literários,

“podemos conjecturar que grupos como os catadores de lixo tenham existido em muitas cidades romanas e que eles partilhavam alguma das características dos *chiffonniers*, tais como uma abordagem ampla para recolha de recicláveis que focava, ao mesmo tempo, em maior ou menor extensão, em um ou dois tipos de materiais mais rentáveis, tais como metais ou vidros; participação de pessoas de todas as idades e talvez de ambos os sexos; e, ao menos nas grandes cidades, uma organização hierárquica que incluía níveis baixos e altos de catadores de lixo e intermediários, com aqueles nos níveis mais baixos ganhando uma renda marginal e um número restrito, em níveis mais altos, [ganhando] substancialmente mais”⁷³⁷.

⁷³⁴ BARNES, Sabine. *L'invention des déchets urbains*. p. 58-59; PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 47.

⁷³⁵ Embora existisse a reciclagem de papiros possa ser aproximada, ao menos no que diz respeito da reformulação do material. Cf. WILD, John P. Reuse and Recycling of Papyrus. In: DUCKWORTH, C.N.; WILSON, A. (Eds.). *Recycling and reuse in the Roman economy*. p. 89-104.

⁷³⁶ PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 49.

⁷³⁷ PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world. p. 49-50: (...) *we can conjecture that groups of waste pickers may have existed in many Roman towns and that they shared some of the characteristics of the*

3.5.3 Um caso particular para o norte da África: o reaproveitamento dos *stercora* e o ponto liminar entre gestão e reutilização de resíduos

Com este conjunto de possibilidades e quadros referenciais para ação e organização dos coletores de resíduos que poderiam ser reciclados e reutilizados, podemos compreender um pouco melhor a ação de um tipo particular destes profissionais em cidades norte-africanas no tempo de Agostinho, conforme algumas de suas menções. Porém, esse caso apresenta duas características particulares: primeira, há uma grande possibilidade de estar entremeado com o sistema mais amplo, talvez municipal, de coleta de resíduos e, segunda, tratava-se não de uma reciclagem de materiais para um processo produtivo de manufaturas, como os coletores de vidro de Marcial ou os *chiffonniers* parisienses. Faço referência aos papéis dos *stercorarii* e do ciclo de excreção, coleta e reutilização de *stercus* presentes em sermões e obras polêmicas de Agostinho.

Embora não mencione o nome desses trabalhadores conforme eram conhecidos, dado, conforme será abordado logo mais, a existência de referências em outros contextos para mundo romano antigo, Agostinho evoca as práticas que esses coletores de *stercora* realizavam e as finalidades de suas atividades. Um primeiro exemplo pode ser extraído logo de um de seus primeiros escritos, em que fala *Dos costumes da Igreja Católica e Dos costumes dos maniqueus*, elaborado quando ainda em Roma, em 390, logo após sua conversão e antes de seu retorno para a África⁷³⁸. Nestes embates contra os praticantes de sua antiga crença, sobretudo acerca das interdições relacionadas às práticas alimentares e aos ideais de pureza que envolviam, como a recusa do consumo da carne, considerada impura, ou melhor, como “morada de esterco” (*stercorum domum*) e da ordenação de uma dieta à base de vegetais, Agostinho relembra as formas de cultivo de plantas e árvores frutíferas. Para ser mais exato, segundo afirma, os maniqueus “não consideram uma coisa bem evidente, as árvores mais vivazes e fecundas e as lavouras mais férteis nutrem-se de esterco”⁷³⁹. Deste modo, os alimentos que os maniqueus designariam como puros (*munda*) seriam nutridos por algo muito mais imundo (*immunda*) dentre as coisas que consideravam imundas⁷⁴⁰. Ainda que essa não seja uma referência direta à coleta, há

chiffonniers, such as a broad-based approach to the recovery of recyclables that at the same time focused to some greater or lesser extent on one or two kinds of more profitable materials, such as metals or glass; 143 participation by persons of all ages and perhaps also both sexes; and, in the larger cities, at least, a hierarchical organization that included low- and high-level waste pickers and middlemen, with those at lower levels earning a marginal income and a restricted number at the higher levels substantially more.

⁷³⁸ Agostinho. **Retract.**, I.7.1.

⁷³⁹ Agostinho. **De mor.** II.16.49: *Non consideratis rem tam in promptu sitam, arbusta laetiora et fecundiora segetesque pinguiore alimento stercorum fieri, cum vos in accusatione carnis nihil gravius vobis dicere videamini, quam cum dicitis esse stercorum domum.*

⁷⁴⁰ Agostinho. **De mor.** II.16.49: *Hinc igitur aluntur ea quae vobis munda sunt, quod in ea re quae vobis immunda est, multo esse immundius praedicatis.*

uma indicação não apenas do uso dos esterco enquanto meios de adubagem da terra em amplas práticas de cultivo, como uma alusão ao amplo conhecimento dessa utilização dos excrementos.

A evocação da reutilização dos excrementos, humanos em especial, na documentação literária não é uma novidade. Basta lembrarmos que os manuais de agricultura tradicionais que já indicavam os benefícios, os modos de aplicação e, inclusive, os tipos de solo mais propícios para seus empregos⁷⁴¹. O que merece realce aqui é a difusão e amplitude do conhecimento desses processos entre seus interlocutores. Isto pode ser melhor observado quando, tanto em Cartago quanto em Hipona ao longo de todo seu episcopado, mencionou em seus sermões⁷⁴² a parábola da figueira narrada por Jesus no evangelho de Lucas⁷⁴³. Na parábola é contada a história de um proprietário de vinha que, ao deparar-se com uma figueira em suas terras que não dava frutos há três anos, pede a um de seus colonos para arrancá-la, pois o terreno era ocupado de forma inútil. O colono, por sua vez, pedia-lhe mais um ano para arrancá-la, dizendo-lhe que cavaria ao redor da árvore e lhe adicionaria um “cesto de esterco” (*cophinum stercoris*), mas se, após todos esses cuidados não frutificasse, iria arrancá-la. A recorrência da evocação dessa prática pode demonstrar, em partes, seus usos constantes. Mas, nas explicações das mensagens divinas contidas em signos simples e corriqueiros como os dessa parábola, Agostinho permite inferir ainda mais quão disseminadas elas eram. Como em, numa ocasião em Cartago, explicou o ato de cavar e a fossa escavada ao redor da figueira: “A fossa [escavada] significa a piedosa humildade do temente [a Deus], e o cesto de esterco a humilhação/sordidez (*sordes*) útil do penitente”⁷⁴⁴. Em outro de seus sermões, do qual não sabemos o local onde foi pregado, Agostinho conseguiu ser mais direto e abrangente em sua explanação. Logo no início deste curto sermão, introduz: “A figueira é o gênero humano” e por ela são nomeados “aqueles que sempre se recusaram a dar frutos”⁷⁴⁵. Para mais adiante continuar: “Mas que significa ‘cavar uma fossa’ senão ensinar a humildade e a penitência? A fossa está, de fato, na parte mais baixa da terra. Precisas compreender o cesto de esterco com bom senso. São imundícies (*sordes*), mas produzem frutos”⁷⁴⁶. Em suas pregações,

⁷⁴¹ A utilidade dos excrementos humanos para agricultura foi mencionada por: Varrão. **Rust.** I.1.10, I.13.4; Columela. **Rust.** X.80-85, XI.3.12. Para uma discussão dos usos dos excrementos humanos e de outros animais, ver: KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. **The Archaeology of sanitation.** p. 83-85; WILSON, Andrew; FLOHR, Miko. The economy of ordure. In: JANSEN, G.C.M.; KOLOSKI-OSTROW, A.O.; MOORMANN, E.M. (Eds.). **Roman toilets.** p. 147-156. p. 147-148.

⁷⁴² Agostinho. **Sermoes**, 72.2.3; 101.4; 110.1; 254.3-5; **En. Ps.** 79.13.17.

⁷⁴³ A passagem bíblica do evangelho se encontra em: Lucas 13, 6-9, a referência direta ao esterco em 8-9: *Domine, dimitte illam, et hoc anno: circumfodio ei et adhibeo cophinum stercoris: si fecerit fructum, bene; si quo minus, venies et praecides eam.*

⁷⁴⁴ Agostinho. **En. Ps.** 79.13.17: *Fossa significat piam humilitatem timentis, et stercoris cophinus sordes utiles poenitentis.*

⁷⁴⁵ Agostinho. **Sermo**, 110.1: *Arbor ficulnea, genus humanum est (...) Hos ergo appellat in hac arbore, qui per omne tempus fructum dare noluerunt.*

⁷⁴⁶ Agostinho. **Sermo**, 110.1: *Quid est autem, fossam circumfodere, nisi humilitatem, paenitentiam docere? Fossa enim humilis terra est. Cophinum stercoris in bono intellege. Sordes sunt, sed fructum dant.*

portanto, Agostinho retorna ao tema da utilidade do esterco como importante no ciclo nutritivo da vida vegetal, tal como debatia com os maniqueus. Contudo, ele vai além e explicita o mecanismo da ação: “as imundícies (*sordes*) do agricultor (*cultoris*) é a dor do pecador”⁷⁴⁷. A condição do penitente continua a ser aquela de quem a faz *in sordibus*, na imundície, claro, se a faz de forma verdadeira⁷⁴⁸.

Porém, há uma sutil e importante mudança entre seus tons de utilidade dos estercos empregados na discussão contra os maniqueus e nesses últimos sermões citados. A sordidez atrelada aos estercos é cada vez mais realçada. Esta ênfase nas condições sórdidas demonstra que os tempos eram outros. Os dois sermões citados são posteriores a 410. A invasão da cidade de Roma pelos godos nessa data, inclusive com a fuga de muitos de cidadãos para o norte da África, disseminou inseguranças, incertezas e medos entre os fiéis, além de acusações de que a nova religião imperial e as objeções às práticas religiosas tradicionais traziam consigo os maus agouros do fim da cidade eterna⁷⁴⁹. Estes foram temas com os quais se ocupou até o fim de sua vida, do qual o fruto mais conhecido é sua monumental *Cidade de Deus*⁷⁵⁰. Durante este período, ainda que não fossem novidades, a imundície e a sujeira da vida terrena marcaram presença em vários de seus sermões, assim como a necessidade de limpar-se delas⁷⁵¹. Outro sermão realizado em Hipona, agora em algum ponto durante os anos 412 e 416, retorna ao tema do ciclo do esterco sobre essas bases. Pregado durante a páscoa, seu tema girou em torno das tristezas que antecedem a alegria, tal como anterior àquela data, estava a quaresma e a morte de Cristo, para, em seguida, dar lugar à ressurreição. Na tônica geral, o par tristezas e alegrias (*maestitia/laetitiae*) é seguido também pelos temas do trabalho e descanso (*labor/quietus*), além de calamidade e felicidade (*calamitas/felicitas*). Em seus jogos de contrapontos, o esterco obteve um local importante. Melhor dizendo, o local em que se encontra o esterco que adquire tal proeminência. Assim, argumenta Agostinho, saberíamos que “a tristeza é como esterco” porque “O esterco (*stercus*) não

⁷⁴⁷ Agostinho. **Sermo**, 110.1: *Sordes sunt, sed fructum dant. Sordes cultoris, dolor est peccatoris.*

⁷⁴⁸ Agostinho. **Sermo**, 110.1: “Os que fazem penitência, fazem-na na imundície (*sordibus*), se, contudo, compreendem-na e a fazem de forma verdadeira” (*qui agunt paenitentiam, in sordibus agunt, si tamen intellegant, et veraciter agant*).

⁷⁴⁹ Dentre a enorme bibliografia sobre o saque de Roma, apenas indicarei as perspectivas recentes e com posições diversas (e conflitantes) sobre os efeitos do saque de 410 na capital e no império reunidas na coletânea: LIPPS, J.; MACHADO, C.; VON RUMMEL, P. (Eds.). **The sack of Rome in 410 AD: the event, its context, and its impact**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2013. Alguns desses impactos e suas articulações nas vidas dos habitantes das cidades norte-africanas, com ênfase nas relações entre Agostinho e os grupos subalternos, podem ser apreciados em: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas populi*. p. 187-204, esp. p. 190-191.

⁷⁵⁰ Sobre o contexto da produção de *De civitate Dei*, e as pressões dos acontecimentos e de um novo público em Cartago, formado por membros das elites não cristãs romanas, ver: BROWN, Peter. **Santo Agostinho**. p. 373-385, esp. p. 385: “O que esse saque fez foi dar-lhe um público questionador e específico em Cartago (...)”; MCLYNN, Neil. *Augustine's Roman Empire*. **Augustinian Studies**, vol. 30, n. 2, p. 29-44, 1999.

⁷⁵¹ Como em: Agostinho. **Sermo**, 55.1: *Magnum enim negotium nobis imponitur, et non parvus labor, mundare nos ab omni coinquinacione carnis et spiritu (...) Cum ergo laborera mundationis carnis et spiritus nemo suscipiat* [ênfase minha].

posto em seu lugar é imundície (*immunditia*). O esterco (*stercus*) não posto em seu lugar torna a casa imunda (*immundam facit domum*), posto em seu lugar torna o campo fértil”. Para um melhor exemplo exortava: “Vede o lugar do esterco previsto pelo agricultor”⁷⁵². Como numa espécie de explanação manifesta da teoria estrutural de Mary Douglas sobre o limpo e o sujo enquanto coisas fora do lugar⁷⁵³, Agostinho demonstra as relações ambíguas frente aos excrementos fecais: “o esterco em local adequado dá fruto, mas, em local inadequado, torna-o imundo”⁷⁵⁴. Quando considerados em seu devido lugar final, no *ager*, estariam livres de ser tidos como imundo, pelo contrário, seriam fertilizantes; sem o destino final apropriado, imundariam um edifício particular, a casa. O objetivo de Agostinho era demonstrar como a tristeza e o sofrimento poderiam ser úteis, uma vez que entendidos necessários na vida terrena, para vir a possibilitar os frutos de uma vida eterna. “se chega a tal limpeza e a beleza por meio do esterco (*stercus*): fetidez (*foeditas*) foi o caminho para a beleza”⁷⁵⁵.

Destas palavras de Agostinho acerca do fenômeno da reutilização dos *stercora*, algumas questões entrelaçadas merecem destaque. A primeira diz respeito aos locais em que o apropriado e o inapropriado se instalam. A saber, a comparação entre campo e casa. As instâncias evocadas por Agostinho nos levam a pressupor que o *stercus* mencionado foi produzido no âmbito da *domus*, ou num âmbito urbano mais amplo, e que por ali não deveria permanecer. Pressupõe que o ciclo comum seria o seu reaproveitamento nos campos circundantes da cidade e não muito além dos *horti* e mesmo *villae* não tão distantes⁷⁵⁶. O conhecimento por parte do público das igrejas a respeito do reaproveitamento dos *stercora* nos campos circundantes aos espaços urbanos poderia ser tanto pela via direta de trabalhadores (sazonais ou integrais) dos campos que lidariam, de um modo ou de outro, com o emprego do *stercus* como adubo nos cultivos, quanto dos que acionavam meios para deslocamento dos resíduos orgânicos para fora das cidades.

Aqui adentramos na segunda questão que merece destaque: a coleta dos *stercora* para reutilização, suas práticas de recolha e redistribuição, além dos agentes envolvidos. Como já dito, não há a menção aos nomes dos profissionais que realizariam essas práticas em Agostinho. As referências realizadas pelo bispo tinham como agente o agricultor que já realizaria a ação no final da transformação do esterco em fertilizante. Contudo, é perceptível como esse tema estava

⁷⁵² Agostinho. **Sermo.** 254, 2: *Stercus non loco suo positum immunditia est. Stercus non loco suo positum immundam facit domum; loco suo positum fertilem facit agrum. Videte locum stercoris ab agricola provisum.*

⁷⁵³ DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** Trad. Mônica S.L. de Barros, Zilda Z. Pinto. São Paulo: Perspectiva, 2012 [1966]. p. 50-51.

⁷⁵⁴ Agostinho. **Sermo.** 254,4: (...) *stercoris locus opportunus dat fructum, inopportunos autem locum facit immundum.*

⁷⁵⁵ Agostinho. **Sermo.** 254, 2: (...) *ad illam speciem et pulchritudinem per stercus pervenitur: rei pulchrae foeditas via fuit.*

⁷⁵⁶ Sobre as relações econômicas presentes nas distâncias dessa redistribuição dos *stercora*, ver: WILSON, Andrew; FLOHR, Miko. *The economy of ordure.* p. 148.

atrelado com as dinâmicas das coletas e reutilizações de resíduos sólidos urbanos, em sua ampla acepção. De igual modo, é digno de nota como a organização desses casos podem ser similares com diversos elementos conhecidos, advindos, por sua vez, de episódios dispersos ao longo da história das cidades romanas.

Alguns componentes desses atrelamentos e aproximações podem ser delineados. Em primeiro lugar, devido a utilização de fossas e a necessidade de evacuá-las de modo regular após seus preenchimentos⁷⁵⁷. Como visto, as fossas recebiam diversos tipos de resíduos, mas sobretudo os excrementos. Sabemos que os profissionais encarregados pela remoção dos conteúdos eram conhecidos por *stercorarii*. Duas das principais fontes epigráficas conhecidas sobre essa prática no âmbito urbano são provenientes de Pompeia e Herculano. Na primeira destas cidades, foi encontrada a única menção nominativa desses profissionais. Trata-se de um *dipinti* gravado na parede externa de uma *insula* (V, 6), localizada a uma quadra de distância da muralha da cidade, alertava aos *stercorarii* para continuarem seu trajeto e despejarem os resíduos para além dos muros, com possível penalização caso descumprida⁷⁵⁸. Já a inscrição oriunda de Herculano foi encontrada no interior de uma *domus* luxuosa, a denominada *Casa del salone nero* (VI, 13), de modo mais específico, em uma coluna do peristilo, próxima ao *tablinum*. Neste local, o *stercorarius* fez uma verdadeira “peça publicitária” para o público que utilizasse o espaço interno da casa, afirmando que limpava latrinas por 11 asses (*exemta / ste(r)cora / a(ssibus) XI*)⁷⁵⁹.

3.6 As cidades antigas eram fétidas?

É possível dizer que as cidades antigas eram fétidas? A resposta sempre vai depender do posicionamento de quem responde. Ou melhor, do entrelaçar de uma série de posicionamentos: sensorial, social, formativo. Creio que, por exemplo, os coletores de esterco poderiam exalar determinados odores que, aos membros das elites antigas e à grande maioria das sensibilidades modernas higienizadas, poderiam ser fétidos. Mas o importante dessa relação é saber como os *stercorarii*, além dos demais trabalhadores urbanos, poderiam

⁷⁵⁷ Sobre as fossas no contexto norte-africano, ver: WILSON, Andrew. *Incurring the wrath of Mars*. p. 310.

⁷⁵⁸ **CIL**, IV 7038: *Stercorari / ad murum / progredere si / pre(n) sus fueris poena(m) / patiare neces(s)e / est cave*. Para discussões sobre esta inscrição e suas relações com as coletas de *stercora*, ver: KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. **The Archaeology of sanitation**. p. 83-84; a respeito da forma e localização, ver: WILSON, Andrew; FLOHR, Miko. *The economy of ordure*. p. 148; BARATTA, Giulia. *L'ira divina su un rilievo di Aquileia*. **Quaderni Friulani di Archeologia**, vol. XXV, n. 1, p. 143-152, 2015. p. 147-148. Mais sobre o contexto pode ser acessado em: <<https://www.pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R5/5%2006%20a%20b%20c.htm>>.

⁷⁵⁹ **CIL**, 10606. Sobre a inscrição, ver: WILSON, Andrew; FLOHR, Miko. *The economy of ordure*. p. 147; a respeito do vocabulário e dos apelos propagandísticos da inscrição: SANTAMATO, Emanuele. *Per una interpretazione dei Graffiti privati e dell'economia quotidiana a Pompei (con particolare riguardo alle liste di prezzi)*. **Ancient Society**, vol. 44, p. 307-341, 2014. p. 324, esp. n. 31. Para mais detalhes sobre o contexto e a localização da inscrição, ver: <<http://ancientgraffiti.org/Graffiti/graffito/AGP-EDR154566>>.

significar os odores que sentiam, a sensorialidade que experimentavam. Retraçar esses posicionamentos específicos verbalizados hoje é praticamente impossível. Para além de suas escassas propagandas, infelizmente, possuímos apenas os relatos de outros que apontaram para suas práticas, transcrevendo-as, em geral, com valores negativos ou com uma positividade indireta, voltada mais aos fins de suas atividades. Porém, a sensorialidade de outros atores subalternos, com outras práticas laborais, como os habitantes das proximidades das fossas abertas e dos locais de descarte que se multiplicavam no espaço urbano, estariam também soterradas? Creio que não. E o próximo capítulo é um esforço de demonstrar como isso pode ser realizado.

4 SENTIR AS CIDADES DE FORMAS DIFERENTES: FORMAÇÃO DO HABITUS SENSORIAL DOS GRUPOS SUBALTERNOS E AS MUDANÇAS URBANAS ENTRE OS SÉCULOS IV-VII

Os capítulos anteriores buscaram compreender a constituição de campos sensoriais urbanos em sua acepção ampla, enquanto espaços formadores de maneiras de sentir, abertas aos estímulos e posições compartilhadas pelos habitantes das cidades. Os enfoques estavam nas possibilidades sensoriais em circulação no âmbito urbano geral, sem explorar as diferentes formas de sentir. Assim, ainda que, de modo direto ou indireto, tenha priorizado práticas, sentidos e espaços conectados com grupos e atores sociais subalternos urbanos, as maneiras pelas quais suas experiências poderiam ser distintas das de outros grupos sociais não foram exploradas. Neste capítulo pretendo explorar justamente esse tema: os sentidos experimentados pelos grupos subalternos urbanos. Para realizar essa tentativa de compreensão de determinadas formas de sentir desses atores sociais é necessário, como sempre, recortes e seleções, escolhas definidas tanto pelo que intento realizar quanto pelos limites documentais. Por esse motivo, inicio o capítulo com discussões que incidem sobre a metodologia e a teoria aplicadas na compreensão desse tema a um só tempo empolgante e de difícil acesso. Começo por definir o que compreendo por *habitus* sensorial e quais os sentidos que priorizarei na análise das formas de sentir as cidades experimentadas pelos grupos subalternos. Outro debate de cunho mais teórico que se faz necessário ainda nessa primeira parte é a própria explanação do que compreendo por grupos subalternos e quais seriam os atores sociais que os compunham. A identificação desses grupos e atores sociais passa pelas discussões de como compreender as relações de poder, dominação e agência no mundo antigo. Essas questões, por sua vez, implicam abordar, mesmo que de maneira rápida, algumas tendências sobre como as relações sociais foram exploradas pela historiografia moderna. Nessa mesma direção, discuto algumas das incipientes tentativas pelos quais sentidos e grupos subalternos foram estudados por autores mais recentes.

Outra evidente mudança é a cronologia adotada. Os limites temporais foram expandidos. Nos capítulos anteriores, exploramos a sensorialidade urbana entre os séculos IV e V, com fronteiras temporais não tão precisas, mas que abarcavam, mais ou menos, dos anos 350 até 450. Agora chego a adentrar até mesmo o século VII na análise de alguns casos. De partida, é no interior das formas urbanas cujos desenvolvimentos e panoramas sensoriais

delineados foram explorados no primeiro capítulo que analiso a formação do *habitus* sensorial dos grupos subalternos. Em seguida, passo a explorar a composição do *habitus* sensorial em outros dois momentos. Um primeiro, que vai do período de consolidação da dominação vândala no norte da África até pouco após a reconquista imperial romana com Justiniano; e o segundo, deste último ponto em diante, quando encerro por volta da consolidação da nova ordem imperial, pouco tempo depois das reformas que sucederam a conquista. Em linhas gerais, um recorte inicial que cobre de 450 até 550 e, outro seguinte, a partir de 550.

Esses recortes temporais estão longe de serem rígidos, com alta precisão no estabelecimento das mudanças ocorridas. Por um lado, as dificuldades documentais para estudar os desenvolvimentos urbanos e sensoriais na Antiguidade Tardia contribuem para a adoção dessa cronologia mais maleável. Por outro, essa fluidez cronológica demonstra algumas características gerais dos próprios processos sensoriais urbanos. Tal como o urbanismo, as sensorialidades urbanas têm dinâmicas de apreensão processual em durações que estão emaranhadas com, por exemplo, fatos econômicos e políticos, mas que não coincidem necessariamente com marcos temporais de um ou de outro. Para se ter uma ideia, mesmo com toda a dificuldade documental, conforme será abordado, episódios como a conquista e o estabelecimento do reino vândalo deixaram, em determinados lugares, registros de mudanças significativas (positivas ou negativas) nas materialidades e, por conseguinte, nas sensibilidades urbanas detectáveis somente após 30 ou 40 anos de ocupação. O mesmo pode ser dito com a reconquista imperial e o conjunto de reformas justinianas, que Procópio procurou documentar e publicizar em seu livro *Sobre os edifícios*⁷⁶⁰, mas que terá efeitos mais significativos, ou que só serão perceptíveis, nas dinâmicas sensoriais em tempos de Justino II ou Maurício, nas portas do século VII.

Tais rupturas, permanências e mesmo a dificuldade em observar ambas demonstram que, ao lado das tentativas de imprimir e manter formas e sensibilidades urbanas hegemônicas, existiam outras possibilidades de experimentar as cidades⁷⁶¹. Nesse sentido, a ampliação do recorte cronológico permite, para além de investigar a formação do *habitus* sensorial dos grupos subalternos no interior de uma determinada composição dada, indagar como foram mantidos ou transformados os espaços atribuídos como formadores para suas percepções. Isto implica não apenas em compreender sincronia, durabilidade e diacronia do *habitus* sensorial dos grupos subalternos urbanos, analisar possibilidades de experiências

⁷⁶⁰ Especialmente para o norte da África: Procópio. *De Aed.* VI.1-7.

⁷⁶¹ Cf. CORBIN, Alain. *Histoire et Anthropologie sensorielle. Anthropologie et Sociétés*, vol. 14, n. 2, p. 13-24, 1990. p. 15.

sensoriais que permaneceram ou foram modificadas, como também investigar as condições materiais que envolviam seus espaços de habitação, trabalho e convivência ao longo do tempo. Ou seja, compreender como e sob quais condições puderam agir e sentir nas cidades, transformá-las, mas serem transformados por uma configuração material urbana que também se modificava. Questões como essas serão exploradas em casos, sobretudo, das cidades de Cartago, Sabratha e Leptiminus, com algumas referências a outros lugares que auxiliam na inteligibilidade desses processos investigados.

4.1 Grupos subalternos e *habitus* sensorial: definições, teoria e metodologia para reinscrever os sentidos soterrados de outrora

Para compreender o *habitus* sensorial dos grupos e atores sociais subalternos é preciso explicitar em primeiro lugar o que compreendo por subalterno e pelos termos coextensivos como subalternidade, subalternização e subalternizado. Da mesma forma, é preciso esclarecer os modos de analisar as relações sociais que os usos desse conjunto conceitual depreendem, sem contar as importâncias de seus empregos para a historiografia antiga. Nada mais justo, portanto, em iniciar esta parte mais conceitual por esses esclarecimentos. Em um segundo momento, abordo o conceito de *habitus*, tal como proposto por Pierre Bourdieu, para demonstrar suas potencialidades para compreensão de formações sensoriais específicas, denominadas de *habitus* sensorial. As implicações metodológicas para essa análise do *habitus* sensorial dos grupos subalternos são exploradas ao final.

4.1.1 Subalternos/subalternidade/subalternização/subalternizado:

Parto aqui das definições de subalterno e subalternidade tais como foram definidas pelo teórico marxista Antonio Gramsci, pioneiro no emprego desses termos enquanto categorias de análise social⁷⁶². Apesar de subalterno aparecer como metáfora em escritos anteriores à sua prisão, foi somente em seus *Quaderni del carcere* que o conceito ganhou

⁷⁶² As afirmações que se seguem estão embasadas em: GREEN, Marcus. Gramsci cannot speak: presentations and interpretations of Gramsci's concept of the subaltern. **Rethinking Marxism**, vol. 14, n. 3, p. 1-24, 2002; LIGUORI, Guido. Conceptions of Subalternity in Gramsci. McNALLY, M. (Ed.). **Antonio Gramsci**. London: Palgrave Macmillan, 2015. p. 118-133; BUTTIGIEG, Joseph A. subalterno/subalternos. In: LIGUORI, G.; VOZA, P. (Eds.). **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 746-749. De igual modo, ver as questões apontadas, com particular ênfase na história antiga, em: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar; COURRIER, Cyril. Ancient history from below: an introduction. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. (Eds.). **Ancient history from below: subaltern experiences and actions in context**. London, New York: Routledge, 2022. p. 1-31. p. 13-14.

contornos mais propositivos e analíticos⁷⁶³. Nesses novos usos, em associação com o de hegemonia, Gramsci procurou expandir o escopo de análise marxista para além das relações de dominação estritamente econômicas, de modo a não associar de forma determinista as interações estabelecidas entre estrutura e cultura. Essa expansão do objeto analisado pode ser vista a começar pela própria etimologia da palavra subalterno: do latim *subalternus*, aquele que está *sub alter*, sob outro, em relação inferior⁷⁶⁴. Nesse sentido, os grupos e atores sociais subalternos e as posições de subalternidade estudados devem ser compreendidos, como Julio Cesar Magalhães de Oliveira e Cyril Courrier ressaltaram, “enquanto um efeito das relações de dominação”⁷⁶⁵. Ou seja, inseridos em relações assimétricas de poder, atores e grupos sociais subalternos devem ser, portanto, entendidos *em* processos de disputa, de subordinação, de relações em que há forças que buscam subalternizá-los. Há, portanto, como Massimo Modonesi ressaltou, uma dupla compreensão da subalternidade: como condição e como processo⁷⁶⁶. Essa configuração demonstra que as posições subalternizadas e as relações de subalternidade não são passivas nem essencialistas. Do mesmo modo, elas abrem a possibilidade de uma análise de processos de subjetivação, pois, como Modonesi outra vez pontuou, “Gramsci conceitualizou a subalternidade como *experiência da subordinação*, expressa pela tensão entre a *aceitação/incorporação* e a *rejeição/autonomização* das relações de dominação”⁷⁶⁷.

Da mesma forma com que essas definições abrem um leque de possibilidades para conhecimento dos grupos sociais subalternos em perspectiva histórica, elas colocam questões que necessitam de maiores esclarecimentos. A principal delas diz respeito a identificação

⁷⁶³ Se nos atermos aos usos de Gramsci, conforme sintetizou Guido Liguori, três definições de subalterno surgem nos em seus *Quaderni*: primeira, para denotar aqueles que estavam em oposição aos grupos dominantes, em secções desagregadas da população, marginalizadas no campo político e cultural; segunda, para referir-se a um tipo particular de proletariado industrial moderno, capaz de produzir e desafiar a hegemonia das elites dominantes; e, terceira, como meio para referir-se aos posicionamentos individuais, seja num enquadramento social assimétrico, seja numa dada limitação cultural. LIGUORI, Guido. Conceptions of Subalternity in Gramsci. p. 130-131. Além disso, seguindo Marcus Green, ao longo do desenvolvimento e empregos do conceito de subalterno, dois dos propósitos de Gramsci estavam também associados para criar uma metodologia de análise histórica subalterna e uma história dos grupos subalternos. GREEN, Marcus. Gramsci cannot speak. p. 9, 19-20. Importante lembrar que um terceiro propósito seria, a partir dos dois iniciais, elaborar uma estratégia política revolucionária de liberação dos grupos subalternos das condições de subalternidade. Para a metodologia desenvolvida por Gramsci para elaboração de uma história dos grupos subalternos: GRAMSCI, Antonio. Q. 3, §90; 25, §5.

⁷⁶⁴ MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar; COURRIER, Cyril. Ancient history from below. p. 13.

⁷⁶⁵ MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar; COURRIER, Cyril. Ancient history from below. p. 14: [...] *the concept of 'subaltern' [...] follows the Gramscian definition of subalternity as an effect of the social relations of domination [...]*.

⁷⁶⁶ MODONESI, Massimo. Da subalternidade ao subalternismo: uma crítica gramsciana aos *Subaltern Studies*. In: DEL ROIO, M. (Ed.). **Gramsci**: periferia e subalternidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, p. 89-105. p. 105.

⁷⁶⁷ MODONESI, Massimo. Da subalternidade ao subalternismo. p. 104. (Ênfase no original).

desses grupos, tanto de modo geral quanto para o caso particular da Antiguidade Mediterrânea. Ou seja, *quem* seriam os subalternos? Como poderiam ser definidos? Quais critérios ressaltados nessas definições? Responder questões como essas envolve explicitar, ainda que de maneira breve, os modos como as relações de hierarquização e dominação se estruturam nas sociedades estudadas. Essa explicitação implica, por sua vez, esclarecer também os modos como são compreendidas as relações de poder que enformam a teoria social empregada na interpretação historiográfica.

É perceptível que as abordagens de Gramsci estão perpassadas por uma compreensão de como seriam organizadas as relações de poder nas sociedades que abordou. No entanto, embora Gramsci tenha apontado como as relações de poder se manifestam para além de estruturas estatais e institucionais, como forças coercitivas são criadoras de comportamentos distintos e distintivos, ou mesmo como o par domínio-consenso são fundamentais para a estruturação estatal, numa abordagem para além de formas de violência direta, com engajamento ativo dos vários grupos sociais subjugados pelas classes dominantes/dirigentes, alguns de seus pressupostos apresentam-se problemáticos quanto aos modos como concebe o poder⁷⁶⁸. Apesar de indicar métodos de análises sobre os *rapporti di forza*⁷⁶⁹, suas conceituações sobre o poder, quando existentes, fundamentam-se em uma interpretação que faz do poder um objeto, como algo a ser conquistado⁷⁷⁰. Dessa forma, caso a tentativa seja demonstrar como os grupos subalternos podem se dividir, criar hierarquias no interior de suas condições dadas, assim como estabelecer e estreitar seus laços sociais, num projeto semelhante ao que o próprio Gramsci esboçou⁷⁷¹, creio que suas análises devem ser complementadas de forma salutar com concepções acerca do poder fornecidas por outros autores. Combinação que serve para compreender os modos de estruturação e hierarquização social, as possibilidades de ação-reação e reorganização no interior das estruturas dadas e como as relações de poder atravessam e constituem ambas.

⁷⁶⁸ A respeito das perspectivas “positivas” do poder e seus aspectos criadores: GRAMSCI, Antonio. Q 22§10, 2.160; internalização do poder: *Id.* Q 12 §2,1.541-1544; 22 §10, 2.163; 22§11, 2.166; concepções bem resumidas em: *Id.* LC, 301. Sobre essas questões, ver também as análises e contextualizações de: FILIPPINI, Michele. poder. In: **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 627; LA PORTA, Lelio. coerção. In: **Dicionário Gramsciano**. p. 127-130; LA PORTA, Lelio. domínio. In: **Dicionário gramsciano**. p. 219-220; SCHECTER, Darrow. Gramsci, Antonio. In: **Encyclopedia of Power**. In: **Encyclopedia of Power**. In: DOWNING, K. (Ed.). Los Angeles: SAGE, 2011. p. 291-296.

⁷⁶⁹ Sobre as formas das “relações de força” em suas múltiplas faces em uma sociedade: GRAMSCI, Antonio. Q 13 §30.8-10.

⁷⁷⁰ Cf. FILIPPINI, Michele. poder.

⁷⁷¹ Q 25 §2; 25§5.

Nesse sentido, para um entendimento que procure demonstrar tal caráter pervasivo do poder, creio que as análises de Michel Foucault têm muito a contribuir⁷⁷². E isto não decorre apenas por ele ser o famigerado analista dos “micropoderes”, do alcance capilar de como o poder se dissemina pelos mais diversos âmbitos, tornando-se constituinte, como majoritariamente apontado por seus críticos, de formas de dominação. Essa seria uma das faces pelas quais o poder opera, ou melhor, um de seus efeitos. Para entender essas relações de maneira mais satisfatória, seguir aquilo que Foucault denominou “precauções de método” para análise do poder é um importante e eficiente ponto de partida⁷⁷³.

Primeiro, o poder não é uma propriedade, algo que pode ser apropriado, tomado; “o poder não se dá, nem se troca, nem se retoma, mas que ele se exerce e só existe em ato”⁷⁷⁴. As relações de poder e seus efeitos de dominação devem, portanto, suas atribuições “a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos” dos exercícios de poder⁷⁷⁵. Esse conjunto de atribuições recorda sempre que o poder exercido ocorre em posições dadas nas dinâmicas das relações sociais⁷⁷⁶. Os posicionamentos adquiridos no instante da execução do poder *em ato* revelam-se como constituídos por relações tensas, conflitantes. Para captar essa pluralidade, a segunda precaução aponta para indagar os objetivos das práticas desse exercício do poder, “no nível da intenção ou da decisão”. Observá-lo, portanto, naquilo que o torna visível, em sua “face externa”: “no ponto em que ele está em relação direta e imediata com o que se pode denominar, muito provisoriamente, seu objeto, seu alvo, seu campo de aplicação, no ponto, em outras palavras, em que ele se implanta e produz seus efeitos reais”⁷⁷⁷. Terceira precaução é a de “não tomar o poder como fenômeno maciço e

⁷⁷² Conforme bem apontado por: SCHUZKE, Marcus. Power and resistance: linking Gramsci and Foucault. In: KREPS, D. (Ed.). **Gramsci and Foucault: a reassessment**. Farnham: Ashgate, 2015. p. 55-73, esp. p. 63-64.

⁷⁷³ Não pretendo aqui realizar uma análise pormenorizada dessa, para utilizar a própria expressão de Foucault, “filosofia analítica do poder”. De caráter bem mais modesto, sigo apenas suas proposições a respeito do poder enquanto *relação* e *exercício*, e os modos como auxiliam na análise dos grupos subalternos. Para esse delineamento dessas “precauções de método” para análises do poder, parto de duas passagens específicas de suas obras, que apresentam ligeiras diferenças entre si. A primeira se encontra em: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987 (1975). p. 26-27; a segunda, está em parte de sua *Aula de 14 de janeiro de 1976* em: *Id. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 28-40. De grande valia para compreensão dessas formulações são os “seis postulados” a respeito da analítica do poder de Foucault apontados por: DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2019 (1986). p. 32-37; além do trabalho analítico e histórico do verbete realizado por: CASTRO, Edgardo. Poder (*Pouvoir*). In: _____. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 323-334.

⁷⁷⁴ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. p. 21.

⁷⁷⁵ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. p. 26.

⁷⁷⁶ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. p. 26: “Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o ‘privilégio’ adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados”.

⁷⁷⁷ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. p. 33.

homogêneo”, isto é, não é apenas formas de “dominação de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras”⁷⁷⁸. Antes, deve ser analisado “como uma coisa que circula, ou melhor, que só funciona em cadeia”⁷⁷⁹. O poder investe os agentes⁷⁸⁰. “O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-los”⁷⁸¹. Portanto, quarta precaução, é a de realizar uma “análise ascendente do poder”, ou seja, partir de um exame de como o poder atua em suas extremidades. Procurar analisar como poder se desloca, estende, modifica durante seu exercício, “mas, sobretudo, como eles são investidos, anexados por fenômenos globais, e como poderes mais gerais ou lucros de economia podem introduzir-se no jogo dessas tecnologias, ao mesmo tempo relativamente autônomas e infinitesimais, de poder”⁷⁸². A quinta e última precaução recai sobre os saberes que o poder produz e que se estabelecem em sua base. Pois, o poder não pode ser exercido sem “a formação, a organização e sem pôr em circulação um saber”⁷⁸³.

Em conjunto, essas precauções metodológicas fornecem indícios de como podemos analisar os exercícios de poder *sobre e pelos* grupos e atores subalternos. Indicam que, ao constatar e inscrever suas posições sociais numa dinâmica de dominação historicamente dada, não podemos deixar de fora de nossas análises que os subalternizados exercem poder. Contudo, sempre bom recordar, esse exercício de poder é realizado “em meio a relações desiguais e móveis”⁷⁸⁴.

Isso implica em assumir duas considerações importantes para análise dos grupos subalternos. Primeira, reconhecer suas capacidades de agir, ou melhor, o poder de *agência* dos atores sociais subalternos nas estruturações de dominação vivenciadas⁷⁸⁵. Tal consideração tem ressonância direta com as palavras precisas de Marx que, logo no início de seu *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, afirma: “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob

⁷⁷⁸ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. p. 34.

⁷⁷⁹ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. p. 35.

⁷⁸⁰ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. p. 26.

⁷⁸¹ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. p. 34.

⁷⁸² FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. p. 36.

⁷⁸³ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. p. 40.

⁷⁸⁴ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria T.C. de Albuquerque, J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 104.

⁷⁸⁵ Nesse sentido, ver as breves e instigantes palavras de: FUNARI, Pedro Paulo A. Epilogue: agency, past, present and future. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. (Eds.). **Ancient history from below**. p. 278-84, esp. p. 279.

as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram”⁷⁸⁶. Essa passagem célebre de Marx sinaliza que as capacidades de agir, portanto, são estabelecidas sob determinadas condições. Assim, demonstradas nas práticas interessadas, com significados e fins particulares, situadas e possibilitadas em certas dinâmicas de constrição, a agência dos grupos e atores subalternos veiculam os modos como eles exercem poder⁷⁸⁷. Essa ação pode tomar a forma de resistência, contraposição, insurgência aos modos de dominação, assim como pode se manifestar por meios colaborativos, de reforço e reprodução das estruturas dadas⁷⁸⁸. Ainda cabe dizer que, por serem práticas que mobilizam as relações de poder, a agência dos grupos e atores subalternos, são embasadas, movidas e fazem circular determinadas formas de saber. Em resumo, exercidas em instantes e posições precisas, embora incrustadas em experiências históricas e mnemônicas individuais e coletivas, as práticas de poder (ou as agências) efetuadas pelos grupos e atores sociais subalternos articulam saberes adquiridos e, por sua vez, dispersados nos momentos de suas efetivações, com capacidade de criar novos saberes⁷⁸⁹.

⁷⁸⁶ MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011 (1852/1960). p. 25.

⁷⁸⁷ Essas associações entre Marx, Gramsci e Foucault nem sempre são consideradas como apropriadas. Um apontamento de divergências conceituais sobre poder desses autores, ainda que com indicação de muitos pontos de contato, pode ser encontrada em: QI, Jie. Theoretical perspectives on history and power: Marx, Gramsci and Foucault. **Journal of the Faculty of International Studies, Utsunomiya University**, vol. 18, p. 121-136, 2004. esp. p. 126-132.

⁷⁸⁸ Cf. FUNARI, Pedro Paulo A. Epilogue. p. 279: *Marx thus explained submission, as did several other scholars critical of inequalities—Gramsci, Foucault or Bourdieu—trying to understand how those imbalances are kept and accepted. Paradoxically, those defending the status quo ante seem to stress disrespect, while the social order critics stress compliance. However, this paradox is only apparent or partial, for all agree on the ubiquity of resistance, rebellion or other forms of social conflict. The defenders of the status quo ante propose or accept the use of violence to enforce imposed norms, while challengers of the social order defend active or passive resistance, individual and collective. (Marx explicou assim a submissão, tal como muitos outros estudiosos críticos das desigualdades – Gramsci, Foucault ou Bourdieu – tentaram entender como esses desequilíbrios foram mantidos e aceitos. Paradoxalmente, aqueles que defendem o status quo ante parecem enfatizar o desrespeito, enquanto os críticos da ordem social enfatizam a complacência. De qualquer modo, esse paradoxo é apenas aparente ou parcial, porque todos concordam a respeito da ubiquidade da resistência, rebelião ou outras formas de conflito social. Os defensores do status quo ante propõem ou aceitam o uso da violência para impor normas, enquanto os contestadores da ordem social defendem resistência ativa ou passiva, individual e coletiva)*. Ver também as proposições de: JOHNSON, Walter. On agency. **Journal of Social History**, vol. 37, p. 113-124, 2003. esp. p. 116.

⁷⁸⁹ Sobre a temporalidade e a memória na constituição da ação de grupos subalternizados, com enfoque em escravizados, ver as proposições de: JOHNSON, Walter. On agency. p. 119: *History after "agency" might be written around a "Copernican revolution" of memory, an intellectual inversion of the relation of past and present, by focusing attention on the present-life of the past, on what elements of the past are drawn upon at any given moment in history and the power-structured processes through which they are selected and enforced. (História depois de 'agência' pode ser escrita ao redor de uma 'revolução copernicana' da memória, uma inversão intelectual da relação de passado e presente, ao focar a atenção sobre a vida presente do passado, sobre quais elementos do passado são utilizados em qualquer momento da história e os processos estruturados de poder por meio dos quais eles são selecionados e aplicados)*. Um exemplo excelente de investigação que articulou as configurações e os modos de ação e negociação de grupos subalternizados, no caso escravizados do

Investigar o exercício de poder dos grupos subalternos nesses termos abre caminhos para, conforme proposto por Julio Cesar Magalhães de Oliveira e Cyril Courier, interpretar os sentidos e as motivações de suas práticas, “os processos quotidianos pelos quais ativamente formaram solidariedades sociais e políticas, os meios pelos quais tentaram negociar os termos de sua própria subordinação e as maneiras pelas quais sua agência se tornou possível em situações concretas”⁷⁹⁰.

A segunda consideração reforça o caráter da agência dos grupos e atores subalternos, mas com dois acréscimos importantes: a possibilidade de estar em posições de domínio associada com a multiplicação das formas de dominação. Conforme circulam pelos espaços sociais e materiais, determinados atores subalternos podem assumir posições, ainda que transitórias, de dominadores. Portanto, ao lado de suas capacidades de agir e modificar os contextos de suas vivências, há que se considerar que o exercício de poder que certos grupos e atores subalternos podem vir a assumir, em determinadas instâncias circunstanciais, posições de certa autoridade sobre aqueles que poderiam ser considerados, sob certos recortes e lentes, seus pares. Coextensivo a esse fato, em contrapartida, determinados grupos e atores subalternizados são atravessados por mais de uma forma de dominação. A existência dessas múltiplas relações de poder e dominação está atrelada ao fato de que nem todas as formas subjugação estão calcadas nas relações materiais de produção. Outros elementos de diferenciação da vida social assumem os lugares de demarcadores distintivos da legitimidade ou não da posição de dominação. Assim, ao lado da classe, há uma interpenetração, emaranhamento, integração de relações como as de gênero, sexo, etnicidade, idade, capacidade, religião, dentre outras, atuam nas formas de submissão.

O reconhecimento dessas formas de sobreposição do exercício de poder e de seus efeitos de sujeição fomentou a produção de saberes agregados recentemente em torno da noção de *interseccionalidade*⁷⁹¹. Como definem Patricia Hills e Sirma Bilge: “A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências

contexto brasileiro, foi realizado por: REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

⁷⁹⁰ MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar; COURRIER, Cyril. *Ancient history from below*. p. 15: *We are rather trying to investigate the meaning and motivation behind their activities, the everyday processes by which they actively formed social and political solidarities, the means by which they tried to negotiate the terms of their own subordination and the ways their agency was made possible in concrete situations. (Estamos tentando investigar o significado e a motivação por detrás de suas atividades, os processos quotidianos pelos quais ativamente formaram solidariedades sociais e políticas, os meios pelos quais tentaram negociar os termos de sua própria subordinação e as maneiras pelas quais sua agência se tornou possível em situações concretas).*

⁷⁹¹

individuais cotidianas”⁷⁹². Embora presente em trabalhos e lutas de movimentos sociais, como o feminismo negro estadunidense⁷⁹³, os primeiros registros do termo são atribuídos aos trabalhos de Kimberlé Crenshaw no final dos anos 1980 e inícios dos 1990. Nesses estudos seminais, Crenshaw buscava demonstrar as intersecções entre as noções de gênero e “raça”⁷⁹⁴ presentes nas relações de violência e marginalização contra as mulheres negras nos Estados Unidos⁷⁹⁵. A partir da segunda metade dos anos 2000, seus empregos conceituais foram se tornando cada vez mais disseminados. Desse modo, de “metáfora” para compreender as multidimensionalidades das experiências das mulheres negras marginalizadas⁷⁹⁶, passou a denominar tanto um grande campo de estudos quanto uma ferramenta analítica, em ligação com e propensão à ação política prática, com raízes teóricas e epistemológicas cada vez mais precisas e delimitadas⁷⁹⁷.

Dentre seus empregos, não livres de críticas ao longo dos anos⁷⁹⁸, interessa aqui reforçar como diferentes elementos de identificação social atuam nas formas de exclusão e

⁷⁹² COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 15-16.

⁷⁹³ Sobre esse período de ativismo político e a relação com a interseccionalidade: COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. p. 99-105. Um grande exemplo da produção intelectual que articulava diferentes posições sociais como formas de exclusão e dominação é: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci R. Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

⁷⁹⁴ Com a palavra “raça”, entre parênteses, quero indicar que não compactuo com uma naturalização da condição racial, ou seja, tomo aqui a racialização dos corpos enquanto um processo social e discursivo de disputa de atores sociais em momentos específicos, que envolve práticas de poder e dominação. Este caso particular de racialização discutida envolve associar pessoas com a cor da pele preta com uma naturalização e potencial inferiorização de sua “raça”, tornando seus corpos portadores de uma determinada “raça” passível de ser subjugada. Assumir, portanto, a neutralidade do conceito de “raça” é, creio, assumir a naturalização das diferenças constituídas nas relações sociais e de poder a respeito da racialização. Para tais considerações ver o excelente trabalho de: GUILLAUMIN, Colette. *Race et nature : système des marques, idée de groupe naturel et rapport sociaux*. **Pluriel**, vol. 11, p. 39-55, 1977 [Reimprimé] In : GUILLAUMIN, Colette. **Sexe, race et pratique du pouvoir: l'idée de nature**. Paris : côté-femmes éditions, 1992. p. 171-194. É preciso destacar que a racialização dos corpos está perpassada por toda uma série de construções sensoriais. A cor/visão é apenas um corte desse espectro. Mark Smith demonstrou como no sul dos Estados Unidos a construção racial do negro pelos escravizadores e proprietários de escravos durante o século XIX e suas durações até os segregacionismos dos anos 1950 estava perpassada por odores, sons, sem contar a forma física de seus corpos, para além da cor. SMITH, Mark. M. **How race is made: slavery, segregation, and the senses**. Chappel Hill: University of North Carolina Press, 2006.

⁷⁹⁵ Cf. CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, vol. 140, p. 139-167, 1989; *Id.* Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1499, 1991. Para contextualização e história dessa atribuição, ver: COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. p. 117-120.

⁷⁹⁶ Para um indicativo dos usos conceituais: CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins. esp. p. 1244-1245, n. 9; sobre seu emprego, num primeiro momento, enquanto metáfora para compreensão das relações examinadas:

⁷⁹⁷ Os esforços teóricos e epistemológicos podem ser observados em: COLLINS, Patricia H. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Trad. Bruna Barros, Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

⁷⁹⁸ Uma forte crítica, advinda do campo feminista francês, foi realizada por: KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. Trad. Antonia M. Campos. **Novos estudos do CEBRAP**, vol. 86, p. 93-103, 2010. esp. p. 97-98. Para um balanço dessas críticas, ver: HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça:

marginalização. Com isso, mais do que uma simples massa indistinta, grupos e atores subalternizados possuem outras demarcações sociais que, em rearranjos específicos, em situações e oportunidades determinadas, podem lhes colocar tanto em posições horizontais (ampliação dos laços de solidariedade) e verticais (dominação/submissão) entre si, quanto aprofundar os efeitos de exclusão. Creio que algumas das histórias narradas por Apuleio demonstram bem a articulação dessas questões. Por exemplo, o episódio do moleiro traído é repleto de situações que demonstram as várias instâncias e de formas de dominação existentes entre os grupos subalternos⁷⁹⁹. A começar pelo próprio moleiro que, se na dinâmica das relações de poder estruturantes da localidade estava em uma posição social inferior à das elites, exercia sua autoridade enquanto marido, além de empregador e proprietário de vários escravizados⁸⁰⁰. No momento em que descobre o amante de sua esposa, sucede outra dessas ações de poder que voltam a colocá-lo enquanto dominador. O amante, um jovem livre e de posses, ao ser pego em flagrante, tem como punição perpetrada pelo marido traído a obrigação de um ato sexual com moleiro, mas na posição de parceiro passivo⁸⁰¹. A mulher do moleiro, por sua vez, exercia plena autoridade sobre os escravizados e também certa coordenação sobre a atividade produtiva⁸⁰². Essas anedotas, ainda que construídas na narrativa ficcional de Apuleio e apresentadas de forma simplificada, fornecem elementos que demonstram superposições de diferentes demarcadores sociais para o exercício do poder, como formas para legitimação de dominação e submissão. Ou seja, as identificações de classe, gênero e sexualidade têm importâncias significativas nas formas com que a subalternização é constituída nesse mundo descrito por Apuleio.

Reconhecida essa multiplicidade de articulações e sobreposições das formas como o poder é exercido sobre e pelos subalternizados, a problematização a respeito de quais grupos e atores sociais partilhariam dessa subalternidade se complexifica⁸⁰³. Da mesma forma, essa complexificação propende a questões que se voltam tanto “para cima” quanto “para baixo”. Para cima, pois, considerando-se a amplitude das formas de exclusão e dominação, núcleos

interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014. p. 65-66. Outro tipo de crítica, dessa vez interna aos usos e os considerados “desusos” da noção, tais como o esvaziamento tanto da ação política quanto das críticas à racialização, foi feita por: BILGE, Sirma. Intersectionality undone: saving intersectionality from feminist intersectionality studies. **Du Bois review**. vol. 10, n. 2, p. 405-424, 2013.

⁷⁹⁹ Apuleio. **Met.** IX.11-30.

⁸⁰⁰ Apuleio. **Met.** IX. 12-13.

⁸⁰¹ Apuleio. **Met.** IX. 27-28.

⁸⁰² Apuleio. **Met.** IX.14-15.

⁸⁰³ Os argumentos desenvolvidos até o fim desta seção devem muito às discussões realizadas durante as reuniões do *Grupo de Pesquisa Subalternos e Populares na Antiguidade*, em especial aos comentários realizados pelos professores Fábio Duarte Joly e Julio Cesar Magalhães de Oliveira.

sociais como as grandes matronas ou as viúvas que auxiliaram na construção de inúmeras igrejas na Antiguidade Tardia poderiam ser incluídas sob o signo de subalternas, marginalizadas⁸⁰⁴. Para baixo, as sobreposições de exercícios de poder tendem a apresentar uma série de gradações de subalternidade, que, ao fim, poderiam excluir a partilha de elementos comuns presentes na vida dos subalternizados.

Essas questões, no entanto, devem ser ponderadas. Elas só podem existir na inteireza de suas proposições caso não seja levado em consideração a advertência de Hills e Bilge de que “essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada”⁸⁰⁵. Tal como faz para os sentidos, que são experimentados de uma só vez por todos os órgãos do corpo, a análise historiográfica das relações de poder necessita de recortes para compreensão analítica dessa multiplicidade. Desse modo, mesmo quando é escolhido enfoques sobre relações de gênero, sexualidade, faixa etária, capacidade, religiosidade, posição geográfica de origem, por exemplo, as questões relativas aos posicionamentos, identificações e exercícios de poder de classe e de produção não podem deixar de ser contabilizadas⁸⁰⁶. Fato que é ainda mais válido para uma análise das relações de subalternização. Afirmar isso não é necessariamente defender a antecedência imperativa de uma categoria em desfavor de outras ou afirmar certos “princípios invariáveis” para análise de como essas formas de poder e sujeição se conjugam⁸⁰⁷. É apenas um meio de priorizar, dentro do nó de interposições dos exercícios de poder, as relações conectadas com as produções materiais⁸⁰⁸. Do mesmo modo, é priorizar os

⁸⁰⁴ Como nos muitos casos existentes tanto na África do Norte, como na península itálica. Diversos casos podem ser encontrados nas discussões feitas por: BROWN, Peter. **Through the eye of a needle: wealth, the fall of Rome, and the making of Christianity in the West, 350-550 AD.** Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2012. p. 259-307; MACHADO, Carlos. **Urban space and aristocratic power in Late Antique Rome.** Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 225-228.

⁸⁰⁵ COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** p. 16.

⁸⁰⁶ Este é o principal ponto de minha divergência com os indícios de utilização interseccionalidade como ferramenta analítica para Antiguidade proposto por Emilio Zucchetti. Apesar de seus enfoques para a multiplicidade das relações de poder e para a heterogeneidade dos grupos sociais na Antiguidade, Zucchetti, suponho que por fiar-se demais no conceito de hegemonia gramsciano, acaba por não dar a devida atenção em como as relações de produção atuam nas formas de dominação. Cf.: ZUCCHETTI, Emilio. Hegemony, ideology, and ancient history: notes towards the development of an intersectional framework. In: ZUCCHETTI, E. (Ed.). **Antonio Gramsci and the Ancient History.** p. 352-364. esp. p. 356-357, 359-360.

⁸⁰⁷ Essa defesa de um “imperativo materialista” e de “invariantes nos princípios de funcionamento das relações sociais” em uma análise que parte de conceitos de “consustancialidade” dessas formas de dominação, foi proposta por: KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consustancialidade das relações sociais. p. 99.

⁸⁰⁸ A metáfora do “nó” e dos graus variados de seu aperto que entrelaça essas categorizações sociais se encontra desenvolvida por: SAFFIOTTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência.** – 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015 (2004). p. 125: *Retomando o nó difícil é lidar com esta nova realidade, formada pelas três subestruturas: gênero, classe social, raça/etnia, já que é presidida por uma lógica contraditória, distinta das que regem cada contradição em separado. [...] O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou enlaçadas em um nó. Não se trata da figura do nó górdio nem apertado, mas do nó frouxo, deixando mobilidade para cada uma de suas componentes. Não que cada uma destas contradições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica*

locais sociais *de baixo* dos quais podem partir e chegar o poder exercido pelos grupos e atores sociais subalternos.

Quanto a essa ação e a diversidade dos atores sociais, ainda cabe realizar dois apontamentos articulados entre si. Primeiro, a historicidade dessas posições sociais. Aliás, tal questão tem sido um dos temas centrais nas críticas aos estudos sobre interseccionalidade. Como argumenta Danièle Kergoat, ao utilizar categorias fixas em uma análise, o pesquisador corre o risco de uma naturalização das relações sociais e da marginalização⁸⁰⁹. Assim, realizar apenas a identificação dessas categorias sociais e identitárias em determinadas sociedades, ainda que seja considerada as relações de poder que as constituem, tende a uma “tipologização” social, à confecção de um inventário de gradações sociais estanques ao longo do tempo⁸¹⁰. Assim, ao passo que indagamos as intersecções entre diversos demarcadores sociais e atrelamentos com formas de dominação e subalternização, essas relações devem ser compreendidas enquanto históricas, ou seja, abertas a mudanças possíveis. Mudanças que estão imbricadas nas próprias ações dos grupos e atores sociais, subalternos inclusos. Portanto, formas de exercício de poder, categorizações e posições sociais estão sujeitas a processos transformadores estruturais. Sem esquecer que grupos e atores sociais subalternos também são agentes constituintes desses processos.

O segundo apontamento versa sobre as hierarquias que emergem no interior dos próprios grupos subalternos. As considerações sobre a agência e as circunstâncias em que atores subalternos podem vir a exercer domínio (e seus consecutivos efeitos de multiplicidade de sujeições) auxilia a pensar a complexidade existente nas relações entre e nas configurações internas dos grupos subalternos. Demonstrar tais pluralidades e dinâmicas dos grupos subalternos na Antiguidade mediterrânea tem sido o objetivo de algumas pesquisas recentes. Exemplo dessas abordagens pode ser encontrado nos trabalhos individuais e nos realizados

especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade, presidida por uma lógica contraditória. De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa a organização destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade – novo patriarcado-racismo-capitalismo – historicamente constituída. (Ênfase no original).

⁸⁰⁹ KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. p. 98; ver também: HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça. p. 65.

⁸¹⁰ É isso que ocorreu, por exemplo, com a tentativa de análise embasada em teorias de interseccionalidade proposta por Birgitta L. Sjöberg. Apesar de sua proposta instigante em estudar o *oikos* enquanto constituído por diversas relações de poder de modo enfocar a desigualdade e discriminação, Sjöberg acaba construindo apenas um apanhado estático de categorias sociais presentes na dinâmica habitacional e urbana. SJÖRBERG, Birgitta. More than just gender: the classical *oikos* as a site of intersectionality. In: LAURENCE, R; STRÖMBERG, A. (Eds.). **Families in the Greco-Roman world**. London: Continuum, 2012. p. 48-59.

em conjunto por Cyril Courier e Nicolas Tran⁸¹¹. Para reestruturar os “fatores múltiplos, sincrônicos e não paralelos” que compunham as hierarquias presentes nas sociedades do mundo romano e atravessavam relações e definições dos próprios grupos subalternos, Courier e Tran apresentam uma crítica a outras historiografias que buscaram interpelar as experiências e organizações dos subalternizados em termos polarizados entre “elite” e “povo”⁸¹². Como explicitam, essas abordagens acabaram por interpretar atores e grupos sociais subalternos como integrantes de uma massa uniforme, unida e caracterizada por aquilo que lhes faltava, isto é, o fato de não serem as elites. Isto fica evidente nos termos frequentemente utilizados para classificá-los, tais como membros da “não-elite” ou da “subelite”⁸¹³. Assim, negativizados ou inferiorizados, bem ao modo como as próprias fontes literárias das elites antigas os caracterizavam, a indistinção das hierarquias *intra* grupos subalternos acarreta, de igual maneira, o obscurecimento de sua diversidade cultural e de sua capacidade de se demonstrar tão plural quanto uma cultura de elite⁸¹⁴. De semelhante verve homogeneizadora, noções como “invisíveis”, “ordinários”, “comuns” contribuem para o apagamento das “hierarquias finas” existentes entre os próprios subalternizados. Contra essas propostas, Courier e Tran apontaram para as intrincadas relações verticais estabelecidas entre trabalhadores. Por meio de um *corpus* documental privilegiado, composto de fontes epigráficas advindas de cidades do sul da Gália, os autores apresentaram estratégias, recursos e meios utilizados pelos trabalhadores para expressar suas formas de distinção (individuais ou coletivas) tanto em relação aos seus grupos sociais de origem, quanto em relação aos demais com os quais interagiam⁸¹⁵. Assim, ao delinearem as redes hierárquicas que atravessavam as relações entre trabalhadores de ocupações variadas, Courier e Tran indicaram como, em âmbitos extremos, uns poderiam assumir determinadas elevações de prestígio, ao ponto de

⁸¹¹ Cf. COURRIER, Cyril ; TRAN, Nicolas. Qu'est-ce qu'un arlésien ordinaire ? *Cahiers Glotz*. vol. 29, p. 251-272, 2018; COURRIER, Cyril; TRAN, Nicolas. Southern Gaul from below: the limits and possibilities of epigraphic documentation. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. (Eds.). **Ancient history from below**. p. 55-78.

⁸¹² COURRIER, Cyril; TRAN, Nicolas. Qu'est-ce qu'un arlésien ordinaire? p. 253: [...] *dans les sociétés du monde romain, les facteurs de hiérarchie étaient multiples, synchroniques et non parallèles*. ([...] *nas sociedades do mundo romano, os fatores de hierarquia eram múltiplos, sincrônicos e não paralelos*); argumento semelhante ao desenvolvido em: *Id.* Southern Gaul from below. p. 56: ... *in the societies of the Roman world, factors of hierarchy were multiple and not necessarily parallel*.

⁸¹³ COURRIER, Cyril ; TRAN, Nicolas. Qu'est-ce qu'un arlésien ordinaire? p. 253.

⁸¹⁴ COURRIER, Cyril; TRAN, Nicolas. Qu'est-ce qu'un arlésien ordinaire? p. 253-254; *Id.* Southern Gaul from below. p. 55-56.

⁸¹⁵ COURRIER, Cyril ; TRAN, Nicolas. Qu'est-ce qu'un arlésien ordinaire? p. 255-267; *Id.* Southern Gaul from below. p. 57-65.

erigir um monumento epigráfico que materializava essa autorrepresentação, enquanto outros seriam relegados a uma invisibilidade documental (epigráfica)⁸¹⁶.

Portanto, ao enfrentar “essa complexidade hierárquica na análise das experiências plebeias”⁸¹⁷, nesse movimento que combina ao mesmo tempo multiplicação dos pontos de agência e de subalternização, cabe responder: quem são, de modo mais específico, os grupos subalternos urbanos cujas experiências sensoriais serão aqui exploradas? Dito de modo simples e geral, são os trabalhadores urbanos. Estes poderiam ser artesãos e/ou comerciantes. Artesãos em um sentido amplo, mais ou menos próximo ao aplicado por Jean-Pierre Brun para definir a prática artesanal, a saber: qualquer atividade realizada em um determinado espaço doméstico ou laboral e paga por um cliente ou um patrão em dinheiro ou em espécie⁸¹⁸. O elemento principal para análise da experiência sensorial desses atores sociais investigados é a necessidade de ocupação de um edifício, tanto para trabalho, quanto para habitação, ou mesmo para as duas finalidades. Como será apontado adiante, a razão desse enquadramento particular é a necessidade de análise dos espaços formadores do *habitus* sensorial nesses dois núcleos essenciais da vida dos trabalhadores urbanos. Essas escolhas alargam o campo de investigação. Trabalhadores de áreas como metalurgia, preparo de salga de peixes, produção de cerâmicas, açougueiros, artesanato em osso, fabricação de objetos em vidro, sem contar comerciantes em suas *tabernae* para venda de comida e bebidas, são alguns dos personagens enfocados. Somem-se a esses os ocupantes de casas mais humildes, dos quais não é possível saber ao certo quais atividades exerciam, nem mesmo se esses próprios espaços eram designados ao trabalho. Em suma, esse recorte abarca um número grande de atividades laborais, que implicam a utilização de artesãos qualificados e aprendizes, membros familiares, como mulheres e crianças, não excluindo a possibilidade de escravizados.

Essas relações de gênero, faixa etária, qualificação, capacidade, status permeiam e atuam nas formas como a experiência sensorial poderia ser constituída. É preciso reconhecer,

⁸¹⁶ COURRIER, Cyril; TRAN, Nicolas. Southern Gaul from below. p. 65-70.

⁸¹⁷ COURRIER, Cyril; TRAN, Nicolas. Southern Gaul from below. p. 70: [...] *this hierarchical complexity in the analysis of plebeian experiences.*

⁸¹⁸ BRUN, Jean-Pierre. The Archaeology of Roman urban workshops: a French approach? In: WILSON, A.; FLOHR, M. (Eds.). **Urban craftsmen and traders in the Roman world**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 77-94; p. 81: *Personally, I think that we should consider as ‘artisanal’ any type of productive activity that is carried out in a non-domestic context and paid for by a customer or a patron in money or kind. (Pessoalmente, penso que deveríamos considerar como “artesanal” qualquer tipo de atividade produtiva que é realizada em um contexto não-doméstico e paga por um cliente ou um patrão em dinheiro ou em espécie).* Contudo, como é notório, diferentemente de Brun, não estabeleço a atividade artesanal como algo realizado de modo estrito em um espaço não-doméstico. A razão principal para tal pressuposto espacial é a indistinção entre espaço doméstico e espaço de produção em diversos sítios, não apenas nos trabalhados aqui, como nos encontrados em outros contextos durante a Antiguidade mediterrânea. Cf.

portanto, os limites da compreensão e da descrição das percepções sensoriais passadas em toda essa sua complexidade devido a justaposição de posicionamentos sociais. Contudo, diante desse cenário e com reconhecimento das possibilidades sensoriais distintas entre os subalternizados, alguns argumentos pesam para análise em conjunto de suas experiências sensoriais. O primeiro incide tanto sobre os limites de conhecimento impostos pela documentação, quanto os modos de trabalhar com essas mesmas restrições documentais. As fontes, sobretudo as literárias, que dispomos não permitem uma análise mais fina sobre as diferentes perspectivas a respeito da sensorialidade dos grupos subalternos. Para driblar essas limitações, uma saída possível é o enfoque na materialidade dos espaços que congrega esses diferentes atores sociais subalternizados em suas instâncias de sociabilização doméstica e laboral. Assim, por meio da análise desses espaços, é possível traçar elementos que lhes eram comuns no processo de constituição de seus *habitus* sensoriais.

O segundo diz respeito aos modos de dominação e distinção, mas agora não entre os subalternos, e sim entre eles e as elites. Por mais que devamos investigar as relações assimétricas de poder existentes no interior dos grupos subalternos, os modos como elas se sobrepõem e multiplicam os pontos de subalternização, atribuindo-lhes maior complexidade e diversidade em suas formas de agir e de se identificar enquanto determinadas coletividades ou atores individualizados, não pode ser extraído do campo de investigação as relações de subalternidade que os colocam lado a lado no espaço e tempo analisados. Recordemos a própria denominação já enunciada: eles estavam em relação *sub alter*, de inferioridade e dominação a um outro. Assim, grupos e atores subalternos, ainda que diferenciados entre si, diferenciavam-se frente a um outro (ou outros) que, por sua vez, impunham-lhes formas hegemônicas de dependência, exploração e marginalização.

Durante a Antiguidade Tardia, essas relações são agravadas e novos fossos distanciam as elites dos grupos subalternos⁸¹⁹. Isto pode ser observado em vários âmbitos, como, por exemplo, as intrínsecas relações entre condições econômicas e privilégios jurídicos. Em outros termos, nas palavras de Julio Cesar Magalhães de Oliveira, a “riqueza permaneceu conectada inextricavelmente ao privilégio e ao poder”⁸²⁰. Maior exemplo dessa associação foi no agravamento das distinções de tratamento jurídico dispensados aos denominados

⁸¹⁹ BROWN, Peter. **Through the eye of a needle**: wealth, the fall of Rome, and the making of Christianity in the West, 350-550 AD. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2012. p. 15.

⁸²⁰ MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Society and culture in Late Roman Africa. In: HITCHNER, B. (Ed.). **A companion to North Africa in Antiquity**. London, New York: Routledge, 2022. p. 299-316. p. 304: [...] *wealth remained inextricably linked to privilege and to power*.

honestiores e *humiliores*. Embora fossem categorias definidas com ampla margem de imprecisão, é possível afirmar que, de modo bem geral, a primeira englobava os afortunados e a segunda os mais pobres. Essas distinções legais de tratamento se manifestavam em modos diferenciados na condução dos processos, como a submissão à tortura para *humiliores*, e na aplicação do regime de penas, como a proibição de condenação à morte para *honestiores*⁸²¹. Mais suscetíveis às coerções legais por suas condições sociais, por não possuírem *dignitas* ou *honor* ou riquezas suficientes que poderiam atrelá-los a ambas, os grupos subalternos apresentavam maior vulnerabilidade diante desse enquadramento socio-legal. O mesmo pode ser dito a respeito das possibilidades de empobrecimento que enfrentavam. Como aponta Magalhães de Oliveira, trabalhadores envolvidos com a produção, comércio e demais ocupações embasadas no pagamento diário se viam em situações mais suscetíveis de pauperização em casos de interrupções de suas atividades por tempo prolongados ou indeterminados, como, por exemplo, as ocasionadas por sazonalidade de demandas ou por questões ambientais. Em situações mais extremas, poderiam recorrer aos auxílios da Igreja ou ainda aos empréstimos das elites e patronos tradicionais⁸²². Isto sem contar a nova carga de impostos que recaía sobre os trabalhadores urbanos. Algumas das cartas de Agostinho descobertas por Johannes Divjak demonstram bem as preocupações do bispo em relação ao agravamento dessas situações dos grupos subalternos, não apenas nas cidades, como nos campos⁸²³. A luz lançada sobre as formas de opressões por essas cartas de Agostinho, em especial as escritas por volta dos anos 420, auxiliaram a iluminar fenômenos como os atrelamentos mais rígidos dos trabalhadores urbanos a um *collegia* e os fardos dos impostos que lhes abatiam ou o empobrecimento dos camponeses e a venda de seus filhos como escravizados⁸²⁴.

⁸²¹ A distinção de tratamento entre *honestiores* / *humiliores* e divisão das ações jurídicas em relação às condições socioeconômicas existiram durante o desenvolvimento do próprio Império romano, com surgimento registrados em inícios o século II. Sua consolidação e aprofundamento de aplicação, contudo, decorre a partir do período dos Severos. Sobre a história e ampliação de seus empregos, ver: GARNSEY, Peter. **Social status and legal privilege in the Roman Empire**. Oxford: Oxford University Press, 1970. p. 272-276; TEJA, Ramon. Teja, R. *Honestiores y humiliores en el Bajo Imperio: hacia la configuración en clases sociales de una división jurídica*. **Memorias de Historia Antigua**, vol. 1, p. 115-118, 1977. esp. p. 116; MARCONE, Arnaldo. Late Roman social relations. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (eds.). **The Cambridge Ancient History: Volume XIII, The late Empire, AD 337-425**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 338-370, p. 359-360. Sobre a imprecisão de definição, o exemplo recorrente mais citado é:

⁸²² MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Society and culture in Late Roman Africa. p. 306.

⁸²³ Uma visão geral dessas questões sociais desse contexto nas novas cartas descobertas por Divjak foi realizada por: LEPELLEY, Claude. La crise de l'Afrique romaine au début du Ve siècle, d'après les lettres nouvellement découvertes de saint Augustin. **CRAI**, 125^e année, n. 3, p. 445-463, 1981.

⁸²⁴ A respeito das críticas aos modos de cobrança de impostos aos trabalhadores urbanos e seus atrelamentos aos *collegiati*: Agostinho. **Ep.** 22*.1-2. O contexto de produção, as reivindicações e os propósitos de Agostinho com essa carta foram muito bem delineados por: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. **Potestas populi**. p. 33-

Reconhecer e enfatizar essas distâncias socioeconômicas entre elites e subalternizados, e os efeitos práticos subsequentes de inclusão/exclusão que assumiam em diversos campos da vida quotidiana dos membros pertencentes a essas estratificações sociais, não pode acarretar, por sua vez, em perspectivas simplificadoras das formas de organização, interação e construção de vínculos sociais. Essa posição requer considerar que as dinâmicas de opressão socioeconômicas e políticas não impediram uma série de fenômenos no tecido das sociedades na Antiguidade Tardia. O primeiro diz respeito a um suposto caráter imobilizador e constrictivo das posições sociais, sobretudo dos estratos mais subalternizados, sobre os quais seriam exercidos um poder estatal que lhes tirariam a liberdade e os ataracariam a suas profissões e habitações⁸²⁵. Como bem demonstrou Jean-Michel Carrié para o caso dos trabalhadores urbanos, as necessidades de suas vinculações a uma associação de ofício (*collegium*), de forma voluntária ou não, estavam assentadas na facilitação das coletas de impostos resultantes das reformas sucessivas dos períodos de Diocleciano e Constantino⁸²⁶. Os encargos de tributos cobrados de modo coletivo via *collegia* propiciou uma generalização das associações de ofícios e de seus entrelaçamentos com as políticas municipal e imperial. Em contrapartida, como Magalhães de Oliveira apontou, tais entrelaçamentos permitiram um reconhecimento das atividades das associações “como um órgão indispensável à vida da

35; LEPELLEY, Claude. La crise de l'Afrique romaine. p. 452-455. Sobre a questão das condições dos trabalhadores rurais, tanto com as pressões do colonato, quanto com a venda de seus filhos como escravizados, ver: Agostinho. Ep. 24*; 10* 1, 6-7. Para um aprofundamento dessas questões, ver: LEPELLEY, Claude. La crise de l'Afrique romaine. p. 455-463; *Id.* Liberté, colonat et esclavage d'après la Lettre 24*: la juridiction épiscopale « de liberali causa ». In : **Les lettres de Saint Augustin découvertes par Johannes Divjak. Communications présentées au colloque de 20 et 21 Septembre 1982.** Paris: Études Augustiniennes, 1983. p. 329-342; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Society and culture in Late Roman Africa. p. 306-308.

⁸²⁵ Essa tese de um Estado totalitário, que fixaria os trabalhadores em seus ofícios por meio das corporações, tem vários proponentes e suas adesões não são raras ainda na historiografia recente. Dentre a bibliografia que assume essa posição, cito apenas alguns nomes que trabalharam com a noção de formação de um “Império totalitário” no período tardio, como: ROSTOVITZEFF, Mikhail. **Historia social y económica del Imperio Romano, vol. II.** Trad. F.J. Presedo Velo. Madrid: Espasa-Calpe, 1967 (1926). p. 115-116, 465-470; LOT, Ferdinand. **O fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média.** Trad. Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 2008 (1927). p. 124, 130; LAMBRECHTS, Pierre. Le problème du dirigisme d'état au ive siècle : A propos de quelques publications nouvelles. AC. tome 18, fasc. 1, 1949. p. 109-126. p. 115-118; PETIT, Paul. **Histoire générale de l'Empire romain, vol. III: le Bas-Empire (284-395).** Paris: Editions Point, 1974. p. 160, 167-172, 179. As críticas mais assertivas a esses posicionamentos, com apresentação e discussão bibliográfica atualizada, foram feitas por: CARRIÉ, Jean-Michel. Les associations professionnelles à l'époque tardive: entre *munus* et convivialité. In: CARRIÉ, J.-M. ; LIZZI, R. (Eds.). **Humana sapit – Mélanges en l'honneur de Lelia Cracco Ruggini.** Turnhout: Brepols, 2002. 309-332. p. 309-315; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. **Potestas populi.** p. 34-38.

⁸²⁶ CARRIÉ, Jean-Michel. Les associations professionnelles à l'époque tardive.

cidade”, algo que “também contribuiu para dar, pelo menos a certos grupos profissionais, um sentido aguçado de sua importância e de seu poder na relação com as autoridades”⁸²⁷.

Embora atravessado por relações de dominação, exclusão e expropriação, o mundo dos trabalhadores urbanos na Antiguidade Tardia não deve ser compreendido como um mundo de pura e necessária miséria, com ampla falta de dinamismo. Para além das associações, os trabalhadores poderiam estar envolvidos em processos de ascensão social e política. Como por exemplo, *Alfius Caecilianus*, proprietário de um próspero ateliê de tecelagem, tornou-se duúnviro da cidade de *Abthugni* no início do século IV⁸²⁸. Tais possibilidades de trabalhadores ascenderem em posições sociais e, sobretudo, políticas ampliavam-se em cidades menores, como no caso de *Abthugni*. Possibilidades que, no entanto, não estavam disponíveis para todos. O próprio *Alfius Caecilianus* contava em sua oficina com outros cinco *operarii*, termo que poderia designar trabalhadores livres ou escravizados⁸²⁹. Ou seja, a hierarquização nas relações de produção e de dominação existentes no interior de centros produtivos manifesta os diferentes acessos a formas de distinção social. Situação correlacionável com as existentes em algumas cidades do Egito na Antiguidade Tardia, como bem demonstrou Christel Freu em seu estudo sobre aprendizagem de um ofício e as elaborações de hierarquias entre os trabalhadores⁸³⁰.

Em consonância com esse apontamento, outra questão que o caso de *Abthugni* sublinha é a quantidade de empregados em uma oficina. A estrutura base da produção norte-africana na Antiguidade Tardia continuava a ser a pequena unidade, mesmo as que funcionavam para exportação⁸³¹. O ateliê de tecelagem de *Caecilianus* demonstra como esse tipo fabril poderia ser ocupado por até no mínimo seis pessoas em seu processo produtivo,

⁸²⁷ MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Le peuple et le gouvernement des cités (IV-VI siècles). *Antiquité Tardive*, vol. 26, p. 23-49, 2018. p. 37: [...] *comme un organe indispensable à la vie de la cité ont aussi contribué à donner au moins à certains de ces groupes professionnels un sens aigu de leur importance et de leur pouvoir dans le rapport avec les autorités.*

⁸²⁸ *Acta purgationis Felicis*. 2, 4. Sobre o documento em questão, ver os comentários de: MAIER, J.-L. L'enquête sur Felix d'Abthugni (? – 15 février 315?). In: MAIER, J.-L. *Le dossier du Donatisme, tome I. Des origines à la mort de Constance II (303-361)*. Berlin : Akademie Verlag, 1987. p. 171-174 ; e LEPELLEY, Claude. *Les cités II*. p. 267-276. Para a definição como um ateliê “próspero”: JONES, Arnold H.M. The cloth industry under the Roman Empire. *The Economic History Review*, vol. 16, n. 2, p. 183-192, 1960. p. 188.

⁸²⁹ *Acta purgationis Felicis*. 8. Sobre o ateliê de *Caecilianus*: LEPELLEY, Claude. *Les cités II*. p. 272-273; AMRAOUI, Touatia. Les artisans africains: étude sociale et organisation du travail. I. Statut social et juridique à partir des inscriptions latines de l'Algérie. *Antiquités africaine*. vol. 52, p. 59-80, 2016. p. 65.

⁸³⁰ FREU, Christel. Apprendre et exercer un métier dans l'Égypte romaine (I er - VI e siècles ap. J.-C.). In: MONTEIX, N.; TRAN, N. (Eds.). *Les savoirs professionnels des gens de métier: études sur le monde du travail dans les sociétés urbaines de l'empire romain*. Naples: Centre Jean Bérard, 2011. p. 27-40. esp. p. 35-40.

⁸³¹ WILSON, Andrew. Urban production in the Roman world: the view from North Africa.” *PBSR*, vol. 70, p. 231-273, 2002. p. 234-236; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Society and culture in Late Roman Africa. p. 302.

quando somado o próprio duúnviro em suas instalações. Outras atividades, como a produção de cerâmica, conforme argumentou Magalhães de Oliveira a partir também de comparações etnográficas, poderiam empregar de três a dez trabalhadores⁸³². Se não é possível precisar em boa parte dos episódios quantas pessoas estariam envolvidas nos processos produtivos, a multiplicidade de agentes nos espaços de trabalho apresenta pontos importantes para se ter em conta ao analisar os espaços formadores das experiências sensoriais dos grupos subalternos. Primeiro, grande parte da mão-de-obra urbana era formada por trabalhadores livres (libertos, não especializados)⁸³³. Segundo, os trabalhadores livres (quer fossem especializados ou não) não necessariamente deveriam ter suas próprias oficinas, portanto, poderiam se vincular a outros ateliês⁸³⁴. Terceiro, por conseguinte, o distanciamento entre local de trabalho e habitação requer pensar a circulação da experiência sensorial dos trabalhadores urbanos em seus ambientes habitacionais. Pensar isto implica também a compreensão dos trabalhadores como vetor que, por meio de seus corpos e os objetos a eles atrelados, expande os estímulos sensoriais adquiridos em seus espaços laborais, como os odores que poderiam lhes impregnar durante o processo produtivo. Quarto, quando o foco se volta para os trabalhadores escravizados, havia entre eles determinadas relações de especialização que poderiam lhes alçar a posições de destaque em suas funções, com a possibilidade de se transformarem em mestres artesãos⁸³⁵. Quinto, nem só de empregados era composta a força produtiva das oficinas, pois membros familiares, como esposas, filhas e filhos, auxiliavam na organização do trabalho e/ou diretamente na produção⁸³⁶.

Essa pluralidade das relações verticalizadas entre os trabalhadores (proprietários, mestres, aprendizes, livres ou escravizados com ou sem qualificação, acrescentando, ainda que em número mais reduzido, mulheres trabalhadoras, também livres ou escravizadas, além de outros participantes do núcleo familiar, como esposas, filhas e filhos), somada aos modos com que poderiam ou não adquirir e articular capitais social, econômico e cultural em vínculos dentro e fora de seus próprios grupos, demonstram um pouco da diversidade e complexidade dos rearranjos de sociabilidades ao longo de suas trajetórias. Tal apontamento distancia-se da famigerada tese de uma “homogeneidade relativa” no interior das “classes

⁸³² MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas populi*. p. 82-83.

⁸³³ MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas populi*. p. 81-82.

⁸³⁴ AMRAOUI, Touatia. Les artisans africains. p. 65-66.

⁸³⁵ AMRAOUI, Touatia. Les artisans africains. p. 66-67.

⁸³⁶ Sobre as múltiplas formas de organização do trabalho, além do estatuto jurídico, das funções exercidas pelos trabalhadores nas oficinas e de suas condições econômicas, ver: AMRAOUI, Touatia. Les artisans africains; para uma breve e importante revisão documental sobre a atuação das mulheres no mundo do trabalho na África do Norte romana: BENSEDDIK, Nacéra. “*Manus lanis occupate...*”. Femmes et métiers en Afrique. *Antiquité africaine*, vol. 45, p. 103-118, 2009. esp. p. 105-107, 112-113.

baixas” na Antiguidade Tardia, decorrente do agravamento das distâncias entre ricos e pobres. Uma situação que relegaria “hierarquizações mais elaboradas” apenas às elites, enquanto as diferenciações dos subalternizados estariam visíveis apenas entre a *plebs* urbana e a *plebs* rural⁸³⁷. As práticas distintivas e as múltiplas hierarquias no interior dos grupos subalternos tão reforçadas por Nicolas Tran e Cyril Courier para Gália e Itália romanas no período imperial, possuíram continuidades em períodos mais tardios, conforme precisaram os estudos de Christel Freu para o Egito romano, entre os séculos I e VI de nossa era, e os de Touatia Amraoui para a África do Norte em períodos tardios. A homogeneização e a descomplexificação social dos grupos subalternos, portanto, estava longe de ser uma realidade.

Aqui é possível notar uma tensão que acompanha os últimos parágrafos. As relações entre diferenças e similaridades/identidades nas relações dos grupos subalternos entre si e para com os demais grupos sociais. Compreender que suas posições sociais não lhes homogeneizam no campo de suas culturas e vontades, assim como não lhes impedem de se associarem a certas dinâmicas hierárquicas em suas relações com seus pares. No entanto, essa possibilidade interpretativa pode acarretar dois ou três problemas com os quais é preciso estar atento. Primeiro, a submissão das lógicas das ações dos grupos subalternos às lógicas das ações das elites. Dado a maior documentação e, por conseguinte, maior conhecimento que podemos ter, as formas de disputas entre as elites, com seus objetivos, suas perspectivas de ascensão, seus signos de distinções e suas relações para com seus dependentes, têm a potencialidade de “pautar” nossas interpretações sobre as relações de dominação e distinção que poderiam ser praticadas pelos subalternizados, seja, em particular, nas suas interações entre si, seja, em geral, nos modos de se relacionarem com os demais grupos sociais. O segundo problema está imbricado a esse primeiro de modo basilar: acreditar que todos os membros de uma dada sociedade partilhem de uma mesma unidade cultural. No caso, uma cultura social calcada apenas em práticas que visam distinção, ascensão social e prosperidade

⁸³⁷ Como é encontrado em: MARCONE, Arnaldo. Late Roman social relations. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (eds.). **The Cambridge Ancient History**: Volume XIII, The late Empire, AD 337-425. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 338-370, p. 356-357: *Whereas the upper stratum of society had developed a more elaborate hierarchization, the lower classes, in spite of their size, were relatively homogeneous. This does not mean that there were no perceptible differences, of which the most obvious is that between urban plebs and rural plebs. (Enquanto nos estratos superiores da sociedade desenvolveu-se uma hierarquização mais elaborada, as classes baixas, a despeito de seu tamanho, eram relativamente homogêneas. Isto não significa que não havia diferenças perceptíveis, das quais a mais óbvia é aquela entre a plebe urbana e a plebe rural).*

econômica⁸³⁸. A possibilidade de um terceiro problema diz respeito a teorias econômicas empregadas nas interpretações que partem de dinâmicas conflitivas entre os subalternos. Apesar de também compreenderem as relações de poder, distinção e concorrência como algo que constitui as relações sociais *intra* e *extra* grupos subalternos, autores que lançam mão dessas posições diferenciam-se daquela anterior por não incorrerem a uma prerrogativa de unidade cultural. Pelo contrário, partem de tentativas de complexificação das estratificações sociais, com ênfases nas produções culturais particulares a cada estrato social, para interpretar os mecanismos de distinção com que grupos subalternos poderiam utilizar em seus anseios de elevação e diferenciação sociais⁸³⁹. Contudo, a ênfase na concorrência, estratificação e busca de ascensão social como modos de complexificar e heterogeneizar os grupos subalternos faz, no mínimo, recordar posições de, podemos chamar, “vontades socioeconômicas” compartilhadas. Ainda que confinadas em estratos e localizações sociais cada vez mais finas, entremeadas, complexas, seriam vontades símeles.

Com esse apontamento não quero negar os apelos que determinadas noções de poder, prestígio e distinção hegemônicas nas sociedades do Mediterrâneo antigo poderiam ter para atores e grupos subalternizados. Aceitar as diferenças e as práticas de distinções nas relações

⁸³⁸ Um dos grandes exemplos dessa proposição é encontrado no trabalho de Allen Jones sobre a mobilidade social na Gália durante a Antiguidade Tardia. Em busca de demonstrar a estratificação social trabalhada para além das distinções entre dois polos, Jones acaba por recorrer, bem influenciado por Peter Brown, em uma unidade cultural que atravessava todos os grupos sociais. JONES, Allen E. **Social mobility in Late Antique Gaul: strategies and opportunities for the non-elite**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2009. p. 8: [...] *I contend that Gaul, from Arles to Vienne to Trier to Nantes, constitutes a region viable for scholarly analysis by virtue of its deep-seated cultural unity. This viability applies especially for the topic upon which the present study will focus: the milieu of non-elite.* p. 341: [...] *despite the presence of some behavioral constraints caused by social rank (e.g., paupers could not build the larger, more impressive church edifices that aristocrats and ingenui did), the similarity of pursuits among people trying to live meaningful lives and improve socially indicates that in fact there were no “two tiers,” one elite and the other popular. In Barbarian Gaul, there was one culture in which all participated, each according to his means.* (Ênfases são minhas). (Afirmo que a Gália, de Arles a Viena, de Trier a Nantes, constitui uma região viável para análise de estudo em virtude de sua unidade cultural bem enraizada. Essa viabilidade se aplica especialmente para o tópico que este presente estudo focará: o milieu da não-elite. [...] apesar da presença de algumas restrições comportamentais causadas pela posição social (por exemplo, pobres que não podiam construir os maiores e mais impressionantes edifícios das igrejas do que aristocratas e ingenui poderiam), a similaridade das buscas entre as pessoas tentando viver vidas significativas e melhorar socialmente indicam que, de fato, não existiam “dois níveis”, um da elite e outro popular. Na Gália Barbárica, houve uma cultura em que todos participavam, cada um de acordo com seus meios).

⁸³⁹ Esta forma de abordagem das relações de poder e complexificação social dos grupos subalternos pode ser encontrada nos já citados trabalhos de Courrier e Tran, em especial: COURRIER, Cyril; TRAN, Nicolas. *Qu’est-ce qu’un arlésien ordinaire?*; e em menor dimensão em: TRAN, Nicolas. **Dominus tabernae**: le statut de travail des artisans et des commerçants de l’Occident romain (Ier siècle av. J.-C. – III siècle ap. J.-C.). Rome: École française de Rome, 2013. p. 285-315, p. 317-356, esp. p. 315, 320-321, 332, 356. Embora essas posições tenham sido nuançadas em outros trabalhos dos dois historiadores, como: COURRIER, Cyril; TRAN, Nicolas. *Southern Gaul from below*; TRAN, Nicolas. *The economics of solidarity: mutual aid and reciprocal services between workers in Roman cities*. In: HOLLANDER, D.B.; BLANTON IV, T.R.; FITZGERALD, J.T. (Eds.). **The extramercantile of Greek and Roman cities: new perspectives on the economic history of classical antiquity**. London: Routledge, 2019. p. 130-145.

estabelecidas entre os grupos subalternos não pode eclipsar as condições de desigualdade (social, econômica, política, de gênero) que lhes constituíam enquanto grupos subalternizados. Ao lado das demonstrações de poder e prestígio que muitas vezes foram evocadas para ressignificar e revalorizar, por exemplo, os trabalhadores urbanos, é preciso colocar outras formas relacionais que lhes envolviam. Em seus espaços de ação devem ser incluídas relações de solidariedade, convivialidade, cooperação⁸⁴⁰. Um dos riscos ao enaltecer essas características é a minimização das tensões internas entre grupos subalternos. Portanto, reforço que, ainda que não configurem objetos centrais desta abordagem, as relações de dominação e as desigualdades sociais e econômicas estavam presentes nas estruturações sociais e nos modos com que atores subalternizados interagiam entre si. Não as abordar de modo enfático é um risco menor do que, creio, acreditar que uma “valoração” e “proeminência” dos grupos subalternos deva passar por complexificação de suas relações via competições e buscas por posições de prestígio⁸⁴¹.

Ao invés disso, prefiro tentar compreender a complexidade das relações dos grupos subalternos urbanos, no caso os trabalhadores, por meio dos elementos espaciais que lhes forneciam estímulos e constituíam suas experiências sensoriais. Creio que, por meio da análise dos espaços habitacionais e laborais, espaços que em suas morfologias lhes eram comuns, seja possível compreender as relações de proximidade estabelecidas entre os subalternizados urbanos e de distanciamento para com as elites urbanas. Identificações ou diferenciações construídas em termos sensoriais. Mas não nos deixemos enganar por categorias estanques ou por atores e grupos sociais que não se encontram. O campo de interação entre subalternizados com as elites não é constituído por uma total antítese ou alienação. Dentre as relações mantidas, espaços comuns foram compartilhados e, não menos, contestados, modificados no fluxo de suas interações⁸⁴². Portanto, as experiências sensoriais são sempre relacionais, tal como as dinâmicas de classe e identificação definidas Edward P.

⁸⁴⁰ Grande parte das motivações dessas linhas foram encontradas nestas seguintes obras: FUNARI, Pedro Paulo A. FUNARI, Pedro Paulo A. **Cultura popular na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Contexto, 1989; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas populi*.

⁸⁴¹ Algo muito próximo a uma visão neoliberal das relações sociais. Uma crítica a essa perspectiva, no interior das discussões da história econômica romana, foi feita por: HOBSON, Matthew S. A historiography of the study of the Roman economy: economic growth, development and neoliberalism. In: PLATTS, H. *et al.* (Eds.). **TRAC 2013**: proceedings of the twenty-third annual Theoretical Roman Archaeological Conference. Oxford: Oxbow Books, 2014. p. 11-26.

⁸⁴² Exemplo dessas relações imbricadas nesses espaços comuns foram explorados nos dois primeiros capítulos.

Thompson⁸⁴³. Aliás, os sentidos fornecem instrumentos para categorizações, distinções e estigmatizações de grupos e classes sociais.

4.1.2 Grupos subalternos e história dos sentidos

É possível encontrar em alguns estudos recentes algumas tentativas, ainda que muitas vezes indiretas e incipientes, de abordagens sobre as relações sensoriais de, se não de grupos subalternos, no mínimo de experiências sensoriais dissidentes, conflitivas e que aludem a jogos de força e de resistência na Antiguidade⁸⁴⁴. Dentre esses esforços, destacarei o trabalho de Jerry Toner, devido a sua proposta incisiva em trazer a questão dos sentidos para o estudo dos grupos subalternos. Em *Popular culture in Ancient Rome*⁸⁴⁵ (*Cultura popular na Roma antiga*), Toner foi enfático em afirmar que “A elite e o povo habitavam mundos sensoriais diferentes”⁸⁴⁶, pois a “experiência sensorial romana estava relacionada com o status social”⁸⁴⁷. As elites seriam caracterizadas, para ele, como um grupo que estaria em condição de refinar seus sentidos por meio de práticas que o distinguiria frente aos demais: comidas, perfumes, tecidos, elementos construtivos para suas casas e a possibilidade da manipulação do espaço compunham todo um aparato de definição do *bom gosto*. Essa relação sensorial das elites estaria conectada, sobretudo, numa ativação de estruturas e disciplinas que lhes permitiriam se distanciar dos sentidos “manipulando seu ambiente social”⁸⁴⁸. A “não-elite”, por sua vez, seria quase o completo oposto: habitavam espaços estreitos, barulhentos, fedorentos e de imensa proximidade entre os seus membros. Viveriam desse modo porque não dispunham de meios materiais para modificar e controlar o seu ambiente físico⁸⁴⁹. Assim, o mundo sensorial dos

⁸⁴³ THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa, vol. 1: a árvore da liberdade**. Trad. Denise Bottmann – 10ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019 (1963). p. 9-12.

⁸⁴⁴ Para citar alguns trabalhos inclusos nas coletâneas citadas, conferir: DERRICK, Thomas. Sensory Archaeology. In: BETTS, E. (Ed.). **Senses of the Empire: Multisensory Approaches to Roman Culture**. London: Routledge, 2017. p. 71-85; KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. Roman urban smells: the archaeological evidence. In: BRADLEY, M. (Ed.). **Smell and the Ancient senses**. London: Routledge, 2015. p. 90-109; MORLEY, Neville. Urban smells and Roman noses. In: BRADLEY, M. (Ed.). **Smell and the Ancient senses**. p. 110-119; BRADLEY, Mark. Foul bodies in Ancient Rome. In: BRADLEY, M. (Ed.). **Smell and the Ancient senses**. p. 133-145; LENNON, Jack. Contaminating touch in the Roman world. In: PURVES, Alex. (Ed.). **Touch and the Ancient Senses**. London: Routledge, 2018. p. 121-133.

⁸⁴⁵ TONER, Jerry. **Popular Culture in Ancient Rome**. Cambridge: Polity Press, 2009. esp. p. 123-161.

⁸⁴⁶ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 8. *The elite and the people inhabited different sensory worlds*.

⁸⁴⁷ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 123. (...) *Roman sensory experience was related to social status*.

⁸⁴⁸ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 126. *The elite distanced them-selves from the senses by manipulating their social environment.*; p. 132. (...) *the elite always tried to move beyond the sensual. They continuously defined themselves by rejecting the low, dirty, noisy and malodorous. In many ways, it was the act of exclusion that constituted their identity. (... a elite sempre tentou se mover para além do sensual. Eles continuamente se definiam por meio da rejeição do baixo, sujo, barulhento e malcheiroso. De muitas maneiras, foi o ato de exclusão que constituiu sua identidade).*

⁸⁴⁹ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 129.

populares seria experimentado de forma direta, ao contrário das restrições autoimpostas e meios materiais de afastamento estabelecidos pelas elites. Suas relações sensoriais estavam ligadas diretamente aos seus ofícios, eles seriam caracterizados a partir das atividades laborais que exerciam: peixeiros, açougueiros, apiários, cozinheiros, perfumistas, dançarinos, dentre outras profissões, sem contar os trabalhos ligados de modo direto com a sujeira e o fedor, como o caso de curtidores, tintureiros, coletores de lixo e esterco das ruas. No interior das classificações sensoriais das elites, essas conexões diretas com o que era interpretado como baixo, sujo e infectante colocavam os populares em uma situação marginalizada na vida social. A cidade seria a um só tempo o palco que evidenciaria a sujeira das pessoas e a própria metáfora de sua condição: “A sujeira da cidade foi transposta à multidão: eles se tornaram a *faex populi*, a merda do povo”⁸⁵⁰.

Apontar para as diferentes percepções sensoriais romanas, e ainda mais para os modos como eram constituídas, tanto na materialidade dos espaços e na corporeidade dos atores sociais, além de como serviam de meios para criação de formas de distinção, exclusão e legitimação do poder confere ao trabalho de Toner grande importância dentro do campo de pesquisas sobre os sentidos na Antiguidade Mediterrânea. Contudo, seus equívocos também devem ser ressaltados. Para além das divisões dualistas, que ignora as gradações e contradições no interior daquilo que considera como não-elite, da criação de uma cultura popular quase que atemporal, focarei aqui apenas no que diz respeito à formação sensorial dos grupos e atores subalternos e de suas relações com a mesma formação por parte das elites⁸⁵¹.

Apesar de afirmar que os sentidos auxiliam a estruturar as relações sociais e os meios de sua reprodução, de modo que “não eram apenas um reflexo incidental da prática social”⁸⁵², Toner trai essas prerrogativas em muitos momentos e, em outros, acaba por esquecer de algo mais importante: aqueles que seriam protagonistas de seu estudo, os populares. Das diversas frases que podem corroborar minha afirmação, a seguinte é uma das que encapsula da melhor forma as críticas que farei: “As elites *usavam* os sentidos como meios de distinção social”⁸⁵³. Tal frase demonstra os equívocos da abordagem de Toner a respeito dos sentidos e da

⁸⁵⁰ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 129: *The filth of the city was transposed on to the crowd: they became the faex populi, the shit of the people.*

⁸⁵¹ Tais críticas sobre a obra de Toner podem ser encontradas em: COURRIER, Cyril. “Une” culture populaire dans l’antiquité romaine?: Quelques remarques sur l’ouvrage de J. Toner, *Popular culture in Ancient Rome*, Cambridge/Malden, Polity Press, 2009. **Antiquité tardive**, vol. 19, p. 333-338, 2011.

⁸⁵² TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 151. *They [the senses] were not just an incidental reflection of social practice.*

⁸⁵³ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 132. *The elite used the senses as a means of social distinction*”. (A ênfase é minha).

experiência sensorial dos grupos subalternos por dois motivos. Primeiro, de cunho mais teórico: a distinção operada pelas elites seria realizada *pele uso* e não *por meio* dos sentidos. A diferença entre esses dois modos de compreensão da experiência sensorial é substancial. Por essa afirmação, a experiência sensorial é compreendida como um objeto do qual se faz uso, como um atributo que qualifica os atores de determinadas formas. Alguns podem utilizá-la, educá-la, direcioná-la, outros não, são marcados pela inoperância. Por extensão, as formas de educar os corpos realizadas pelos próprios atores subalternos, desde suas práticas de higiene até as de refeição, tornam-se ignoradas por completo, naturalizadas ou apenas abjetas para os modos como poderiam constituir suas experiências sensoriais⁸⁵⁴. Desse lugar de entendimento dos sentidos enquanto *coisas para uso*, Toner construiu uma divisão entre uma relação direta com os sentidos, que seria realizada pelos grupos subalternos e outra, que seria mediada, feita pelas elites⁸⁵⁵.

O segundo problema é que, ao partir desta compreensão da experiência sensorial, Toner acaba de certa forma por acreditar naquilo que ele mesmo tentou demonstrar como um produto da retórica das elites: “o mau uso dos sentidos”. Deste modo, acaba por aceitar os sentidos e as experiências sensoriais que a elite prioriza, explora e reforça ou, ao contrário, aqueles que minimiza, tenta conter e afasta como algo que já está dado, como uma experiência fechada e um objeto acabado e pronto para ser utilizado⁸⁵⁶. Tal concepção harmoniza com sua tese principal de que os imperadores realizaram uma transformação política por meio do controle e educação sensoriais dos espaços públicos. Pois, de acordo com Toner, ao promover as amenidades e entretenimentos públicos, os imperadores criariam circunstâncias de contato com um luxo exacerbado que, a partir de então, estava à disposição de todos e que, ao mesmo tempo, demonstraria o modo correto de se deleitar com as atrações olfativas, táteis e, em especial, visuais. Por meio dessa “intoxicação dos sentidos”, “Os imperadores buscavam educar o povo visualmente, de modo que eles obtivessem seus prazeres de uma maneira mais distanciada, controlada”⁸⁵⁷.

Jogar de modo instrumental com o campo sensorial, com os sentidos e as sensibilidades, e fazer circular determinados afetos é, com toda certeza, prática inextricável e

⁸⁵⁴ Neste ponto, a crítica de Cyril Courier a certo elogio à cultura da miséria realizado por Toner é quase que incontornável. COURRIER, Cyril. “Une” culture populaire dans l’antiquité romaine? p. 334.

⁸⁵⁵ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 156.

⁸⁵⁶ Algo que o próprio Toner critica em Ray Laurence. Cf.: TONER, Jerry. Empire of the senses – senses of the empire. **The Classical review**, v. 68, n. 2, p. 567-569, 2018. p. 568.

⁸⁵⁷ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 147: *The emperors sought to educate the people visually, so that they would take their pleasures in a more distanced, controlled manner.*

constitutiva da política⁸⁵⁸. Até mesmo Marx colocou em discussão o papel central dos sentidos na formação das categorizações e das distinções sociais⁸⁵⁹. Como Toner bem demonstra, os próprios autores romanos antigos tinham compreensão da importância sensorial e de suas interações conflituosas na prática política. Os estímulos e os efeitos sensoriais que toda a arquitetura e cerimoniais imperiais intentavam gerir e os outros mais não calculados que causavam não estão em discussão aqui. O problema de sua interpretação é anterior. Ele está nos modos como interpreta as relações entre essas gestões do ambiente construído e nas formas como seriam realizadas as apropriações e ressignificações produzidas pelos espectadores. Ainda que tais atrações sensoriais pudessem conter algo que vai *ao gosto* dos populares⁸⁶⁰, sua natureza sensorial direta, quase selvagem, é o que passa a ser educada para os novos parâmetros da política. Apenas por meio desses contatos com estímulos sensoriais luxuosos, os populares adquiriam uma educação que passaria a mediar suas experiências sensoriais, internalizariam a etiqueta de como se conduzirem e se deleitarem em público⁸⁶¹.

Esta pressuposta falta de formação elaborada do regime sensorial por parte dos populares contradiz, uma vez mais, o que Toner defende. O episódio que nos apresenta sobre as contraposições sensoriais descritas por Sêneca e Dio Crisóstomo é marcante nesse

⁸⁵⁸ Este é um tema que vem sendo cada vez mais explorado pelos campos da sociologia e filosofia política. Dentre a inúmera bibliografia, apenas ressalto: MASSUMI, Brian. The autonomy of affect. **Cultural Critique**, No. 31, p. 83-109, Autumn, 1995; RICHARD, Analiese, RUDNYCKYJ, Daromir. Economies of affect. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, n. 15, p. 57-77, 2009. LORDON, Frédéric. **A sociedade dos afetos**: por um estruturalismo das paixões. Trad. Rodolfo Eduardo Scachetti e Vanina Carrara Sigrist. Campinas: Papius, 2015; SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

⁸⁵⁹ MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. Trad. J. Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 109-111, p. 110: “A peculiaridade de cada força essencial é precisamente a sua essência peculiar, portanto também o modo peculiar da sua objetivação, do seu ser vivo objetivo-efetivo (*gegenständliches wirkliches lebendiges Sein*). Não só no pensar, portanto, mas com todos os sentidos o homem é afirmado no mundo objetivo. [...] A formação dos cinco sentidos é um trabalho de mundo até aqui”; e seguindo Feuerbach, p. 112: “A sensibilidade (vide Feuerbach) tem de ser a base de toda a ciência” (Ênfases no original). Essa proximidade com a posição de Feuerbach a respeito dos sentidos e da experiência sensorial, porém, apresenta limites e diferenças, tais como discorre em suas teses sobre Feuerbach, em especial na Tese I, na qual se encontra a posição de compreender as relações sensíveis enquanto práticas: MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. R. Enderle et al. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 533: “O principal defeito de todo o materialismo existente até agora (o de Feuerbach incluído) é que o objeto [*Gegenstand*], a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do objeto [*Objekt*] ou da contemplação, mas não como atividade humana sensível, como prática; não subjetivamente. Daí o lado ativo, em oposição ao materialismo, [ter sido] abstratamente desenvolvido pelo idealismo - que, naturalmente, não conhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis [*sinnliche Objekte*], efetivamente diferenciados dos objetos do pensamento: mas ele não apreende a própria atividade humana como atividade objetiva [*gegenständliche Tätigkeit*]. Razão pela qual ele enxerga, n’A essência do cristianismo, apenas o comportamento teórico como o autenticamente humano, enquanto a prática é apreendida e fixada apenas em sua forma de manifestação judaica, suja. Ele não entende, por isso, o significado da atividade ‘revolucionária’, ‘prático-crítica’” (Ênfases no original). Uma introdução sobre Marx e as questões sensoriais pode ser encontrada: HOWES, David. **Sensual relations**: engaging the senses in culture and social theory. Michigan: University of Michigan Press, 2010. p. 204-234.

⁸⁶⁰ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 153, 156.

⁸⁶¹ TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 155.

sentido⁸⁶². Se, por um lado, a sensibilidade sonora de Sêneca⁸⁶³ não o permitia se concentrar nas suas atividades intelectuais e contemplativas quando perturbado pelos barulhos e vozerios vindos das ruas e termas vizinhas à casa em que morava, por outro, todo o fuzuê e barulheira da multidão narrado por Dio Crisóstomo⁸⁶⁴, de pessoas dançando, cantando, tocando flautas, vendendo seus produtos, declamando poemas, histórias e discursos e mesmo ensinando seus alunos em plenas vias e praças, não os atrapalhavam nem os confundiam em suas práticas. Aliás, para Dio, o comportamento destas pessoas tinha muito a ensinar com o exemplo de seus hábitos, de seu *ethos* (ἔθος) forjado em meio ao barulho da multidão⁸⁶⁵. Embora faça críticas ao populacho e suas participações nos espetáculos⁸⁶⁶, e tenha sido membro da elite política romana provincial⁸⁶⁷, Dio capta, a seu modo peculiar, como o campo sensorial é algo construído na participação ativa do quotidiano, no qual a mente (ψυχή) se acostumaria, habituaria (ἐθίζω) a esses estímulos⁸⁶⁸. Em resumo, o que Dio sublinha e o que Toner parece esquecer em muitos momentos é que o som ouvido nas ruas não era o mesmo para todos. Ou melhor: aqueles que escutavam dispunham de *habitus* sensoriais distintos. Esta diferença estava longe de ser da atribuição de uma experiência direta ou indireta dos sentidos. Ela está em uma questão relacional, de formação e estruturação das possibilidades de experiências sensoriais.

4.1.3 *Habitus e habitus* sensorial

Mas como compreender essas formações distintas das experiências sensoriais dos grupos subalternos? Creio que o conceito de *habitus* e a metodologia empregada por Pierre Bourdieu e outros autores para lhe dar forma se torna importante.

Como apontado na introdução, a experiência sensorial pode ser compreendida como algo que envolve todos os sentidos, os órgãos sensoriais e os movimentos que os articulam no

⁸⁶² TONER, Jerry. **Popular Culture**. p. 130-131.

⁸⁶³ Sen. **Ep.** 56.

⁸⁶⁴ Dio Chry. **Or.** 20, 9-10.

⁸⁶⁵ Dio Chry. **Or.** 20, 13-14, 16. Sobre a empatia de Dio Crisóstomo para com “uma vida simples”, imbuída de sua filosofia cínica e estoica, ver: BRENK, Frederick. Dio on the Simple and Self-Sufficient Life. In: SWAIN, S. (Ed.). **Dio Chrysostom: Politics, letters and philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 261–78.

⁸⁶⁶ Sobre as relações de Dio Crisóstomo com suas audiências, MAXWELL, Jacklyn L. **Christianization and communication in Late Antiquity: John Chrysostom and his congregation in Antioch**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 22-27. Para compreensão dos modos muitas vezes empáticos para com os populares e a formação de seu pensamento social: BRUNT, P.A. Aspects of social thought of Dio Chrysostom and of the Stoics. **The Cambridge Classical Journal**, vol. 19, p. 9-34, 1973.

⁸⁶⁷ Uma breve introdução da carreira política de Dio Crisóstomo pode ser encontrada em BEKKER-NIELSEN, Tønnes. **Urban life and local politics in Roman Bithynia: the small world of Dion Chrysostomos**. Aarhus: Aarhus University Press, 2008. p. 119-145.

⁸⁶⁸ Dio Chry. **Or.** 20, 26.

espaço. No processo de apreensão do mundo pelos sentidos, como venho demonstrando ao longo dos capítulos, a materialidade assume um importante papel nos modos como a percepção é realizada. A materialidade de edifícios, ruas, veículos, pórticos, sacadas, lixos, corpos de atores sociais, para denominar apenas alguns dos elementos que participam desse processo, constitui o campo sensorial: o campo constituinte dos sentidos, que lhes proporcionam estímulos, formas, adaptações das percepções em toda sua plasticidade e que, ao mesmo tempo, é constituído pela experiência sensorial. Retomar essas proposições é importante para lembrar que com essas premissas saímos de uma centralidade na percepção individual e passamos para uma análise das formas relacionais de experiência sensorial. A noção de *habitus* auxilia analisar e compreender como os lugares ocupados nas divisões e distinções hierárquicas constituídas socialmente agem nos modos como os sentidos são construídos, apreendidos, significados.

O uso do conceito de *habitus* para compreensão das experiências sensoriais já demonstra suas possibilidades de aplicação ao estudo sensorial quando, de início, compreendemos que é uma ferramenta conceitual desenhada para acessar os modos de “interiorização da exterioridade e da exteriorização interioridade”⁸⁶⁹. No que diz respeito às clivagens da formação do *habitus*, Bourdieu afirma que “Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*”, que são “sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes”⁸⁷⁰. Atrelados a grupos sociais particulares, cada qual com processos singulares de estruturação de sistemas associativos de percepção, pensamento e ação, o *habitus* é a marca do social nos corpos dos agentes. Por outro lado, é por meio dos *habitus*, das possibilidades de formas de experimentar, ser e agir no mundo que engendram, que os agentes se inscrevem na história: “o *habitus* produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme os esquemas engendrados pela história”⁸⁷¹. Ainda que em grande parte de seus trabalhos, sobretudo os relativos à educação, Bourdieu tenha sempre ressaltado a durabilidade do *habitus*, eles estão inscritos no tempo e, portanto, sujeitos às transformações. Deste modo, a aplicação e exploração do conceito de *habitus* auxilia a captar em um só tempo como as relações sociais têm papel ativo nas estruturações de determinados

⁸⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une théorie de la pratique precede de trois études d'ethnologie kabyle**. Paris: Éditions du Seuil, 2000 (1972). p. 256 : [...] *de l'intériorisation de l'extériorité et de l'extériorisation de l'intériorité*. (ênfase no original).

⁸⁷⁰ BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 87 (ênfase no original).

⁸⁷¹ BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. p. 90.

“*habitus* sensoriais”⁸⁷² distintos, e a compreender como estas disposições sensoriais podem mudar as estruturas sociais às quais estavam atreladas⁸⁷³.

Em síntese, um dos principais meios de compreender as experiências sensoriais dos grupos subalternos, suas relações com os sentidos e a forma com que outros grupos sociais se relacionavam com os sentidos atribuídos aos atores subalternos está no modo como eram constituídas as suas próprias experiências sensoriais, em como eram formados seus *habitus* sensoriais, esse conjunto de disposições em relação aos sentidos, às emoções, aos afetos. Adquiridos por meio da socialização e das experiências quotidianas, creio que um dos meios mais importantes para compreender a constituição dos *habitus* sensoriais dos grupos subalternos urbanos, em especial os trabalhadores urbanos, é analisar as estruturações do campo sensorial formado por dois de seus espaços formadores principais, de habitação e trabalho.

4.1.4 Para procurar o *habitus* sensorial dos grupos subalternos: documentações e cuidados de método

“[A] prova do pudim teórico do *habitus* deve consistir no comê-lo empiricamente”⁸⁷⁴, já dizia Loïc Wacquant diante da grande ferramenta que é o conceito de *habitus* para a pesquisa social. Exemplos etnográficos de suas aplicações práticas são excitantes e reveladores das composições afetivas distintas de grupos sociais subalternizados⁸⁷⁵. Para citar três trabalhos que não os do próprio Bourdieu que demonstram esse potencial de exploração de constituições distintas de *habitus*, aponto apenas os do próprio Wacquant⁸⁷⁶ sobre a inscrição da ética coletiva do boxe nos comportamentos de pugilistas nos guetos estadunidenses ou o de Simon Charlesworth⁸⁷⁷ sobre as experiências de empobrecimento e impotência política numa cidade desindustrializada do sul da Inglaterra ou, ainda, o de Enrico

⁸⁷² O adjetivo aqui ganha sua importância para enfatizar qual dentre as disposições adquiridas está sendo colocada em análise. Ainda que Bourdieu se refira ao *habitus* como gerador de esquemas associativos de percepção, a ênfase das suas análises é cognitiva, no processo de construção de sentidos. O que reforço com o sensorial são os estímulos sensoriais e os aparatos sensórios corporais para a constituição desse sistema de percepção que Bourdieu já apontava.

⁸⁷³ BOURDIEU, Pierre. **Esquisse**. p. 283–285.

⁸⁷⁴ WACQUANT, Loïc. Esclarecer o Habitus. **Sociologia**, vol. 14, p. 35–41, 2004. p. 40.

⁸⁷⁵ Cabe ressaltar que muitos dos próprios autores não se utilizaram propriamente da nomenclatura subalterno/subalternidade nem mesmo tinham como objetivos a análise das percepções sensoriais como as que tenho aqui.

⁸⁷⁶ WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Trad. Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

⁸⁷⁷ CHARLESWORTH, Simon J. **A phenomenology of working class experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

Spaggiari⁸⁷⁸ que versa, dentre outros temas, sobre as constituições sentimentais de jogadores de futebol da várzea da periferia paulistana. Todos têm em comum a prática etnográfica, um saber que, dentre outras coisas, por meio de uma série de práticas e recursos, constrói a própria fonte de sua investigação⁸⁷⁹. E aqui habitam as dificuldades para a compreensão historiográfica e, mais ainda, para a historiografia do Mediterrâneo antigo. Para além das disponibilidades de evidências limitadas, haveria uma especificidade documental para estudar o *habitus* sensorial dos grupos subalternos urbanos na Antiguidade Tardia? Se sim, qual seria?

Primeiro, é preciso reconhecer que, em correlação com a amplitude da noção de campo sensorial, aumentam-se as categorias documentais para sua investigação. De igual modo, tão grande quanto as possibilidades das modalidades sensoriais é o recurso documental para estudá-las. Assim, não é absurdo dizer que todos tipos de fontes advindas da antiguidade são empregáveis nos estudos das relações sensoriais. Podemos falar, por exemplo, dos mais diversos sentidos por meio de fontes literárias e/ou materiais. No entanto, a especificidade documental contribui e delimita o sentido que é investigado. O inverso também é verdadeiro: o sentido investigado tem a compreensão facilitada ou mesmo possibilitada por fontes mais específicas. Essa série de balizas impostas pela documentação e pela modalidade sensorial investigada aumenta à medida em que o objetivo de análise é um recorte social específico da experiência sensorial. Desse modo, há, sim, determinadas especificidades documentais que fornecem indícios das experiências sensoriais dos grupos subalternos. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer a sua característica incidental e externa. Em geral, as evidências a respeito dos grupos subalternos urbanos na Antiguidade Tardia são de múltiplas origens e, em sua grande maioria, produzidas de forma indireta, compostas nas letras de atores externos ou em materiais de descarte ao acaso ou produzidos por catástrofes⁸⁸⁰. Em segundo lugar, como dito, os sentidos escolhidos para investigação têm implicação direta na documentação que pode ser utilizada. Portanto, antes de adentrar nos modos de leitura e recorte documental, é imprescindível definir os sentidos investigados. Os priorizados neste capítulo são odores, sons e relações a calores artificiais. Em terceiro lugar está a definição dos *loci* que possuíam maior incidência na constituição dos *habitus* sensoriais dos grupos subalternos. Para observar essas

⁸⁷⁸ SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: jovens futebolistas na várzea paulistana. São Paulo: Intermeios, 2016.

⁸⁷⁹ Para o processo de constituição do saber etnográfico, cito apenas: STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. Trad. Luisa Valentini. In: STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 345-405.

⁸⁸⁰ Sobre as fontes para história dos grupos subalternos, de modo geral, ver: FUNARI, Pedro Paulo A. **Cultura popular na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Contexto, 1989. *passim*; *Id.* **Antiguidade Clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 25-31.

estruturações e disposições corpóreas e sensoriais enfocando em seus primeiros espaços de socialização, sobretudo, a unidade casa/trabalho. São pensados em unidade porque, como veremos, os espaços habitacionais e laborais apresentam, na grande maioria das vezes, formas que se imiscuem umas às outras e, por vezes, conjugam-se em uma só unidade, com pouca ou nenhuma separação entre si (ao menos do ponto de vista material e a partir de poucos relatos literários que temos a respeito).

Essas seleções de sentidos, grupos sociais e espaços estruturantes de suas possibilidades de experiências sensoriais afunilam a documentação para um conjunto mais delimitado de fontes e contextos. O quadro documental parte de fontes literárias produzidas no interior do período indagado que façam referência a alguns dos sentidos indagados. Para compreensão de fins do século IV e primeira metade do século V, a principal delas é sem dúvidas Agostinho. Para períodos posteriores, da segunda metade do século V até o VI, algumas referências sensoriais e relatos de mudanças urbanas são observadas em Vitor de Vita e Procópio de Cesareia. Essa seleção de fontes literárias bem distintas umas das outras demonstra o que foi dito sobre a pluralidade documental para análise sensorial. Contudo, ela vem com grandes riscos e limitações. A mais evidente, esses autores não eram pertencentes aos grupos de trabalhadores urbanos. No entanto, eles abrem também algumas possibilidades de análise. O caso de Agostinho é, mais uma vez, singular. Seus sermões transmitem um esforço retórico de convencimento, diálogos e discussões mais acaloradas com um público sempre ativo⁸⁸¹. Essa dialogia, no sentido bakhtiniano do termo, de que “todo enunciado (discurso, conferência, etc.) é concebido em função de um ouvinte, ou seja, de sua compreensão e de sua resposta, bem como de sua percepção avaliativa (concordância ou discordância)”⁸⁸², era, ao seu modo, sabida por Agostinho e foi bem expressa num pequeno livro de catequese que escreveu em resposta a um diácono de Cartago, Deogratias. O conjunto de modos de se portar, de entonar a voz, de conduzir a citação das escrituras, de exortar os fiéis que prescreve a Deogratias demonstram os cuidados para com e a atuação diante da possibilidade de um público diverso e que se variava de acordo com ocasiões contextuais

⁸⁸¹ É imenso o campo de estudos tanto sobre as relações entre Agostinho com sua audiência. Cito apenas o enquadramento contextual desse ambiente retórico de pregação feito por: além do enquadramento contextual feito por: BROWN, Peter. **Power and persuasion in Late Antiquity: towards a Christian Empire**. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1992. p. 71–117; e as relações, nem sempre amistosas, entre o bispo e seus diversos públicos em vários episódios ao longo de seu episcopado discutidas em: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas Populi*. p. 227–297.

⁸⁸² BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria E. Galvão. – 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 292.

específicas⁸⁸³. Assim, para utilizar outro conceito de Mikhail Bakhtin, a polifonia, esta pluralidade heterogênea que o discurso homogêneo pretende apagar e sintonizar sem discordantes numa monotonia, é perceptível nos contextos de pregação⁸⁸⁴. Esse embate de vozes dissonantes não está presente apenas nos sermões e outras obras agostinianas. Os outros dois autores investigados, embora produtores de textos com outras propriedades discursivas, narrativas históricas com propósitos bem definidos, também apresentam dinâmicas polifônicas, ainda que de modo mais oblíquo ao investigador de hoje. Mas há uma particularidade nas leituras que faço deles. Pretendo ressaltar de seus enunciados as mudanças urbanas que apontam, as maneiras como ocorrem, os espaços que descrevem e as valorações atribuídas ao que é descrito.

Uma vez selecionados os sentidos e os espaços privilegiados para compreender a estruturação do *habitus* sensorial dos trabalhadores urbanos e as fontes literárias que nos auxiliam na construção de significados possíveis para suas experiências, é preciso abordar os modos de indagação das principais fontes para essa formação sensorial específica: a materialidade atrelada aos domínios habitacionais e laborais. A dificuldade de alcançar esses espaços conectados com as experiências dos grupos subalternos é similar àquelas já abordadas em capítulos anteriores. Mas há um grau maior de marginalização diante dessa temática. Para além dos desenterramentos dos séculos XIX e XX, que destruíram estratos que documentavam usos tardios das cidades, habitações mais humildes, espaços de trabalho, *tabernae* em geral foram relegados a um segundo plano ou mesmo ao esquecimento diante da procura por *domus* luxuosas, monumentos e edifícios característicos romanos, ou elementos que configurem a cidade púnica, ou mesmo as basílicas cristãs e o poder da nova religião⁸⁸⁵. Contudo, pesquisas arqueológicas novas e reavaliações de trabalhos antigos não pararam de surgir ao longo do século XX, com maior fôlego a partir de seu último quarto⁸⁸⁶. Foi o que acompanhamos com variadas metodologias arqueológicas aplicadas em Cartago, Leptiminus e Meninx. Tão significativas foram as reconfigurações de temas e métodos que os principais casos que explorados para análise da formação sensorial dos trabalhadores urbanos foram

⁸⁸³ Agostinho. **De catech.** II.3-4; V.9; VI.10; VIII.12; X.14.

⁸⁸⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Trad. Paulo Bezerra. – 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 1-3.

⁸⁸⁵ Resquícios dessas abordagens, infelizmente, ainda permanecem em determinadas práticas arqueológicas recentes. Cf.: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Resenha de DELESTRE, X. (Ed.). Hippone. Aix-en-Provence: Édisud, 2005. **RHAA**, vol. 7, p. 113-116, 2007. p. 115.

⁸⁸⁶ Para as reavaliações dos trabalhos antigos, ver, sobretudo, os trabalhos efetuados por: WILSON, Andrew. Commerce and industry in Roman Sabratha. **Libyan Studies**, vol. 30, p. 29-52, 1999; AMRAOUI, Touatia. **L'artisanat dans les cités antiques de l'Algérie (Ier siècle avant notre ère-VIIIe siècle après notre ère).** Oxford: Archaeopress Roman Archaeology, 2017. As escavações são exploradas adiante neste capítulo.

retirados de pesquisas mais ou menos recentes, realizadas nessas cidades, somados com outro exemplo advindo de Sabratha.

Essa diversidade metodológica, ao lado dos objetivos dos próprios arqueólogos e arqueólogas em campo, faz com que tenhamos de tomar conhecimento de epistemologias, metodologias e ideologias que estruturam a elaboração dos saberes arqueológicos sobre os vestígios materiais divulgados em relatórios de escavação. Esse procedimento permite não limitar a interpretação àquela já realizada pelos escavadores. Assim, tanto as potencialidades e os limites dos vestígios materiais tornam-se mais perceptíveis e verificáveis, quanto as interpretações construídas pelo campo historiográfico não se limitam apenas à fornecida pelo arqueólogo sobre as características da materialidade investigada.

A partir de um mosaico composto por documentações literárias e materiais, com críticas de seus contextos de produção (tanto no dialogismo envolvido na emergência das fontes literárias quanto nas metodologias empregadas nas escavações arqueológicas), creio que é possível rastrear algumas dessas formas de constituição dos *habitus* sensoriais dos grupos subalternos e de suas possíveis transformações e continuidades ao longo do tempo.

4.2 Habitar, trabalhar, sentir nos séculos IV e V: estruturações do *habitus* sensorial dos trabalhadores urbanos

Em um de seus sermões pregado no ano de 417, para traduzir à sua audiência que mesmo aqueles que habitavam o mundo presente deveriam amar o mundo dos céus, Agostinho utilizou uma figura do cotidiano de todos ali reunidos: os aspectos contrapostos de uma casa rica e outra pobre. Para o bispo, o que caracterizaria a casa como boa ou má não seria a sua forma física ou riqueza de seu proprietário, mas sim as práticas de seus habitantes. Nas palavras de Agostinho:

Do mesmo modo que é chamado de casa os habitantes de uma casa: segundo esta forma de falar, chamamos de ruim uma casa revestida com mármore (*marmoratam*) e de boa uma casa esfumaçada (*fumigatam*). Encontras uma casa fumosa/defumada (*fumosam*), com bons habitantes, e dizes: essa é uma casa boa. Encontras uma casa revestida com mármore e com os tetos adornados (*marmoratam et laqueatam*), com proprietários injustos, e dizes: esta é uma casa ruim⁸⁸⁷.

⁸⁸⁷ Agostinho. **Serm.** 170, 4: *Quomodo dicitur domus habitatores domus; secundum quam sententiam dicimus malam domum esse marmoratam, et bonam domum esse fumigatam. Invenis domum fumosam, quam boni*

Agostinho adjetivou a pobreza e a riqueza das casas de modo bem definido: a fumaça, a fuligem, as paredes enegrecidas e o odor defumado do espaço contra o mármore, o ambiente vasto e resplandecente, com paredes e tetos ornamentados. Essas contraposições faziam sentido para seu público. Muitos ali sentiam na pele o que era habitar edifícios daquelas condições “defumadas” (*fumosa*). E também tinham pleno conhecimento dos edifícios luxuosos utilizados da comparação, devido aos vínculos de dependência que mantinham com os grandes proprietários de casas luxuosas, como as relações de locação imobiliária ou visitas às casas de patronos em busca de favores⁸⁸⁸.

Essas relações ficam evidentes em outro sermão pregado durante os anos 410, quando Agostinho evoca essas visitas: “Deseje a casa de Deus e deseje os bens da casa Dele, mas não aqueles com os quais estás acostumado a desejar para a sua casa, ou na de seu vizinho, ou na de seu patrono”⁸⁸⁹. Essa passagem também sugere que as visitas aos patronos e os contatos com toda a materialidade de suas *domus* poderiam gerar, na sua interpretação, vontades, necessidades, desejos (*desiderium*). Pouco mais adiante nesse mesmo sermão, Agostinho descreve com maiores detalhes o que eram esses bens: muitos recipientes de ouro e prata, vários empregados domésticos e jumentos, dentre outros animais; e, em especial, os elementos arquitetônicos que mais deleitavam os espectadores, como pinturas, mármore, tetos adornados, colunas, salas, quartos⁸⁹⁰. A pregação de Agostinho tinha como objetivo por meio dessas metáforas da casa tanto guiar sobre o que desejar e o que não desejar para a vida terrena, quanto demonstrar o que deveria ser apreciado na Igreja. Em sua perspectiva, o edifício eclesiástico não deveria ser admirado pelas suas colunas, mármore ou tetos ornamentados, senão pela sua justiça que propaga⁸⁹¹. Para enxergar essa justiça eram necessários olhos internos. No entanto, ainda que com a sua carga de reprovação, Agostinho

habitant, et dicis: Bona domus. Invenis domum marmoratam et laqueatam, quam possident iniqui, et dicis: Mala domus.

⁸⁸⁸ MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas Populi*. p. 115-123, esp. p. 119.

⁸⁸⁹ Agostinho. **En. Ps.**, 64.8: *Domum Dei desidera, et bona eius domus desidera; sed noli talia, qualia desiderare soles vel in domo tua, vel in domo vicini tui, vel in domo patroni tui.*

⁸⁹⁰ Agostinho, **En. Ps.** 64.8: *Fratres, constituamus nobis aliquam domum divitem; quantis bonis referia sit, quam copiosa sit, vasa quam multa ibi aurea, sed et argentea; quantum familiae, quantum iumentorum et animalium; ipsa denique domus quam delectet picturis, marmore, laquearibus, columnis, spatiis, cubiculis.*

⁸⁹¹ A respeito das relações dos fieis para com o espaço material das igrejas, BROWN, Peter. Augustine and a practice of the *imperiti*. *Qui adorant columnas in ecclesia* (S. Dolbeau, 26, 10, 232/ Mayence 62). In: MADEC, G. (Ed.) **Augustine prédicateur, 395-411**. Paris: Institut d'études augustiniennes, 1998. p. 368-375; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Vbi ecclesia? Basiliques chrétiennes et violence religieuse dans l'Afrique romaine tardive*. In: FREU, C.; JANIARD, S.; RIPOLL, A. (Éds.). **Libera curiositas. Mélanges d'Histoire Romaine et d'Antiquité Tardive offerts à Jean-Michel Carrié**. Turnhout: Brepols, 2016. p. 387-397. p. 390-395.

reconhecia a predominância daqueles “olhos externos” (*foris oculos*) que aprenderam a enxergar apenas mármore e ouro⁸⁹².

Tal caracterização da casa pobre pode ser considerada como um *topos* literário utilizado na retórica agostiniana. Fumaças, fuligens e paredes manchadas estavam, por exemplo, em narrativas literárias como as de Apuleio⁸⁹³. No entanto, a organização dos espaços de habitação produzia um impacto sensorial que Agostinho identificava em seu cotidiano, identificava em seu público e sabia o quão era possível que eles reconhecessem não apenas as casas descritas, como seus habitantes, ou melhor: os corpos de seus habitantes. De seu púlpito, Agostinho tinha conhecimento dos efeitos dessa materialidade e da experiência da riqueza e da pobreza de seus fiéis e de como essas figuras contrapostas poderiam atingi-los⁸⁹⁴. O bispo sabia que a potência do contraste entre imagens de uma parede revestida de mármore contra outra que, ainda que revestida por rebocos ou talvez com camadas de pinturas brancas ou coloridas, carregasse marcas de enegrecimento por fumaça adentrava campos que ultrapassavam o material de construção empregado. De modo indireto, suas palavras evocavam para os ouvintes dimensões e amplitude das moradias. A fumaça e a fuligem eram decorrências de usos de utensílios que utilizavam combustão, sobretudo, fornos e lâmpadas no interior das casas. Menor a dimensão do cômodo/unidade habitacional, com menor capacidade de ventilação, maior a possibilidade de não apenas manchas na coloração da parede, como também no aspecto de defumação do espaço e dos corpos que o habitavam/frequentavam.

⁸⁹² Agostinho, **En. Ps.** 64.8: *Habes foris oculos unde videas marmora et aurum: intus est oculus unde videatur pulchritudo iustitiae.*

⁸⁹³ Apuleio. **Apologia**, 58.6-9: *Quintianum, si quas auis in cena habuisset aut, quod aiunt, magiae causa interemisset, puerum nullum habuisse, qui pinnas conuerteret et foras abiceret; praeterea fumi tantam uim fuisse, ut parietes atros redderet, eamque deformitatem, quoad habitauit, passum in cubiculo suo Quintianum. nihil dicis, Aemiliane, non est ueri simile, nisi forte Crassus non in cubiculum reuersus perrexit, sed suo more recta ad focum. unde autem seruus Crassi suspicatus est noctu potissimum parietes fumigatos? an ex fumi colore? uidelicet fumus nocturnus nigrior est eoque diurno fumo differt. cur autem suspicax seruus ac tam diligens passus est Quintianum migrare prius quam mundam domum redderet?*

⁸⁹⁴ Sobre o tema da riqueza e pobreza e nas interações de Agostinho e sua comunidade, baseio-me, dentre os inúmeros trabalhos existentes, nos que se seguem. Começo com os estudos mais recentes de Peter Brown sobre as interações de Agostinho com pobres e ricos de sua comunidade: BROWN, Peter. **Through the eye of a needle**. p. 339–358; a respeito da perspectiva de Agostinho sobre a diversidade social norte-africana: LEPALLEY L’Afrique et sa diversité vues par saint Augustin. In: LANCEL, S.; GUÉDON, S. e MAURIN, L. (Eds.). **Saint Augustin: La Numidie et la société de son temps**. Pessac: Ausonius Éditions, 2005. p. 29–43; sobre as posições agostiniana acerca da pobreza e do pobre, ver: ALLEN, Pauline; MORGAN, Edward. Augustine on poverty. In: ALLEN, P.; NEIL, B. e MAYER, W. (Eds.). **Preaching poverty in Late Antiquity: perceptions and realities**. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2009. p. 119–170; ALLEN, Pauline; NEIL, B. Discourses on the poor in the psalms: Augustine’s *Enarrationes in Psalmos*. In: ANDROPOULOS, A.; CASIDAY, A. e HARRISON, C. (eds.). **Meditations of the heart: the Psalms in the Early Christian thought and practice**. Essays in Honour of Andrew Louth. Turnhout: Brepols, 2011. p. 181–204.

Essas diferenças sociais implicadas nas formas de habitar e, por conseguinte, sentir podem ser rastreadas em diversos casos na materialidade. A começar pelas relações de proximidades que ampliavam os contatos e os contrastes entre as percepções. Embora o conhecimento arqueológico sobre os locais de implantação das *domus* luxuosas nas topografias das cidades norte-africanas aponte para uma predisposição generalizada a distanciamentos entre grandes habitações e outras mais simples, uma distância que aumenta quando são especificadas estruturas similares a *tabernae/officinae* em complexos habitacionais luxuosos, como as encontradas em cidades itálicas, existem instalações que demonstram proximidades entre essas distintas formas de habitar⁸⁹⁵.

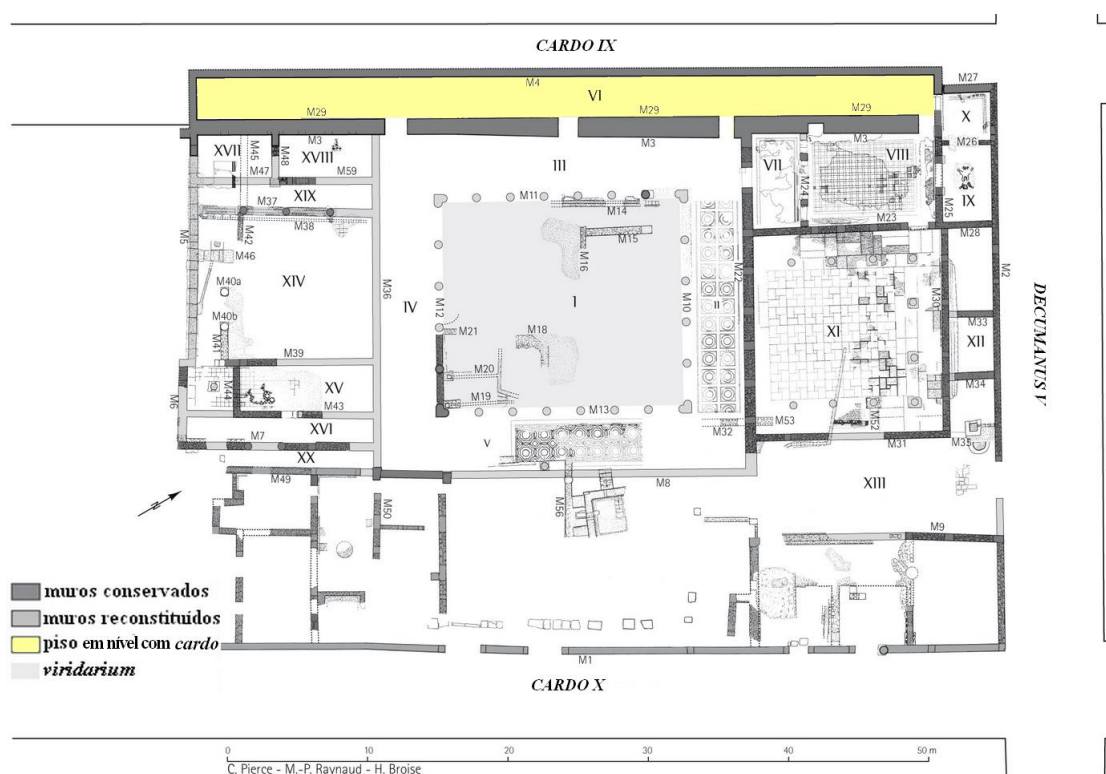


Figura 37: Plano da denominada *Maison du cryptoportique*, com ênfase na localização da estrutura acima do criptopórtico, após Pierce, Raynaud, Broise (2012, p. 228, fig. 271).

Por exemplo, em Cartago, sabemos da existência de algumas *tabernae* construídas, ao menos a partir do século IV, em algumas *domus* luxuosas na região norte, local conhecido por ser onde foram encontradas a maior parte das casas da cidade. Começo por um caso marcante

⁸⁹⁵ Isto pode ser exemplificado em vários casos ao longo da África romana. Por exemplo, recentemente, a partir de um levantamento de casas norte-africanas prospectadas em cidades romanas de onde hoje está localizada a Tunísia, Giovanni Distefano contabilizou que 9% das *domus* urbanas continham *tabernae* em seus complexos, número que sobe para 13% se forem somadas instalações para produção: DISTEFANO, Giovanni. *Cartagini. Tabernae e mulini nelle domus urbane tardoantiche*. In: MILANESE, M.; RUGGERI, P.; VISMARA, C. (Eds.). *L'Africa Romana 18 (vol. 1): i luoghi e le forme dei mestieri e della produzione nelle province africane*. Roma: Carocci, 2010. p. 557-573. p. 557, 660; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Potestas Populi*. p. 120, n. 90.

– tanto pela idiossincrasia e grandiosidade da forma que apresenta, quanto da falta de atenção e exploração dispensada à sua existência, mesmo em trabalhos de reavaliação e reformas para visitação mais recentes –, a denominada Casa do Criptopórtico⁸⁹⁶ (**Figura 37**). Uma série de *tabernae*, dispostas de modo a compor algo como uma galeria posicionada sobre a estrutura que empresta seu nome a casa, abria-se para o *cardo* IX Leste, entre os *decumani* IV e V Norte. Pouco é conhecido sobre a quantidade de unidades que poderiam estar dispostas nessa distância de 52,60 m do criptopórtico no nível inferior. Possuíam uma profundidade diminuta, de pouco mais de 2,50 m, sem muitas divisões internas nem estruturas semelhantes a espaços de estocagem ou produção. Tal características fez com que Annapaola Mosca os identificassem como um provável local de comércio de bens já finalizados⁸⁹⁷. Mas devemos acrescentar que os pisos das unidades, com 0,06 m de espessura, composto em argamassa com fragmentos de cerâmica (*mortier de tuileau*), eram revestidos por uma camada impermeabilizante, com declive visível a oeste, na direção do *cardo*. Além disso, o muro que separava o edifício do *cardo* era atravessado, de modo regular, por estruturas retangulares que evacuavam água/líquidos de seu interior para o canal da rua⁸⁹⁸ (**Figura 38**). Portanto, essas *tabernae*, quando analisadas em conjunto com as características de seus muros, pisos e escoamento d’água, permitem pensar em, se não em estabelecimentos voltados para produção que utilizavam água e/ou outras substâncias líquidas, em instalações que, para além de vendas de utensílios e alimentos frescos, poderiam abrigar espaços residenciais em mezaninos ou mesmo em pisos superiores, com práticas de limpeza/higiene que recorriam ao fluxo d’água corrente⁸⁹⁹ (**Figura 39**). Embora não seja possível saber ao certo o desenvolvimento histórico

⁸⁹⁶ Para as fases do edifício e levantamento de bibliografia anterior, ver: *Amplissimae atque ornamentissimae domus*, 2. p. 132-134. Para a reavaliação da *domus* e a quase nula menção às estruturas: BALMELLE, Catherine; BOURGEOIS, Arian; BROISE, Henri; DARMON; Jean-Pierre; ENNAÏFER, Mongi. **Carthage, Colline de l’Odéon. Maisons de la rotonde et du cryptoportique (recherches 1987-200). Volume 1. L’Architecture et son décor**. Roma: École Française de Rome, 2012. p. 326-327, 371-375; esp. p. 249-250: quando mencionadas as estruturas superiores ao criptopórtico, a preocupação voltou-se apenas para a relação que seria mantida entre o que foi construído no plano do nível do *cardo* IX com as estruturas internas da *domus* e o que poderiam auxiliar na interpretação para a função do próprio criptopórtico. Exceção a essas abordagens, ainda que sem detalhes arqueológicos aprofundados sobre a Casa do Criptopórtico, pode ser encontrada no trabalho Annapaola Mosca. Boa parte das interpretações aqui realizadas e mesmo do conhecimento dessas estruturas foram realizadas a partir desse seu pequeno e valoroso artigo: MOSCA, Annapaola, Cartagine: topografia degli impianti produttivi e delle area commerciale in età romana e tardoantica. In: MILANESE, M.; RUGGERI, P.; VISMARA, C. (Eds.). **L’Africa Romana 18 (vol. 1): i luoghi e le forme dei mestieri e della produzione nelle province africane**. Roma: Carocci, 2010. p. 615-629.

⁸⁹⁷ MOSCA, Annapaola, Cartagine: topografia degli impianti produttivi. p. 625.

⁸⁹⁸ BALMELLE, Catherine *et al.* **Carthage, Colline de l’Odéon**. p. 249.

⁸⁹⁹ Annapaola Mosca defende a hipótese de que nessa “galeria de lojas” seriam vendidos artigos luxuosos ou produtos perecíveis, dado o posicionamento em meio às *domus* e ao tamanho que possuíam: MOSCA, Annapaola, Cartagine: topografia degli impianti produttivi. p. 629. A interpretação a respeito da existência de outro piso é possível dado a larga fundação do muro de sustentação e arrimo (M3) da estrutura da casa voltado

dessas estruturas, seu *terminus post quem* é alinhado com a construção do criptopórtico, realizada por volta dos anos 400, que deixou a *domus* com aproximadamente 2.250 m².

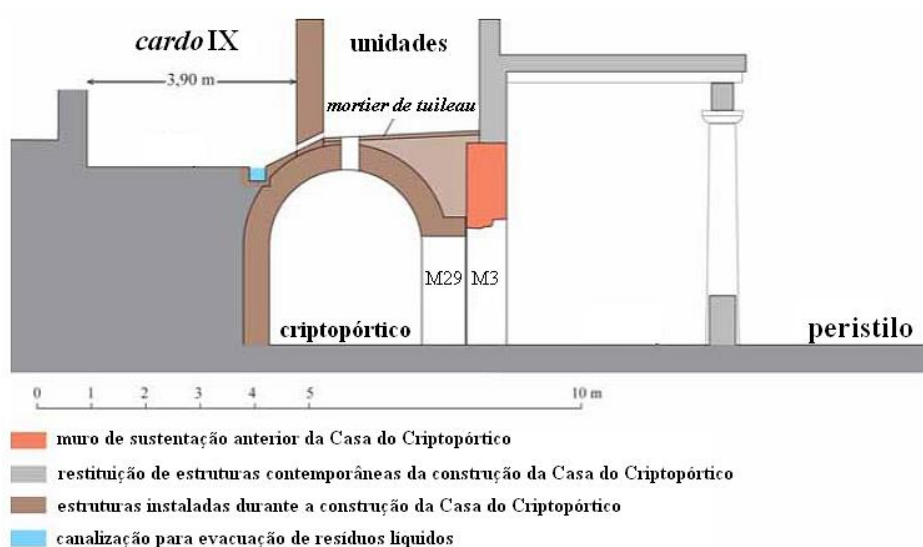


Figura 38: Corte seccional leste-oeste do criptopórtico e das unidades voltadas para o *cardo IX* Leste, após Balmelle *et al.* (2012, p. 248, fig. 300).



Figura 39: Fotografia do *cardo IX* Leste com indicações da estrutura de canalização e das possíveis *tabernae*. Fotografia extraída de Balmelle *et al.* (2012, p. 251, fig. 303).

Outra casa dessa vizinhança apresentou unidades do tipo *tabernae* mais bem definidas. Trata-se da denominada *Maison de la volière* (Casa do Apiário), *domus* que, num momento anterior, foi abordada aqui devido seu avanço sobre o *cardo* VIII Leste⁹⁰⁰ (**Figura 40**). No entanto, as estruturas do tipo *tabernae* instaladas em seu complexo estavam localizadas em outras duas laterais da *insula*, diante do *decumanus* V Norte e do *cardo* IX Leste. Para a construção da *domus* foi preciso um grande esforço de terraplanagem, devido ao declive natural da denominada “Colina do Odeão”, na qual estava situada na face sul da *insula* presente entre os *decumani* IV e VI Norte e entre os *cardines* VIII e IX Leste⁹⁰¹ (**Figura 41**). Esse processo deu espaço a um amplo terraço presente na *domus*, que pode ser dividido em duas partes simétricas, ambas porticadas: uma no flanco ocidental, em conexão com o peristilo e suas galerias repletas de mosaicos (**Figura 40, 1 e 4**), enquanto o oriental circundava, embora sem contato direto, uma ampla sala de recepção lastreada com mármore⁹⁰² (**Figura 40, 18, 20 e 17**).

⁹⁰⁰ Ver o Capítulo 1.

⁹⁰¹ Para termos uma noção, os muros de sustentação a sul e a leste da *insula* estavam, respectivamente, a 5,50 m e 3,50 m do nível das ruas. ENNABLI, Abdelmajid. La maison de la Volière à Carthage: l’architecture. In: **Mosaïque. Recueil d’hommages à Henri Stern**. Paris: Recherches sur les civilisations, 1983. p. 129-145. p. 136.

⁹⁰² Cabe recordar que as relações entre peristilo e o terraço não são bem discerníveis, assim como a possibilidade de conexão entre eles. **Amplissimae atque ornamentissimae domus**, 2. p. 125.

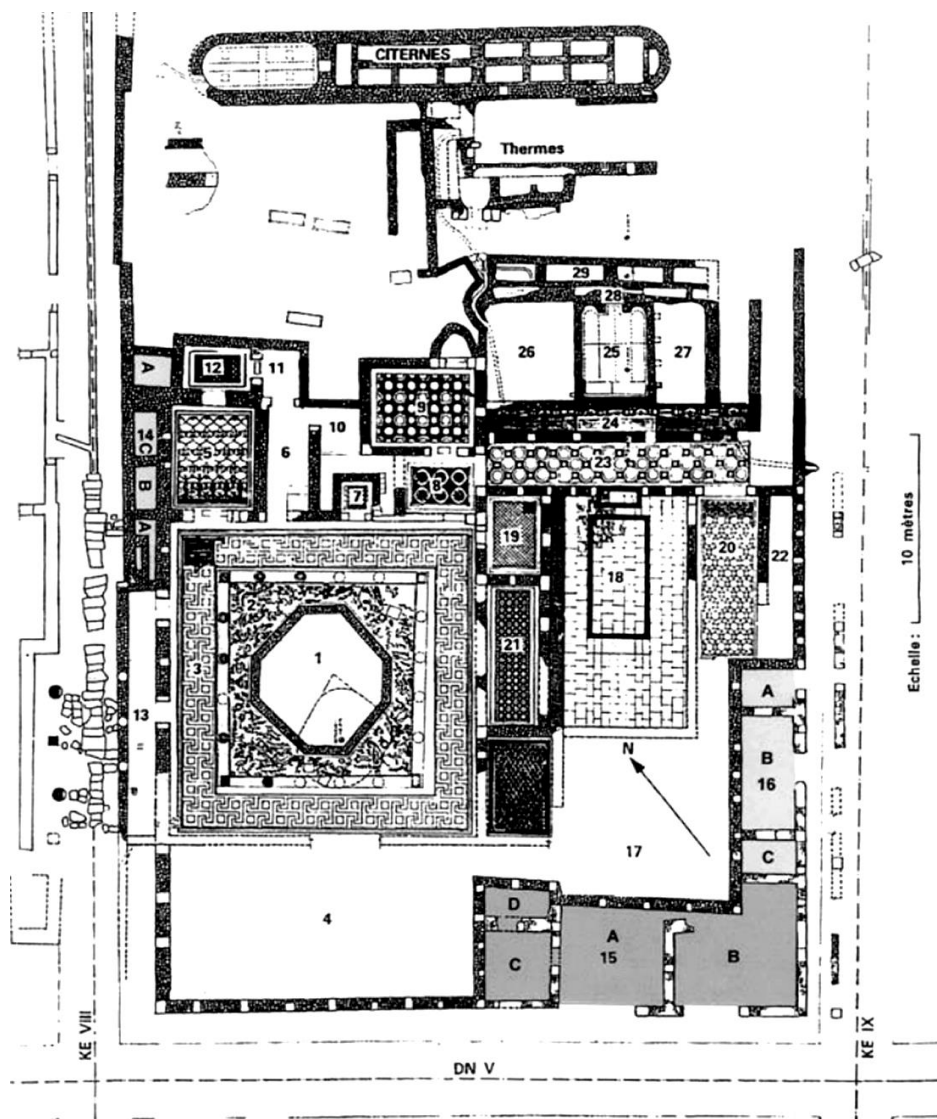


Figura 40: Plano da denominada *Maison de la volière*, após A. Ennabli (1983, p. 142) e A. Mosca (2019, p. 623).

É nesta última parte mais a leste que, no nível comunicante com as ruas e sem contato direto com a *domus*, foram construídas algumas estruturas habitacionais/laborais. Elas estavam distribuídas em dois blocos: um primeiro, denominado 15, voltado para o *decumanus*, possuía quatro cômodos (Figura 40, 15 A-D; Figura 41, A). Dentre esses, os dois maiores, os chamados A e B, possuíam amplas aberturas para a via, que cobriam, em sequência, cerca de 4 m de uma fachada de 6,25 m, e 3 m de uma fachada de 7,25 m⁹⁰³. Ambas as unidades apresentavam grandes dimensões, com leve inclinação da parede ao norte, em que A dispunha de uma profundidade em seu ponto máximo de 5,75 m e no mínimo em

⁹⁰³ Embora parte da nomenclatura dos cômodos proposta por Annapaola Mosca, não sigo as dimensões que ela designa. As medidas apresentadas aqui estão baseadas na conversão de escalas do plano da *domus* elaborado por Abdelmajid Ennabli e, portanto, devem ser consideradas como aproximadas. Ver: ENNABLI, Abdelmajid. *La maison de la Volière à Carthage*. p. 145; MOSCA, Annapaola, *Cartagine: topografia degli impianti produttivi*. p. 623-624.

5,25 m, com uma área mínima em torno de 32 m². Por sua vez, B possuía um formato poligonal não usual, com seis lados, em que sua profundidade ao norte alcançava cerca de 7,25 m em seu ponto máximo e 5,25 m no mínimo, com quase 46 m². Além dessas dimensões, as unidades possuíam uma estreita abertura que as interligavam. Conectada com A também estava C, um cômodo pequeno de formato quadrangular, com cerca de 4,50 m de lado, que não possuía comunicações diretas com o *decumanus*. Outro cômodo ainda menor, denominado D, com leve inclinação de sua parede norte, que lhe rendia no mínimo uma dimensão de aproximadamente 4,50 m por 1,50 m, era acessível apenas por C. Embora não tenhamos maiores registros sobre achados, condições de pavimentos e paredes, além de seu desenvolvimento histórico, por meio de sua forma e de sua localização é possível inferir algumas proposições. Dada as amplas aberturas à rua, podemos pressupor, logo de início, um espaço designado para comércio, para entrada constante de várias pessoas de uma vez. Some-se a essas aberturas o seu posicionamento em um *decumanus* que, apesar da inclinação, era viável em toda sua extensão, num trajeto que, outrora, conectava as termas de Antonio com o teatro e o odeão. Portanto, com as dimensões amplas e a interconexão entre A e B, é viável supor um espaço de preparo, venda e consumo de alimentos, semelhantes aos encontrados em Óstia do período tardio, ou aqueles em Pompeia e Herculano de inícios do Império. A disposição nos permite supor que uma das salas poderia estar voltada para preparo do que fosse servido e a outra para atendimento e acomodação de clientes. Os cômodos C e D, mais internos e reservados, assemelham-se com espaços voltados para armazenagem de produtos e/ou habitação. A altura elevada do muro de sustentação do terraço fornecia pé-direito alto para as unidades, fato que possibilitaria a existência de mezaninos em todos os cômodos. Se pensarmos em um espaço de comércio de comida, cujo preparo envolve combustão, não podemos deixar de notar os impactos que poderiam ter nos dois pequenos cômodos reservados para habitação. De tamanhos diminutos e sem acesso ao *decumanus*, com a possibilidade de existência de janelas apenas em C, a falta de ventilação ampliaria os efeitos caloríferos e o esfumaçar do fogo de preparo dos alimentos.



Figura 41: Acima, fotografia da denominada *Maison de la volière* a partir *decumanus* V Norte, com enquadramento das estruturas da lateral do *cardo* IX Leste. Abaixo, fotografia da mesma domus, outra vez a partir do *decumanus*, agora com destaque para as estruturas que se abrem para esta rua. Ambas as fotos extraídas de A. Ennabli (1983, Pl. XXXII, fig. 1-2).

O denominado bloco 16, voltado para o *cardo* IX Leste, apresenta diferenças significativas em relação ao seu vizinho (*Figura 40, 16 A-C; Figura 41, B*). Era formado por apenas três salas estreitas, todas com profundidade de mais ou menos 2,75 m. O cômodo A encerrava uma unidade própria, com uma abertura de cerca de 1 m para a rua diante de sua fachada de 2,50 m. Os cômodos B e C compunham a outra unidade do bloco. Sua entrada era realizada por uma passagem de 1,50 m, aberta quase que centralizada na fachada de 6,75 m do cômodo B. Ao sul desse cômodo de uma área com cerca de 17 m², estava C, que possuía uma área mais diminuta, igual à de A, com pouco menos de 7 m². Apesar de contarmos apenas com suas dimensões, esses pequenos espaços fornecem alguns indícios para usos. Sua posição

vizinha ao cruzamento do *decumanus* V Norte e *cardo* IX leste, pouco adiante das galerias sobre o criptopórtico mais ao sul, aponta para a possibilidade de seus usos como espaços voltados para o comércio, habitação ou ambos⁹⁰⁴. A diferença mais evidente em seu conjunto fica a cargo da pequena unidade composta somente por A, que, não se pode esquecer, poderia abrigar, tal como todas as estruturas desse ângulo da *insula*, mezaninos amplos. A dimensão apresentada pelo complexo B-C pode significar uma separação e diferenciação dos espaços interiores de modo mais evidente, similar ao modelo típico de *taberna* com um cômodo em anexo, com um espaço para trabalho e outro para habitação.

Desse modo, ainda que com um conhecimento limitado tanto sobre as unidades dispostas na galeria sobre o criptopórtico voltada para o *cardo* IX Leste, quanto a respeito daquelas construídas no sopé da Casa do Apiário, na continuidade do *cardo* IX Leste, em seu cruzamento com o *decumanus* V Norte, é possível afirmar que, mesmo em uma localização com diversas casas luxuosas, pequenas instalações comerciais faziam circular trabalhadores e moradores de grupos subalternos que experimentavam de forma rotineira as contraposições visuais, caloríferas e odoríferas descritas por Agostinho. Os contatos dos que se estabeleciam nessas localidades e aqueles que as frequentavam de forma regular pode e deve ser expandido por outros mais ocasionais, temporários, intervalados, como no caso de abastecedores de mercadorias (desde produtos frescos, perecíveis, provenientes dos campos circundantes até objetos considerados de luxo) que poderiam ser processados e vendidos nessas unidades.

Como aludi, a falta de luminosidade e ventilação contribuía para a impregnação fumosa de um ambiente. Tal proposição, apesar de um tanto pragmática, possui ancoragens nas descrições de experiências sensoriais desse período. É o que demonstra e permite aprofundar nessas questões outra passagem de Agostinho. Uma vez mais a metáfora da boa casa é a que toca no tópico sensorial. Nesta ocasião, ela aparece em uma de suas obras exegéticas/teológicas, a sua *Doutrina Cristã*, de modo mais específico, surge numa menção direta do bispo de Milão, Ambrósio. Tal citação feita por Agostinho tinha como propósito fornecer exemplo de uma retórica argumentativa de estilo simples ao seu leitor. Em contrapartida, o sentido empregado da metáfora de uma casa boa é o de equiparar a casa ao corpo e à alma e demonstrar, desse modo, como organização e disposição interior podem resplandecer e iluminar aquilo que se encontra fora de si. Assim:

⁹⁰⁴ Cf. ENNABLI, Abdelmajid. *La maison de la Volière à Carthage*. p. 136; MOSCA, Annapaola, *Cartagine: topografia degli impianti produttivi*. p. 624.

Uma boa casa deve ser reconhecida do vestíbulo, em que no primeiro passo dado percebe-se que nada em seu interior permanece escondido nas sombras, como se a luz de uma lanterna colocada em seu interior iluminasse o exterior.⁹⁰⁵

Bem logo alguém adentrasse o vestíbulo de uma casa (ou seja, de antemão parte-se de uma casa luxuosa, capaz de possuir tal cômodo de entrada), tudo poderia ser visto e nada repousaria nas sombras. Isso ocorreria não apenas pela existência da luz artificial, mas devido a amplitude e a abertura pela qual a luz externa invadia seu interior. Possibilidade esta que, numa perspectiva inversa, cede meios e espaços para que a luminosidade artificial de *lucernae* no interior da casa fossem capazes de iluminar todo o seu exterior.

Nesse caso particular de uma citação e sem uma audiência diante de si, não há o recurso de exemplos contrapostos para reforçar a inteligibilidade do argumento e isso não era nem mesmo o propósito da referência utilizada. De todo modo, as correlações contrapostas são patentes. Se tais características classificariam uma “casa boa”, as que não possuíssem tais atributos seriam, por consequência, consideradas como “casas ruins”. Ou seja, a falta de luminosidade, dado a diminuta amplitude de suas janelas ou portas, e a consecutiva falta de ventilação aumentavam não apenas a escuridão interna, como também – se estendermos essas noções para o que Agostinho definia como casa boa ou ruim – os efeitos dos odores das fumaças destes espaços de habitação.

Até agora forneci exemplos oriundos da documentação material de como a proximidade espacial colocava em contraste constante formas de estruturações sensoriais proporcionadas por casas interpretadas como boas ou ruins, a partir da oposição entre marmórea ou fumosa pelas fontes literárias, em edifícios com poucas informações documentais sobre as atividades laborais/habitacionais. Os próximos casos pretendem explorar os limites dessas categorizações. Explorá-las de modo a compreender as composições internas e formativas dos espaços ocupados e experimentados pelos grupos subalternos. Para tanto, é necessário sítios que forneçam dados mais substantivos do que os anteriores a respeito de suas utilizações e disposições internas.

⁹⁰⁵ Ambrósio. *De virgin.*, II, 2, 7–8, *apud* Agostinho. *Doc. Christ.*, IV, 21, 48: *Bona quippe domus in ipso vestibulo debet agnoscí, ac primo praetendat ingressu nihil intus latere tenebrarum, tamquam lucernae lux intus posita foris luceat.*

Começo por outro edifício cartaginês, também já abordado quando analisava os avanços dos pórticos sobre as ruas⁹⁰⁶. Trata-se do edifício localizado na *insula* logo ao norte do porto circular, entre os *cardines* XIV e XV Leste. Graças as escavações britânicas na campanha de salvamento do sítio de Cartago, um grande conhecimento de suas composições espaciais e das etapas de seu desenvolvimento histórico foi possível⁹⁰⁷. A começar pela noção geral de que essa região vizinha das docas do porto circular possuía uma longuíssima tradição de espaços voltados para produção e comércio, que, contabilizando suas transformações sucessivas, remontava ao período púnico⁹⁰⁸. De todo modo, importa aqui os aspectos que a estrutura apresentava por volta dos anos 400. Desde meados do século III até o primeiro terço do século V, o edifício manteve suas características gerais de um complexo unificado, composto por 25 cômodos contíguos, com conexões parciais entre si em várias ocasiões (**Figura 7; Figura 42**). Em geral, os cômodos eram simples e sem decoração. Apenas uma grande sala em seu interior fugia dessa regularidade. Era ela a identificada como sala 8, pavimentada com mosaicos geométricos, compondo um provável espaço comum de seus moradores. Essa mesma sala também lhes dava acesso às águas das quatro cisternas que atravessavam seu espaço, instaladas na reforma que unificou o complexo⁹⁰⁹. O muro mais a oeste dessa sala comum abria-se para um possível pátio (**Figura 42, 9**) que, por sua vez, conectava diversas unidades do edifício⁹¹⁰. Por meio da análise de diferentes níveis dos pisos, é provável que o acesso ao pátio fosse realizado pelo corredor largo logo ao sul (**Figura 42, 14**), que também permitia ingresso ao cômodo 15⁹¹¹. Ao lado desse corredor, uma possível escada para os pisos superiores tinha conexão direta com a fachada porticada do edifício (**Figura 42, 13**). Pela sua entrada, poderia existir uma passagem para outra unidade mais a leste (**Figura 42** **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, 12), embora ela também pudesse contar com aberturas para a via⁹¹². Outras unidades também possuíam acesso direto pelas vias (17, 19, 21). Além disso, um pátio alongado (**Figura 42, 16N-16S**); com

⁹⁰⁶ Sobre essa abordagem, ver Capítulo 1.4.

⁹⁰⁷ **Excavations at Carthage. II, 1.**

⁹⁰⁸ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 65.

⁹⁰⁹ Para os componentes da sala 8, ver: **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 24, 78-79. Para a interpretação dessa sala centralizada como *schola* de artesãos e o prédio todo ser um *gynaeceum* imperial, ver: **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 24, 65-66, 68-70. Uma crítica substantiva dessa abordagem, a qual é seguida aqui, foi realizada por: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Travail, habitation et sociabilités populaires dans les villes de l'Afrique romaine: les quartiers commerçants et artisanaux de Carthage et de Timgad. In: FONTAINE, S.; SARTRE, S. e TEKKI, A. (Éds.). **La ville au quotidien: Regards croisés sur l'habitat et l'artisanat antiques** (Afrique du Nord, Gaule, Italie). Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2011. p. 59-69. p. 65-66; *Id. Potestas Populi.* p. 54-57.

⁹¹⁰ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 24, 79-80.

⁹¹¹ **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 83.

⁹¹² **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 81-82.

dispositivos voltados para produção instalados em seu interior, tinha conexão direta com a fachada. Sua forma e posição fazia com que o edifício parecesse composto por duas metades assimétricas. Contribuía para essa impressão o fato de que, ao contrário das unidades vizinhas a leste e a oeste, a fachada desse pátio não possuía pórticos. Um muro o separava do espaço viário em frente ao porto. Apesar desse aspecto descontínuo, a unidade, em seu ângulo mais ao norte (16N), acessava outras estruturas do edifício.

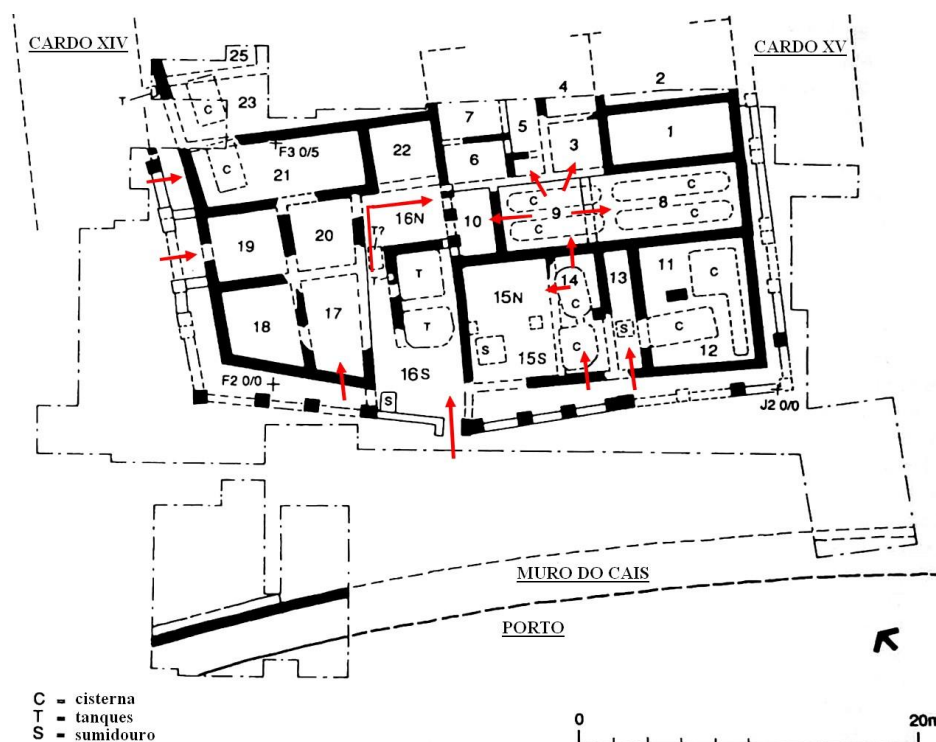


Figura 42: Plano do edifício ao norte do porto circular, com a designação dos cômodos, das entradas e dos meios de circulação, durante os séculos III e V de nossa era, após H. Hurst (1994, p. 23, fig. 2.5) e J.C. Magalhães de Oliveira (2012, p. 92, fig. 15).

A organização geral do edifício apresentava uma série de indícios que apontam para níveis elevados de concentração e circulação de pessoas em seus espaços, tanto no piso térreo quanto nos andares superiores. As pequenas unidades que compunham o complexo forneciam espaços para habitação e trabalho, seja com possíveis atividades comerciais, seja com, sobretudo, atividades de produção. Dentre as diversas práticas artesanais realizadas ao longo de sua história, três atividades produtivas possuem evidências mais substantivas para essa fase do edifício no século V⁹¹³. Uma primeira era a fabricação de objetos em vidro, pois vestígios consideráveis de vidro bruto foram encontrados nos cômodos 5 e 7. A segunda diz respeito a uma possível produção de salgas e molhos de peixes, dado a implantação de dois grades

⁹¹³ Excavations at Carthage. II, 1. p. 92–108.

tanques impermeabilizados num pátio a céu aberto do edifício, cômodo 16⁹¹⁴. A terceira foi a atividade para a qual se encontrou mais evidências conclusivas de sua prática no sítio, a metalurgia em ferro e cobre, em especial no cômodo 15.

Para explorar a composição sensorial desses espaços, vou me deter um pouco mais na análise deste último cômodo (**Figura 43**). Por volta dos anos 400, o cômodo 15 parece ter sido subdividido em duas partes, com uma dimensão de, mais ou menos, 3 m por 5 m cada. Além de auxiliar na sustentação de pisos superiores, tal qual encontradas em outras unidades do complexo (por exemplo, em 11/12), duas pilastras instaladas na quase que na metade do cômodo 15 demarcariam a transição de suas divisões internas. Divisão que pode ser demonstrada pelos usos associados com cada uma dessas partes. Os principais indícios de produção metalúrgica provêm do segmento ao norte. A começar por diversos fornos pequenos utilizados de modo simultâneo ao longo de vários momentos e que, mesmo com reconstruções e reparos sucessivos, mantiveram essa característica plural. Com isso, a unidade chegou a poder contar com o uso sincrônico de, no mínimo, três fornos para atenderem às demandas produtivas⁹¹⁵. Escórias de ferro e cobre, ao lado de restos de cobre para possíveis refunções e uma possível *tuyère* (“tubeira”) para os fornos também faziam parte desse conjunto de evidências do trabalho com metais. Os fornos e a maior parte desses achados estavam instalados próximos mais a oeste de 15N, nas proximidades do muro que dividia o cômodo do pátio vizinho (16). Essa organização deixava bom espaço de circulação para uma possível entrada a partir do corredor 14. Não há como saber se a unidade possuía uma abertura para o pórtico. O mesmo desconhecimento é dado em relação a um grande fosso quadrangular em 15S, com cerca de 1,50 m de lado e 1,30 m de profundidade e revestido com pedras. No entanto, é possível que pertença a um período posterior, após o século VI, ou que tenha entrado em desuso num momento anterior, pelo menos, ao século IV⁹¹⁶. Porém, um

⁹¹⁴ Sigo aqui a interpretação dos tanques encontrados na sala 16S como destinados à salga de peixes elaborada por MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Travail, habitation et sociabilités. p. 64–65; *Id. Potestas Populi*. p. 53. Esta posição contraria a interpretação de que se tratasse de cubas para tingimento e lavagem de roupas, como proposta por Henry Hurst, dado a falta de um sistema de aquecimento para os banhos de tintura, além de que os tanques seriam profundos demais (de 1m a 1,5m) para a imersão e trato com os tecidos. Para a posição de Hurst, ver: **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 92–98.

⁹¹⁵ Para a especificidade desses pequenos fornos: **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 101.

⁹¹⁶ A diferença se dá porque o sumidouro foi selado e preenchido com novas intrusões em momentos sucessivos, sendo que as últimas camadas sobreviventes apontariam para seu encerramento último no século VI. Contudo, há a possibilidade de que, devido sua construção ser mais antiga, tenha passado não apenas por fases supressão, mas de reformas que, devido espoliações, não estariam mais presentes. **Excavations at Carthage. II, 1.** p. 199. Henry Hurst propõe a existência dessa estrutura mesmo antes, para o século V. Hurst interpreta a estrutura como um sumidouro, que estaria associado com atividades líquidas que também poderiam ser desenvolvidas nesse espaço. Sua atribuição para essa função à estrutura encontrada é embasada como uma associação entre o trabalho com metais e as atividades de extração de pigmentação e corantes. Nada nega a possibilidade dessa instalação ter

importante dado é sabido sobre o que recobria esse suposto sumidouro: durante o intervalo de tempo aqui tratado, o pavimento do cômodo 15 apresentava uma inclinação que, ao todo, chegava a somar cerca de 0,20 m de declive, com seu ponto mais baixo na parte norte. Tal desnível poderia estar atrelado a uma forma de otimização de escoamento d'água ou de demais líquidos no interior do cômodo. Isto pode implicar em atividades laborais que envolviam uso recorrente de líquidos. No entanto, é preciso lembrar que as atividades de uma forja envolvem a utilização de água, necessária para o resfriamento das peças em trabalho⁹¹⁷. Algumas vasilhas em cerâmica encontradas alocadas diretamente no piso, em conjunto com uma estrutura de profundidade razoável instalada bem no centro do cômodo 15, poderiam servir como recipientes de armazenamento para água necessária na metalurgia⁹¹⁸. Mesmo com essas características, não se pode excluir outros usos para essa parte sul do cômodo. Três configurações chamam mais a atenção e se enquadram com as formas de outras unidades do complexo: 1. O cômodo 15S, com abertura para o pátio, seria uma espécie de entrada e espaço de recepção anterior, com a forja ao fundo. 2. A existência de uma outra prática laboral, relacionada com líquidos, mas que, contrário ao que Hurst imaginou, dificilmente seria para a produção de pigmentos. 3. Com o acesso apenas pelo corredor, em 15N, a parte mais ao sul seria um espaço voltado para uso doméstico, com a possibilidade de existência de um mezanino, cuja escada de acesso estaria sobre o sumidouro, tal como ocorre na possível escada que estaria em 13. Nesta última possibilidade, a instalação do sumidouro poderia estar conectada com a eliminação de águas sujas e demais formas de resíduos líquidos. Disposições como essa foram bem registradas em Óstia, em geral identificadas como utilização para cozinhas ou, na maior parte dos casos, como latrinas⁹¹⁹. Quase certo que essa instalação não estaria atrelada a uma latrina, porém, dado a falta de esgotos das unidades na face sul de todo

funcionado como um sumidouro do cômodo 15, o que, dado suas dimensões, denotaria uma grande atividade com uso de líquidos. Contudo, como Hurst destacará, o desnível do cômodo encontra seu ponto mais baixo em 15N e, caso você utilizado não em 15S. Isso implica que, mesmo com uso do sumidouro, o curso de vazão das águas sujas rumaria na direção oposta. Nesse momento, o argumento de Hurst se aglutina com suas demais interpretações para a totalidade do edifício. A designação dessas duas atividades num mesmo espaço vai ao encontro da tese de uma ingerência imperial nas produções têxteis. Nesse sentido, retomo aqui as críticas já realizadas por: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Travail, habitation et sociabilités populaires. p. 64-66; *Id. Potestas Populi*. p. 53-57.

⁹¹⁷ SERNEELS, Vincent. La chaîne opératoire de la sidérurgie ancienne. In: FEUGÈRE, M.; SERNEELS, V. (Eds.). **Recherches sur l'économie du fer en Méditerranée nord-occidentale**. Montagnac : Editions Monique Mergoïl, 1998. p. 7-44. p. 27-29, 35-36.

⁹¹⁸ Embora Hurst proponha outros usos para essas instalações, ele também traz a interpretação realizada por Ronald F. Tylecote, na qual me embaso. **Excavations at Carthage. II, 1**. p. 192.

⁹¹⁹ SCHOEVAERT, Julien. **Boutiques d'Ostie: l'économie urbaine au quotidien**, Ier s. av. J.-C.-Ve s. ap. J.-C. Rome: École française de Rome, 2018. p. 74. Casos similares podem ser encontrados em Herculano: MONTEIX, Nicolas. **Les lieux de métier : boutiques et ateliers d'Herculanum**. Naples: Publications du Centre Jean Bérard, 2010. p. 80-87, esp. p. 84.

complexo⁹²⁰, seria uma possibilidade de dispositivos possíveis de associar com a existência de cozinhas e atividades relacionadas com o preparo de alimentos.

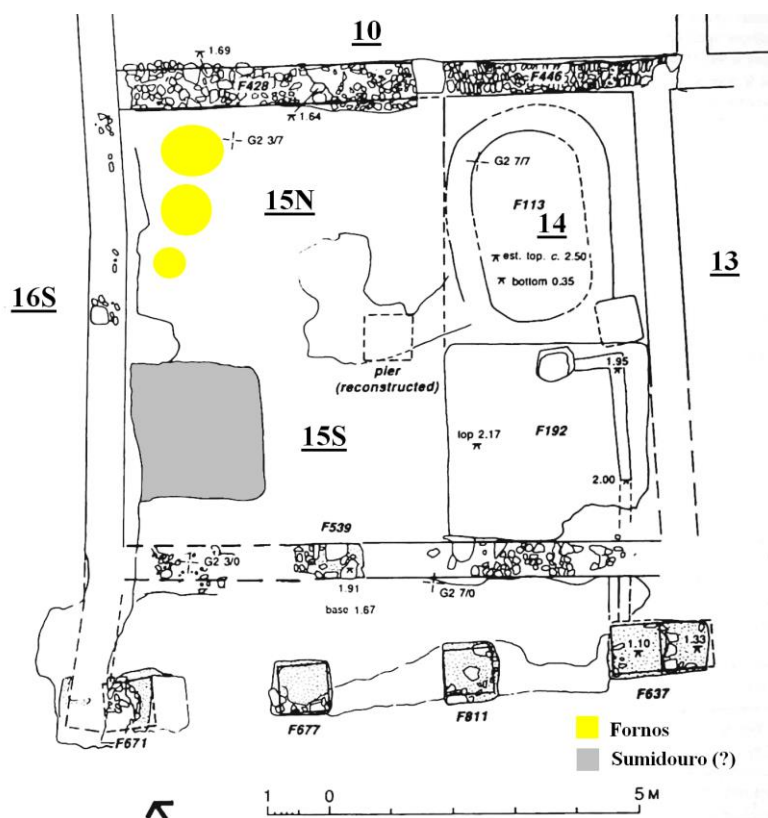


Figura 43: Plano do cômodo 15 e de seu contexto vizinho no edifício, após H. Hurst. Imagem original extraída de *Excavations at Carthage. II, 1* (p. 191, fig. 12.60).

Trabalhando com a hipótese desta última configuração espacial, embora os argumentos também sirvam para as demais, os fornos continuariam a alimentar uma produção que, ao que tudo indica, trabalhava com a produção de, pelo menos, pregos e/ou agulhas⁹²¹ em ferro, cobre ou uma liga dos dois⁹²². Diversos moldes em argila foram encontrados no cômodo⁹²³ (*Figura 44*). Mesmo que concentrada no ângulo oposto ao que pode ser chamado de domiciliar, a produção deveria afetar não só com a fuligem e cinzas impregnada nos pisos e paredes, como no calor e no odor do local, pois, para atingir pontos de fundição do metal trabalhado, a temperatura dos fornos deveria atingir entre 600-1100°C⁹²⁴. Ainda que uma

⁹²⁰ Possíveis dutos voltados para esgoto no pórtico ao sul do cômodo 15 foram registrados apenas para períodos posteriores, entre os séculos VI-VII. *Excavations at Carthage. II, 1*. p. 29.

⁹²¹ Como apenas os moldes foram encontrados, além de alguns exemplares de pregos, que poderiam estar em contextos de uso, não de produção, não se pode descartar também a possibilidade de fabrico de outros instrumentos finos e alongados como, por exemplo, grampos de cabelo.

⁹²² *Excavations at Carthage. II, 1*. p. 83.

⁹²³ *Excavations at Carthage. II, 1*. p. 25-26; 102-105.

⁹²⁴ SERNEELS, Vincent. La chaîne opératoire de la sidérurgie ancienne. p. 27; *Id.* Le travail du fer. In: REYMOND, S.; ESCHBACH, F.; PERRET, S. (Eds.). *La villa romaine du Buy et sa forge: dernières*

parede tenha sido construída para separar ambos os espaços, os meios para obter luminosidade e ventilação deveriam ser limitados, se contarmos que seriam providos por janelas voltadas para o pórtico ou para o pátio vizinho, quer no nível térreo, quer no do mezanino. Essa limitação deve ser acrescida da dimensão diminuta desse cômodo 15S, com uma área perto de 15 m². Outra questão que segue em aberto e que implica de modo incisivo nas experiências sensoriais desse espaço é sobre a existência ou não de uma cobertura sobre o cômodo 15N. Por questões práticas de liberação de fumaças e calor, Hurst sugere que essa lateral do cômodo fosse a céu aberto, e funcionasse como um pátio. Contudo, também em termos práticos, embora não seja uma regra estrita, “Uma certa penumbra pode até ajudar a avaliar a cor do metal e, portanto, sua temperatura”⁹²⁵. Assim, caso o cômodo 15N fosse de fato um espaço aberto, não é absurdo imaginar que possuía alguma espécie de cobertura, ainda que parcial, até mesmo para proteção dos fornos. Se essas coberturas (parcial ou completa) existiram, deve-se imaginar saídas/entradas de ar voltadas para o pátio 16.

Em síntese, o edifício era um verdadeiro complexo de atividades artesanais. Diversos trabalhadores ocupavam o espaço de cada oficina. Proprietários e mestres artesãos, aprendizes, empregados (livres e/ou escravos) e familiares participavam na organização do trabalho e somavam seus corpos na composição sensorial de cada oficina/loja. A combustão dos fornos dessas instalações – seja de trabalho em metalurgia ou em vidro, seja para uso doméstico de preparo de alimentos – em espaços diminutos deveria, de fato, demarcar a composição sensorial do cômodo, manchar suas paredes com fuligem e deixar corpos e roupas dos trabalhadores e habitantes defumados. Nesse caso, as práticas e as relações de trabalho demarcavam elementos sensoriais existentes no espaço doméstico. Ambos se imiscuíam não apenas porque eram familiares e poderiam participar dessas relações de produção, mas, como dito, os lugares de trabalho também poderiam ser espaços de morada de seus proprietários ou trabalhadores.

découvertes à Cheseaux, Morrens et Etagnières (canton de Vaud, Suisse). Lausanne: Imprimeries Réunies Lausanne, Cahiers d'Archéologie Romande (115). 2009, p. 55-56.

⁹²⁵ SERNEELS, Vincent. La chaîne opératoire. p. 36: *Une certaine pénombre peut même l'aider à apprécier la couleur du métal et donc sa température.*

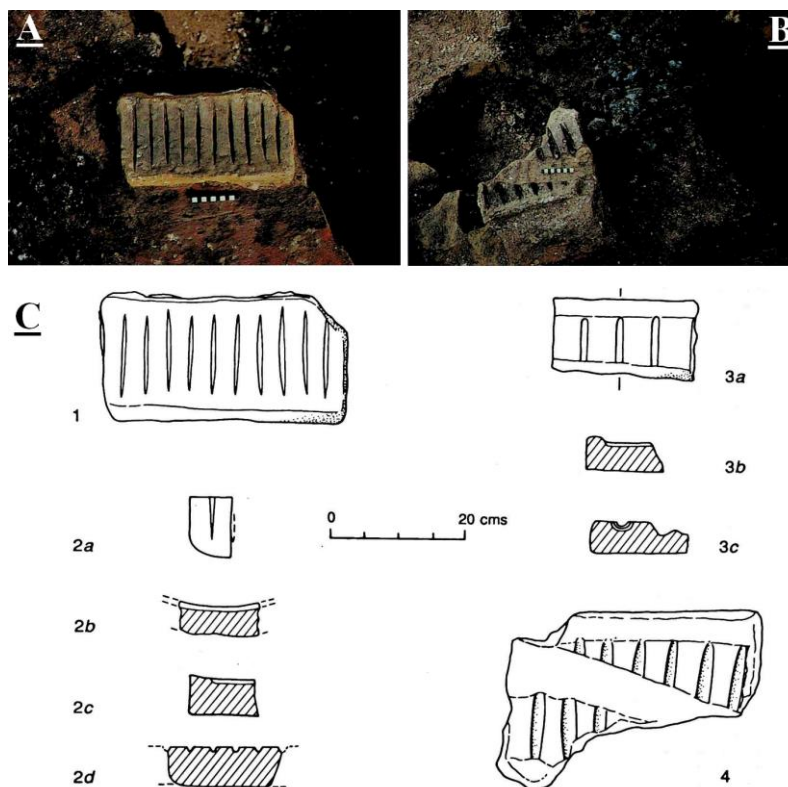


Figura 44: Moldes em argila utilizados para produção de objetos em ferro/cobre. A-B, fotografias de moldes quando encontrados em sítio, extraída de *Excavations at Carthage. II, 1* (Pl. 3.b-c); C, representação de detalhes dos moldes encontrados em sítio, extraída de *Excavations at Carthage. II, 1* (p. 104, fig. 9.1).

A experiência formativa realizada nesses ambientes com os calores, com os odores das fumaças, com a fuligem das paredes deveria compor os modos como os grupos subalternos experimentavam outros espaços urbanos, fossem eles habitacionais, lúdicos, religiosos, de congregação, de reunião, de passagens e deslocamentos. Nessa organização laboral/habitacional, os modos estruturados como corretos de organizar os espaços internos, de dispor subdivisões para usos determinados, mesmo que muitas vezes não materializadas ou que a sua materialidade não tenha sobrevivido, de designar funções que poderiam ser modificadas no decorrer do dia e da noite, compõem um repertório que os guia para experimentar, avaliar e qualificar as percepções sensoriais realizadas em outros espaços. Isto significa que, na constituição desse *habitus* sensorial particular, as atribuições classificatórias que Agostinho evocou para sua audiência e para seus leitores não deveriam ser de todo aceitas como unívocas. Os *habitus* sensoriais de grupos sociais como os trabalhadores dessa unidade, e de muitas outras similares que deveriam existir, forneciam-lhes estruturas perceptivas que poderiam compreender esses espaços para além da aceitação de sua negatividade e, por conseguinte, rejeição. Desse modo, os contrastes evocados pelo bispo nas qualificações do que seria bom ou ruim e as classificações daquilo que seria desejável na organização de uma habitação representariam a expressão de um determinado tipo de *habitus* sensorial, produzido

em espaços formativos das experiências de atores sociais pertencentes as elites. Em contrapartida, as enunciações de Agostinho demonstram ainda uma outra questão: os pontos de contatos existentes entre *habitus* sensoriais distintos e distintivos. No caso de seu sermão, seu ato de enunciar a diferença e fornecer sentido cognitivo às experiências sensoriais formadas nos espaços habitacionais traz para superfície formas de significações que circulavam, que tinham a capacidade de serem significativas (de forma positiva ou negativa) para quem as ouvia. Isto demonstra que, ao lado da estruturação dos *habitus* sensoriais dos trabalhadores urbanos em seus espaços habitacionais/laborais, os diferentes campos sensoriais urbanos experimentados, somados com as interações entre atores de grupos sociais distintos e as valorações que atribuíam a determinados sentidos e experiências, tinham papéis importantes nos modos de construção das percepções a respeito dos *habitus* sensoriais constituídos. Essa interação aponta para as possíveis dinâmicas às quais os *habitus* sensoriais poderiam se submeter.

Creio que uma estrutura específica de Sabratha apresenta elementos que podem contribuir no desenvolvimento dessas questões dos *habitus* sensoriais dos trabalhadores urbanos. Refiro-me a um segmento específico, Bloco A, presente na denominada *insula* 11, da *Regio* VI (**Figura 45**). Esta *insula* já foi abordada devido seus avanços com colunas sobre o espaço público⁹²⁶. Como visto, na segunda metade do século IV, ela estava plenamente habitada. Todos seus segmentos possuíam mais de um andar. Em conjunto, formava um quarteirão de edifícios pequenos e médios, com unidades voltadas, sobretudo, para o comércio, não apenas de produtos manufaturados, como também para venda de comidas e bebidas. Apenas uma habitação luxuosa fugia desse parâmetro em toda a *insula* (**Figura 17, Bloco B, 13-18a, 22**)⁹²⁷.

⁹²⁶ Sobre a *insula*, ver: Cap. 1.6.

⁹²⁷ CONTICELLO, Baldassare. Saggi di scavo, note e suggerimenti di lettura della *insula* 11 della *Regio* VI di Sabratha. *QAL*, vol. 20, p. 119–157, 2009. p. 127, 133–135.

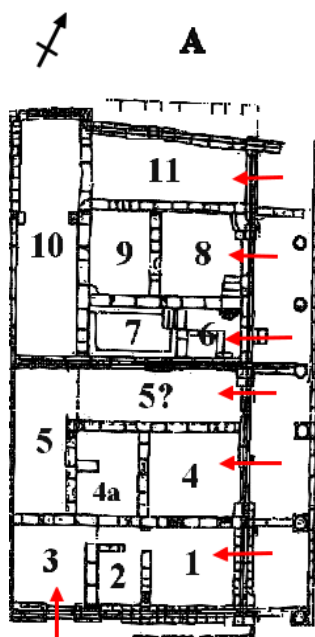


Figura 45: Detalhe do Bloco Ada denominada *insula* 11, *Regio* VI, em Sabratha, com demarcações das aberturas para entrada das unidades. Após B. Conticello (2009, p. 120, fig. 1).

Para explorar a experiência sensorial desses espaços, vou me deter em duas unidades contrastantes do Bloco A. A primeira estava situada bem ao centro da parte sul do bloco e possuía dois cômodos (**Figura 45, 4-4a**): um de entrada, mais amplo e que estava defronte à praça e aos pórticos em sua fachada (**Figura 46**), e outro mais ao fundo, de igual largura e menor profundidade. Este último cômodo não possuía entrada de luz natural, a não ser daquela advinda da sala anterior. Um espaço propício a aumentar o efeito das fumaças das fontes de calor artificial, como fornos e lâmpadas. Aliás, havia nichos para abrigar *lucernae* tanto em seu interior quanto em vários outros cômodos da *insula*⁹²⁸. Sua característica formal é similar às de inúmeras *tabernae*, com a tradicional forma *case-bottega*: um espaço utilizado para comércio voltado para rua e, na parte posterior, um espaço domiciliar ou de despensa (ou ambos de modo simultâneo)⁹²⁹. Ao longo de sua história, infelizmente em um período não datado ao certo, o cômodo mais reservado, 4a, pode ter sido alvo de algumas reelaborações. No entanto, mesmo com suas modificações internas, suas fontes de ventilação e luminosidade continuaram a ser a abertura para a via proporcionada pela entrada da *taberna*⁹³⁰.

⁹²⁸ CONTICELLO, B. Saggi di scavo. p. 131–133, e fig. 14.

⁹²⁹ Uma discussão sobre as difusões das *tabernae* no mundo romano, ver: MAC MAHON, A. **The taberna structures of Roman Britain**. Oxford: Archaeopress, 2003. p. 21–38, 77–78.

⁹³⁰ CONTICELLO, B. Saggi di scavo. p. 131.

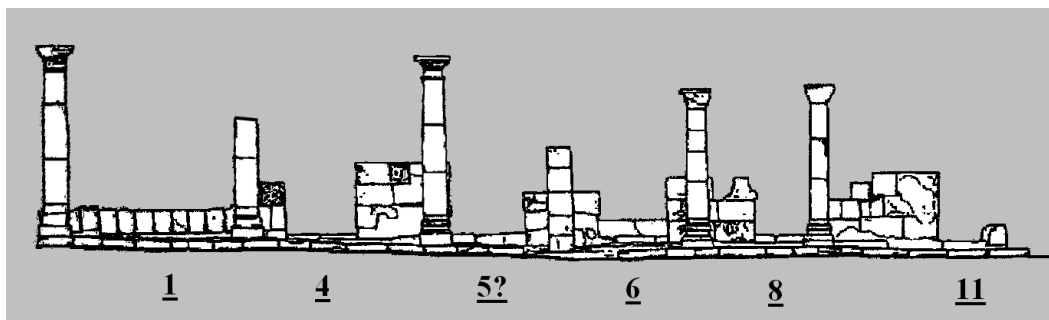


Figura 46: Prospecto da fachada leste da *insula*, face do p\u00f3rtico voltado para a pra\u00e7a, com indica\u00e7\u00f5es dos c\u00f4modos representados. Ap\u00f3s B. Conticello (2009, p. 129, fig. 12.b).

Outro espa\u00e7o voltado para com\u00e9rcio e habita\u00e7\u00e3o desse mesmo \u00e2ngulo sul do bloco apresentava caracter\u00edsticas distintas das encontradas em 4-4a. A come\u00e7ar que possu\u00eda tr\u00eas c\u00f4modos (**Figura 45, 1-3**), que estavam localizados na esquina da pra\u00e7a com a rua ao sul. Dentre os c\u00f4modos, dois tinham acesso ao exterior: um primeiro, c\u00f4modo 3, se abria para a rua lateral ao sul da *insula* por uma pequena porta (**Figura 47**), enquanto o outro, o c\u00f4modo 1, era voltado para a pra\u00e7a, com soleira e batentes que cobriam-lhe quase toda fachada de quase 3 m (**Figura 46**). Um pequeno corredor conectava esses dois c\u00f4modos e dava acesso ao terceiro (c\u00f4modo 2), situado entre ambos. Bem menor do que os anteriores, o c\u00f4modo 2 contava com o fato de que sua parede sul tinha contato direto com a rua e, dado suas estruturas, h\u00e1 ind\u00edcios de exist\u00eancia de uma janela, ainda que pequena (**Figura 47**). Uma de suas paredes abrigava nicho para acomoda\u00e7\u00e3o de *lucernae*. O mesmo ocorria no c\u00f4modo 3. Este que, al\u00e9m da porta, \u00e9 poss\u00edvel que tivesse uma pequena janela voltada para a via (**Figura 47**)⁹³¹.

Apesar de ser uma *taberna* utilizada tamb\u00e9m como espa\u00e7o de habita\u00e7\u00e3o, a diferen\u00e7a com o exemplo da unidade 4-4a \u00e9 marcante. Mas essa diferen\u00e7a \u00e9 constru\u00edda n\u00e3o apenas pelo tamanho e/ou fun\u00e7\u00e3o. Essa tamb\u00e9m era uma unidade diminuta, potencialmente utilizada por outros pequenos artes\u00e3os/comerciantes. Claro, possu\u00eda caracter\u00edsticas que a singularizava nessa face da *insula*, tal como a ampla abertura voltada para e quase alinhada com o p\u00f3rtico, que ainda se destacava pela eleva\u00e7\u00e3o do n\u00edvel de seu pavimento diante do da galeria porticada. Essa amplitude pode denotar que seu espa\u00e7o fosse voltado para abrigar ou atender pessoas em seu interior. Ao mesmo tempo, sua extens\u00e3o demonstra como a diferen\u00e7a era demarcada no \u00e2mbito sensorialidade. Al\u00e9m da larga porta, o duplo acesso ao interior, com uma entrada direta da rua para o espa\u00e7o domiciliar, as aberturas para constru\u00e7\u00e3o de janelas em todos os c\u00f4modos posteriores ao espa\u00e7o de trabalho s\u00e3o alguns dos elementos que permitem

⁹³¹ CONTICELLO, B. Saggi di scavo. p. 131-132.

inferir que os sentidos tiveram um papel importante na configuração final. Assim, contando ou não com atividades comerciais produtoras de calor e fumaça no cômodo 1, como a venda de comidas e bebidas, houve uma procura por ventilação e luminosidade próprias para cada peça interna, de modo a circular os ares, quem sabe tentar eliminar odores fumosos produzidos pela queima do óleo das *lucernae* posicionadas em nichos específicos, embora não saibamos os limites de seus efeitos na eliminação do escurecimento de suas paredes.

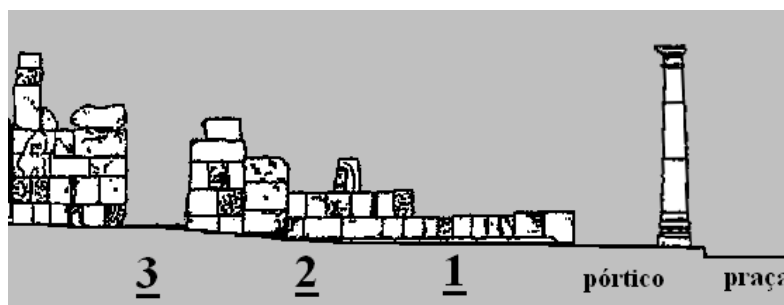


Figura 47: Prospecto da fachada sul da *insula*, com detalhe apenas do denominado Bloco A, com indicações dos cômodos e espaços representados. Após B. Conticello (2009, p. 129, fig. 12.a).

A comparação entre essas duas unidades sabrathenses vizinhas possibilita que encontremos nuances nos aspectos formativos das experiências sensoriais dos trabalhadores urbanos. Portanto, como enquadrar essa diferença para a e na compreensão dos atores e grupos subalternos? Qualquer tentativa de resposta a essa questão não pode apenas simplificar e dissolver as distinções internas dos grupos subalternos. Contudo, como já dito, não deve também se esquecer de suas posições de subalternidade. Esse é um caminho para reconhecer a formação, identificação e ação dos grupos subalternos. A casa pobre de Agostinho poderia indicar uma casa com fogaréu simples em seu interior, apontar para fornos de produção num âmbito doméstico, para falta de iluminação natural e, por consequência, ventilação. A impregnação do cheiro e do aspecto visual esfumaçado poderia demarcar e identificar não só o edifício pobre, como também o próprio local social daquele que o ocupa. Do mesmo modo, esses elementos partilhados pelos moradores e trabalhadores de edifícios como os apresentados constituíam elementos ativos de um campo sensorial comum, de uma mesma “infraestrutura identitária”⁹³². Tinham ação direta nos modos como eram reconhecidos pelos outros e abriam possibilidades para como se reconheciam entre si e a si mesmos. Tais possibilidades, somadas com os contatos com outros espaços que lhes forneciam estímulos sensoriais distintos e com demais atores detentores de *habitus* sensoriais diferentes dos seus, abriam, por sua vez, campo para o desenvolvimento de suas próprias identificações e recusas

⁹³² FLOHR, Miko. Constructing Occupational Identities in the Roman World. In: VERBOVEN, K., LAES, C. (Eds.). *Work, labour, and professions in the Roman World*. p. 147–172. p. 150.

das formas de sentir e experimentar seus locais de habitação, trabalho e de outros que poderiam frequentar. Nesse sentido, a atribuição da casa pobre à fumaça pode gerar também a recusa dessas circunscrições. Pois, para lembrar Pierre Bourdieu, as estruturas estruturadas também podem servir como estruturantes⁹³³; de igual modo, o aparato sensorial se abre para a mudança da forma de percepção.

4.3 Habitar, trabalhar, sentir nos séculos V e VII: estruturações do *habitus* sensorial dos trabalhadores urbanos em novas configurações das cidades

Compreender a formação de *habitus* sensoriais dos grupos e atores sociais subalternos urbanos, como visto, foi um modo de evidenciar as particularidades de suas experiências sensoriais no interior de um espaço comum das cidades, sempre compartilhado com demais grupos e atores sociais. Para além disso, mesmo com todas as dificuldades documentais, o esforço em realocar esses modos de sentir a paisagem urbana apresentou não apenas formas e relações sensoriais distintas, mas também permitiu evocar pontos em que essas existências dissonantes se tornam conflitantes, disruptivas, contraditórias. Em uma dinâmica assimétrica de poder, essas sensorialidades em atrito podem reforçar e legitimar a exclusão de grupos e atores subalternos e de seus locais de maior frequência das dinâmicas urbanas e sociais mais amplas, devido a possíveis atribuições de repulsa e nojo às suas emanações sensórias. Essa é sem dúvida uma das possibilidades desses conflitos entre os modos de sentir e de ser sentido, mesmo quando seus efeitos não tenham sido materializados aos extremos, e que convivências e transgressões existam em todas essas manifestações. Contudo, outras relações também podem ser mapeadas nessas interações dissonantes e conflitantes entre as sensorialidades. Um dos melhores meios de analisar e inscrever esse mapeamento de relações sensoriais é ao longo do tempo. Se indagar a formação dos *habitus* sensoriais forneceu indícios para compreensão de como as cidades poderiam ser sentidas de formas diferentes por diferentes grupos sociais, pode-se dar um passo além e, ainda que de maneira incipiente, tentar abarcar as composições dessas disposições sensoriais ao longo do tempo. A importância desse movimento reside nos esforços em compreender como os *habitus* sensoriais dos trabalhadores puderam ser transformados ou transformar os principais espaços de suas estruturações. Ou seja, investigar a durabilidade dessas disposições adquiridas pelos trabalhadores e perguntar até que ponto (ou mesmo se) podemos dizer que elas estruturaram as experiências sensoriais de um modo diferente. Essas interrogações compelem a analisar

⁹³³ BOURDIEU, Pierre. *Esquisse*. p. 256.

quais eram as condições materiais das cidades, em geral, e dos espaços de trabalho e habitação dos grupos subalternos, em particular.

Para abordar essas questões, começo com um panorama das mudanças nas cidades norte-africanas, de modo mais geral, mas com atenção particular para Cartago, Leptiminus e Sabratha. A escolha desses sítios não é ao acaso. As duas primeiras cidades, em especial, apresentam fontes materiais valiosas para indagar as estruturações do *habitus* sensorial dos trabalhadores urbanos. Some-se a isso o fato de que para Cartago temos a possibilidade de situar esses espaços de trabalho e habitação dos grupos subalternos num quadro mais amplo de mudanças. Por fim, passo para as implicações dessas abordagens.

4.3.1 Mudanças das topografias urbanas: dois momentos de ruptura na história urbana

O período que vai da metade do século V até inícios do século VII é marcado por profundas modificações das estruturas urbanas, assim como por problemas em identificar processos de formação dessas mudanças e estabelecer cronologias mais seguras sobre suas ocorrências. É um recorte que congrega também dois grandes fenômenos políticos norte-africanos: a consolidação do reino vândalo no cenário político Mediterrâneo a partir da África e, tempos depois, o reestabelecimento imperial romano, agora a partir do poder centralizado em Constantinopla, e suas tentativas sucessivas de fortalecimento. As maneiras pelas quais as estruturas político-econômicas vândalas e romano-bizantinas assentaram modos de dominação e extração de riquezas em partes dos territórios das antigas províncias que formavam a *Africa Proconsularis*, propulsionaram formas distintas de aglomerações urbanas. Essas dinâmicas de assentamento tiveram, de igual modo, embasamentos e repercussões sensoriais.

4.3.1.1. Um primeiro momento: 450-550

É bem comum encontrar nas narrativas historiográficas sobre o desenvolvimento das cidades norte-africanas um corte de seus espaços construídos operado pela dominação e constituição do reino vândalo. Parte dessas noções mais disruptivas deve suas argumentações às narrativas de autores engajados e interessados contra o domínio vândalo, sob a perspectiva oposicionista aos novos conquistadores, como nos relatos iniciais dessa expansão escritos por

Possídio de Calama em sua biografia de Agostinho⁹³⁴, na história combativa de Victor de Vita durante o reinado⁹³⁵ ou nas narrativas sobre a reconquista africana e o fim da dominação vândala de Procópio de Cesareia⁹³⁶. A rapidez e efetividade dessa expansão foi outro elemento que contribuiu para essa visão de uma cisão profunda com o passado romano⁹³⁷. Até hoje historiadores discorrem sobre como teria ocorrido esse processo que vai desde a travessia do estreito de Gibraltar, em 429, até a conquista de Cartago, em 439, e o estabelecimento de um reino com Gunderico e seu título de *rex Wandalorum et Alanorum* (“rei dos vândalos e dos alanos”)⁹³⁸. Outra questão bastante discutida que o título de Gunderico já invoca é a própria composição desses novos conquistadores da África. Longe de comporem uma unidade hermética, eram um aglomerado heterogêneo das mais diversas *gentes*, compostas por alanos e diferentes ramificações no interior dos próprios vândalos, como asdingos e silingos, além de aglomerados de godos, suevos, romano-hispanos⁹³⁹. Esse coletivo multiforme estava organizado em torno de uma elite política e militar. Do pouco que é possível saber de suas formas administrativas, a inserção dos vândalos no mundo mediterrânico como uma força política e econômica ativa ocorreu por meio da apropriação das redes já existentes do período romano tardio⁹⁴⁰. Um desses esforços dessa inserção no Mediterrâneo e nas relações diplomáticas para com seus vizinhos foi a tentativa de obtenção de reconhecimento e legitimidade tanto pelos outros reinos emergentes quanto pelo próprio Império Romano. Para tanto, utilizaram dois modos principais para reconhecimento de sua autoridade e dominação. O primeiro foi a realização de acordos de reconhecimento da legitimidade da dominação das terras das antigas províncias africanas pelo poder imperial romano, como os tratados de 435, que assegurava a paz e estabelecimento de soldados no interior do território conquistado, e, após a captura de Cartago, o firmado com Valentiniano III, em 442, que definiram em termos gerais os contornos da ocupação vândala na África⁹⁴¹. O segundo meio foi o entrelaçamento matrimonial com outras famílias reinantes, cujo caso mais emblemático é, sem dúvida, o de

⁹³⁴ Possídio de Calama. **Vita Augustini**, 28.3-13.

⁹³⁵ Victor de Vita. **H.P.**

⁹³⁶ Procópio. **B.V.** I-II.

⁹³⁷ Um debate atualizado pode ser encontrado em: MERRILLS, Andrew; MILES, Richard. **The Vandals**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p. 52-55.

⁹³⁸ CLOVER, Frank. Carthage and the Vandals. **Excavations at Carthage, VII**. p. 1-22.

⁹³⁹ Cf. Possídio de Calama. **Vita Augustini**, 28.4. Sobre esse tema, conferir as discussões realizadas por: CLOVER, Frank. Carthage and the Vandals. p. 3; LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. Gens into Regnum: the Vandals. In: GOETZ, H.-W.; JARNUT, J.; POHL, W. (Eds.). **Regna and Gentes: The relationship between Late Antique and Early Medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman World**. Leiden, Boston: Brill, 2003. p. 55-83. CONANT, J. **Staying Roman: Conquest and Identity in Africa and the Mediterranean, 439-700**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 49.

⁹⁴⁰ LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. *Gens into Regnum*. p. 74-76.

⁹⁴¹ SCHWARCZ, A. The settlement of the Vandals in North Africa. In: MERRILLS, A.H. (Ed.). **Vandals, Romans and Berbers**. Aldershot: Ashgate, 2004. p. 49-58. p. 56-57.

Hunerico, filho mais velho e sucessor de Genserico, com Eudócia, filha do imperador romano Valentiniano⁹⁴². Esta união em particular era tida como uma maneira de assegurar a continuidade e a seguridade do reino vândalo frente ao Império. O filho de Hunerico e Eudócia não seria apenas o rei dos vândalos, como também representante direto da linhagem teodosiana do império romano⁹⁴³.

Seguindo mais ou menos essa tendência de reacomodações e readequações das estruturas já existentes, a documentação material de algumas cidades norte-africanas aponta que os modos de inserção na paisagem urbana pelas elites vândalas governantes foram estabelecidos num contínuo sobre as bases e as prioridades das elites romanas⁹⁴⁴. A cidade de Cartago fornece uma documentação material imprescindível para esta afirmação⁹⁴⁵. A começar pela apropriação como capital do reino vândalo dessa metrópole que era capital da diocese africana do Império. Além disso, o próprio palácio provincial, ocupado pelo governador da província, na colina de Byrsa, também foi reutilizado como palácio real vandálico⁹⁴⁶. A colina de Byrsa, tal como a vizinha colina de Juno, continuaram abrigar casas luxuosas, que continham sinais de uso contínuo durante o século V, que apresentaram até mesmo reformas e melhorias em suas estruturas durante esse período⁹⁴⁷. Isto sem contar as casas luxuosas nos campos (*villae*) contíguos à cidade⁹⁴⁸, tão celebradas em alguns poemas de autores reunidos na *Anthologia Latina*⁹⁴⁹. A continuidade de uso e as reformas residenciais podem estar atreladas com desapropriações sistemáticas de propriedades de antigos

⁹⁴² CONANT, J. *Staying Roman*. p. 65.

⁹⁴³ CONANT, J. *Staying Roman*. p. 43-44.

⁹⁴⁴ LEONE, Anna. Vandal cities: changing urban forms in 5th century North Africa. In: DE VINGO, P.; PINAR GIL, J. (Ed.). *Romania Gothica IV. Barbares dans la ville de l'Antiquité tardive* : présences et absences dans les espaces publics et privés : actes du Congrès international, Museu d'Història de Catalunya (Barcelona, 12-13 novembre 2010). Sesto Fiorentino, Firenze: All'insegna del Giglio, 2020. p. 209-219. p. 216.

⁹⁴⁵ Uma abordagem mais ampla dessas transformações pode ser encontrada em: BOCKMANN, Ralf. *Capital continuous: a study of Vandal Carthage and central North Africa from an Archaeological Perspective*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2013. p. 23-129.

⁹⁴⁶ Sobre esse edifício, ver as questões levantadas por: BEN ABED, Aïcha; DUVAL, Noël. Carthage, la capitale du Royaume et les villes de Tunisie à l'époque vandale. In: RIPOLL, G.; GURT, J.M. *Sedes Regiae (ann. 400-800)*. Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres, 2000. p. 163-218. p. 189.

⁹⁴⁷ LEONE, Anna. *Changing townscapes in North Africa from Late Antiquity to the Arab conquest*. Bari: Edipuglia, 2007. p. 161-163.

⁹⁴⁸ ROSSITER, J.J. Villas Vandales: le suburbium de Carthage au début du VIe siècle de notre ère. In: *Carthage et son territoire dans l'antiquité. Actes du Ier colloque international sur l'histoire et l'archéologie de l'Afrique du Nord (Strasbourg 1988)*. 1990. p. 221-227.

⁹⁴⁹ Os poemas da *Anthologia Latina* com elogios à monumentalidade e edifícios de Cartago construídos pelos reis vândalos foram reunidos, com crítica textual, tradução e notas, em: CHALON, Michel *et alli*. *Memorable factum*. Une célébration de l'évergétisme des rois vandales dans l'Anthologie latine. *Antiquités africaines*, vol. 21, p. 207-262, 1985. Sobre o contexto social da construção desses poemas laudatórios das construções vândalas, ver: CLOVER, F. *Felix Karthago*. *DOP*, n. 40, p. 1-16, 1986; MILES, Richard. The *Anthologia Latina* and the creation of secular space in Vandal Carthage, *Antiquité Tardive*, vol. 13, p. 305-320, 2005.

habitantes, exilados ou mortos durante as ocupações vândalas⁹⁵⁰. Os investimentos em construções de igrejas também vão ao encontro dessas práticas de inserção na paisagem urbana e na construção do poderio e legitimidade do reino. As oposições teológicas acrescentam mais tons para a construção identitária do reino vândalo. Isto porque a fé cristã dos vândalos, homoianos (“arianos”), considerados hereges após o concílio de Niceia, permitiram-lhes agregar o elemento religioso na construção de sua distinção identitária no território conquistado durante esse contexto conflituoso⁹⁵¹. A tomada de basílicas “católicas” em Cartago, assim como em outras cidades, foi crucial para esta oposição. Contudo, para além da tomada de antigos centros de congregação, em consonância com as práticas já existentes, houve construções de novas igrejas e ampliações de outras. Isso que comprova as reescavações recentes das igrejas conhecidas como Bir el Knissia⁹⁵², localizada na região extra-urbana ao sul, e Bir Messaouda, algumas quadras ao norte do porto circular, entre os *cardines* IX e X Leste e os *decumani* I Sul e *maximus*⁹⁵³.

Essa continuidade, contudo, possuía dois limites. O primeiro era a distribuição geográfica de suas ocorrências. Muitas das cidades que apresentaram contínuos esforços de manutenção urbana, reconstrução e renovações estavam localizadas nos locais em que há indícios de assentamento mais ostensivo e extensivo das elites vândalas⁹⁵⁴. Esses pontos de continuidade são encontrados, sobretudo, nos locais onde eram as antigas províncias da Proconsular, Bizacena, Numídia e, de modo mais complexo e tortuoso, na Mauritânia⁹⁵⁵. Caso diferente ocorreu nas cidades da Tripolitânia, mais distantes do centro de poder estabelecido em Cartago e dos direcionamentos a oeste promovidos pelos reis vândalos ao longo do tempo⁹⁵⁶. Leptis Magna, por exemplo, não obteve essa mesma sorte. Apesar de habitada e bem reduzida, em boa parcela da cidade foi abandonada e, a confiar nos relatos de Procópio,

⁹⁵⁰ MODÉLAN, Yves. L'établissement territorial des Vandales en Afrique. **Antiquité Tardive**, vol. 10, p. 87-122, 2002. p. 104-105.

⁹⁵¹ LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. *Gens into Regnum*. p. 77-81.

⁹⁵² STEVENS, S.T. **Bir el Knissia at Carthage: a rediscovered cemetery church**. Portsmouth: Journal of Roman Archaeology Supplementary Series 7, 1993.

⁹⁵³ MILES, Richard; GREENSLADE, Simon. **The Bir Messaouda Basilica: pilgrimage and the transformation of an urban landscape in sixth century AD Carthage**. Oxford, Philadelphia: Oxbow 2020.

⁹⁵⁴ LEONE, Anna. Vandal cities. p. 209-210.

⁹⁵⁵ COURTOIS, Christian. **Les vandales et l'Afrique**. Paris : Arts et métiers graphiques, 1955. p. 259; MODÉLAN, Yves. Les frontières mouvantes du royaume vandale. In : DUPUIS, X.; LEPELLEY, C. (Eds.). **Frontières et limites géographiques de l'Afrique du Nord antique: Hommage à Pierre Salama**. Nouva edizione [online]. Paris: Éditions de la Sorbonne, 1999. s/p.

⁹⁵⁶ Esta é a oposição defendida por: MODÉLAN, Yves. Les frontières mouvantes. s/p. § 15-16.

boa parte estava coberta pelas areias – e assim continuou, mesmo após as reformas de Justiniano⁹⁵⁷.

O segundo limite encontra-se na forma urbana e dos novos elementos que foram agregados no interior de determinadas cidades que continuaram ocupadas, principalmente nas partes mais internas do continente. A consolidação do domínio vândalo foi acompanhada pela manutenção dos esquemas de produção norte-africano, sobretudo de óleo e trigo. A interrupção do abastecimento *annonario* não marcou um fim desses processos produtivos. Ao contrário, o que vemos durante esse período são indícios de crescimento das atividades comerciais⁹⁵⁸. Desenvolvimento econômico que pode ser admitido até mesmo para melhoria das condições de determinados grupos subalternos, como trabalhadores rurais e habitantes de vilarejos⁹⁵⁹. Contudo, esse processo é acompanhado de mudanças significativas na paisagem urbana, sobretudo a partir da segunda metade do século V. Cidades como Uchi Maius e Thuburbo Maius foram algumas das que, por um lado, apresentaram um renovado potencial produtivo e continuidades dos cuidados urbanos, por outro, sofreram modificações das estruturas de suas topografias. Em Uchi Maius, várias prensas de azeite foram instaladas em diversas regiões do antigo perímetro urbano, inclusive no espaço do antigo *forum*⁹⁶⁰. Já em Thuburbo Maius, um verdadeiro centro de produção artesanal foi instalado no espaço do antigo *Capitolium*, inclusive com a instalação de uma prensa de azeite⁹⁶¹.

Para Anna Leone essas instalações em pleno centro urbano comprovariam, ao lado do *boom* produtivo, o começo de uma indistinção entre processos produtivos associados com o mundo rural e aqueles do mundo urbano⁹⁶². Recentemente, Ridha Ghaddhab defendeu argumentos semelhantes, porém expandiu suas abordagens a outras duas questões a respeito das novas instalações produtivas em ambiente urbano. Sua análise voltou-se para as relações econômicas e políticas que dariam forma a esses novos fenômenos. Assim, investigou se tais

⁹⁵⁷ Procópio. *De Aed.* VI.4.1-4

⁹⁵⁸ LEONE, Anna. Late Antique North Africa: production and changing use of buildings in urban areas. *Al-Masāq*, vol. 15, n. 1, p. 21-33, 2003. p. 25.

⁹⁵⁹ DOSSEY, L. *Peasant and Empire in Christian North Africa*. Berkeley: University of California Press, 2010. 66-97.

⁹⁶⁰ LEONE, Anna. Late Antique North Africa. p. 25; LEONE, Anna. *Changing townscapes*. p. 228; VISMARA, Cinzia (Ed.). *Uchi Maius 3: i frantoi: miscellanea*. Sassari: EDES Editrice Democratica Sarda, 2007. p. 15-17.

⁹⁶¹ GHADDHAB, Ridha. Vie urbaine et activités artisanales dans les villes romaines d'Afrique durant l'Antiquité tardive. In: PANZRAM, Sabine; CALLEGARIN, Laurent. *Entre civitas y madīna: el mundo de las ciudades en la Península Ibérica y en el Norte de África (siglos IV-IX)*. Madrid: Casa de Velázquez, 2018. p. 253-271. p. 266-268; reticências contra a datação no período vândalo foram expressas por: LEONE, Anna. Late Antique North Africa. p. 25-26.

⁹⁶² Cf. LEONE, Anna. Late Antique North Africa. p. 25; LEONE, Anna. *Changing townscapes*. p. 228.

reorientações produtivas iniciadas ou mesmo potencializadas no período vândalo estariam conectadas com uma produção voltada para subsistência ou para a venda de excedentes numa rede de trocas mais ampla e, de modo mais detido, o que essas novas ocupações dos antigos centros urbanos podem dizer a respeito das estruturas políticas das cidades e mesmo dos estatutos jurídicos tidos como definidores das próprias aglomerações urbanas, tais como cidade (*civitas*), vilarejo (*vicus*) ou lugares (*locus*)⁹⁶³. Entretanto, determinados enfoques políticos estruturais como esses de Ghaddhab, que procuram compreender processos como os de instalações de centros de produção em edifícios e espaços construídos urbanos na Antiguidade Tardia acabam questões como a que seguinte: de qual maneira foi possível que a administração pública tenha se transformado ao ponto de não preservar os elementos clássicos da urbanidade ou, por outro viés, como esses mesmos governantes puderam investir suas reservas e cuidados para com a cidade em outros edifícios, como igrejas e complexos episcopais, ou em suas próprias casas luxuosas, deixando em segundo plano a monumentalidade pública de outrora?

O que questões desse tipo demonstram é um pressuposto direto entre a política e a manutenção da materialidade da cidade. Ao abrirmos livros de autores de posições opostas sobre a singularidade do recorte temporal dos anos 300-700, como Peter Brown e Wolfgang Liebeschuetz, para ficarmos com dois amplamente reconhecidos, compreendemos ainda mais que a ênfase política é, de fato, a ênfase na elite administrativa das cidades⁹⁶⁴. A assembleia municipal (*curia*) era a instituição local e relativamente autônoma destinada a construir e manter as amenidades municipais e zelar por seu ordenamento. Os magistrados (*curiales/decuriones*), compostos por homens ricos e influentes em suas localidades, para além destas funções de cuidado municipal, tinham seus deveres para com o Império, em especial com o recolhimento de impostos. Com as reformas fiscais de Diocleciano e Constantino, os pesos tributários se tornaram cada vez mais um fardo para essas elites locais. As formas variadas de tentativa de fuga dessas incumbências foram registradas tanto nas penas infligidas para aqueles que tentassem escapar de suas obrigações, como nas vias alternativas que poderiam seguir, tais como almejar cargos na hierarquia imperial ou ingressar na vida eclesiástica ou monacal⁹⁶⁵. Se acrescentarmos à “evasão” os impactos econômicos e

⁹⁶³ GHADDHAB, Ridha. Vie urbaine et activités artisanales. p. 253, 270-271.

⁹⁶⁴ BROWN, Peter. **Poverty and leadership in the Later Roman empire**. Hanover, London: University Press of New England, 2002. p. 4-5; LIEBESCHUETZ, J. J.H.W.G. **The decline and fall of the Roman city**. Oxford: Oxford University Press, 2001.2001, p. 2-3.

⁹⁶⁵ Para além dos estudos de Brown e Liebeschuetz citados, ver também sobre a organização da *curia* e seus fardos para o período tardio o trabalho de: WARD-PERKINS, Bryan. The Cities. In: CAMERON, A.;

materiais causados pelo aumento dos conflitos com os outros povoamentos, e a perda de controle de grandes centros, como, por exemplo, a própria região da África para os vândalos, teremos o cenário perfeito para explicar a derrocada da monumentalidade e do cuidado para com os espaços públicos.

Contudo, apesar da importância que a *curia* teve para construir e garantir o ordenamento da cidade durante longos períodos da história romana e mediterrânea, partir apenas dela para tentar compreender as mudanças da materialidade urbana demonstra, como muito bem apontou Lucy Grig, o local de onde os próprios pesquisadores iniciam e finalizam suas pesquisas: do ponto de vista dos grupos dirigentes das cidades. Dessa posição “tendem a lamentar o fim do governo curial tradicional, o abandono das casas de elite em áreas intramurais, e a transformação do uso dos monumentos tradicionais vistos como símbolos da cultura clássica (de elite)”⁹⁶⁶. Não é difícil descobrir que essa perspectiva auxilia pouco na compreensão das maneiras pelas quais as mudanças urbanas afetaram e foram afetadas por grupos sociais distintos. Deficiência que pode ser apontada quando analisa como as mudanças urbanas engendraram e puderam ser o espaço de inscrição dos *habitus* sensoriais dos grupos subalternos urbanos. Em síntese: quais eram as experiências e as formas de agir desses grupos no interior de um novo panorama urbano?

Responder essa questão requer, sobretudo, investigar as relações entre as materialidades das cidades e as dos espaços constitutivos dos *habitus* sensoriais dos grupos subalterno, isto é, seus espaços de trabalho e locais de habitação. Isso pode ser visto a partir de alguns casos delimitados, que nem sempre são evidências diretas que podem ser atribuídas a setores de produção, mas que apresentam indícios de usos comerciais e mesmo habitacionais, após as mudanças de suas formas anteriores.

Começo com um caso extraído de Cartago, ocorrido em uma das prestigiosas artérias da cidade, o *cardo maximus*, na sua extensão ao sul. Desde o século III, seu traçado era imponente, com largura maior que as demais vias, com cerca de 11,40 m, e adornados com

GARNSEY, P. (Eds.). **The Cambridge Ancient History**: Volume XIII, The late Empire, AD 337-425. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 371-410.

⁹⁶⁶ GRIG, Lucy. Cities in the ‘long’ Late Antiquity, 2000–2012 – a survey essay. **Urban History**, vol. 40, n. 3, p. 554-566, 2013. p. 564: *That is, scholars have tended, consciously or not, to identify themselves with the class running the (late) ancient city, and tended to lament the passing of traditional curial government, the abandonment of elite housing in intramural areas, and the transformation in the use of monuments traditionally seen as symbolic of (elite) classical culture.*

pórticos colunados em sua extensão⁹⁶⁷. Porém, por volta da metade do século V a situação era outra. Os pórticos do *cardo maximus* foram apropriados pelos edifícios que lhes precediam (**Figura 48**). As escavações da equipe francesa de salvaguarda da UNESCO dos anos 1970 demonstraram, a partir das técnicas construtivas e da composição dos muros, que esse apoderamento ocorreu em um processo gradual, talvez iniciado no fim do século anterior, que teve seus contornos finais, tais como encontrado, no século VI. As lajotas da pavimentação foram em partes removidas e, em especial, muros avançaram na direção dos pórticos e aproveitaram suas estruturas, assim como a base de escadas de um antigo templo localizado aos pés da colina de Byrsa, para a construção de novos e pequenos edifícios⁹⁶⁸. Apesar do avanço em direção às ruas, os canais de esgoto da via, no entanto, parecem não ter sofrido com as mudanças. O espaço público de outrora dava lugar a uma série de edifícios em formato de unidades celulares. Não é possível saber se esses edifícios eram oficinas, lojas, habitações ou uma possibilidade mista dessas, mas, com toda certeza, é possível inferir que seus habitantes e usuários eram membros pertencentes aos grupos subalternos da cidade. Algo semelhante ocorreu com o *decumanus maximus*, quando a oeste de Byrsa (**Figura 49**). As evidências para essa mudança são mais escassas. Após uma sondagem e pequena escavação realizada no sopé da colina, nas proximidades da atual Boulevard Pasteur, foi constatada a existência de uma larga via porticada. Em período tardio não identificado, as colunas também foram encerradas por muros, inclusive com a soleira de uma porta reempregada em uma possível abertura. Uma cisterna chegou a ser construída na via. Ao fim, com as novas estruturas que englobavam pórtico, a rua foi diminuída para cerca de 3,95 m⁹⁶⁹.

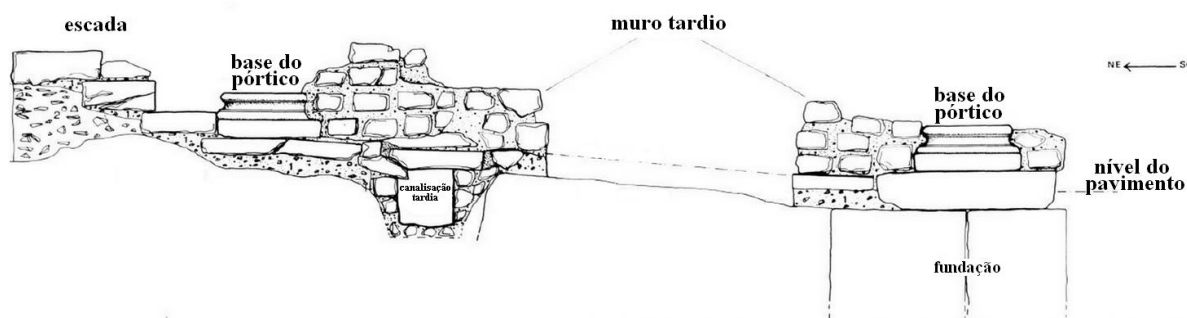


Figura 48: Corte longitudinal sobre o *cardo maximus* com representação das estruturas do pórtico: escada, pilastras, muros tardios. Após F. Villedieu (1979, p. 163, fig. 24)

⁹⁶⁷ Embora evidências da presença do pórtico tenham sido encontrada nas proximidades com a coluna de Byrsa: DENEAUVE, Jean; VILLIEDIEU, François. *Le cardo maximus et les édifices situés à l'est de la voie* (fouille de 1974, 1975 et 1976). In: **Byrsa I**. p. 143-176, p. 147, 149.

⁹⁶⁸ DENEAUVE, Jean ; VILLIEDIEU, François. *Le cardo maximus*. p. 151.

⁹⁶⁹ LADJIMI-SEBAÏ, Leïla. *Le Decumanus maximus* de Carthage. **CEDAC-Carthage**, vol. 15, p. 32-34, 1996.



Figura 49: Fotografia da pavimentação do *decumanus maximus* com indicação das estruturas posteriores que avançaram sobre seu espaço e sobre o pórtico adjacente. Imagem extraída de L. Ladjimi-Sebai (1996, p. 33, fig. 3).

A experiência de *cardo* e *decumanus maximus* estava modificada. E isto para além de seus estreitamentos. Fazer uso desses novos edifícios, quer para habitar, quer para trabalhar, ou para ambas as atividades, marcava uma nova relação de visibilidade presente neste espaço. Pode ser argumentado que o prestígio dessas localidades não existisse mais como outrora há tempos e que, portanto, a importância de habitar naqueles espaços já não fazia tanta diferença. Se, por um lado, é fácil concordar com essa afirmação por conta da escassez documental sobre as condições dessas vias nesses períodos tardios, por outro, quando as inserimos em um contexto regional mais amplo, o quadro muda um pouco de figura. Em um passado não tão longínquo desse processo de ocupação dos pórticos, situava-se não muito distante, ao menos do *cardo maximus*, o *vicus argentariorum*. Basta lembrar o que foi apresentado sobre essa via no primeiro capítulo para ganhar uma dimensão de como ela era focal e prestigiosa na paisagem e na memória da cidade durante segunda metade do século IV até inícios do V⁹⁷⁰. A mudança dos grupos que agora ocupavam demonstra, para além das questões de permissão e regulamentação ou não de suas instalações, uma nova política de visibilidade, de demarcação de presença. Viver/trabalhar naquela que um dia foi a principal via da cidade e que ainda dava acesso aos edifícios políticos centrais da vida pública, colocava tanto em evidência os locais de produção e troca que ali poderiam se instalar, quanto facilitava o acesso a várias outras

⁹⁷⁰ Sobre *vicus argentariorum*, ver o Capítulo 1.

áreas, edifícios e amenidades de seu entorno. Infelizmente, não há maiores detalhes sobre a composição interna dessas ocupações.

Existem evidências que demonstram essas apropriações de antigos espaços centrais das cidades, sobretudo do ponto de vista da administração política, ocorreram em Sabratha, embora apresente elementos que indiquem que tenham sido de outra natureza. Ao longo do século IV, o pórtico localizado ao sul do templo conhecido como de *Liber Pater* foi alvo de uma série de construções que lhes subdividiram em pequenas unidades celulares, em verdadeiros formatos de *tabernae*. Infelizmente, outra vez a documentação nos limita a saber as atividades que eram ali realizadas ou mesmo por quanto tempo permaneceram em uso⁹⁷¹. Mas isso não é o que ocorre num fenômeno ocorrido na *insula 5, Regio II*, construída ao norte do precinto do antigo templo. As pequenas unidades que abrigava parecem ter tido funções de habitações e de espaços comerciais em seus momentos iniciais de construção, tal como as demais *insula* mais ao norte, localizadas entre o *forum* e a faixa litorânea. Contudo, dois fornos foram instalados nas estruturas da *insula*. Um estava apoiado aos muros da abside do antigo templo e o outro na sala vizinha⁹⁷². Em outros dois cômodos da parte oeste da *insula* foram encontradas estruturas em pedra utilizadas para preparo do trigo e da massa (**Figura 50**). Quando interpretadas em conjunto, todas essas mudanças demonstram a instalação de uma padaria cujos elementos para o processo de preparação de pães dominaram todas as antigas unidades da *insula*⁹⁷³.

⁹⁷¹ Os escavadores insistem na tese de que as estruturas nunca foram concluídas, devido ao terremoto do ano de 365 ou às invasões de grupos como os Austuriani, embora não haja elementos estratigráficos precisos que defendam essa posição. O mesmo pode ser dito para a parte norte do pórtico: dado suas condições de conservação no momento da escavação, não se sabe quais foram seus usos nesse mesmo período: **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 29, 31; com outra posição a respeito da interrupção: KENRICK, Philip. Excavations at Sabratha. *Libyan Studies*, v. 13, p. 51-60, 1982. p. 54.

⁹⁷² **Excavations at Sabratha 1948-1951**. p. 121; para uma reavaliação, ver: WILSON, Andrew. Commerce and Industry in Roman Sabratha. *Libyan Studies*, 30, p. 29-52, 1999. p. 48.

⁹⁷³ WILSON, Andrew. Commerce and Industry. p. 48.

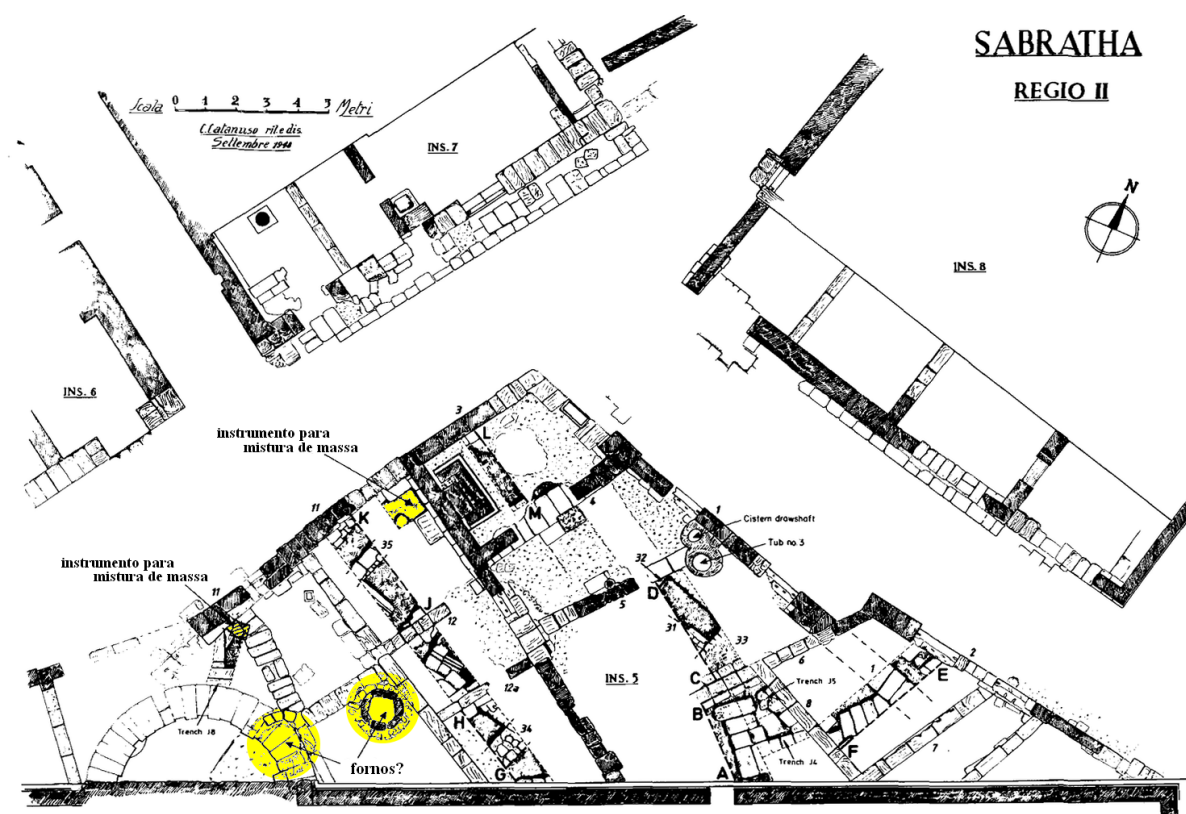


Figura 50: *Insula 5*, *Regio II* em Sabratha, com destaque para as estruturas para a produção de pães. Depois de P. Kenrick (1986, fig. 54) e A. Wilson (1999, p. 49, fig. 24).

Esse último exemplo sabrathense insere outros pontos que não apenas a visibilidade. Além da facilidade de acesso, numa Sabratha que passou a ser reduzida de tamanho de ocupação ao longo do tempo, ele aponta para a instalação desses componentes por excelência da fabricação das “paredes fumosas”, os fornos produtivos. Um exemplo desse tipo de instalação pode ser acompanhado com mais detalhes em uma das termas de Leptiminus, a partir de recentes escavações estratigráficas pontuais realizadas na cidade. Ainda que exista maiores conhecimentos a respeito de reformas e reestruturações das termas, não é possível saber ao certo quando foram construídas. Uma das reformas substantivas ocorreu por volta do século III, que alterou a organização de suas salas, feitas com tijolos e ladrilhos importados, e que muito provável lhe deu um aspecto grandioso⁹⁷⁴ (*Figura 51*). De todo modo, o complexo termal foi abandonado em fins do século IV. Durante esse período de abandono, toda a decoração marmórea foi removida, assim como paredes e materiais de construção do antigo hipocausto. Em suma, apenas aqueles materiais bem desgastados ou de difícil reutilização

⁹⁷⁴ *Leptiminus 2*, p. 18, 25-27.

foram deixados no local⁹⁷⁵. Depois desse período servindo como fontes de materiais para novas edificações, o edifício passou por restaurações pontuais e voltou a ser ocupado em definitivo no século VI⁹⁷⁶. A construção dos fornos de produção de cerâmica data desse momento, com o reaproveitamento das instalações do que restou da instalação do hipocausto, em um possível *tepidarium*⁹⁷⁷. Sua produção era ampla, abarcava cerâmicas de mesa e anfóricas (sobretudo, do tipo Keay 8A, 61 e 62). Pontos para estocagem dos materiais produzidos foram cavados no piso. Novas paredes foram construídas e, com isso, mais subdivisões internas foram adicionadas⁹⁷⁸. Além disso, por conta da grande quantidade de ossos de animais encontrados num depósito de lixo bem organizado, mas contíguo ao seu espaço, sabemos que o complexo foi utilizado como um açougue voltado para o abate de caprinos e suínos. Sem contar que, fragmentos de ferro em grande quantidade foram encontrados, sugerindo também a produção metalúrgica⁹⁷⁹. Ao que tudo indica, as termas foram ocupadas por um verdadeiro complexo produtivo e, possivelmente, comercial. O que deve ter ocorrido até o fim de sua ocupação que data de, no mínimo, a metade do século VII, pois, dentre as moedas encontradas nessas fases últimas de ocupação, a mais tardia é de 647.

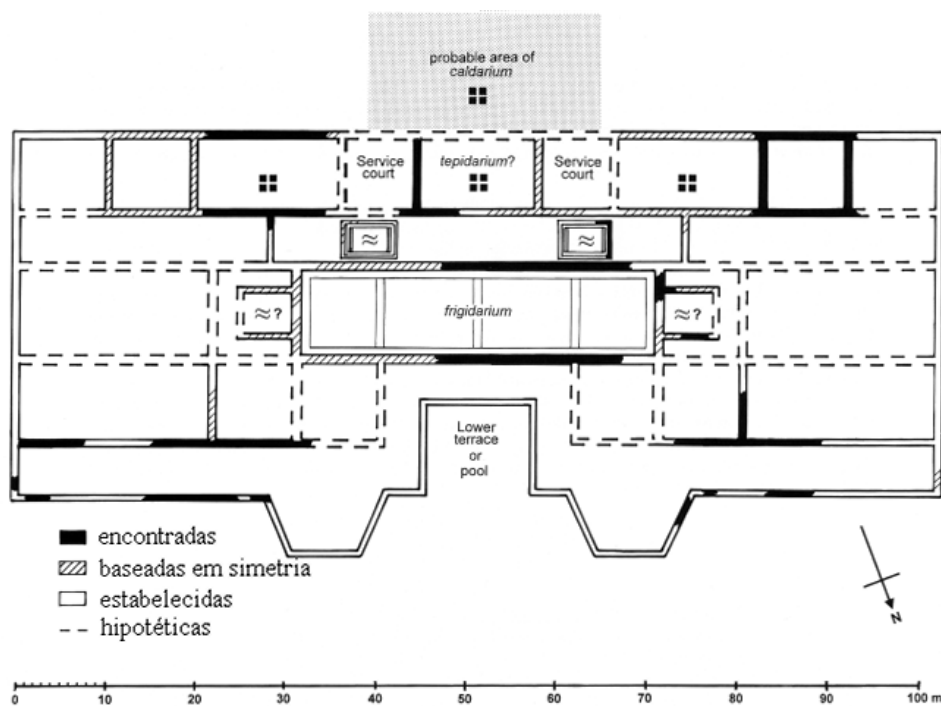


Figura 51: Plano hipotético das termas de Leptiminus. Após J. DeLaine, extraído de *Leptiminus 2* (p. 21, fig. 1.6).

⁹⁷⁵ *Leptiminus 2*, p. 10-11.

⁹⁷⁶ *Leptiminus 2*, p. 29-73.

⁹⁷⁷ *Leptiminus 2*, 51.

⁹⁷⁸ *Leptiminus 2*, p. 31.

⁹⁷⁹ *Leptiminus 2*, 58-59.

A ocupação do complexo termal de Leptiminus para atividade de produção não é um fato único e alguns exemplos deste tipo de reutilização foram documentados⁹⁸⁰. As termas, de um modo geral, apresentam uma estrutura convidativa para uma reocupação industrial: fornecimento de água, fornalhas e cubas já no local, facilitação para o escoamento de detritos. A partir de Cartago e de suas monumentais termas de Antonino, uma história mais ou menos semelhante pode ser contada. As termas passaram por sucessivas reformas. Duas substantivas puderam ser registradas. Uma primeira em 389 e uma segunda, ocorrida após um período de abandono, durante o século VI, que reduziu o complexo de modo substancial⁹⁸¹. No início do século seguinte, embora não possamos saber ao certo quando, um forno para a produção de cerâmica foi introduzido na pilastra central do subsolo de uma das salas das termas (**Figura 52, sala 16, estrutura E**)⁹⁸². Porém, essa construção não pode ser tomada como um fim do complexo termal enquanto tal, uma vez que foram constatados pequenos sinais de reformas das latrinas e também de uma área colunada⁹⁸³. Seja como for, a materialidade das termas era muito distinta de fases anteriores, mesmo de sua última reforma. Aos que as frequentariam pelos resquícios das instalações higiênicas-termais, o convívio com setores de produção passou a ser uma realidade.

⁹⁸⁰ LEONE, Anna. **Changing townscapes**. p. 225.

⁹⁸¹ LÉZINE, Alexandre. **Carthage-Utique. Études d'architecture et d'urbanisme**. Paris : Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1968. p. 7; LEONE, Anna. **Changing townscapes**. p. 59, n. 59.

⁹⁸² LÉZINE, Alexandre, PICARD, Gilbert. Observations sur la ruine des Thermes d'Antonin à Carthage. **CRAI**, 100^e année, n. 4, p. 425-430, 1956. p. 430.

⁹⁸³ LÉZINE, Alexandre. **Carthage-Utique**. p. 68-71.

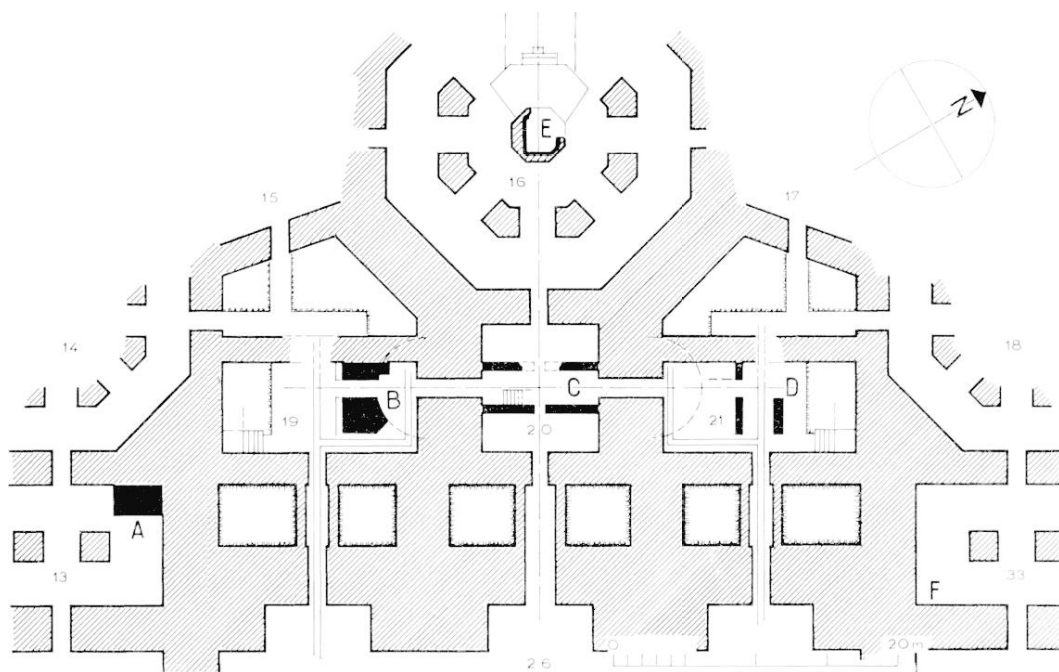


Figura 52: Plano das termas de Antonino com detalhes das estruturas tardias do subsolo. Em que: A. contraforte; B.D. muros do século VI; C. compartimentos do subsolo; E. forno de cerâmica; F. abóboda reparada. Imagem extraída de Alexandre Lézine (1968, p. 68, fig. 39).

4.4 Não se sentem mais as cidades como antes?

Por meio desses poucos casos apresentados, com todas as dificuldades documentais que muitos apresentam, é possível constatar que, de fato, o abandono, diminuição ou alteração dos cuidados para com espaços públicos por parte de antigas e novas elites municipais existiu. Ruas, monumentos e edifícios públicos foram transformados de modo significativo. Porém, na materialidade dos próprios espaços foi aberta uma série de oportunidades para grupos e atores sociais subalternos comporem suas trajetórias pelas cidades. Nesse sentido, por mais que se deva ter em mente as ingerências e concentrações de poder de membros das elites e de autoridades municipais e imperiais ou reais, a questão a ser ressaltada recai sobre *quem* estava fazendo usos dos antigos edifícios, materiais de construção, vias e espaços públicos ou privados. Ainda que não seja claro o modo como a forma que possuíam, os modos de ocupação e as funções que passaram a ter, pequenas unidades que se apropriaram de pórticos de ruas e edifícios, como as encontradas em Cartago e Sabratha, demonstram como grupos agora poderiam se inserir em posições novas no interior do espaço. Essas instalações foram realizadas em locais que ainda eram utilizados como pontos de aglomeração e/ou deslocamento, embora não mais com sentidos e funcionalidades de outrora. Estavam dentro de uma nova geografia que aglomerava cada vez mais os habitantes urbanos nos quadrantes ainda ocupados das cidades. Nesse processo, os atores sociais subalternos adquiriam maior

visibilidade no cenário urbano. Suas atividades laborais, seus domicílios, seus corpos se inseriam de um modo mais veemente na materialidade urbana. Tal veemência muitas vezes foi configurada como uma desfiguração do urbanismo. Mas o que acompanhamos, creio, é *uma* parte do processo em que grupos sociais subalternos e suas atividades laborais se inserem no urbanismo tardio. Quer tenham se instalado nesses espaços por questões pragmáticas, como acessibilidade, trânsito ou mesmo disponibilidade de locais livres em momentos que surgiram oportunidades de ocupação, regulares ou não, os grupos subalternos fizeram-se sentir no campo sensorial urbano, fizeram-se notar nos vestígios arqueológicos.

Em contrapartida, *outra* parte desse processo de mudança da topografia e dos sentidos da cidade não estava limitada somente às ações dos grupos subalternos. Embora estivessem demarcando as aglomerações urbanas com formas de habitar/trabalhar que lhes eram secularmente características, os trabalhadores urbanos sofreram os efeitos de novos tempos e com a imposição de novos campos sensoriais. Para observar como essas mudanças afetaram as experiências dos trabalhadores é preciso voltar para os espaços de habitação/trabalho que continuaram ocupados. Um exemplo é o que toca em questões relacionadas aos modos de lidar com resíduos sólidos e líquidos. A recolha de resíduos pela municipalidade ou remoção de grandes quantidades para fora do espaço habitado, ao que parece, passou a ser algo cada vez mais ocasional, quando de fato existente. Isso é demonstrado pelas elevações de pisos de modo contínuo devido ao acúmulo de descartes, como as sofridas durante os séculos VI-VII pelas termas de Leptiminus ou pelas habitações pobres no setor nordeste de Cartago, sem entrar nas particularidades das questões do espraçamento dos acúmulos de resíduos da produção de *murex* em Meninx ainda no século V. Mesmo quando ocorria a manutenção de rede de esgotos, como as encontradas no novo conglomerado de lojas no edifício ao norte do porto circular em Cartago, os acúmulos de resíduos continuavam uma constante. Isso demonstra uma mudança substancial nas relações com os sentidos que engloba e extrapola as experiências formativas que poderiam ser associadas com os trabalhadores urbanos. Ao notar a existência e correlacionar esses outros vetores de mudança que interagem com as ações dos grupos subalternos nas cidades, duas colocações importantes precisam ser pontuadas: a primeira, os grupos subalternos e suas experiências sensoriais são capturados, tais como os demais grupos sociais, no interior de processos que lhes ultrapassam, sem que por isso suas ações sejam nulificadas, pois continuam a agir e a transformar aquilo que lhes está em seus horizontes de expectativa. A segunda, ao compreender processos transformativos mais amplos, a inserção material e sensorial dos grupos subalternos em espaços que antes não

estavam durante esses períodos tardios não deve ser identificada apenas como alastramento de uma cultura de miséria e de sentidos interpretados como abjetos, em termos modernos e antigos.

Combinadas, essas duas considerações apontam que não eram as experiências sensoriais dos grupos subalternos não eram homogêneas e atemporais. O mesmo processo de mudança a topografia de seus locais de habitação e trabalho indicam como, por meio das disposições sensoriais adquiridas, as predileções de suas instalações foram alteradas. Isto porque os grupos subalternos não estavam só na experiência urbana. Apesar de posicionados no interior de um campo sensorial urbano mais amplo, atravessados por relações de poder, dominação e resistência, esses atores sociais reconstruíam suas perspectivas, reelaboravam suas experiências sensoriais. Fumaças e paredes fumosas, calores internos, ruídos de tornos, cheiros de fossas de descarte abertas lhes poderiam ser comuns. Poderiam, de igual modo, não inviabilizar as atividades quotidianas, como a produção de agulhas, pregos, recipientes, molhos e comidas. Contudo, as constâncias interativas com outras possibilidades sensoriais, os valores que circulavam sobre os estímulos sensoriais como os pregados em locais socialização poderiam clivar e cindir determinadas perspectivas. Assim como as estruturas sociais enformam os *habitus* sensoriais, as contradições e as mudanças são próprias a essas mesmas experiências. Cabe saber como, quando e sob quais condições questões atreladas ao que é tolerável e o que é intolerável sensorialmente disparavam novas ações que davam empuxo a mudanças da materialidade de, no caso, seus locais de habitação/trabalho.

Não temos relatos próprios desses grupos e atores a respeito de como as sensações eram dimensionadas em suas experiências sensoriais e sociais tais como os de Agostinho, citado ao longo de todo o capítulo. Contudo, abordar esses elementos constitutivos de seus *habitus* sensoriais, por meio da materialidade e de fontes literárias, permite localizar e dimensionar os modos como sentiam as cidades e em como eram sentidos por membros de outros grupos sociais. Num nível mais amplo e no interior de uma duração mais longa, investigar as formações dos *habitus* sensoriais dos grupos subalternos abriu um espaço para compreender de que forma as mudanças materiais e os novos cuidados para com as cidades os atingiram e, sobretudo, como eles puderam atuar nas transformações materiais e sensoriais das paisagens urbanas ao longo do tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como disse Lucien Febvre em um artigo de 1941: “A verdade é que pretender reconstituir a vida afetiva de uma determinada época é ao mesmo tempo uma tarefa extremamente sedutora e assustadoramente difícil”⁹⁸⁴. Como visto ao longo de todos os capítulos, a dificuldade da tarefa não cessou. Mas, como o mesmo Febvre colocava, não podemos nos furtar da tentativa. Nesse sentido, lembremos que no mesmo texto sobre “A sensibilidade e a história”, Febvre questionava e apelava: *como reconstituir a vida afetiva de outrora?* Não era apenas uma rogativa. Ao passo em que provocava, Febvre indicava meios de realizar uma abordagem histórica sobre a sensibilidade, abria campos para a temática, desde fontes (normativas/legislativas, imagéticas, literárias⁹⁸⁵) até proposições teóricas, além de indicar um livro que, segundo cria, já apontava nessa direção: *O outono da idade média*, de Johan Huizinga⁹⁸⁶. Apesar de deixar amplo espaço para o que se propunha com *sensibilidade* (*sensibilité*)⁹⁸⁷, Febvre aproximou a vida sensível de esquemas de emoções individuais e, em especial, coletivas, que englobavam modos de sentir e agir diante das sensações. As sensibilidades que abordou incidiam mais no campo afetivo e emocional. Essas proposições primeiras estiveram de forma mais nítida em sua grande obra sobre o mundo de Rabelais, lançada no ano seguinte, em 1942. Incredulidade, sistemas de crenças, mas, sobretudo, aquilo que interpretava como sistemas de emoções apareceram de modo marcante no século XVI que delineou⁹⁸⁸.

Se começo minhas considerações finais com essa pequena passagem instigante de Febvre e de seus propósitos é porque ela é exemplar. Exemplar para demonstrar tanto alguns dos limites que pesquisa e escrita desta tese enfrentaram, quanto os estudos historiográficos dos campos e *habitus* sensoriais precisam estar atentos aos limites de seus próprios saberes. Febvre pretendia compor a sensibilidade a partir de um aspecto social, construído de modo

⁹⁸⁴ FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire: comment reconstituer la vie affective d'autrefois? **Annales d'Histoire Sociale** (1939–1941), T. 3, n. ½, p. 5–20, 1941. p. 12: *Le vrai, c'est que, prétendre reconstituer la vie affective d'une époque donnée, c'est une tâche à la fois extrêmement séduisante et affreusement difficile.*

⁹⁸⁵ FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire. p. 13-17.

⁹⁸⁶ FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire. p. 11-12.

⁹⁸⁷ FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire. p. 5-6. Recentemente, o apelo à obra de Huizinga para uma história dos sentidos também foi feita: SMITH, Mark. M. **A Sensory History manifesto**. University Park, PA: Penn State Press, 2021. p. 9-13.

⁹⁸⁸ Para as passagens sobre a sensibilidade/vida sentimental ver: FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. Trad. Maria Lúcia Machado; trad. dos trechos em latim José E.S. Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 (1942). p. 291-306.

coletivo, que implicava relações intersubjetivas⁹⁸⁹. Emoções, sensibilidades, afetos foram por ele compreendidos como elementos essenciais de uma “psicologia histórica”, parte integrante de uma “psicologia coletiva” a ser investigada. A indagação da sensibilidade, portanto, estava no interior de um projeto de indagação sobre um “instrumental/equipamento mental” de um determinado período⁹⁹⁰. Neste ponto, suas análises foram alvos de duas críticas mordazes. Primeira, com a aplicação operatória de um conceito de *mentalidade*, as noções de psicologia que empregou foram questionadas por não dar conta das temporalidades e contradições formadoras das subjetividades⁹⁹¹. A segunda crítica diz respeito ao âmbito social na tentativa de Febvre em compor essa quase matriz geradora que possibilita as formas de sentir num determinado período. Em sua análise “interclassista”, como designou Calo Ginzburg, Febvre “tentou, através da investigação sobre um indivíduo – ainda que excepcional, como Rabelais – , identificar as coordenadas mentais de toda uma era”⁹⁹². Ou seja, ao ignorar a atuação das diferenças sociais na constituição da sensibilidade, Febvre fez da experiência de um ator social particular aquela que poderia ser compartilhada por todos, sentida por todos, transmitida, comunicada e introjetada de forma mimética⁹⁹³.

⁹⁸⁹ FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire. p. 7-8: *Elles* [no caso, as emoções] *impliquent des rapports d'homme à homme, des relations collectives. Elles naissent sans doute dans un fond organique propre à un individu donné, et souvent à l'occasion d'un événement qui touche cet individu seul [...]. Mais elles s'expriment d'une façon telle ; si l'on veut, leur expression est le résultat d'une telle série d'expériences de vie commune, de réactions semblables et simultanées au choc de situations identiques et de contacts de même nature ; elle est le fruit, si l'on préfère encore, d'une telle fusion, d'une telle réduction réciproque de sensibilités diverses – que, très vite, elles ont acquis le pouvoir de provoquer chez tous les présents, par une sorte de contagion mimétique, le complexe affectivo-moteur qui correspond à l'événement survenu et ressenti par un seul.* (Elas [no caso, as emoções] implicam relações de pessoa para pessoa, relações coletivas. Elas nascem sem dúvida em um fundo orgânico próprio a um indivíduo dado e, frequentemente, em ocasião de um acontecimento que toca apenas esse indivíduo [...]. Mas elas se expressam de uma maneira tal; se quiser, sua expressão é o resultado de uma tal série de experiências da vida comum, de reações semelhantes e simultâneas ao impacto de situações idênticas e de contatos de mesma natureza; ela é o fruto, se ainda preferir, de uma tal fusão, de uma tal redução recíproca de sensibilidades diversas – que, muito rápido, adquirem o poder de provocar em todos os presentes, por uma espécie de contato mimético, o complexo afetivo-motor que corresponde ao acontecimento ocorrido e sentido por só um).

⁹⁹⁰ Sobre esse projeto em Febvre, ver: BERR, Henri. Prefácio. Psicologia coletiva e razão individual. In: FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**. p. 15-27.

⁹⁹¹ Essas críticas estão presentes em: DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Trad. Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015 (2000). p. 48-49. Cabe ressaltar que muito do que Didi-Huberman atribui aos modos como Febvre concebe as relações entre história e psicologia foram, na verdade, desenvolvidas *a posteriori*. De fato, o próprio Didi-Huberman lembra, ainda que de forma mais sutil, que tal manifestações foram produzidas por outros membros dos *Annales*, tais como: MANDROU, Robert. Pour une histoire de la Sensibilité. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 14^e année, n. 3, p. 581-588, 1959. esp. p. 581-582; DUBY, Georges. Histoire des mentalités. In : SAMARAN, C. (Ed.). **L'histoire et ses méthodes**. Paris : Gallimard, 1961. p. 937-966 ; LE GOFF, Jacques. Les mentalités. Une histoire ambiguë. In : NORA, P. ; LE GOFF, J. **Faire l'histoire, vol. III** : nouveaux objets. Paris : Gallimard, 1974. p. 76-94.

⁹⁹² GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (1976). p. 24.

⁹⁹³ FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire. p. 8.

As experiências sensoriais são, portanto, constituídas pelas e nas relações sociais. Elas também são, de igual modo, socialmente distintas. Para realizar uma abordagem que desse conta das especificidades das experiências sensoriais dos grupos e atores sociais subalternos urbanos durante a Antiguidade Tardia, baseei-me em uma série de pressupostos que envolvem estudar as cidades e os sentidos. Uma das principais remete ao espaço em que as percepções ocorrem. Parti da compreensão de que três características indissociáveis compõem a topografia das cidades em sua relação com a sensorialidade. Primeira, a materialidade urbana é produto e produtora de campos sensoriais; segunda, esses campos sensoriais constituem e são constituídos pelos *habitus* sensoriais dos grupos e atores sociais; terceira, os *habitus* sensoriais estavam atrelados às condições sociais, de classe em seu sentido relacional, atreladas às relações de produção, mas, sobretudo, construídas nas identificações e articulações de interesses mútuos de diversos atores sociais⁹⁹⁴. Essas prerrogativas tornaram-se constatações. Emergiram, ao final, como uma espécie de fluxo lógico que demonstra como as materialidades dos espaços urbanos, uma vez construídas, possibilitam a criação de experiências sensoriais⁹⁹⁵. Isto significa que, apesar de únicas no instante da percepção, as experiências sensoriais são compostas nessas relações com as próprias materialidades e, ao mesmo tempo, são/estão encravadas nas relações sociais e nas divisões materiais de riquezas das cidades.

Para compreender essa experiência sensorial na prática, comecei por um dos elementos marcantes das cidades: as ruas. A partir de uma abordagem sensorial, persegui as formas sensoriais de integração das ruas no espaço urbano. Analisei como edifícios, espaços construídos, lixos e demais materialidades produziam determinados estímulos sensoriais em suas articulações com as vias e eram, de igual modo, produtos de projeções sensoriais de caminhantes, habitantes e proprietários. Para identificar essas relações foi necessário operar alguns recortes. O primeiro foi a delimitação temporal. Essas experiências sensoriais foram apreendidas nas ruas entre, mais ou menos, a segunda metade do século IV e o primeiro terço do século V. O segundo recorte se deu nas cidades escolhidas: Cartago e Sabratha. Conforme observado, embora tenham lacunas significativas em suas documentações – resultantes tanto dos desenvolvimentos históricos de cada uma quanto dos métodos de escavações aos quais foram expostas, sobretudo nos séculos XIX e XX –, ambas cidades apresentam a

⁹⁹⁴ À maneira como o conceito é formulado por: THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa, vol. 1: a árvore da liberdade**. Trad. Denise Bottmann – 10ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2019 (1963). esp. p. 9-12.

⁹⁹⁵ Para além do que foi discutido, apenas retomo aqui: BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 87-89.

possibilidade de trabalhar em ampla escala as transformações que suas ruas sofreram ao longo do recorte cronológico estabelecido. Assim, tanto Sabratha, devido ao desenterramento completo de grande parte de seu traçado urbano antigo, ainda que nesse processo tenha perdido muitos dados para esses períodos tardios de sua ocupação, quanto Cartago, graças às sucessivas campanhas de escavação que, com passar do tempo, contaram com métodos cada vez mais refinados, sobretudo a partir das campanhas de salvaguarda da UNESCO dos anos 1970, forneceram terreno fértil para as análises dos desenvolvimentos das vias em cidades norte-africanas. Por fim, o recorte das modalidades sensoriais. Visão, locomoção, audição e olfato foram os sentidos priorizados. Neste momento inicial, não foram indagadas apenas as experiências dos grupos subalternos. Antes, as ruas foram concebidas como espaços utilizados *em comum*, espaços compartilhados entre transeuntes, habitantes e/ou frequentadores das cidades, palco em que experiências sensoriais distintas se chocavam.

Todas essas delimitações estiveram presentes na análise da diminuição das vias por meio da expansão de edifícios sobre seus espaços. Tal fenômeno foi e é bastante discutido na historiografia sobre a Antiguidade Tardia. Chegou até a caracterizar a especificidade das cidades desse período nos debates modernos, como uma espécie de degradação da ordem clássica e disposição das vias e espaços públicos anteriores. Contudo, procurei observá-lo por outros ângulos. Ao analisar um tipo bastante particular dessas intrusões, os avanços de colunas para construções de pórticos e/ou grandes fachadas sobre as vias, pude identificar duas características singulares. Primeira, o processo de expansão desses edifícios ocorreu num período mais recuado do que em geral é proposto, com suas fases iniciais perceptíveis na segunda metade do século IV. Segunda, com os avanços, foram notadas algumas das estratégias que proprietários, habitantes e usuários se valeram para demarcar suas presenças nesses espaços. Ao avançar com um pórtico e/ou uma fachada sobre a rua, colocava-se em evidência o interior de uma loja ou oficina. Contudo, não exibia aos olhos dos transeuntes apenas o que se realizava no piso térreo. A possibilidade de existência de espaços superiores ajudava na atração de olhos e ouvidos daqueles que circulavam. De igual modo, a partir das estreitezas horizontais e das amplitudes verticais, os edifícios estabeleciam sua presença, sua notoriedade. Mas, o que é digno de nota não é, em absoluto, positivo. Esses avanços impunham suas presenças por meio dos sentidos até mesmo pelos novos transtornos que causavam. Portanto, a inviabilidade parcial das ruas, seus redirecionamentos, seus estreitamentos estavam em conexão direta com os impactos sensoriais que os edifícios causavam. Deste modo, os locais de instalação dessas novas estruturas adquiriam grande

importância. A vizinhança e as funções dos edifícios vizinhos possuíam um forte papel nas transformações simultâneas de edifícios e vias. Locais de grande circulação e focos de atração de pessoas, como a região do teatro em Sabratha ou o porto circular em Cartago, foram alguns dos alvos da expansão de edifícios sobre as ruas por meio de colunas. Este foi um fenômeno ocorrido não apenas diante de edifícios luxuosos. Esteve presente em outras construções menores, como residências pequenas, *tabernae* e oficinas variadas no interior das cidades.

Ainda com as ruas como alvo da investigação do campo sensorial urbano, passei, num segundo momento, para a compreensão específica das relações estabelecidas entre os resíduos e os sentidos. O recorte temporal e, à exceção da audição, as modalidades sensoriais continuaram na mesma toada anterior. Com isto, centrei a investigação na visão, na locomoção e, com maior atenção, nos odores e nas características táteis envolvidas nas relações com os resíduos. As cidades analisadas foram alteradas. Incluí nessa análise os dados obtidos por meio de investigações arqueológicas recentes realizadas em Meninx e Leptiminus.

A preocupação com a gestão e a coleta de resíduos nas cidades já demonstra por si só uma certa relação sensorial com aquilo que é designado como lixo. Isto porque as definições de resíduos passam pela identificação de seus usos, locais e sentidos apropriados. Ou seja, um resíduo (orgânico ou inorgânico) passa por concepções relativas de utilidade e obsolescência, assim como definições de proximidade/distância em que deve ser depositado, que englobam diversas caracterizações sensoriais (como, por exemplo, formosos/mal formados; macios/duros; fétidos/bem perfumados e assim por diante). Isto tudo é histórico, dinâmico, aberto à transformação. A partir de um conjunto documental literário múltiplo, de fontes legais, epigráficas e discursos de oradores, além da materialidade, acompanhei como a preocupação com e a própria existência da prática de descarte nas vias eram comuns. No entanto, havia distinções no tempo e no espaço de suas emergências. Os aspectos que mais demarcavam essas diferenças eram a existência (ou não) e a regularidade de formas de coleta, além, claro, dos modos e níveis de produção dos resíduos. Essas práticas combinadas foram observadas, sobretudo, nas formas de elevação dos solos, na conformação das camadas estratigráficas. Mas, conforme apontado, nem todas as regiões de uma cidade elevaram-se de formas iguais. Para além dos enfoques construtivos e reconstrutivos dos edifícios de uma cidade, no que diz respeito às ruas, havia também certa diferenciação social da relação entre produção e coleta de resíduos. De modo simples, em locais de alta produção de resíduos, como oficinas, esses descartes nas vias poderiam causar uma rápida elevação. Este foi o caso do edifício com uma oficina que fabricava vidros e cerâmica no quadrante norte em Cartago,

vizinho ao teórico *cardo maximus*, em que a via sofreu uma elevação de 0,50 m em cerca de quarenta anos, entre fins do século IV e de meados do V, em virtude de sucessivos descartes e uma posterior repavimentação. Já em locais com concentração residencial, com edifícios luxuosos e/ou públicos, a velocidade poderia ser menor. Como acompanhado em outro caso cartaginês, agora no *cardo* diante da denominada *Casa dos Aurigas Gregos* (*House of the Greek Charioteers*), em que o nível da rua foi elevado próximo dos 0,50 m durante cerca de trezentos anos, total que separava o pavimento da metade do século IV daquele da metade do século I de nossa era. O caso de Meninx, por sua vez, apela ao extremo: demonstrou como as atividades para a produção de púrpura criaram um montante de resíduos que acabou por suplantando antigas áreas residenciais na parte sul da cidade no começo do século V.

Tal relação com os resíduos foi a porta de entrada para compreender os *habitus* sensoriais dos grupos subalternos. As relações de produção, os resíduos gerados, as formas de descartes e coletas e suas associações com os sentidos foram, em geral, compreendidas pela historiografia moderna por meio de duas linhas interpretativas. A primeira, de teor negativo e raiz higiênico-sanitária, correlaciona as formas de descartes de resíduos com um caráter poluente e contaminador que seriam característicos das cidades antigas. A segunda, com uma proposição que tende a ser positiva, naturaliza os sentidos (na maior parte das vezes os odores) e transforma aqueles elementos que seriam tidos como insalubres, malcheirosos, perniciosos em ambientes naturalizados e normalizados pelos atores sociais antigos. Para além dos problemas históricos das formações dos *habitus* sensoriais que essas proposições suscitam, reside em ambas uma irredutibilidade das percepções sensoriais. A naturalização das condições sensoriais das cidades, de seus habitantes e, em especial, das práticas associadas com os trabalhadores urbanos acaba por não deixar espaço para uma compreensão das experiências sensoriais em suas dinâmicas e contradições próprias. É importante ressaltar: não digo experiências sensoriais “em seus próprios termos”. Até o limite de nossos conhecimentos atuais, seus termos, infelizmente, estão calados, ou melhor, soterrados. Não temos relatos próprios produzidos por esses atores sociais subalternos a respeito de como dimensionavam suas experiências sensoriais. Contudo, ao abordar os elementos constitutivos de seus *habitus* sensoriais, algumas das camadas de escombros naturalizados e acumulados

sobre suas formas de sentir e agir nas cidades podem ser removidas. Nesse movimento, reside a possibilidade de lhes devolver o corpo, a carne, a experiência⁹⁹⁶.

Para realizar essa reconstituição histórica sensorial, as balizas cronológicas foram ampliadas. Tal ampliação demonstra de antemão como campos e *habitus* sensoriais modificam-se em ritmos mais longos. De modo a evidenciar essas mudanças, seus ritmos e seus locais de ocorrência, a análise foi dividida em dois momentos: o primeiro englobou, uma vez mais, um recorte entre a segunda metade do século IV e a primeira do V; o seguinte foi da segunda metade do século V até, em alguns casos, a primeira metade do século VII. Tomei como constituintes dos *habitus* sensoriais dos trabalhadores urbanos as experiências realizadas em dois espaços de socialização primordiais: os de habitação e os de trabalho. Espaços esses que, na maioria das vezes, eram contíguos em sua articulação material: em muitos casos, os trabalhadores habitavam os próprios espaços laborais. A partir da análise de casos extraídos, sobretudo, de Cartago, Sabratha e Leptiminus, fenômenos como a ocupação das vias identificados anteriormente tinham, com maior frequência a partir da segunda metade do século V, a companhia de novos rearranjos na topografia urbana. Essas mudanças afetaram e foram afetadas tanto campos sensoriais das cidades quanto grupos subalternos que nelas habitavam. Foi possível reconhecer, portanto, dois processos de transformação das cidades e dos campos sensoriais correlativos: um primeiro, em nível mais amplo, concernente aos locais de implantação das mudanças dos edifícios no interior da topografia urbana. O segundo, de uma perspectiva mais particular, nas estruturações espaciais dos edifícios que estavam sendo transformados.

Dentre os fenômenos que alteraram de modo significativo cidades e campos sensoriais estavam as ocupações de pórticos e edifícios por estruturas edilícias mais humildes. No caso dos pórticos, espaços que não podemos saber ao certo se de uso exclusivo para habitação ou combinado com atividades laborais foram instalados em diversos edifícios públicos e privados. O fenômeno ocorreu tanto em locais outrora prestigiosos (como no exemplo dos pórticos do teórico *cardo maximus* de Cartago, ocupado e repartido entre diversas pequenas estruturas habitacionais e/ou laborais), como em outros mais simples (como em outro episódio cartaginês, agora no edifício ao norte do porto circular, em que o antigo pórtico foi englobado pelas estruturas das lojas). Esse processo foi correlato com a multiplicação das divisões internas de antigos edifícios, que os transformava em unidades menores. Sua

⁹⁹⁶ Um projeto mais ou menos semelhante ao traçado por: SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Trad. Marcos Aarão Reis. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. esp. p. 15 (apesar de todas minhas ressalvas quando Sennett afirma que vivemos em uma época de “privação sensorial”).

ocorrência se deu em estruturas privadas, sobretudo em antigas *domus* luxuosas e também casas menores e com peristilo, e públicas. Nestas últimas, exemplos marcantes dessas repartições internas e instalação de centros de produção e, em alguns casos, com a possibilidade de ocupação habitacional se tornam recorrentes na segunda metade do século VI. É possível recordar a ocupação da *cavea* do circo de Cartago por atividades fabris de ossos trabalhados, assim como instalações de fornos e centros de produção de cerâmica nas termas dessa mesma cidade. Outro caso especial, tanto pela precisão e riqueza documental, quanto pela pluralidade de atividades de fabrico evidenciadas, sucedeu nas termas de Leptiminus, em que fornos de produção de cerâmica tomaram as antigas estruturas, além do surgimento de atividades de corte de carnes.

As coletas de resíduos também foram modificadas nesse momento. Os espaços associados com a produção artesanal continuaram a estar entre os maiores geradores de resíduos. Contudo, com a possível baixa no nível de coletas organizadas (rotineiras ou ocasionais), houve acúmulos sucessivos ao redor dos espaços de produção, com elevações dos níveis de pavimentação em intervalos temporais cada vez menores. As novas configurações apresentam aumento substantivo de descarte no interior dos próprios espaços de trabalho. Isto apareceu em grandes estabelecimentos de produção, como na zona de produção instalada nas termas de Leptiminus no último quarto do século VI. De igual modo, ocorreu também em edifícios menores, como no forno instalado em uma antiga *taberna* na região norte de Cartago, na qual, em menos de cinquenta anos, o nível do piso foi elevado em pouco menos de 1 m, graças aos acúmulos sucessivos da produção.

Essas mudanças demonstram faces da reestruturação dos locais de habitação e de produção artesanal na topografia das cidades. Mudanças que, é necessário sempre ressaltar, passam por relações sensoriais. Atividades que envolviam combustão, espaços de abate, corte e possível venda de carne, e a fabricação de objetos em osso trabalhado tinham impactos sensoriais nas vizinhanças nas quais se instalavam. Fumaças dos fornos fabris, das lâmpadas e fogaréus domésticos, tal qual os odores fumosos, ou do sangue de animais abatidos e das carcaças expostas e desossadas para o posterior trabalho artesanal deveriam demarcar de forma indistinguível o interior dos espaços em que ocorriam. Essas emanações odoríferas e gasosas deviam se propagar de forma descontrolada pela vizinhança. E descontrolado deveriam ser os sons produzidos pelas materialidades dos objetos e animais não-humanos em uso, por trabalhadoras e trabalhadores em ação nos contextos produtivos. Recordemos com David Le Breton que o odor “não está enclausurado nas coisas”. “Desmembrado de sua fonte

como um som, flutuante no espaço, ele penetra no indivíduo indefeso”. Assim, em seu aspecto “difuso no espaço (...) sem extensão real nem lugar preciso”, cria uma “atmosfera espalhando-se ao redor de uma zona simultaneamente localizada e indeterminada”⁹⁹⁷. As instalações dos espaços de trabalho e de habitação mais humildes realizadas em edifícios outrora prestigiosos, símbolos de poder público e privado, têm efeitos nas formas como as cidades poderiam ser experimentadas e, por conseguinte, definidas. Não se pode diminuir o impacto sensorial dessas alterações para, no caso, os impactos odoríferos. Da mesma forma, não é menosprezável o quanto os campos sensoriais dessas cidades estavam distantes das suas disposições e organizações encontradas na primeira metade do século V. Assim, da mesma maneira como Beatrice Caseau pode afirmar que os odores dos incensos poderiam criar verdadeiras sensações do paraíso nos interiores das igrejas⁹⁹⁸, é possível afirmar que os odores dos espaços de trabalho nessa nova topografia urbana criavam novas ambiências sensoriais que demarcavam os espaços urbanos, as relações de vizinhanças e, não menos, as próprias formas de identificação dos grupos subalternos. No entanto, à diferença de Caseau, não contamos com fontes textuais que forneçam “metáforas odoríferas poderosas”, tais como as dos autores cristãos sobre os odores experimentados nas basílicas, para os grupos subalternos e suas ambiências nos espaços de trabalho e habitação⁹⁹⁹.

A investigação sobre as experiências sensoriais dos grupos subalternos esbarra, aqui e ali, nesses limites, que servem como pequenos sinais de advertência. Sinais que comunicam que é sempre bom ser prudente no reconhecimento dos limites de saberes e de assertivas sobre as experiências sensoriais e suas respectivas qualificações pelos atores sociais na Antiguidade. Em contrapartida, é preciso ousar para compreender as formas e as dinâmicas das percepções sensoriais dos grupos subalternos ao longo do tempo. Ousar em termos epistemológicos e em termos éticos. Sobre as possibilidades de conhecimento, se contamos com inferências textuais de observadores externos para analisar os modos como eram realizadas e categorizadas as experiências sensoriais dos grupos subalternizados e, sobretudo, com a materialidade dos espaços que habitavam e trabalhavam, não podemos negligenciar essa possibilidade. Para identificar essas formas de sentir, pequenos detalhes são imprescindíveis. As próprias modificações dos espaços habitacionais e laborais apontam para *habitus* sensoriais que tinham capacidade de reestruturação das dinâmicas de como eram experimentados o interior dos

⁹⁹⁷ LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 299.

⁹⁹⁸ CASEAU, Beatrice. **EYΩΔΙΑ. Euodia. The use and meaning of fragrances the Ancient World and their Christianization (100-900 AD)**. Chicago, DMI, 1994. p. 252-261, 279-317.

⁹⁹⁹ CASEAU, Beatrice. **EYΩΔΙΑ. Euodia**. p. 325.

edifícios. A simultânea redução de cômodos em comparação com casos em que ocorreram ampliação, assim como a instalação de janelas e outras aberturas para o exterior com objetivo de maior ventilação e iluminação em confronto com exemplos concomitantes de espaços que foram encerrados, como o fechamento de pórticos e a consecutiva diminuição da circulação de ar e luz, demonstram a existência de esquemas valorativos das percepções sensoriais dos atores e grupos subalternos. Ou seja, ainda que não se afirme com plena certeza que determinados espaços, objetos e práticas fossem tidos por valores negativos pelos grupos subalternos (como, por exemplo, odores ruins, aspectos fumosos e abafado), é possível estabelecer que o que vem a ser considerado como tolerável/intolerável no âmbito sensorial possui determinados indícios na materialidade. Afirmar isso significa que seus *habitus* sensoriais não permaneceram estáticos com a passagem do tempo. Longe de encontrar experiências sensoriais naturalizadas nas formas de sentir os espaços urbanos, o que toma o primeiro plano são os *habitus* sensoriais que, ainda que constituídos no interior de determinadas condições materiais e sociais, possuíam a capacidade de remodelar os espaços e as formas de suas experiências.

A ousadia em termos éticos é o dever de reinserção da historicidade das capacidades de agir e sentir desses atores e grupos sociais subalternos urbanos. Mas não uma reinserção que pode ser denominada de “contributiva”, de modo a interpretá-los como outros personagens a somar no estabelecimento de um edifício econômico ou sociocultural dado. E, sim, uma reinserção que os compreenda (ou que ao menos tente os compreender) em suas dinâmicas próprias de experimentar um mundo que lhes era próximo e distante, um mundo que lhes era opressivo, mas, no interior de todas as relações de subalternização enfrentadas, era o mundo aberto às suas existências¹⁰⁰⁰. Conceber suas formas de experimentar esse mundo por meio dos sentidos é um meio de compreender os modos pelos quais os trabalhadores poderiam se inserir no espaço público urbano, com a materialidade dos e os estímulos sensoriais emanados por seus corpos e de suas práticas laborais. Da mesma maneira, a investigação de seus *habitus* sensoriais abre caminho para apreender as possibilidades de constituição de suas subjetividades, com todas as potencialidades de interpelá-los enquanto agentes no interior de relações assimétricas de poder das quais faziam parte, assim como

¹⁰⁰⁰ Essa proposição é expressamente embasada em: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar; COURRIER, Cyril. Ancient history from below: an introduction. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. (Eds.). **Ancient history from below: subaltern experiences and actions in context**. London, New York: Routledge, 2022. p. 1-31.

apreender os processos contraditórios que lhes constituem e ações contraditórias que poderiam realizar¹⁰⁰¹.

Para ressaltar as possibilidades abertas por meio de estudos dos grupos subalternos, em geral, e, em particular, de suas experiências sensoriais para a compreensão das cidades na Antiguidade Tardia, creio que duas considerações finais podem ser sumarizadas. A primeira diz respeito aos campos sensoriais urbanos de modo mais amplo. As cidades estudadas foram marcadas por dois momentos de transformações de seus campos sensoriais. A paisagem sensorial urbana de um período que vai da segunda metade do século IV até a primeira metade do século V configura um desses. O processo de avanço de edifícios públicos e privados sobre as ruas marca bem essa nova configuração. Por um lado, as diminuições viárias apresentam novos modos de experimentar as ruas, de circular por seus espaços, de interagir com os edifícios que lhes cercavam. Por outro, os mesmos avanços demonstram novas táticas de proprietários, habitantes, usuários desses edifícios de se fazerem expor em termos sensoriais nas vias. Contudo, embora esses avanços tenham provocados, em alguns casos, diminuições significativas, as disposições topográficas de boa parte dos espaços públicos, de amenidades e entretenimento, de habitação e de produção continuaram sobre bases semelhantes ao dos períodos anteriores. Esse panorama começa a mudar, mais ou menos, a partir da metade do século V. Em processo lento e gradual, que se estende até o século VII, a dinâmica sensorial urbana apresenta uma transformação generalizada. Espaços de trabalho conectados com atividades à combustão foram instalados em antigos edifícios públicos e privados em áreas de alta concentração residenciais e com índice significativo de frequência de seus arredores. Nesse sentido, mesmo atividades antes designadas para espaços ruralizados – como prensas de azeite ou grandes rodas de moagem – passam a integrar aquilo que outrora foi experimentado e designado como espaço urbanizado. Os modos de lidar com os resíduos, domésticos ou de atividades produtivas, também sofrem mudanças bruscas. As coletas se tornam cada vez mais ocasionais. Os acúmulos nas vias e no interior dos edifícios habitados ou naqueles desabitados tornam-se mais frequentes. Os campos sensoriais urbanos das cidades existentes e habitadas no século VII são outros. Sobre essas transformações – ainda que não nesses termos – muito foi escrito. Velhos debates constantes batem à porta. Decadência, precarização, fim do conforto? Reajustes com novos protagonistas? Questões constantes que me fazem perguntar: serão os becos sem saída

¹⁰⁰¹ Cf. BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias de sujeição. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 27-38.

historiográficos sempre o destino das pesquisas que tentam englobar as mudanças na Antiguidade Tardia em uma longa duração? Tentei demonstrar que, uma vez redirecionada a abordagem, de modo a inquirir não apenas os sentidos (e isso poderia ser aplicável a qualquer outro objeto temático), mas naquilo que diz respeito às experiências sensoriais dos grupos e atores sociais subalternos, é possível obter outras explicações.

A segunda consideração final apresenta as respostas obtidas nessa direção. Em conjunto com os dois momentos de mudanças dos campos sensoriais, houve reconfigurações dos *habitus* sensoriais dos grupos sociais subalternos. A reconfiguração das cidades até a primeira metade do século V demonstra a participação de suas formas de se fazerem presentes no meio urbano de forma positiva, ainda que se possa dizer que as alterações dos edifícios fossem encomendadas pelos proprietários. O avanço de colunas de edifícios de trabalho, nesse sentido, fez das ruas uma espécie de palco que os enquadrou diante das percepções dos transeuntes. Seus espaços habitacionais e laborais foram caracterizados por membros de outros grupos sociais enquanto espaços de caráter fumoso, escuros, pequenos. Serviam como contraste daquilo que era representante do luxo. Até que ponto os trabalhadores urbanos partilhavam ou contrapunham essas significações para suas experiências é difícil afirmar com segurança. Para a primeira opção há resposta mais concreta. Por meio das reformas (construções de janelas e alargamento de portas) e ampliações (englobamento de outros cômodos) de seus espaços de trabalho e habitação, há indícios dessas partilhas de significações. Contudo, isto não deve ser compreendido como uma emulação dos gostos dos que lhes estavam acima na configuração social. Melhor compreender essas mudanças como uma reestruturação de seus espaços primeiros de socialização a partir de seus *habitus* sensoriais. Um dos motivos para tal afirmação é que as práticas e atividades que proporcionavam os sentidos que caracterizavam seus espaços de trabalho e habitação continuaram a ser realizadas mesmo nas novas configurações de cômodos. No segundo momento de estruturação dos campos sensoriais urbanos, iniciado por volta da segunda metade do século V, a configuração dos *habitus* sensoriais subalternos apresenta novos elementos. As estruturas habitacionais e laborais (apesar da incerteza de sua identificação para todos os casos) tornam-se menores. O encerramento dos pórticos e suas subdivisões em estruturas celulares, tal como as instalações dessas últimas em outrora grandes edifícios públicos e privados é uma das faces dessas transformações. Essas construções foram realizadas em espaços que continuavam articulados com suas vizinhanças, com fluxo de transeuntes considerável para os períodos em que emergiram.

Abrem-se duas formas de interpretar esse fenômeno. A primeira, a de um espraiamento dos sentidos correlativos aos espaços atrelados com os grupos subalternos em antigos núcleos das cidades. Ou seja, maior presença sensorial desses atores sociais ocupando antigas estruturas urbanas que atuavam de alguma forma em suas relações de assujeitamento ou demonstravam a disparidade social que viviam. Contraposta e paralela a essa interpretação, é possível argumentar também que as condições materiais e sensoriais dos grupos subalternos sofreram grande impacto não muito positivo. Os estreitamentos dos edifícios é um dos sinais. As instalações de atividades produtivas que envolviam atividades com fogo nesses espaços reduzidos, sem sinais de ampliação ou conexão com outros cômodos, indicam uma das possibilidades dos estímulos sensoriais que lhes eram quotidianos. Sem contar que os poucos exemplos existentes da dimensão de janelas e portas para esse período demonstram uma diminuição seus tamanhos. As formas de se relacionar com os resíduos, sobretudo os produtivos, foram outros indícios dessas mudanças. A recorrência de depósitos de resíduos em locais abandonados foi acompanhada pelos descartes diretos nas ruas. Refugos de produção também eram descartados com maior frequência no interior dos espaços de trabalho. Desse modo, ao passo que ocuparam em termos práticos e sensoriais esses novos espaços, os grupos subalternos sofreram modificações em seus *habitus* sensoriais. Os elementos arquitetônicos diminutos, fechados, abafados, fumosos, porém, abrigo nos quais repousavam e/ou trabalhavam foram constituintes de suas experiências sensoriais. Contudo, outra vez, a existência de espaço distintos apontam tanto para como os *habitus* sensoriais dos grupos subalternos poderiam reestruturar suas experiências sensoriais quanto para a existência plural de suas formas. Exemplo notório disto foram as construções de espaços de trabalho que, quando não mais amplos, agregavam mais de um tipo de atividade em um mesmo edifício ou em edifícios vizinhos.

Este estudo apresentou apenas algumas faces de como poderiam ser constituídas as experiências sensoriais nas cidades, focando em um grupo particular, os trabalhadores urbanos, dentre aqueles que eram subalternizados na Antiguidade Tardia. De modo mais específico, os trabalhadores que possuíam e/ou atuavam em um ateliê, que fabricavam ou vendiam produtos no interior de um edifício. Mesmo com enfoque bem delimitado, a sensação ao fim é a de que ainda há muito a ser feito. Essa sensação é dúbia. Por um lado, joga com certo receio de incompletude do que foi feito. Por outro, demonstra que esse caminho, embora movediço, não só é prolífico, como as implicações de seus resultados merecem ser consideradas nos estudos das cidades mediterrâneas na Antiguidade Tardia, caso

o objetivo, claro, seja compreender as significações das mudanças urbanas para os grupos e atores sociais que as viveram. Portanto, parafraseando Febvre, não podemos nos furtar da compreensão das experiências sensoriais de outrora. E urge acrescentar: muito menos nos furtar da compreensão de como os grupos e atores sociais subalternos agiam e sentiam.

6 BIBLIOGRAFIA

6.1 Abreviações

AC = **L'Antiquité classique**. Bruxelles.

AJA = **American journal of archaeology**: the journal of the Archaeological Institute of America. Boston (Mass.): Boston University, Archaeological Institute of America.

Amplissimae atque ornamentissimae domus, vol. 1-2 = BULLO, Silvia; GHEDINI, Francesca (Ed.). *Amplissimae atque ornamentissimae domus (Aug. civ., II,20,26). L'edilizia residenziale nelle città della Tunisia romana, 2 vol.* Roma: Edizioni Quasar, 2003.

AntJ = **The Antiquaries journal**: being the journal of the Society of Antiquaries of London. Dorchester: Dorset Pr.

ANRW = **Aufstieg und Niedergang der römischen Welt. Band 10 in 2 Teilbänden: Politische Geschichte (Provinzen und Randvölker: Afrika und Ägypten)**. Berlin, New York: De Gruyter, 1982 (Band 2); 1988 (Band 1).

BASP = **The Bulletin of the American Society of Papyrologists**. Oakville (Conn.): American Society of Papyrologists.

BCTH = **Bulletin archéologique du Comité des travaux historiques et scientifiques. Afrique du Nord**. Paris : Éd. du C.T.H.S.

BMCR = **Bryn Mawr classical review**. Bryn Mawr (Pa.): Bryn Mawr College.

BSAS = **Bulletin de la Société Archéologique de Sousse**.

Byrsa I = LANCEL, Serge (Dir.). **Byrsa I. Rapports préliminaires des fouilles (1974-1976)**. Rome: École Française de Rome, 1979.

Byrsa III = GROS, Pierre (Dir.). **Byrsa III. Rapport sur les campagnes de fouilles de 1977 à 1980 : la basilique orientale et ses abords**. Rome: École Française de Rome, 1985.

C.I. = **Codex Iustinianus**.

C.Th. = **Codex Theodosianus**.

CRAI = **Comptes rendus / Académie des inscriptions et belles-lettres**. Paris: de Boccard.

Dig. = **Digesta**.

DOP = **Dumbarton Oaks papers**. Washington (D.C.): Dumbarton Oaks Research Library and Collection.

DR = Downside review. Bath: Downside Abbey.

Excavations at Carthage. Vol. II.1 = HURST, Henry. **Excavations at Carthage. The British Mission. Vol. II, 1: The Circular Harbour, North Side; the Site and Finds other than Pottery.** Oxford: Oxford University Press, 1994.

Excavations at Carthage I = HUMPHREY, J.H. (Ed.). **Excavations at Carthage 1975 conducted by the University of Michigan, vol I.** Tunis: Cérés Productions, 1976.

Excavations at Carthage. vol. VII = HUMPHREY, J.H. (Ed.). **Excavations at Carthage conducted by the University of Michigan, vol. VII.** Ann Arbor: Kelsey Museum, The University of Michigan, 1982.

Excavations at Sabratha 1948-1952 = KENRICK, P.M. (ed.). **Excavations at Sabratha 1948-1951. A report on the excavations conducted by K. Kenyon and J. Ward-Perkins.** London: Society for the Promotion of Roman Studies, 1986.

FIRA III = ARANGUIO RUIZ, V. (Ed.). *Fontes Iuris Romani Antejustiniani III. Negotia*, Florence: Barbèra, 1943.

GRAMSCI, Antonio. **Q.** = GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere, vol. I-III:** edizione critica dell'Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. Torino: Einaudi Editore, 1975.

GRAMSCI, Antonio. **LC** = GRAMSCI, Antonio. **Lettere dal carcere:** a cura di Sergio Caprioglio e Elsa Fubini. Torino: Einaudi Editore, 1973.

HSCP = **Harvard studies in classical philology.** Cambridge (Mass.): Harvard University Press.

IG = Hiller von Gaertringen. *Inscriptiones Graecae, XII, 3, Berlin, 1898, n. 174*

IJNA = **The International journal of nautical archaeology.** Portsmouth (England): Nautical Archaeology Society; London : Academic Pr.

IRT = REYNOLDS, J.; WARD-PERKINS, B. (Ed.) **The Inscriptions of Roman Tripolitania.** Rome: British School of Rome, 1955-2009. Disponível em: <<https://inslib.kcl.ac.uk/irt2009/index.html>>; Consultado em: abril de 2023.

JRS = **The Journal of Roman studies.** London: Society for the Promotion of Roman Studies.

JSAH = Journal of the Society of Architectural Historians. Chicago (Ill): Society of Architectural Historians.

Karthago Band II = RAKOB, Friedrich (Ed.). **Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago (Karthago Band II).** Mainz, Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1997.

Karthago Band IV = DOLENZ, Heimo; FLÜGEL, Christof. **Die deutschen Ausgrabungen in Karthago. Römische und byzantinische Grossbauten am Decumanus Maximus. (Karthago Band IV).** Darmstadt, Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 2012.

LAVAN, Luke. **Public Space in the Late Antique City, vol. 1-2** = LAVAN, Luke. **Public Space in the Late Antique City (2 vols.):** Vol. 1: Streets, Processions, Fora, Agorai, Macella, Shops. Vol. 2: Sites, Buildings, Dates. Leiden, Boston: Brill, 2021.

LEPELLEY, Claude. **Les cités I-II** = LEPELLEY, Claude. **Les cités de l'Afrique romaine au Bas-Empire, tome I-II:** Notices d'histoire municipale. Paris : Institut des études augustinienes, collection des études augustinienes, 1979-1981.

Leptiminius 1 = BEN LAZREG, N.; MATTINGLY, D.J.; CACIAGLI, R. (Eds.). **Leptiminius (Lamta):** A Roman Port City in Tunisia. Report No.1. Ann Arbor, M.I.: Journal of Roman Archaeology, 1992.

Leptiminius 2 = STIRLING, L.; MATTINGLY, D.J.; BEN LAZREG, N. (Eds.). **Leptiminius (Lamta). Report no. 2. The East Baths, Cemeteries, Kilns, Venus Mosaic, Site Museum, and other studies.** Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 2001.

Leptiminius 3 = STONE, D.L.; MATTINGLY, D.J., BEN LAZREG, N. (Eds.). **Leptiminius (Lamta). Report No. 3, The Field Survey.** Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology. Supplementary Series, 2011.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. **Potestas Populi** = MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. **Potestas Populi** : participation populaire et action collective dans les villes de l'Afrique romaine tardive : vers 300-430 apr. J.-C. Turnhout: Brepols, 2012.

MDAI(R) = **Mitteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, Römische Abteilung** = **Bullettino dell'Istituto Archeologico Germanico, Sezione romana.** Mainz : von Zabern.

MEFRA = **Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité.** Rome: École française de Rome; Paris: de Boccard.

PBSR = **Papers of the British School at Rome.** London: British School at Rome.

PRLE = JONES, A.H.M.; MARTINDALE, J.R. ; MORRIS, J. (Eds.). **The prosopography of the Later Roman Empire. Vol. 1. AD 260-395.** Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

QAL = **Quaderni di archeologia della Libia.** Roma: L'Erma di Bretschneider.

RÉAug = **Revue des études augustinienes et patristiques.** Paris: Institut d'Études augustinienes ; Turnhout: Brepols.

RHAA = **Revista de História da Arte e Arqueologia.** Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP

6.2 Fontes

6.2.1 Obras literárias

ACTA PURGATIONIS FELICIS. In: MAIER, J.-L. (Eds.). **Le dossier du Donatisme, tome I. Des origines à la mort de Constance II (303-361).** Berlin : Akademie Verlag, 1987. p. 174-187.

AELIUS LAMPRIDIUS. **Antoninus Heliogabalus.** In: **Historia Augusta, Volume II:** Caracalla. Geta. Opellius Macrinus. Diadumenianus. Elagabalus. Severus Alexander. The Two Maximini. The Three Gordians. Maximus and Balbinus. Translated by David Magie. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1924.

AGOSTINHO. **Las Confesiones.** Trad. Á. Custodio Vega. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1974 (Obras Completas, II).

_____. **La ciudad de Dios.** Ed., Trad. J. Moran. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1958 (Obras Completas, XVI).

_____. **De Doctrina Christiana.** In: **Tratados Escriturarios.** Trad. Balbino Martín. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1957 (Obras Completas, XV).

_____. **Cartas (1.º).** Trad., notas L. Cilleruelo. 3ª ed. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1986 (Obras Completas, VIII).

_____. **Cartas (2.º).** Ed. L. Cilleruelo. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1953 (Obras Completas, XI).

_____. **Sermones (1.º).** Trad. M. Fuertes Lanero, Moises Ma. Campelo. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1981 (Obras Completas, VII).

_____. **Sermones (3.º).** Trad. Amador del Fueyo, Pio de Luis. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1983 (Obras Completas, Vol. XXIII).

_____. **Sermones (5.º).** Trad. P. de Luis. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1984 (Obras Completas, XXV).

_____. **Sermones (6.º).** Trad. P. de Luis. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1985 (Obras Completas, XXVI).

_____. **Enarraciones sobre los Salmos (1.º).** Ed. Trad. B. Martin Perez; Introd. J Moran. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1964 (Obras Completas, XIX).

_____. **Enarraciones sobre los Salmos (2.º).** Ed., trad. B. Martin Perez. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1965 (Obras Completas, XX).

_____. **Enarraciones sobre los Salmos (3.º).** Ed., trad. B. Martin Perez. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1966 (Obras Completas, XXI).

_____. **Tratados sobre el Evangelio de San Juan (1-35).** Ed., intr., notas T. Prieto. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1955 (Obras Completas, XIII).

APULEIO. **O asno de ouro.** Tradução: R. Guimarães. São Paulo: Editora 34, 2019.

_____. **Apologia**. In: AUGELLO, G. (Ed.). **L'Apologia o la Magia; Florida**. Torino: Unione Tipografico – Editrice Torinese, 1984.

AMIANO MARCELINO. **Histories, Volume I-III**. Translated by J. C. Rolfe. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935-1940.

CÍCERO. *Lucullus* ou *Academica posteriora* In: RACKHAM, H. (Ed.). **On the Nature of the Gods. Academics**. Translated by H. Rackham. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1933.

CODEX IUSTINIANUS. In: FRIER, Bruce *et al.* (Ed.). **The Codex of Justinian (vol. I-III)**: a new translation with parallel Latin and Greek text. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

COLUMELA. **On Agriculture, vol. I-III**. Translated by Harrison Boyd Ash. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1941-1955.

DIGESTA. In: WATSON, Alan (Ed.). **The Digest of Justinian**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985.

DIO CÁSSIO. **Roman History, Volume IX**: Books 71-80. Translated by Earnest Cary, Herbert B. Foster. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1927.

EUSÉBIO DE CESAREIA. **Historia Eclesiástica**. Texto, versión española, introducción y notas por A. Velasco-Delgado. 2ª ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

ESTÁCIO. *Silvae*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Revised by Christopher A. Parrott. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

EXPOSITIO TOTIUS MUNDI ET GENIUM. In: ROUGE, J. (Ed.). *Expositio totius mundi et gentium*. Introduction, texte critique, traduction, notes et commentaire. Paris: Éditions du Cerf, 1966.

ISIDORO DE SEVILHA. **Etimologías**. Texto latino, versión española y notas por J. Oroz Reta y M. Marcos Casquero; introducción general M. C. Diaz y Diaz. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

JOÃO CRISÓSTOMO. **Homilies on Matthew**. Translated by George Prevost and revised by M.B. Riddle. From Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series, Vol. 10. Edited by Philip Schaff. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1888.) Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. In: <<http://www.newadvent.org/fathers/2001.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

_____. **Homilies on the Acts of the Apostles**. Translated by J. Walker, J. Sheppard and H. Browne, and revised by George B. Stevens. From Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series, Vol. 11. Edited by Philip Schaff. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1889). Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/2101.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

_____. **Homilies on Romans.** Translated by J. Walker, J. Sheppard and H. Browne, and revised by George B. Stevens. From Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series, Vol. 11. Edited by Philip Schaff. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1889). Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/2101.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

_____. **Homilies on Colossians.** Translated by John A. Broadus. From Nicene and Post-Nicene Fathers, First Series, Vol. 13. Edited by Philip Schaff. (Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co., 1889.) Revised and edited for New Advent by Kevin Knight. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/2303.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

JOHNSON, Allan Chester *et al.* **Ancient Roman Statues:** a translation with introduction, commentary, glossary and index. Austin: University of Texas Press, 1961. n. 147, p. 124.

JUVENAL. **Juvenal and Persius.** Edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2004.

LIBÂNIO. **Autobiography and Selected Letters, Volume I: *Autobiography. Letters 1-50.*** Edited and translated by A. F. Norman. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

_____. **Selected Orations, Volume I: Julianic Orations.** Edited and translated by A. F. Norman. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1969.

_____. **Selected Orations, Volume II: Orations 2, 19-23, 30, 33, 45, 47-50.** Edited and translated by A. F. Norman. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1977.

MARCIAL. **Epigrams, Volume I: Spectacles, Books 1-5.** Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

_____. **Epigrams, Volume II: Books 6-10.** Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

Notitia Dignitatum. In: <https://la.wikisource.org/wiki/Notitia_dignitatum>. Acesso em: julho de 2023.

PLÍNIO, O VELHO. **Natural History, Volume III: Books 8-11.** Translated by H. Rackham. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1940.

_____. **Natural History, Volume IX: Books 33-35.** Translated by H. Rackham. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1952.

POSSÍDIO DE CALAMA. **Vida de São Agostinho.** In: CAPANAGA, V. (Ed.). **Obras de San Agustín.** Introducción, traducción e notas V. Capanaga. 4ª ed. Madrid: Editorial Católica, Biblioteca de Autores Cristianos, 1969 (Obras Completas, I).

PROCÓPIO DE CESAREIA. **Buildings.** Transl. H.B. Dewig, G. Downey. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1940.

_____. **History of the Wars, vol. II: Books III and IV (Vandalic War)**. Transl. H.B. Dewig. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1916.

SALVIANO DE MARSELHA. **De Gubernatione Dei**. In : LAGARRIGUE, G. **Salvien de Marseille, Ouvres. Tome II, Du gouvernement de Dieu**. Introduction, texte critique, traduction et notes. Paris : Les Éditions du Cerf, 1975.

SÊNECA. **Epistles, Volume I: Epistles 1-65**. Translated by Richard M. Gummere. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1917.

_____. **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J.A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SUETÔNIO. **A vida dos Césares. O divino Augusto**. In: AUGUSTO; SUETÔNIO. **A Vida e os Feitos do Divino Augusto**. Trad. M. Trevizam, P.S. Vasconcelos e A.M. Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TERTULIANO. **De cultu feminarum**. In: TURCAN, Marie (Ed.). **La toilette des femmes (De cultu feminarum)**. Introduction, texte critique, traduction, notes et commentaire M. Turcan. Paris: Les Éditions du Cerf, 2007.

VARRÃO. **Das coisas do campo**. Tradução, introdução e notas Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

VITOR DE VITA. **Histoire de la Persécution vandale en Afrique suivie de La Passion des sept Martyrs, Registre des provinces et des cités d'Afrique**. Trad. Serge Lancel. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

VITRÚVIO. **On Architecture, Volume I: Books 1-5**. Translated by Frank Granger. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931; _____. **On Architecture, Volume II: Books 6-10**. Translated by Frank Granger. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934.

6.2.2 Relatórios de escavação e recursos de documentação material

AIOSA, Sergio. 1. La Casa della Piscina di Sabratha: anticipazioni e problemi. **MARE INTERNUM**, n. 3, p. 103-111, 2011.

AIOSA, Sergio. Cristiani fra le rovine. Ipotesi sul riuso del Tempio di Ercole a Sabratha. In: BONACASA CARRA, R.S. (Ed.). **Pagani e Cristiani a Sabratha e Leptis Magna tra III e VI secolo dC: Monumenti e reperti, tradizioni e immagini**. Palermo: Antipodes, 2012. p. 13-30.

AIOSA, Sergio. Urbanistica e ideologia: a proposito del Tempio di Ercole a Sabratha. . In: COCCO, M.B.; GAVINI, A.; IBBA, A. (Eds.). **L'Africa romana 19 (vol. 1): Trasformazione dei paesaggi del potere nell'Africa settentrionale fino alla fine del mondo antico - Atti del XIX convegno di studio Sassari, 16-19 dicembre 2010**. Roma: Carocci, 2012a. p. 311-324.

AIOSA, Sergio. Il quartiere della *Regio VI*. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017. p. 29-31.

AIOSA, Sergio. L'architettura templare. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017a. p. 45-48.

AIOSA, Sergio. Il Quartiere del porto. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. (Eds.). **Sabratha**: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017b. p. 132-133.

AIOSA, Sergio. Il Decumano massimo. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017c. p. 134-136.

ALCOCK, Leslie. A Seaside Villa in Tripolitania. **PBSR**, vol. 18, p. 92-100, 1950.

ANSELMINO, Lucilla. Le secteur nord-ouest de la ville. In : ENNABLI, A. (Dir.) **Pour sauver Carthage**. Tunis : exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 125-129.

BALLU, Albert. Rapport sur les fouilles exécutées en 1913 par le Service des monuments historiques de l'Algérie, **BCTH**, p. 270–329, 1914.

BALLU, Albert. Ruines de Djemila (antique Cuicul). **Revue Africaine**, n. 62, p. 201–74, 1921.

BALMELLE, Catherine; BOURGEOIS, Ariane ; BROISE, Henri ; DARMON ; Jean-Pierre ; ENNAÏFER, Mongi. **Carthage, Colline de l'Odéon. Maisons de la rotonde et du cryptoportique (recherches 1987-200)**. Volume 1. L'Architecture et son décor. Roma : École Française de Rome, 2012.

BALLU, Albert. Rapport sur les travaux de fouilles exécutés en 1906 par le Service des Monuments historiques en Algérie. **BCTH**, p. 231-301, 1907.

BALLU, Albert. Ruines de Djemila (antique Cuicul). **Revue Africaine**, n. 62, p. 201–74, 1921.

BARTOCCINI, Renato. **Guida di Sabratha**. Roma–Milano: 1927.

BARTOCCINI, Renato. La curia di Sabratha. **QAL**, n. 1, p. 29-58, 1950.

BEN ABED BEN KHADER, Aïcha. **Tunisian mosaics: treasures from Roman Africa**. Los Angeles, CA: Getty Publications, 2006.

BEN OSMAN, Wassila. Étude des pavements de la villa de la volière. In : **Mosaïque. Recueil d'hommages à Henri Stern**. Paris : Recherches sur les civilisations, 1983. p. 147-156.

BENSEDDIK, Nacéra; POTTER, Timothy W. **Fouilles du forum de Cherchel, 1977-1981 (vol. I-II)**. Alger: Agence National d'Archeologie et de Protection des Sites et Monuments Historiques, Bulletin d'Archéologie Algérienne Suppl. 6, 1993.

BEULÉ, Charles E. **Fouilles à Carthage** : auy frais et sous la direction de M. Beulé. Paris : Imprimerie Impériale, 1861.

BESSI, Benedetta. La stratigrafia e i materiali delle fasi ellenistiche e proto-romane – Catalogo. **QAL**, n. 14, p. 11-92, 1987.

BIANCHI, B.; MUSSO, L. (Eds.). **Lepcis Magna, Hunting Baths**: building, restoration, promotion. Firenze: All'insegna del Giglio, 2012.

BIZOT, Bruno. La basilique et ses abords. In : DELESTRE, Xavier. **Hippone**. Aix-en-Provence: Édisud, INAS, 2005. p. 193-215.

BOESWILLWALD, E. ; CAGNAT, R. ; BALLU, A. **Timgad** : une cité africaine sous l'empire romain. Paris : 1905.

BONACASA, Nicola. Roma in area punica: le terme di Sabratha. **Bolletino di Archeologia on line**. Vol. 1, p. 37-54, 2010. p. 42.

:Disponível em: <http://bollettinodiarcheologiaonline.beniculturali.it/wp-content/uploads/2019/01/6_BONACASA.pdf>; visualizado em: 21 de outubro de 2022.

BONACASA, Nicola. Riflessione. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017. p. 11-18.

BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha**: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017.

BONACASA CARRA, R.M.; CIPRIANO, G.; VITALE, E. Sabratha Cristiana. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. (Eds.). **Sabratha**. : una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa. Roma: Bardi Edizioni, 2017. p. 141-166.

BONACASA CARRA, Rosa Maria. Il complesso paleocristiano a nord del teatro di Sabratha. **QAL**, vol. 14, p. 103-214, 1991.

BONACASA CARRA, Rosa Maria. Il complesso paleocristiano a nord del teatro di Sabratha : una revisione critica. In: **Actes du XIe congrès international d'archéologie chrétienne**. Lyon, Vienne, Grenoble, Genève, Aoste, 21-28 septembre 1986. Rome : École Française de Rome, 1989. p. 1909-1926.

BONACASA CARRA, Rosa Maria; BONACASA, Nicola. Nuovi dati sugli edifici termali di Sabratha. **Études et Travaux**, n. XXX, p. 125-153, 2017.

BRECCIAROLI-TABORELLI, Luisa. Le terme della “Regio VII” a Sabratha. **Libya Antiqua**, Vol. XI-XII, p. 113-146, 1974.

BROGAN, Olwen; SMITH, David. **Ghirza**: a Romano-Libyan settlement in Tripolitania. Tripoli: The Department of Antiquities, 1984.

BROISE, Henri. L'évolution des *insulae* des maisons du cryptoportique et de la rotonde dans le contexte urbain. In : BALMELLE, Catherine; BOURGEOIS, Ariane ; BROISE, Henri ; DARMON ; Jean-Pierre ; ENNAÏFER, Mongi. **Carthage, Colline de l'Odéon. Maisons de la rotonde et du cryptoportique (recherches 1987-200).** Volume 1. L'Architecture et son décor. Roma : École Française de Rome, 2012. p. 333-359.

BROWN, R.; HUMPRHEY, J.H.; MacLENNAN, J. Preliminary field report. In: HUMPHREY, J.H. (Ed.). **Excavations at Carthage 1975 conducted by the University of Michigan.** Tunis: Cérés Productions, 1976. p. 1-19.

CAGNAT, René; MERLIN, Alfred. Ostraka latins de Carthage. **Journal des savants**, n. 9, p. 514-523, 1911.

CAPUTO, Giacomo. Sculture dallo scavo a sud del Foro di Sabratha. **QAL**, vol. 1, p. 7-28, 1950.

CAPUTO, Giacomo; GHEDINI, Francesca. **Il tempio d'Ercole di Sabratha.** Roma: L'Erma di Bretschneider, 1984.

CARANDINI, Andrea *et al.* Gli scavi italiani a Cartagine. Rapporto preliminare delle campagne 1973-1977. **QAL**, 13, p. 9-61, 1983.

CARTON, L. Le 'Monte Testaccio' de Sousse. **BSAS**, vol. 16, p. 65-123, 1911-1912-1913.

CONTICELLO, Baldassare. Saggi di scavo, note e suggerimenti di lettura della *insula* 11 della *Regio* VI di Sabratha. **QAL**, n. 20, p. 119-157, 2009.

COURTOIS, Christian. **Timgad. Antique Thamugadi.** Algiers: Service des Antiquités, 1951.

DAVIN, Paul. Etude sur la cadastration de la *Colonia Julia Carthago*. **Revue Tunisienne**, n. 2 , p. 73-85, 1930.

DE SIMONE, Rossana. Il museo punico. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa.** Roma: Bardi Edizioni, 2017. p. 23-28.

DEDREUX, Pierre-Anne. Esquisse de la restauration de la ville de Carthage : d'après la topographie de Carthage de Mr. Dureau de la Malle, la carte de Mr Falbe et des dessins inédits des 16e, 17e et 18e siècles. 1837. Disponible online em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53036621r.r=pierre-anne%20dedreux?rk=21459;2>>.

DELLATRE, Alfred L. Inscriptions de Carthage 1875-1884. **Bull. Epigr.**, année V, n. 1, p. 83-92, 1885.

DELESTRE, Xavier. **Hippone.** Aix-en-Provence: Édisud, INAS, 2005.

DENEAUVE, Jean; VILLIEDIEU, François. Le *cardo maximus* et les édifices situés à l'est de la voie (fouille de 1974, 1975 et 1976). In: LANCEL, Serge (Dir.). **Byrsa I. Rapports préliminaires des fouilles (1974-1976).** Rome: École Française de Rome, 1979. p. 143-176.

DI VITA, Antonino. Leggendo Topografia e archeologia dell'Africa romana di Pietro Romanelli: considerazioni, note, segnalazioni. **QAL**, vol. 7, p. 166-187, 1975.

DI VITA, Antonino. Il mausoleo punico-ellenistico B di Sabratha. **MDAI(R)**. vol. 83, p. 273-285, 1976.

DI VITA, Antonino. Gli *Emporia* di Tripolitania: dall'età di Massinissa a Diocleziano: un profilo storico-istituzionale. In: **ANRW**, II, 10, 2. Berlin, New York: De Gruyter, 1982. p. 516-595.

DI VITA, Antonino. Architettura e Società Nelle Città di Tripolitania fra Massinissa e Augusto: Qualche Nota. In: **Architecture et société. De l'archaïsme grec à la fin de la République. Actes du Colloque international organisé par le Centre national de la recherche scientifique et l'École française de Rome (Rome 2-4 décembre 1980)**. Rome : École Française de Rome, 1983. p. 355-376.

DI VITA, Antonino. Presentazione. **QAL**, n. 14, p. 7-9; 1987.

DI VITA, Antonino. Sismi, urbanistica e cronologia assoluta. Terremoti e urbanistica nelle città di Tripolitania fra il I secolo A.C. ed il IV D.C. In: **L'Afrique dans l'Occident romain (Ier siècle av. J.-C. - IVe siècle ap. J.-C.) Actes du colloque de Rome (3-5 décembre 1987)**. Rome : École française de Rome, 1990. p. 425-494.

DI VITA, Antonino. Resumen Historico. In: DI VITA, A.; DI VITA-EVRARD, G.; BACHIELLI, L. (Eds.). **La Libia antigua: ciudades perdidas del Imperio Romano**. Trad. Montserrat Ribas. Colonia: Könnemann, 1999a. p. 18-43.

DI VITA, Antonino. Sabrata. In: DI VITA, A.; DI VITA-EVRARD, G.; BACHIELLI, L. (Eds.). **La Libia antigua: ciudades perdidas del Imperio Romano**. Trad. Montserrat Ribas. Colonia: Könnemann, 1999. p. 146-181.

DI VITA, Antonino. Culte privé et pouvoir politique à Sabratha, dans l'Antiquité tardive : l'aire sacro-funéraire de Sidret el- Balik (Libye). **CRAI**, 151^e année, n. 1, p. 295-314, 2007.

DI VITA, Antonino. Culto privato e potere politico nella Sabratha tardo-antica: l'area sacro-funeraria di Sidret el Balik. In: ESTIENNE, Sylvia et al. (dir.). **Image et religion**. Naples: Publications du Centre Jean Bérard, 2008. p. 475-483.

DI VITA, Antonino. I mausolei punici di Sabratha e l'impianto urbano della città ellenistica: prodotti di un sincretismo culturale. **Bolletino di Archeologia on line**, v. 1., p. 1-6, 2010. p. 1. Disponível em: https://bollettinodiarcheologiaonline.beniculturali.it/wp-content/uploads/2019/01/1_DiVITA.pdf. Acessado em: 16 de maio de 2022.

DI VITA, A.; DI VITA-EVRARD, G.; BACHIELLI, L. (Eds.). **La Libia antigua: ciudades perdidas del Imperio Romano**. Trad. Montserrat Ribas. Colonia: Könnemann, 1999.

DISTEFANO, Giovanni. Cartagini. *Tabernae* e mulini nelle *domus* urbane tardoantiche. In: MILANESE, M.; RUGGERI, P.; VISMARA, C. (Eds.). **L'Africa Romana 18 (vol. 1)**: i

luoghi e le forme dei mestieri e della produzione nelle province africane. Roma: Carocci, 2010. p. 557-573.

DOCTER, Roald. The topography of Archaic Carthage. Preliminary results of recent excavations and some prospects. **Talanta**, vol. XXXIV-XXXV, p. 113-133. 2002-2003. p. 113-115.

DOLENZ, Heimo; FLÜGEL, Christof. **Die deutschen Ausgrabungen in Karthago. Römische und byzantinische Grossbauten am Decumanus Maximus. (Karthago Band IV)**. Darmstadt, Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 2012.

DUNBABIN, Katherine. A mosaic workshop in Carthage around A.D. 400. In: PEDLEY, J.G. (Ed.). **New light in Ancient Carthage**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1980. p. 73-83.

DUREAU DE LA MALLE, Alfred. **Recherches sur la topographie de Carthage**. Paris : Typographie de Firmin Didot Frères, Imprimeurs de l'Institut, 1835.

DUVAL, Noël. Études d'architecture chrétienne nord-africaine. **MEFRA**, vol. 84, n. 2, p. 1071-1172, 1972.

DUVAL, Noël. Études d'archéologie chrétienne nord-africaine : XVIII - Une petite église chrétienne sur le forum de Cherchel. **REAug**, 34, p. 247-266, 1989.

DUVAL, Noël. L'état actuel des recherches archéologiques sur Carthage chrétienne. **Antiquité Tardive**, n. 5, p. 309-350, 1997.

ENNABLI, Abdelmajid. La maison de la Volière à Carthage : l'architecture. In : **Mosaïque. Recueil d'hommages à Henri Stern**. Paris : Recherches sur les civilisations, 1983. p. 129-145.

ENNABLI, A. (Dir.). **Pour sauver Carthage**. Tunis : Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992.

ENNABLI, Liliane. Mosaïque tombale avec épitaphe. In: In: FANTAR, M. (Ed.). **De Carthage à Kairouan. 2000 ans d'art et d'histoire en Tunisie**. Paris: Association française d'action artistique, 1982. p. 198.

ENNABLI, Liliane. **La basilique de Carthagenna et le locus des sept moines de Gafsa : nouveaux édifices chrétiens de Carthage**. Paris : Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 2000.

FANTAR, M'Hamed H. (Ed.). **Mosaïques de la Tunisie**. Paris, Tunis : Les Éditions de la Méditerranée, 1994.

FALBE, Christian T. **Recherches sur l'emplacement de Carthage** : suivies de renseignements sur plusieurs inscriptions puniques inédites de notices historiques, géographiques, etc. Paris: L'Imprimerie Royale, 1833.

FENTRESS, E.; DRINE, A.; HOLOD, R. **An island through time: Jerba Studies**. Vol. 1. The Punic and Roman periods. Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 2009.

FENTRESS, Elizabeth. An island in transition: Jerba between the fifth and the ninth centuries. In: PANZRAM, Sabine; CALLEGARIN, Laurent. **Entre civitas y madīna: el mundo de las ciudades en la Península Ibérica y en el Norte de África (siglos IV-IX)**. Madrid: Casa de Velázquez, 2018. p. 241-252.

FLÜGEL, Christof ; DOLENZ, Heimo. Carthage, rue Ibn Chabâat (« quartier Didon ») : le développement urbanistique de la période punique ancienne à la période punique tardive. Rapport préliminaire des fouilles menées par le DAI Rome et l'INP Tunis 2009-2012. **Antiquité Africaine.**, n. 54, p. 27-39, 2018.

GAUCKLER, Paul. Le quartier des Thermes d'Antonin et le Couvent de Saint-Étienne à Carthage. **BTCH**, p. 410-420, 1903.

GAUCKLER, Paul. Comptes rendu de la Marche du Service des Antiquités en 1903. Tunis: Imprièrie Centrale, 1904.

GAUCKLER, Paul. Mosaïques tombales d'une chapelle de martyrs à Thabraca. **Monuments et mémoires de la Fondation Eugène Piot**, tome 13, fasc. 2, p. 175-228, 1906.

GAUCKLER, Paul. Rapport sur des inscriptions latines découvertes en Tunisie de 1900 à 1905. **NAM**, vol. XV, fasc. 4, 1907.

GAUCKLER, Paul. *et al.* **Catalogue du Musée Alaoui**. Paris : Ernest Leroux, 1910.

GROS, Pierre. Le forum de la haute ville dans la Carthage romaine d'après les textes et l'archéologie. **CRAI**, 126^e année, N. 3, p. 636-658, 1982.

GUIDI, Giacomo. Il teatro romano di Sabratha. **Africa Italiana**, v. 3, n. 1-2, p. 1-52, 1930.

HAYNES, D.E.L. **The antiquities of Tripolitania**: An archaeological and historical guide to the pre-Islamic antiquities. Libya, London: The Antiquities Department of Tripolitania, The Trinity Press, 1959.

HUMPHREY, John H. (Ed.). **Excavations at Carthage 1975 conducted by the University of Michigan**. Tunis: Cérès Productions, 1976.

HUMPHREY, John H. Pied du versant est de Byrsa : l'évolution d'un quartier. In: ENNABLI, A. (Dir.) **Pour sauver Carthage**. Tunis : Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 165-176.

HURST, Henry. Excavations at Carthage 1977-8. Fourth interim report. **AntJ**. 59, p. 19-49, 1979.

HURST, Henry. **Excavations at Carthage. The British Mission. Vol. II, 1: The Circular Harbour, North Side; the Site and Finds other than Pottery**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

HURST, Henry. Understanding Carthage as a Roman port. **Bollettino di Archeologia Online**. vol. 1, p. 49-68, 2010.

JERBANIA, I.B.; DUFTON, J.A.; FENTRESS, E.; RUSSELL, B. Utica's urban centre from Augustus to the Antonines. **JRA**, vol. 32, p. 66-96, 2019.

JOLY, Elda. Considerazioni sull'architettura di Sabratha nel II secolo d.C. a proposito del «tempio a divinità ignota». **Libya Antiqua**. vol. XVI-XVII, p. 75-82, 1978-79.

JOLY, Elda. Sabratha. In: **Atti del Secondo Congresso di Topografia Antica. La città romana (Roma, 15-16 maggio 1996)**. *JAT*, VIII, 1998. p. 129-150.

JONES, G.B.D. Town and city in Tripolitania: studies in origins and development 1969-1989. **Libyan Studies**, n. 20, p. 91-106, 1989.

LÉZINE, Alexandre. **Carthage-Utique. Études d'architecture et d'urbanisme**. Paris : Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1968.

LÉZINE, Alexandre, PICARD, Gilbert. Observations sur la ruine des Thermes d'Antonin à Carthage. **CRAI**, 100^e année, n. 4, p. 425-430, 1956.

LÓPEZ, María Isabel Rodríguez. The relief decorations of the Ancient Roman theater: The case of Sabratha. **Music in Art**, vol. 41, n. 1-2, p. 17-31, 2017.

KENRICK, Philip. Excavations at Sabratha. **Libyan Studies**, v. 13, p. 51-60, 1982.

KENRICK, Philip (Ed.). **Excavations at Sabratha 1948-1951. A report on the excavations conducted by K. Kenyon and J. Ward-Perkins**. London: Society for the Promotion of Roman Studies, 1986.

KENRICK, Philip. **Libya Archaeological Guides: Tripolitania**. London: Silphium Press, 2009.

LADJIMI-SEBAÏ, Leïla. Le *Decumanus maximus* de Carthage. **CEDAC-Carthage**, vol. 15, p. 32-34, 1996.

MANDRUZZATO, Antonella. Sabratha. Edilizia privata residenziale. La "Casa del Peristilio" di Sabratha: anticipazioni e problemi. **MARE INTERNUM**, v. 4, p. 109-118, 2012.

MANDRUZZATO, Antonella. Cultura abitativa e impianti produttivi. In: BONACASA, N.; AIOSA, S. **Sabratha: una guida a studi degli ultimi 50 anni: dedicata a Nicola Bonacasa**. Roma: Bardi Edizioni, 2017. p. 105-113.

MARICHAL, Robert. Les ostraca de Bu Njem. **CRAI**, 123^e année, N. 3, p. 436-452, 1979.

MASTURZO, Nicolò. Le città della Tripolitania fra continuità ed innovazione. I fori di Leptis Magna e Sabratha. **Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité**, tome 115, n°2, p. 705-753, 2003.

MATTINGLY, D.J.; STONE, D.; STIRLING, L.; BEN LAZREG, N.B. Leptiminus (Tunisia): a 'producer' city? In: MATTINGLY, D.J.; SALMON, J. (Eds.). **Economies beyond agriculture in the Classical world**. London, New York: Routledge, 2001. p. 66-89.

MERLIN, Alfred. Plan de Carthage. **CRAI**, 64 anée, n. 2, p. 116-122, 1920.

MILES, Richard. Late Antique Carthage: archaeological and historical contexts. In: MILES, Richard; GREENSLADE, Simon. **The Bir Messaouda Basilica: pilgrimage and the transformation of an urban landscape in sixth century AD Carthage**. Oxford, Philadelphia: Oxbow 2020. p. 9-23.

MILES, Richard; GREENSLADE, Simon. **The Bir Messaouda Basilica: pilgrimage and the transformation of an urban landscape in sixth century AD Carthage**. Oxford, Philadelphia: Oxbow 2020.

MOSCA, Annapaola, Cartagine: topografia degli impianti produttivi e delle aree commerciale in età romana e tardoantica. In: MILANESE, M.; RUGGERI, P.; VISMARA, C. (Eds.). **L'Africa romana 18 (vol. 1): i luoghi e le forme dei mestieri e della produzione nelle province africane**. Roma: Carocci, 2010. p. 615-629.

MUGNAI, Niccolò. A promenade at Lepcis Magna: Experiencing buildings from the Augustan to the Antonine era. **Libyan Studies**, vol. 52, p. 87-118, 2021.

NIEMEYER, Hans G., DOCTER, Roald F. Excavación bajo el Decumano máximo de Cartago durante los años 1986-1995: informe preliminar. **Cuadernos de arqueología mediterránea**, n. 4, p. 47-110, 1998.

NORMAN, Naomi J.; HAECKL, Anne E. The Yasmina necropolis at Carthage, 1992. **JRA**, vol. 6, p. 238-250, 1993.

PEDLEY, J.G. (Ed.). **New light in Ancient Carthage**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1980.

PEÑA, J. Theodore. The mobilization of state olive oil in Roman Africa: the evidence of late 4th c. *ostraca* from Carthage. In: PEÑA, J.T. *et al.* **Carthage papers. The Early Colony's Economy, Water Supply, a Public Bath and the Mobilization of the State Olive Oil**. Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 1998. p. 117-238.

PICARD, Gilbert. Un palais du IV^e siècle à Carthage. **CRAI**, 108^e année, n. 1, p. 101-118, 1964. esp. p. 109-110.

PRESICCE, Claudio P. L'architettura della via colonnata di Leptis Magna. In: MASTINO, A.; RUGGERI, P. (Eds.). **L'Africa Romana 10 (vol. 2): atti del X convegno di studio**. Oristano, 11-13 dicembre 1992. Sassari: Editrice Archivio Fotografico Sardo, 1992. p. 703-718.

RAABE, Ashleigh W. **Imagining Roman-ness: a study of the theater reliefs at Sabratha**. 2007. p. 111. Dissertation (Master of Arts) - The Department of Art – University of North Carolina, Chapel Hill, 2007.

RAKOB, Friedrich. Fouilles recentes. Allemagne. Fouilles à Carthage en 1990. **CEDAC**, vol. 12, p. 7-12, 1991.

RAKOB, Friedrich. L'habitat ancien et le système urbanistique. In : ENNABLI, A. (dir.) **Pour sauver Carthage**. Tunis : Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 29-37.

RAKOB, Friedrich. Fouille allemandes à Carthage. **CEDAC**, 16-17, p. 7-14, 1997.

RAKOB, Friedrich. Un temple punique à Carthage et l'édifice qui lui succède à l'époque romaine. **CEDAC**, vol. 16-17, p. 53-82, 1997a.

RAKOB, Friedrich. Recherches dans le centre de la ville de Carthage. Second rapport préliminaire. **CEDAC**, vol. 16-17, p. 83-110, 1997b.

RAKOB, Friedrich. Cartago. La topografía de la ciudad Púnica: nuevas investigaciones. **Cuadernos de arqueología mediterránea**, n. 4, 15-46, 1998.

RAKOB, Friedrich. The making of Augustan Carthage. In: FENTRESS, E. (Ed.). **Romanization and the City: Creation, Transformations, and Failures: Proceedings of a Conference Held at the American Academy in Rome to Celebrate the 50 th Anniversary of the Excavations at Cosa, 14–16 May 1998**. Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 2000. p. 72–82.

RAKOB, Friedrich (Ed.). **Die Deutschen Ausgrabungen in Karthago (Karthago Band II)**. Mainz, Rheim: Verlag Philipp von Zabern, 1997.

REYNOLDS, J.; WARD-PERKINS, B. (Ed.) **The Inscriptions of Roman Tripolitania**. Rome: British School of Rome, 1955-2009. Disponible en: <<https://inslib.kcl.ac.uk/irt2009/index.html>>; Consultado en: abril de 2023.

ROSSITER, Jeremy. Villas Vandales: le suburbium de Carthage au début du VI^e siècle de notre ère. In: **Carthage et son territoire dans l'antiquité. Actes du Ier colloque international sur l'histoire et l'archéologie de l'Afrique du Nord (Strasbourg 1988)**. 1990. p. 221-227.

ROSSITER, Jeremy. Domus and villa: late antique housing in Carthage and its territory. In: LAVAN, L. ÖZGENEL, L; SARANTIS, A. (Eds). **Housing in Late Antiquity**. Leiden: Brill, 2007. p. 367–392.

ROSSITER, Jeremy; COPP, Stephen. Les thermes du Phénix: a "lost" Roman bath-house at La Malga, Carthage. **Mouseion, SERIES III**, vol. 9, n. 2, p. 143-158, 2009.

SAUMAGNE, Charles. *Colonia Iulia Karthago*. **BTCH**, p. 131-140, 1924.

SAUMAGNE, Charles. Carthage. **BCTH**, p. 648-664, 1928-1929.

SAUMAGNE, Charles. Les vestiges d'une centuriation romaine à l'est d'El-Djem. **CRAI**, 73^e année, N. 4, p. 307-313, 1929.

SAUMAGNE, Charles. Notes de topographie carthaginoise : I, Colline de Junon; II, Sondage aux abords des anciens ports. **BCTH**, p. 641-659, 1930-1931.

SAUMAGNE, Chales. Les recherches récentes sur la topographie de Carthage. **Journal des savants**, n. 4, p. 145-157, 1931.

SCHIBILLE, Nadine; STERRETT-KRAUSE, Allison E.; FREESTONE, Ian, C. Glass groups, glass supply and recycling in late Roman Carthage. **Archaeological and Anthropological Sciences**, vol. 9, p. 1223-1241, 2017. p. 1235-1237.

SIU, I.; HENDERSON, J.; FABER, E. The production and circulation of Carthaginian glass under the rule of the Romans and the Vandals (fourth to sixth century AD): a chemical investigation. **Archaeometry**, vol. 59, p. 255-273, 2017.

SLIM, Hédi. L'architecture. In : FANTAR, M'Hamed H. (Ed.). **Mosaïques de la Tunisie**. Paris, Tunis : Les Éditions de la Méditerranée, 1994. p. 126-155.

STAGER, Lawrence E. Le tophet et le port commercial. In : ENNABLI, A. (dir.) **Pour sauver Carthage**. Tunis : Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 72-78.

STERRETT-KRAUSE, Allison E. Evidence for glass-working from the Yasmina necropolis at Carthage. In: JANSSENS, K.; GRYSE, P.; COSYN, P. *et al.* (Eds.). **Annales du 17e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre 2006**. Antwerp: University Press Antwerp, 2009. p. 240-246.

STEVENS, S.T. **Bir el Knissia at Carthage**: a rediscovered cemetery church. Portsmouth: Journal of Roman Archaeology Supplementary Series 7, 1993.

VELKOV, Velizar. Le littoral de la Carthage Romaine et la rotonde de Damous el Karita. In : ENNABLI, A. (dir.). **Pour sauver Carthage**. Tunis : Exploration et conservation de la cité punique, romaine et byzantine. Paris: Institut national de l'archéologie et l'art / UNESCO, 1992. p. 96-98.

VISMARA, Cinzia (Ed.). **Uchi Maius 3**: i frantoi: miscellanea. Sassari: EDES Editrice Democratica Sarda, 2007.

VITALE, Emma. Sabratha. La necropoli a Nord-Est del Teatro nell'*insula* 8 della *Regio* IV e il riuso dello spazio urbano a scopo funerario. In: CARRA, R.M. (a cura di). **Pagani e cristiani a Sabratha e Leptis Magna tra III e VI secolo d.C. Monumenti e reperti, tradizione e immagini**. Atti del seminario di studio (Agrigento, 26-27 gennaio 2012). Palermo: Casa Editrice Antipodes, 2012. p. 77-100.

WALDA, H.M.; WALKER, S. Ancient Art and Architecture in Tripolitania and Cyrenaica: New Publications 1969-1989. **Libyan Studies**, n. 20, p. 107-115.

WARD, Philip. **Sabratha**: a guide for visitors. Harrow: The Oleander Press, 1970.

WARD-PERKINS, John Bryan. **The Severan Buildings of Lepcis Magna**. London: The Society for Libyan Studies, 1993.

WELLS, Colin. Le mur de Théodose et le secteur nord-est de la ville romaine. In: ENNABLI, A. (dir.) **Pour sauver Carthage**. p. 115-123.

WHITEHOUSE, John; HARIZE, Sami. Appendix: the search for the maritime forum of Carthage. MILES, Richard; GREENSLADE, Simon. **The Bir Messaouda Basilica: pilgrimage and the transformation of an urban landscape in sixth century AD Carthage**. Oxford, Philadelphia: Oxbow 2020. p. 365-384.

WILSON, Andrew. Commerce and Industry in Roman Sabratha. **Libyan Studies**. Vol. 30, p. 29-52, 1999.

WILSON, Andrew. Timgad and textile production. In: MATTINGLY, D.J.; SALMON, J. (Eds.). **Economies beyond agriculture in the Classical World**. London: Routledge, 2001. p. 271-296.

WILSON, Andrew. Urban production in the Roman world: the view from North Africa." **PBSR**, vol. 70, p. 231–273, 2002.

WILSON, Andrew. Fish-salting workshops in Sabratha. In: LAGÓSTENA, L.; BERNAL, D.; ARÉVALO, A. (eds.). **Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la Antigüedad. Universidad de Cádiz, Noviembre 2005**. Oxford: B.A.R., 2007. p. 173-181.

WILSON, Roger. Roman villas in North Africa. In: MARZANO, A.; MÉTRAUX, G. (Eds.). **The Roman Villa in the Mediterranean Basin**, Cambridge: Cambridge University Press 2018. p. 266-307.

YORKE R.A.; LITTLE J.H. Offshore survey at Carthage, Tunisia, 1973. **International Journal of Nautical Archaeology**, n. 4, p. 85-101, 1975.

YORKE, R.A.; LITTLE, J.H.; DAVIDSON, D.P. Offshore survey of the harbours of Carthage. Summary of 1975 season's work. **IJNA**, vol. 5, n. 2, p. 173-176, 1976.

6.3 Bibliografía moderna específica

ACERO PÉREZ, Jesús. **La gestión de los residuos en Augusta Emerita: siglos I A.C.-VII D.C**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2018.

ALLEN, Pauline; MORGAN, Edward. Augustine on poverty. In: ALLEN, P.; NEIL, B. e MAYER, W. (Eds.). **Preaching poverty in Late Antiquity: perceptions and realities**. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2009. p. 119–170.

ALLEN, Pauline; NEIL, B. Discourses on the poor in the psalms: Augustine's *Enarrationes in Psalmos*. In: ANDROPOULOS, A.; CASIDAY, A. e HARRISON, C. (eds.). **Meditations of the heart: the Psalms in the Early Christian thought and practice. Essays in Honour of Andrew Louth**. Turnhout: Brepols, 2011. p. 181–204.

AMRAOUI, Touatia. Les artisans africains: étude sociale et organisation du travail. I. Statut social et juridique à partir des inscriptions latines de l'Algérie. **Antiquités africaine**, vol. 52, p. 59-80, 2016.

AMRAOUI, Touatia. **L'artisanat dans les cités antiques de l'Algérie (I^{er} siècle avant notre ère-VII^e siècle après notre ère)**. Oxford: Archaeopress Roman Archaeology, 2017.

ARNAUD, Annie. L'exploration archéologique de la Tunisie. In : CABANEL, Patrick, ALEXANDROPOULOS, Jacques (Dir.). **La Tunisie mosaïque**. Toulouse: Press Universitaires du Midi, 2000. p. 541-548.

ASHTON, Sally-Ann. A Preliminary Report on the Small Finds from Excavations at Lepcis Magna 1994-95. **Libyan Studies**, vol. 27, p. 11-15, 1976.

BAGNALL, Roger. The camel, the wagon, and the donkey in Later Roman Egypt. **BASP**, vol. 22, n. 1/4, p. 1-6, 1985.

BAGNALL, Roger; CRIBIORE, Raffaella. **Women's letters from ancient Egypt, 300 BC-AD 800**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006.

BAÏR, Houda. La première carte moderne de Tunis (1831-1832). Le travail de Falbe en contexte. **Cybergeog** : European Journal of Geography (en ligne), Politique, Culture, Représentations, document 474, soumis en ligne le 13 octobre 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria E. Galvão. – 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. – 4^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BALDINI LIPPOLIS, Isabella. **L'architettura residenziale nelle città tardoantiche**. Roma: Carocci, 2005.

BALDINI LIPPOLIS, Isabella. Private space in Late Antique cities: laws and building procedures. In: LAVAN, L.; ÖZGENEL, L.; SARANTIS, A. (eds.). **Housing in Late Antiquity: from palaces to shops**. Leiden, Boston: Brill, 2007. p. 197-237.

BALDINI LIPPOLIS, Isabella. Private space in Late Antique cities: laws and building procedures. In: LAVAN, L.; ÖZGENEL, L.; SARANTIS, A. (eds.). **Housing in Late Antiquity: from palaces to shops**. Leiden, Boston: Brill, 2007.

BALLET, P.; CORDIER, P.; DIEUDONNÉ-GLAD, N. (Eds.). **La ville et ses déchets dans le monde romain** : rebuts et recyclages : actes du colloque de Poitiers, 19-21 septembre 2002. Montagnac : Monique Mergoil, 2003.

BARATTA, Giulia. L'ira divina su un rilievo di Aquileia. **Quaderni Friulani di Archeologia**, vol. XXV, n. 1, p. 143-152, 2015.

BARKER, Simon. Roman builders – pillagers or salvagers? The economics of deconstruction and reuse. In: CAMPOREALE; S. *et alli* (Eds.) **Arqueología de la Construcción II: Los**

processos constructivos en el mundo romano: Italia y provincias occidentales. Madrid, Mérida: Anejos de Archivo Español de Arqueología, 2010. p. 127-142.

BARNES, Sabine. **L'invention des déchets urbains**: France: 1790–1970. Seyssel : Champ Vallon, 2005.

BARNES, Sabine. History of waste management and the social and cultural representations of waste. In: AGNOLETTI, M.; SERNERI, S.N. (Eds.). **The Basic Environmental History**. Cham: Springer, 2014. p. 199-226.

BEN ABED, Aïcha; DUVAL, Noël. Carthage, la capitale du Royaume et les villes de Tunisie à l'époque vandale. In: RIPOLL, G.; GURT, J.M. **Sedes Regiae (ann. 400-800)**. Barcelona: Reial Acadèmia de Bonas Lletres, 2000. p. 163-218.

BEKKER-NIELSEN, Tønnes. **Urban life and local politics in Roman Bithynia**: the small world of Dion Chrysostomos. Aarhus: Aarhus University Press, 2008.

BENSEDDIK, Nacéra. "*Manus lanis occupate...*". Femmes et métiers en Afrique. **Antiquité africaine**, vol. 45, p. 103-118, 2009.

BERR, Henri. Prefácio. Psicologia coletiva e razão individual. In: FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. Trad. Maria Lúcia Machado; trad. dos trechos em latim José E.S. Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 (1942). p. 15-27.

BETTS, Eleanor. Towards a multisensory experience of movement in the City of Rome. In: LAURENCE, Ray; NEWSOME, David J. (Eds.). **Rome, Ostia and Pompeii**: movement and space. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 118-132.

BETTS, Eleanor (Ed.). **Senses of the Empire**: multisensory approaches to Roman culture. London: Routledge, 2017.

BETTS, Eleanor. Introduction: senses of empire. In: BETTS, Eleanor (Ed.). **Senses of the Empire**: multisensory approaches to Roman culture. London: Routledge, 2017. p. 1-12.

BIANCHI, Elisabetta; ANTOGNOLI, Luca. La Cloaca Massima dal Foro Romano al Velabro. Dagli studi di Heinrich Bauer alle nuove indagini. In: BIANCHI, E. (Ed.). **La Cloaca Maxima e i sistemi fognari di Roma dall'antichità ad oggi**. Roma: Paolombi, 2014. p. 109-153.

BILGE, Sirma. Intersectionality undone: saving intersectionality from feminist intersectionality studies. **Du Bois review**. vol. 10, n. 2, p. 405-424, 2013.

BIRLEY, Anthony. **Septimius Severus**: the African emperor. London: Routledge, 1999.

BLEGEN, Carl. **Troy and the Trojans**. London: Thames and Hudson, 1963.

BOCKMANN, Ralf. **Capital continuous**: a study of Vandal Carthage and Central North Africa from an archaeological perspective. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2013.

BOCKMANN, Ralf. Le développement tardif du centre de Carthage: aspects religieux et infrastructurels. RUGGERI, P. (Ed.). **L’Africa romana 20 (vol. 2):** momenti di continuità e rottura: bilancio di trent’anni di convegni L’Africa romana: Atti del xx Convegno Internazionale di studi Alghero - Porto Conte Ricerche, 26-29 settembre 2013. Roma: Carocci, 2015. p. 1135–1143.

BODEL, John. **Graveyard and groves:** a study of the *Lex Lucerina*. Cambridge, Mass.: American Journal of Ancient History, 1994.

BORGES, Jorge Luis. **Obra poética, 1923-1977.** Buenos Aires, Madrid: Emecé Editores, Alianza Editorial, 1981 [2 ed.].

BOURDIEU, Pierre. **Esquisse d'une theorie de la pratique precede de trois etudes d'ethnologie kabyle.** Paris: Éditions du Seuil, 2000 (1972).

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático.** Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRADLEY, Mark. **Colour and meaning in Ancient Rome.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BRADLEY, Mark. Approaches to pollution and propriety. In: BRADLEY, M. (Ed.). **Rome, pollution, and propriety:** dirt, disease, and hygiene in the eternal city from antiquity to modernity. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 11-40.

BRADLEY, Mark. Foul bodies in Ancient Rome. In: BRADLEY, M. (Ed.). **Smell and the Ancient senses.** London: Routledge, 2015. p. 133-145.

BRADLEY, Mark (Ed.). **Rome, pollution, and propriety:** dirt, disease, and hygiene in the eternal city from antiquity to modernity. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

BRADLEY, Mark (Ed.). **Smell and the Ancient senses.** London: Routledge, 2014.

BRENK, Frederick. Dio on the Simple and Self-Sufficient Life. In: SWAIN, S. (Ed.). **Dio Chrysostom:** Politics, letters and philosophy. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 261–78.

BROGAN, Olwen. The camel in Roman Tripolitania. **PBSR**, vol. 22, p. 126-131, 1954

BROGIOLO, G.P.; WARD-PERKINS, B. (Eds.). **The idea and ideal of the town between late Antiquity and the early Middle Ages.** Leiden: Brill, 1999.

BROTHWELL, Donald. Linking urban man with his environment. In: HALL, A.R.; KENWARD, H.K. (Eds.). **Environmental Archaeology in the urban context.** London: Council for British Archaeology, 1982. p. 126-129.

BROWN, Peter. **The cult of the saints:** its rise and function in Latin Christianity. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

BROWN, Peter. **Power and persuasion in Late Antiquity: towards a Christian Empire.** Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1992.

BROWN, Peter. Augustine and a practice of the *imperiti*. *Qui adorant columnas in ecclesia* (S. Dolbeau, 26, 10, 232/ Mayence 62). In: MADEC, G. (Ed.) **Augustine prédicateur, 395-411.** Paris: Institut d'études augustiniennes, 1998. p. 368-375.

BROWN, Peter. **Poverty and leadership in the Later Roman empire.** Hanover, London: University Press of New England, 2002.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho, uma biografia.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BROWN, Peter. **Through the eye of a needle: wealth, the fall of Rome, and the making of Christianity in the West, 350-550 AD.** Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2012.

BRUN, Jean-Pierre. The Archaeology of Roman urban workshops: a French approach? In: WILSON, A.; FLOHR, M. (Eds.). **Urban craftsmen and traders in the Roman world.** Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 77-94.

BRUNT, Peter A. The Roman mob. **Past & Present**, vol. 35, p. 3-27, 1966.

BRUNT, Peter A. Aspects of social thought of Dio Chrysostom and of the Stoics. **The Cambridge Classical Journal**, vol. 19, p. 9-34, 1973.

BUCCINO, Laura. Water, hygiene, luxury, pleasure: the culture of baths. In: BIANCHI, B.; MUSSO, L. (Eds.). **Lepcis Magna, Hunting Baths: building, restoration, promotion.** Firenze: All'insegna del Giglio, 2012. p. 76-86.

BULL, Michael; GILROY, Paul; HOWES, David; KAHN, Douglas. Introducing Sensory Studies. **The Senses and Society**. vol. 1, n. 1, p. 5-7, 2006.

BURNS, Ross. **Origins of the colonnaded streets in the cities of the Roman East.** Oxford: Oxford University Press, 2017.

BUTLER, S.; PURVES, A. (Ed.). **Synaesthesia and the Ancient senses.** London: Routledge, 2014.

BUTLER, S.; NOOTER, S. (Ed.) **Sound and the Ancient senses.** London: Routledge, 2018.

BUTTIGIEG, Joseph A. subalterno/subalternos. In: LIGUORI, G.; VOZA, P. (Eds.). **Dicionário Gramsciano.** São Paulo: Boitempo, 2017. p. 746-749.

BJUR, Hans; SANTILLO FRIZELL, Barbro (Eds.). **Via Tiburtina. Space, movement and artefacts in the urban landscape.** Rome: The Swedish Institute in Rome, 2005.

BRUNT, Peter B. Free Labour and public works at Rome. **JRS**, vol. 70, p. 81-100, 1990.

CABANEL, Patrick, ALEXANDROPOULOS, Jacques (Dir.). **La Tunisie mosaïque**. Toulouse: Press Universitaires du Midi, 2000.

CACITTI, Remo. *Furiosa turba*: i fondamenti religiosi dell'eversione sociale, della dissidenza politica e della contestazione ecclesiale dei Circoncellioni d'Africa. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2006.

CADOTTE, Allain. **La romanisation des dieux: L'interpretatio romana** en Afrique du Nord sous le Haut-Empire. Leiden: Brill, 2006.

CALZA, Guido. La preminenza dell'*insula* nella edilizia romana. **Monumenti Ancitichi dei Lincei**, vol. XXIII, p. 541-608, 1915.

CAMARDO, Domenico; NOTOMISTA, Mario. La casa a Graticcio di Ercolano (III, 13-15). La struttura dell'edificio ed i suoi restauri. **Vesuviana**. n. 9, p. 9-41, 2017.

CANTINO WATAGHIN, G., '...*Ut haec aedes Christo Domino in ecclesiam consecratur*'. Il riuso cristiano di edifici antichi tra tarda antichità e alto medioevo. In: **Ideologie e pratiche del reimpiego nell'Alto Medioevo. Settimane di studio del centro italiano di studio sull'alto medioevo, vol. II**. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1999, p. 673-749.

CARLIN, Martha. The senses in the marketplace: markets, shops, and shopping in Medieval towns. In: NEWHOUSER, R.G. (Ed.). **A Cultural History of the Senses in the Middle Ages, 500-1450**. London: Bloomsbury, 2014. p. 67-87.

CARR, Richard. Sensory processes and responses. In: HASS-COHEN, N.; CARR, R. (Eds.). **Art therapy and clinical neuroscience**. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2008. p. 43-61.

CARRERAS MONFORT, Cèsar. Els abocadors em el món romà: el cas de Londinium I Barcino. **Pyrenae**, vol. 29, p. 147-160, 1998.

CARRERAS MONFORT, Cèsar. Urbanismo y eliminación de residuos urbanos. In: REMOLÀ VALLERDÚ, J.A.; ACERO PÉREZ, J. (Eds.). **La gestión de los residuos urbanos en Hispania: Xavier Dupré Raventós (1956-2006), in Memoriam**. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC, 2011. p. 17-26.

CARRIÉ, Jean-Michel. Les associations professionnelles à l'époque tardive: entre *munus* et convivialité. In: CARRIÉ, J.-M. ; LIZZI, R. (Eds.). **Humana sapit – Mélanges en l'honneur de Lelia Cracco Ruggini**. Turnhout: Brepols, 2002. 309-332

CARVALHO, Maria Margarida de; SILVA, Érica M. Cultura política e administração na Antiguidade Tardia: os conflitos em torno dos '*Curiales*' na cidade de Antioquia (século IV d.C.). **Dimensões**, vol. 25, p. 82-96, 2010.

CASEAU, Beatrice. **EYΩΔΙΑ. Euodia. The use and meaning of fragrances the Ancient World and their Christianization (100-900 AD)**. Chicago, DMI, 1994.

CASTRO, Edgardo. Poder (*Pouvoir*). In: CASTRO, E. (Ed.). **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 323-334.

CHALON, Michel *et alli*. *Memorable factum*. Une célébration de l'évergétisme des rois vandales dans l'Anthologie latine. **Antiquités africaines**, vol. 21, p. 207-262, 1985.

CHARLESWORTH, Simon J. **A phenomenology of working class experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CHICOINE, David. Dating of garbage disposition. In: ZIMRING, C.A.; RATHJE, W.L. (Eds.). **Encyclopedia of consumption and waste: the social science of garbage**. London: SAGE, 2012. p.172-173.

CHIDESTER, David. Symbolism and the senses in Saint Augustine. **Religion**, vol. 14, n. 1, p. 31-51, p. 39-41, 1984.

CILLIERS, Louise. **Roman North Africa: environments, society and medical contribution**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019.

CLARK, Gillian. *Psallite sapienter: Augustine on Psalmody*. In: ANDREOPOULOS, A. et al. (Eds.). **Meditations of the heart: the Psalms in Early Christian thought and practice: essays in honour of Andrew Louth**. Turnhout: Brepols, 2011. p. 161-180.

CLASSEN, Constance; HOWES, David; SYNNOTT, Anthony. **Aroma: the cultural history of smell**. London, New York: Routledge, 1994.

CLOVER, Frank M. *Felix Karthago*. **DOP**, n. 40, p. 1-16, 1986.

CLOVER, Frank M. Carthage and the Vandals. In: HUMPHREY, J.H. (Ed.). **Excavations at Carthage conducted by the University of Michigan, vol. VII**. Ann Arbor: Kelsey Museum, The University of Michigan, 1982. 1-21.

COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

COLLINS, Patricia H. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Trad. Bruna Barros, Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

CONANT, J. **Staying Roman: Conquest and Identity in Africa and the Mediterranean, 439-700**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

CORBIN, A. **Le miasme et la jonquille: L'odorat et l'imaginaire social, XVIIe-XIXe siècles**. Paris: Flammarion, 2016 (1982).

CORBIN, Alain. Histoire et Anthropologie sensorielle. **Anthropologie et Sociétés**, vol. 14, n. 2, p. 13-24, 1990.

CORDIER, Pierre. Les mots pour le dire : le vocabulaire des rebuts et leurs représentations. In : BALLEST, P.; CORDIER, P.; DIEUDONNÉ-GLAD, N. (Eds.). **La ville et ses déchets**

dans le monde romain : rebuts et recyclages : actes du colloque de Poitiers, 19-21 septembre 2002. Montagnac : Monique Mergoïl, 2003. p. 19-26.

CORDIER, Pierre. Le destin urbain du *stercus* et de l'urine. In : BALLETT, P.; CORDIER, P.; DIEUDONNÉ-GLAD, N. (Eds.). **La ville et ses déchets dans le monde romain** : : rebuts et recyclages : actes du colloque de Poitiers, 19-21 septembre 2002. Montagnac : Monique Mergoïl, 2003a. p. 51-60.

COSTANZA, Salvatore. Cartagine in Salviano di Marsiglia: alcune puntualizzazioni. **Studia Patristica**, vol. 17, p. 175-186, 2011.

COURRIER, Cyril. "Une" culture populaire dans l'antiquité romaine?: Quelques remarques sur l'ouvrage de J. Toner, *Popular culture in Ancient Rome*, Cambridge/Malden, Polity Press, 2009. **Antiquité tardive**, vol. 19, p. 333-338, 2011.

COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome et sa culture (fin du IIe siècle av. J.-C.-fin du Ier siècle)**. Rome : École française de Rome, 2014.

COURRIER, Cyril ; TRAN, Nicolas. Qu'est-ce qu'un arlésien ordinaire ? **Cahiers Glotz**. vol. 29, p. 251-272, 2018.

COURRIER, Cyril; TRAN, Nicolas. Southern Gaul from below: the limits and possibilities of epigraphic documentation. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. (Eds.). **Ancient history from below: subaltern experiences and actions in context**. London, New York: Routledge, 2022 p. 55-78.

COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. (Eds.). **Ancient history from below: subaltern experiences and actions in context**. London, New York: Routledge, 2022.

COURTOIS, Christian. **Les vandales et l'Afrique**. Paris : Arts et métiers graphiques, 1955.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, vol. 140, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1499, 1991.

CRIBIORE, Raffaella. **Writing, teachers, and students in Graeco-Roman Egypt**. Atlanta: Scholars Press, 1997.

DAY, Jo. Introduction: making senses of the past. In: DAY, Jo (ed.). **Making senses of the past: toward a Sensory Archaeology**. Carbondale: Southern Illinois University, 2013. p. 1-31.

DAY, Jo. Scents of place and colours of smell: fragranced entertainment in ancient Rome. In: BETTS, E. (Ed.). **Senses of the Empire: Multisensory Approaches to Roman Culture**. London: Routledge, 2017. p. 176-192.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci R. Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DECRET, François. **Carthage ou l'empire de la mer**. Paris : Seuil, 1977.

DeLAINE, Janet. **The Baths of Caracalla. A Study in the Design, Construction, and Economics of Large-scale Building Projects in Imperial Rome**. Portsmouth, Rhode Island: Journal of Roman Archaeology, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2019 (1986).

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 (1978).

DERRICK, Thomas. Sensory Archaeology. In: BETTS, E. (Ed.). **Senses of the Empire: Multisensory Approaches to Roman Culture**. London: Routledge, 2017. p. 71-85.

DESANGES, Jean. Austoriani / Austur. In: **Encyclopédie berbère, vol. 8**. Leuven: Peeters, 1990. p. 1169.

DEY, Hendrik. From “street” to “piazza”: urban politics, public ceremony, and the redefinition of *platea* in communal Italy and beyond. **Speculum**, vol. 91, n. 4, p. 919-944, 2016.

DIAS, Paula B. Uma cidade fascinante, mas violenta. A descrição de Alexandria na *Expositio totius mundi et gentium*. **Boletim de Estudos Clássicos**, n. 63, p. 47-71, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Trad. Vera Casa Nova, Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015 (2000).

DOSSEY, L. **Peasant and Empire in Christian North Africa**. Berkeley: University of California Press, 2010.

DOSSEY, Leslie. Night in the Big City: Temporal Patterns in Antioch and Constantinople as Revealed by Chrysostom's Sermons. In: de WET, C.; MAYER, W. (Eds.). **Revisioning John Chrysostom**. Leiden, Boston: Brill, 2019. p. 698-732.

DUBY, Georges. Histoire des mentalités. In : SAMARAN, C. (Ed.). **L'histoire et ses méthodes**. Paris : Gallimard, 1961. p. 937-966.

DUCKWORTH, Chloë. Seeking the invisible: new approaches to Roman glass recycling. In: DUCKWORTH, C.N.; WILSON, A. (Eds.). **Recycling and reuse in the Roman economy**. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 301-356.

DUCKWORTH, C.N.; WILSON, A. (Eds.). **Recycling and reuse in the Roman economy**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

DUFTON, J. Andrew. The architectural and social dynamics of gentrification in Roman North Africa. **AJA**, Vol. 123, N. 2, p. 263-290, 2019.

DUNBABIN, Katherine. **The mosaics of Roman North Africa**: studies in iconography and patronage. Oxford: Oxford University Press, 1978.

DUNBABIN, Katherine. **Mosaics of the Greek and Roman world**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

DURLIAT, Jean. L'approvisionnement de Constantinople. In: MANGO, C.; DAGRON, G.; GREATREX, G. (Eds.). **Constantinople and its hinterland**. London, New York: Routledge, Variorum, 1995. p. 19-33.

DUVAL, Noël. Études d'architecture chrétienne. **MEFRA**, vol. 84, n. 2, p. 1071-1172, 1972.

DUVAL, Noël. La représentation des monuments dans l'Antiquité tardive, à propos de deux livres récents. **Bulletin Monumental**, vol. 138, n. 1, p. 77-95, 1980.

DUVAL, Noël. Basilique chrétienne africaine. In: CAMPS, G. (Ed.). **Encyclopédie berbère**, v. 9. Aix-en-Provence: Edisud, p. 1371-1377, 1991.

EDMUND, Thomas. **Monumentality and the Roman Empire**: Architecture in the Antonine Age. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FAGAN, Garrett G. **Bathing in public in the Roman world**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1999.

FAGAN, Garret. Violence in Roman social relations. In: PEACHIN, M. (Ed.). **The Oxford Handbook of Social Relations in the Roman World**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 467-495.

FAVRO, Diane. **The urban image of Augustan Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FAVRO, Diane. The festive experience: Roman processions in the urban context. In: BONNEMAISON, S; MACY, C. (Eds.). **Festival Architecture**. London: Routledge, 2007. p. 10-42.

FAVRO, Diane. Construction traffic in Imperial Rome: building the Arch of Septimius Severus. In: LAURENCE, Ray; NEWSOME, David J. **Rome, Ostia and Pompeii**: movement and space. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 332-360.

FELICI, Fabricio, MUNZI, Massimiliano, TANTILLO, Ignazio. *Austuriani e Laguatan in Tripolitania*. In: AKERRAZ, A.; RUGGERI, P.; SIRAJ, A.; VISMARA, C. (Eds.). **L'Africa romana 16 (vol. 1)**: mobilità delle persone e dei popoli, dinamiche migratorie, emigrazioni ed immigrazioni nelle province occidentali dell'Impero romano. Roma: Carocci Editore, 2004. p. 591-687.

FENTRESS, Elizabeth W. **Numidia and the Roman Army**: social, military and economic aspects of the frontier zone. Oxford: BAR Publishing, 1979.

FENTRESS, Elizabeth. Where were North African *nundinae* held? In: GOSDEN, C. *et al.* (Eds.). **Communities and connections: essays in Honour of Barry Cunliffe**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 125-141.

FENTRESS, Elizabeth; WILSON, Andrew. *Terra septem diebus mugitum dedit: North African earthquakes revisited*. In: DUPUIS, X. *et al.* (Ed.). **L'automne de l'Afrique romaine : hommages à Claude Lepelley**. Paris : Hermann, 2021. p. 133-153.

FEBVRE, L. La sensibilité et l'histoire: comment reconstituer la vie affective d'autrefois? **Annales d'Histoire Sociale** (1939–1941), T. 3, n. ½, p. 5–20, 1941. p. 12.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. Trad. Maria Lúcia Machado; trad. dos trechos em latim José E.S. Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 (1942).

FÉVRIER, Paul-Albert. Notes sur le développement urbain en Afrique du Nord. Les exemples comparés de Djemila et de Sétif. *Cahiers archéologiques*, 14, p. 1-47, 1964. p. 9-11. Republicado em: FÉVRIER, P.-A. **La Méditerranée de Paul-Albert Février [recueil d'articles]** Rome : École Française de Rome, 1996. p. 651-697.

FILIPPINI, Michele. poder. In: **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 627.

FLEMING, Maria Isabel D'A.; GREGORI, Alessandro M. Ciberarqueologia e Aprendizagem: Os Aplicativos Digitais do LARP no Diálogo Entre Universidade e Ensino Básico. **Rev. Cult. Ext. USP**, v. 17, p. 69-81, 2017.

FLOHR, Miko. The economy of ordure. In: JANSEN, G.C.M.; KOLOSKI-OSTROW, A.O.; MOORMANN, E.M. (Eds.). **Roman toilets: their archaeology and cultural history**. Leuven: Peeters, 2011. p. 147-156.

FLOHR, M. Working and living under one roof: workshops in Pompeian atrium houses. In: ANGUISSOLA, A. (ed.). **Privata Luxuria – Towards an Archaeology of Intimacy: Pompeii and Beyond**. Munich: Herbert Utz Verlag, 2012. p. 51–72.

FLOHR, Miko. **The world of the fullo: work, economy, and society in Roman Italy**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FLOHR, Miko. Constructing Occupational Identities in the Roman World. In: VERBOVEN, K., LAES, C. (Eds.). **Work, labour, and professions in the Roman World**. Leiden, Boston: Brill, 2016. p. 147–172.

FLOHR, Miko. Work and workplaces. In: LYTLE, E. (ed.). **A Cultural History of Work in Antiquity**. London: Bloomsbury, 2020. p. 57–72.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987 (1975).

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria T.C. de Albuquerque, J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no *Collège de France* (1975-1976). Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRAKES, James F.D. *Monuments of Passage: Roman North Africa and an Emperor on the Move*. **Arris**, n. 18, p. 53-69, 2007.

FRAKES, James F.D. **Framing public life**: the portico in Roman Gaul. Wien: Phoibos Verlag, 2009.

FREND, William H.C. **The Donatist Church**: a movement of protest in Roman North Africa. Oxford: Clarendon Press, 1952.

FREU, Christel. Apprendre et exercer un métier dans l'Égypte romaine (I^{er} - VI^e siècles ap. J.-C.). In: MONTEIX, N.; TRAN, N. (Eds.). **Les savoirs professionnels des gens de métier**: études sur le monde du travail dans les sociétés urbaines de l'empire romain. Naples: Centre Jean Bérard, 2011. p. 27-40.

FRIER, Bruce. Roman life expectancy: Ulpian's evidence. **HPCP**, vol. 86, p. 213-251, 1982.

FUMADÓ ORTEGA, Iván. **Cartago**: historia de la investigación. Madrid: CSIC, Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, 2009.

FUMADÓ ORTEGA, Iván. ¿Quién parte y reparte? Análisis de la disposición urbana en la Cartago fenicia. **Archivo Español de Arqueología**, 86, p. 7-21, 2016.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Cultura popular na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Contexto, 1989.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Antiguidade Clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo A. Epilogue: agency, past, present and future. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. (Eds.). **Ancient history from below**: subaltern experiences and actions in context. London, New York: Routledge, 2022. p. 278-84.

FUNARI, P.P.A.; JONES, S.; HALL, M. Introduction: archaeology in history. In: FUNARI, P.P.A.; JONES, S.; HALL, M. (eds.). **Historical Archaeology**: back from the edge. London, New York: Routledge, 1999, p. 1-20.

GAMAUF, Richard. Images and artworks: some aspects of their everyday roles as reflected in the sources of Roman law. In: GHERMANI, N.; D'ANNOVILLE, C.M. (Eds.) **Images et droit**: du *ius imaginis* au droit à l'image. Rome: Publications de l'École française de Rome, 2022. p. 29-46.

GARBARINO, Collin. **Resurrecting the martyrs**: the role of the cult of the saints, A.D. 370-430. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Louisiana State University, The Department of History, 2010.

GARBARINO, Collin. Augustine, Donatists and Martyrdom. In: SARRIS, P.; DAL SANTO, M.; BOOTH, P. (Eds.). **An Age of Saints?** Leiden, Boston: Brill, 2011. p. 49-61.

GARCÍA MORCILLO, M.; ROSILLO-LÓPEZ, C. (Eds.). **The real estate market in the Roman world**. London, New York: Routledge, 2023.

GARNSEY, Peter. **Social status and legal privilege in the Roman Empire**. Oxford: Oxford University Press, 1970.

GARRAFFONI, Renata S. **Bandidos e salteadores na Roma antiga**. São Paulo: Annablume, 2002.

GESSERT, Genevieve S. Ideological applications: Roman architecture and Fascist Romanità. In: ULRICH, R.B; QUENEMOEN, C.K. (Eds.). **A companion to Roman architecture**. Oxford: Blackwell, 2014. p. 426-445.

GHADDHAB, Ridha. Vie urbaine et activités artisanales dans les villes romaines d'Afrique durant l'Antiquité tardive. In: PANZRAM, Sabine; CALLEGARIN, Laurent. **Entre *civitas* y *madīna*: el mundo de las ciudades en la Península Ibérica y en el Norte de África (siglos IV-IX)**. Madrid: Casa de Velázquez, 2018. p. 253-271.

GIARDINA, Andrea; SCHIAVONE, Aldo (Eds.). **Società romana e produzione schiavistica**. 3 vols. Bari: Laterza, 1981.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 (1976).

GOWERS, Emily. The anatomy of Rome from Capitol to cloaca. **JRS**, vol. 85, p. 23-32, 1995.

GRAHAME, Mark. Towards a theory of Roman urbanism: beyond economics and ideal-types. In: MEADOWS, K. *et al.* (Eds.). **TRAC 96: Proceedings of the Sixth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference**. Oxford: Oxbow Books, 1997. p. 151-162.

GRAN-AYMERICH, Eve. La Tunisie et la politique archéologique française. In: CABANEL, Patrick, ALEXANDROPOULOS, Jacques (Dir.). **La Tunisie mosaïque**. Toulouse: Press Universitaires du Midi, 2000. p. 549-563.

GRAND-CLÉMENT, Adeline; RIBEYROL, Charlotte. Introduction: the fragrant and the foul: what did Antiquity smell like? In: GRAND-CLÉMENT, A.; RIBEYROL, C. **The smells and senses of Antiquity in the Modern imagination**. London: Bloomsbury, 2022. p. 1-23.

GREEN, Marcus. Gramsci cannot speak: presentations and interpretations of Gramsci's concept of the subaltern. **Rethinking Marxism**, vol. 14, n. 3, p. 1-24, 2002.

GREEN, Marcus. Gramsci e as lutas subalternas hoje: espontaneidade e organização política. Trad. Camila M. de Góes. **Outubro**, vol. 25, p. 53-81, 2016.

GREENHALGH, Michael. **The military and colonial destruction of the Roman landscape of North Africa, 1830-1900**. Leiden, Boston: Brill, 2014.

GRIBAUDI, Maurizio. Vestígios de uma modernidade apagada: a Paris popular da primeira metade do século XIX. In: CORDEIRO, G.I.; VIDAL, F. (Eds.). **A rua – espaço, tempo, sociabilidade**. Trad. Graças Índias Cordeiro. Lisboa: Horizonte, 2008. p. 27-45.

GRIG, Lucy. Cities in the ‘long’ Late Antiquity, 2000–2012 – a survey essay. **Urban History**, vol. 40, n. 3, p. 554-566, 2013.

GRIG, Lucy. Approaching popular culture in Late Antiquity: singing in the sermons of Caesarius of Arles. **Studia Patristica**, vol. LXIX, p. 197-204, 2013a.

GROS, Pierre; TORELLI, Mario. **Storia dell’urbanistica. Il mondo romano**. Bari: Laterza, 2007.

GUHA, Ranajit. On some aspects of the historiography of Colonial India. **Subaltern Studies**, vol. 1, p. 1–8, 1982.

GUHA, Ranajit (Ed.). **A Subaltern Studies Reader, 1986-1995**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

GUILLAUMIN, Colette. Race et nature : système des marques, idée de groupe naturel et rapport sociaux. **Pluriel**, vol. 11, p. 39-55, 1977 [Reimprimé] In : GUILLAUMIN, Colette. **Sexe, race et pratique du pouvoir: l’idée de nature**. Paris : côté-femmes éditions, 1992. p. 171-194.

GUIZANI, Samir. Les espaces d’hygiène et de confort en Tunisie à l’époque romaine : les latrines privées. **Revue Tunisienne d’Archéologie**, vol. 3, p. 31-66, 2016. p. 54-57.

GUNNERSON, Charles. Debris accumulation in Ancient and Modern cities. **Journal of the Environmental Engineering Division**, vol. 99, n. 3, p. 229-243, 1973.

HAKIM, Besim. **Mediterranean urbanism: Historic Urban / Building Rules and Processes**. Heidelberg: Springer, 2016.

HAMILAKIS, Yannis. **Archaeology and the Senses: human experience, memory, and affect**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

HANSON, Jack. **An Urban Geography of the Roman World, 100 B.C. to A.D. 300**. Oxford: Archaeopress, 2016.

HARSH, Philip W. *Angiportum, platea, and vicus*. **Classical Philology**, vol. 32, n. 1, p. 44-58, 1932.

HARRISON, George. Martial 1.41: sulphur and glass. **Classical Quarterly**, vol. 37, n. 1, p. 203-207, 1987.

HARTNETT, Jeremy. *Si quis hic sederit: streetside benches and urban society in Pompeii*. **AJA**, vol. 112, p. 91-119, 2008.

HARTNETT, Jeremy. Sound as a Roman social urban phenomenon. HAUG, A.; KREUZ, and P.-A. (Eds.). **Stadterfahrung als Sinneserfahrung in der römischen Kaiserzeit**. Turnhout: Brepols, 2016. p. 159–178.

HARTNETT, Jeremy. **The Roman Street**: urban life and society in Pompeii, Herculaneum, and Rome. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HARVEY, Susan A. **Scenting salvation**: Ancient Christianity and the olfactory imagination. Berkeley: University of California Press, 2006.

HEICHELHEIM, Fritz M. The Text of the *Constitutio Antoniniana* and the Three Other Decrees of the Emperor Caracalla Contained in Papyrus Gissensis 40. **The Journal of Egyptian Archaeology**, vol. 26, n. 1, p. 10–22, 1941.

HEIRBAUT, Elli; HOSS, Hoss, Stefanie. A survey of Roman toilets. **JRA**, vol. 23, p. 542-544, 2010.

HELG, Riccardo. Transformation of the domestic space in the Vesuvian cities: from the development of the upper floors and façades to a new dimension of intimacy. In: ANGUISSOLA, A. (Ed.). **Privata Luxuria - Towards an Archaeology of Intimacy: Pompeii and Beyond**. München: Herbert Utz Verlag, 2012. p. 143-161.

HELG, Riccardo. **Frontes**: le facciate nell'architettura e nell'urbanistica di Pompei e di Ercolano. Bologna: Bononia University Press, 2018.

HERMANSEN, Gustav. **Ostia**: aspects of Roman city life. Edmonton, Alberta: The Alberta University Press, 1982.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HOBSON, Barry. **Latrinae et Foricae**: toilets in the Roman World. Duckworth, London 2009.

HOBSON, Matthew S. A historiography of the study of the Roman economy: economic growth, development and neoliberalism. In: PLATTS, H. *et al.* (Eds.). **TRAC 2013**: proceedings of the twenty-third annual Theoretical Roman Archaeological Conference. Oxford: Oxbow Books, 2014. p. 11-26.

HOLLERAN, Claire. **Shopping in Ancient Rome**: the retail trade in the Late Republic and the Principate. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HOLLERAN, Claire. Representations of food hawkers in ancient Rome. In: CALARESCU, M.; HEUVEL, D. van den (Ed.). **Food Hawkers**: Selling in the streets from antiquity to the present. London: Routledge, 2016. p. 19-42.

HOPE, Valerie; MARSHALL, Eireann (Eds.). **Death and disease in the Ancient city**. London: Routledge, 2000.

HOPE, Valerie. A sense of grief: the role of the senses in the performance of Roman mourning. In: BETTS, Eleanor (ed.). **Senses of the Empire**. multisensory approaches to Roman culture. London: Routledge, 2017. 86-103.

HOPE, Valerie. Vocal expression in Roman mourning. In: BUTLER, S.; NOOTER, S. (Ed.). **Sound and the Ancient senses**. BUTLER, S.; NOOTER, S. (Ed.) **Sound and the Ancient senses**. London: Routledge, 2018. p. 61-76.

HOPKINS, John. The cloaca maxima and the monumental manipulation of water in Archaic Rome. **The Waters of Rome**, n. 4, p. 1–15, 2007.

HORSFALL, Nicholas. **La cultura della Plebs Romana**. Barcelona: PPU, 1996.

HOWES, David (ed.). **Empire of the senses: the sensual culture reader**. Oxford, New York: Berg, 2004.

HOWES, David. Charting the Sensorial Revolution. **The Senses and Society**, vol. 1. n. 1, p. 113-128, 2006.

HOWES, David. **Sensual relations: engaging the senses in culture and social theory**. Michigan: University of Michigan Press, 2010.

HOWES, David. The social life of the senses. **Ars Vivendi Journal**, n. 3, p. 4-23, 2013.

HUNTER-CRAWLEY, Heather. Sensory archaeology and the Roman world: a shifting paradigm. **JRA**, v. 23, p. 690-697, 2018.

HURCOMBE, Linda. A sense of materials and sensory perception in concepts of materiality, **World Archaeology**, vol. 39, n. 4, p. 532-541, 2007.

HURST, Henry. Cartagine, la nuova Alessandria. In: CARANDINI, A. CRACCO RUGGINI, L., GIARDINA, A. (Eds). **Storia di Roma, 3. L'età tardoantica, II, I luoghi e le culture**. Roma: Einaudi, 1993. p. 327-337.

ILAN, Tal. Dance and gender in Ancient Jewish sources. **Near Eastern Archaeology**, Vol. 66, No. 3, 135-136, 2003.

JACOBS, Jane. **The death and life of great American cities**. New York: Vintage Books, Random House, 1961.

JAEGER, Mary. Urban Image of Augustan Rome. Review of Diane G. Favro, *The urban image of Augustan Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. **BMCR**. 1997.

JANSEN, Gemma. Private toilets at Pompeii: appearance and operation. In: BON, Sara E.; JONES, Rick. **Sequence and space in Pompeii**. Oxford: Oxbow Books, 1997. p. 121-134.

JANSEN, Gemma C.M. Studying Roman hygiene: the battle between the optimists and the pessimists. In: JANSEN, G.C.M. (Ed.). **Cura Aquarum in Sicilia**. Leiden: BABESCH, 2000. p. 275-279.

JANSEN, Gemma. Systems for the disposal of waste and excreta in Roman cities. The situation in Pompeii, Herculaneum and Ostia. In: REMOLÀ, J.-A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. (Eds.). *Sordes urbis*: a eliminación de residuos en la ciudad romana. Actas de la reunión de Roma (15-16 de noviembre de 1996). Roma: "L'ERMA" di Bretschneider, 2000. p. 37-49.

JANSEN, Gemma. Sewers or cesspits? Modern assumptions and Roman preferences. In: HOSS, S. (Ed.). *Latrinae*: Roman toilets in the northwestern provinces of the Roman empire. Oxford: Archaeopress, 2018. p. 5-18.

JANSEN, G.; KOLOSKI-OSTROW, A.; MOORMAN, E. (Eds.). **Roman toilets**: their archaeology and cultural history. Leuven: Peeters, 2011.

JANSEN, Gemma C.M.; KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga; MOORMANN, Eric M. Introduction. In: JANSEN, G.; KOLOSKI-OSTROW, A.; MOORMAN, E. (Eds.). **Roman toilets**: their archaeology and cultural history. Leuven: Peeters, 2011. p. 1-6.

JOHNSON, Allan Chester *et al.* **Ancient Roman Statues**: a translation with introduction, commentary, glossary and index. Austin: University of Texas Press, 1961.

JOHNSON, Walter. On agency. **Journal of Social History**, vol. 37, p. 113-124, 2003.

JOLY, Fabio. Capitalismo e burocracia: economia e política nas *Relações Agrárias na Antiguidade*, de Max Weber. **Revista de História**, vol. 140, p. 9-22, 1999.

JONES, Allen E. **Social mobility in Late Antique Gaul**: strategies and opportunities for the non-elite. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2009.

JONES, Arnold H.M. The *Dediticii* and the *Constitutio Antoniniana*. In: JONES, Arnold H.M. **Studies in Roman government and law**. New York: Barnes and Noble, 1960. p. 129-140.

JONES, Arnold H.M. The cloth industry under the Roman Empire. **The Economic History Review**, vol. 16, n. 2, p. 183-192, 1960.

JONES, Arnold H.M. **The Later Roman Empire, 284-602 (vol.1)**: a social economic and administrative survey. Norman: University of Oklahoma Press, 1964.

JORDHEIM, Helge. Camadas do tempo: condições históricas e semânticas para uma estratigrafia do tempo e da história. In: SALOMON, M. (Ed.). **Heterocronias**: estudos sobre a multiplicidade dos tempos. Trad. C.H. Guazzelli e Souza. Goiânia: Edições Ricochete, 2018. p. 291-310.

JOYCE, James. **Ulysses**. New York: Vintage Books/Random House, 1986.

KAABIA, Ridha. La fête publique de la *lauatio* de Magna Mater à Carthage d'après Augustin (*De Ciuitate Dei*, II, 4). In: CORBIER, M.; MEHDI, J. (Eds.). **Le cérémonial dans les sphères politiques et religieuses à travers les âges: actes du colloque international organisé à la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Sousse les 19-21 novembre 2015**. Tunis: Majma' al-Atrash lil-Nashr wa-Tawzi' al-Kitāb al-Mukhtaṣṣ, 2017. p. 105-123.

KAISER, Alan. **Roman urban street networks**. London: Routledge, 2011.

KELLER, Daniel. Social and economic aspects of glass recycling. BRUHN, J. *et al.* (Eds.) **TRAC 2004**: Proceedings of the Fourteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Oxford: Oxbow Books, 2005, p. 65-78.

KELLER, Eric. GOPNIK, Myrna. (Eds.). **Motor and sensory processes of language**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1987.

KEMP, Joanna. Movement, the Senses and Representations of the Roman World: Experiencing the Sebasteion in Aphrodisias. **Exchanges: The Interdisciplinary Research Journal**, vol. 3, n. 2, p. 157-184, 2016.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. Trad. Antonia M. Campos. **Novos estudos do CEBRAP**, vol. 86, p. 93-103, 2010.

KINNEY, Dale. *Spolia. damnatio and renovatio memoriae*. **MAARS**, vol. 42, p. 117-148, 1997.

KNAPP, Robert. **Invisible Romans**: prostitutes, outlaws, slaves, gladiators and others. London: Profile Books, 2011.

KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. **The archaeology of sanitation in Roman Italy**: toilets, sewers and water systems. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.

KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. Roman urban smells: the archaeological evidence. In: BRADLEY, M. (Ed.). **Smell and the Ancient senses**. London: Routledge, 2015. p. 90-109.

KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga; VAN VAERENBERGH, Jeroen; HOBSON, Barry; FLOHR, Miko *et al.* Location and contexts of toilets JANSEN, G.; KOLOSKI-OSTROW, A.; MOORMAN, E. (Eds.). **Roman toilets**: their archaeology and cultural history. Leuven: Peeters, 2011. p. 113-130.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo**. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2014.

KOTZÉ, Annemaré. Augustine and the remaking of martyrdom. In: MIDDLETON, P. (Ed.). **The Wiley Blackwell companion to Christian martyrdom**. Sussex: Willey Blackwell, 2020. p. 135-150.

LA PORTA, Lelio. coerção. In: **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 127-130.

LA PORTA, Lelio. domínio. In: **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017a. p. 219-220.

LA SALVIA, Vasco. Artigianato e tecnica: i processi produttivi e i loro contesti economico-sociali. In: FRANCESCHINI, F. **Storia del lavoro in Italia, vol. 2. Il Medioevo. Dalla dipendenza personale al lavoro contrattato**. Roma: Castelvechi, 2017. p. 142-189.

LAGARRIGUE, Georges. Introduction. In: LAGARRIGUE, G. **Salvien de Marseille, Ouvres. Tome II. Du gouvernement de Dieu**. Introduction, texte critique, traduction et notes. Paris : Les Éditions du Cerf, 1975. p. 12-93.

LAMBRECHTS, Pierre. Le problème du dirigisme d'état au ive siècle : A propos de quelques publications nouvelles. **AC**. tome 18, fasc. 1, 1949. p. 109-126.

LANCEL, Serge. **Saint Augustin**. Paris: Fayard, 1999.

LANÇON, Bertrand. **Rome in Late Antiquity: everyday life and urban change, AD 312-609**. Transl. Antonia Nevill. New York: Routledge, 2000.

LAPORTE, Dominique. **Historia de la mierda**. Trad. Nuria Pérez de Lara. Valencia: Pre-Textos, 1998 (1978).

LARSSON LOVÉN, Lena. Female work and identity in Roman textile production and trade: a methodological discussion. In: GLEBA, M.; PÁSZTÓKAI-SZEÖKE, Judit. (Eds.). **Making textiles in Pre-Roman and Roman times: people, places, identities**. Oxford: Oxbow Books, 2013. p. 109-125.

LASSUS, Jean. Dans les rues d'Antioche. **Bulletin d'études orientales**, t. 5, p. 121-124, 1935.

LATHAM, Jacob. Ritual and the Christianization of urban space. In: URO, R. *et al.* (Eds.). **The Oxford Handbook of Early Christian Ritual**. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 684-702.

LATOUR, Bruno. War and peace of microbes. In: LATOUR, B. **The pasteurization of France**. Transl. Alan Sheridan. Cambridge, MA, London: Harvard University Press, 1993. p. 3-145.

LAURENCE, Ray. **Roman Pompeii: Space and Society**. 2nd ed. London: Routledge, 2007.

LAURENCE, Ray; NEWSOME, David J. (Eds.). **Rome, Ostia and Pompeii: movement and space**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

LAURENCE, Ray. Endpiece. From movement to mobility: future directions. In: LAURENCE, R.; NEWSOME, D. (Eds.). **Rome, Ostia, Pompeii: movement and space**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 386-401.

LAURITSEN, M. Taylor. Residential façades in the Vesuvian cities. **JRA**, Vol. 33, p. 701-707, 2020.

LAVAN, Luke. Late antique urban topography: from architecture to human space. In: LAVAN, L.; BOWDEN, W. (eds.). **Theory and practice in Late Antique Archaeology**. Leiden, Boston: Brill, 2003. p. 171-195.

LAVAN, Luke. The *Agorai* of Antioch and Constantinople as seen by John Chrysostom. In: DRINKWATER, J.; SALWAY, B. (Eds.). **Wolf Liebeschuetz reflected: essays presented by**

colleagues, friends, & pupils. London: Institute of Classical Studies, University of London, 2007. p. 157-167.

LAVAN, L. From *polis* to *emporion*? Retail and regulation in the Late Antique City. In: MORRISON, C. (ed.). **Trade and markets in Byzantium**. Washington D.C.: Dumbarton Oaks, 2012. p. 333-377.

LAVAN, Luke. Public Space in Late Antique Ostia: Excavation and Survey in 2008–2011. **AJA**, vol. 116, n. 4, p. 649-691, 2012a.

LAVAN, Luke (Ed.). **Recent research in late-antique urbanism**. Portsmouth, RI: Journal of Roman Archaeology, 2001.

LAWRIE, Margaret R. **The horse in Roman Society**. 2005. 87 p. Dissertation (Masters of Arts) – College of Human Sciences, Department of Biblical and Ancient Studies, University of South Africa, Pretoria, 2005. p. 5-32.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. Les mentalités. Une histoire ambiguë. In : NORA, P. ; LE GOFF, J. **Faire l'histoire, vol. III** : nouveaux objets. Paris : Gallimard, 1974. p. 76-94.

LEFEBVRE, Georges. **O grande medo de 1789**: seguido de as multidões revolucionárias. Trad. Eduardo H. Aubert. Rio de Janeiro: Vozes, 2020 (1932).

LEHMANN-HARTLEBEN, Karl. Maenianum and Basilica. **The American Journal of Philology**, vol. 59, n. 3, p. 280-296, 1938.

LEONE, Anna. Late Antique North Africa: production and changing use of buildings in urban areas. **Al-Masāq**, vol. 15, n. 1, p. 21-33, 2003.

LEONE, Anna. **The end of the Pagan city**: religion, economy, and urbanism in Late Antique North Africa. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LEONE, Anna. Vandal cities: changing urban forms in 5th century North Africa. In: DE VINGO, P.; PINAR GIL, J. (Ed.). **Romania Gothica IV. Barbares dans la ville de l'Antiquité tardive** : présences et absences dans les espaces publics et privés : actes du Congrès international, Museu d'Història de Catalunya (Barcelone, 12-13 novembre 2010). Sesto Fiorentino, Firenze: All'insegna del Giglio, 2020. p. 209-219.

LEPELLEY, Claude. **Les cités de l'Afrique romaine au Bas-Empire, tome I-II**: Notices d'histoire municipale. Paris : Institut des études augustiniennes, collection des études augustiniennes, 1979-1981.

LEPELLEY, Claude. La crise de l'Afrique romaine au début du Ve siècle, d'après les lettres nouvellement découvertes de saint Augustin. **CRAI**, 125^e année, n. 3, p. 445-463, 1981.

LEPELLEY, Claude. Liberté, colonat et esclavage d'après la Lettre 24*: la juridiction épiscopale « de liberali causa ». In : **Les lettres de Saint Augustin découvertes par**

Johannes Divjak. Communications présentées au colloque de 20 et 21 Septembre 1982. Paris: Études Augustiniennes, 1983. p. 329-342

LEPELLEY, Claude. L'Afrique du Nord et le prétendu séisme universel du 21 juillet 365. **MEFRA**. vol. 85, n. 1, p. 463-491, 1984.

LEPELLEY, Claude. The survival and fall of the classical city in late Roman Africa. In: RICH, J. (ed.). **The city in late antiquity**. London: Routledge, 1992. p. 50-76.

LEPELLEY, Claude. Quelques aspects de l'administration des provinces romaines d'Afrique avant la conquête vandale. **Antiquité Tardive**, n. 10, p. 61-72, 2002.

LEPELLEY, Claude. Deux ruptures dans l'histoire de l'Afrique romaine: les flaviens et les vandales. **Pallas**, 68, p. 49-62, 2005.

LEPELLEY L'Afrique et sa diversité vues par saint Augustin. In: LANCEL, S.; GUÉDON, S. e MAURIN, L. (Eds.). **Saint Augustin: La Numidie et la société de son temps**. Pessac: Ausonius Éditions, 2005a. p. 29-43.

LEPELLEY, Claude. La cité africaine tardive, de l'apogée du IV^e siècle à l'effondrement du VII^e siècle. In: KRAUSE, Jens-Uwe ; WITSCHHEL, Christian (Hrsg.). **Die Stadt in der Spätantike—Niedergang oder Wandel? Akten des internationalen Kolloquiums in München am 30. und 31. Mai 2003**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006. p. 13-31.

LEPELLEY, Claude (Ed.). **La fin de la cité antique et le début de la cité médiévale de la fin du III^e siècle à l'avènement de Charlemagne. Actes du colloque tenu à l'Université de Paris X Nanterre les 1, 2 et 3 avril 1993**. Bari: Edipuglia, 1996.

LENNON, Jack. Contaminating touch in the Roman world. In: PURVES, Alex. (Ed.). **Touch and the Ancient Senses**. London: Routledge, 2018. p. 121-133.

LEVEAU, Philippe. Les maisons nobles de Caesarea de Maurétanie. **Antiquités Africaines**, n. 18, p. 109-165, 1982.

LEVEAU, Philippe. **Caesarea de Maurétanie. Une ville romaine et ses campagnes**. Rome: École Française de Rome, 1984.

LEVEAU, Philippe. The western provinces. In: SCHEIDEL, W.; MORRIS, I.; SALLER, R.P. (Eds.). **The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World**, (Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 651-670.

LEVY, Ernst. **West Roman vulgar law: the law of property**. Buffalo, NY: William S. Hein & Co., 2003 (1951).

LEYERLE, Blake. Refuse, filth, and excrement in the Homilies of John Chrysostom. **Journal of Late Antiquity**, vol. 2, n. 2, p. 337-356, 2009.

LEYERLE, Blake. Imagining Antioch, or the fictional space of alleys and markets. In: BERGJAN, S.-P.; ELM, S. (Ed.). **Antioch II: The Many Faces of Antioch: Intellectual Exchange and Religious Diversity, CE 350-450**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2018. p. 255-278.

LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. The finances of Antioch in the fourth century. **Byzantinische Zeitschrift**, vol. 52, n. 2, p. 344-356, 1959.

LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. Rubbish disposal in Greek and Roman cities. In: In: REMOLÀ, J.-A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. *Sordes urbis*: a eliminación de residuos en la ciudad romana. Actas de la reunión de Roma (15-16 de noviembre de 1996). Roma: "L'ERMA" di Bretschneider, 2000. p. 51-61.

LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. **The decline and fall of the Roman city**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LIEBESCHUETZ, J.H.W.G. *Gens into Regnum*: the Vandals. In: GOETZ, H.-W.; JARNUT, J.; POHL, W. (Eds.). **Regna and Gentes**: The relationship between Late Antique and Early Medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman World. Leiden, Boston: Brill, 2003. p. 55-83.

LIM, Richard. Augustine and Roman public spectacles. In: VESSEY, M. (Ed.). **A companion to Augustine**. Chichester: Blackwell, 2012. p. 138-150.

LIPPS, J.; MACHADO, C.; VON RUMMEL, P. (Eds.). **The sack of Rome in 410 AD**: the event, its context, and its impact. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2013.

LONGFELLOW, Brenda. **Roman imperialism and civic patronage**: form, meaning, and ideology in monumental fountain complexes. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

LORDON, Frédéric. **A sociedade dos afetos**: por um estruturalismo das paixões. Trad. Rodolfo Eduardo Scachetti e Vanina Carrara Sigrist. Campinas: Papirus, 2015.

LOSEBY, Simon T.; CHRISTIE, Neil (Eds.). **Towns in transition**: urban evolution in Late Antiquity and the Early Middle Ages. Aldershot, Vermont: Scolar Press, Ashgate, 1996.

LOT, Ferdinand. **O fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média**. Trad. Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 2008 (1927).

LOVE, John. **Antiquity and capitalism**: Max Weber and the sociological foundations of Roman civilization. Londres, Routledge, 1991.

LUND, John. The archaeological activities of Christian Tuxen Falbe in Carthage in 1838. **CEA**, n. XVIII, p. 8-24, 1986.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Trad. M.C. Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 2014.

MAC MAHON, A. **The taberna structures of Roman Britain**. Oxford: Archaeopress, 2003.

MAC MAHON, A.; PRICE, J. **Roman working lives and urban living**. Oxford: Oxbow Books, 2005.

MACCORMACK, Sabine. The virtue of work: an Augustinian transformation. **Antiquité Tardive**. vol. 9, p. 219-237, 2002.

MACDONALD, William L. **The Architecture of the Roman Empire II: An Urban Appraisal**. New Haven, London: Yale University Press, 1986.

MACKINNON, Michael. Animals, acculturation and colonization in ancient and Islamic North Africa. In: ALBARELLA, U. (Ed.). **The Oxford Handbook of Zooarchaeology**. Oxford: Oxford University Press, Oxford, 2017. p. 466-478. p. 469-474.

MacMULLEN, Ramsay. **Roman social relations: 50 B.C. to A.D. 284**. New Haven, London: Yale University Press, 1974.

MADRID, Teodoro C. Introduccion. In: **Obras completas de San Agustín, XXXVIII: Escritos contra los arríanos y otros herejes**. Madrid: BAC, 1990. p. 667-673

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. A nomeação de Heráclio, sucessor de Santo Agostinho, e as relíquias de Estêvão. In: Rodolfo P. Buzón, Pablo A. Cavallero, Alba Romano e Maria Eugenia Steinberg. (Org.). **Los estudios clasicos ante el cambio de milenio. Vida, Muerte, Cultura**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2002, v. 2, p. 104-113.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Resenha de DELESTRE, X. (Ed.). Hippone. Aix-en-Provence: Édisud, 2005. **RHAA**, vol. 7, p. 113-116, 2007.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Travail, habitation et sociabilités populaires dans les villes de l'Afrique romaine: les quartiers commerçants et artisanaux de Carthage et de Timgad. In: FONTAINE, S.; SARTRE, S. e TEKKI, A. (Eds.). **La ville au quotidien: Regards croisés sur l'habitat et l'artisanat antiques (Afrique du Nord, Gaule, Italie)**. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2011. p. 59-69.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. **Potestas Populi** : participation populaire et action collective dans les villes de l'Afrique romaine tardive : vers 300-430 apr. J.-C. Turnhout: Brepols, 2012.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. *Vbi ecclesia?* Basiliques chrétiennes et violence religieuse dans l'Afrique romaine tardive. In: FREU, C.; JANIARD, S. ; RIPOLL, A. (Éds.). **Libera curiositas. Mélanges d'Histoire Romaine et d'Antiquité Tardive offerts à Jean-Michel Carrié**. Turnhout: Brepols, 2016. p. 387-397, p. 396-397.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Communication and Plebeian Sociability in Late Antiquity: The View from North Africa in the Age of Augustine. In: GRIG, L. (ed.). **Popular Culture in the Ancient World**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 296-317.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. **Sociedade e cultura na África romana: oito ensaios e duas traduções**. São Paulo: Intermeios, 2020.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Society and culture in Late Roman Africa. In: HITCHNER, B. (Ed.). **A companion to North Africa in Antiquity**. London, New York: Routledge, 2022. p. 299-316.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar; COURRIER, Cyril. Ancient history from below: an introduction. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. (Eds.). **Ancient history from below**: subaltern experiences and actions in context. London, New York: Routledge, 2022. p. 1-31.

MAHJOUBI, Ammar. À propos de l'histoire du Maghreb : idéologies et dépassements. In: CABANEL, Patrick, ALEXANDROPOULOS, Jacques (Dir.). **La Tunisie mosaïque**. Toulouse: Press Universitaires du Midi, 2000. p. 187-197.

MAIER, Jean-Louis. L'enquête sur Felix d'Abthugni (? – 15 février 315?). In: MAIER, J.-L. (Eds.). **Le dossier du Donatisme, tome I. Des origines à la mort de Constance II (303-361)**. Berlin : Akademie Verlag, 1987. p. 171-174.

MALMBERG, Simon. Finding your way in the Subura. In: DRIESSEN, M. *et al.* (Eds.). **TRAC 2008**: Proceedings of the Eighteenth Annual Theoretical Roman Archaeology Conference. Oxford: Oxbow Books, 2009. p. 39-51.

MALMBERG, Simon; BJUR, Hans. Movement and Urban Development at Two City Gates in Rome. In: LAURENCE, R.; NEWSOME, D. (Eds.). **Rome, Ostia, Pompeii**: movement and space. Oxford: Oxford University Press, 2011. 361-385.

MANDROU, Robert. Pour une histoire de la Sensibilité. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 14^e année, n. 3, p. 581-588, 1959.

MANGO, Cyril. **Le développement urbain de Constantinople (IV-VII siècles)**. Paris : Diffusion de Boccard, 1985.

MANGO, Marlia M. The commercial map of Constantinople. **DOP**, vol. 54, p. 189-207, 2000.

MARCONE, Arnaldo. Late Roman social relations. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (eds.). **The Cambridge Ancient History**: Volume XIII, The late Empire, AD 337-425. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 338-370, p. 359-360.

MARKUS, Robert A. **The end of Ancient Christianity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MARX, Karl. **Manuscrìtos econòmicos filosóficos**. Trad. J. Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Trad. R. Enderle et al. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Nélìo Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011 (1852/1960).

MASCHEK, Dominik. "Two of my shops have collapsed...": real estate and predatory urban practices in late Republican Central Italy. In: GARCÍA MORCILLO, M.; ROSILLO-LÓPEZ, C. (Eds.). **The real estate market in the Roman world**. London, New York: Routledge, 2023. p. 191-228.

- MASSUMI, Brian. The autonomy of affect. **Cultural Critique**, No. 31, p. 83-109, Autumn, 1995.
- MATTHEWS, John. **The Empire of Ammianus**. London: Duckworth, 1989.
- MATTHEWS, John. The Making of the Text. In: HARRIES, J.; WOOD, I. (Eds.). **The Theodosian Code: studies on the Imperial Law of Late Antiquity**. Londres: Duckworth, 1993. p. 19-44.
- MATTINGLY, David J. **Tripolitania**. London: B.T. Batsford Limited, 1995.
- MAXWELL, Jacklyn L. **Christianization and communication in Late Antiquity: John Chrysostom and his congregation in Antioch**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- MAZZA, Mario. Sul proletariato urbano in epoca imperiale: problemi del lavoro in Asia Minore. *Syculorum Gymnasium*, v. 27, p. 237-278, 1974.
- MAZZARINO, Santo. **L'Impero Romano, vol. 2**. Roma: Laterza, 2007.
- MCCORMICK, Michael. **Origins of the European economy: communications and commerce AD 300-900**. Cambridge University Press, 2001.
- MCLYNN, Neil. Augustine's Roman Empire. **Augustinian Studies**, vol. 30, n. 2, p. 29-44, 1999.
- MELLO, Leonardo F.; MARTINS, Rafael A. São Paulo, Brazil. In: ZIMRING, C.A.; RATHJE, W.L. (Eds.). **Encyclopedia of consumption and waste: the social science of garbage**. London: SAGE, 2012. p. 781-783.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos A.R. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994 (1945).
- MERRILLS, Andrew. The *Mauri* in Late Antiquity. In: HITCHNER, B. (Ed.). **A companion to North Africa in Antiquity**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2022. p. 317-331.
- MILES, Richard. Rivalling Rome: Carthage. In: EDWARDS, C.; WOOLF, G. (Ed.). **Rome the Cosmopolis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 123-146.
- MILES, Richard. The *Anthologia Latina* and the creation of secular space in Vandal Carthage, **Antiquité Tardive**, vol. 13, p. 305-320, 2005.
- MESKELL, Lynn. Introduction: object orientations. In: MESKELL, L. (ed.) **Archaeologies of Materiality**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2005. p. 1-17.
- MILLER, William I. **The anatomy of disgust**. London: Harvard University Press, 1997.
- MINIERO, Paola. Studio di un carro romano dalla Villa c.d. di Arianna a Stabia. **MEFRA**, Vol. 99, n. 1, p. 171-209, 1987.

MODÉРАН, Yves. Les frontières mouvantes du royaume vandale. In : DUPUIS, X.; LEPELLEY, C. (Eds.). **Frontières et limites géographiques de l'Afrique du Nord antique**: Hommage à Pierre Salama. Nouva edizione [online]. Paris: Éditions de la Sorbonne, 1999. s/p.

MODÉРАН, Yves. L'établissement territorial des Vandales en Afrique. **Antiquité Tardive**, vol. 10, p. 87-122, 2002.

MODONESI, Massimo. Da subalternidade ao subalternismo: uma crítica gramsciana aos *Subaltern Studies*. In: DEL ROIO, M. (Ed.). **Gramsci**: periferia e subalternidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, p. 89-105.

MONTALI, Gilberto. *Munera a Sabratha*. **Sylloge Epigraphica Barcinonensis**, vol. XII, p. 75-96, 2014.

MONTEIX, Nicolas. **Les lieux de métier** : boutiques et ateliers d'Herculanum. Naples : Publications du Centre Jean Bérard, 2010.

MOORHEAD, John. Ambrose and Augustine on hymns. **DR**, Vol 128, Issue 451, p. 79-92, 2010.

MORAIS, Juliana M. **Conflitos religiosos e combate ao diabo**: identidade, memória e violência no Norte da África entre os séculos IV e V d.C. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. p. 22-35.

MORLEY, Neville. **Metropolis and hinterland**: the city of Rome and the Italian economy 200 B.C. – A.D. 200. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MORLEY, Neville. The salubrity of the Roman city. In: KING, H. (ed.). **Health in Antiquity**. London: Routledge, 2005. p. 192–204.

MORLEY, Neville. Urban smells and Roman noses. In: BRADLEY, M. (Ed.). **Smell and the Ancient senses**. London: Routledge, 2015. p. 110-119.

MOSCA, Annapaola, Cartagine: topografia degli impianti produttivi e delle aree commerciali in età romana e tardoantica. In: MILANESE, M.; RUGGERI, P.; VISMARA, C. (Eds.). **L'Africa Romana 18 (vol. 1)**: i luoghi e le forme dei mestieri e della produzione nelle province africane. Roma: Carocci, 2010. p. 615-629.

MOSS, Candida. Martyr veneration in Late Antique North Africa. In: MILES, R. (Ed.). **The Donatist schism**: controversy and contexts. Liverpool: Liverpool University Press, 2016, p. 54-69.

MULRYAN, Michael. The establishment of urban movement networks: devotional pathways in Late Antique and Early Medieval Rome. In: DUGGAN, M. *et al.* (Eds.). **TRAC 2011**: Proceedings of the Twenty First Annual Theoretical Roman Archaeology Conference, Newcastle 2011. Oxford: Oxbow Books, 2012. p. 123-134.

MUNZI, Massimiliano. **L'epica del ritorno**: archeologia e politica nella Tripolitania italiana. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2001.

MUNZI, Massimiliano. Italian archaeologists in colonial Tripolitania. **Lybian Studies**, v. 43, p. 81-110, 2012.

MUNZI, Massimiliano. Quaranta anni di archeologia coloniale a Sabratha, 1911-1951. In: MUSSO, Luisa; BUCCINO, Laura (Eds.) **Museo di Sabratha nei disegni di Diego Vincifori**: architettura e archeologia nella Libia degli anni trenta. Firenze: All'insegna del Giglio, 2013. p. 203-213.

MURPHY, Elizabeth A. Roman workers and their workplaces: some Archaeological thoughts on the organisation of workshop labour in ceramic production. In: VERBOVEN, K., LAES, C. (Eds.). **Work, labour, and professions in the Roman World**. Leiden, Boston: Brill, 2016. p. 133-146.

MURPHY, Elizabeth A. Reconstructing socio-economic work practices between industries: cross-industry relations in Roman Italy. In: HOCHSCHEID, H.; RUSSELL, B. (Eds.). **The Value of Making**: Theory and Practice in Ancient Craft Production. Turnhout: Brepols, 2021. p. 89–104.

NEIRA JIMENEZ, Maria Luz. Sobre la representación de ciudades marítimas en mosaicos romanos. **Espacio. Tiempo y Forma. Serie II. Historia Antigua**, vol. 10, p. 219-251, 1997.

NEIRA JIMÉNEZ, María Luz. Continuidad y ruptura em los mosaicos tardoantiguos del Norte de África: representaciones, comanditarios y artesanos. In: RUGGERI, P. (Ed.). **L'Africa romana 20 (vol. 1)**: Momenti di continuità e rottura: bilancio di trent'anni di convegni *L'Africa romana*. Roma: Carocci editore, 2015. p. 399-412.

NEUDECKER, Richard. **Die Pracht der Latrine**: Zum Wandel öffentlicher Bedürfnisanstalten in der kaiserzeitlichen Stadt. München: Verlag Dr. Friedrich Pfeil, 1994.

NISSIN, Laura. Sleeping Culture in Roman Literary Sources. **Arctos**, vol. 49 p. 95-133, 2015.

NISSIN, Laura. **Roman sleep**: sleeping areas and sleeping arrangements in the Roman house. Helsinki: 2016.

O'DALLY, Frank. **Augustine's philosophy of mind**. Berkeley: University of California Press, 1987.

O'DONNELL, James. **Augustine**: a new biography. New York: Harper Perennial, 2006. p. 150-152.

ONG, Walter J. The shifting *sensorium*. In: HOWES, D. (Ed.). **The varieties of sensory experience**: a sourcebook in the Anthropology of the Senses. Toronto: University of Toronto Press, 1991. p. 25-30.

ÖSTENBERG, Ida. **Staging the world**: spoils, captives, and representations in the Roman triumphal procession. Oxford: Oxford University Press, 2008.

ÖSTENBERG, I.; MALMBERG, S.; BJØRNEBYE, J. (Eds.). **The moving city**: processions, passages and promenades in Ancient Rome. London: Bloomsbury, 2015.

ÖSTENBERG, I.; MALMBERG, S.; BJØRNEBYE, J. Introduction. In: ÖSTENBERG, I.; MALMBERG, S.; BJØRNEBYE, J. (Eds.). **The moving city**: processions, passages and promenades in Ancient Rome. London: Bloomsbury, 2015. p. 1-9.

PACKER, James E. Structure and design in Ancient Ostia: a contribution to the study of Roman Imperial Architecture. **Technology and Culture**. Vol. 9, n. 3, p. 357-388, 1968.

PALMIRSKI, Tomasz. Some remarks on *Ne quis in suggrunda protectove id positum habeat, cuius casus nocere possit* praetor's edict. **Revue internationale des droits de l'antiquite**, vol. 50, p. 287-300, 2003.

PANCIERA, Silvio. Nettezza urbana a Roma: organizzazione e responsabili. In: REMOLÀ, J.-A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. (Eds.). **Sordes urbis**: la eliminación de residuos en la ciudad romana. Actas de la reunión de Roma (15-16 de noviembre de 1996). Roma: "L'ERMA" di Bretschneider, 2000. p. 95-105

PANELLA, Clementina. Merci e scambi nel Mediterraneo tardoantico. In: CARANDINI, A.; CRACCO RUGGINI, L.; GIARDINA, A. (a cura di). **Storia di Roma, 3. L'età tardoantica, II, I luoghi e le culture**. Roma: Einaudi, 1993. p. 613-697.

PANZRAM, S.; CALLEGARIN, L. (Eds.). **Entre civitas y madina**: el mundo de las ciudades en la Península Ibérica y en el norte de África (siglos IV-IX). Madrid: Casa de Velázquez, 2018.

PEÑA, J. Theodore. **Roman pottery in the archaeological record**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PEÑA, J. Theodore. Recycling in the Roman world: concepts, questions, materials, and organization. In: DUCKWORTH, C.N.; WILSON, A. (Eds.). **Recycling and reuse in the Roman economy**. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 9-58.

PETIT, Paul. **Histoire générale de l'Empire romain, vol. III: le Bas-Empire (284-395)**. Paris: Editions Point, 1974.

PETZNEK, Beatrix. A Roman cesspit from the mid-2nd century with lead price tags in the civil town of Carnuntum (Schloss Petronell/Austria). In: HOSS, S. (Ed.). **Latrinae**: Roman toilets in the northwestern provinces of the Roman empire. Oxford: Archaeopress, 2018. p. 119-126.

PETZNEK, Beatrix. Roman chamber pots. In: HOSS, S. (Ed.). **Latrinae**: Roman toilets in the northwestern provinces of the Roman empire. Oxford: Archaeopress, 2018a. p. 127-135

PIETRI, Charles. **Roma christiana. Recherches sur l'Église de Rome, son organisation, sa politique, son idéologie, de Miltiade à Sixte III (311-440)**. Rome : Ecole française de Rome, 1976.

PINON, Pierre. L'Orient de Jean Nicolas Huyot : le voyage en Asie-Mineure, en Egypte et en Grèce (1817-1821). **Revue du monde musulman et de la Méditerranée**, n. 73-74, p. 35-55, 1994.

PIRANOMONTE, Marina. **The baths of Caracalla**: guide. Transl. S. Ciuffini R. Sadlei. Milano: Mondadori Electa, 2008.

POEHLER, Eric E. **The traffic systems of Pompeii**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

POTTER, David S. Odor and power in the Roman Empire. In: PORTER, J.I. (Ed.). **Constructions of the Classical Body**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999. p. 169-189.

POTTER, Timothy. **Towns in late Antiquity**: Iol Caesarea and its contexts. Oxford: Oxbow Books, 1995.

PURCELL, Nicholas. The city of Rome and the *plebs urbana* in the late Republic. In: **The Cambridge Ancient History, vol. IX**: The Last Age of the Roman Republic, 146-43 BC. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 644-688.

PURVES, A. (Ed.). **Touch and the Ancient senses**. London: Routledge, 2017.

RAEPSAET, Georges. Land and transport, part 2: riding, harnesses, and vehicles. In: OLESON, J.P. (Ed.). **The Oxford handbook of engineering and the technology in the Classical world**. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 580-605.

RAEPSAET, Georges. Land Transport and Vehicles. In: IRBY, G. L. (Ed.). **A Companion to Science, Technology, and Medicine in Ancient Greece and Rome**. Chichester: John Wiley & Sons, 2019. p. 836-853.

RAEPSAET, Georges. Energie animale mise en oeuvre : charges et poids voiturés dans les monde gréco-romain. **Ancient Society**. Vol. 49, p. 41-102, 2019a.

RAPOPORT, Amos. **The meaning of the built environment**: a nonverbal communication approach. Tucson: University of Alabama Press, 1982.

RASMUSSEN, Stein E. **Experiencing Architecture**. MIT Press, 1964.

RATHJE, William; MURPHY, Cullen. **Rubbish!**: the Archaeology of garbage. New York: Harper Colins, 1992.

REBUFFAT, R. Le développement urbain de Volubilis au second siècle de notre ère. **BCTH**, N.S. 1-2, p. 231-240, 1965.

REBUFFAT, René. Maisons à péristyle d'Afrique du Nord : répertoire de plans publiés. **MEFRA**, vol. 81, p. 659-724, 1969.

REINHOLD, Meyer. **History of Purple as a Status Symbol in Antiquity**. Brussels: Collection Latomus, 1970.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

REMESAL RODRÍGUEZ, José. Monte Testaccio. Un archivo único. In: REMESAL RODRÍGUEZ, J. *et alli*. (Eds.). **Paisajes productivos y redes comerciales en el Imperio Romano**. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2019. p. 11-28.

REMOLÀ VALLERDÚ, J.A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. (Eds.). **Sordes urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana**. Actas de la reunión de Roma (15-16 de noviembre de 1996). Roma: "L'ERMA" di Bretschneider, 2000.

REMOLÀ VALLERDÚ, J.A.; ACERO PÉREZ, J. (Eds.). **La gestión de los residuos urbanos en Hispania: Xavier Dupré Raventós (1956-2006), in Memoriam**. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, CSIC, 2011.

REYERSON, Kathryn. Urban sensations: the Medieval city imagined. In: NEWHOUSER, R.G. (Ed.). **A Cultural History of the Senses in the Middle Ages, 500-1450**. London: Bloomsbury, 2014. p. 45-65.

RICHARD, Analiese, RUDNYCKYJ, Daromir. Economies of affect. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, n. 15, p. 57-77, 2009.

ROBINSON, Olivia F. **Ancient Rome: city planning and administration**. London, New York: Routledge, 1992.

RODRÍGUEZ ALMEIDA, Emilio. **Il Monte Testaccio: ambiente, storia, materiali**. Roma: Quasar, 1984.

RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco. Leyes y normas sobre la gestión de los residuos en época romana. In: BERNAL-CASASOLA, D.; CONTINO, A.; SEBASTIANI, R. (Eds.). **Da Roma a Gades/De Roma a Gades: gestione, smaltimento e riuso dei rifiuti artigianali e commerciali in ambiti portuali marittimi e fluviali/ La gestión, eliminación y reutilización de residuos artesanales y comerciales en ámbitos portuarios marítimos y fluviales** Oxford: Archaeopress, 2022. p. 1-30.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. Trad. M.F.S. Moreira; J.R.A. Bonfim. São Paulo: Unesp, 1994.

ROSILLO-LÓPEZ, Cristina. Destitute, homeless and (almost) invisible: urban poverty and the rental market in the Roman world. In: COURRIER, C.; MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J.C. (Eds.). **Ancient history from below: subaltern experiences and actions in context**. London, New York: Routledge, 2022. p. 104-121.

ROSTOVTZEFF, Mikhail. **Historia social y económica del Imperio Romano, vol. II**. Trad. F.J. Presedo Velo. Madrid: Espasa-Calpe, 1967 (1926).

ROUGÉ, Jean. Introduction. In: **Expositio Totius Mundi et Gentium**. Paris: Éditions du Cerf, 1966. p. 7-137.

RUDOLPH, K.C. (ed.). **Taste and the Ancient senses**. London: Routledge, 2017.

RUSSELL, Amy. **The politics of public space in Republican Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

RYKWERT, Joseph. **A coluna dançante**: sobre a ordem na arquitetura. Perspectiva, 2016. Trad. A.B. Loewen, M.C. Guimarães, C. Naser. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFFIOTTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. – 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015 (2004).

SALAMA, Pierre. Entrées et circulations dans Timgad (Étude préliminaire). In: MASTINO, A.; RUGGIERI, P. (Eds.). **L’Africa Romana 10 (vol. 1)**: atti del X convegno di studio. Oristano, 11-13 dicembre 1992. Sassari: Editrice Archivio Fotografico Sardo, 1994. p. 347-358.

SALAMITO, Jean-Marie. Saint Augustin, le travail et les travailleurs. In : MERCURE, Daniel ; SPURK, Jan. (dir.) **Le travail dans l’histoire de la pensée occidentale**. Quebec : Les Presses de l’Université Laval, 2003. p. 59-97.

SALIOU, Cathérine. **Les lois des bâtiments** : voisinage et habitat urbain dans l’Empire romain. Recherches sur les rapports entre le droit et la construction privée du siècle d’Auguste au siècle de Justinien. Beyrouth : Presses de l’Ifpo, 1994.

SALIOU, Catherine. Le nettoyage des rues dans l’Antiquité : fragments de discours normatifs. In : BALLEST, P.; CORDIER, P.; DIEUDONNÉ-GLAD, N. (eds.). **La ville et ses déchets dans le monde romain** : rebuts et recyclages : actes du colloque de Poitiers, 19-21 septembre 2002. Montagnac : Monique Mergoil, 2003.p. 37-51.

SALIOU, Catherine. Identité culturelle et paysage urbain: remarques sur les processus de transformation des rues à portiques dans l’Antiquité Tardive. **Syria**, vol. 82, p. 207-224, 2005.

SALIOU, Cathérine. Antioche décrite par Libanios: la rhétorique de l’espace urbain et ses enjeux au milieu du quatrième siècle. In: AMATO, E. (Ed.). **Approches de la Troisième Sophistique** : hommage à Jacques Schamp. Brussels : Éditions Latomus, 2006. p. 273-285.

SALVATERRA, Carla; CRISTOFORI, Alessandro. Twentieth-century Italian scholarship on Roman craftsmen, traders, and their professional organizations. In: WILSON, A.; FLOHR, M. (Eds.). **Urban craftsmen and traders in the Roman world**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 55-76.

SANTAMATO, Emanuele. Per una interpretazione dei Graffiti privati e dell’economia quotidiana a Pompei (con particolare riguardo alle liste di prezzi). **Ancient Society**, vol. 44, p. 307-341, 2014.

SARRI, Antonia. **Material aspects of letter writing in the Graeco-Roman World: 500 BC – AD 300**. Berlin: de Gruyter, 2018.

- SARTORIO, Giuseppina P. **Mezzi di trasporto e traffico**. Roma: Edizioni Quasar, 2015.
- SCAGLIARINI, Daniela; CORALINI, Antonella. *Caveat emptor, caveat mercator*. La rappresentazione del rapporto compratore-venditore nella cultura figurativa romana. In: SANTORO, S. (Org.). **Emptor et mercator. Spazi e rappresentazioni del commercio romano**. Bari: Edipuglia, 2017. p. 245-253.
- SCHECTER, Darrow. Gramsci, Antonio. In: **Encyclopedia of Power**. In: DOWNDING, K. (Ed.). Los Angeles: SAGE, 2011. p. 291-296.
- SCHEIDEL, Walter. Progress and problems in Roman demography. In: SCHEIDEL, W. (Ed.). **Debating Roman demography**. Leiden: Brill, 2001. p. 1-81, esp. p. 13-32.
- SCHEIDEL, Walter. Germs for Rome. In: EDWARDS, C.; WOOLF, G. (Eds.). **Rome the Cosmopolis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 158-176.
- SCHOEVAERT, Julien. **Boutiques d'Ostie**: l'économie urbaine au quotidien, Ier s. av. J.-C.-Ve s. ap. J.-C. Rome: École française de Rome, 2018.
- SCHUZKE, Marcus. Power and resistance: linking Gramsci and Foucault. In: KREPS, D. (Ed.). **Gramsci and Foucault: a reassessment**. Farnham: Ashgate, 2015. p. 55-73.
- SCHWARCZ, A. The settlement of the Vandals in North Africa. In: MERRILLS, A.H. (Ed.). **Vandals, Romans and Berbers**. Aldershot: Ashgate, 2004. p. 49-58.
- SCOBIE, Alex. Rich and poor in the Roman world (B.C. 50-A.D. 150). **The Classical Outlook**, December-January, Vol. 60, n. 2, p. 44-46, 1982-1983.
- SCOBIE, Alex. Slums, sanitation, and mortality in the Roman world. **Klio**, vol. 68, p. 399-433, 1986.
- SEARS, Gareth. **Late Antique African urbanism**: continuity and transformation in the city. Oxford: BAR, 2007.
- SEARS, Gareth. The fate of the temples in North Africa. In: LAVAN, L.; MULRYAN, M. (Eds.). **The Archaeology of Late Antique 'Paganism'**. Leiden: Brill, 2007a. p. 229-259.
- SENETT, Richard. **Corpo e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SERNEELS, Vincent. La chaîne opératoire de la sidérurgie ancienne. In: FEUGÈRE, M.; SERNEELS, V. (Eds.). **Recherches sur l'économie du fer en Méditerranée nord-occidentale**. Montagnac : Editions Monique Mergoïl, 1998. p. 7-44.
- SERNEELS, Vincent. Le travail du fer. In: REYMOND, S.; ESCHBACH, F.; PERRET, S. (Eds.). **La villa romaine du Buy et sa forge**: dernières découvertes à Cheseaux, Morrens et Etagnières (canton de Vaud, Suisse). Lausanne: Imprimeries Réunies Lausanne, Cahiers d'Archéologie Romande (115). 2009, p. 55-56.

SESSA, Kristina. **Daily Life in Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SJÖRBERG, Birgitta. More than just gender: the classical *oikos* as a site of intersectionality. In: LAURENCE, R; STRÖMBERG, A. (Eds.). **Families in the Greco-Roman world**. London: Continuum, 2012. p. 48-59.

SHAW, Brent D. Seasons of death: aspects of mortality in Imperial Rome. **JRS**, vol. 86, p. 100-138, 1996.

SHAW, Brent D. African Christianity: disputes, definitions, and 'Donatists'. In: GREENSHIELDS, M.R.; ROBINSON, T.A. (Eds.). **Orthodoxy and Heresy in religious movements: discipline and dissent**. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1992. p. 5–34. Reprinted In: SHAW, Brent D. **Rulers, nomads and Christians in Roman North Africa**. Aldershot: Variorum, 1995.

SHAW, Brent. The camel in Roman North Africa and the Sahara: history, biology and the human economy. **Bulletin de l'Institut Fondamental d'Afrique Noire**, vol. 41, 663-721, 1979. Reprinted in : SHAW, Brent. **Environment and society in Roman North Africa: studies in history and archaeology**. London: Routledge, Variorum, 1995.

SHAW, Brent. **Sacred violence: African Christians and sectarian hatred in the Age of Augustine**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

SILVA, José Filipe. Augustine on Active Perception. In: SILVA, J.F.; YRJÖNSUURI, M. (Eds.). **Active perception in the history of Philosophy: from Plato to Modern Philosophy**. Cham: Springer International Publishing, 2014. p. 79-98.

SILVA, Glaydson J. **História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)**. São Paulo: Annablume, 2007.

SJÖRBERG, Birgitta. More than just gender: the classical *oikos* as a site of intersectionality. In: LAURENCE, R; STRÖMBERG, A. (Eds.). **Families in the Greco-Roman world**. London: Continuum, 2012. p. 48-59.

SKE, Robin; Day, Jo (eds.). **The Routledge Handbook of Sensory Archaeology**. London: Routledge, 2019.

SMALL, D.B. The tyranny of the text: lost social strategies in current historical period archaeology in the classical Mediterranean. In: FUNARI, P.P.A.; HALL, M.; JONES, S. (eds.). **Historical Archaeology: back from the edge**. London, New York: Routledge, 1999. p. 122-136.

SMITH, Mark. M. **How race is made: slavery, segregation, and the senses**. Chappel Hill: University of North Carolina Press, 2006.

SMITH, Mark M. **A Sensory History manifesto**. University Park, PA: Penn State Press, 2021.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulistana**. São Paulo: Intermeios, 2016.

SPINAZZOLA, Vittorio. **Pompeii alla luce degli nuovi scavi di Via dell'abbondanza (1910–1923)**. Roma: La Libreria dello Stato, 1953.

SQUIRE, M, (Ed.). **Sight and the Ancient senses**. London: Routledge, 2015.

STEIN, E. Marianne. Roman glassblowing in a cultural context. **AJA**, vol. 103, n. 3, p. 441-484, 1999.

STÖGER, Hanna. Monumental entrances of Roman Ostia: architecture with public associations and spatial meaning. **BABESCH**, vol. 83, n. 2, p. 347-363, 2007.

STONE, David. Africa in the Roman Empire: connectivity, the economy, and artificial port structures. **AJA**, vol. 118, n. 4, p. 565-600, 2014.

STONE, David L. Archaeology. In: HITCHNER, R. Bruce. **A companion to North Africa in Antiquity**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2022. p. 9-23.

STOREY, Glenn R. All Rome is at my bedside: nightlife in the Roman Empire. In: GONLIN, N.; NOWELL, A. **Archaeology of the night: life after dark in the ancient world**. Boulder: University of Colorado press, 2017. p. 307-331.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. Trad. I. Dulley; J. Pinheiro; L. Valentini. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SWIFT, Ellen. The analysis of reused material culture for late antique studies. In: LAVAN, L.; MULRYAN, M. (Eds.) **Field Methods and Post-Excavation Techniques in Late Antique Archaeology**. Leiden: Brill, 2012. p. 91–119.

TARRATS, Francesc. Tárraco, topografía urbana y arqueología de los vertederos. In: REMOLÀ VALLERDÚ, J.A.; DUPRÉ RAVENTÓS, X. (Eds.). **Sordes urbis: la eliminación de residuos en la ciudad romana**. Actas de la reunión de Roma (15-16 de noviembre de 1996). Roma: "L'ERMA" di Bretschneider, 2000. p. 129-137.

TEJA, Ramon. Teja, R. Honestiores y humiliores en el Bajo Imperio: hacia la configuración en clases sociales de una división jurídica. **Memorias de Historia Antigua**, vol. 1, p. 115-118, 1977.

THOLBECQ, Laurent. La mosaïque de Yakto et ses contextes : balises, questions et pistes de recherche. In: **Colloque international "Daphné faubourg d'Antioche sur l'Oronte"**, 7 & 8 juin 2016, Lyon, Université Jean Moulin Lyon 3, 2016.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Michael. **Rubbish theory: the creation and destruction of value**. London: Pluto Press, 2017.

TILLEY, Christopher. **Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments.** Oxford: Berg, 1994.

TILLEY, Christopher. **The Materiality of Stone: Explorations in Landscape Phenomenology** 1. Oxford: Berg, 2004.

TONER, Jerry. **Popular Culture in Ancient Rome.** Cambridge: Polity Press, 2009.

TONER, Jerry (Ed.). **A cultural history of the senses in Antiquity, 500 BCE-500 CE.** London: Bloomsbury, 2014.

TONER, Jerry. Empire of the senses – senses of the empire. **The Classical review**, v. 68, n. 2, p. 567-569, 2018.

TORTORELLA, Stefano. La ceramica africana: un riesame della problematica. In: **Céramiques hellénistiques et romaines. Tome II.** Besançon : Université de Franche-Comté, 1987. p. 279-328.

TRAN, Nicolas. Les finances des cités de Lepcis Magna, Sabratha et Oea. **Mélanges de l'École française de Rome. Antiquité**, vol. 119, n. 2, p. 427-434, 2007.

TRAN, Nicolas. TRAN, N. **Dominus tabernae: le statut de travail des artisans et des commerçants de l'Occident romain (Ier siècle av. J.-C. – IIIe siècle ap. J.-C.).** Roma: École française de Rome, 2013.

TRAN, Nicolas. The economics of solidarity: mutual aid and reciprocal services between workers in Roman cities. In: HOLLANDER, D.B.; BLANTON IV, T.R.; FITZGERALD, J.T. (Eds.). **The extramercantile of Greek and Roman cities: new perspectives on the economic history of classical antiquity.** London: Routledge, 2019. p. 130-145.

TRIFILO, Francesco. Text, space, and the urban community: a study of the platea as written space. In: SEARS, G.; KEEGAN, P.; LAURENCE, R. (Eds.). **Written space in the Latin West, 200 BC to AD 300.** London: Bloomsbury, 2013. p. 169-183.

TROILO, Simona. Visions of the Empire: The ruins of the Roman past in Fascist Libya. **Nuncius**, vol. 37, n. 3, p. 615-642, 2022.

TSAFARIR, Yoram; FOERSTER, Gideon. Urbanism at Scythopolis-Bet Shean in the Fourth to Seventh Centuries. **DOP**, vol. 51, p. 85-146, 1997.

TSCHUDI, Victor P. Plaster Empires: Italo Gismondi's Model of Rome. **JSAH**, vol. 71, n. 3, p. 386-403, 2012.

TSUJIMURA, Sumiyo. Ruts in Pompeii: The Traffic System in the Roman City. **Opuscula Pompeiana.** Vol. 1, p. 58–86, 1991.

VAN GEEST, Paul. Sensory perceptions as a mandatory requirement for the *via negativa* towards God. The skilful paradox of Augustine as mystagogue. In: BRAUN, J.; CAMERON, A. (Eds.). **St Augustine and his opponents. Papers presented ad the Fifteenth**

International Conference on Patristics held in Oxford 2007. Leuven: Peeters Publishers, 2010 (*Studia Patristica*; No. 49). p. 51-58.

VAN TILBURG, Cornelis. **Traffic and congestion in the Roman Empire.** London, New York: Routledge, 2007.

VAN TILBURG, Cornelis R. **Streets and streams: health conditions and city planning in the Graeco-Roman world.** PhD Thesis. Leiden University, 2015.

VEITCH, Jeffrey. Soundscapes of the street: architectural acoustics at Ostia. In: BETTS, E. (Ed.). **Senses of the Empire: Multisensory Approaches to Roman Culture.** London: Routledge, 2017. p. 54-70.

VERBOVEN, Koenraad. Workplaces cultures. In: LYTLE, E. (Ed.). **A Cultural History of work in Antiquity.** London: Bloomsbury, 2020. p. 73–93.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal.** Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (1985).

VINCENT, Alexandre. Les silences de Sénèque. **Pallas**, vol. 98, p. 131-143, 2015.

VINCENT, Alexandre. « Rome est à mon chevet / *Et ad cubilest Roma* » (Mart. *Ep.*, 12, 57, 27)”. **MEFRA**, vol. 132-2, p. 297-312, 2020.

VINCENT, Alexandre. La sensibilité d’une ville : Rome, entre histoire urbaine et histoire des sens. In : COURRIER, C. ; GUILHEMBET, J.-P. ; LAUBRY, N. ; PALOMBI, D. (Eds.). **Rome, archéologie et histoire urbaine: trente ans après l’Urbs** (1987). Rome : Publications de l’École française de Rome, 2022. p. 389-404.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe.** Trad. Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o Habitus. **Sociologia**, vol. 14, p. 35-41, 2004.

WADE, Janet. “Lock up your valuables”: Perceptions of sailors and sea-merchants in port cities of late antiquity and early Byzantium. **Journal of the Australian Early Medieval Association**, 10, p. 47–75, 2014.

WALLACE-HADRILL, Andrew. The senses in the marketplace: the luxury market and Easter trade in Imperial Rome. TONER, Jerry (Ed.). **A Cultural History of the Senses in Antiquity, 500 BCE-500 CE.** London: Bloomsbury, 2014. p. 69-89.

WARD-PERKINS, Bryan. The Cities. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (eds.). **The Cambridge Ancient History: Volume XIII, The late Empire, AD 337-425.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 371-410.

WEBER, Max. As causas sociais do declínio da cultura antiga. In: COHN, G. (Ed.) **Weber.** Trad. Amélia Cohn. São Paulo: Ática, 2003. p. 37-57.

WEDDLE, Candace. Blood, fire and feasting: The role of touch and taste in Graeco-Roman animal sacrifice. In: BETTS, E. (Ed.). **Senses of the Empire**: multisensory approaches to Roman culture. London: Routledge, 2017. p. 104-119.

WELLER, Judith A. **Roman traction systems**. s/p. Disponível em: <<http://www.humanist.de/rome/rts/wagon.html>>. Acessado em: julho de 2023.

WIGHTMAN, Edith M. The plan of Roman Carthage: practicalities and politics. In: PEDLEY, John G. (ed.). **New light on Ancient Carthage**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1980. p. 29-46.

WILHITE, David E. **Ancient African Christianity**: an introduction to a unique context and tradition. London, New York: Routledge, 2017.

WHISTER, Sam. **Weber**: introdução. José A.D. Guerzoni. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WHITEHOUSE, John. The course of the Donatist schism in Late Roman North Africa. In: MILES, R. (Ed.). **The Donatist schism**: controversies and contexts. Liverpool: Liverpool University Press, 2016. p. 113-133

WHITTAKER, Charles R. Il povero. In: GIARDINA, A. (A cura di). **L'uomo romano**. Bari: Laterza, 1993. p. 294-327.

WILD, John P. Reuse and Recycling of Papyrus. In: DUCKWORTH, C.N.; WILSON, A. (Eds.). **Recycling and reuse in the Roman economy**. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 89-104.

WILKINSON, Kate. **Women and modesty in Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

WILSON, Andrew. Incurring the wrath of Mars: sanitation and hygiene in Roman North Africa. In: JANSEN, G.C.M. (Ed.) **Cura Aquarum in Sicilia. Proceedings of the Tenth International Congress on the History of Water Management and Hydraulic Engineering in the Mediterranean Region. Syracuse, May 16-22, 1998**. Leiden: BABESCH (Supplement 6), 2000. p. 307-312.

WILSON, Andrew. City sizes and urbanization in the Roman Empire. In: BOWMAN, A.; WILSON, A. (Eds.). **Settlement, urbanization, and population**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 161-195.

WILSON, A.; PLETZNEK, B. RADBAUER, S.; SAUER, R. Urination and defecation Roman-style. In: JANSEN, G.; KOLOSKI-OSTROW, A.; MOORMAN, E. (Eds.). **Roman toilets**: their archaeology and cultural history. Leuven: Peeters, 2011. p. 95-111.

WILSON, Andrew; FLOHR, Miko. The economy of ordure. In: JANSEN, G.C.M.; KOLOSKI-OSTROW, A.O.; MOORMANN, E.M. (Eds.). **Roman toilets**: their archaeology and cultural history. Leuven: Peeters, 2011. p. 147-156.

YAVETZ, Zvi, The living conditions of the urban plebs in Republican Rome. **Latomus**, vol. 17, p. 500-517, 1958.

YEGÜL, Fikret K. Ephesus: the street experience of Ancient Ephesus. In: ÇELİK, Z.; FAVRO, D.; INGERSOLL, R. **Streets: Critical Perspectives on Public Space**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1994. p. 95-110.

YEGÜL, Fikret K. The classical column: a fundamental notion in architecture. In: FAVRO, D. *et al.* (Eds.). **Paradigm and progeny: Roman Imperial Architecture and its legacy**. Portsmouth, R.I.: Journal of Roman Archaeology, 2015. p. 215-230.

YEGÜL, Fikret; FAVRO, Diane. **Roman Architecture and Urbanism: from the origins to Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

ZACCARIA-RUGGIU, Annapaola. **Spazio privato e spazio pubblico nella società romana**. Rome: École Française de Rome, 1995.

ZANKER, Paul. **The power of images in the Age of Augustus**. Transl. Alan Shapiro. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988.

ZUCCHETTI, Emilio. Introduction: the reception of Gramsci's thought in historical and classical studies. In: ZUCCHETTI, E.; CIMINO, A.M. (Eds.). **Antonio Gramsci and the Ancient World**. London, New York: Routledge, 2021. p. 1-43.

ZUCCHETTI, Emilio. Hegemony, ideology, and ancient history: notes towards the development of an intersectional framework. In: ZUCCHETTI, E. (Ed.). **Antonio Gramsci and the Ancient History**. London, New York: Routledge, 2021a. p. 352-364.

ZUCCHETTI, E.; CIMINO, A.M. (Eds.). **Antonio Gramsci and the Ancient World**. London, New York: Routledge, 2021.

6.4 Obras de referência

Claudius Avicianus 2. In: JONES, A.H.M.; MARTINDALE, J.R.; MORRIS, J. (Eds.). **The prosopography of the Later Roman Empire. Vol. 1. AD 260-395**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 126-127.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Alfred. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. Paris: Klincksieck, 2001 [1939].

LANCE, Adolphe. **Dictionnaire des Architectes Français**. Paris : Vve. Morel et cie, 1872.

pelvis-is In: LEWIS, Charlton T.; SHORT, Charles. **A latin dictionary**. Oxford. Clarendon Press. 1879. s/p.

peluis-is In: **Oxford Latin dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968. p. 1321.

6.5 Portais de consulta somente online

Ancient Graffiti Project: CIL 10606; Casa del Salone Nero: <<http://ancientgraffiti.org/Graffiti/graffito/AGP-EDR154566>>. Acessado em: julho de 2023.

British Museum: vessel; smoother (?) from Annaba: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1865-0518-19>. Acessado em: julho de 2023.

British Museum: vessel; smoother (?) from Annaba: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1865-0518-20>. Acessado em: julho de 2023.

Digital Roman Forum: <<http://dlib.etc.ucla.edu/projects/Forum/>>. Acessado em: julho de 2023.

History in 3D. <<https://www.relivehistoryin3d.com/category/rome-project/>>. Acessado em: julho de 2023.

LARP, MAE-USP. <<http://www.larp.mae.usp.br/rv/>>. Acessado em: julho de 2023.

Musée Historique Environment Urbain: <<http://www.mheu.org/fr/chiffonniers/>>.

Ostia Antica: Caseggiato del termopolio (I,II,5): <<https://www.ostia-antica.org/regio1/2/2-5.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

Ostia Antica: Caseggiato del balcone a mensole (I, VI, 2): <<https://www.ostia-antica.org/regio1/6/6-2.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

Ostia Antica: Caseggiato dei misuratori del grano (I, VII, 1): <<https://www.ostia-antica.org/regio1/7/7-1.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

Ostia Antica: Piazzale delle corporazioni: <<http://www.ostia-antica.org/corp.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

Pompeia: V.6.a, V.6.b, V.6.c: <<https://www.pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R5/5%2006%20a%20b%20c.htm>>. Acessado em: julho de 2023.

Prefeitura Municipal de São Paulo: coleta domiciliar comum: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/spregula/residuos_solidos/residuos_solidos/domiciliar/index.php?p=4636>. Acessado em: julho de 2023.

Prefeitura Municipal de São Paulo: dados quantitativos coleta domiciliar comum e seletiva: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/spregula/residuos_solidos/index.php?p=185375>. Acessado em: julho de 2023.

Rome Reborn. <<https://www.flyoverzone.com/virtual-tours-2/>>. Acessado em: julho de 2023.

Sensory Studies. <<https://www.sensorystudies.org/>>. Acessado em julho de 2023.

Sensory Studies in Antiquity. <<https://sensorystudiesinantiquity.com/>>. Acessado em julho de 2023.

Virtual Rome. <<https://research.reading.ac.uk/virtualrome/>>. Acessado em: julho de 2023.